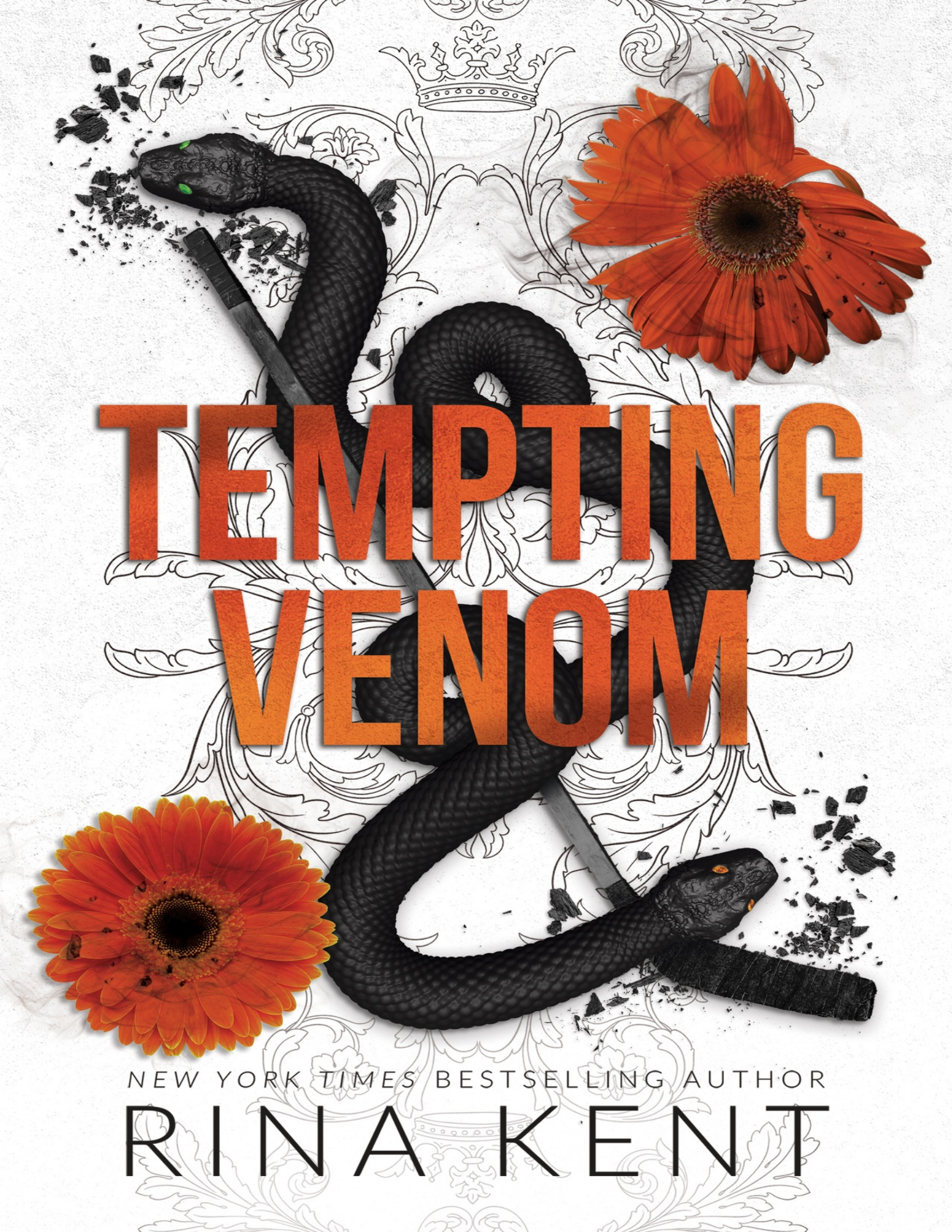

TEMPTING
VENOM
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
RINA KENT

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram



VENENO TENTADOR

VÍBORA

LIVRO 3

RINA KENT

Veneno Tentador Copyright © 2026 por Rina Kent
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, digitalização ou outro, sem a permissão por escrito da editora. É ilegal copiar este livro, publicá-lo em um site ou distribuí-lo por qualquer outro meio sem permissão, exceto para o uso de breves citações em uma resenha.

Este romance é inteiramente uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

OUTROS LIVROS DE RINA KENT

Livros de Rina Kent

Ordem de Leitura

Para todos os Prestons deste mundo
Obrigada por escolherem ficar

NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor!

Tempting Venom pode ser apreciado como um livro independente, mas para uma melhor compreensão do universo, recomenda-se a leitura prévia de Beautiful Venom e Sweet Venom.

Se você é novo(a) nos meus livros, talvez não saiba que escrevo histórias mais sombrias, intensas, inquietantes e até mesmo perturbadoras. Meus personagens e suas jornadas desafiam as normas sociais e não são para todos os gostos.

Tempting Venom contém representações de doenças mentais como transtorno bipolar e episódios maníacos, além de menções e descrições de abuso sexual infantil. A história também apresenta violência gráfica, homofobia (tanto externa quanto internalizada), o suicídio de um dos pais e ideação suicida. Elementos de fetiche envolvendo tendências masoquistas consensuais estão presentes. Recomenda-se discrição ao leitor.

Para mais informações sobre Rina Kent, visite www.rinakent.com.

SINOPSE

Quando dois inimigos implacáveis colidem.

Meu nome é Preston Armstrong, e sou o canalha mais depravado que você já conheceu.

Pego o que quero, destruo o que não quero e vivo exatamente como bem entendo.

Isso até me chocar com a força da natureza que é Marcus Osborn.

Capitão do nosso time rival de hóquei e o espinho eterno no meu pé.

Uma enxaqueca em forma humana e a única pessoa que se recusa a jogar pelas minhas regras.

Ele é o meu tipo de pessoa sem coração e tão insano quanto eu.

Meu objetivo era esmagá-lo, sua carreira e seu rosto irritantemente lindo.

Mas Marcus revida com a mesma força, transformando nossa rivalidade em uma dança violenta e viciante da qual nenhum de nós consegue escapar.

Supostamente, deveríamos nos aniquilar.

Em vez disso, acendemos um incêndio que ameaça devorar tudo em seu caminho.

Nessa batalha de duas almas desequilibradas, nossos corpos se tornam danos colaterais.

Mas eu jamais imaginei que nossos corações gélidos se envolveriam.

PLAYLIST

Snap Back – Twenty One Pilots
One More Night – Maroon 5
Obsessed – Kami Kehoe
Popular Monster – Falling in Reverse
So Far So Fake – DarkLux & Xizt
Fuck Me Like You Hate Me – Jutes
Red Line – 5 Seconds of Summer
Girl With One Eye – Florence + The Machine
Over Me – Camylio
I Can Fix You – Jutes
It Takes Two – Jutes
Specter – Bad Omens
Better – Villain of the Story
Ache in My Heart – Palaye Royale
Start Over – 5 Seconds of Summer
Secrets – Christian Gates
Letdown – Letdown
A Lonely Night – The Weekend
Give – Sleep Token

Você pode encontrar a playlist completa no Spotify, Apple Music e YouTube.

PRÓLOGO — MARCO

SETE ANOS

Odeio meus aniversários.

Eles sempre começam com a mesma lembrança sombria de que a única coisa que eu mais quero é a única coisa que eu não posso ter.

Talvez eu devesse mudar o desejo. Tentar fazer um melhor.

Um que não gire em torno de querer algo que eu nunca poderei ter.

Tarde demais agora.

Os dedos levemente trêmulos da minha mãe apertam minha mão úmida — ou talvez seja a dela que esteja suada. Seu toque, geralmente afetuoso, está desgastado, sufocado pelas consequências do meu desejo estúpido.

Eu a encaro, mordendo meu lábio inferior.

Mamãe ainda está com seu uniforme de enfermeira rosa-claro, seus tênis brancos manchados pela caminhada na chuva e uma bolsa de couro gasta pendurada no ombro. Seu cabelo preto-azeviche está preso em um rabo de cavalo, com algumas mechas soltas emoldurando o rosto.

Eu amo o rosto da mamãe. É redondo e acolhedor, realçado por olhos grandes e escuros nos quais me vejo refletida e uma pele quente beijada pelo sol.

Ela carrega aquele leve cheiro de desinfetante, o aroma que amo desde que me lembro, porque significa que ela está em casa. Meus colegas dizem que o cheiro do hospital é horrível, mas para mim, significa os abraços da mamãe assim que ela entra.

Não importa o quão cansada esteja, mamãe sempre abre o maior sorriso quando me vê, caindo de joelhos para me abraçar e me cobrir de beijos.

“Como foi seu dia?” Eu pergunto, porque é o que ela sempre me pergunta.

“Bem melhor agora.” Ela suspira no meu cabelo, me abraçando novamente.

Mamãe trabalha no pronto-socorro do hospital local da nossa cidade, Stantonville. E como ela faz plantões noturnos e horas extras, geralmente está com olheiras.

Como agora.

Normalmente, ela me deixa com a Sra. Rodriguez, a vizinha, mas ontem, mamãe pediu para papai passar um tempo comigo.

Porque era o meu idiota pedido de aniversário.

Esperei perto da janela, espiando por entre as cortinas a noite toda, segurando o disco de hóquei que ele me deu no ano passado, mas acabei dormindo e papai não apareceu.

Esta manhã, mamãe me encontrou dormindo, largada no parapeito da janela, pegou minha mão e nos trouxe para cá.

Para a mansão do papai.

Nunca estive aqui antes.

A casa parece tão grande quanto o papai. Grande demais. Como um castelo. E... tão distante, embora esteja bem na minha frente.

Ela se ergue do chão como se tivesse engolido a rua inteira, com tantos andares empilhados uns sobre os outros e incontáveis janelas e portas. Até o jardim é mais amplo e organizado do que o parque lá de casa. Parece tão mágico quanto os jardins dos contos de fadas que a mamãe adora me ler.

Será que tem rosas que eu possa comprar para a mamãe?

"O mínimo que você podia ter feito era me avisar que não viria, para que eu pudesse ter bolado outros planos para o Marcus." A voz da mamãe é cortantemente baixa — o tom que ela sempre usa quando está brigando com o papai. "Uma criança da idade dele não deveria ser deixada sozinha."

“Ele tem oito anos e já está crescido o suficiente”, diz papai com aquele seu jeito desdenhoso, a voz cortando o ar, embora ele permaneça controlado.

“Sete. Marcus tem sete anos, Andrew.”

“Sete. Oito. Qual a diferença? Você está exagerando.”

Dou uma espiada em papai, sem coragem de encará-lo completamente. Acho que ele não gosta muito disso — nem de mim.

Papai é alto e forte — tão alto que tanto eu quanto mamãe temos que olhar para cima para vê-lo.

Compartilhamos os mesmos olhos cor de nuvem, só que os dele são mais estreitos, mais severos e quase não se movem. Seu cabelo castanho-claro capta a luz do fino raio de sol que vaza por entre as nuvens, quase ficando loiro.

Ele quase não sorri nem me abraça como mamãe. Ele só olha.

Como agora.

O olhar dele se desvia para mim, e eu encaro meus tênis azuis e brancos que minha mãe me deu de aniversário no ano passado.

Minha mãe sempre me diz que meu pai está ocupado e não tem tempo, e que eu deveria entender, mas acho que ele simplesmente não gosta de mim.

"Dramática?" A mão da minha mãe aperta a minha ainda mais forte. "Eu sou dramática por pedir que você seja uma pessoa decente e trate seu filho direito?"

"Eu te dou dinheiro para o que ele precisar, June. O que mais você quer de mim?"

Minha mãe solta minha mão, pega algumas notas de um dólar na bolsa e as joga no peito dele. "Que se dane o seu dinheiro! Seu filho precisa do pai, não de dinheiro."

“Bem, é tudo o que tenho a oferecer a ele. Eu te disse que teria sido melhor abortar; não é minha culpa que você tenha escolhido ficar com a criança.”

Mamãe cobre meus ouvidos com as duas mãos, como se isso pudesse apagar magicamente o que acabei de ouvir.

Então, ela força um sorriso em seus lábios trêmulos enquanto os retira, provavelmente percebendo que eu ainda consigo ouvir — e ver.

Mamãe se abaixa até ficar na minha altura e afasta meu cabelo — exatamente da mesma cor que o dela, tão preto que é quase azul — do meu rosto.

E ela sorri, como sempre que me vê, mas seus olhos de panda a fazem parecer exausta. Quando chegarmos em casa, vou cortar para ela as rodelas de pepino que a Sra. Rodriguez usa à noite.

“Marcus, querido, você se importa de esperar a mamãe perto do carro? Já vou, tá bom? Só preciso conversar um pouquinho com o seu pai.”

“Tá bom.”

“Te amo, meu amor.”

“Eu também te amo, mamãe.” Olho para o papai e ele está mexendo no celular. “Tchau, papai.”

“Hum.” Ele solta um som, mas não olha para mim.

Mamãe o encara, depois me dá um último sorriso antes de me conduzir escada abaixo. É lá que estamos conversando com o papai o tempo todo — em frente à casa dele. Ele estava nos esperando lá assim que chegamos e não nos convidou para entrar.

Acho que ele não quer que a esposa e os outros filhos nos vejam. Mamãe disse que eu tenho dois irmãos e uma irmã, mas eles têm outra mãe, e é melhor que eu não os conheça.

Papai disse que eu nunca os conhecerei.

"Vocês vêm de mundos diferentes, e assim continuará. Para o seu próprio

bem", ele me disse uma vez enquanto estávamos sentados na sala de estar.

Ele estava me ajudando a montar um quebra-cabeça enquanto mamãe preparava o jantar. Era um dos meus momentos favoritos que passávamos juntos.

Papai tinha um olhar estranho enquanto encarava mamãe. "E a sua mãe."

Agora, viro a esquina e vejo o carro da mamãe, minúsculo comparado aos enormes e brilhantes carros enfileirados dos dois lados.

Em vez de ir até o carro, me escondo atrás dos arbustos e dou uma espiada em mamãe e papai.

Eu sei que meus pais não moram juntos como a maioria das pessoas da minha turma. Outro dia, o Chad chamou a mamãe de vadia e interesseira, e eu o empurrei no chão e dei um soco tão forte nele que ele começou a sangrar.

E foi bom ouvi-lo chorando e implorando para eu parar.

Ele não deveria ter dito aquilo.

Mas aí a escola ligou para a mamãe, e foi muito chato.

Quando contei para ela o que o Chad tinha dito, ela disse para os pais dele educarem o filho, para que ele não apanhasse assim no futuro.

Aí a mamãe me disse que as pessoas falam o que querem e que eu não devia me deixar abalar.

Ela está errada.

Não vou deixar ninguém insultar a minha mãe.

Nem mesmo se for o papai.

“Escuta aqui, seu filho da puta.” A mãe aponta o dedo para o peito dele. “Ter o Marcus ou não foi uma decisão minha, não sua.”

O pai continua olhando para o celular. “Então não venha aqui gritar aos quatro ventos só porque ele passou uma noite sozinho.”

“É aniversário dele!”

“Eu não ligo.” Ele levanta o olhar para ela. “Aniversários não significam nada para mim. Foi você quem o teve. Assuma a responsabilidade por ele.”

“Nossa.” Ela dá um passo para trás. “Você não só mentiu para mim naquela época, fingindo ser solteiro quando tinha uma esposa e três filhos—”

“Você estava fazendo drama, terminando um relacionamento só por causa de uma esposa.”

A mãe dá outro passo para trás, visivelmente vibrando de raiva. “Dramático por não querer ser amante?”

“Você teria tido uma vida melhor do que agora.” Ele a encara fixamente. “Aliás, você está horrível. Acabou a época em que você era atraente. Até essa sua língua afiada já não me diverte mais.”

“Bom, fico feliz, porque a última coisa que eu quero é te divertir, seu idiota. Estou aqui para te pedir que seja um pai decente para o seu filho.”

“Um pai decente provê dinheiro.”

“Isso é um banco, não um pai!”

“Chame do que quiser.”

“Não sei por que me dou ao trabalho de falar com você.” Uma voz rouca e frágil escapa de seus lábios, sua cabeça se inclina por um instante antes de ela a erguer novamente. “Sabe, eu realmente não queria te excluir da vida dele, já que você doou o esperma e tudo mais, mas se você continuar magoando-o por não aparecer ou por estar tão emocionalmente paralisada, você não pode mais chegar perto dele.”

Ele sorri, mas o sorriso parece maligno, como nos desenhos animados. “Você não pode me manter fora da vida dele.”

“Posso tentar. E fique com a sua mesada. Eu não gasto o seu dinheiro manchado de sangue com o meu filho mesmo.”

“Não seja ridícula, June. Você prefere se debater a aceitar a mão que estou lhe oferecendo?”

“Finalmente você entendeu.”

Papai franze os lábios, como sempre faz perto da mamãe. "Você está cometendo um grande erro."

"O único erro que cometi foi te conhecer, seu idiota. Na verdade, não. Marcus surgiu disso, e ele é a melhor coisa que já me aconteceu na vida, então vou considerar os dois anos que passei com você como pura caridade."

Meus lábios se curvam num sorriso. Mamãe sempre diz isso — que sou a melhor coisa que já aconteceu na vida dela e que ela não sabe como teria vivido sem mim.

Se ao menos papai se importasse como ela.

Não precisa ser muito.

Só um pouquinho já basta.

Não preciso vê-lo o tempo todo. Só às vezes.

Ele a agarra pelo cotovelo. “Você não tem a mínima ideia do tipo de família com que está lidando, June. Pare com essa sua atitude impetuosa e ouça a razão. Venha aqui, vamos conversar lá dentro.”

Mamãe está dizendo alguma coisa, mas não consigo ouvir enquanto ele a puxa pela porta enorme.

Arrasto o pé sobre uma pedrinha e caminho até o carro, com a cabeça baixa. Mas paro quando, através das frestas entre as árvores quadradas perfeitamente podadas, vislumbro o jardim.

A grama é tão verde que parece viva, pontilhada por tantas flores coloridas que parecem pintadas.

Mordo o lábio inferior. Papai não vai se importar se eu colher algumas e der

para mamãe, né?

Ela adora flores, e eu sempre pego algumas para ela na beira da estrada. Estas são muito mais bonitas e vibrantes, talvez a façam se sentir melhor.

Observo meus arredores e, com cuidado, caminho entre os arbustos, mas paro porque, nossa, quanta flor!

Flores de todos os formatos, cores e tamanhos estão perfeitamente dispostas em padrões circulares e quadrados ao redor das árvores e arbustos.

Vou de um canteiro para o outro, mudando de ideia sobre qual é o mais bonito assim que vejo o próximo. Talvez eu possa levar algumas para a mamãe. Há flores incontáveis, então papai nem vai notar se algumas sumirem.

Meus pés me levam entre as árvores enquanto sigo o rastro de flores. Eu me agacho perto de cada canteiro e colho algumas flores coloridas, principalmente rosas. Mamãe adora rosas.

Um espinho me espeta e eu faço uma careta, me levantando e chupando o dedo indicador. O gosto metálico do sangue explode na minha língua, aliviando a dor aos poucos.

Quando estou prestes a continuar colhendo flores, ouço um movimento vindo de cima. Olho para cima e paro, afrouxando meu aperto no buquê.

Nossa. Papai tem uma fada no jardim dele.

Uma fada pequena e linda.

Ela está sentada no galho acima de mim, com os pés balançando, os tênis brancos todos sujos. O vento levanta seus cabelos loiro-claros, roçando-os nas folhas farfalhantes. Raios de sol penetram pelas frestas e banham seu rosto com um brilho suave. Seus olhos são tão verdes que se confundem com o jardim, ficando quase amarelos onde a luz os atinge.

Mas espere, um momento. Onde estão as asas da fada?

Inclino a cabeça para o lado, mas não as vejo. Asas, quero dizer. Também não há glitter em seu rosto. Esta fada está usando shorts verde-pastel e uma camisa branca enquanto chupa um pirulito olhando para cima.

Será que fadas gostam de pirulitos?

Um esquilo sobe correndo pelo tronco da árvore, e a fada sorri, pula, agarra um galho e sobe atrás do esquilo.

"Por que você não usa suas asas?", pergunto, quase sem conseguir falar.

A fada olha para mim, seus olhos verdes se arregalando enquanto ela escorrega no galho.

Meus próprios olhos se arregalam quando ela cai, e então nós duas caímos na grama. Minha cabeça bate no chão, e as flores que eu estava colhendo se espalham ao nosso redor.

"Ai." A fada se arrasta por cima de mim e pousa ao meu lado.

Eu me sento também e pego as flores uma a uma, tirando a poeira delas. Uma delas, a rosa vermelha mais linda, está um pouco amassada.

Meus lábios se curvam para baixo. Eu queria dar essa para a mamãe, colocá-la em um copo d'água e deixá-la ao lado da sua mesa de cabeceira.

“Ah, meu pirulito está arruinado!” diz a fada.

Não, na verdade ele é um menino — ou uma menina. Não consigo ter certeza, mas acho que é um menino. De perto, ele parece tão bonito quanto uma menina, com bochechas rechonchudas e os maiores e mais lindos olhos verdes que já vi.

São mais verdes que a grama e todas as árvores do jardim.

Mais verdes que as plantas mimadas da minha mãe.

Mais verdes e vibrantes que a própria vida.

Seus olhos se voltaram para mim de soslaio, com irritação fervilhando por baixo da superfície. “Por que você falou comigo de repente? Eu caí por sua causa.”

Não posso dizer a ele que pensei que ele fosse uma fada, porque isso é tão estúpido agora que penso nisso, então pigarreio. “Você arruinou minhas flores, então vamos considerar isso como resolvido.”

Ele se aproxima de mim de joelhos, jogando no chão o pirulito coberto de grama. Seus olhos captam um brilho sobrenatural, seus lábios se entreabrem como se as palavras escapassem antes que ele pudesse impedi-las. "Para quem são as flores?"

"Para minha mãe."

Um leve lampejo de brilho surge em seus olhos, que se arregalam. "Sua mãe gosta de flores?"

"Sim."

"A minha adora diamantes."

"Você pode comprar diamantes para ela?"

"Não, bobinho." Uma risada suave escapa dele, leve como uma brisa acariciando as folhas acima da cabeça.

Algo fascinante acontece então. Suas bochechas se enrugam e duas covinhas aparecem, emoldurando seu rosto como um feitiço.

Elas se tornam rasas quando ele fala. "Ainda sou muito novo."

"Então, que tal para o seu pai?"

Ele faz beicinho, e sua risada desaparece instantaneamente.

Não. Por que as covinhas sumiram? Eu gosto quando ele ri e faz aquele som lindo ecoar no ar.

O menino se aproxima mais de mim, a grama manchando seus joelhos, deixando-os tão verdes quanto seus olhos. Não, eles não são mais tão brilhantes

ou cintilantes.

Seus lábios tremem num pequeno e relutante sorriso, como se ele estivesse tentando esconder a dor. "Meus pais estão se divorciando."

"Por quê?"

Ele se inclina ainda mais para frente. "Mamãe disse que papai se livra de qualquer um de quem não gosta mais, e ele simplesmente não gosta mais de nós dois, então temos que ir para uma nova casa. Mamãe disse que ele quer ter uma nova família."

“Desculpe”, digo, mesmo sem saber ao certo o que essa palavra significa. Ouço minha mãe dizer isso o tempo todo para as pessoas da vizinhança, e parece que as faz se sentirem melhor.

“Tudo bem. Pelo menos eu sempre terei a mamãe.” Ele se levanta de um pulo, um sorriso se formando em seus lábios, e estende os braços acima da cabeça. “Quando eu crescer desse tamanho, vou ganhar muito dinheiro e comprar todos os diamantes do mundo para ela.”

Eu o observo enquanto o céu e as nuvens errantes emolduram seu rosto e as covinhas, deixando-o tão bonito.

Como um príncipe.

Um príncipe encantado.

“Você pode fazer isso?”, pergunto. “Comprar todos os diamantes para a sua mãe?”

“Claro que posso. Serei mais rico que o papai e nunca a expulsarei de casa.”

“Eu também.” Me levanto, inclinando meu corpo em direção ao dele. “Serei mais rica e maior que o papai e deixarei a mamãe orgulhosa.”

“Eba! Podemos ser ricos juntos.” Ele passa um braço pelos meus ombros, um largo sorriso se abrindo em seu rosto.

Ele cheira a floresta e rosas, algo doce e suave.

Um pequeno sorriso surge em meus lábios antes que eu possa impedi-lo.

Eu não sorrio muito. Meus professores disseram à mamãe que sou uma criança retraída. Inteligente, mas quieta. Esperta, mas pouco sociável.

Não é que eu não queira sorrir, eu só não gosto de sorrir sem motivo como as outras crianças fazem.

Mas esse garoto, que parece uma fada, é diferente. Sua hiperenergia é contagiante, e eu quero ser amiga dele.

Veja o que ele faz além de subir em árvores.

Talvez eu consiga sorrir mais se ele for meu amigo.

"Nossa. Você fica tão bonita quando sorri." Ele coloca o indicador e o dedo médio nos cantos da minha boca e puxa. "Você devia sorrir o tempo todo... Ah, te achei!"

Ele me solta e persegue um esquilo, que sobe em uma árvore antes que ele consiga alcançá-lo.

"Você mora aqui?", pergunto em voz baixa.

Talvez ele seja meu irmão.

Papai disse que eu não posso conhecê-los, mas esse menino estava bem aqui na árvore. Eu não podia ignorá-lo.

O menino balança a cabeça, o olhar vagando para os galhos acima. "Eu vim brincar com o Leo, mas ele está doente, então estou me divertindo sozinho."

Eu o sigo enquanto ele circula lentamente a árvore. "Quem é Leo?"

"Filho do tio Andrew."

Filho do papai? Um dos meus irmãos?

“Você é primo(a) do Leo?”

“Não.”

“Então como você o conhece?”

“Meu pai e o tio Andrew são amigos, então eu e o Leo somos amigos, eu acho. Mas o Leo anda sempre tão doente ultimamente, e eu acho que ele não vai mais poder ir para a escola.” Ele para abruptamente, virando-se para mim, e eu me controlo antes de esbarrar nele. “Por que você está aqui?”

Dou de ombros, sem querer parecer muito sem graça falando sobre as brigas dos meus pais.

“Vamos lá.” Ele se endireita. “Por que você não pode me contar?”

Meu olhar se volta para as flores na minha mão.

O menino olha para os lados, depois se inclina para sussurrar: “É segredo? É? Eu sei guardar segredo, com certeza. Juro.”

“Não é segredo.”

Seus ombros se curvam. “Então você pode me contar.”

“Bem, é meu aniversário e minha mãe me trouxe aqui para ver meu pai. Só isso.”

Os olhos dele se arregalam, uma onda de entusiasmo os invade. “Seu pai mora aqui? Você vai morar aqui também? Vou te ver quando eu for aí?”

“Eu não… acho que não. Meus pais não moram juntos.”

“Ah.” Ele dá um tapinha suave no meu ombro. “Eles também se divorciaram?”

“Acho que sim.”

“Tudo bem. Podemos continuar amigos, né?”

Eu aceno com a cabeça.

“Eba!” Ele me abraça forte, apertando-me com tanta força que chega a doer um pouco, e depois se afasta. “Poucas pessoas querem ser minhas amigas.”

“Nossa! Você é tão bonita.” Mordo o lábio depois de dizer isso e sinto

minhas orelhas esquentarem.

“Bonito como uma garota.” Seus lábios se curvam num pequeno bico exagerado, seus olhos se voltando para cima para verificar se estou observando. “Odeio quando as pessoas dizem isso.”

“Você não é bonito como uma garota. Você é apenas bonito.”

Seu sorriso se alarga, aquecendo os cantos do seu rosto. “É mesmo?”

“Hum-hum.”

“Isso me deixa tão feliz!”

Me remexo, balançando para frente e para trás, e dou uma olhada furtiva nele, porque ele é realmente bonito — talvez a coisa mais bonita que eu já vi. Mais bonito que as garotas de anime, e eu sempre achei que nada pudesse superá-las.

“Como seu amigo…” Ele remexe no bolso do short, a língua aparecendo no canto da boca em concentração antes de tirar dois doces. “Ta-da! Aqui, estou te dando estes. Feliz aniversário!”

Como não tento pegá-los, atônita demais para reagir, ele os enfia na minha mão.

“Só tenho estes, e são do meu sabor favorito. Manga. Se você continuar sendo meu amigo, te dou mais. Prometo.”

Não consigo parar de olhar para os doces na minha mão, uma leveza florescendo silenciosamente no meu peito.

Há uma hora, eu odiava meu aniversário porque minha mãe estava brava desde cedo e ela e meu pai estavam brigando. Eles brigaram no ano passado também, e no ano anterior, eu acho. Eles sempre brigam porque minha mãe não gosta quando meu pai chega atrasado ou não traz alguma coisa que ela pediu.

Aos poucos, comecei a odiar meus aniversários. Cheguei a desejar que meu aniversário nunca tivesse existido. Talvez se não existisse, minha mãe e meu pai não brigariam tanto.

Mas, pela primeira vez, estou feliz por ganhar um presente no meu aniversário.

Este doce é o único presente que ganhei sem brigas antes ou depois.

"Eu sei que não é grande coisa, mas o pirulito estava estragado, senão eu teria dividido. Os doces estão limpos. Juro." Ele inclina a cabeça para me olhar. "Você não gosta deles?"

“Sim, eu aceito. Obrigada.”

“Eba!”

“Aqui.” Pego a margarida laranja mais bonita do buquê que tenho na mão e a coloco atrás da orelha dele, aninhando-a entre os fios loiros e sedosos. “Vou te dar esta também.”

“Nossa… esta é tão linda!” Ele passa a ponta do dedo sobre a margarida, com um sorriso enorme. “De agora em diante, somos amigos, tá bom?”

“Tá bom.”

É. Claro.

Amigos.

1

PRESTON

PRESENTE — VINTE E DOIS ANOS

Estamos reunidos aqui esta noite para testemunhar eu machucando alguém.

Ou alguns.

Ou um time inteiro.

É o seguinte. Estamos jogando contra nosso maior rival hoje à noite. Sabe, os Wolves — também conhecidos como aqueles filhos da puta nojentos que ficam de olho no meu campeonato.

Alguns diriam — alguns deles sendo nosso capitão, Kane — que o campeonato é nosso. Dos Vipers, para ser exato. Já que sou apenas um dos vinte e seis jogadores do time. Mas me escutem. Eles não chegariam a lugar nenhum sem mim, então, tecnicamente falando, o campeonato é meu, seus otários.

Voltando ao assunto principal, ou melhor, à arena de merda dos Wolves onde estamos jogando hoje à noite.

A luz inunda o gelo enquanto nossos caras patinam para se posicionar. A adrenalina pré-jogo bate forte, um zumbido percorrendo meu corpo e me deixando extremamente agitado. Mal posso esperar para esmagar alguns egos hoje à noite e mandá-los para casa chorando.

O lugar está lotado de gente que veio ver minha alteza humilhar alguns plebeus.

Tá bom, talvez eles tenham vindo para ver o Kane e o Jude. Principalmente o Jude. Ele recebe tanta atenção sem nem tentar, e isso me deixa irritado às vezes, mas, ei, ele tem passe livre por ser meu melhor amigo.

O tal grandalhão — sim, esse é o Jude, o gigante dos Vipers — patina ao meu lado na pista em meio aos gritos ensurdecedores da multidão.

Para os Wolves, não para nós, já que é um jogo fora de casa, mas mesmo assim faço uma reverência dramática para o nosso lado da torcida.

"Sorria, Callahan", digo a Jude, exibindo meu sorriso encantador, com as covinhas mais lindas — não fui eu que disse; pertence a uma das belas mulheres com quem transo regularmente. Mas já que ela disse isso sobre mim, tenho o direito de plagiarizar.

Jude para ao meu lado, lançando-me um olhar rápido como se estivesse avaliando algo.

O quê? Não sei.

Na verdade, sei sim, mas vamos fingir que não. Funciona que é uma beleza, sempre.

Jude é alguns centímetros mais alto do que eu e muito mais forte, quase como se estivesse em uma missão para dominar o mundo. Ele coloca as luvas, ainda fazendo aquele olhar nada discreto pelo qual é obcecado. "Concentração, Presidente."

"Estou concentrado — em prestar serviço público."

"Não seja muito antagonista esta noite."

Olho ao redor e coloco a mão no coração. "Antagonista? Eu?"

"Ele tem razão, Presidente." Kane patina até o lado de Jude.

O capitão da chatice, senhoras e senhores.

Tudo bem, ok. Ele não é ruim. Só um chato de plantão às vezes — na verdade, na maioria das vezes.

O físico do Kane fica entre os músculos de lutador do Jude e o meu, esguio e perfeito. Ele também tem olhos azuis-claros realmente assustadores, que agora parecem especialmente apagados, quase refletindo o gelo.

"A defesa dos Wolves é agressiva", diz ele, lançando-me um olhar solene que lembra o de um avô. "Você ficar provocando só vai acabar mal para você. Jogue limpo."

"Não, não se preocupe. Todos eles vão cair na minha armadilha." Eu assobio, apontando para o lado deles. "Vou mandar esses plebeus para o banco de reservas um por um."

"Só pega mais leve", diz ele.

"Então, não vou fazer isso."

"Pres..."

"Mas vou transformá-los em lasanha picada."

Jude suspira. "É 'fazer carne moída com eles'."

"Eu quis dizer a minha versão. Parece mais gostoso."

Kane balança a cabeça para mim e sai patinando. Jude dá um tapinha no meu ombro enquanto o segue. "Pode contar comigo."

"É isso que eu gosto de ouvir, grandão." Faço um gesto de "piu piu" e volto a cumprimentar os fãs.

A multidão parece mais distraída pelo corpo enorme de Jude e sua atitude inconfundível, que estão roubando a cena.

Vaias para o Jude.

Mas, pensando bem, não importa, porque a multidão me ama mais do que a ele, e qualquer um que diga o contrário está espalhando acusações falsas e notícias falsas.

Continuo sorrindo, adiando a colocação do capacete para poder piscar para qualquer pessoa com quem eu cruze o olhar.

As fãs enlouquecem.

Não estou brincando, eles desmaiam e se borram de medo só de ver meu rosto angelical. Figurativamente, claro. Embora isso possa se tornar literal um dia — quem sabe, né?

A arena dos Stanton Wolves, perto do Stanton River College (ou SRC), é tão ruim que mal cabe três mil espectadores, todos espremidos como sardinhas.

Se fosse a Vipers Arena, um dos maiores e mais bem equipados complexos universitários do país, caberiam pelo menos dez mil dos nossos torcedores fanáticos. Muitos deles vão com a gente para a Graystone University (ou GU) — a universidade de elite localizada na rica cidade de Graystone Ridge, onde eu nasci para reinar.

E ser uma verdadeira ameaça.

Mas isso não vem ao caso.

O que importa sou eu.

Preston Armstrong.

O cara mais lindo que você já viu. E não, isso não é arrogância. Pergunte a qualquer um, principalmente às belas mulheres que se deitam comigo todas as noites, e elas vão me elogiar.

Eu não pago a elas, juro. É natural. Eu simplesmente nasci para atrair atenção.

Nem sempre o melhor tipo de atenção.

Mas vou pular essa parte porque estou em uma missão. Vou dar o meu melhor hoje à noite para que os jornais e artigos me chamem de craque da ala esquerda dos Vipers e deus do hóquei.

É um dos poucos motivos pelos quais eu jogo este jogo — primeiro, a idolatria. Segundo, porque Jude estava envolvido com essas coisas quando éramos jovens, e eu estava desesperado para ser amigo dele, então o segui. Terceiro, porque a popularidade dos Vipers na nossa cidade obcecada por hóquei permite que eu, Kane e Jude supervisionemos as coisas.

Bem, não supervisionamos. Nós meio que ficamos de olho no campus, usando nossas posições no time como torres de vigia embutidas. Vantagens de nascer nas famílias fundadoras de Graystone Ridge — e Vencor. A sociedade secreta que controla nossa cidade e quaisquer sombras que se espalhem por ela.

Armstrong — esse sou eu. Callahan — Jude. Davenport — Kane. Osborn — vazio.

Quer dizer, tinha meu amigo Leo Osborn e o irmão dele, Lance, mas eles morreram. Leo foi um dos muitos amigos que me deixaram, mesmo sem querer. Ele sempre parecia estar sofrendo muito, coitado, então acho que é bom que ele não esteja mais sofrendo.

Eu não era tão próximo do Lance, mas ele também morreu há alguns meses, então não há herdeiros homens para os Osborn. Boa notícia para o meu pai e para os pais do Kane e do Jude, porque isso deveria dar a eles mais poder.

Errado.

Veja bem, os Osborn ainda têm uma herdeira, e ela está arrasando, literalmente e figurativamente.

Enfim, como representante dos Armstrongs, gostaria de dizer que essa história de sociedade secreta é um saco. Mas tipo, secretamente, porque meu pai me mataria se eu contasse isso em voz alta.

Minha boca mantém a curvatura, mas parece congelada.

Lá vem o problema.

Os Wolves invadem a pista com aqueles uniformes âmbar-dourados que são basicamente laranja com problemas de identidade. Listras pretas e brancas, o logo do lobo feroz — tudo se esforçando demais para competir com a víbora do nosso uniforme.

O deles é feio, só dizendo.

Patinei até o número quarenta e oito, o melhor zagueiro deles, e sorri. "E aí, Dicky, pronto para ir para casa chorando para sua mãe hoje à noite?"

Ele me encara com um olhar duro e fulminante e rosna. "Meu nome é Richardson."

“Dickson, Dicky, quem se importa?” Eu circulo ao redor dele, raspando as lâminas no gelo de vez em quando só para provocá-lo. “Ouvi dizer que sua namorada terminou com você. Deve ser por causa das acusações insignificantes sobre o Dickson que estão circulando. Ela encontrou um Dicky melhor?”

Eu sempre consigo sentir.

Aquele segundo antes de eles explodirem.

O jeito que os olhos deles se arregalam como se fossem saltar das órbitas, o jeito que o corpo inteiro se contrai naquela reação de briga, briga, briga.

Me dá um arrepio na espinha — direto para o meu pau — vê-los ficarem tão

irritados com as besteiras que eu falo.

Isso é puro talento, sabia? Eu fiz a minha lição de casa antes do jogo.

Eu sempre me preparo para enfrentar qualquer adversário. Estudo os dois ou três defensores que vou enfrentar e desenterro o máximo de informações comprometedoras possível sobre eles.

Então, eu os ataco onde mais dói.

Exponho suas vulnerabilidades e segredos mais obscuros e feios.

É isso que me permite acesso livre às suas mentes. Não preciso me esforçar ao máximo no jogo; basta provocá-los, e eles cometerão erros no gelo.

Todos cometem.

Jogue com mais garra, não com inteligência.

Sou um mestre da provocação e o campeão invicto em irritar as pessoas e cutucá-las exatamente onde é paralisante.

É melhor você não ter nenhum problema e ser perfeito ao me enfrentar, porque eu vou até o fim — vou a todos os lugares — com um sorriso no rosto.

É impossível ser perfeita, então eu sempre, e eu digo sempre, entrei na mente dos meus oponentes e os arrastei para o gelo para o mundo todo ver.

Dicky é só a mais recente adição.

Ele me encara, os olhos cheios de pequenas veias vermelhas, os punhos cerrados enquanto levanta a mão que segura o taco.

Agora, se ele me acertar com força suficiente e nos livrarmos dele antes mesmo de começarmos, os Wolves estarão acabados.

Deixa eu dar mais um empurrão nele.

"Ah, você está brava?" Eu inclino a cabeça. "Acertou em cheio, Dicky? Você deve ter tido uma atuação tão ruim para ela encontrar outro idiota—"

Ele avança para cima de mim, e eu sorrio, fechando os olhos. É melhor os árbitros estarem de olho, porque eu serei a rainha do drama mais dramática que já existiu quando levar o soco.

Meu sangue ferve nas veias só de pensar nisso. A dor. O estalar dos ossos. A possibilidade de derramar sangue.

Isso me faz sentir vivo.

Embora tenha sido tão fácil, estou um pouco ofendido.

Espero pelo golpe.

E espero.

Mas ele não vem.

Abro os olhos e que se dane tudo. Alguém empurrou Dicky para longe de mim bem antes que ele pudesse me acertar.

Quem diabos—

Meus olhos se estreitam quando uma parede de músculos, com um físico

parecido com o de Kane, mas da altura de Jude, empurra Dicky para o lado. "Posição. Agora."

"Mas—" Dicky tenta argumentar.

"Agora, Richardson."

A ordem é inegociável. Nem consigo ver o rosto dele quando diz isso, mas ouço aquela voz grave e retumbante que soa como uma ordem. Seja lá o que for, é o suficiente para fazer Dicky — que tem o dobro do tamanho dele e é forte como uma geladeira — soltar um palavrão e sair patinando para bem longe.

Osborn. Onze.

É o que está escrito na camisa dele.

Então eu menti, na verdade existe um herdeiro Osborn homem. É esse palhaço.

Marcus Osborn.

Pateticamente um ninguém.

Bastardo de carteirinha.

E vem da ralé.

Sabe, Stantonville, aquela cidadezinha imunda vizinha da nossa que eu preferiria nunca visitar, porque ouvi dizer que é infestada de ratos? Pois é, esse Osborn em particular mora aqui, e definitivamente não em Ravenswood Hill, onde a mansão da família fundadora se ergue acima de Graystone Ridge.

Porque ele não é ninguém.

Ele não é reconhecido pela família paterna, exceto pelo sobrenome, o que é estranho — deviam ter tirado isso também.

Um ninguém gerado pelo Tio Andrew porque ele não conseguiu se controlar uma vez. Não que eu esteja julgando, mas vamos lá, proteção. Camisinhas. Elas existem por um motivo, e você encontra em qualquer supermercado perto de você.

Sim, este é um anúncio não pago, pois acredito firmemente nesses balões de plástico. Doenças? Nem pensar. Gerar uma criança? Nem pensar mesmo.

Enfim, como a camisinha não impediu a existência dele, Osborn interrompeu meu plano genial com o Dicky antes mesmo de começar.

Ele se vira para mim, um sorriso preguiçoso se formando em sua boca como se estivesse me esperando.

Que chato.

Ele bloqueia minha visão como uma parede em movimento, sua camisa laranja brilhando sob as luzes da pista com aquele lobo rosnando idiota no meio. Nem é sutil. Já entendemos — você é o grande e mau predador. Parabéns, quer um biscoito?

Já joguei contra o Osborn antes — quer dizer, contra ele mesmo — mas, para

minha frustração, minhas provocações não me ajudaram a entrar na mente dele. E não foi por falta de tentativa.

Ele é o curinga dos Wolves, sempre se movimentando por todo lado, então eu tinha que neutralizá-lo. Nos jogos que disputei contra ele em temporadas anteriores, ele sempre era muito escorregadio.

Se for para comparar, eu diria que é ele quem me marca no gelo, e não o contrário. O idiota parece adorar me jogar contra a superfície mais próxima.

Existe uma rivalidade estranha entre nós desde o ensino médio. Um tipo de intensidade que fica escondida perto da superfície, pairando ali, mas sem transbordar.

Mas desde o nosso primeiro jogo universitário, há três anos, tenho sentido uma espécie de… ameaça sempre que nos enfrentamos. Como se ele quisesse me devorar. Não, estou brincando. Não posso ser ameaçado. Eu mesmo me ameaço.

Durante nosso último jogo na Vipers Arena, tentei provocá-lo dizendo: "Os ratos te deixaram sair para jogar ou você os subornou?"

O quê? Não foi minha melhor cantada, mas foi boa, vamos lá.

Ele apenas sorriu e saiu patinando.

Ele sorriu.

Que audácia.

Então tentei de novo: "Sua mãe cavalgou o pau certo, mas não terminou o serviço. É por isso que você está com os ratos em vez de estar aqui. Que triste."

Sim, eu disse que ia falar disso. Eu falo de tudo.

Ele ainda sorriu.

Mas aí ele me deu um check tão violento, porém preciso, que quase perdi meus dentes.

Me concentrei em outro colega de equipe, penetrando tão fundo na mente dele, que o mandei para o banco de reservas tantas vezes que ele acabou sendo expulso da pista.

E nós ganhamos. Claro. Tudo graças à minha genialidade.

Depois daquele jogo, porém, ele roubou minha namorada. Ok, ela não era minha namorada, já que eu não me envolvo com isso, mas era a garota com quem eu estava ficando na época, e ele não tinha o direito de ficar com ela enrolada nas histórias dela.

Não que a gente tivesse um relacionamento sério ou algo assim, e eu esqueci completamente o nome dela, mas a audácia é demais.

Esta noite, porém, Osborn está... hmm. Como posso dizer isso de uma forma não muito gentil? Ele tem arrogância demais. Está por toda parte. Desde o jeito como se porta, até como fala, até a sua aparência.

Seu capacete está inclinado para trás o suficiente para revelar ângulos agudos, uma boca que parece estar permanentemente esboçada e olhos cinza-escuros que não piscam como os de pessoas normais. Eles apenas observam. Avaliam. Como se ele estivesse coletando dados para descobrir a melhor maneira de me irritar.

Estou tão irritada por ele ter me impedido de destruir o frágil ego do seu colega de equipe. Ninguém nunca se mete entre mim e o caos. Principalmente não um rato de Stantonville que saiu da sarjeta e resolveu desenvolver maçãs do rosto afiadas o suficiente para cometer crimes.

A única quebra em todas aquelas linhas nítidas é uma cicatriz que corta a extremidade de sua sobrancelha grossa.

Ele é mais alto do que eu me lembrava, com um físico de quem esmaga ossos sem se importar com isso. Mais alto do que eu — o filho da puta — e eu tenho 1,90 m. Ele deve estar tipo, o quê? 1,93 m? 1,95 m? Quem precisa de tanta altura assim? Os Giants?

Ele passa a mão pelos cabelos negros e bagunçados, depois puxa o capacete para baixo, cobrindo o rosto, com a boca naquele mesmo sorriso provocador de sempre. "Oi, príncipe encantado."

Eu solto um som parecido com um "tsk". Não tenho a mínima ideia de por que ele me chama assim. Quer dizer, sim, claro, eu sou um príncipe, muito obrigado. É o que dizem nos jornais também. Armstrong, o príncipe da liga isso e Armstrong, o príncipe da liga aquilo.

Mas esse degenerado fala como se estivesse zombando de mim com aquela voz grave e irritante.

"Nos encontramos de novo." O jeito como ele fala abafa o barulho, exigindo atenção.

Mas sabe, dois podem jogar esse jogo.

"Quem é você mesmo...? O nome está na ponta da língua, mas não consigo me lembrar direito. Hum."

"Esquecimento na sua idade é um problema sério, Armstrong. Posso sugerir que você consulte um médico?"

Esse filho da puta.

Eu realmente não gosto dele e do jeito como ele fica acenando, sorrindo de lado e concordando comigo como se fôssemos velhos amigos.

"Certo, Osborn!" Eu forço um sorriso e começo a circular ao redor dele; é assim que eu os desoriento. "É melhor você ter resolvido esses seus problemas com a mãe, porque eu vou falar disso de novo hoje à noite."

“E quanto aos seus problemas, Armstrong? Pronto para segurar minha mão e conversar sobre isso? Porque eu também vou falar sobre isso.”

Hesito, e sua mão agarra minha gola, me puxando bruscamente para perto dele. O puxão é tão repentino e forte que me deixa sem ar, atordoado.

Porque, que porra é essa?

Meu rosto está praticamente colado ao seu capacete, apenas um sopro nos separa, e, meu Deus do céu — são aquelas manchas azuis nos olhos dele? Como fragmentos de céu presos em nuvens de tempestade. Elas tremeluzem, quase vivas, quase extintas.

É aí que percebo algo.

Sempre achei o rosto de Osborn irritante, e agora sei que é porque não consigo ler seus olhos. Nada. Zero.

Como alguém extremamente bom em ler os outros, avaliar suas reações, sentir uma excitação figurativa — e às vezes literal — com a raiva e a fúria em seus olhos, no momento não consigo encontrar nada que me fascine.

Apenas um mar cinza sufocando o azul, sem nenhuma faísca.

Sem vida.

Sem história para contar.

É desestabilizador.

"Deixe meus jogadores em paz, Armstrong. Este é meu primeiro e último aviso."

Inclino a cabeça, um pequeno sorriso satisfeito se formando em meus lábios enquanto sussurro: "Ou o quê?"

Ele faz uma pausa, me encarando, e por um instante, algo muda — oscila — antes que ele murmure: "Ou você vai se arrepender."

"Está me ameaçando com uma boa noite, rato?"

“Cuidado, príncipe.” Sua voz sai rouca, daquele tipo que poderia arranhar a pele se eu a ouvisse por muito tempo. “Não quero estragar sua manicure.”

“Ah, obrigada pela preocupação, mas não se preocupe. Eu as mantenho afiadas para cortar gargantas.”

Ele ri, um som baixo e rouco, mas carregado de condescendência em vez de qualquer coisa que se assemelhe a diversão.

“Você vai atrás da minha garganta?”

Não gosto do tom dele. Há algo sombrio e estranho ali que não consigo definir.

“Se você ficar no meu caminho, talvez.” Levanto o ombro, me afastando sutilmente dele.

Porque, dane-se tudo isso, estar perto dele é intenso.

Não intenso a ponto de “vou apanhar para sentir dor” ou “vou transar até desmaiar”, mas algo mais desconfortável.

É porque eu não gosto que as pessoas me toquem do nada, ou melhor, que

me toquem de qualquer forma. É por isso que sempre amarro as garotas durante o sexo. Se elas não gostam disso, não somos compatíveis. Chegue em casa em segurança, linda.

Mas eis a questão que é um pouco — ou muito, dependendo do ponto de vista — perturbadora. Parece que me esqueci momentaneamente desse pequeno e irritante incômodo.

Para dizer o mínimo, nem percebi que ele estava me tocando por um tempo.

Puta merda.

"O que devemos fazer?" Ele finge preocupação, com a voz me irritando profundamente. Ou talvez seja o jeito que ele fala, tão indiferente, blasé e completamente irritante.

Só eu posso falar desse jeito.

“Pretendo atrapalhar”, diz ele, dando uma volta em torno de mim antes de parar novamente na minha frente, tão perto que preciso olhar para cima.

Ok, ser cercada por pessoas é realmente inaceitável — quase como acordar e me encontrar num lugar onde não me lembro de ter dormido.

É tão irritante que dá vontade de bater a cabeça dele no gelo e ver o sangue pintar o branco de vermelho. Seria uma pintura impressionante para colecionar, na minha humilde opinião.

“Boa sorte com isso.” Começo a ignorá-lo, porque ele é um saco. Prefiro o Dicky e os amigos dele, que ficam vermelhos com a menor besteira que eu digo.

Osborn é uma anomalia com a qual eu prefiro não lidar.

Ele se move sutilmente à minha frente, bloqueando meu caminho, e quando estou prestes a empurrá-lo, ele levanta meu queixo com o dedo indicador enluvado, inclinando minha cabeça para trás para que eu o encare.

Pela primeira vez, o olhar dele muda, uma luz escapa por entre os olhos.

Não, não é luz.

É sadismo.

Um profundo desejo de machucar alguém.

Algo.

Qualquer coisa.

Eu reconheço isso porque sinto essa necessidade intensamente. Mas vê-la direcionada a mim me causa arrepios por toda a pele.

Minha garganta se fecha e um zumbido estático invade meu cérebro.

Sua cabeça se inclina, e o instinto me impele a recuar, mas não consigo — não quando ele sussurra tão perto da minha boca.

"Você é toda minha esta noite, príncipe."

2

PRESTON

Tem algo completamente ridículo nessa merda de jogo.

Sabe, aquele que eu tô tentando ganhar, mas por mais que eu odeie admitir, a gente tá sofrendo.

Ser o atual campeão da liga universitária significa que ninguém mexe com a gente.

Muito.

Ninguém além dos Wolves, que parecem ter posto os olhos no nosso trono.

Mas não se preocupem, eu vou salvar o jogo. Os dois primeiros períodos foram difíceis, mas eu vim para o resgate.

Eu tenho o Dicky na palma da mão — figurativamente, claro. Desde que plantei a semente na cabeça dele antes do jogo, já consegui acesso fácil. À cabeça dele, quero dizer.

Estamos no ataque e precisamos marcar esse gol para manter nossa pequena vantagem, mas a defesa deles não é brincadeira nesse jogo. Alguém anda trabalhando nos pontos fracos deles desde o último.

Vocês não vão me ouvir dizendo isso em voz alta, mas eles se tornaram uma versão melhor de si mesmos.

Enquanto trocamos o disco, me posiciono de frente para Dicky e faço um gesto para Kane passar.

"E aí, Dicky. Quer saber quem é o novo cara com quem sua namorada está saindo?", pergunto a ele, pegando o disco. "Seu parceiro número oitenta e um talvez tenha uma ideia. Ou um vídeo."

Mesmo que eu não marque esse, vou mandar esse palhaço para o banco de

reservas. Com a ala direita deles escancarada, vou marcar quantos gols eu quiser.

Dicky está tão atônito que não consegue reagir, e é a fração de segundo que preciso. Com um sorriso, passo por ele e dou um toque rápido com o pulso, pronto para marcar —

Um ombro se choca contra o meu, tão sólido quanto aço, e o choque reverbera por toda a minha espinha. Empurro de volta, mostrando os dentes, mas já perdi o equilíbrio e caio no gelo com um baque surdo.

"Ahhhh—" a multidão reage em uníssono.

"Eu te disse que você é minha esta noite." A voz de Osborn soa como uma ameaça sussurrada.

Seus olhos me percorrem, um sorriso lento se instalando como se eu estivesse exatamente onde ele quer. Sua camisa laranja brilha sob a luz fria, o lobo mostrando os dentes entre nós. "Não tente se esquivar de me encarar, Armstrong."

Então ele sai patinando em velocidade supersônica enquanto a multidão ruge. Que merda, eles estão com o disco agora.

Eu me levanto num pulo e patino de volta para a defesa, ignorando os olhos atentos de Jude.

O disco está quase embaçado enquanto se move entre o ataque deles, liderado por ninguém menos que a dor de cabeça sobre patins.

Marcus Osborn, o maldito.

Ele mexeu com a pessoa errada hoje.

Assim que ele pega o disco, eu me posiciono de frente para ele. "Boa noite, vadia. Sua noite acaba aqui."

"Quem disse?"

"O placar quando eu terminar com você."

"Aposto?" Ele tenta patinar ao meu redor, mas eu o empurro com tanta violência que ele geme, mas ainda assim passa o disco.

Eu continuo marcando ele porque ele é o artilheiro do time. O ás deles, na verdade. O Fenômeno joga na defesa e no ataque como se tivesse se clonado da noite para o dia, o que é irritante — para nós, não para eles. Jogadores de centro não deveriam ser bons nas duas áreas. Quer dizer, eles são, mas geralmente são melhores em uma ou outra. Até o Kane tende para a defesa, e o Kane é basicamente um Exterminador do hóquei. Mas esse idiota? Ele aparece nos dois lados do rinque, agindo como se estivesse tentando ganhar o prêmio de Funcionário do Mês.

Um centro completo dos sonhos, por assim dizer. Ele provavelmente tem todos os técnicos e agentes renomados da NHL babando para tê-lo no time.

E eu quero acabar com isso.

Com ele.

Eu quero abri-lo e ver o que se esconde por trás da fachada esculpida pelo pior senso de humor de Deus.

Estamos nos esquivando um do outro enquanto ele tenta me ultrapassar.

Não vai rolar.

Eu nem gosto de me defender, mas hoje decidi que vou humilhar esse plebeu para que ele possa voltar para o buraco de onde saiu rastejando, com o rabo entre as pernas.

"Diga-me, Osborn." Patino na frente dele, acompanhando seus movimentos fluidos. É algo natural para mim, porque sou ágil, mas como diabos ele consegue se mover assim com o corpo de um gigante?

"Qualquer coisa, príncipe."

"Sua mãe ainda está no ramo de cavalgar no pau de caras ricos? Porque eu tenho um pau enorme que ela pode usar a noite toda. Eu pago a ela pelo trabalho, para que ela possa comprar um novo para você."

O sorriso dele vacila. O meu se alarga.

Chega.

Dá uma folga para mim, Osborn.

Igualzinho aos outros.

Ele bate o capacete no meu, e eu o seguro no lugar, empurrando com a mesma força.

É assim que vai ser. O Osborn vai me acertar, e nós vamos ter a melhor vantagem numérica enquanto ele fica sentado no banco de reservas como um cachorrinho abandonado.

A respiração dele se mistura à minha, uma onda de adrenalina e calor intenso se misturando ao zumbido selvagem da multidão ao nosso redor. Os rugidos deles vibram sob a minha pele como combustível.

"Tenho uma ideia melhor." Ele se aproxima, tão perto que o joelho dele fica entre os meus, e apesar do equipamento de proteção, é como se ele estivesse me acertando com o joelho nos testículos.

A voz dele fica cada vez mais baixa, quase um murmúrio, baixa o suficiente para me arrepiar.

“Você devia sentar no meu pau enorme, Armstrong. Se você for bom o suficiente, eu posso te pagar o preço de uma puta barata.”

Essa merda—

Eu me atiro nele, acertando-o de forma não muito limpa, e o apito soa como se estivesse pessoalmente ofendido. Nesse exato momento, Osborn me joga contra a proteção com tanta força que ela vibra sob o nosso peso enquanto a multidão enlouquece.

Meus ouvidos começam a zumbir, a arena inteira soa como se estivesse enterrada em algum lugar no subsolo, e minha visão fica turva quando ele me levanta.

Todo eu.

O filho da puta me puxa pela gola e me sacode como se eu fosse um globo de neve, depois bate o capacete dele contra o meu. Minha visão está turva e confusa, mas eu ainda o empurro com toda a minha força.

“Isso é um não para a minha oferta?” Suas palavras ríspidas se sobrepõem ao caos, ao barulho da multidão, aos gritos dos nossos treinadores e companheiros de equipe.

“Só para você saber.” Estou sorrindo antes mesmo de perceber o brilho metálico na minha língua. “Vou te matar, Osborn. Vou te picar em pedacinhos, te dar para os tubarões e guardar seu crânio na minha mesa de cabeceira como castiçal.”

“Isso vai ser antes ou depois de você quicar no meu pau como uma boa vadiazinha?”

Rosnei profundamente enquanto me preparava para socá-lo, mas ele foi puxado para trás por ninguém menos que Jude.

Que merda.

Logo, Jude e Osborn estavam se agarrando enquanto os dois times tentavam separá-los.

Me levantei e o juiz me mandou para o banco de reservas.

"Sério? Eu?" grito, e então me obrigo a me acalmar, porque que diabos está acontecendo aqui?

Se alguém pudesse explicar, seria perfeito, obrigado.

Sem uma resposta satisfatória, patino em direção ao box, tiro o capacete e tento ao máximo parecer tranquilo.

Respira.

Só respira, eu. Não, não estamos acostumados com o box, mas preciso me acalmar e não deixar aquele degenerado me afetar.

Mas não é tarde demais?

Cala a boca, demônio da razão. Ninguém precisa dos seus comentários inúteis.

Tiro o protetor bucal e engulo o gosto metálico que está inundando meus sentidos. Não, literalmente, estou vendo tudo vermelho.

"Tudo bem, Presidente?"

Foi Kane quem falou através do vidro, embora sua atenção esteja dividida entre mim e Jude, que ainda tenta lutar contra Osborn enquanto a multidão delira.

"Nunca estive melhor." Lambo meu lábio rachado, passando a língua repetidamente sobre o corte.

Cada pontada de dor me lembra que preciso infligi-la dez vezes pior.

Acabe com aquele desgraçado.

Faça-o rastejar.

"Não se meta com Osborn", diz Kane. "Ele não cai em provocações."

"Veremos."

"Deixe-o comigo."

"Não, ele é meu. Fique fora disso."

As sobrancelhas de Kane se franzem, mas ele está distraído. Jude está sendo Jude, e os outros membros da equipe não conseguem controlá-lo, então Kane patina para o meio da briga.

Resmungando, me jogo no banco da área reservada, virando metade de uma garrafa d'água.

Finalmente, os times separam Jude e Osborn, enviando cada um para seu respectivo lado.

É uma confusão de cores — azul, laranja, suor e testosterona em excesso — e bem no meio dela está Marcus Osborn. Capitão dos Wolves. O orgulho e a alegria de Stantonville. E o cara que eu decidi esmagar até não sobrar nada.

Vou esfolá-lo vivo e comer seu maldito coração.

Ele parece não estar ciente dos meus planos canibais macabros, porque sua atenção permanece totalmente voltada para mim.

Em meio à confusão, enquanto alguém ao seu lado conversa com ele e ele coloca o capacete de volta, seus olhos assustadores nunca desviam o olhar de mim.

Ele patina de costas até o centro da pista, olhando para mim o tempo todo, e então faz um gesto com o dedo indicador, me chamando.

A água desce pela minha garganta enquanto eu esmago a garrafa entre os dedos.

O disco cai novamente, e eu não estou lá fora, estou aqui, preso numa caixa maldita, meu peito arfando, meu sangue quente o suficiente para derreter o gelo.

Kane ganha o face-off, e eu me levanto, torcendo por eles. "Vai, vai, vai!"

Antes que Kane consiga marcar, aquele filho da puta do Osborn rouba o disco e lidera um contra-ataque relâmpago, marcando um gol.

O gol é limpo e brutal, e a buzina ecoa no ar enquanto a torcida laranja explode em êxtase.

"Filho da puta!" Eu bato meu taco no vidro, perdendo a cabeça de uma forma épica.

Não é típico de mim.

De jeito nenhum.

Aperfeiçoei a arte de ser o príncipe da liga. E o príncipe da liga não perde a cabeça por causa de um ninguém.

E esse Osborn em particular é um ninguém, caramba.

Ele está tão abaixo de ninguém que nem sequer aparece no mapa.

Osborn patina preguiçosamente até o centro, apontando o taco para mim enquanto saio do banco de reservas.

No momento em que temos o disco, peço um passe para o Kane, e quando ele está em minhas mãos, não é o Dicky que vem me interceptar, não.

É aquele pedaço de músculo inútil com aquele sorriso irritante que ele criou só para me tirar do sério. "Nos encontramos de novo, príncipe encantado."

Não digo nada, porque, olha, eu inventei este jogo e não vou ser provocado a cometer outro erro.

Com um suspiro profundo, ultrapasso-o em alta velocidade, mas o filho da puta me bloqueia novamente, abaixando a cabeça para ficarmos cara a cara.

"Ah, você está me ignorando? Estou magoado."

"Morra."

"Não quando eu te vejo tão irritado. Essa sua cara está me deixando excitado."

Fico momentaneamente atordoado, mas me recupero rápido o suficiente para passar o disco para Kane, que marca.

"Buuu." Ele começa a patinar para trás. "Pare de usar Davenport e Callahan como representantes e me encare de frente. A menos que... você esteja com medo de mim."

"Você é quem deveria ter medo de mim, rato."

"Ai, mamãe, vem me buscar. Tem um príncipe malvado querendo fazer coisas indizíveis comigo."

Minha coluna se endireita num sobressalto, e um zumbido prolongado ecoa nos meus ouvidos enquanto o cheiro de almíscar apimentado e cigarros queimados entope minha garganta e inunda minha boca.

Como diabos ele…

Não. Ninguém sabe. É impossível.

E, no entanto, enquanto Osborn desliza pelo gelo, empolgando a torcida com sua mera presença, meu estômago revira, a bile subindo pela minha garganta.

Estou com uma vontade enorme de passar o polegar no lábio, morder até sangrar.

O resto do jogo continua num borrão.

Não consigo registrar nem metade dele, e minha cabeça está tão desligada que não me lembro do que diabos o técnico Slater e o Kane estão falando.

Só consigo me concentrar em uma coisa.

Osborn.

Ele me transforma no seu maldito alvo. Seja na defesa ou no ataque, ele está lá como uma sombra infernal da qual não consigo me livrar.

Enquanto eles atacam, ele diz: "Tem certeza de que não quer experimentar meu pau?"

E eu perco a cabeça. Não consigo pensar em nada enquanto o arremesso contra a parede, que se estilhaça em pedaços.

Ele ri enquanto sou mandado para o banco de reservas por cinco minutos completos.

Pela primeira vez na minha carreira no hóquei.

Talvez eu tenha aguentado dois minutos de vez em quando, mas nunca cinco.

E durante esses cinco malditos minutos, tenho que ficar de olho no idiota.

Há algo que noto. Osborn se move como se patinasse desde que nasceu. Cada deslize é calculado, econômico, como se ele tivesse descoberto como não desperdiçar nada — nem fôlego, nem energia, nem atenção.

E vou desperdiçar os três com ele.

Porque, veja bem, eu não estava brincando. Vou matar o desgraçado.

Torturá-lo primeiro, tornar a vida dele um inferno, depois esfolá-lo vivo e beber seu sangue como um vampiro.

Ninguém vai saber disso.

Ninguém.

Sou praticamente inútil pelo resto do jogo. Quando a sirene soa, anunciando a vitória dos Wolves, bato meu taco na parede enquanto Jude me abraça pelos ombros.

"Você está bem?"

Odeio esse tom. A preocupação, o jeito como ele me observa como se eu fosse de vidro.

Ou como se eu fosse desabar a qualquer segundo.

"Nunca estive melhor", resmungo.

"Não minta para mim."

"Não me irrite." Dou-lhe uma cotovelada na lateral, ignorando a testa franzida e a tonelada de perguntas que ele vai me fazer quando sairmos daqui.

Enquanto Jude se esgueira à minha frente pelo túnel escuro, lanço um olhar para trás.

Osborn está sendo bajulado, abraçado e elogiado até domingo pelos seus companheiros de equipe. Tratado como um deus. E sim, claro, faz sentido. Ele me parou, e isso deu a vitória aos Wolves. É simples assim — paralisar o ala esquerda dos Vipers — minha alteza — e tudo vai por água abaixo.

Em meio à festa de comemoração, Osborn cruza o meu olhar com o dele, e lá está aquele sorriso de novo — pequeno, discreto, como se estivéssemos compartilhando uma piada que ninguém mais entende.

"Minha oferta ainda está de pé", ele sussurra.

Algo aperta meu peito. Não é exatamente dor. Mais como a queimação lenta antes de perceber que estou sangrando.

Que oferta?

A... transa gay?

Eu juraria que ele não é gay. Certo?

Eu só o vi, ou melhor, ouvi falar dele com garotas. Ele é conhecido por trocar de namorada mais rápido do que o pai dele troca de amantes.

Sem falar daquela vez em que ele roubou meu ficante.

Sim, ainda estou ressentida com isso.

Ele definitivamente fez aqueles comentários desagradáveis só para me provocar.

Mas como ele sabia que ia funcionar? Como ele pôde imaginar que aquelas palavras me afetariam tanto, a ponto de eu precisar de uma boa dose de auto-expulsão para me livrar delas?

Porque ele parece saber mais do que deveria.

Mas como?

Por que diabos...?

Tiro meu capacete, estreitando os olhos para ele enquanto meus colegas de equipe passam por mim.

E mesmo que todos os Lobos pareçam estar disputando a atenção do rato, o olhar de Osborn repousa sobre mim, um sorriso sutil se abrindo como se fosse só para mim.

Não é um sorriso irônico, mas sim uma avaliação intensa e... o quê?

Uma promessa? Uma ameaça?

Aquele cadáver ambulante está me ameaçando agora?

Meus próprios lábios se curvam em um largo sorriso enquanto faço um gesto de "Estou de olho em você".

Ah, você está ferrado, Sr. Ninguém.

Em breve você será cozido e servido aos meus cães.

Kane disse que Osborn poderia ser acolhido pela família principal agora que Lance morreu. Ele pode ser ilegítimo, mas é o único herdeiro homem que lhes resta. Pelo que Kane mencionou, isso é definitivamente algo que os anciãos Osborn querem que aconteça.

Nossos pais não fazem isso — ou pelo menos o pai do Kane não faz, porque mandou ele se livrar da praga.

Eu mesmo cuidarei desse incômodo.

Considere isso um esforço humanitário altruísta para livrar o mundo dessa praga.

A essa altura, eu já sou praticamente um santo.

3

PRESTON

Então eu menti. Estou longe de ser um santo, porque que merda é essa?

Tortura. É isso que é.

Olha, eu preferiria estar lambendo minhas feridas jogando videogame com o Jude e assistindo Tom e Jerry — ei, não me julguem, eles são engraçados.

Melhor ainda, eu preferiria estar perturbando o Jude e o Kane como o maldito parasita que sou, mas meu pai disse: "Hoje não, sua vadia."

Quer dizer, não exatamente com essas palavras, já que ele é um robô e só fala em frases monótonas, mas a intenção está lá, porque vejo o carro dele com motorista me esperando no estacionamento da arena.

"Droga", eu digo, fazendo a curva em U mais suave que existe, mas sou bloqueado por um gigante de verdade que balança a cabeça para mim.

Lenin.

O capanga do papai, por assim dizer.

“Que droga”, sussurro.

Lenin não reage, parecendo que acabou de sair de uma auditoria fiscal. Alto, rígido, permanentemente impassível — o equivalente humano a um hematoma que você nem lembrava que tinha. Ele não fala muito, apenas fica parado com aquele olhar de “chegou a sua hora de pagar”, como se eu fosse sua decepção constante. Sinceramente, se existisse política de devolução, eu mandaria esse de volta na hora.

Com um suspiro, caminho arrastando os pés até o banco de trás do carro e cumprimento a motorista: “E aí, Nelly”.

Ela acena para mim pelo retrovisor, mas não tira as mãos do volante, suas

luvas brancas tão impecáveis quanto o ar da noite. “Que azar hoje.”

“Não fale sobre hoje. Nós não falamos sobre hoje.” Encaro Lenin. “A menos que eu possa ir embora?”

Ele não responde.

Se um fantasma, um carcereiro e um estraga-prazeres tivessem um filho, esse seria Lenin.

Meu próprio incômodo pessoal.

"Seu pai quer muito te ver", diz Nelly com um olhar de desculpas, saindo suavemente do estacionamento.

"Você pode me deixar na casa do Jude? Obrigada. Eu te compro um sorvete. Ou talvez as drogas mais recentes do mercado. Conheço um cara."

Lenin e Nelly não acham graça, embora Nelly sorria para mim porque ela é descolada assim. O que não é descolado é que, como Lenin, ela não se deixa subornar e, infelizmente, minhas sugestões animadas caem em ouvidos surdos. Então, o que eu faço?

O que eu faço de melhor, é claro. Irritá-los ao máximo.

Passo a viagem inteira reclamando e falando sem parar sobre as coisas mais aleatórias.

O quê? Você torna minha vida difícil, e pode ter certeza que eu retribuirei.

Olho por olho e toda essa baboseira poética.

Infelizmente, chegamos ao temido lugar, e é assim que me encontro no inferno na Terra.

Brincadeira. É só a propriedade Armstrong.

Espalhada no topo da Colina Ravenswood, foi aqui que meus ancestrais decidiram fundar o clã de bruxas depois de imigrarem da Europa.

Desculpe, a família. Eles decidiram formar a família. Que boba eu fui por sempre pensar nisso como um clube de bruxas legal.

Encaro o anel preto no meu dedo indicador direito. O símbolo do sol e da lua crescente gravado nele parece sinistro sob as luzes da noite.

Armstrong.

Os reis e pioneiros do setor energético — é isso que significa este símbolo com o qual fui acorrentado desde o nascimento.

Todos os herdeiros homens da minha família têm este anel — o avô, o pai, o tio Atlas e, finalmente, eu.

Kane e Jude têm o mesmo tipo de anel, só que com símbolos familiares diferentes. O de Kane tem uma rosa dos ventos porque os Davenports basicamente controlam o esquema mundial de importação e exportação. O de Jude tem um caduceu estrangulado por vinhas espinhosas, uma piscadela muito sutil para os Callahans, que dominam todo o mercado farmacêutico.

Os Osborns têm uma cabeça de leão emoldurada por engrenagens, o que faz sentido, já que eles cravaram suas garras em cada centímetro do desenvolvimento urbano desta cidade e além.

Este anel é a personificação de um juramento de sangue que me foi imposto por causa de um estúpido direito de primogenitura — sem o meu consentimento, aliás. Agora, tenho que me conformar como o futuro herdeiro do império. Se eu pudesse me importar menos, me importaria. Me importaria tão pouco que não haveria qualquer sentimento em meu corpo.

Finalmente me livraria deste fiasco e desta família.

Mas não posso.

É por isso que estou entrando na casa com o querido Lenin ao meu lado.

"Eu sei andar sozinha, Lenino", digo com um sorriso. "Acho que conheço o caminho, já que moro aqui."

Oficialmente, pelo menos. Passo a maior parte do tempo dormindo na casa do Jude. Pensei em comprar minha própria cobertura, mas aí me lembrei que eu e a solidão somos inimigos mortais, então votei contra a ideia.

No típico estilo Lenin, ele não diz nada. Conheço esse cara desde criança, considerando que ele é o braço direito do meu pai e tudo mais, mas acho que ele não gosta de mim.

Prefiro o Hayes.

Uma espécie de secretário do meu pai e também meio que administrador da casa. Não sei qual é o título oficial dele, mas ele sempre me tira de enrascadas com a Vencor.

A Vencor é uma poderosa sociedade secreta fundada pelas quatro famílias influentes de Graystone Ridge. Ela tem sido usada para garantir nosso controle e influência sobre setores importantes da sociedade.

E embora as quatro famílias tenham colaborado a vida inteira para manter seu poder manchado de sangue, ultimamente tem havido alguma instabilidade.

A geração do meu pai mal consegue se manter unida, sendo minada a cada passo pela geração seguinte. Tio Atlas, Julian, o irmão mais velho de Jude, Kayden, o tio de Kane, e Serena Osborn.

Não que eu me importe. Eles deveriam se matar. Obrigada.

"É falta de educação me ignorar, Lenino", eu digo, fazendo beicinho. "Você não deveria ao menos tentar me consolar pela derrota de hoje? Ou vai me punir?"

Ele solta um som rouco.

"Isso é um não? Um sim? As instruções não estão claras."

Nenhuma resposta desta vez. Nem mesmo um som.

Acho que vamos ter que voltar a fingir que eu não existo. O passatempo

favorito do meu pai e do Lenin — tão bom quanto golfe.

Então, em vez disso, me concentro no que me rodeia, suspirando dramaticamente, só para irritar o Lenin.

Mesquinha, a mais mesquinha das mesquinhas. Essa sou eu.

A mansão Armstrong não é uma casa. É um complexo divino com aquecimento central.

Mármore por todo lado, gritando "importado", porque minha família acredita que pedra local é coisa de pobre. Tem um lustre tão grande que poderia causar um pequeno terremoto se caísse, e a sala de recepção está forrada com retratos de pessoas mortas que eu devo fingir que conheço.

Todos eles me encaram como se estivessem esperando que eu me revelasse tão decepcionante quanto a vovó diz que serei. Alerta de spoiler: missão cumprida.

Cada cômodo cheira a dinheiro antigo e culpa recente. As paredes são bege porque nada expressa "repressão emocional" como essa cor. A biblioteca está cheia de livros que ninguém leu, o piano não é tocado desde o último surto da minha madrasta, e a mesa de jantar poderia acomodar até cinquenta pessoas de quem nem gostamos.

E tem os espelhos. Estão por toda parte. O vovô diz que fazem o espaço parecer maior. Eu digo que só tornam o vazio mais evidente e meu rosto muito mais bonito.

Ao me deparar com meu reflexo, meus lábios se curvam em um sorriso instintivo, mesmo enquanto algo se aperta por dentro.

"Pressie!" uma vozinha grita enquanto minha irmãzinha se joga em cima das minhas pernas por trás, me abraçando forte.

“Mimi!” Me viro e a pego no colo, jogando-a para o alto enquanto ela ri sem parar.

Suas trancinhas douradas balançam com o movimento, e quando ela cai nos meus braços, se agarra a mim com toda a força.

Miley tem sete anos, mas ainda não cresceu tanto. Vou continuar jogando-a para o alto até ela não querer mais, porque o papai com certeza não tolera esse gesto inocente.

Ela está usando uma camisola rosa-clara estampada com desenhos do Doraemon, seu desenho favorito que ela me fez decorar.

“Já não passou da sua hora de dormir, Miles Encrenqueira?”

“Shh.” Ela abaixa a voz, olhando em volta, e graças a Deus Lenin sumiu. “Eu saí escondida. Não conte para a mamãe.”

“Nunca. Mas por que você saiu escondida?”

Seus grandes olhos azuis brilham sob a luz fraca enquanto ela brinca com a

lapela da minha jaqueta dos Vipers. "Ouvi a vovó dizer que você perdeu o jogo hoje à noite, e eu queria te animar. Olha." Ela enfia a mão no bolso grande e tira um doce embrulhado, depois tira a embalagem e coloca perto da minha boca. "Guardei isso do jantar para você."

"Nossa, você guardou esse tempo todo?"

"Sim! Escondi debaixo do meu travesseiro. Está um pouco amassado. Desculpa, Pressie."

"Ah, tudo bem." Dou uma mordida. "É tão doce."

"É mesmo?" Os olhos dela se arregalam enquanto ela me observa, engolindo em seco audivelmente, praticamente babando. "Te faz sentir melhor?"

"Muito melhor. Mas estou tão cheia, pode ficar com ele, Mimi."

"Sério?"

Empurro o doce em direção à boca dela, e ela o devora em segundos. É o seu petit four favorito, e ela estava claramente indecisa se deveria comê-lo, mas minha irmãzinha o guardou para mim.

É perturbador o quão diferente Miley é da sua mãe, aquela cobra. Pode apostar que eu pedi um teste de DNA para ter certeza de que ela era realmente filha de Lilith, mas, infelizmente, o resultado foi positivo.

Digamos que minha meia-irmã angelical puxou mais a mim do que a qualquer um dos pais. Ela também se parece comigo. Seu cabelo loiro é cacheado e um pouco mais escuro do que o meu quando eu tinha a idade dela, e seus olhos são diferentes, mas ela é tão linda quanto eu.

Não, não como eu.

Ninguém deveria ter que passar por isso. Ela é muito melhor.

Diferente.

Ela definitivamente será diferente.

"Você foi incrível hoje à noite!", ela diz depois de terminar o doce.

"Eu fui?"

"Sim!"

"Mas eu perdi."

"Tudo bem. Você ainda foi muito legal. Eu assisti ao jogo com o papai um pouco antes da mamãe me levar para a cama, e você fez movimentos incríveis! Bang! Da próxima vez que você me levar para patinar, eu trago meus patins brilhantes, e você pode me ensinar alguns movimentos."

O favoritismo está evidente, Miles. Mas tudo bem. Dá para culpá-la?

Então eu me concentro em algo que ela disse e franzo a testa. "O papai assistiu ao jogo?"

Ele geralmente não assiste — eu acho — e só aparece nas finais por questões de imagem.

Miley acena vigorosamente com a cabeça. "Sim. A mamãe também."

Que nojo.

"Miley!"

Falando no diabo.

A amante de Satanás, também conhecida como Lilith Armstrong, corre em nossa direção num turbilhão de seda e penugem, o cabelo preso num coque, os olhos lançando raios imaginários para mim.

Lilith é a segunda esposa do meu pai, mas não foi a primeira namorada dele depois da minha mãe. Não, ela provavelmente foi a quinta que ele me apresentou. Consegui afastar todas as outras, mas essa praga tem sido impossível de me livrar.

"Você devia estar na cama, Miley!" grita a amante de Satanás, tentando puxar minha irmã do meu braço, e eu a ajudo a se levantar, respirando fundo para manter a calma e não esmagar a cabeça da mulher.

A mãe da Miley. Ela é a mãe da Miley. Miley ficaria arrasada.

Mantenha a calma.

Acalme-se, sua idiota.

Minha irmã olha para os próprios pés. "Eu queria ver o Preston."

“Você já foi. Hora de dormir.”

“Presente.” O lábio inferior de Miley se projeta em um bico enquanto ela me olha.

“Te vejo amanhã.” Dou um tapinha no topo da cabeça dela. “Te busco depois da escola e podemos ir ao centro, tá bom?”

“Tá bom!” O bico de Miley se transforma em um sorriso largo em uma fração de segundo.

Lilith pega a mão dela e começa a arrastá-la em direção às escadas, mas então para e me encara, com os lábios curvados em um sorriso malicioso. “Aquele jogo foi constrangedor de assistir, meu querido.”

Dou um gesto obsceno discreto para ela, para que Miley não veja, e ela franze os lábios enquanto leva minha irmã junto.

Um dia, verei aquela bruxa queimada na fogueira.

Ou talvez apenas expulsa para que Miley não sofra.

Olha, eu realmente tenho problemas. Sim, minha mãe me ensinou a odiar qualquer pessoa que meu pai trouxesse junto, porque ele estava tentando nos substituir por elas, mas Lilith é uma megera.

Eu devia ter uns nove anos quando ela conheceu meu pai, e, ao contrário das outras, ela não parecia mentirosa. Ela disse que ficaria tão feliz se eu a aceitasse, porque sempre quis um filho.

E eu acreditei na megera.

Eu sei, muito amador da minha parte. Já tinha me massacrado quando criança por toda a insolência dele.

Mudando de assunto.

Naquela época, a amante do Satanás fazia minha comida favorita e ainda era legal mesmo quando meu pai não estava por perto. Ela era tão carinhosa e atenciosa, que eu pensava em como seria sortudo se a tivesse depois da morte da minha mãe.

Na aula, eu até pintei um quadro dela com o pai e a mãe. Queria mostrar para ela, mas foi aí que a ouvi falando com a melhor amiga ao telefone, uns três meses depois de nos conhecermos.

“O garoto? Moleza. No começo, ele estava tentando ser um babaca, mas eu sabia como lidar com ele. O pirralho não tem nenhum afeto materno, então eu só fingi ser, e ele se apegou rapidinho. Homens, né? É só fingir um pouco, e eles se encaixam. A idade não importa.”

Ela tomou um gole de café, olhando para o jardim. "Estou te dizendo, Gabby. Vou me casar com o Lawrence e ganhar na loteria. Nenhum filho problemático dele, com problemas com a mãe, vai me impedir. Eu detesto quando ele me abraça. Credo. Ele me aperta tanto que chega a ser assustador, e é difícil manter a pose."

Houve uma pausa enquanto ela ouvia, depois assentiu. "Eu sei, né? Ele é mesmo um esquisito. Às vezes, fica me encarando como um psicopata. Tem alguma coisa muito errada com a cabeça dele, sério. Enfim, vou mandá-lo para um internato e me livrar desse incômodo para poder ficar com o Lawrence só para mim."

Eu fiquei parada ali enquanto a máscara caía no chão e se estilhaçava, e eu vi Lilith como ela realmente era: a amante de Satanás.

Queimei aquele desenho que fiz e decidi tornar a vida dela um inferno dali em diante, o que tenho conseguido com louvor.

Enfim, me viro para sair. Agora que Lenin sumiu, não tenho motivo para me submeter ao sermão do meu pai —

"Ah, pelo amor de Deus. Você não dorme, cara?", resmungo ao encontrar Lenin logo atrás de mim. Juro que o cara se move como um fantasma às vezes.

Em vez de responder, ele aponta para o corredor que leva ao escritório do meu pai.

"Tá bom, tá bom, eu vou."

Sigo para o escritório, bato na porta e espero pelo resmungo "Entre".

Meus músculos estão tensos enquanto entro, o que sempre acontece quando tenho que ficar a sós com o meu querido pai.

O escritório do meu pai parece o resultado de um encontro entre dinheiro e

crise de meia-idade.

Cadeiras de couro que rangem quando você senta, livros que ninguém abre desde a Guerra Fria e aquela escrivaninha de mogno — enorme, brilhante e fingindo ter personalidade. Ela fica bem em frente a uma janela que provavelmente custou mais do que toda a minha existência. Vista perfeita de Graystone Ridge lá de cima, porque, é claro, meu pai gosta de olhar para as pessoas de cima enquanto trabalha.

Ele está parado atrás dela agora, com a postura impecavelmente ereta, a gravata apertando-o num tom de babaca — quer dizer, verde-azulado. O mesmo tom dos olhos que não compartilhamos, frio, provavelmente porque ele patenteou a hipotermia emocional.

O cabelo dele está mais para cinza do que loiro, penteado por um barbeiro igualmente emocionalmente reprimido. Ele me olha como quem olha para um vaso valioso rachado — caro o suficiente para consertar, mas por que se dar ao trabalho quando se pode simplesmente comprar outro?

Ele contorna a mesa e se encosta na escrivaninha, cruzando os tornozelos e os braços. Eu faço o mesmo, encostando-me na parede. Sabe, nos espelhando como em algum estranho ritual de acasalamento Armstrong de superioridade.

"Preston."

A palavra paira no ar, perfeitamente emoldurada pelo cheiro de fumaça de charuto e trauma geracional.

Eu sorrio para ele, porque o que mais você faz quando seu pai te encara como se estivesse decidindo se te coloca de castigo ou te deserda? "E aí, pai. Ótima conversa. Adorei o resumo do jogo."

Ele não sorri. Nunca sorri. Aparentemente, esse é o meu trabalho: sorrir o suficiente para nós dois. Um trabalho que levo muito a sério, obrigada.

O que meu pai faz, no entanto, é franzir a testa. Muito. Principalmente comigo. Na cabeça dele, eu me encaixo perfeitamente na categoria "franzir a testa".

"Já mencionei que adoro a decoração deste escritório?" Eu assobio. "Trauma chic."

"O que aconteceu hoje à noite, Preston?"

"O de sempre. Mantive a torcida entretida."

"Você transformou o jogo numa briga. Isso não é típico de você."

"Isso se chama hóquei, não patinação sincronizada."

"Você não perde o controle assim no gelo. Nunca."

"Talvez esse seja o problema."

Ele suspira, franzindo a testa ainda mais. Estou tentando bater meu recorde de tempo mantendo meu pai franzindo a testa. Quase lá.

"Não comece com esse tom."

“Ah, pai, isso não é um tom de voz. É a minha personalidade. Sabe, aquela com a qual eu nasci.”

Outra carranca ainda mais profunda. É, coisas ruins acontecem, principalmente comigo.

“Isso é porque você parou de tomar seus remédios?”

“Estou tomando os remédios idiotas, pai.”

“Não a última dose aprovada pelo Julian.”

É, então, uma pausa rápida. Julian é o irmão mais velho do Jude e o demônio responsável por me criar através de drogas sintéticas.

Por causa de problemas.

Especificamente, eu começo a fazer merda — mais do que o normal — quando não silencio meus demônios com as poções do Julian.

Soltei um suspiro dramático. “Vocês dois fofocam mais do que as esposas de membros de clubes de campo.”

“Isso não é uma piada, Preston.”

“Eu sei. Piadas são engraçadas. Falando em engraçado, sua esposa gritou com a Miley. Não é hilário? Na verdade, não é. É melhor ela tomar cuidado, pai. Se eu a vir falando com a Miley daquele jeito de novo, eu—”

“E o quê?”

Dou de ombros. “Acho que vamos ter que esperar para ver.”

“Descobrir? Ou te encontrar sangrando em algum lugar aleatório de novo?”

“Ei, isso foi só uma vez, e o Hayes me encontrou meio dormindo, então não conta—”

“Chega. Já vi isso inúmeras vezes. Você começa com um pequeno deslize, depois entra em espiral e arruína tudo ao seu redor.”

“Não se preocupe. Você já está arruinado, então está seguro.”

“Estou falando sério, Preston. Tome os comprimidos.”

“Hum. Talvez se você disser por favor.”

“Por favor.”

Puxa vida. Meu sorriso irônico de sempre desaparece. Ele nem hesitou.

Forço meus lábios a se curvarem na minha expressão habitual de provocador babaca. "Uau. Quase soou humano."

"Se você já terminou com as suas alfinetadas, pode levá-las?"

"Tanto faz." Endireito-me, pronta para sair correndo dali, porque não sei como me sentir perto do meu pai, e ele não sabe como lidar comigo.

Uma ruptura aconteceu entre nós há muito tempo, quando ele se divorciou da minha mãe, e eu nunca o perdoei por isso.

Sim, uma mesquinharia sem tamanho.

"Foi algo que o Osborn disse?"

Paro com a mão na maçaneta, depois me viro para encará-lo. "Osborn? Quem é esse?"

"Marcus Osborn. Você pareceu mudar drasticamente depois que ele disse alguma coisa."

“Ele? Por favor. Nem me lembro do rosto dele, muito menos do que ele diz. Ele não é ninguém. Falando em ninguém, será que os Osborn estão de acordo com a vinda de um forasteiro para o nosso meio? O pai do Kane não está, então você tem alguma informação que gostaria de me esclarecer?”

“Não é da nossa conta se eles trazem o Marcus ou não.”

“Deveria ser. Ele foi criado com ratos e camponeses. Ele não pertence a este lugar.”

Purgo a garganta porque meu pai está me observando daquele jeito que ele reserva para quando está prestes a me desvendar.

“Enfim, até logo, papai. Foi bom conversar. Gostei do amor paterno, consigo senti-lo em ondas. Tão emocionante que quase chorei.”

Saio antes que ele possa me encurralar com suas perguntas ou me analisar ainda mais, com a maneira como parece estar me lendo tão abertamente esta noite.

Quando finalmente saio, solto um suspiro, que se prende no frio.

Lenin está esperando perto do carro que me trouxe até aqui, mas Nelly não está lá dentro.

Uma onda de terror sobe pela minha garganta. "Não, vamos lá."

Já conversamos. Por que papai mandaria Lenin de novo? É porque eu o fiz dizer "por favor", não é?

Talvez eu tenha exagerado. Não é a primeira vez que isso acontece.

Minha mente está sempre inventando coisas para testar os limites do meu pai.

“Podemos conversar”, tento dizer no meu tom sarcástico de sempre, mas minhas mãos estão tremendo. “Onde está o Hayes? Podemos discutir isso com ele comendo pipoca e assistindo ao seu filme de terror favorito.”

Lenin não se mexe.

E aquele filho da puta do Hayes, que geralmente me ajuda a escapar de casa sem ser notada, sumiu.

Levanto o polegar, deslizando-o pelo meu lábio inferior enquanto mordo o canto.

Então deixo minha mão cair ao lado do corpo e meus ombros se curvam.

“Eu não queria perder”, sussurro, não exatamente para Lenin em particular, mas de forma geral. “Eu não queria decepcioná-lo.”

“Mas você fez sim”, diz Lenin, com a voz mais rouca que a do meu pai. “Você tinha uma única função, que era representar a família adequadamente, mas você se envergonhou hoje à noite, não é, Preston?”

“Eu preferia quando você era mudo”, resmungo, meu coração batendo tão forte e rápido no peito que sinto que vai saltar para fora.

A voz de Lenin ressoa no ar como um chicote. “Entre no carro. Vamos dar uma volta.”

“Vou deixar para outra hora. Obrigado pelo convite.”

“Entre no carro, Preston. Ou isso, ou a Miley vai para um internato.”

Engulo em seco, minha garganta se fechando até dificultar a respiração.

Droga.

Droga.

Talvez eu devesse ter ficado com meu pai por mais tempo, ou talvez ter sido menos sarcástico para que ele não me mandasse com o Lenin.

Encaro a janela escura onde Miley dorme em paz, sem ninguém para interromper seu sono, e sei que a decisão é simples.

Com um suspiro, entro no carro e vou com Lenin até sua câmara de tortura favorita.

Aquela onde ele me corrige, a mando do papai.

Me bate um pouco, alguns socos aqui e ali, o suficiente para me colocar no meu lugar.

Porque eu errei.

Não me importo muito com a dor. Na verdade, eu gosto. Dos golpes, do sangue que escorre e enche minha boca.

É assim que me sinto vivo.

Mas não gosto que o papai me veja apenas como uma decepção a ser punida e corrigida agora.

Você sabe de quem é a culpa, sussurra um dos meus demônios.

Certo. Claro que sei. É por causa daquele capitão dos Lobos que me irritou a noite toda.

Ele vai pagar por isso.

É melhor Marcus Osborn estar com os dias contados.

4

MARCUS

“Você foi absolutamente incrível esta noite!”

Sorrio ao ouvir a voz da minha mãe ao telefone. Tenho ouvido essas palavras muitas vezes esta noite.

Você é o melhor.

Uma lenda!

Um monstro!

Mas nada disso significa nada. São apenas palavras vazias de pessoas que me darão as costas no momento em que eu parar de me apresentar bem ou ficar para trás.

São caçadores de fama, pessoas com vidas tão vazias que só encontram satisfação nas conquistas dos outros.

Esta voz, no entanto, é diferente.

É a voz da mulher que me fez quem eu sou.

A única pessoa pela qual sou grato.

“Sinto muito por não ter podido ir, querido.”

Consigo ouvi-la caminhando pelo caos que é o pronto-socorro de Stantonville.

Agora que ela se tornou enfermeira-chefe, suas responsabilidades dobraram em vez de diminuir.

“Não se preocupe com isso, mãe. Eu é que deveria sentir pena. O jogo de hoje à noite provavelmente vai deixar o pronto-socorro mais movimentado.”

“Não seja bobo. Não é sua culpa.” Ela faz uma pausa. “Como é a sensação de vencer seu maior rival?”

“Incrível.”

“Esse é o meu garoto.”

“Você sabe disso.”

“Estou tão orgulhosa de você, Marcus. Já te disse isso ultimamente?”

“Talvez duas vezes hoje.”

“Não o suficiente.” Ela ri, mas a risada vai se dissipando aos poucos. “Então me diga. Eles estavam lá hoje à noite?”

Não preciso perguntar quem são “eles”.

São os outros.

As pessoas cuja mera existência ameaça a vida que eu e minha mãe temos.

“Não”, digo, encostando-me na minha bicicleta, com os olhos fixos no céu escuro.

O ar da noite é cortante, entorpecendo meu rosto e penetrando minha jaqueta de couro até se instalar em meus ossos.

"Você está mentindo para mim?" Há suspeita no tom repreensivo da minha mãe e, honestamente, ela tem todos os motivos para se sentir assim.

"Claro que não. Acho que você os espantou outro dia."

"Ótimo", ela diz com firmeza, e eu sorrio para mim mesmo.

Digamos que nossos vizinhos intrometidos tiveram um lugar na primeira fila para ver minha mãe espantando Andrew, o doador de esperma deste que vos escreve, e seus capangas musculosos com um ferro de passar roupa em brasa.

Por mais divertida que tenha sido a cena, ela não sairá ilesa uma segunda vez.

Meu pai pode tolerar suas ameaças uma ou duas vezes, mas ele não é um homem paciente.

“Se eles te incomodarem na escola ou nos seus jogos, você me avisa, tá?”

“Claro.” Que nada.

Eu amo minha mãe, mas os métodos dela para arrumar briga com meu pai não funcionam.

Se alguma coisa acontecer, ele pode finalmente decidir que ela dá mais trabalho do que ajuda e se livrar dela.

Um cenário que não vai acontecer enquanto eu estiver por perto.

“Vou deixar vocês em paz”, digo quando ouço alguém falando com ela do outro lado da linha.

“Não exagere na festa.”

“É isso aí, capitão.”

Ela ri, mas me lembra de comer direito e de me cuidar antes de desligar.

É o mesmo mantra que ela repete há anos.

Ser mãe solteira é difícil em geral, mas é particularmente complicado na

nossa região. Eu me esforcei ao máximo para ficar longe de problemas, mas, conforme fui crescendo, as pessoas viviam... me testando.

Então eu dava socos nelas, as fazia sangrar e implorar por misericórdia, que nunca chegava.

E minha mãe tinha que ser chamada para me fazer cair na real. Depois das primeiras vezes, porém, comecei a aprender a me entregar aos meus hábitos destrutivos sem que ela descobrisse.

Em becos. Em cantos escondidos. Lugares frequentados apenas por delinquentes como eu.

Mas, para mim, nunca se tratou realmente dos problemas de raiva que a maioria desses delinquentes tinha. Eu não tenho esses problemas e controlo totalmente as minhas emoções.

Mas eu adoro o som de ossos estalando, a sensação de carne contra carne, a visão do sangue.

A sensação de derrubar alguém e vê-lo se debater à minha inexistente misericórdia.

É poder e controle que eu almejo, não violência pela violência.

Mamãe acha que as brigas, os socos e a vontade de machucar foram só uma fase que passou quando comecei a jogar hóquei.

Tudo bem. Digamos que sim.

A última coisa que eu quero é preocupá-la ou sobrecarregá-la. Ela me deu tudo desde que nasci, e eu me recuso a ser um ingrato de merda.

Não com ela.

Assim que tive idade suficiente, comecei a trabalhar meio período só para ajudar a pagar meu método favorito de descarregar a raiva: o hóquei.

Eu queria desistir no ensino fundamental depois de ver como comprar todos aqueles equipamentos caros estava afetando as finanças da minha mãe, mas ela se recusou terminantemente a me deixar fazer isso.

"Esta é a primeira coisa que você realmente me pede, e eu nunca vou permitir que você desista por causa de dinheiro. Faça o que você ama e deixe sua mãe cuidar disso, ok?"

Ok.

Em troca, serei uma estrela da NHL e darei a ela todo o dinheiro que eu ganhar.

Era o que eu pensava. O que eu ainda penso.

Apesar dos carros feios bloqueando meu caminho no estacionamento da boate no centro da cidade.

Wolverine — sim, é uma referência aos Wolves — é metade clube de motociclistas, metade bar, e nós nos reunimos lá principalmente para comemorar

nossas vitórias e escolher nossas garotas para uma transa comemorativa.

Mas ultimamente tudo isso parece um incômodo.

Sexo.

É tão... entediante.

Sim, transar com outras pessoas, prendê-las embaixo de mim e vê-las se contorcerem me dava prazer momentâneo, mas era tudo tão efêmero.

O problema é que, mesmo conseguindo ter orgasmos, eles ficavam restritos à carne e nunca me tocavam de verdade, mentalmente.

E eu já experimentei todos os orifícios possíveis. Gênero não importa.

Um orifício é um orifício, não importa a quem pertença.

Mas esse prazer superficial simplesmente não me interessava mais.

Então, parei completamente, por um tempo.

Observar, no entanto? Isso é um pouco mais interessante. Há algo categoricamente intrigante em observar enquanto os outros se entregam ao sexo, deixando transparecer sua verdadeira essência, mesmo que por um instante.

Algo que não acredito ser intrinsecamente capaz de fazer.

Talvez essa deficiência — minha incapacidade de sentir algo além dos corpos das pessoas — seja a razão pela qual o sexo se tornou uma experiência terrível.

Mesmo assim, gostaria de participar da diversão lá dentro para relaxar e aliviar a tensão que ainda se acumula nos meus ombros. Talvez esquecer o príncipe de uma certa liga, cuja pele eu anseio por explorar.

Brincar um pouco com as entranhas dele.

Provocá-lo um pouco.

Mas não posso fazer isso — nem entrar, nem esquecer o príncipe. Novamente, graças a pessoas que não deveriam estar aqui.

Cinco delas, para ser exato. Ternos impecáveis, sapatos lustrados, expressões sombrias como se estivessem posando para um discurso fúnebre. Meu voto vai para o do meu pai.

Com suas golas engomadas e postura fúnebre, eles simplesmente não pertencem a este lugar. São impecáveis demais, impecavelmente vestidos, elegantes demais para um local que cheira a uísque derramado e fumaça de escapamento.

O estacionamento da boate parece ter passado por algumas guerras e perdido todas. Asfalto rachado, restos de chiclete e garrafas de cerveja jogadas em poças que exalam um cheiro de algo morto embaixo. A luz acima da porta pisca como se estivesse em estado vegetativo, banhando tudo em um amarelo zumbido e deprimente que faz seus ternos parecerem baratos.

Em meio a eles, está uma mulher morena vestindo o terno mais elegante, um

rabo de cavalo apertado e saltos agulha.

“Não tive a chance de me apresentar da última vez. Meu nome é Lyra e sou a representante legal da família Osborn.”

“Uma representante legal precisa de tantos guarda-costas?” Desço da bicicleta e caminho em sua direção. Ela permanece imóvel, mas seus lábios se contraem levemente quando paro a poucos passos de distância. “Ou será que você está com medo de mim?”

“Esses senhores foram enviados por seu pai para garantir sua segurança, Sr. Osborn.”

Dou uma risada, e está longe de ser engraçada. Na verdade, é tão sarcástica que uma aura de desconforto toma conta do grupo.

“Hilário”, digo com a voz inexpressiva. “Você não acha que toda essa situação é categoricamente hilária, Lyra?”

“Receio não ver a relação.”

“Não? Que engraçado, porque o homem que me gerou não se importou nem um pouco com a minha existência durante toda a minha vida. Agora que ele perdeu seus herdeiros homens, eu sou uma espécie de messias? Acho isso extremamente divertido. Não acha?”

Ela pigarreia. “Por favor, considere isso com muita atenção, Sr. Osborn. A família está lhe oferecendo incentivos generosos. Sua mãe terá sua própria mansão em Graystone Ridge, e o senhor terá uma cobertura, além de um número substancial de ações da Osborn Corporation e suas subsidiárias. Naturalmente, suas dívidas estudantis serão quitadas, e todas as dívidas de sua mãe também serão pagas.”

“Receio que isso não seja suficiente para eu vender minha alma ao diabo.” Empurro os homens para o lado. “Transmita meus pêsames ao papai pela morte iminente de seu legado.”

“Você não pode fugir de quem você é para sempre, Sr. Osborn.” A voz dela ecoa atrás de mim.

“Observe”, digo sem olhar por cima do ombro.

“Lamento informar que talvez tenhamos que recorrer a medidas drásticas no futuro.”

Não respondo. Eles não merecem minhas palavras.

Eles não podem me machucar agora que sou a única opção de sobrevivência deles. Também não podem machucar minha mãe, porque isso com certeza me faria perder completamente a cabeça com suas vidas miseráveis.

Meu pai não tem um pingo de instinto paterno, mas não é idiota. Além disso, é um homem de negócios. Ele vai continuar tentando encontrar a melhor maneira de me recrutar para o seu lado. Não importa se leva um ano, dez ou

vinte, ele vai continuar tentando.

E eu vou continuar destruindo as esperanças dele todas as vezes. Assim como ele destruiu as minhas todas as vezes que eu o esperei e ele nunca apareceu.

Será minha doce vingança contra o homem que sempre foi um problema na minha vida e na da minha mãe.

No momento em que eu entrar na boate, ela explode em comemoração — gritos misturados com álcool e palavras arrastadas. Mãos ansiosas me tocam pelas costas, corpos suados se comprimem, todos tentando me alcançar.

Forço meu sorriso público como se fosse uma segunda pele, erguendo meu copo e retribuindo os elogios com as frases de sempre: "Foi um esforço de equipe" ou "Uma salva de palmas para meus companheiros, Richardson e O'Connor".

Minhas tentativas de modéstia não funcionam muito bem. Os caras me carregam e me jogam para o alto, fazendo o clube inteiro gritar: "Capitão! Capitão! Capitão!"

É... inconveniente, para dizer o mínimo.

Mas eu aguento. Eles se mataram por este jogo, e vencer os Vipers já é um campeonato por si só. Somos poeira comparados ao financiamento, aos equipamentos e aos técnicos renomados deles.

A única razão pela qual vencemos foi pura determinação.

E bem, eu consegui neutralizar o ala esquerda deles, o imprevisível Armstrong.

Não que eu não tenha tentado nos jogos do ano passado ou nos anteriores, mas ele sempre foi escorregadio e como um camaleão, mudando de personalidade em uma fração de segundo.

Ele também mal me deu atenção, preferindo marcar os defensores.

Isso me fez treinar mais a defesa? Talvez. Eu sou mais um centro ofensivo — ou era. Nos últimos dois anos, tenho jogado na defesa como ninguém.

Aperfeiçoei a defesa a tal ponto que nem o Richardson consegue acompanhar, e ele é um dos melhores defensores da liga.

E tudo valeu a pena, porque hoje à noite, finalmente consegui marcá-lo.

Uma descarga elétrica percorre meu corpo ao me lembrar do desprezo que emanava dele em ondas quando me jogou contra a prancha.

Foi tão violento que a prancha se estilhaçou e ele caiu em cima de mim, os olhos selvagens, os dentes à mostra enquanto ofegava como um animal ferido.

Um animal encurralado.

Mesmo sendo ele quem me esmagava contra o chão.

Estendi a mão para ele naquele momento. Não faço ideia do porquê.

Mesmo pensando nisso agora, não sei o que eu queria fazer. Tirar o capacete dele? Tocar seu rosto?

Ou seria algo muito mais sombrio, como três anos atrás?

Não tem como saber, porque Kane o tirou de cima de mim e Jude começou a lutar comigo.

Que complicação, na verdade.

Eu o golpeei com mais força do que costumo fazer nessas escaramuças porque ele interrompeu algo importante.

Algo que poderia ter sido importante.

Eu cambaleio enquanto os caras finalmente me soltam, mas isso tem menos a ver com estar no chão e mais com a necessidade vertiginosa de quebrar a máscara de Armstrong.

Esta noite, eu comecei uma rachadura fina, mas posso torná-la maior, mais larga e tão avassaladoramente profunda que ele ficará irremediavelmente destruído.

Meus companheiros de equipe estão curtindo muito, e eu os deixo fazer o que quiserem. Eles merecem isso.

Todos na boate estão dançando, conversando, se esfregando, bebendo, bebendo e bebendo mais.

Eu me junto a eles por um tempo, deixando a onda me levar, jogando a cabeça para trás e me perdendo na música alta e grave.

Mas nenhuma dessas sensações intensas consegue desfazer os nós que apertam meus ombros.

Nem a dormência que me incomoda no peito.

É difícil sentir qualquer coisa me estimulando. Sei que, em teoria, sexo, álcool, festas e tudo o que as pessoas da minha idade curtem deveria ser divertido.

Mas não é.

Além do hóquei e da minha bicicleta, não encontro prazer em nada.

Mas finjo que sim.

Vou até o bar e peço uma bebida, de olho nos caras para ver se algum deles exagera.

Ainda temos um treino leve amanhã e, embora tenhamos vencido o jogo de hoje, este é apenas o começo, não o fim do campeonato.

Pretendo ganhá-lo este ano, o que me dará muitas opções na NHL e, mais importante, um salário melhor.

O’Connor e, principalmente, Richardson também têm a chance de se profissionalizar se conseguirem se concentrar no jogo e pararem de se distrair com sentimentos confusos e relacionamentos passageiros.

“Capitão!” Richardson desliza para o banco ao meu lado, com cheiro de uísque, e me mostra o celular. “Você viu isso?”

É um artigo de uma grande revista esportiva online. O título é: Os Wolves esmagam os Vipers em uma noite sensacional.

“Eles usaram a palavra ‘esmagam’. Não é incrível? Os torcedores deles estão chorando de verdade nos comentários.”

“E com razão.” Pego o celular da mão dele e envio o artigo para mim mesmo.

“Boa ideia. Vou mandar no grupo.” Ele digita sem parar, sem olhar para mim. “Tenho mais artigos, então vou mandar esses também. A mídia está babando pela sua atuação, Capitão!”

“Você também foi ótimo, Richardson.”

Ele me dá aquele sorriso juvenil, depois volta a se concentrar no celular, trocando mensagens.

Pego o meu, abro o artigo que enviei e dou zoom na foto principal.

Meu capacete está pressionado contra o de Armstrong, minha mão cerrada na gola da camisa dele.

Não dá para ver muito bem na foto, mas eu estava debochando enquanto ele me encarava, ameaçando me matar, me picar em pedacinhos e guardar meu crânio como lembrança.

Armstrong parece ser muito expressivo com seus pensamentos macabros, e talvez isso não seja saudável ou seguro, mas eu gostaria de ver o que mais ele consegue inventar.

Só mais uma vez.

É só isso.

Não é muito sábio. Eu sei.

Mas tem algo em Preston Armstrong…

Dou um zoom no rosto dele, e um choque violento me percorre, ativando cada nervo.

Agora, isso é interessante.

Seria hilário se eu não achasse essa atenção mórbida que estou dando a Armstrong um pouco perturbadora.

Ele ainda não sabe, mas esta noite, ele me deu a oportunidade que eu precisava para tê-lo exatamente onde eu quero.



DEPOIS DE ME CERTIFICAR DE QUE TODOS OS MEMBROS DA MINHA EQUIPE FORAM

para casa, sozinhos ou com seus parceiros da noite, saio da boate.

Mas não volto para casa.

Não posso.

É uma da manhã e estou agitado demais para dormir. A bebida não ajudou, e nem o fato de estar atuando como gerente não remunerado do time. Nada embotou meus sentidos o suficiente para que eu consiga dormir.

E como não posso arrumar briga com estranhos aleatórios — bem, até posso, mas seria um transtorno hoje à noite — vou de bicicleta até a arena.

Patinar sozinho de madrugada e treinar arremessos sempre me ajudaram a me reconectar com a realidade.

São uma e quinze quando entro na arena. O ar está mais frio aqui, pesado com o cheiro de suor velho e um leve odor de desinfetante.

As luzes estão quase apagadas — apenas algumas lâmpadas fluorescentes zumbindo, deixadas acesas por algum zelador preguiçoso. O resto do lugar mergulha nas sombras. O eco das minhas botas no corredor de concreto soa alto demais no silêncio.

E essa sensação de solidão é… reconfortante.

O treinador às vezes me chama de lobo solitário, não porque eu não saiba trabalhar em equipe — não me tornei capitão por egoísmo —, mas porque ele diz que eu me destaco mais quando estou sozinho.

É verdade.

Eu sempre fiz as coisas sozinho enquanto minha mãe lutava pela vida, trabalhando em mais turnos do que era humanamente possível para garantir o sustento da família.

Não é que papai nunca nos desse dinheiro. Ele dava, sim. Mas ela se recusava a usá-lo, só mexendo nele quando a situação ficava insustentável. Ela guardou o resto em um fundo fiduciário para mim, que eu também me recuso a usar, mesmo quando fizer vinte e cinco anos.

Papai chama isso de orgulho de pobre. Não é. Mamãe e eu só queríamos que ele fosse pai, o que ele mal foi. Não precisamos do dinheiro dele.

O vestiário está vazio. Sacolas de equipamentos enfileiram-se nos bancos, úmidas do jogo anterior. Deixo minhas chaves caírem, passo a mão no rosto e paro ao perceber que meus patins e meus cinco tacos sumiram.

Um estalo seco, como um trovão preso dentro de casa, ecoa no ar. Depois outro. E outro.

Madeira quebrando.

Sigo o caminho pelo corredor, passando pela sala de equipamentos e pelas máquinas de venda automática, até que o ar muda, ficando mais frio, mais cortante, mais limpo.

Meus passos diminuem perto da pista quando vejo quem está lá.

Preston Armstrong.

A jaqueta e a calça jeans do Vipers parecem desbotadas sob a luz fraca, mas os patins em seus pés são inconfundivelmente meus. Tacos quebrados espalham-se pelo gelo ao seu redor enquanto ele desliza em círculos dispersos, um fantasma percorrendo o mesmo caminho.

Seu cabelo está uma bagunça, mechas loiras úmidas caindo sobre a testa, o lábio rachado, e ele faz uma leve careta ao dar um gole em uma garrafa de Jack Daniels.

E por um instante, eu simplesmente fico ali parado.

Esqueço qualquer chilique que ele esteja fazendo ou os mais de cinco mil dólares em tacos que ele quebrou.

Algo é muito mais interessante.

O próprio homem.

Preston é realmente um príncipe. Dourado demais, natural demais, mas, de alguma forma, ele ainda consegue eletrizar o ar ao seu redor com algo bruto e ancestral.

A luz incide sobre seus cabelos e os transforma em ouro líquido, ondas suaves roçando a gola de sua jaqueta dos Vipers. Seu rosto é uma contradição — linhas suaves, contornos nítidos, uma simetria tão precisa que parece esculpida em algo mais deliberado do que osso.

Mas são seus olhos que não consigo parar de seguir.

Verdes, mas não daquele tipo gentil. Não são verdes como os de um prado ou da primavera. Os dele são mais escuros, mais profundos — algo próximo do perigoso. O tipo de olhos que eu imagino serem a última coisa que eu veria antes de me afogar. Eles me puxam e puxam, até eu esquecer que deveria respirar.

Talvez estejam enfeitiçados.

Mesmo machucado, com o lábio rachado, o cansaço estampado no rosto e meia garrafa no estômago, ele ainda parece intocável. Como se o universo o tivesse criado a partir da pura tentação e nos desafiado a resistir.

Ele ainda tem aquele rosto de príncipe encantado — etéreo, radiante, uma beleza que parece que você está olhando para uma lâmpada de propósito. É ofuscante de todas as maneiras erradas, mas eu simplesmente não consigo parar de olhar.

E talvez seja por isso que eu quero roubar essa luz, engarrafá-la e tê-lo só para mim.

Dar um empurrãozinho nele, puni-lo um pouco por ousar me esquecer.

Não que eu esteja ressentida por algo que aconteceu há quinze anos, mas quem sabe. Talvez eu esteja.

Enquanto o observo, sinto uma vontade enorme de colocá-lo sobre o meu joelho e lhe ensinar boas maneiras.

Afinal, foi ele quem apareceu de repente à minha porta.

Dou um passo à frente, saindo de trás dele, minhas botas rangendo no gelo.

Meus passos vacilam quando noto algo.

Logo atrás da sua orelha esquerda, há uma tatuagem de yin e yang, pequena e discreta, contrastando com a pele lisa e pálida do seu pescoço.

Preston se vira lentamente, o anel preto em seu dedo indicador raspando no gargalo da garrafa.

Me movo antes que meu cérebro consiga processar a informação.

Parando atrás dele, deslizo minha mão pelo seu pescoço, agarro um punhado de seus cabelos dourados e puxo sua cabeça para trás, fazendo-o olhar para mim.

De perto, seus olhos estão vidrados, desfocados, mas algo acontece quando ele me vê.

Eles se arregalam. Apenas um pouco, o olhar acariciando meu rosto tão de perto que me causa um arrepio.

O Preston Armstrong, que considera a impassibilidade um esporte olímpico no qual se destaca mais do que no hóquei, parece não conseguir controlar sua expressão perto de mim.

A visão me ilumina, espalhando-se pela minha espinha como uma explosão ardente.

Parece que Preston realmente se meteu em uma grande encrenca dessa vez.

Porque estou com vontade de testar seus limites e ultrapassá-los.

Um sorriso surge em meus lábios enquanto uma tensão sádica se acumula em meu estômago. "Bem, essa é uma maneira de dizer que você sente minha falta, meu príncipe."

5

PRESTON

Então, eu não pretendia vir aqui esta noite.

Ou nunca, na verdade.

Onde diabos fica este lugar, afinal?

A arena dos Lobos, é claro. O último lugar para onde eu deveria ter dirigido depois da surra que levei do Lenin, por ordem do meu querido pai.

Toda vez que eu faço uma besteira épica, tenho que aprender a lição.

Ou, tipo, ser punido como deve ser.

Levar uma lição.

Normalmente, eu dirijo por aí sem rumo, quase bato o carro ou tento participar de uma caçada com membros da Vencor.

Como membro veterano, eu não preciso mais matar, mas que se dane essa regra. A única coisa boa da Vencor é matar.

Ou, mais precisamente, caçar.

Mas quanto mais subimos na hierarquia da Vencor, menos divertido fica. É mais supervisão e menos ação nesta fase.

Depois de nos formarmos, Kane, Jude e eu passaremos pelo teste final para nos tornarmos Fundadores. Uma posição que só pode ser alcançada por quem nasceu em uma das quatro famílias fundadoras.

Que ótimo, eu acho.

Isso significa que nos tornaremos nossos pais?

Que nojo. Só de pensar nisso já me deu uma baita vergonha alheia.

A questão é que eu deveria ter me juntado a alguns membros em uma caçada ou ido perturbar Jude e Kane.

Mas não, a minha versão de uma hora atrás achou essa perspectiva ridícula. Ir até Kane e Jude, que ou me questionariam sobre o meu desastre ou me observariam atentamente como se eu estivesse prestes a desmoronar?

Não, obrigado, disse meu cérebro genial enquanto nos guiava direto para a cidade imunda que cheira a mijo, vômito e drogas.

Este buraco é um perigo para a saúde, eu te digo.

Mas também é o local onde minha doce vingança contra Osborn acontecerá.

Ele é o motivo de eu ter estragado tudo hoje à noite, levado uma bronca do meu pai e apanhado do Lenin.

Meu peito ainda range um pouco quando respiro por causa do soco daquele bruto, mas os analgésicos misturados com o bom e velho Jack Daniels ajudam.

Principalmente porque finalmente estou anestesiado.

Mas não anestesiado o suficiente para desistir da minha vingança, porque foi exatamente isso que eu fiz.

Diga olá para os gravetos quebrados do Osborn. Eles nem são de alta qualidade, exceto um, mas já se foram, e o camponês ficou sem graveto da sorte.

Ops.

Aquilo foi tão cruel. Eu faria tudo de novo.

Mas essa decisão me trouxe até aqui, a este momento, com os dedos grossos de Osborn em meu cabelo e meu corpo inclinado para trás em uma posição nada ideal.

"Que bom que você se juntou a nós, Osborn." Sorrio para ele, as palavras saindo da minha boca com mais naturalidade do que deveriam. "Receio que o ritual de quebra de gravetos esteja encerrado."

Osborn — ou seu gêmeo. Sério, ele criou um da noite para o dia? — me encara, impassível. Agora que o capacete sumiu, ele parece ainda mais desumano.

Como um vampiro. Olhos tão assustadoramente escuros, quase como se o cinza tivesse apagado o azul. Seu cabelo é curto nas laterais e volumoso no topo, com uma mecha rebelde caindo sobre a testa.

Essa mecha está me irritando agora. Ou talvez seja o rosto dele inteiro.

Acho que ficaria muito melhor com alguns hematomas, um nariz quebrado e um olho roxo.

Preciso fazer alguma coisa para quebrar essa simetria grosseira que está me irritando.

Há uma tensão entre nós, apertando meus pulmões como uma corrente.

Espera. Tem uma corrente.

Ou um vestígio dela aparecendo na gola da camisa dele.

Imagino como deve ser o resto. Aposto que é feio.

É melhor que seja feio.

"É você que vem aceitar minha oferta, Armstrong, hein?" Ele se inclina, e percebo que está perto.

Perto demais, na verdade — e não é só a mão dele emaranhada no meu cabelo. É o jeito como ele se inclina sobre mim, bem atrás de mim, quase sem espaço nenhum entre nós, perto o suficiente para eu sentir o cheiro dele. Álcool. Carvalho fresco. Couro.

Ele sempre cheira a isso — couro — mesmo no meio do jogo, encharcado de suor, soterrado sob o equipamento.

Agora, o cheiro vem da jaqueta surrada que ele está usando, o aroma denso e avassalador. Como uma faísca de danação roçando a minha nuca.

"A oferta de arrancar seus dentes? Claro." Levo a garrafa de álcool à boca, mas estou toda inclinada para trás e meu equilíbrio não é dos melhores, então um pouco do líquido derrama e escorre pelo meu queixo.

E é aí que a atenção de Osborn está agora. No meu queixo. Não, talvez um pouco mais acima?

Seu olhar acaricia minha pele como se fossem suas mãos, grossas, grandes e desestabilizadoras.

Meus lábios formigam e me distraio por um segundo, porque seus olhos brilham com algo intenso e reluzente, e eu quero arrancá-los, estudá-los por um instante, cegá-lo completamente enquanto isso.

Mas é, não no meu estado atual, porque estou cambaleante, minha visão está turva e mal consigo ficar em pé. Alguns diriam que misturar álcool e analgésicos não é a ideia mais brilhante, mas talvez fosse essa a intenção.

"A proposta era diferente, não era?" Seus olhos encontram os meus, sua voz baixando um pouco. "Concentre-se, Armstrong."

"Difícil fazer isso com você respirando na minha nuca, seu tarado."

O idiota se inclina ainda mais, de modo que sua boca fica a poucos centímetros da minha. Seus lábios se curvam um pouco para cima, como se ele achasse toda essa troca tediosa divertida. "Eu te distraio?"

"Você me irrita."

"Sinto-me honrado."

"Isso não foi um elogio."

"Discordo." Sua respiração dança pela minha mandíbula, sobre a umidade do álcool, zumbindo na minha cabeça mais do que o Jack Daniels. "Que tal eu te lembrar da oferta?"

“Não, obrigado, não estou interessado. Falando em coisas interessantes, descanse em paz, Osborn. Ouvi dizer que vocês estão com problemas de financiamento, então quem vai substituí-los? Que pena. Posso ajudar se você se

ajoelhar e implorar com muita jeitinho. Mas precisa ser convincente. Nada de atuação amadora. Se eu gostar da performance, posso até te dar baquetas premium para substituir as suas medianas.”

Estou falando em frases longas porque ele está respirando no meu rosto num ritmo profundo e controlado. Sua respiração suave roça minha pele como a droga mais recente do mercado.

Embora essas danadinhas não me façam efeito nenhum. Já experimentei antes e só conseguiram atiçar meus demônios.

Isso, no entanto, me deixa nervoso.

Meu estômago se contrai e a adrenalina dispara do ponto onde ele me toca, espalhando-se até meu peito já apertado.

Voltou — aquela sensação repugnante e incontrolável que tive durante o jogo. A mesma que me fez achar que Osborn ficaria melhor espatifado contra a parede e me rendeu uma penalidade.

Não há jogo agora, nem torcida, nem barulho. E, de alguma forma, o efeito é o mesmo. Pior, na verdade. Com apenas o silêncio opressivo e o zumbido das luzes fluorescentes, a sensação é mais forte, como se estivesse tentando escapar de mim.

Enquanto a estática inunda meu cérebro, balanço a cabeça negativamente.

Não.

Jurei nunca mais permitir que Osborn tivesse esse tipo de poder sobre mim. Ele não vai me fazer perder o controle.

Então, mesmo que eu queira cortar a mão dele fora por me tocar, não vou me afastar de repente, nem brigar com ele, nem demonstrar o desconforto que ele está me causando.

Cale a boca e aguente, seu merdinha. Tudo acaba. Isso também vai acabar, eventualmente.

Obrigada pelo discurso motivacional, demônio. Que charme.

"Se você quisesse me comprar uns paus de primeira, era só trazer", ele diz com palavras ásperas que parecem ser ditas na minha boca em vez de contra ela. "Mas você escolheu fazer esse escândalo para chamar minha atenção. Bom, você conseguiu, príncipe encantado. O que vem a seguir?"

“Errado.” Levo a garrafa à boca, imaginando que ele desviaria o rosto do meu — mas ele não desvia. “Eu não tinha planos de comprar cigarros premium para você, e não vou. Só estou dizendo que talvez compre se você se ajoelhar e implorar.”

“É aí que você me quer?” Seu sorriso malicioso se espalha lentamente, seu olhar percorrendo minha boca mais uma vez. “De joelhos?”

Meus lábios se entreabrem porque o gargalo da garrafa está praticamente

preso entre nós agora, e não consigo levantar a mão mais — não quando sua respiração roça meus lábios úmidos como uma maldição.

Sinto um arrepio na espinha. Ou finjo sentir. Estou enojada. Completamente. Absolutamente. Tão enojada que poderia vomitar.

A qualquer segundo.

A qualquer segundo…

Mas não vomito, e nada mais acontece.

Nem a náusea, nem a estática. Simplesmente nada.

Na verdade, acontece alguma coisa.

Os lábios dele.

Eles descem cada vez mais, aproximando-se enquanto a tensão aumenta entre nós, carregando o ar com a força de uma explosão.

Minha respiração fica presa na garganta, como se eu fosse sufocar sem nenhuma pressão.

A boca dele está prestes a tocar a minha.

Faça alguma coisa.

Pare com isso—

Osborn muda de direção no último segundo e envolve os lábios na garrafa, a outra mão deslizando sobre a minha, me obrigando a incliná-la mais para que ele possa beber.

O pomo de Adão dele sobe e desce uma, duas vezes, e eu acompanho o movimento sem querer. Engulo em seco, minha garganta se fechando, meu corpo inteiro enrijecendo como se eu tivesse levado um choque.

O ruído estático volta a inundar minha cabeça.

É como se minha mente fosse uma TV antiga travada entre canais. O som chia, o mundo pisca, e eu estou presa em algum lugar entre o muito alto e o muito baixo.

Não consigo falar — tudo o que posso fazer é observar Osborn deixar um pouco do álcool escorrer de sua boca para a minha, deslizando pelos meus lábios entreabertos e queimando minha língua.

E ele também está observando. Seu sorriso debochado de sempre desaparece, e seus olhos brilham com uma intensidade tão forte que me deixa sem ar.

É quase... deslumbrante.

Cegante, até.

"Hum. Talvez eu devesse considerar seriamente me ajoelhar." Ele estica a língua e a passa pelo lábio inferior, e meus olhos acompanham o movimento, meu cérebro entrando em curto-circuito por uma fração de segundo.

Então, o longo e irritante ruído estático desaparece, e o mundo exterior volta a invadir.

Como uma bomba sonora, tudo entra de uma vez.

Me afasto bruscamente da órbita de Osborn, praticamente me lançando pelo gelo, tropeçando em alguns galhos quebrados e quase caindo antes de conseguir me equilibrar.

Ele não se move, apenas me observa atentamente com uma leve inclinação da cabeça e um sorriso irritante nos lábios.

Ei, pare de encarar os lábios dele, diz meu cérebro.

Só um segundo, respondem meus olhos, ou a outra metade do meu cérebro, ou seja lá qual for o filho da puta incompetente que está no comando agora.

Minha respiração se aprofunda, ficando mais ofegante do que se eu estivesse fazendo um exercício aeróbico intenso, meu peito subindo e descendo em sincronia com meus nervos à flor da pele.

Aquelas que nem mesmo minha mistura de álcool e analgésicos parecia acalmar — dou nota três de cinco para essa mistura por conta da inconsistência.

"Então..." Osborn caminha em minha direção com a maior calma, e eu observo cada passo dele como se ele fosse pular em cima de mim a qualquer segundo.

O que é ridículo. Eu que pulo em cima das pessoas, não o contrário.

"Isso é uma tara?" Ele para a alguns passos de mim e chuta um dos patins destruídos. "Usar e destruir minhas coisas, quero dizer."

Eu estreito os olhos, então me lembro que coloquei os patins dele porque queria patinar no gelo bêbada e possivelmente drogada. Outra decisão que a minha versão de menos de uma hora atrás achou genial, e ele obviamente está sendo deserdado neste exato momento.

Você está demitido, demônio.

“Esses patins são grandes demais para você, meu príncipe. Você vai se machucar.”

“Ah, preocupado comigo? Que comovente. Espere, deixe-me derramar algumas lágrimas pelo esforço.” Finjo enxugar os olhos.

“Preocupado? Não exatamente. Só odeio limpar sangue do meu gelo.”

“Não se iluda. Eu não sangraria por você.”

“Não, mas você sangraria em mim, não é?”

Ele diz isso em um tom rouco enquanto dá um passo à frente. Com os patins, ficamos quase da mesma altura, e eu consigo olhar para ele de cima.

Mantenho minha posição, recusando-me a me mover — porque dane-se tudo isso — mas meus dedos apertam o gargalo da garrafa. “Você parece desequilibrado. Devo pedir uma ordem de restrição?”

“Eu é que deveria preencher um desses formulários, considerando que você se entregou na minha pista de gelo no meio da noite, agindo como uma péssima

perdedora.” Ele estende a mão em direção ao meu rosto.

Dou um tapa na mão dele com a garrafa, espalhando gotas de álcool no gelo. “Não me toque.”

“Por quê?” Ele inclina a cabeça lentamente, como se eu fosse um enigma que ele está tentando desvendar. “Com medo de alguma coisa?”

“É, de pegar alguma doença neste buraco. Só para constar, é um risco à saúde estar aqui, então, se você quiser doações, tudo o que precisa fazer é se tornar minha serva por uma semana.”

“Nossa, isso é mais uma tara? Conte-me mais.”

Esse filho da puta tem parafusos soltos. Estou tentando me lembrar se ele sempre foi tão insuportável assim.

É verdade que só conheci Osborn no gelo.

Tenho quase certeza de que ele era... bem, um pirralho mimado que roubava a atenção da mídia sem esforço, mas era mais parecido com o Kane. Silencioso e entediante.

Agora, ele está... diferente.

Não consigo explicar exatamente, mas algo mudou no jeito que ele fala. Ele está quase tão irritante quanto eu.

"No que você está pensando? Fala comigo." Ele estende a mão de novo, e dessa vez, eu bato com a palma da minha mão livre na traqueia dele, sufocando-o num instante, impedindo-o de me tocar.

"Que parte de 'não me toque' você não entendeu, seu filho da puta?"

Ele levanta as duas mãos. "Foi inocente."

"Não tem nada de inocente em tocar!"

Minha voz se eleva e respiro com dificuldade, apertando meu pescoço com tanta força que consigo sentir os tendões se contraindo e flexionando.

"Você quer me matar?", ele pergunta, com dificuldade, o rosto ficando vermelho. "Vai em frente, querido. Tenho certeza de que você vai fazer parecer fenomenal."

C-querido.

Esse idiota me chamou de querido?

Eu vou matar esse filho da puta—

"Adoro a sua cara, Armstrong." Seus músculos se contraem, as palavras mal saem de sua garganta, mas ele continua tagarelando.

"Aprenda a calar a boca!"

"Ah, não. Perdendo a cabeça? Não gosta de ser encurralado?"

"Continue sonhando." Eu o empurro. "Eu não deixo ninguém me encurralar."

“Todo mundo acaba fazendo isso… eventualmente.” Ele passa os dedos sobre as marcas vermelhas que deixei em sua garganta. Meu peito se contrai ao

ver aquilo. “Algumas pessoas simplesmente conseguem ficar bonitas.”

Deixo um sorriso cruel se formar em meus lábios. “Você acha que estou bonita?”

“Acho que você sabe exatamente como você está. Esse é o problema.”

“Então pare de olhar.”

“Não. Acho que não vou parar.” Ele me examina com o olhar, do meu rosto ao meu peito, aos patins, e volta a olhar para cima. Quanto mais tempo ele me encara, mais forte fica a queimação no meu estômago, apertando e comprimindo como se eu fosse vomitar.

Seus olhos encontram os meus, calmos, mas com algo escondido logo abaixo da superfície. “Estou gostando demais da vista.”

“Então não estou gostando.”

“Essa palavra existe?”

“Agora existe.”

“Se você diz.” Ele estende a mão novamente. “Que tal continuarmos de onde paramos? Estou aberto a ouvir sua contraproposta.”

“O quê?”

“Eu te fiz uma proposta, te convidando para sentar no meu pau, lembra?”

A estática aumenta, zumbindo ao fundo, tentando dominar meus pensamentos, mas eu forço um sorriso debochado. “Você é gay? É isso?”

O sorriso dele se alarga. “Você quer que eu seja gay?”

“Por que eu iria querer? Só estou checando, considerando toda a sua paquera descarada.”

“Descarada, é?”

Esse babaca e esse jeito dele de fazer perguntas como resposta são irritantes pra caralho. “Sim, descarada.”

“Isso significa que você sabe que estou flertando?”

“Você é descaradamente óbvio.”

“Que bom que você percebeu. Eu estava começando a me perguntar se você não tinha entendido.”

“Então você é gay.”

“Se você quiser. Posso ser — para os propósitos atuais. Eu gosto de todo mundo e não ligo para rótulos.”

Que diabos isso significa? Pansexual? Não, ele não disse isso quando poderia ter dito, então o termo correto seria “sem rótulos”?

Embora eu não soubesse que ele gostava de todo mundo.

Eu sei com certeza que ele se relaciona com garotas. Ele namorou a Dalton — a atual obsessão do Kane. O nome verdadeiro dela é Dahlia, mas ela nunca vai me ouvir dizer isso em voz alta.

Será que isso é mais um dos meus ataques de birra? Talvez.

Levanto o queixo. “Sinto muito em te dizer isso, mas sou hétero até a medula.”

Ele me olha de cima a baixo novamente com aquele sorriso irritante curvando os lábios. “É mesmo?”

“Sim. Mas você pode admirar de longe, ou se juntar ao clube ‘Quero Transar com Preston’. Está bem cheio lá dentro, então tome cuidado.”

“Em vez de um clube, prefiro a coisa real.” Ele elimina a distância entre nós em uma fração de segundo.

Meus olhos se arregalam quando ele envolve minha nuca com a mão e começa a se inclinar para frente. Minha pele parece esticada demais, cada centímetro distorcido, como se eu estivesse caindo em queda livre naquele abismo da minha cabeça.

Aquele profundo nojo ressurge, e a náusea enche minha garganta.

Em um momento de pânico absoluto, fecho a mão em punho e dou um soco no rosto de Osborn. Ele perde o equilíbrio, sua mão caindo da minha nuca enquanto ele cai.

Enquanto me viro e vou embora, sua risada zombeteira ecoa nos meus ouvidos.

Esqueçam a vingança mesquinha. Vou fazer da vida desse cara um inferno por ter ousado me tocar.

Ninguém me toca assim.

Ninguém.

6

PRESTON

“E eu fiquei tipo, ‘chupa meu pau, suas vadias!’” Eu rio. “Desculpem o palavrão, a menos que não queiram. Viram o que eu fiz? Porque seu sobrenome é francês e eu sou meio francês?”

Minha piada cai em ouvidos surdos, ou melhor, nos ouvidos da Dra. Duret. Porque, sim, claro que eu preciso de médicos. Ela é uma delas — a terapeuta com quem converso enquanto ela rabisca anotações em seu caderninho preto.

Digamos que eu talvez tenha tentado estrangulá-la na primeira vez que nos encontramos. Em minha defesa, eu tinha uns onze anos, minha mãe tinha falecido e eu havia assassinado um professor a sangue frio. Isso fez meu pai surtar, tentando me consertar com todos os métodos necessários.

Isso incluía, claro, ligar para seu amigo predileto, Regis Callahan — o pai de Jude —, que dedicou seu império farmacêutico a "me fazer melhorar". E foi aí que Julian entrou na história — sabe, aquele cara ambicioso que agora está assumindo o lugar de Regis e supervisionando a Operação "Quantas Remédios Podemos Injetar no Preston Antes que Ele Desmorone e Morra?".

Enfim, a Dra. Vivienne Duret apareceu nessa época. Ela não é minha psicoterapeuta principal — esse título pertence ao Dr. Fenwick, com seus métodos excêntricos, seus hábitos de testar drogas e a aprovação do meu pai.

A Dra. Duret é minha terapeuta de conversa. Aquela com quem eu falo sobre tudo o que eu quiser, e ela é paga para me ouvir.

No primeiro dia em que nos conhecemos, ela me perguntou se eu queria alguma coisa, então eu disse: "Quero te matar", e me joguei em cima dela. Foi tudo tão confuso que mal me lembro, mas enfermeiras e outros médicos

correram e me afastaram enquanto eu chutava e gritava: "Vou matar vocês! Vou matar todos vocês!"

Não foi meu momento mais brilhante. Mas, pensando bem, eu tinha só onze anos, então me perdoo.

Brincadeira. Eu matei aquela versão de mim de antigamente.

Já matei muitas versões de mim na minha vida.

Enfim, depois desse episódio, qualquer outro médico teria dito: "De jeito nenhum. Não me pagam o suficiente para isso", e teria pedido demissão. Mas não a Dra. Duret. Meu pai deve estar pagando uma fortuna para ela, já que ela está lá há mais de uma década.

A Dra. Duret é excêntrica à sua maneira. Senão, por que ela aturaria um maluco como eu?

Embora ela não pareça. Excêntrica, quero dizer. Mas, pensando bem, você já me viu? Eu me camuflo demais com o ambiente.

Talvez ela seja igual.

A Dra. Duret não parece ser alguém que pertence a Graystone Ridge ou Vencor — sim, ela é membro, a julgar pelo colar de serpente.

Ela é calma demais para este lugar, suave demais. Seu cabelo castanho curto está sempre liso, e seus olhos são daquele verde-claro estranho que se vê em pinturas antigas, algo entre vidro e espuma do mar.

Ela é esbelta, graciosa de uma forma ensaiada. Cada movimento que ela faz é silencioso e calculado.

Hoje, ela está vestida com uma blusa creme com um laço preto, uma saia escura impecável e um cardigã azul-marinho que parece recém-passado. Ela exala um leve aroma de jasmim e sabonete fresco que me agrada.

Há também um difusor de jasmim no canto do quarto, espalhando o perfume ao meu redor até criar uma atmosfera aconchegante.

Às vezes, quando me sento à sua frente, sinto como se estivesse dentro de uma bolha. Tudo lá fora desaparece — a estática, o barulho, o mundo.

Se ela não fosse a guardiã do meu pai, nos daríamos perfeitamente bem.

Bem, pelo menos ela me deixa visitá-la no subúrbio, onde mora sozinha com uma infinidade de plantas. Comecei a aparecer por lá quando tinha uns quinze anos, só para irritá-la.

Eu queria transmitir a mensagem de que poderia descobrir onde ela mora e matá-la, mas então ela disse que, se eu me sentisse mais confortável indo à casa dela em vez da clínica dos Callahan, eu seria bem-vindo.

Essa foi uma decisão óbvia. Não precisava nem perguntar duas vezes.

A casa dela fica no alto de uma colina, bem na divisa de Graystone Ridge. Não é tão luxuosa quanto Ravenswood Hill, mas através das enormes portas

francesas, você consegue ver parte da cidade e o rio que heroicamente nos protege do completo desastre que é Stantonville.

E assim, meu humor despenca direto para a mesma merda da semana passada.

"Há mais alguma coisa sobre a qual você gostaria de conversar além do jogo online que você jogou?" As palavras dela soaram suaves, a voz calma, mas firme.

Apoio as mãos atrás da cabeça enquanto me deito no sofá. "Não, por que você pensaria isso?"

"Pelo que sei, você perdeu um jogo contra os Wolves, e isso afetou a sequência de vitórias dos Vipers." Ela faz uma pausa, tanto física quanto com a caneta. "Como você se sente em relação a isso, Preston?"

"Ótimo, obrigado por perguntar." Encaro as poucas estrelas no teto. Que coisa de jardim de infância!

"Só isso?"

"Não me sinto culpado por isso, se é isso que você quer saber. Não tenho esses sentimentos, lembra?"

"Sim. Eu só estava me perguntando se você gostaria de compartilhar mais alguma coisa."

"Não faço ideia do que você ouviu do meu pai, mas não, não foi por causa daquele maldito Osborn."

“Eu não converso com seu pai sobre o que acontece nessas sessões, Preston. Achei que já tivéssemos combinado isso.”

É, mas tanto faz.

Uma vez, testei a Dra. Duret dizendo que ia causar o caos na casa de férias do meu pai no dia seguinte, e esperava que ela contasse para ele, mas ela não contou.

Isso significa que ela é parcialmente confiável. Só parcialmente, porque ela ainda recebe do meu pai.

“Você acredita nisso…” Ela encara suas anotações. “Osborn é o motivo de você ter perdido o controle?”

“Não subestime minha inteligência.”

“Qual o nome completo dele? Osborn é o sobrenome, não é?”

“Tenho certeza de que você pode pesquisar. Digite ‘babaca degenerado de Stantonville’ na barra de pesquisa e o nome dele aparecerá em primeiro lugar.”

“É isso que você pensa dele?”

“Você também faria o mesmo se encontrasse aquele filho da puta.”

“Sinto emoções fortes, Preston.”

“Fortes tendências de vingança, sim. Com certeza. Ele ousou me tocar sem

minha permissão, não uma, mas duas vezes.”

Embora eu não tenha me importado muito com a primeira vez, porque… o quê? Ele me imobilizou? Não. Não é isso. Eu teria lutado se fosse.

…Certo?

Digamos que foi o álcool e as drogas. É sempre o álcool e as drogas.

Definitivamente não sou eu.

“Você acredita nisso?” Eu me sento, levanto imediatamente e começo a andar de um lado para o outro como se minha alma estivesse tentando fugir do meu corpo. “Eu bati na mão dele. Eu disse para ele não me tocar — duas vezes — e ele continuou vindo como um parasita com síndrome de protagonista. Ele quer transar comigo. Quer mesmo. Todos eles querem. Cada um desses palhaços com o cérebro apodrecido só quer uma coisa de mim. Os malditos, esses filhos da puta, esses gremlins de QI baixo com a capacidade cerebral combinada de um guardanapo molhado. Juro por Deus, sobrevivi a mais comportamentos imbecis em vinte e dois anos do que um imortal sobreviveria em mil. Estou a um encontro de sair do meu corpo e assombrar as pessoas por puro despeito.”

A Dra. Duret rabisca algo em seu caderno e eu congelo. “O que você está escrevendo sobre mim? ‘Ameaça maluca à sociedade’? Porque isso não vai funcionar, sabe? Meu pai é totalmente contra me internar em um hospício. É a culpa dele por ter me abandonado e não estar lá quando eu estava, metaforicamente, trancado. Ele jurou que nunca mais faria isso comigo, então você e a Dra. Fenwick podem esquecer essa fantasiazinha.”

“Eu não quero te internar, Preston. Minhas anotações são observações apenas para mim.”

Solto um suspiro pesado e me jogo de volta no sofá.

“É mesmo?” Minha voz sai mais rouca, mais baixa, enquanto os verdadeiros sentimentos que venho reprimindo desde aquele desastre na arena dos Lobos de Stanton finalmente começam a vir à tona.

Foi por isso que vim ver o Dr. Duret. Eu estava me sentindo sufocado e precisava desabafar. Dirigir como um louco e quase bater o carro não ajudou. Mandar para a amante do Satanás um vídeo antigo meu transando com a melhor amiga dela — sim, Gabrielle, aquela para quem ela falava mal de mim quando eu era jovem — também não ajudou. Deixou meu pai muito chateado, principalmente porque a esposa dele estava fazendo um escândalo.

Meu avô me mandou dar uma surra por causa do meu comportamento abominável. Minha avó me chamou de aberração desvairada.

Meu tio Atlas me disse que eu precisava aprender a escolher minhas batalhas.

Meu pai apenas me olhou com desdém — como sempre.

Embora tenha sido satisfatório ver o rosto da amante do Satanás se contorcer em puro nojo e saber que ela perdeu a melhor amiga, essas emoções duraram pouco.

A sensação de sufocamento voltou logo em seguida.

Então aqui estou eu, me submetendo à companhia impassível da Dra. Duret.

"Doía", sussurro.

Ela se inclina para mais perto. "Doía o quê?"

"Tudo. Não sei. Só doía, e não de um jeito divertido, tipo 'Ah, estou apanhando, então agora me sinto viva'."

"Então, de que jeito?"

"Era desconfortável. Como se eu tivesse sido arrancada da minha própria pele, pisoteada e depois impedida de voltar para o meu corpo. Havia estática e dor que inundavam meus sentidos ao mesmo tempo."

"Qual você acha que é o motivo disso?"

"Osborn, é claro! Aquele filho da puta assustador! Mas não se preocupe, tive uma ideia genial."

Ela ergue as sobrancelhas.

Eu dou uma risadinha irônica. "Obrigada pelo voto de confiança, Dr. Duret. Sinceramente, é muito comovente."

"Você vai me contar sobre essa ideia?"

"Que bom que perguntou. Eu roubei a moto dele!"

"Moto?"

"Com certeza." Eu sorrio. "Tá bom, tá bom, deixa eu te contar uma história. Depois que o Osborn teve a audácia — a desfaçatez — de me fazer sentir como se eu não pertencesse àquele lugar, passei a noite inteira andando na beirada do telhado. Bons tempos. Claro que meu pai descobriu. Porque o Hayes é um traidor com distintivo e complexo de salvador."

“Enfim! Depois me entupi de remédios, o que significou, surpresa, que não consegui acordar na manhã seguinte e perdi o treino livre. Aí o Kane e o Jude ficaram furiosos. O Jude praticamente me sequestrou a semana inteira para me ‘monitorar’ e garantir que eu tomasse meus remédios na hora certa. Dramático, né?

“Do que eu estava falando mesmo?” Bato palmas. “Ah, sim! Osborn. Eu estava pensando na melhor vingança, e obviamente, a primeira ideia foi dormir com a namorada dele. Clássico. Mas reviravolta: ele não tem namorada nenhuma. Nem mesmo um relacionamento ioiô. O cara é tão carente de relacionamentos quanto a economia de Stantonville. Então não foi nada divertido.”

"Então eu pensei: 'Com o que ele realmente se importa?' E pronto. A moto.

Então eu e o Hayes fomos até o estacionamento horrível da faculdade em Stantonville e a roubamos. O Hayes chorou o tempo todo, insistindo que 'não era uma boa ideia' e que 'não era da alçada dele', mas ele é um certinho, então a opinião dele não vale praticamente nada."

Levanto um dedo como se estivesse entregando um prêmio em um programa de auditório. "Mas nós conseguimos. Ah, conseguimos. Bem antes de eu chegar aqui. O Osborn provavelmente está perdendo a cabeça neste exato momento. Ele gastou dinheiro e horas construindo sua preciosa mini moto Frankenstein. Aparentemente, ele trabalha meio período como mecânico só para ter desconto de funcionário e mexer com peças de moto. Sim, é uma moto ruim, mas é uma moto ruim única. E agora... puf! Sumiu. Graças à minha genialidade."

Dou uma risada, me sentindo um pouco mais leve agora que me vinguei do idiota.

Esqueçam as mulheres. Ele ama aquela moto mais do que as mulheres, e se ela sumir, ele é quem vai sofrer mais.

"O que acontece agora?", pergunta a Dra. Duret com sua voz monótona de sempre. Acho que foi por pouco que não comemorei minhas vitórias.

“Ele virá rastejando até mim e implorará, como deveria ter feito desde o início, em vez de escolher ‘antagonizar Preston’. Uma escolha ousada. Errada, mas ousada.”

“Por que você acha que se deu a todo esse trabalho só para que ele viesse te procurar… espere. Deixe-me reformular a pergunta.” Ela se endireita. “Se você se sente tão desconfortável perto de Osborn, por que quer que ele venha te procurar?”

“Para fazê-lo implorar para que eu devolva a bicicleta. Eu acabei de dizer isso. Concentre-se, Dra. Duret.”

“Você quer sentir que tem poder sobre ele?”

“Sim, isso mesmo.” Estalo os dedos na direção dela. “Ninguém me ofende e sai impune.”

“Você acha que está levando isso para o lado pessoal demais?”

“Foi ele quem fez isso quando me escolheu como alvo no jogo. De que lado você está, afinal? Você é minha médica, não dele. Acredite, ele não tem dinheiro para te pagar, então não vá morder a mão que te alimenta.”

Meu celular vibra e eu o pego enquanto me levanto, um sorriso se formando nos meus lábios. “Espere um pouco. Boa conversa, Dra. Duret. Se você contar alguma coisa disso para o meu pai ou para o Julian, eu te estrangulo com suas preciosas plantas. Entendeu?”

Ela não se afasta. Continua me encarando com sua expressão de sempre. Acho que a ameaço de morte há tanto tempo que ela não me leva mais a sério.

Saio da casa dela, olhando para a tela.

Logo depois de roubar a bicicleta do Osborn, eu tive que contar para ele. Senão, como ele ia saber que fui eu e não outro ladrão?

O Hayes deu um jeito de me conseguir o número dele, então mandei uma mensagem mais cedo.

EU

Se você se desculpar, talvez eu devolva sua bicicleta.

Anexei uma foto da bicicleta dele estacionada em um galpão.

Ele acabou de me responder, enquanto eu fofocava sobre ele na sala de estar do Dr. Duret.

Falando no diabo, né?

OSBORN

Se você quer minha atenção, é só pedir.

Eu não quero sua atenção inútil. Estou te dizendo que vou ficar com a sua bicicleta até você se desculpar.

Me desculpar por…?

Por tudo.

Que tal se desculpar por roubar minha bicicleta?

Não. Você, no entanto, precisa fazer alguma coisa para recuperar seu meio de transporte.

Eu gosto de ser ameaçada.

Você não vai gostar quando seu transporte desaparecer magicamente.

E se você aparecesse magicamente na minha frente?

Que charme. É assim que você faz as pessoas se ajoelharem aos seus pés?

Às vezes. Está funcionando?

Não. Tente mais.

Anotado, querida.

Por que diabos você está me chamando assim?

Te chamando de quê?

"Querida."

Porque...

Isso não é um motivo.

Não estava oferecendo nenhum.

Você é a definição de enxaqueca.

Isso significa que estou morando de graça na sua cabeça?

Quem dera. Vai se desculpar?

Deixe-me pensar. Em troca, eu te dou um presente.

Parece mesquinho. Não, obrigada.

Cuidado, Armstrong. Estou te achando extremamente divertido.

Todo mundo faz isso.

Nem todo mundo sou eu.

Não vejo diferença.

A diferença é que não é bom para você se eu continuar te achando engraçado.



QUE SE DANE O OSBORN COM UM TACO DE HÓQUEI QUEBRADO E COBERTO DE glitter.

Amém.

Não importa que ele não tenha me respondido por três dias seguidos. Porque eu vou me divertir hoje à noite!

E por diversão, quero dizer que vou sair em busca de vingança.

Tecnicamente, é a busca de vingança do Jude. Algumas pessoas ficaram paradas assistindo em uma praça pública enquanto a mãe dele era esfaqueada até a morte mais de vinte vezes. Uma situação horrível, eu sei.

E o Jude está em uma missão de vingança, já que ele também tem problemas com a mãe — nos aproximamos por causa disso, não é poético? Alerta de spoiler: a Dra. Duret diz que não é.

A forma de vingança dele recebe minha sincera aprovação. Porque veja bem, as gravações das câmeras daquele incidente foram apagadas pelo Julian — começando a perceber o padrão desse controlador obsessivo? Ele provavelmente fez isso porque não queria que Jude se distraísse com o que ele considera uma vingança "sem sentido".

No entanto, Kane conseguiu acessar uma das gravações das câmeras antes que fosse apagada. No melhor estilo nerd do Kane — ou melhor, perfeccionista,

se preferir — ele fez uma lista das pessoas que estavam lá.

De tempos em tempos, ele entrega um arquivo para Jude, e o grandalhão começa a persegui-las, tornando suas vidas um inferno, manipulando-as até o limite. Então, na etapa final, ele as sequestra e as solta na floresta, caça-as e as mata.

É a coisa mais satisfatória do mundo, na minha opinião.

Principalmente porque eu sempre participo, e se eu for rápido o suficiente, até consigo matar alguns dos otários.

Hoje, excepcionalmente, o Kane se juntou a nós, provavelmente caçando alguns demônios para não pensar na Dorothy — a namorada dele, que eu ainda não aprovo, aliás.

Não dá para confiar em ninguém que namorou aquele otário do Osborn — mesmo que tenha sido só por algumas semanas.

Enfim, eu e o Jude estamos vestidos de preto da cabeça aos pés — luvas, facas brilhantes, todo o kit inicial de assassino. O grandão até colocou uma capa de chuva para "não ficar muito encharcado de sangue".

Que droga. Essa é literalmente a melhor parte.

“Pronto para se divertir?” pergunto enquanto estamos na varanda, encarando aquela escuridão profunda que os filmes de terror nos alertam.

Às vezes, a escuridão parece querer me devorar viva. Outras vezes — como hoje — ela é basicamente meu refúgio emocional.

O único lugar onde consigo respirar.

Jude liberou o alvo desta noite há quinze minutos, e vimos o canalha de meia-idade — cujos olhos estão na minha lista de afazeres pessoais — disparar para a floresta como um guaxinim apavorado.

“Você pode se divertir o quanto quiser, mas a vida dele é minha”, diz Jude, parado do outro lado de Kane, girando seu taco de hóquei.

Inclino a cabeça na direção de Kane. “Sem arma?”

Ele guarda o celular — finalmente se livrando de qualquer turbilhão de notícias ruins ao qual estava preso — e ajeita a jaqueta o suficiente para revelar a arma.

"Cara, você é tão chato." Jude balança a cabeça. "Aposto que vem com silenciador também."

"Claro. Não posso deixar rastros."

"Esta é literalmente a floresta da minha família, e temos a equipe de limpeza de prontidão." Caminho até Jude e o abraço pelos ombros. "Diga logo que você odeia a vida, ao contrário de mim e do chefão."

Jude bate com o bastão no meu ombro. "Não o mate. Ele é todo meu."

"Quem acha, fica com o que achou", canto, e pulo da varanda.

"Filho da puta!"

Ouço Jude xingar, mas já sumi, me esgueirando entre as árvores que conheço de cor.

Muita merda aconteceu nessa floresta — incluindo o bom e velho "formador de caráter", onde Kane, Jude e eu fomos largados aqui e mandados nos virar sozinhos.

E isso sem contar todas as noites que vaguei por aqui sozinha. Nunca me assustou.

Só... desencadeou alguns colapsos épicos, mas sem testemunhas, então não conta.

Imagina se o papai ou o Lenino tivessem me visto?

Descanse em paz, meu lindo corpo.

De volta ao presente, estou correndo a toda velocidade — basicamente a única vantagem que tenho sobre Jude.

Galhos e folhas se espalham pela minha visão periférica, e então vislumbro sua figura enorme.

Maldito.

Ele não vai participar da minha caçada.

Eu acelero o passo, usando toda a minha força, rastreando a presa pelo som, pelo movimento, pelo cheiro forte e azedo do seu medo.

Os passos do homem trovejam pela floresta, pesados e ansiosos, seu terror cortando tudo. Eu consigo senti-lo. Sinto-o rastejando sob a minha pele.

A lua cintila por trás das nuvens, mal nos revelando algo.

Mas eu não preciso dela.

Sempre me saí melhor na quase escuridão — onde ninguém pode me ver.

Acompanho a sombra do homem e me lanço sobre ele sem hesitar um segundo sequer, cravando minha faca fundo em seu flanco.

"Olá, filho da puta. Aqui é a sua ceifadora, reportando-se ao serviço."

O homem grita, o som alto e estridente, mas não me afeta em nada.

Minha visão está vermelha, salpicada pelo seu sangue quente, e minha mão está firme enquanto o empurro contra a árvore e o esfaqueio repetidamente.

E repetidamente.

Swish.

Swish.

Swish, filho da puta.

E assim, de repente, me deparo com a mesma sombra que se manifesta diante de mim quando estou esfaqueando pessoas até a morte.

O rosto na escuridão, aquele que não consigo ver direito, mas sei exatamente quem é.

"Shh, Preston."

Esfaqueada.

"Fique quieto."

Esfaqueada.

"Não faça barulho."

Esfaqueada!

A julgar pela queimação no meu braço, acho que me cortei sem querer durante o frenesi.

Não importa.

Não é exatamente a facada que me excita. É o jeito como a vida deixa seus olhos bem na minha frente. Sou a última pessoa que os vê vivos.

O maldito deus deles na Terra.

Um farfalhar chama minha atenção, e eu me viro bruscamente, pronta para brigar com Jude sobre quem vai acabar com esse filho da puta. "É melhor você recuar—"

Eu paro.

Porque não é Jude.

A figura de preto, encostada em uma árvore com os braços cruzados como se fosse dona de toda a floresta, definitivamente não é meu melhor amigo. A compleição física é parecida, claro, mas este usa uma máscara branca sólida e tem um cheiro diferente.

Couro e floresta.

Como algo que saiu da escuridão só para… o quê?

Me observar? Me caçar?

"Quem é você e como gostaria de morrer?" Inclino a cabeça, provavelmente parecendo monstruosa com sangue escorrendo pelos meus braços e minha faca cravada no torso do homem que se contorce.

O estranho — e ele é um estranho, porque esta floresta é proibida para literalmente todos, até mesmo para Vencor — não responde. Ele simplesmente se levanta da árvore e faz um gesto com o dedo para mim.

Venha descobrir? É isso que ele está dizendo?

Os passos pesados de Jude ecoam à minha direita, e num piscar de olhos que dou para verificar, o estranho já está correndo entre as árvores.

Droga. Não acredito que estou abandonando uma presa, mas há problemas maiores aqui. Como, por exemplo, por que um estranho mascarado está na minha maldita floresta?

Puxo minha faca e corro atrás dele. Para meu azar, o perco de vista e começo a diminuir o passo perto de uma árvore grande.

Há um zumbido no ar — uma tensão que se alastra sob minha pele,

deslizando da minha espinha até a ponta dos meus dedos.

De repente, uma mão grande, enluvada e muito familiar envolve meu pescoço por trás, puxando-me contra um peito firme.

Arrepios percorrem cada centímetro da minha pele enquanto a respiração quente roça a concha da minha orelha.

"Olá de novo, meu bem."

7

MARCUS

Houve uma pequena mudança de planos.

É minha tentativa de me adaptar ao estado atual das coisas e tudo mais.

Quando cheguei aqui, minha intenção era observar.

Isso claramente mudou agora que puxei Armstrong para perto de mim. Suas costas estão pressionadas contra meu peito, seus ombros se tensionando instantaneamente.

Ele cheira a sangue e aquele aroma masculino inebriante que parece subir direto à minha cabeça toda vez que ele está por perto.

O que é estranho, porque eu não costumo ser tão afetado pelo cheiro de outras pessoas.

Mas algo em Preston Armstrong está me deixando um pouco imprudente.

Bem, não imprudente, mas definitivamente mais ansioso do que o normal.

Talvez seja porque gosto da sensação dos músculos dele se contraindo sob os meus, ou talvez eu só queira ouvir aquela boca grosseira dele despejando insultos como se fosse um esporte.

Talvez eu tenha sonhado que estava jogando contra ele de novo.

Aquele jogo não foi suficiente.

Tocá-lo uma vez não é suficiente.

Nada é suficiente.

É por isso que vim aqui. Claro, a ausência da minha bicicleta me incomoda, e eu tenho segundas intenções ao me insinuar na vida dele.

Mas, na verdade, o principal motivo de eu ter me dado ao trabalho de vir até aqui não foi só para lhe dar uma lição.

Foi para que eu pudesse estar perto dele de novo.

Assim.

Quanto mais ele luta comigo, mais profunda fica minha fixação.

Quanto mais ele me afasta, mais sombria se torna minha retaliação.

A situação ficou tão ruim que fiz um pacto com o diabo, prometendo uma aliança com alguém misterioso, só para conseguir o código de acesso a esta floresta.

"O código muda a cada hora. Certifique-se de sair antes disso, ou ficará preso aqui dentro. Se sair, negarei qualquer envolvimento."

Foi o que ela disse antes de desligar.

Estou começando a concluir que não há nenhuma educação em Graystone Ridge, mas estou divagando.

Graças ao acesso, pude presenciar algo curioso em Armstrong. Um transe, talvez. Estar em uma espécie de estado alterado de consciência? Ou talvez seja algo muito mais sinistro?

De qualquer forma, consegui assistir em alta definição como ele mata.

Como se tivesse uma vingança pessoal contra sua vítima, contra si mesmo ou contra sua arma de escolha.

Ainda não consigo decidir qual é o mais intrigante.

A faca ainda brilha na noite, pingando sangue que entope minha garganta.

"Osborn?"

Droga.

Será que o jeito como ele pronuncia meu nome, com essa aspereza e leve apreensão, deveria me excitar?

A resposta é não, mas mesmo assim ele percebe, ficando mais duro na minha cueca, pressionando contra a calça jeans.

Puta merda.

Não sou do tipo que fica excitado facilmente. Na verdade, não sou. Preciso de muitas mamadas caprichadas para entrar no clima.

Então por que o som da voz de Armstrong — e a sensação dele — estão provocando essa reação carnal?

"Que porra você está fazendo aqui?" Ele se afasta bruscamente do meu aperto, e a sensação de perda percorre todo o meu corpo.

Não me desestabiliza, mas me enche de uma espécie de… decepção.

Enquanto Armstrong se vira, ele me dá um soco no peito. Levanto o punho e revido com a mesma força que ele usou. Nada mais, nada menos.

É uma espécie de reflexo. Desde cedo, aprendi a sempre revidar na mesma moeda. Embora eu geralmente me certifique de que seja dez vezes pior.

Obviamente, não hoje.

Hum.

Por que será?

“Como você chegou aqui?”, ele pergunta em tom seco. Com o rosto ensanguentado e a escuridão, ele parece tão selvagem e belo.

“É segredo.”

“De qualquer forma, não importa. Você obviamente veio aqui para morrer, e eu ficarei feliz em te satisfazer.”

“Na verdade, não—”

Ele joga a faca para o lado e me soca de novo. Então, estamos trocando golpes no meio da floresta escura como breu — um por um.

Quanto mais forte ele ataca, mais eu consigo revidar.

E isso o irrita, a julgar pela sua respiração ofegante que ecoa na noite.

Ele não gosta de ser desafiado. Ou talvez não esteja acostumado a alguém revidar golpe por golpe.

"Você é—" Ele me acerta várias vezes, a maioria dos golpes de raspão na máscara e no meu crânio. "—um filho da puta que precisa morrer! Nunca mais me toque, seu viado de merda!"

Ele agarra meus ombros e crava uma joelhada no meu estômago. Perco o fôlego, mas o empurro para trás, jogando-o contra uma árvore. Agarro sua gola e o puxo para cima enquanto soco seu rosto.

Paulada.

Paulada.

Paulada.

"Você acha que isso é um insulto, Armstrong?" Soco. "Foi por isso que você usou?" Soco. "Você realmente acha que me xingar te torna mais poderoso do que eu?"

Estou socando-o repetidamente, aquela atração estranha e desconfortável desaparecendo em minutos.

Mas então percebo duas coisas.

Primeiro, ele está tremendo. Tanto que seu corpo inteiro estremece.

Segundo, ele não está revidando.

Estou de pé sobre ele enquanto ele se encosta na árvore, segurando-o com uma mão e socando-o com a outra.

Nesse ponto, eu esperava que ele me empurrasse, revidasse ou tentasse me dominar.

Mas ele simplesmente permanece imóvel, com as mãos inertes no chão, ao lado do corpo.

Que diabos esse dilema turbinado está pensando agora?

O objetivo de me provocar e me xingar não é justamente brigar? Então por

que diabos ele não está brigando?

Não que eu me importe com o que ele ou qualquer outra pessoa diga sobre a minha sexualidade, mas ele precisa aprender uma lição de boas maneiras para parar de ser um babaca preconceituoso.

Estou prestes a socá-lo de novo quando algo acontece.

Meus nós dos dedos latejam e param no ar quando Armstrong cai na gargalhada, o som maníaco na escuridão silenciosa.

Uma aura de insanidade toma conta do seu rosto.

Sangue mancha seus dentes como os de um vampiro, e ele está olhando através de mim.

Como se eu não estivesse aqui.

Como se ele estivesse encarando algum amigo imaginário.

Eu o sacudo pela gola da camisa. "Onde você foi parar? Olha para mim."

Ele pisca uma vez, ainda rindo, mas seu olhar vidrado se estabiliza um pouco, um lampejo de luz transparecendo.

E é… fascinante.

Como um raio na escuridão.

“Vai em frente”, ele diz entre risos. “Me bate.”

“Eu não sou a pessoa certa para dizer isso. Eu gosto demais de bater nas pessoas.”

“Então vai. Me mostra o quanto você gosta. Ou prefere que eu te xingue antes de fazer isso—”

Suas palavras terminam em um grunhido quando eu acerto um soco em seu rosto, fazendo-o voar para o lado. Então eu faço de novo. E de novo.

Ele praticamente vibra sob meu punho, seu corpo inteiro ganhando vida.

Mas não tanto quanto o meu.

Porque, caralho. Nunca bati em alguém assim... desse jeito. Tipo, quero foder ele contra uma árvore enquanto o espanco até quase matá-lo.

Quero dobrá-lo e socar sua bunda enquanto o espanco, enfio meus dedos em sua boca barulhenta e o faço chupá-los, engasgar com eles, enquanto sua saliva escorre pelos meus dedos —

Puta merda.

Estou duro enquanto continuo a socá-lo.

Ele aguenta tudo, deixando que eu ensanguente seu lindo rosto do qual ele se orgulha tanto. Não é segredo que ele é um maníaco egocêntrico com arrogância suficiente para rivalizar com Narciso.

Mas ele está me deixando bater nele.

Eu, o rato da favela, como ele gosta de me chamar.

Eu, o cara que ele acha tão inferior a ele, que eu nem existo no radar dele.

E isso está me deixando com o pau duro.

Seu rosto ensanguentado, seu corpo trêmulo, até mesmo sua risada maníaca.

Tudo em Preston Armstrong me atrai de maneiras que me perturbam.

E eu quero mais.

Mais.

Só… algo mais.

Espere.

O que temos aqui…?

Apesar da penumbra, vislumbro um volume grosso na calça de Armstrong.

Será que ele ficou… excitado por apanhar?

Quer dizer, meu pau está quase duro, mas tenho tendências sádicas.

Meus olhos se arregalam levemente, uma onda de algo primitivo e avassalador percorrendo meu corpo dolorido.

Será que isso significa que ele pode ser o que estou pensando?

Meu olhar se volta para o dele, e não consigo ver sua expressão no escuro. Não consigo dizer o que ele está pensando, como ele é, o que isso significa.

"Você—"

"Não fale." Ele rosna profundamente. Há dor, mas também algo que meu lado animal agarra como um afrodisíaco — luxúria.

"Cale a boca e me bata", ele sussurra baixo, tão baixo que mal consigo ouvi-lo.

Passos soam atrás de mim, e eu praguejo baixinho ao avistar duas sombras.

Literalmente as sombras de Preston. Kane e Jude.

As coisas vão se complicar muito rápido se eles me pegarem e descobrirem como consegui entrar na propriedade privada dos Armstrong.

Com um resmungo baixo, eu o empurro contra um tronco de árvore e lanço um último olhar para seu rosto.

Ensanguentado, confuso, desequilibrado, excitado.

Mas há algo mais.

Enquanto ele me olha, morde o canto do lábio com tanta força que seus olhos vidrados se movem sutilmente, quase como se... estivessem com medo?

Não consigo observar direito, pois puxo o capuz e saio correndo, desaparecendo entre as árvores.

Mas não vou longe.

Talvez eu não consiga.

Talvez eu não queira.

Talvez eu queira ver aquele olhar mais uma vez.

Custei de todas as minhas forças para não estender a mão para ele e fazer... o quê, exatamente?

Com um suspiro abafado, me escondo atrás de uma das árvores, longe o suficiente para ver apenas suas sombras.

Uma coruja grita à distância enquanto Preston se levanta. Eu o reconheço imediatamente quando ele bloqueia o caminho de Kane, sua postura ereta, os ombros retos, não mais como o fantasma que deixei para trás.

Kane o empurra. "Que merda você está fazendo?"

"Eu vou atrás." Jude começa a correr na minha direção, mas Preston bate com a mão no peito.

Preston, o menor dos três, está sozinho impedindo os dois.

"Ele é minha presa. Recue."

Hum.

Eu não diria que sou a presa dele. Se alguma coisa, é o contrário, mas as palavras dele ainda me fazem sorrir.

Ele me chamou de algo dele.

Isso é para ser engraçado?

"Faz tempo que não te vejo tão machucado", diz Kane. "Tem certeza de que ele é a presa?"

Touché.

"Claro que é." Preston ri daquele jeito perturbado e desvairado, jogando a cabeça para trás.

"Ele pirou de novo", diz Jude.

De novo.

Bato meu dedo médio no polegar.

Isso significa que Preston tem tendência a perder a cabeça?

Por quê?

Kane se aproxima ainda mais. "Quem é ele, Preston?"

Seu riso finalmente cessa, mas ainda há um tom cortante em suas palavras. "Ele ousou me caçar no meu próprio território. Adorei!"

Às suas ordens.

Jude lhe dá um tapa na cabeça. "Você devia ter deixado a gente pegá-lo, seu idiota."

A gargalhada de Preston retorna enquanto ele praticamente pula no mesmo lugar. "Não, eu também vou caçá-lo antes de picá-lo em pedacinhos. Nossa, estou ficando excitado só de pensar nisso. Estou muito excitado."

Não acho que seja por isso que ele está excitado, mas por mim tudo bem. Se ele quiser me caçar da próxima vez, eu aceito de bom grado.

"Concentra-te, cara", diz Jude.

“Vão se foder, vocês dois.” Preston continua se mexendo, como se não conseguisse ficar parado. “Vou providenciar a limpeza e ver as imagens de

segurança.”

“Descubra como ele conseguiu invadir este lugar, Pres”, diz Kane.

“Não é importante.” Armstrong ri, saindo com um passo leve. “Não é importante pra caralho.”

“Vai chupar um pau”, grita Jude atrás dele. “Não fique maluco.”

É, isso não vai acontecer.

Quero dizer, Preston chupando um pau.

Eu estreito os olhos para Jude, pensando na melhor maneira de esmagar a cabeça dele sem ser morta por Kane.

Então decido que não vale a pena arriscar minha vida.

Não agora, quando estou tendo todo tipo de ideia sobre meu príncipe encantado.

E nenhuma delas é boa.

Penso em segui-lo, mas tenho pouco tempo antes de precisar partir.

"Ele vai fazer alguma besteira e provavelmente vai acabar morto", murmura Jude para seu capitão. "Deveríamos impedi-lo."

Kane corre por trás de Preston e o atinge na nuca com a arma.

As risadas cessam quando Preston cai de joelhos e, em seguida, desmaia.

Cada fio de cabelo da minha cabeça se arrepia enquanto observo a cena.

Será que seus supostos melhores amigos acabaram de nocauteá-lo?

Não que eu esteja julgando, mas talvez esteja.

"Bom, isso definitivamente o deteve." Jude cruza os braços sobre o peito, parado perto de Preston. "Ele vai te arrebentar quando acordar. Você sabe que ele odeia ser nocauteado."

Hum.

Agora, estou pensando em como dar uma surra naquele pirralho do Davenport sem que o Jude me despedace.

"Então ele deveria ter controlado melhor o lado animalesco dele", diz Kane. "Não vou limpar a bagunça que ele fez."

"Você tem razão." Jude olha ao redor. "Quem você acha que era?"

"Não sei, mas precisamos encontrá-lo e eliminá-lo." Kane embainha a arma e levanta Armstrong pelo braço. "Me ajude a carregá-lo de volta."

"Que chato. Sempre um bebê mimado", resmunga Jude enquanto rasga um pedaço da camisa e o enrola no ferimento no braço de Preston — que ele mesmo se infligiu em seu frenesi de esfaqueamento.

Então Jude, com cuidado, levanta Preston.

Estreito os olhos, observando o movimento, mas principalmente os gestos aparentemente ensaiados que ambos usam enquanto começam a arrastá-lo para longe.

Meus passos são cautelosos enquanto os sigo de longe, suas vozes ficando cada vez mais fracas.

"Você acha que é um daqueles filhos da puta?" Jude pergunta, uma estranha emoção se misturando à sua voz.

Proteção? Raiva?

"Não. Eles não ousariam tocá-lo do jeito que ele está agora."

"Ele enlouqueceu, Kane." A voz de Jude se eleva um pouco. "Ele raramente se deixa levar a esse ponto agora que está se controlando há tanto tempo. E se eles estiverem mirando nele de novo?"

"Simples. Vamos mutilar todos eles e deixá-lo se banhar no sangue deles."

“Todos eles.” Um sorriso surge na voz de Jude. “Talvez precisemos de uma lista. Do seu favorito.”

Quem são eles e eles?

Além de mim, quem diabos se atreve a mexer com o Armstrong?

Não gosto disso.

De jeito nenhum.

Só eu posso mexer com a cabeça dele.

8

PRESTON

EU

Adivinha onde estou?

Que bom que perguntou! Patinando sozinho na pista de patinação de madrugada. Vou te fazer companhia, então venha, suas vadias!

KANE

Não posso hoje.

Que pena. Você está com a Debby, não é?

KANE

O nome dela é Dahlia.

Ninguém liga. Amigos antes de vadias, Kane, já ouviu falar disso?

KANE

Ela não é vadia. Não me faça te dar um soco no saco, Pres.

Tão assustado. Só que não. @JudeCallahan, onde você está, cara? Vamos jogar! Vamos mandar um vídeo do Kane, o banana, detonando. Ah! Espera aí, vou mudar o nome do Kane para esse dos meus contatos enquanto ainda me lembro.

JUDE

Não estou disponível, Pres. Vamos deixar para outra hora.

Ei! Que merda tá acontecendo com vocês dois? Querem que eu cancele a amizade de vocês, é isso? Preparem-se para ter a vida mais chata de todas sem mim.

KANE

Pare de ser dramático.

Eu que sou o dramático por querer patinar antes do jogo de amanhã, como SEMPRE fazemos? Ah, desculpe, interrompi a sua sessão de pegação, Kane?

JUDE

Não tem sessão de pegação nenhuma. Você não percebeu pelo jeito mal-humorado dele nos treinos desses últimos dias que eles estavam brigando?

Aleluia! A Diana não te faz bem, Kane. Ela é a espiã dos Wolves, lembra?

KANE

Só porque ela saiu com o Osborn por duas semanas não significa que ela seja a espiã deles.

Sim, significa. Não é, Jude?

JUDE

Talvez esteja exagerando.

Você deveria dizer "Você tem toda razão, Presidente. Bela sacada." Eu te perdoo pela sua insolência se você vier comigo. Todo mundo sabe que eu sou o centro das atenções da festa.

JUDE

Sou só a alma da festa.

Não, eu espalho boas vibrações. Enfim, que diabos você está fazendo sem mim, grandalhão?

JUDE

Alguma coisa.

Alguma coisa para a qual eu não fui convidado? Estou tão ofendido agora.

KANE

Ele provavelmente está só observando a Violet dormir.

Ah! Violetta? A garota bonita de cabelo cor de cobre e pele incrível que está dormindo no hospital? Quero ir junto.

JUDE

Nem pensar.

Mas por que não? Você sempre me leva junto quando vai stalkear alguém.

KANE

Obviamente não dessa vez, Presidente. Por que será…?

Vou descobrir tudo para nós dois, Kane. Para que servem os amigos, não é?

JUDE

Cala a boca, Kane. E nem pense em chegar perto daquele quarto de hospital, Presidente. Estou falando sério.

Oooh, uma ameaça! Agora estou mais intrigado. Já volto, vou pegar minha pipoca favorita, doce e salgada.

JUDE

Que tal você se concentrar na sua própria investigação?

Como assim?

KANE

O intruso mascarado que apareceu na floresta da sua família dois dias atrás, Presidente. Lembra?

Isso não é importante.

JUDE

Você foi espancada quase até a morte e perdeu a cabeça no processo. Como isso não é importante?

KANE

É, Presidente. Alguma coisa das imagens de segurança?

Não.

JUDE

Quando ele se aproximou de você, você notou algo especial? Tipo uma marca ou uma tatuagem?

KANE

Só me dê alguma coisa, e eu descubro quem ousou invadir nossa propriedade.

Ou aparece e me faz companhia, ou para de tagarelar como donas de casa entediadas.

Jogo meu celular no banco do vestiário dos Vipers e termino de enfaixar minhas mãos.

É, é — eu sou a maior mentirosa do mundo por guardar segredo sobre toda essa confusão na floresta. Mas, falando sério, o que eu deveria ter dito?

"E aí, Kane, Jude. Então, o intruso mascarado era totalmente o Marcus Osborn, e eu deixei ele me dar uma surra, porque, surpresa, acho que eu curto isso. E, como bônus, tenho 99% de certeza de que fiquei excitado. Alguma opinião?"

É. Não.

Prefiro amarrar uma corda no meu próprio pescoço e me pendurar nas vigas como um pequeno cadáver festivo, obrigada.

Meu método para lidar com isso é escolher acreditar que nada daquilo aconteceu. Viu? Funciona.

Nada de dramático.

Só um dia normal como todos os outros.

Kane e Jude estão exagerando com essa história de "você perdeu a cabeça". Foram eles que reagiram de forma exagerada me nocauteando, os desgraçados. Eu só ia bloquear a saída do Osborn e caçá-lo.

Eles são o motivo de eu não ter conseguido seguir com meus planos, então se querem culpar alguém, que comecem por eles mesmos.

Mas, sinceramente? Talvez perseguir o Osborn não tenha sido a minha melhor ideia depois do que aconteceu debaixo daquela árvore.

Definitivamente, não quero me sentir assim de novo.

Deixar-me desmoronar, permitir que alguém me trate como se eu não fosse um ser humano, mas um problema a ser resolvido... é, tem alguma coisa muito, muito errada comigo.

E, surpresa, é verdade. Pergunte ao Dr. Duret ou ao Dr. Fenwick. Provavelmente eles têm apresentações de PowerPoint idênticas sobre mim.

Mas a questão é... naquele momento, algo dentro de mim simplesmente se abriu e se desfez. Com o gosto de cobre na boca, dor nas costelas, meu cérebro zumbindo como um letreiro de neon quebrado — e em vez de desligar, eu... relaxei. Me entreguei.

Eu sei, eu sei. É bem perturbador. Se existissem prêmios para desastres psicológicos, eu ganharia todos.

Mas a verdade é ridiculamente simples: eu só sinto que existo quando estou sendo machucado.

Quando a dor se instala, a adrenalina dispara. Um golpe, uma queda, um hematoma, e de repente, estou de volta ao meu corpo em vez de flutuar a três metros acima dele como um fantasma defeituoso.

Me faz sentir vivo.

É por isso que amo hóquei. Os impactos, as pancadas contra as tabelas, a velocidade — me recompõem por um segundo.

É o único momento em que não estou preso nos meus pensamentos, perdido em pensamentos negativos ou lutando contra qualquer impulso que tenha decidido arruinar meu dia.

No gelo, as coisas fazem sentido quando o foco se instala e o caos se dissipa.

Escolho um alvo, o irrito ao máximo, marco um gol, venço.

Boom. Fórmula da vida alcançada.

Exceto por aquele maldito jogo contra os Wolves, quando um certo idiota virou o jogo contra mim.

Esse idiota também começou a me mandar mensagens logo depois daquela noite na floresta.

Pego meu celular e encaro as mensagens. Elas foram chegando aos poucos nos últimos dias. A primeira foi ontem de manhã cedo.

PROBLEMA INESPERADO

Você trouxe minha bicicleta de volta. Imagino que não preciso me desculpar agora?

Isso é um agradecimento por te fazer sentir bem, príncipe?

Não negue, nós dois sabemos que você ficou muito excitado enquanto eu te batia. Sentir dor te excita, garoto doente?

Silêncio significa confissão.

E se eu dissesse que também fiquei excitada? Só de lembrar da sua expressão, meu pau já fica duro. Estou com muita vontade de me masturbar só de lembrar do seu lindo rosto ensanguentado.

Hum. Você está lendo minhas mensagens em tempo real, então que tal responder?

Não? Tudo bem. Vamos ver por quanto tempo você consegue fingir que eu não existo, querido.

Eu estreito os olhos para esse "querido".

Sério, por que ele está usando uma palavra que geralmente é reservada para casais? Odeio esse idiota, e eu não sou o bebê dele.

Mas eu adoraria ser a ceifadora dele. Cortar a garganta dele ou decapitar e vê-lo sangrar até a morte em segundos.

Apoio totalmente essa ideia.

Estou encarando as mensagens quando uma nova aparece, fazendo minha espinha se endireitar num estalo.

PROBLEMA INESPERADO

Estou entediada. Venha me entreter?

EU

Não sou sua palhaça.

Não sou palhaça, não, mas definitivamente puro entretenimento. Aliás, oi, você já parou de me ignorar?

Eu só estava checando se você estava morto, o que obviamente não está. Que dia triste para a humanidade.

Você é muito engraçado, sabia?

Sim. Você já me disse isso duas vezes.

Está contando?

E está babando.

Culpado, sem sombra de dúvida. Eu poderia te devorar inteiro e ainda assim querer mais.

Pode tentar, Hannibal. Sou indigestível.

Acredito que você seja altamente digerível, especialmente depois do que aconteceu na floresta. Obviamente, você não é tão indiferente a mim quanto pensa. Provavelmente te surpreendeu ficar tão excitado pelo cara que você odeia e despreza como um "camponês". É por isso que você devolveu a bicicleta e me ignorou, não é? Para provar que eu não significo nada.

Esse filho da puta é perspicaz demais para o próprio bem. Como eu acabo com o ego dele até ele se engasgar e morrer?

Vou te bloquear.

E tirar de mim minha nova obsessão favorita? Não faça isso. Em troca, te dou uma chance de se vingar.

Não vou cair nessa.

Estou falando sério. Vamos jogar um contra um. Só você e eu.

Por quê?

Porque você obviamente ainda tem sentimentos não resolvidos por mim, e isso pode resolver.

Eu NÃO tenho sentimentos por você.

Se você diz.

Eu NÃO tenho.

Acredito em você. Sem letras maiúsculas.

👆

Você é realmente divertido.

Me pague para alegrar sua vida tediosa.

Não tenho muito dinheiro, mas posso te pagar com outra coisa.

Quem é a vadia agora?

Eu posso ser para você. Enfim, voltando ao um contra um. Fechado? Seria um bom treino antes dos jogos de amanhã. Eu preciso de um treino de última hora.

Você está fazendo isso para treinar? Você não tem nenhum amigo nos Wolves com quem possa treinar? Que triste.

É. Estou tão sozinho. Te vejo na arena dos Wolves?

Eu não vou entrar naquele buraco imundo.

Então eu vou te encontrar, querida.



ISSO FOI UMA PÉSSIMA IDEIA.

Tipo... péssima a nível olímpico.

Não faço ideia do que me passou pela cabeça quando não recusei imediatamente a vinda de Osborn, mas claramente, meus neurônios não estavam funcionando direito, porque agora é tarde demais.

Ele está aqui. O filho da puta.

Uma camiseta de compressão preta colada nele como se fosse uma segunda pele, esticada sobre ombros largos e um peito amplo. Sem protetores, exceto os de cotovelo. E quando ele desliza em minha direção, a camiseta sobe o suficiente para mostrar a linha do abdômen.

E eu absolutamente, totalmente, definitivamente não vou olhar para isso nem fazer nenhuma outra coisa igualmente insana.

Não. Eu não.

“Que rinque chique”, ele diz arrastado, com aquele jeito irritante e provocativo dele, sem prestar atenção no que está ao redor, como suas palavras sugerem, e sim totalmente concentrado em mim.

Ele tem hematomas de quando eu o soquei na floresta. Não tão escuros quanto os meus, mas estão lá, pequenas lembranças daquele desastre.

E ele simplesmente… continua me observando. Intensamente. Sem piscar. Como se estivesse tentando absorver toda a minha existência de uma vez.

Quanto mais ele me encara, mais forte algo se aperta dentro de mim, envolvendo meus pulmões até que respirar se torne um esforço.

Estou começando a achar que detesto os olhos dele. Aqueles cinzas escuros que parecem fumaça misturada com a noite. Mesmo sob as luzes brilhantes do rinque, eles permanecem indecifráveis e irritantemente misteriosos.

Na verdade, não — eu decidi. Eu os odeio. Eles estão oficialmente na minha

lista negra, logo abaixo dos sorrisinhos presunçosos dele e daquela voz rouca e grave que parece cascalho tendo um orgasmo.

Ah, e o físico dele. Detesto. Detesto mesmo, violentamente.

Ele é puro músculo e precisão — irritantemente eficiente. Mesmo quando finge que não se importa, ele é tenso e controlado.

Até a respiração dele parece disciplinada.

Que tipo de psicopata respira assim de propósito?

Alguém como Julian e o maldito Marcus Osborn, aparentemente.

"A imprensa ia adorar se pudesse tirar uma foto deste momento." Ele está circulando ao meu redor, com o taco e o capacete na mão. "Osborn contra Armstrong. A fera e o príncipe da liga frente a frente."

"Fera." Eu zombo. "Ridículo."

"Você usar uma camisa dos Vipers no nosso mano a mano é que é ridículo." Ele para na minha frente, a voz ficando fria. "Tire isso."

"Por quê? Com medo de que ela te cegue com toda a sua glória?"

"Eu só não quero me lembrar de que você deveria ser meu inimigo."

"Ah, não, não podemos deixar isso acontecer. Não quero estragar seus sentimentos carinhosos por mim."

"Carinhosos, não. Carinhosos, talvez."

Bato meu taco contra o peito dele, reprimindo aquela sensação incômoda e dolorosa que subia no meu peito. "Pare de flertar."

"Eu estava?"

"Sim, você estava, e estou te dizendo que não vai funcionar."

"Não vá partir meu coração."

"Você precisaria ter um, para começo de conversa."

“Ai.” Ele sorri, com um misto de divertimento e diversão. Não faço ideia do porquê de achar essas interações engraçadas, enquanto tudo o que eu sinto é uma enxaqueca e uma vontade enorme de esmagar a cabeça dele.

“Você vai tirar?” Ele estende a mão. “Ou precisa da minha ajuda?”

Deslizo para trás antes que ele me toque.

Ele permanece imóvel, mas estreita os olhos levemente, como se estivesse me abrindo e tentando ver o que há dentro de mim.

Boa sorte saindo viva dessa confusão.

“Não vou tirar a camisa.” Abaixo o capacete e verifico minhas luvas pela última vez. “Pronta para cair?”

“Regras?”

“Nada de golpes violentos, já que nenhum de nós está usando proteção, e tenho certeza de que você não quer se machucar no auge da temporada.”

“Fechado. Qual formato devemos usar?”

“Vamos ver quem marca três gols primeiro.”

“Prefiro que sejam mais, mas dá para o gasto.”

Que diabos isso quer dizer?

Ele patina mais perto de mim, diminuindo a distância que eu havia criado centímetro por centímetro. “Também precisamos de uma aposta.”

“Uma aposta?”

“É, para deixar as coisas mais interessantes. O que você quer de mim se ganhar?”

“Você de joelhos dizendo: ‘Me desculpe por ter sido um idiota com você, e você é um jogador muito melhor do que eu jamais serei.’”

Seu sorriso irônico se alarga, transformando-se em um sorriso aberto. “Você realmente quer que eu me ajoelhe, é?”

“Isso é um não?”

“É um sim. Em troca, se eu ganhar, você me deixa te tocar.”

Meu sorriso desaparece. “Não.”

Ele para, semicerrando os olhos enquanto desliza sobre o gelo, circulando-me novamente. “Dê-me um motivo.”

“Porque eu não sou gay nem me sinto atraído por homens.”

“A ereção linda que você teve por mim há alguns dias contradiz essa afirmação.”

Meus lábios se curvam num rosnado, mas forço um sorriso tão falso que quase rasga meu rosto. “Não faço ideia do que você está falando.”

“Hum. A negação é adorável.”

“Eu não sou adorável.”

“Você é. Às vezes.” Ele enfia o capacete na cabeça. “Então, qual vai ser? Se eu não puder te tocar, não vou me ajoelhar. Você sempre pode vencer e não me deixar te tocar, a menos que… você não tenha confiança?”

“Por favor.” Eu me posiciono. “Você vai cair, Osborn.”

“É isso que eu gosto de ouvir—” Antes que ele possa terminar a frase, eu roubo o disco e patino por ele em velocidade supersônica.

Ele não tem a menor chance.

Nem um pouco.

Osborn ainda é mais pesado do que eu e não tem a vantagem da velocidade como eu.

Então, quando chuto, o disco se enrosca na rede com o impacto.

"Uhuuu!" Deslizo para trás, fazendo uma dancinha enquanto levanto as sobrancelhas. "Um a zero, filho da puta."

Osborn está me observando, com uma expressão tranquila, mas o olhar duro. "Isso foi trapaça."

"Ah, já está se fazendo de vítima? Não se preocupe, você não vai ficar de joelhos por muito tempo."

"Isso não acabou, querido."

No segundo round, ele rouba o disco, mas eu o pego imediatamente, bloqueando o chute, meu capacete batendo contra o dele.

“Deixe-me te tocar.” Seu sussurro desce baixo, envolvendo minha garganta até me apertar. “Só uma vez. Se você odiar, não te toco de novo. Podemos combinar uma palavra de segurança. Que tal amigos? Porque nunca seremos isso. Amigos, quero dizer.”

Há uma dureza em sua expressão, uma leve mudança em seu tom de voz, quase como se ele estivesse... o quê? Bravo comigo?

“Se você disser essa palavra, não te toco mais.”

“Você não vai me tocar de jeito nenhum.”

“Mesmo quando você implora para ser tocada?” Sua respiração quente corre suave e pesada entre nós. “Sua boca pode se esquivar o quanto quiser, mas seus olhos... seus olhos não mentem.”

“Pare de falar merda.”

Ele me empurra naquele instante, passando por mim e marcando ponto.

Então o idiota se vira para mim e sorri, piscando o olho.

“Você me distraiu de propósito!” grito, a enorme arena ecoando minha voz.

“Nossa, você me acha uma distração? Estou honrado.”

Me atiro no disco, mas seu corpo absurdamente grande me bloqueia, nossos tacos travando uma verdadeira luta de força.

Ele empurra — eu empurro de volta — mas ele usa a força bruta do seu corpo para me atropelar e marcar.

Bato meu taco no gelo, a estática familiar percorrendo minha espinha, invadindo meus sentidos até que a náusea me domine.

É aquela sensação de novo.

Perder o controle e não ter… saída.

“Ei.” Um taco bate no meu no gelo enquanto olhos escuros me encaram, sua cabeça abaixando levemente para ficar na minha altura. “Foque. Respire. Olhos em mim. Não deixe nada além de mim chamar sua atenção, entendeu?”

“Vai se foder, seu idiota. Você nunca vai ter minha atenção.”

“Ótimo. Você voltou.” Marcus patina na minha frente, ainda me observando atentamente.

Que se dane.

Antes que ele consiga se posicionar, eu roubo o disco, passo pela esquerda dele e miro em um chute de longa distância.

“E ele marca!” Eu sorrio, circulando ao redor dele. “Quer desistir agora,

perdedor?”

“Não acabou até que acabe.” Ele tenta pegar o disco, mas eu estou pronto.

No momento em que ele tenta me ultrapassar, eu o bloqueio e bato com meu ombro no dele. Não muito forte, por causa da falta de proteção, mas o suficiente para doer.

“Nem pensar.” Tento me livrar dele, mas ele não se move.

“Você está com tanto medo do meu toque?” ele murmura com uma voz rouca e profunda.

“Não tenho medo de nada. E pare de falar.”

Eu tento alcançar o disco, mas o taco dele se enrosca no meu, nossos ombros tão presos que é impossível me separar dele e fazer qualquer uma das minhas manobras rápidas de costume. Todo mundo sabe que eu não nasci para esses choques prolongados. Essa é a função do Jude, e é por isso que ele luta por mim.

Mas hoje, eu não vou me mexer — vou morrer nessa colina.

Por causa da ausência das proteções, sinto cada movimento dos seus músculos, o calor da sua pele e a força absoluta daquele bruto.

Marcus se inclina com mais força, quase me derrubando dos patins. Sua força me atinge como um aríete, roubando o ar dos meus pulmões enquanto tento manter a posição. Eu me preparo, e ele pressiona novamente, apertando até minhas costelas latejarem.

“Desista”, ele sussurra, o capacete batendo no meu, o calor emanando de suas palavras. “Você nunca vai me vencer na força. Não quando você está acostumada a jogar tão limpo.”

“Vai se foder…”

“Eu adoraria.” Ele sorri, o protetor bucal brilhando. “Você não tem ideia de quanto eu adoraria.”

Então ele joga todo o seu peso sobre mim, e minhas pernas gritam em protesto, mal me mantendo em pé enquanto ele me empurra para trás.

“Você consegue sentir? O quanto eu realmente…” Empurra. “Realmente.” Empurra. “Quero te tocar, querida?”

Algo estranho acontece então.

Não estranho — blasfêmia — e me atinge com tanta força que minha força vacila.

Marcus passa por mim e marca.

Eu ouço o lance, mas não olho.

Não consigo olhar.

Já me virei, me recusando a encará-lo.

Porque naquele momento, quando ele me segurava com toda aquela força bruta e desmedida, dizendo o quanto ele queria... você sabe... meu pau deu uma

tremidinha.

E agora, está ficando desconfortavelmente duro na minha bermuda.

Porra.

Não.

De jeito nenhum.

Vou precisar que o Dr. Duret e o Dr. Fenwick criem uma poção nova rapidinho para resolver isso. Porque isso não pode estar acontecendo agora.

Um braço firme me envolve pela cintura, uma mão grande e enluvada se acomoda no meu quadril.

Eu deveria me encolher.

Pular.

Dar um soco nele.

Minha cabeça deveria explodir com estática, roubando meu fôlego e causando um curto-circuito no meu cérebro.

Mas... não acontece.

Em vez disso, o som se transforma num zumbido baixo enquanto a sensação da mão quente dele vai direto para o meu pau.

Meu filho da puta, que não tem a menor noção do que está acontecendo ao seu redor.

Ou o quanto eu odeio aquele idiota do Marcus.

Espera. Desde quando eu comecei a chamá-lo de Marcus na minha cabeça?

"Agora." Suas palavras ásperas chegam ao meu ouvido, sua respiração quente roçando minha pele. "Por onde eu começo com você?"

9

PRESTON

Eu não sou gay.

É sério. Juro por Deus.

Juro de coração que sou atingido por um raio.

Tipo, não estou brincando. Eu não olho para homens do mesmo jeito que olho para mulheres.

Passei a vida inteira compartilhando momentos íntimos com os caras no vestiário, e nunca, jamais, olhei para nenhum deles e fiquei excitado.

Nem uma vez.

E já que estamos falando nisso, também acho meu corpo melhor que o deles. Sou o cara que começa uma competição de quem tem o maior pênis só para lembrar a todos que sou o campeão. Exceto o Jude. A gente não fala do Jude. Jude é um concorrente de peso para as mulheres, sobre as quais me recuso a falar.

Masculinidade tóxica, blá, blá, blá. Clássico papo de hétero.

E caras héteros não se excitam com outros caras. Essa é literalmente a Regra Número Um da Bíblia dos Bros.

O que torna extremamente preocupante o fato de eu, um Cara Totalmente Hétero certificado, ter acabado de ficar com uma ereção astronômica por estar sendo agarrado pelo maldito rival que eu odeio com a intensidade de mil sóis.

E agora, com a mão dele na minha cintura, meu cérebro está dando um pane tão grande que está praticamente pegando fogo.

Isso não faz o menor sentido.

Já fui apalpado, derrubado, puxado e dobrado como roupa suja por anos, e

nunca senti nem um espasmo de pena.

Então por que diabos—

Alô? Cérebro? Gostaria de um memorando. Um post-it? Um anúncio pop-up? Literalmente qualquer forma de comunicação seria apreciada. Agradeço antecipadamente.

Silêncio.

Porque, aparentemente, meu corpo assumiu o controle e minha mente mudou seu status para — offline, boa sorte, vadia.

A mão desaparece, me tirando de qualquer transe em que eu tivesse caído. Me viro bruscamente e congelo quando Marcus arranca a luva com os dentes, deixando o capacete e o taco abandonados no gelo.

E mais uma vez, estou encarando os hematomas que lhe causei outro dia.

Minha marca.

Não. Quem se importa com isso?

Aparentemente, meus olhos se importam, porque se recusam a olhar para qualquer outro lugar.

Seus cabelos úmidos caem em mechas desgrenhadas sobre a testa, algumas delas caindo naqueles olhos incrivelmente escuros — tão escuros que minha espinha dá um pequeno e estranho arrepio.

E por algum motivo inexplicável, acho tudo isso… fascinante.

Não. De jeito nenhum.

Não é fascinante.

Perturbador? Sim. Fascinante? Jamais.

Apague esse pensamento, cérebro. Queime-o. Salgue a terra.

Marcus joga as luvas no gelo e diminui a distância entre nós, mas eu patino de volta antes que ele me alcance. "Que merda você pensa que está fazendo?"

Minha voz não soa tão cortante quanto eu gostaria, e aquela ereção incômoda não vai embora. Pelo contrário, parece ter piorado, apertando cada vez mais meu short de compressão.

"Te tocando." Ele continua patinando para frente enquanto eu me deixo deslizar para longe, apertando meu taco com mais força. "Foi isso que combinamos, lembra?"

Não gosto do olhar dele. Primeiro, ele não está debochando nem dando aquele sorriso debochado de sempre, o que me faz pensar que é um mau sinal. Segundo, há um brilho predatório nos olhos dele, como se estivesse ponderando a melhor maneira de me devorar.

Eu, Preston Armstrong, que devoro pessoas no café da manhã, estou prestes a ser devorado?

Alguém chame o Dr. Duret imediatamente. Estou morrendo

psicologicamente.

Levanto o queixo e falo no tom condescendente que reservo para os plebeus. "Você já me tocou."

"Não." Sua voz grave ressoa como uma vibração. "Eu nem comecei. Tive que tirar as luvas para te sentir direito."

Entramos numa dança ridícula — eu deslizando para trás, ele avançando com uma determinação estonteante.

“Você vai sentir meu pé na sua bunda se não tomar cuidado.”

Ele dá uma risadinha. Uma risadinha mesmo. Eu não sabia que ele era fisicamente capaz de produzir aquele som, mas lá estava ele — rindo. Não de leve, porém. De forma sombria.

“Seu adorável mecanismo de defesa está me conquistando.”

“Não se apegue. Eu mordo.”

“Hum. Quão forte?”

O idiota passa a língua pelo lábio inferior antes de morder o canto.

E agora, a boca dele está vermelha e brilhando, e eu preciso desviar o olhar porque, que diabos está acontecendo?

“Eu arrancaria sua cabeça com os dentes.” Eu sorrio do meu jeito provocativo de sempre, mas ele apenas sorri, parecendo satisfeito demais com seja lá o que for isso.

“Violento. Eu sabia que você era especial.”

Algo se mexe atrás das minhas costelas, não sei o quê, provavelmente alguma doença que o Dr. Fenwick ainda não descobriu, mas, felizmente, não preciso pensar nisso.

Infelizmente, porém, minhas costas batem com força no acrílico — não, é a porta destrancada do banco de reservas. Ela se abre com o impacto e eu derrapo no gelo liso, perdendo o equilíbrio enquanto meu taco bate em algum lugar no gelo.

Mãos grandes agarram minha cintura, achatando minhas costas. Me envolvendo? Tentando me manter em pé?

Seja lá qual for a intenção, ela falha espetacularmente porque atravessamos a porta e caímos lá dentro em meio a uma bagunça de patins, sons de raspagem e batidas infernais.

A queda é apenas parcialmente controlada. O peso de Marcus me prende brevemente, absorvendo parte do impacto com sua pegada. Mesmo assim, minhas costas batem com força na borda do banco.

Acabo meio sentado, minhas omoplatas grudadas na superfície fria de material composto enquanto um corpo grande e absurdamente musculoso me pressiona para baixo.

Pisco os olhos para as luzes da pista que entram pela porta aberta, o gelo brilhando no canto da minha visão, meus ombros latejando.

E... outra coisa está latejando.

Puta merda.

Isso precisa ser estudado clinicamente, porque acabei de cair de bunda, fui atropelado por um jogador de futebol americano disfarçado de jogador de hóquei e agora, meu pau está... excitado?

Isso seria o ápice da comédia se eu não estivesse estrelando um filme de terror psicológico.

Marcus levanta a cabeça e — puta merda — ele está perto.

Tão perto que o rosto dele parece estar grudado no meu capacete. Em vez de ar, estou inalando o cheiro dele — cedro, couro, algo dolorosamente masculino.

E meu pau está doendo.

Nossa. Isso está entrando em um novo território de insanidade, e eu já estou operando em um nível clinicamente instável, como a vovó gosta de me lembrar.

Porque nada disso faz sentido. Tipo, sério. Eu amo mulheres. Um desastre hipersexual aqui — cortesia do passado problemático, ou pelo menos é o que o Dr. Fenwick diz. A questão é: eu amo sexo.

Eu amo transar, amarrar, ficar a noite toda até não aguentar mais.

Sim, é lógico que meu pau seja uma puta. Esse é o modo padrão dele. Mas não é lógico que as tendências de puta estejam se ativando na frente do Marcus.

Ele não é nem de longe uma garota. Nem de longe delicado. Só linhas afiadas, queixo esculpido, olhos predadores e músculos que estão me sufocando.

Tudo nele cheira e parece inconfundivelmente masculino — profundo, áspero e assumidamente másculo.

Não é o meu tipo. Nem está no cardápio.

"Sai de cima de mim", eu digo, e então aperto meus lábios porque sai baixo, quase suave, tão diferente da mordida que eu pretendia dar.

Marcus estende a mão em minha direção, e cada músculo do meu corpo se tensiona enquanto ele tira meu capacete. O barulho que ele faz contra os painéis soa absurdamente alto no silêncio.

Tudo parece acontecer.

Minha respiração.

A dele.

É profunda, audível, embaçando o acrílico como se estivéssemos presos em nosso próprio pesadelo particular.

"Oi", ele diz arrastado, passando o indicador e o dedo médio pela minha bochecha, lenta e obscenamente, parando no corte cicatrizando na minha boca. "Eu te machuquei outro dia, não foi?"

Cerro os dentes. "Você tem um desejo de morte?"

"Não exatamente." Uma vibração baixa percorre sua voz, seus olhos escurecendo para combinar. "Eu amo a marca que deixei em você."

"Você também vai amar meu punho na sua cara."

"Eu já amo."

Sua concentração total se concentra nos dedos que traçam meu rosto — bochecha, nariz, o canto da minha boca. Seu olhar se fixa ali, e um desconforto me atravessa em um borrão agudo e familiar.

Como quando ele me tocou antes.

Começa como um arrepio de desconforto, depois corta meu peito como lâminas ocultas, mais fundo do que qualquer coisa que Lenin já tenha feito comigo com seu punho de ferro.

"O que eu não gosto", murmura Marcus, inclinando a cabeça, "é como seu lindo rosto está machucado."

Ele roça o polegar no meu queixo. "Não vou machucar seu rosto de novo. Não importa o quanto você insista."

Algo denso se aloja na minha garganta, apertando tudo dentro de mim.

Por que isso parece... droga... íntimo?

Eu odeio isso. Eu o odeio.

"Nunca mais deixe seu rosto ser machucado", ele sussurra, guiando meu queixo para a palma da sua mão.

"O que eu faço com o meu rosto não é da sua conta."

"Nunca mais." Seu aperto se firma, sua voz ficando rouca em uma mudança deliberada. "Entendeu?"

Um arrepio percorre minha espinha, e me recuso categoricamente a analisá-lo. Direto para o closet, junto com o resto dos meus esqueletos psicológicos.

"Se você terminou, sai de cima de mim", grito, mas ainda falta a força que deveria ter — o que é profundamente preocupante. Gostaria de registrar uma queixa com minhas cordas vocais.

E já que estou registrando queixas, meu pau teimoso é o próximo da lista.

"Terminou?" Seus lábios pairam a centímetros dos meus, o calor irradiando entre nós. "Estou só começando, querido."

Tapo sua boca com a mão enluvada antes que ele possa se aproximar. "Não me beije, porra, ou eu corto sua garganta, tomo um banho no seu sangue e desfigo seu rosto de tal forma que nem sua mãe conseguirá identificar o cadáver."

Ele abaixa minha mão com uma calma irritante, seus dedos deslizando do meu queixo até minha garganta, demorando-se sobre meu pomo de Adão como se fosse um botão que ele estivesse pensando em apertar.

"Essa é a sua ideia de conversa picante?", ele murmura. "Estou começando a gostar."

Engulo em seco — muito em seco — porque ele continua deslizando as pontas dos dedos sobre meu pomo de Adão. Que tipo de cara toca o pomo de Adão de outro cara como se estivesse testando sua textura?

Marcus, aparentemente.

E, claro, meu cérebro escolhe esse exato momento para se distrair com a tatuagem de corrente subindo pelo seu pescoço, espreitando por baixo da camisa como um aviso.

A mão dele desce. O aperto que ele tinha no meu pulso desliza para o meu quadril, por baixo da minha blusa e da camiseta de compressão, até que sua palma grande e quente pousa na minha pele úmida.

Uma onda de náusea me invade no instante em que ele toca a tatuagem no meu quadril. Cada movimento da mão dele ao longo da minha lateral, ao longo dos músculos dos quais normalmente me orgulho, torna a respiração mais difícil.

Droga.

Droga.

É por isso que não deixo ninguém me tocar. Isso evoca o demônio que enterro mais fundo — meu eu de sete anos.

Minha pele parece estranha. Muito esticada. Esticada em direções que não deveria. Ele não está me machucando, mas meu corpo não sabe disso, ficando rígido, com a pele arrepiada. Um zumbido estático percorre minha cabeça até minha garganta se fechar e eu não conseguir respirar.

Marcus não consegue me ver desmoronar, ofegando como uma criancinha mimada.

"Me machuque."

As palavras escapam da minha boca antes que eu possa impedi-las.

Sua mão para sobre minhas costelas, os dedos pressionando levemente enquanto seus olhos encontram os meus. "Te machucar?"

"Sim. Como da última vez. Me bata." Forço um sorriso que parece de vidro. "Nós dois sabemos que você quer."

"Ah, eu sei." Uma sombra escurece seu rosto. "Mas eu já te disse. Este rosto é precioso demais para ser danificado."

A náusea volta com tudo, e eu quero amaldiçoá-lo até o esquecimento, mas o que sai é: "Só me bata em outro lugar."

"Em qualquer lugar?" Um brilho perigoso atravessa seu olhar. "Tem certeza disso?"

"N-não no meu pau."

"Você gaguejou?" Seus lábios se entreabrem, o deleite cortando a tensão.

"Adorável."

“Vai se foder.”

“Seu desejo é uma ordem, querida.”

Espero que ele me acerte no peito ou na barriga — algo que eu aguentaria, algo que provavelmente eu gostaria —, mas Marcus se levanta.

A falta do seu calor sufocante permite que a corrente de ar frio do banco penetre direto nos meus ossos.

Ele é enorme aqui dentro. O banco de reservas parece apertado para dois jogadores de hóquei grandes deitados, e com ele me dominando, parece ainda menor.

Antes que eu consiga processar o que diabos ele está planejando, ele me agarra pela cintura e me vira. Caio de joelhos, tentando me equilibrar, de frente para o banco.

Quando começo a me virar para ele, sua mão agarra minha nuca e força minha cabeça — e metade do meu peito — contra o banco.

A ardência me atravessa, e meu pau pulsa com mais força do que antes, e a essa altura já é ridículo.

Absolutamente absurdo.

Estou tão ofendido que estou realmente considerando me matar como uma forma de escapar.

"Pensei que você tivesse dito para não bater no rosto", gemo, tentando não parecer que estou prestes a gozar nas calças.

"Não no rosto, não."

Sinto-o ajoelhar-se atrás de mim — e então minhas calças e a roupa de compressão são puxadas para baixo.

Mordo a parte interna da minha bochecha com tanta força que meus olhos lacrimejam enquanto meu pau, totalmente pulsante, salta para fora.

"Isso, no entanto..." Sua mão desliza sobre minha bunda, e a náusea me invade novamente.

"Eu disse para você me machucar, não me acariciar—"

Estalo.

Minha respiração falha. Ele acabou de... me dar uma palmada?

Estalo.

Dessa vez, eu me encolho — daquele jeito bom. Não daquele jeito estático e dissociativo.

"Assim?" Sua voz é mais grave, mais rouca, como se ele estivesse saboreando cada segundo.

"Claro, tanto faz", consigo dizer, minha própria voz constrangedoramente ofegante enquanto a faísca percorre meu corpo como uma carreira de drogas.

Uma dose de bebida alcoólica injetada direto na minha corrente sanguínea.

Dor é bom.

Dor faz sentido.

Eu gosto de dor.

Sempre achei que o único tipo disponível para mim era a dor de Lenin — brutal, feia, movida pela sobrevivência — mas nunca considerei a… categoria sexual.

Bem, ok, eu considerei. Só nunca imaginei realmente tentar.

Eu, me colocando voluntariamente em uma posição vulnerável? Nem pensar. A mera perspectiva me dá arrepios. Não imediatamente.

"Ou isso?"

Estalo. Estalo. Estalo.

Meu corpo se contorce sob os golpes implacáveis. Ele não está pegando leve — e eu adoro isso.

Mais do que adorar.

Está alterando a química do meu cérebro de um jeito que eu jamais imaginei.

As surras de Lenin doíam — só isso. Mas isso?

Todo o meu sangue está correndo para baixo, transformando meu pau em uma barra de aço.

Me foda de lado.

Marcus desliza a mão da minha nuca para o meu cabelo, me puxando para cima com um punhado de punho, de modo que ele esteja me encarando. "Você gosta de ser machucado, garoto doente?"

"Você gosta de machucar os outros, garoto doente?"

"Sim." Um sorriso malicioso se forma no canto da sua boca. "Isso me excita."

"Você é realmente doente."

"Podemos ser doentes juntos."

Estalo.

Eu gemo, meus olhos se fechando um pouco, mas forço um sorriso com meus lábios trêmulos. "É só isso que você tem?"

"Essa boca maldita sabe mesmo como me divertir."

Tapa.

Tapa.

Tapa.

Eu não achava que ele pudesse bater mais forte, mas ele provou que eu estava errada.

Tão errada, porque, puta merda, eu nunca senti uma enxurrada de golpes percorrendo meu sangue, me devorando viva como um furacão.

Ele é o furacão. Marcus Osborn, porra.

E eu deixo ele me destruir porque eu gosto.

E ele também gosta.

Ele está em um transe parecido com o meu, o rosto envolto em uma nuvem de desejo. Eu nunca testemunhei esse nível de loucura antes, e isso está causando um caos na minha cabeça.

Uma revolta no meu corpo.

Eu gemo profundamente enquanto ele dá tapas na minha bunda repetidamente, alternando entre as nádegas, me obrigando a olhar para ele o tempo todo.

A pior parte é quando ele para para acariciar a pele vermelha e ardendo.

Eu não gosto disso.

Qualquer toque, carícia ou carinho me deixa completamente à flor da pele.

Então, faço o que faço de melhor: provocá-lo.

"Você está decepcionando, Osborn."

"E você está mentindo, Armstrong." Ele me dá outro tapa na bunda, e meu pau está tão duro que sinto o líquido vazando nos painéis. "Você me deixou ganhar por causa disso, não é? Porque você queria que eu fizesse coisas grosseiras com você e te usasse como bem entendesse. Você só não queria admitir."

"Vai se foder..." Perco a batalha e deslizo minha mão entre as pernas.

Só preciso de um pouco de fricção.

Só um pouquinho.

"Amigos", ele diz arrastado. "Diga isso e eu paro."

"Eu não sou seu maldito amigo."

Ele me dá um tapa tão forte que eu cambaleio, e um gemido ecoa no ar.

Meu gemido.

Eu gemi, porra.

“Não?” Sua voz baixa enquanto ele solta meu cabelo, deixando minha cabeça cair para a frente no banco enquanto ele se abaixa e agarra minha mão, que agora está enrolada em meu pau.

Seu aperto é tão forte que não me permite me masturbar. Meus patins deslizam no chão inconscientemente, como se isso me desse alguma fricção.

“Talvez você tenha razão. Amigos não fazem isso.” Ele aperta minha mão com mais força quanto mais tento movê-la.

“Unghh… merda… Solta minha mão.”

“Diga por favor.”

“Vai se foder.”

Tapa. “Tenta de novo.”

“Ugh… merda… Ah… só solta…”

“Por favor. Diga.”

“Não.”

“Então vamos ficar assim a noite toda enquanto seu pau implora por alívio.”

Tapa.

“Mmm, merda, merda… sim, me machuca…”

“Por favor. Me machuca, por favor. Agora, diga.” “Por favor… Ah, droga, por favor… mais… faça doer…”

Eu não sei mais o que diabos estou dizendo, porque a mão dele está movendo a minha para cima e para baixo. Meu pau pulsa e estou me molhando enquanto ele me dá outra palmada.

"Isso mesmo, amor", ele sussurra no meu ouvido. "Dá uma paradinha pra mim."

"Unghhh... porra... eu tô quase lá..."

"Quer gozar pra mim, amor?"

"Ungh... por favor... porra!"

"Assim mesmo, isso... esse olhar nos seus olhos tá me deixando louco."

Estalo.

"Mmmm... eu... eu...

"Vai em frente. Me mostra como você goza."

Essas palavras não deveriam ter esse efeito em mim, mas eu decidi que estou tendo uma experiência extracorpórea. Algum alienígena me possuiu, e é ele quem está tendo essa reação visceral ao Marcus.

Pelo menos, é o que digo a mim mesmo enquanto me debato, xingando, implorando e tendo espasmos por todo lado.

Estou ejaculando por todo lado, nas nossas mãos, na minha camisa, no chão.

Por todo lado.

E é nesse momento que tenho uma epifania — com a minha bochecha apoiada no banco e a bunda empinada.

Logicamente, eu deveria odiar essa posição, mas o orgasmo poderoso que acabei de ter anula completamente essa suposição.

Seus dedos longos afastam o cabelo dos meus olhos, e ele me dá um beijo na testa enquanto murmura palavras ásperas. "Você foi um bom menino, meu bem."

Uma onda de náusea sobe pela minha garganta, o zumbido estático volta com força total até meus ouvidos zumbirem. Minha respiração fica ofegante enquanto a névoa do prazer se dissipa, e eu sei que estou a segundos de um colapso épico.

Mas em vez de deixar o Marcus ver esse meu lado depravado em alta definição, eu o soco e faço a única coisa que sei fazer bem.

Corro para bem longe.

10

PRESTON

“O que há de errado com aquele cara?” sussurro para Jude enquanto estamos sentados no balcão da cobertura de Kane, no centro da cidade.

“Eu te disse. Ele está brigando com a Dahlia.” Jude coloca meus remédios ao lado, junto com uma garrafa d'água.

Minha mãe, gente.

Sempre garantindo que eu tome meus remédios — mesmo quando está disfarçada de serial killer de quase dois metros de altura.

Ele provavelmente é o espião do Julian, sussurra a parte do meu cérebro que gosta de criticar.

Cala a boca, demônio. Não ouse falar assim do meu irmão Jude.

Sério, Jude odeia Julian mais do que qualquer um e mal se dá bem com ele. Cada família disfuncional tem seus problemas, né?

“Mas isso é motivo para comemorar, não para ficar se lamentando.” Sorrio e engulo os remédios. “E aí, Kane! Posso te arranjar alguém muito melhor que a Destiny!”

Ele me lança um olhar mortal por cima do ombro. “Cala a boca, Presidente.”

“Qual é, você não pode estar de mau humor por causa dela. Ela tem cara de agente dupla. Eu tenho fontes. Vou ter provas da espionagem dela a qualquer momento.”

“Não importa.” Ele despeja arroz frito nos nossos pratos com tanta tensão nos ombros que é quase impressionante que ele não exploda.

“Ei, o que é isso de apresentação triste de orfanato?” Aponto meu garfo para ele. “Por que estamos sendo punidos pelo dano emocional causado pela Dior?”

“Cala a boca e come.” Ele se vira para o fogão.

Faço uma careta para as costas dele. Jude balança a cabeça baixinho para mim, como se eu fosse uma criança pequena segurando uma granada.

Sinceramente, não entendo por que Kane está emburrado. Então Dinah se foi? Que bom, para mim tanto faz. Nunca me dei bem com aquela garota.

Porque ela dormiu com o Marcus, sussurra meu demônio interior, gargalhando maniacamente.

Não.

É porque ela é desonesta e suspeita pra caramba. E Kane sabe disso, mas se recusa a enxergar porque está apaixonado como uma princesa da Disney.

Não tem absolutamente nada a ver com aquele degenerado do Marcus em quem me recuso a pensar.

Estamos na mesma página, demônio? Ótimo.

Kane mexe no que estiver fritando no fogão, seminú, só com a calça de moletom pendurada nos quadris.

Na verdade, Kane odeia ficar nu. Ele é sempre o primeiro ou o último a tomar banho e se veste mais rápido que a velocidade da luz. Isso porque ele não gosta que as pessoas vejam as cicatrizes misturadas com suas tatuagens de serpente.

Perto de mim e de Jude, porém, ele não se importa. Vemos as cicatrizes um do outro desde crianças. Estávamos lá quando algumas delas aconteceram — como os cílios postiços do Kane, cortesia dos castigos do pai dele.

Com o tempo, paramos de perguntar e apenas oferecemos apoio silencioso.

Mas não é por isso que estou observando-o enquanto mastigo minha comida como se ela me devesse dinheiro.

Objetivamente falando, Kane é atraente — bonito no estilo "vizinho que estraga a curva". Não etéreo como eu, obviamente, mas ainda assim agradável aos olhos. Corpo sarado. Pênis enorme. Um conquistador nato.

E, no entanto… meu pau nem se mexe. Nem um sinal. Nem um soluço. Completamente dormente.

Ao contrário do que aconteceu cinco dias atrás.

Me remexo desconfortavelmente porque, aparentemente, só de lembrar daquele incidente nada ortodoxo já é suficiente para fazer meu pau traiçoeiro se esticar e se fazer presente.

Desvio o olhar de Kane e observo Jude, que está se empanturrando de arroz. Jude é másculo, o oposto da minha estética de bonitão. Somos como uma dupla de piada — o Príncipe Encantado e o Bad Boy da Casa.

Ok, o Jude é parecido com o Marcus na aparência física, mas não no rosto.

O Marcus tem aquele olhar anguloso e predatório de empresário. O Jude é

mais "Eu odeio todo mundo. Não fale comigo."

E mesmo assim... nada.

Eu até dei uma olhada — pura pesquisa científica — enquanto o Jude tomava banho depois do treino. Meio bizarro, sim, mas eu precisava de dados.

Se eu gostasse de homens, meu pau não escolheria um dos meus melhores amigos? Eles me conhecem bem. Eu morreria por eles. Eles morreriam por mim. Juntos, seríamos o trio mais poderoso que a humanidade já viu.

Mas não.

Meu pau colocou o Jude, o Kane e todos os outros caras existentes na friendzone até o próximo milênio.

Acredite, eu também dei uma olhada no time durante minha sessão bizarra, e nada. Nem um sinal de pena.

Mas pelo menos a crise do "Será que estou quebrada?" diminuiu, porque continuo sendo o espécime mais belo das Víboras.

Graças a Deus pelas pequenas misericórdias.

Outra parte de mim ficou aliviada por não ter sido Jude ou Kane, porque isso significaria que só agora estou descobrindo que gosto de homens.

O que aumentaria minha lista de catástrofes pessoais.

Sem mencionar a deliciosa tradição de Vencor de matar membros gays. Não metaforicamente. Matando-os de verdade.

O tio de Kane, Kayden, escapou por pouco da execução depois de ser pego em um encontro amoroso com sua aluna. Ele foi excomungado, não assassinado, porque ser membro fundador e possuir metade das ações dos Davenports lhe dá uma segunda chance de respirar.

Mesmo assim, Kane tem que encontrá-lo fora das fronteiras como se estivesse visitando um mago banido.

Eu realmente não preciso adicionar "tendências gays" à minha ficha criminal quando Vencor já acha que sou inadequado para liderar.

Muito imprudente.

Muito impulsivo.

Muito instável mentalmente.

Muito... quebrado.

Honestamente, não sei por que meu pai continua me apoiando na corrida pela herança, indo contra todos — vovô, vovó e todos os outros líderes. Ele deveria simplesmente me deserdar ou deixar o tio Atlas assumir a liderança. Sinceramente, não me importo em herdar um império construído sobre sangue, onde eu só nasci para cumprir um papel.

Mas é, adicionar "ocasionalmente sentir tesão por um homem" ao meu currículo de mau comportamento pode ser exatamente o que vai me tirar da

bolha protetora do meu pai e me levar à morte.

Aquele homem inflexível certamente desaprovaria.

Não que eu precise da aprovação dele.

Porque isso é só uma fase.

Eu até perguntei à Dra. Duret — vagamente, sem mencionar Marcus ou o incidente de gozar enquanto levava palmadas — se um homem hétero pode achar outro homem atraente.

Ela disse que sim, tão casualmente, como se não estivesse detonando minha visão de mundo.

Aparentemente, homens héteros podem "experimentar" às vezes. Depois disso, ou descobrem que gostam dos dois ou preferem homens, ou percebem que não é para eles e voltam para as mulheres.

É óbvio que me encaixo na última categoria. Claramente. Porque, oi? Jude ou Kane seriam minha primeira escolha, não algum idiota que me irrita tanto a ponto de eu querer cometer um homicídio e talvez até ter um derrame.

"Vocês estão prontos para o jogo de amanhã?" Kane pergunta, sentado na diagonal à minha frente, mexendo na comida e quase sem comer.

"Sempre." Eu sorrio.

"Você deveria se perguntar isso." Jude toma um gole de água. "Considerando toda essa cara de mau humor."

"É." Concordo com a cabeça. "Você parece a própria morte requentada."

Jude me lança um olhar exasperado. "Você quis dizer 'morte requentada'. 'Mal-estar' é outra coisa."

"Eu quis usar os dois termos juntos. E o Kane parece os dois."

"Você tem razão", Jude resmunga.

“Eu sempre jogo, grandão. Não precisa ficar falando o óbvio.”

“Não se preocupe comigo. Vou jogar como sempre.” Ele leva uma colherada à boca, depois a abaixa e aponta para Jude. “Se você não for violento durante a maior parte do jogo, e você…” Ele aponta o dedo para mim. “Jogar como no último jogo. Vai dar tudo certo.”

Engulo o punhado de arroz com dificuldade, mas forço um sorriso. “Eu sempre jogo no meu melhor nível.”

“Não, o último jogo foi possivelmente o seu melhor da temporada até agora”, diz Kane. “Com certeza compensa aquela confusão que rolou contra o Wolves.”

“Então eu tive um dia ruim, e você fica falando disso como se fosse um pen drive quebrado, mas o Jude está sempre no banco de reservas e sai impune?”

“Ei, por que você está me envolvendo nisso?” Jude me empurra com o ombro. “E é um disco riscado, não um pen drive quebrado.”

“Se atualiza com a tecnologia, sua vadia.” Eu o empurro de volta e, para

garantir, o chuto para debaixo do balcão.

“Jude não tem passe livre”, diz Kane.

“É, você viu ele me enchendo o saco todo dia como uma dona de casa entediada? E você ainda entra nessa, seu idiota?”

“É porque você sabota todo o meu bom trabalho!” Jogo as mãos para o ar.

“Bem, você sabotou o meu contra os Wolves, mas você não me vê falando sobre isso.”

“Agora você está! Quer brigar, seu filho da puta?”

“Não faça drama quando perder.”

“Vou te arrebentar.”

“Pode tentar, Presidente.”

“Chega”, diz Kane em tom cortante, interrompendo nossas discussões habituais, que têm 99% de chance de terminar em briga.

Pensando bem, Jude e eu brigamos bastante, trocando socos só para extravasar a agressividade. Já fiquei excitado em alguma dessas brigas? A resposta é não.

Meu pau nunca reagiu como reagiu perto do Marcus.

Que se dane, sinceramente.

“A questão é”, diz Kane com um tom de exasperação, já que sempre odiou ter que mediar as coisas. “Você jogou perfeitamente contra os Ravens. Precisamos disso amanhã. Estamos só um ponto à frente dos Wolves, e uma derrota os coloca em primeiro.”

“Nem pensar”, rosno.

“Exatamente. Então faça o que você fez antes do último jogo para jogar assim de novo.”

Ah, sim.

Patinar por aí com a bunda dolorida e latejante por causa do Marcus Osborn, foi isso que eu fiz.

E absolutamente não, isso não vai acontecer de novo.

Não vou usar “ser dominado pelo meu rival” como meu ritual pré-jogo.

Vou voltar ao meu padrão: mulheres.

Agora, se eu conseguisse encontrar uma — qualquer uma — atraente o suficiente para despertar meu pau quase indomável, seria fantástico.

Tipo, por favor, universo, eu imploro.

Mande uma gata imediatamente antes que minha sexualidade termine de reiniciar o Windows e escolha o Marcus como navegador padrão.

Meu celular vibra no bolso. Uma vez, depois de novo.

Eu o pego e, puta merda, é o Marcus.

Sério, universo? Eu peço um gato e você manda um?

Eu queria dizer uma mulher gostosa, droga.

O Marcus agora é o Problema nº 11 nos meus contatos — por causa do número da camisa dele. Hilário, eu sei. Eu o tinha como TPM (Síndrome do Homem Perpétuo) por alguns dias depois daquela noite, o que foi genial, se me permitem dizer.

Depois daquele incidente, eu esperava que ele viesse me procurar no vestiário, por isso eu basicamente fugi, só vesti minha jaqueta, calça e sapatos, e saí correndo, deixando o lugar uma bagunça.

Eu simplesmente não conseguia encarar o que quer que tivesse acontecido naquele banco de reservas — e não, não fui eu. Vou negar até morrer.

No dia seguinte, voltei bem cedo, lá pelas quatro da manhã, e apaguei todas as gravações de segurança para que ninguém pudesse provar que aquilo tinha acontecido.

Mas a questão é que notei algo. A bagunça que eu tinha deixado no vestiário tinha sumido. Meus patins, luvas e taco estavam guardados direitinho no meu armário, e encontrei dois doces em cima das minhas roupas dobradas.

A pista também estava limpa e organizada. Era muito improvável que a equipe de limpeza tivesse entrado, e, com certeza, confirmei isso quando assisti às gravações. Foi o Marcus quem arrumou tudo.

Avancei direto para a parte em que dei um soco nele e saí patinando como se estivesse pegando fogo.

Marcus apenas acariciou o queixo enquanto observava a direção para onde eu ia. Sentou-se no banco da área de penalidades e ficou me encarando. Como um tarado. Por um longo tempo.

Então ele se levantou e piscou para a câmera antes de continuar arrumando as coisas.

Como se soubesse que eu assistiria. Quer dizer, sim, faz sentido, nenhum de nós queria que os outros jogadores do Vipers soubessem que eu convidei o capitão do Wolves para um jogo tarde da noite.

No qual levei umas palmadas na bunda.

Ok, tudo bem, talvez eu tenha feito uma cópia da gravação e enviado para mim mesmo antes de apagá-la dos servidores da arena.

É para que eu possa analisá-la e ter certeza de que não paguei um mico completo e que é totalmente normal um cara hétero ter uma ereção tão forte ao ser tocado e levar umas palmadas de outro homem.

Acontece todo dia no clube de sexo perto de você.

Mais tarde naquele dia, eu detonei o jogo contra os Ravens, tanto que a mídia estava me elogiando. Depois, meu pai nos levou para jantar — algo que ele faz quando eu o agrado.

Lenin não estava em lugar nenhum.

Durante o jantar, enquanto eu contava piadas e Miley ria, recebi uma mensagem do incômodo público que é o Marcus.

TPM (SÍNDROME DO HOMEM PERPÉTUO)

Você recebeu os doces que eu deixei para você?

EU

Como você sabia que eu gosto de sabor manga?

Palpite certeiro. Parabéns pela vitória, aliás. Você foi fenomenal.

Diz todo artigo do mundo. A falta de originalidade é impressionante.

Eu sei ser original. Você se superou porque eu te dei umas boas palmadas e um orgasmo muito satisfatório.

Quem dera.

É verdade. Um pouco de reconhecimento pelo meu esforço não fará mal.

Devo começar a te agradecer nas minhas entrevistas pós-jogo para alimentar seu lado narcisista?

Se quiser. Eu já te dei os créditos na minha.

Por acaso eu fui ao banheiro durante o jantar com meu pai para pesquisar o Marcus no Google? Claro que fui.

Os artigos e vídeos apareceram imediatamente. Os Stanton Wolves massacraram os Knights, e tudo graças ao "capitão monstruoso dos Wolves, Osborn".

Cliquei no vídeo da entrevista. Era logo depois do jogo, então ele estava sem capacete e o cabelo úmido caía desgrenhado sobre o rosto.

Não faço ideia de por que pausei para observar aquele rosto atentamente.

Quando a entrevistadora perguntou qual era o segredo do seu desempenho excepcional, ele disse: "Desenvolvi um novo ritual especial antes dos jogos, que acredito ser o motivo de eu estar em ótima forma."

"Gostaria de compartilhar o ritual especial?", ela perguntou.

Ele apenas deu aquele sorrisinho familiar enquanto olhava para a câmera. "É segredo."

Que idiota.

Depois disso, passei a ignorar todas as mensagens dele me convidando para jogar um contra um de novo, para tomar um drinque ou qualquer outra besteira que ele dizia. Ele estava agindo como se fôssemos amigos, só porque me viu

chegar.

Correção: fez você chegar.

Cala a boca, cérebro.

Agora, fico olhando para as novas mensagens dele.

PROBLEMA Nº 11

Boa noite.

Temos jogos amanhã, príncipe. Sabe o que isso significa?

EU

Você vai morrer e a humanidade vai fazer uma festa para comemorar?

Um humor tão sombrio que chega a ser cativante. Mas não é isso. Significa que você e eu temos um encontro.

Não tenho nada com você, muito menos um encontro.

É engraçado você achar que pode negar isso e que será como se nada tivesse acontecido. Olha, considere um azar se não fizermos isso. Nós dois jogamos muito bem semana passada, seria uma pena perder o ritmo agora.

Eu não preciso de você para manter o meu ritmo.

Mas eu preciso de você.

Faço uma pausa, meus dedos tremendo levemente enquanto aquela sensação desconfortável aperta minha garganta.

"Com quem você está trocando mensagens tão intensamente?", pergunta Jude, tentando ver o que está no meu celular.

Meus lábios se entreabrem. Droga.

Eu honestamente esqueci completamente que Jude e Kane estavam aqui. Nem percebi Kane se levantando para lavar a louça, ainda com aquela cara de poucos amigos.

"Uma garota", minto descaradamente.

Jude franze a testa. "Que tipo de garota conseguiu te irritar tanto assim?"

"Uma chata."

"E você ainda está falando com ela? Você não costuma largar qualquer pessoa que tenha a mínima chance de ser um problema?"

"Vou largar essa também..." Minha voz some quando meu celular vibra com uma nova mensagem.

PROBLEMA Nº 11

Vamos nos encontrar na Arena Vipers daqui a uma hora?

EU

Não.

Esteja lá enquanto eu peço educadamente, Armstrong.

Ai, não. Estou morrendo de medo agora. 😱 Por favor, mande apoio emocional e um suco.

Se eu não te vir na frente da arena, vou te procurar na casa do Jude. É lá que você praticamente mora, não é? Se você decidir correr para a casa do Kane ou do seu pai, eu ainda vou te procurar lá e contar para o Jude, para o Kane ou para o seu pai sobre a cara que você fez quando gozou na minha mão.

Você acha que pode me ameaçar?

Eu sei que posso. Te vejo daqui a pouco, querido.



Ele me ameaçou.

O Marcus me ameaçou.

E claro, não deveria doer tanto assim — mas dói. Dói pra caramba, e eu vou fazer alguma coisa a respeito.

Por isso cheguei mais cedo do que o combinado. Tenho quase certeza de que um carro me seguiu até aqui — provavelmente o Lenin, garantindo que eu não mate ninguém sem permissão, comece uma guerra ou me incendeie.

Qualquer uma dessas situações terminaria comigo sob seus punhos charmosos e brutais.

Mas ele sumiu no instante em que entrei no estacionamento da arena.

Perfeito. Porque estou prestes a causar um estrago.

Estava esperando por Marcus.

Ah, sim, estava — escondida nas sombras, onde prospero, onde meus demônios esticam as pernas e aplaudem minhas decisões.

O estacionamento está vazio, iluminado por luzes fluorescentes fortes que fazem tudo parecer uma cena de crime em andamento.

Uma moto ruge à distância e entra. Lá está ele, de jaqueta de couro, jeans e capacete, com um cabo de guidão saindo do alforje.

No momento em que ele desliga o motor, eu ataco.

Com o bastão na mão, balanço e acerto a lateral do capacete dele por trás. O impacto ecoa no silêncio da noite, e ele cai com força.

Acerto seu estômago com a bota. De novo. E de novo.

"Me ameace de novo e eu corto sua cabeça fora." Chute. "Ninguém me ameaça, entendeu?" Chute. "Ninguém!"

E então... percebo que estou tremendo.

Minha pegada no bastão parece estranha, como se a mão que o segura pertencesse a outra pessoa. Agarro-o com a outra mão, mas o tremor piora.

O bastão parece menos uma arma e mais uma lâmina apontada para a minha própria garganta. Minha respiração se fragmenta em ruídos profundos e irregulares.

Suspiros preenchem o ar, e percebo que são meus.

Droga.

Droga.

"Não estou tendo uma crise", sussurro para ninguém em particular. "Não estou."

Mas você é, diz uma voz dentro de mim — calmo, cruel, familiar.

Essa chave na minha cabeça vira sem aviso.

O mundo passa de alta definição para estática. As cores borram. Os sons distorcem e tudo zumbindo num toque alto e interminável. Meu peito se fecha, meu cérebro trava e minhas narinas se enchem com o cheiro de cigarro e hortelã fresca.

“Não ouse dizer nada, Preston.”

“É o nosso segredinho, Preston.”

“Se você disser alguma coisa, sua mãe vai ficar decepcionada.”

“Seu pai já te abandonou, se você perder sua mãe, vai ficar completamente sozinho.”

“Cala a boca, Preston.”

“Shh, Preston. Se comporte.”

“Não se mexa, Preston.”

“Fique parado, Preston.”

“Preston…”

O ruído estático aumenta. Ele preenche cada canto da minha cabeça até que eu não consiga mais distinguir se está no ar ou sob a minha pele. Meus dedos se contraem como se tentassem me arrancar do meu próprio corpo.

"Preston..."

Pare de me chamar.

"Preston."

Pare. Alguém, faça isso parar.

"Preston!"

A voz grave e rouca me traz de volta à realidade. Percebo que estou no chão. A faca na minha garganta é o pedaço de pau que está sendo arrancado dos meus

dedos, uma junta de cada vez.

Minha visão está turva, minha respiração caótica enquanto aquele demônio horrendo espreita das sombras.

Mas em meio a tudo isso, há olhos cinzentos. Duros. Inconfundíveis.

Sangue escorre pela sua têmpora enquanto ele se agacha, sua mão segurando meu queixo — não com força, apenas firme o suficiente para fazer o mundo girar e travar.

“Olhe para mim”, ele diz num tom firme, mas não áspero.

E eu olho, porque sua respiração é constante, seu peito se expandindo num ritmo suave. Inspira, expira. Uma maré lenta na qual eu nem sabia que estava me afogando até que começou a me puxar junto.

Percebo que estou acompanhando o ritmo dele.

Inspira.

Expira.

Inspira.

Expira.

A estática se dissipa, as luzes param de piscar na minha cabeça e o zumbido silencia.

Minha mão se molda ao meu corpo novamente, em vez de parecer um objeto estranho.

Marcus toca minha testa com a dele, seus olhos severos, porém firmes, ainda fixos nos meus. Perto. Sem piscar.

Apenas ali.

Como ninguém jamais esteve.

Enquanto o calor se espalha pela sua testa até a minha, ele sussurra: “Aqui está você, meu príncipe”.

Algo no meu coração se move, se agita e se quebra.

Uma doença. Deve ser doença cardíaca.

Porque eu me recuso a aceitar a ideia de que meu coração tenha falhado uma batida.

Ridículo.

11

MARCUS

Preston fugiu.

De novo.

Primeiro me ignorou, depois fugiu.

Mas não foi longe. O bom é que não dirigiu o carro para o horizonte e sumiu de vista antes que eu pudesse piscar, como da última vez.

Em vez disso, simplesmente entrou na arena.

Naturalmente, vou segui-lo.

Mas, por enquanto, fico do lado de fora, limpando o corte na minha têmpora, cortesia daquele filho da puta violento.

Minhas costelas também doem, e não preciso olhar para saber que ele me presenteou com hematomas feios. Nada de novo. Eu me machuco no hóquei o tempo todo — o que são mais alguns?

Bato o polegar no dedo médio enquanto encaro a porta por onde Preston desapareceu há alguns minutos.

Que merda eu estou fazendo?

Amanhã tenho um jogo importante que preciso vencer com folga. Deixar-me apanhar um dia antes não é lógico nem benéfico de forma alguma.

Não que eu pudesse ter impedido o Preston, por si só.

Ele tinha um olhar maníaco, quase como se uma pessoa completamente diferente o tivesse possuído e comandasse tudo.

Não gosto desses olhos. São diferentes dos olhos dele na floresta; aqueles também eram maníacos, mas pelo menos transbordavam excitação.

Estes eram... mortos. Não, não mortos. Assustados?

Ele estava me chutando até quase quebrar uma costela, mas parecia apavorado enquanto fazia isso.

Enquanto o observava, estranhamente desenvolvi um profundo ressentimento por qualquer que fosse o motivo daquela reação.

Ele é o Preston Armstrong, como gosta de lembrar a todos.

O príncipe da liga. O deus do hóquei da GU. Um garoto rico com o rosto mais bonito e o corpo mais letal.

Ele se orgulha disso e ostenta em todas as redes sociais. Eu sei porque provavelmente já li todas as suas postagens, estudando-as como se fossem uma redação.

Mas desde a floresta, estou descobrindo um lado completamente diferente do Preston. Um lado que ele mantém trancado a sete chaves. Um lado que parece vir à tona em acessos de fúria.

E eu quero mais.

Eu preciso de mais.

É... o quê? Uma obsessão?

Não, não é uma obsessão. É algo pior.

O motivo pelo qual abordei Preston inicialmente foi puramente egoísta. Ele era a minha porta de entrada para o mundo deles. O mundo no qual meu pai decidiu que eu não pertencia, mas que agora praticamente implora para que eu entre.

Pensei que, se conseguisse me aproximar de um dos outros herdeiros — Jude, Kane ou Preston —, obteria informações privilegiadas. Essa opção seria muito melhor do que depender da minha fonte pouco confiável para tudo relacionado a Graystone Ridge.

Preston é o alvo mais lógico. Ele é imprudente, tem grande visibilidade e é emocionalmente instável. Se eu quisesse manipular um membro da família fundadora, ele seria a vulnerabilidade aparente. Jude e Kane são muito controlados e inacessíveis, mas Preston é a variável do caos.

Meu plano era simples: explorar a rivalidade entre Vipers e Wolves. Assim, minha investida contra Preston pareceria uma competição pura.

Sabendo que Preston é um egomaníaco de carteirinha, havia cem por cento de chance de ele cair nas minhas provocações. Além disso, considerando seu esnobismo de riquinho e seu desprezo por Stantonville, ele definitivamente não viria me visitar e, em vez disso, me convidaria para a Arena dos Vipers.

Meu acesso eventual ao círculo íntimo pareceria natural, dada a rivalidade esportiva e as hierarquias sociais sobrepostas.

Ele se sentiria como se estivesse me fazendo um favor, e isso alimentaria suas tendências narcisistas. Eu o deixaria acreditar nisso enquanto o usava para

encontrar a maneira mais poética de derrubar meu pai e seu legado.

Uma situação em que todos saem ganhando, na minha opinião.

Agora, esse plano ficou um tanto confuso. Ou melhor, uma complicação surgiu no caminho.

O próprio Preston.

A sensação incômoda de que algo estava errado começou quando o toquei, acredite se quiser.

Bem, na verdade, quando não me permitiram tocá-lo.

O jeito como ele surtava toda vez que eu tentava, transformando seu pânico em violência quanto mais eu queria prová-lo.

Ele é como uma fruta proibida que ainda está no topo do galho, balançando os pés enquanto encara o céu.

Eu precisava usar uma tática simples para atraí-lo.

Bastava balançar uma fruta em forma de ego na frente de Preston, e ele a pegaria.

Ele sempre a pega.

Mas talvez isso tenha sido um erro.

A questão é que eu não contava com ele me pedindo para machucá-lo — implorando, inclusive, enquanto seu pau pulsava em nossas mãos. Ele tinha a expressão mais suave, sensual e linda que eu já vi.

Seus olhos eram verdes brilhantes, luminosos e juvenis, e tão excitantes que meu pau ficou duro como pedra.

Ele me excitou.

O cara que não gosta de ser tocado, mas que aceita ser disciplinado e submisso, me excitou.

Na verdade, é mais do que isso.

Tenho fantasiado com aquele rosto desde aquela noite, imaginando-o enquanto me masturbava com força no chuveiro.

Os lábios entreabertos. As bochechas vermelhas.

Os gemidos suaves.

Porra.

Passei a mão pelos cabelos e me ajeitei porque, mais uma vez, meu pau se contraiu com a imagem.

Uma complicação.

Estou com uma pequena complicação no meu modus operandi.

A questão é que eu estava totalmente disposta a seduzir o Preston, se fosse preciso. Se ele desse o mínimo sinal de interesse ou curiosidade por homens, eu aproveitaria a oportunidade.

Afinal, o que é mais uma conquista, não é mesmo?

O Preston me deu a abertura que eu precisava quando, durante o jogo, usei a provocação horrível dele sobre a minha mãe contra ele.

Claro, homens héteros se ofenderiam, mas o Preston estava exagerando. Ele perdeu a compostura de forma épica e estragou tudo ao me deixar entrar na cabeça dele.

Não era típico dele. De jeito nenhum.

Esse foi o meu sinal.

E ele só ficou mais forte a cada encontro depois disso.

Não sei se ele está curioso ou apenas confuso, mas ele se sente atraído por mim.

Ele abriu a boca para mim como um bom menino naquele dia em que estava bêbado. Depois disso, gozou com tanta força quando dei umas palmadas de leve na bunda dele.

E embora isso se encaixe perfeitamente no meu plano, minha reação a ele não.

É que... eu não esperava sentir algo tão visceral por ele.

Gosto dos meus parceiros sexuais silenciosos e obedientes. Preston não é nenhum dos dois. Ele é um falastrão desrespeitoso, e tão fora do meu tipo, que deveria ser um balde de água fria.

E, no entanto, ele é a primeira pessoa para quem meu pau ficou excitado sem que ele precisasse tocá-lo.

Como eu disse. Uma complicação.

Uma que não vou deixar arruinar meus planos.

Jogo minha mochila no ombro, pego meu pau e saio pela entrada.

Já se passaram mais de cinco minutos. Deveria ser tempo suficiente para lhe dar espaço.

No momento em que entro no vestiário, paro, meus dedos apertando a alça da minha mochila.

Preston está parado em frente ao seu armário, nu, exceto por uma cueca boxer preta apertada que mal lhe serve, remexendo lá dentro.

Pernas torneadas que parecem não ter fim, definidas e esculpidas por anos de treinamento físico. Não transparece com a roupa de hóquei, mas ele é realmente bastante musculoso — grande, proporcional e com uma cintura fina e esculpida.

Mas o que me paralisa é a cobra.

Uma serpente assustadoramente detalhada tatuada em toda a metade direita do seu braço, com a cauda enrolada perto do pulso, subindo pelo bíceps e ombro, cruzando as costas em múltiplos laços antes de reaparecer nas costelas e no abdômen. A cabeça repousa na altura dos quadris, rosnando logo acima do cós da cueca.

É... fascinante. Assim como o homem que a usa.

Bonita. Perigosa. Fingindo ser completa.

Eu me pergunto se a serpente significa algo — especialmente combinada com o yin e yang atrás da orelha — ou se esses são símbolos que ele colecionou porque achou que ficariam legais quando escolheu suas tatuagens.

Há cicatrizes também. Linhas pálidas espalhadas pelas costas, antigas e recentes, como se ele fosse um alvo ambulante.

Como diabos eles criam os filhos nesta cidade infernal?

Bato o polegar contra o dedo médio enquanto o observo. Ele está... estranhamente desprotegido agora. Deixou a porta aberta, então devia saber que eu o seguiria — mas não há nada nele que demonstre tensão.

Ele está simplesmente parado ali, alheio ao quanto sua presença desperta meu demônio interior.

Com certeza, ele não achou que eu fugiria só porque ele foi um pouco violento.

Um pouco assustado.

Quase se engasgou com a bengala.

Imagino que outra pessoa teria fugido. Por sorte, eu não sou essa pessoa.

Ele pega sua camiseta de compressão e para, mas não olha para mim. "Se você contar para alguém o que acabou de ver, eu arranco seus olhos e os uso como brincos."

“Ah, você quer me manter em cima de você para sempre?”

Ele estala a língua, inclina a cabeça na minha direção e me encara. Preston provavelmente não percebe o quão adorável ele fica falando essas besteiras homicidas.

Ele também não sabe que me deixa entrar na cabeça dele tão facilmente. Eu sei exatamente quais botões apertar para provocar essa reação nele.

Adoro vê-lo tão excitado quando está na minha frente.

Está se tornando rapidamente um vício perigoso.

“Você acha que estou brincando? Vou enfiar as chaves da sua bicicleta tão fundo no seu cu que você vai precisar de um cirurgião e água benta para tirá-las.”

“Agora você quer enfiar o dedo no meu cu?” Eu sorrio. “Não estou aberta a isso, já que sou estritamente ativa. Mas fico lisonjeada por você estar pensando tanto em mim.”

“Nem pensar que eu vou fazer isso—” Ele se interrompe, me encarando de frente, e eu me distraio com algo.

No meio do seu esterno, há uma fratura tatuada que reflete a luz, delicada, porém realista, como vidro quebrado.

Isso é perturbador.

Não acho nada perturbador.

E, no entanto, a visão de uma tatuagem estranha bem no meio do peito de Preston provoca uma reação peculiar em mim.

Por que ele a tem ali?

“Estou falando sério.” Ele cruza seus bíceps belamente esculpidos sobre o peito. O contraste entre seu braço totalmente tatuado e o outro sem tatuagens é um espetáculo à parte.

“Se alguém souber sobre hoje à noite, eu te estrangulo com seus cadarços.”

“Você está adoravelmente homicida hoje.”

“Serei adoravelmente cruel.”

“Estou ansioso por isso.”

“Pare de me irritar agora que estou quase cometendo um assassinato, Marcus.”

“Hum.” Dou um passo lento em sua direção para não assustá-lo. “Essa é a primeira vez que você diz meu nome. Gostei.”

Seus lábios se entreabrem como se ele não tivesse percebido que estava, de fato, usando meu primeiro nome em vez de Osborn isso e Osborn aquilo.

Ele pigarreia. “Você também disse meu primeiro nome antes.”

“É, eu prefiro. Vamos usar assim de agora em diante.”

Ele franze os lábios e covinhas aparecem em suas bochechas, como um ser etéreo.

Como um homem pode ser tão… irresistivelmente bonito? Ele deveria ser dissecado e estudado. De preferência por mim.

“Quanto a guardar seus segredos…” Paro em frente a ele, deixando a mochila e o bastão caírem no banco, o baque alto no silêncio. “Eu consigo fazer isso.”

Ele estreita os olhos. “Qual é a pegadinha?”

“Por que você acha que tem uma pegadinha?”

“Sempre tem uma com você.”

“Você está se acostumando comigo muito rápido. Eu sabia que gostava de você.” Sorrio sinceramente, e ele franze a testa. “Você precisa me dar algo em troca.”

“Eu já te dei alguns hematomas e esse ferimento.” Ele aponta o queixo na direção da minha têmpora, sorrindo. “Não foi o suficiente?”

“É porque você me bateu e eu ainda te ajudei que você precisa compensar.”

“Você não me ajudou. E apanhou porque me ameaçou, seu idiota. Eu não aceito ameaças.”

“Anotado. Não vai acontecer de novo.”

Isso parece pegá-lo de surpresa, porque ele me encara como se eu fosse um alienígena.

“Você ainda tem que me oferecer alguma coisa”, digo quando ele continua me olhando, com os olhos levemente semicerrados.

“Isso soa como uma ameaça.”

“Uma ameaça seria se eu te desse um ultimato. Estou apenas fazendo um pedido inocente.”

“Inocente.” Ele debocha. “Bobagem.”

“Bem, tão inocente quanto você quiser.”

Ele revira os olhos, soltando um resmungo fofo. Meu Deus, ele é tão lindo e mesquinho, eu não me canso.

Acho que é por isso que continuo fazendo de tudo para provocá-lo. Para ouvir aquela voz rouca e profunda que me excita profundamente.

Ajuda também o fato de ser tão divertido implicar com ele.

“Conta logo”, ele diz. “O que você quer?”

“Você sabe o que eu quero.” Dou um passo em sua direção, baixando a voz.

Ele não escapa como da última vez, o que é uma melhora, se me permite dizer.

Estou domando o cavalo selvagem passo a passo, com muita dificuldade.

“Não, não sei.” Sua voz está mais rouca, aqueles tons profundos reverberando na minha pele.

“Tem certeza?” Paro quando minhas botas tocam seus dedos descalços, inclinando-me perto o suficiente para inalar os tons oceânicos de sua pele, mas não perto o bastante para tocá-lo.

E droga.

Puta merda, ele cheira a tentação e más decisões, tudo envolto em uma pele linda.

De tão perto, consigo ver os reflexos de um verde mais escuro em seus olhos, misturando-se com a cor mais clara como uma obra de arte poética que as pessoas contemplam por horas sem entender. Suas narinas se dilatam e sinto o calor de sua respiração entrecortada na minha língua.

É aí que eu o quero.

Na minha maldita língua.

Só um gostinho.

Um.

Um gostinho não vai atrapalhar meu plano.

O espaço entre nós está carregado com uma faísca elétrica, e preciso de toda a minha força de vontade para não colar meus lábios nos dele, que estão levemente franzidos. Eu cravaria meus dentes naquela almofada macia e o

morderia, depois o sugaria para dentro da minha boca até que ele estivesse gravado na minha alma.

"Pare de me olhar assim."

Sua voz trêmula é música para meus ouvidos. Ele também não consegue resistir a isso. Eu sei que não consegue. Porque, em vez de ser aquele espertinho de sempre, ele parece tão sério agora.

Me aproximo mais devagar porque não consigo evitar. Ele está ali parado, parecendo o pecado em forma humana, e eu estou pronta para me entregar de cabeça. "Tipo o quê?"

"Tipo você vai me beijar. Nem pense nisso."

"Isso é muito gay para você?"

Ele me empurra com o cotovelo, sem usar muita força, meu príncipe adoravelmente negacionista.

"Eu disse. Não faça isso."

"Tudo bem", eu sussurro, mesmo que meus lábios estejam formigando e protestando contra minha falta de vontade de devorá-los.

Meus músculos se contraem dolorosamente, rígidos e tremendo com o esforço brutal para me conter.

Eu não deveria me importar com os limites dele, mas, de alguma forma, me importo.

Porque da última vez que ultrapassei um, ele tinha um olhar morto que eu nunca mais quero ver.

Preston pisca para mim, depois semicerra os olhos. "Sério?"

"Sério."

"Você ainda está muito perto", ele murmura, o braço continuando a pressionar firmemente meu peito, embora não esteja empurrando, apenas mantendo a distância.

"É porque estou esperando você adivinhar o que eu quero."

Ele engole em seco, o pomo de Adão subindo e descendo com o movimento. E droga.

Puta merda.

Todo o meu ser se inflama, vibrando com a necessidade de devorá-lo, de cravar meus dentes em sua garganta.

Marcá-lo.

"Me machucar?"

A pergunta é sussurrada, sussurrada demais. Eu não teria conseguido ouvi-la se não estivesse tão perto dele, quase respirando o mesmo ar.

E droga.

A incerteza e a expectativa em suas palavras me deixam excitado.

Que se dane.

Num instante, agarro sua nuca, giro-o e o empurro contra o armário ao lado do dele, o som do metal raspando ecoando no ar.

Ele está atordoado demais para lutar. Se muito, um leve suspiro escapa de seus lábios quando o prendo contra a superfície, minha mão firmemente em sua nuca, mas sem sufocá-lo.

Abro suas pernas com um chute e acerto sua bunda com a palma da mão. Com força.

Mesmo que ele ainda esteja de cueca, o tapa ecoa no ar, e Preston solta um gemido abafado.

Ou melhor, ele morde o lábio para abafar o gemido.

Puxando o elástico da cueca dele, deslizo minha mão para dentro e massageio os músculos firmes, mas de alguma forma macios.

Minha voz baixa para um rosnado rouco enquanto falo perto do seu ouvido. "Você quer ser machucado por mim, querido?"

"Não é isso que você quer?"

Adoro como a voz dele fica ofegante quando ele está excitado. Ele é a personificação da tentação, meu príncipe.

E eu não sou nenhuma santa.

"Não foi isso que eu perguntei, foi?" Abaixo a cueca dele até o meio das coxas e acerto três tapas seguidos nas suas nádegas.

Um gemido escapa da boca dele, ainda abafado, e isso me irrita.

Ele também fez isso da última vez, não me deixando ouvir seus gemidos de prazer direito.

Mas pelo menos ele me deixou ouvi-lo quando implorou e balbuciou, prestes a explodir na minha mão.

Talvez seja isso que eu precise fazer. Levá-lo ao limite de novo. Repetir aquele momento.

Extrair esse abandono dele, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

"Responda à pergunta, Preston." Eu acaricio sua bunda onde acabei de bater, e ele se enrijece um pouco.

É estranho que ele aceite as palmadas de braços abertos, mas eu tento aliviar a dor, e ele não está nem um pouco a fim.

Quem te machucou, meu brinquedo?

Quem ousou machucar meu brinquedo?

"Que pergunta...?" Ele para de falar, parecendo minha própria obra de arte, bochechas vermelhas, boca entreaberta e tão dominado pelo desejo que tenho certeza de que se eu tocasse em seu pau, ele estaria ereto.

“Perguntei se você quer ser machucado por mim.”

Ele franze os lábios, retraindo-se lentamente para dentro de si e mantendo erguida aquela muralha que eu vou derrubar.

Eu o solto e dou um passo para trás, criando uma distância que definitivamente não quero.

E por um instante, admiro as marcas das minhas mãos em sua pele clara.

Droga.

Não consegui vê-lo direito da última vez, com ele fugindo e tudo mais, mas ele exibe meus hematomas tão bem.

A necessidade animalesca de marcá-lo permanentemente ressurge.

Tomá-lo.

Possuí-lo.

Fazer dele meu.

Reprimo esses pensamentos, tentando afastá-los porque são absolutamente absurdos.

Eu não quero possuir ninguém, especialmente um pirralho esquivo como o Preston.

“Por que você parou…?” Ele me encara, mas suas duas mãos ainda estão apoiadas no armário, as pernas tão abertas quanto as deixei, como um bom menino.

A visão da cueca dele esticada entre as coxas é tão erótica que eu quero foder com ele aqui e agora.

Enfiar meu pau na bunda dele e fazê-lo engolir, ouvir seus gemidos e suspiros enquanto eu fodo, fodo e fodo…

Não.

Devagar.

Não quero que ele se assuste e fuja.

Minha mão envolve meu pau e eu acaricio a superfície lisa e lixada da haste.

“O quê…?” Ele engole em seco, olhando para o pau, mas em vez de desconforto ou medo, seus olhos brilham de excitação, meu príncipe safado. “O que você está fazendo?”

“Esperando você responder à minha pergunta.”

“Por que isso importa? Só…” Seus olhos se voltam para o bastão e depois para mim. “Continue.”

“Só depois que você responder.”

“Você—”

“Você quer ser machucado por mim, Preston?”

Ele acena com a cabeça uma vez.

Eu balanço a cabeça negativamente. “Use suas palavras.”

“É.” Ele engole em seco, a palavra quase inaudível.

“Palavras completas.”

“Eu quero ser machucado”, ele resmunga. “Satisfeito agora, seu pedaço de merda?”

“Muito.” Eu sorrio, dando um passo em sua direção, e ele prende a respiração.

“Você… vai usar o bastão?” Há um certo espanto em suas palavras, como se ele mesmo não acreditasse.

“É.” Eu agarro sua bunda com força, e ele fica na ponta dos pés enquanto eu bato com a palma da mão na carne vermelha com um tapa violento. “Qual é a sua palavra de segurança, querido?”

“A-amigos.” Dou uma risadinha sombria no ouvido dele. "Nunca seremos amigos."

“Graças a Deus por isso”, ele resmunga, mas seus olhos brilham e estão cheios de expectativa.

Vivo.

E isso me faz sentir viva.

Complicado. Tudo nele é complicado.

E a dura realidade é que eu não consigo ficar longe.

12

PRESTON

Eu sei o que você está pensando, cérebro, e juro que não é o que parece.

Digo isso para o meu próprio cérebro... o que significa que é literalmente o meu cérebro discutindo consigo mesmo, tentando transformar isso em algo menos apocalíptico do que realmente é.

Porque como diabos eu vou explicar esse desastre para mim mesmo?

E é um desastre. Uma bagunça catastrófica, digna do fim dos tempos.

Primeiro, tenho um ataque de pânico completo na frente do Marcus por causa de problemas. Os mesmos problemas que o Dr. Duret e o Dr. Fenwick não conseguem resolver porque aparentemente estão usando painéis de inspiração do Pinterest em vez de diplomas de medicina.

Depois, deixo o mesmo homem que testemunhou aquela bela performance de "Preston Perde a Cabeça ao Vivo" fazer isso comigo.

Eu nem sei o que é “isso”, mas envolve ele me empurrando contra um armário com seu corpo enorme e musculoso pressionado contra o meu.

Ele é pesado.

Eu não gosto de coisas pesadas.

Peso me fecha a garganta e aciona aquele interruptor mórbido da claustrofobia — aquele que sussurra: Você está sendo esmagada viva, e não há nada que você possa fazer a respeito, querida.

É por isso que ser hétero faz sentido — supostamente ser hétero. As mulheres com quem transo são mais leves. Eu consigo levantá-las, virá-las e controlar cada centímetro da interação. Elas não conseguem me dominar. Eu não deixo.

Meus olhos se arregalam porque… espera. Eu estou deixando o Marcus.

Estou escolhendo manter minhas mãos apoiadas no armário quando poderia estender os braços e lutar.

Bater.

Soco.

Chute.

Ele não é muito maior do que eu, e eu sei lutar — lutar pra valer. Já derrubei tantos homens maiores do que eu, os cortei em pedaços e vi seus olhos ficarem vazios.

Então por que diabos eu não estou fazendo nada agora? Estou escolhendo... permitir isso.

Blasfêmia.

Tenta de novo, cérebro. Me dá qualquer outra explicação para essa confusão em que você nos meteu.

Marcus se afasta — e, em vez de alívio, algo estranho, restritivo e desconfortável se acende na parte inferior do meu estômago.

Ainda consigo sentir o calor dele nas minhas costas, irradiando em pequenas faíscas febris que se enrolam dentro de mim, se instalando no fundo do meu intestino.

O ar fica denso. Carregado. Meu corpo reage instantaneamente — formigando, contraindo, voltando à vida de maneiras que eu desaprovo.

Que porra tá acontecendo? Sério. Quero sair daqui.

Me dá a saída de emergência. A escada de incêndio. Um alçapão. Qualquer coisa—

Pá.

Minha coluna estremece quando o cabo do bastão atinge minha bunda. Uma dor lancinante explode pelos músculos enquanto eles cedem sob o golpe.

"Conta." O tom áspero da sua voz ecoa pelo vestiário como uma maldição em forma de ordem.

"O quê?" Tento retrucar, mas, na verdade, a sensação daquela chicotada foi tão boa que me distraio com o sangue correndo para o meu pau.

Pá.

Fico na ponta dos pés, mordendo meu lábio inferior enquanto um gemido tenta escapar, e consegue. Parcialmente.

"Dois. Conta." Ouço um som de tap-tap do bastão batendo na mão dele. "Quero ouvir sua voz."

Pá.

Aperto meus lábios com mais força, mesmo enquanto meu corpo inteiro vibra com o impacto, uma onda de calor percorrendo minha espinha e chegando

até meu pau.

Ele está inchando rápido, e minha cabeça simplesmente não entende.

Por quê?

Simplesmente… por quê?

Um ombro pressiona o meu, e eu me enrijeço, mas logo relaxo. É só um ombro. Um ombro quente e largo, acompanhado de respirações profundas e irregulares que se espalham pelas minhas costas.

Marcus estende a mão em direção ao meu rosto em câmera lenta. Vejo seu polegar antes que ele o enfie na minha boca, me forçando a soltar meu lábio inferior debaixo dos meus dentes.

E agora, seu polegar está na minha boca, e meu cérebro meio que para de funcionar, sem saber qual reação eu deveria ter.

A voz rouca e profunda de Marcus invade meu ouvido como uma maldição ancestral. "Não faça isso. Você vai sangrar."

Meus lábios tremem ao redor do seu polegar.

Mas esse é o objetivo dessa experiência surreal. Eu, sangrando e sofrendo para o entretenimento doentio dele e o meu.

Seu polegar escorrega da minha boca e seu peso desaparece de trás de mim. Antes que eu possa pensar na perda, outro golpe vem.

Um gemido escapa de mim e estou prestes a cravar meus dentes—

"Não." Sua ordem ressoa no ar mais cortante que seu chicote. "Deixe-me ouvir sua voz, querida."

Por quê?

Simplesmente por quê?

"Conte para mim, tá?"

"F-quatro", sussurro, e imediatamente fecho os lábios, porque aquela não era eu. Aquele tom lascivo, rouco e necessitado não pode ser meu.

Nego sob juramento.

“Bom garoto.”

O jeito como ele ronrona me dá um choque violento direto no meu pau já dolorido, endurecendo-o a um ritmo que deveria ser considerado uma emergência médica.

Tento bufar, mas o som morre na minha garganta e se transforma em um gemido quando ele me acerta outra estocada, mais perto da parte superior das minhas coxas.

E, puta merda, eu quero sair daqui. Porque como é que isso é tão bom?

Não é só bom. É mais do que bom.

Bom a ponto de mudar a minha vida.

Bom a ponto de me levar a uma crise existencial.

Eu nunca estive tão excitado em toda a minha vida.

E isso me aterroriza, porque, que diabos, eu?

Existem níveis de tesão, e aparentemente, eu acabei de desbloquear o Tesão — Edição Pro Max com Marcus Osborn, de todas as pessoas?

Isso é demais. Intenso demais.

Quero desistir.

Amigos.

Essa é a palavra que vai acabar com isso. Posso ir embora e nunca mais voltar.

Em vez disso…

"Cinco." Saiu rouca porque meu traseiro está latejando.

Esqueça comparar isso com quando ele usou a mão outro dia — aquilo foi brincadeira de criança.

Mas isso? Isso é mais profundo.

A dor penetra na pele e preenche aquele maldito vazio dentro de mim até transbordar.

Eu quero dor.

Mais.

Toda ela.

Mesmo que eu não consiga sentar por uma semana.

Então, quando mais dois golpes me atingem, estou ofegante, gemendo, minha respiração tremendo enquanto sussurro: "Seis… sete."

O cheiro de madeira e suor enche meus pulmões enquanto eu me afundo na ardência, deixando-a percorrer cada nervo.

E aqui está a parte mais perturbadora — eu não estou apenas aguentando. Estou me entregando a ela.

Querendo-a.

Implorando por mais.

Só… mais.

O som metálico da bengala batendo no chão ecoa no meu ouvido antes que duas mãos grandes agarrem minha bunda com força.

"Ungh… porra!" Eu solto um gemido enquanto minha pele quente absorve o impacto de suas mãos mais frias.

"Se sentindo melhor, querida?" Sua voz no meu ouvido é suave como mel, mas também rouca enquanto seus dedos se curvam na carne machucada.

Olho para o lado e meus lábios se entreabrem quando vislumbro sua expressão. Escura, desequilibrada, quase como se ele fosse um animal à caça.

Sua respiração é mais profunda, não tão instável ou entrecortada quanto a minha, mas definitivamente não como a do idiota do Marcus de sempre, que

parece levar tudo na brincadeira. Ou finge que leva, pelo menos.

E eu gosto disso.

Pelo menos não sou a única agindo de forma estranha.

“Por que você parou?” Minha voz está mais baixa do que eu pretendia.

“Você quer mais?”

“Não é essa a maldita questão?”

“Shh.” Ele enterra o nariz no meu cabelo, roçando suavemente, inspirando audivelmente.

Minha pele se arrepia, a pele de galinha se arrepia, gritando com a sensação de quão errado isso parece.

Errado? Não. Estranho. Minha cabeça está lentamente embaçando, como se estivesse me abandonando também, e eu não consigo impedir a sutil dissociação —

“Respire.” A simples ordem me arranca dos meus pensamentos confusos. “Como eu. Viu?”

Seu peito está colado às minhas costas agora enquanto ele respira fundo e ritmicamente.

Inspira. Expira.

Inspira.

Expira.

Estou arrepiada com a naturalidade com que sincronizo minha respiração com a dele e com o quão bem isso realmente funciona.

“Só para de me tocar e me bate”, resmungo, me debatendo em seus braços. Em seguida, faço uma careta e mordo o lábio inferior porque, caramba, a sensação da mão dele na minha bunda é deliciosamente dolorosa.

Toda grande e firme e… nada nojenta.

Preciso mesmo conversar com meus médicos depois disso, porque, que porra é essa?

Esses tipos de toque não deveriam me dar arrepios?

“Não”, ele diz no meu cabelo.

“Não?”

“Sim. Não. Você não vê, mas tem vergões roxos e doloridos nessa bunda e coxas lindas. Chega por hoje.” Ele aperta minha bunda com mais força e eu grunho. “Você não pode ficar andando nua perto dos outros caras, senão eles vão ver essas marcas e fazer perguntas que tenho certeza que você não vai querer responder.”

“Como eu fiz na semana passada, você quer dizer.”

“As marcas ficaram por uma semana?”

“Dois dias.”

“Hum. Queria ter uma foto para guardar debaixo do travesseiro.”

“Nossa, que pervertido. Talvez eu precise daquela ordem de restrição, afinal.” Me remexo, mas ele não me solta, e talvez eu goste demais da sensação da mão dele para resistir.

Há uma dor surda e constante que se mistura com a massagem relaxante. Eu preferiria que fosse só dor, mas isso não é tão ruim.

Por enquanto.

Ele dá uma risadinha e roça o nariz no meu cabelo de novo. “Você cheira tão bem. Cheira a oceano profundo e montanhas. Hum. Eu poderia te devorar viva.”

“Que história é essa de canibalismo, Hannibal? Enfim, passo. Não curto essas coisas.”

Ele ri de novo, o som vibrando contra mim. "Não, você não é. Mas você gosta de dor, não é, meu príncipe?"

Ainda segurando minha nádega com uma mão, ele me abraça pela cintura e envolve meu pau duro com a palma da mão. Ele pulsa em seu aperto firme como o de uma puta de primeira.

Eu gostaria de ir embora. Agora, e muito obrigado.

Mas eu não me mexo. Não falo. Apenas existo, mordendo o canto do meu lábio.

"Olha só você, todo excitado depois de uma brincadeira de impacto." Ele desliza o nariz pela lateral da minha cabeça. "Que pau lindo e enorme."

"Não fale o óbvio."

"Você é frequentemente elogiado pelo tamanho, não é?"

"Sim. Sou popular entre as mulheres por ter um tesouro nacional."

“Hum.” O som é grave e um tanto reprovador. “Agora, esse tesouro nacional é tão difícil para mim, querido.”

“Não para você.”

“Não?” Sua voz fica mais grave enquanto ele respira tão perto do meu ouvido que minha espinha estremece.

“Não. Uma mão é uma mão.”

“Mas esta é a minha mão.” Ele puxa meu pau com um movimento brusco, e meus quadris se contraem enquanto o líquido pré-ejaculatório escorre pela ponta. “Não é de mais ninguém.”

“Não… importa… É só uma reação física.”

“Hum. Eu acharia a negação adorável se você não estivesse se molhando toda na minha mão como uma vadiazinha gananciosa.”

“Ai, merda…” Eu arfo quando ele aperta minha bunda com mais força, e eu começo a inchar, meus músculos abdominais se contraindo enquanto mais líquido pré-ejaculatório o encharca.

É pior do que da outra vez — muito pior.

Estou genuinamente apavorada com a possibilidade de gozar em dois segundos e me envergonhar para sempre.

Porque cada puxão firme e impiedoso de sua mão grande vem acompanhado de uma dor lancinante na minha bunda.

A sensação é vertiginosa, me levando à beira do delírio.

Estou tão extasiada com a sensação de prazer bruto e dor doce que minhas pernas estão prestes a ceder.

"Isso mesmo, amor... mexa os quadris para mim..."

Minhas unhas arranham o metal do armário quando percebo que estou balançando os quadris para frente e para trás, esfregando-me nele. Sua mão está presa entre minha bunda e...

Droga. Será que essa coisa pesada e quente contra minha bunda é a ereção dele?

Não, não pode ser tão grande. De jeito nenhum. Me recuso a acreditar que ele tenha algo sequer próximo da minha perfeição de dez polegadas. Nem pensar.

“Hum. Porra… assim mesmo. Deixa meu pau bem duro pra você.”

“Cala… a boca, seu idiota…”

“Não consigo. Não quando você tá tão molhado e escorregadio na minha mão, meu bem.” Ele respira no meu ouvido enquanto me masturba com movimentos longos e metódicos, usando meu líquido pré-ejaculatório como lubrificante.

O barulho obsceno enche meus ouvidos e aparentemente sufoca todos os meus pensamentos, porque tudo o que resta é a necessidade avassaladora de gozar.

“Mais rápido”, eu sussurro.

“O que foi isso?”

“Mais rápido, seu desgraçado… só… para de brincar.”

“Não.”

“Como assim não?” Eu disparo, e gemo quando ele pressiona o polegar na ponta do meu pau.

“Significa que vou aproveitar isso com calma.” Ele desliza a língua, roçando-a atrás da minha orelha. “E você também.”

Acho que gozei um pouco na mão dele, meus quadris se movendo involuntariamente e um calor se acumulando na base do meu estômago.

"N-não faça isso." Me contorci.

"Não fazer o quê?"

"Me lamber. Eu não sou um sorvete."

"Não, você é um doce." Ele lambe aquele lugar de novo, e eu gemo. "Sabor manga."

"Esse desgraçado..."

"Shh. Não se exalte."

"Ou o quê?"

"Isso não é uma ameaça. Pare de procurar por uma." Ele mordisca a concha da minha orelha. "Além disso, você está gostando demais disso, seu pau está implorando por mim."

"Eu te disse que não é para você... foda-se—"

Ele dá um tapa na minha bunda, e eu fico na ponta dos pés enquanto a dor explode na carne machucada.

Ah, droga. Se ele continuar fazendo isso, eu vou...

“Se não for para mim, então para quem? Hum?” Atrás de mim, ouço o farfalhar do tecido e sinto seu corpo se mover. “Sou eu quem está segurando a mão, implorando por mais como uma putinha gananciosa.”

“Vai se foder.”

“Hum. O que você quiser, linda.”

Mesmo ouvindo mais movimento atrás de mim, estou distraída pelo que ele me chamou. Linda.

Quer dizer, eu sei que sou. É o que ouço o tempo todo. É o que digo para o meu reflexo no espelho de manhã, construindo a ilusão perfeita para que ninguém veja o monstro desfigurado escondido sob a aparência de deus grego.

Mas o jeito que ele disse pareceu sincero. Sincero demais. Como se ele acreditasse que eu sou linda.

Meus olhos se arregalam quando ele puxa minha nádega e algo duro e quente roça meu orifício.

Eu me debato violentamente, quase caindo enquanto olho para trás. "Que porra você pensa que está fazendo?"

"Shh. Fique quieto."

Ainda segurando meu pau, ele usa o braço que está em volta da minha cintura para me manter no lugar com força bruta.

"N-não faça isso", sussurro enquanto a glande grossa e carnuda pressiona firmemente meu orifício. "Só... não faça."

"Relaxa. Eu não vou te foder. Ainda não."

Apesar do ângulo estranho, observo com a respiração suspensa enquanto ele cospe em cima do pau que agora desliza para cima e para baixo na fenda da minha bunda.

A imagem é obscena e errada na minha cabeça.

Eu não gosto disso — ou melhor, eu não deveria gostar.

A realidade é que meu pau está tão duro que estou prestes a explodir.

O pau dele é tão grande quanto o meu e quase tão grosso. Que merda. Ele não podia ter pelo menos um pau pequeno para combinar com a personalidade babaca dele?

A saliva aumenta a fricção enquanto ele desliza o pau para cima e para baixo na fenda, os olhos se fechando brevemente em puro êxtase enquanto ele morde o canto do lábio. "Seu cu é gostoso, amor... tão gostoso."

Estou encantada, hipnotizada, sentindo os neurônios do meu cérebro sumindo um a um, porque, puta merda.

Como um homem pode ser tão irresistivelmente sexy?

Ele é um homem, lembro a mim mesma. Um homem, caralho. Sem curvas suaves ou traços bonitos. Só músculos, aspereza e aquelas sobrancelhas grossas se juntando enquanto ele geme.

Quer dizer, ele é bonito, eu acho, mas não é o tipo de beleza que eu acho sexy.

De jeito nenhum.

Então, por que diabos não consigo desviar o olhar?

Seus jeans e cueca estão quase nos joelhos, e em sua coxa direita musculosa, noto uma tatuagem impressionante de uma adaga, profundamente gravada em uma margarida.

Ele abre os olhos semicerrados, e eu viro meu olhar para o armário.

"Eu posso fazer isso o dia todo, querida." Suas palavras caem baixo, como se ele as estivesse gravando na minha espinha.

"Fazer o quê?"

"Te tocar tão... perto. Porra. Você sente o que está fazendo comigo?" Ele afasta minha perna esquerda com a dele, levantando-a levemente do chão. Minha cueca estica incrivelmente enquanto ele desliza o pau entre minhas pernas, soltando o meu para agarrar minha cintura.

Meus olhos se arregalam. "O que está acontecendo...?"

"Estou te fodendo assim. Por enquanto."

"Seu tarado... Hum... porra..."

Minha cabeça cai para a frente, batendo contra o armário porque o atrito do pau dele contra o meu está me deixando em êxtase.

Isso é tão bom, estou quase explodindo.

"Você está pingando no chão. Que bagunça."

"Cala a boca."

"Como quiser."

Ele empurra minha bunda contra ele, me curvando pela cintura para ter um ângulo melhor, e então ele começa a estocar contra meu pau.

E estoca mesmo — estocada desenfreada, implacável.

Seu pau duro e pulsante roça um ponto sensível nos meus testículos a cada movimento.

Para cima.

Para baixo.

Para cima.

Para baixo.

A sensação está me levando ao limite. O atrito controlado, a sensação do pau dele contra o meu, os sons obscenos da minha ejaculação se misturando com a saliva dele.

“Merda… porra…” Estou movendo meus quadris, buscando o orgasmo que sinto contraindo meu abdômen.

“Não. Devagar.”

“Vai se foder… ah sim, bem aí… ahhh… porra.”

Estalo.

Fico parada por um instante.

“Eu disse. Devagar. O mínimo que você pode fazer é me deixar aproveitar isso.”

“O mínimo que eu posso fazer?” Gemei enquanto ele penetrava com mais força.

“É. Porque sabe o que eu preferiria estar fazendo agora?”

“O quê?”

“Te empurrando de joelhos ou te curvando e te fodendo com força. Enfiando meu pau nesse seu buraquinho apertado e te enchendo de porra, bem fundo, enquanto você grita meu nome.”

A imagem surge como um filme granulado na minha cabeça, e eu espero que uma sensação de náusea me domine. Que eu vomite, até.

Nada disso acontece.

Meu pau incha e pulsa, estou quase lá…

“Mas você não está pronto para isso, então…” Ele solta um suspiro forte. “Vou aproveitar cada segundo.”

“Porra… eu… eu…”

“Você vai gozar?”

“Sim… só… mais rápido…”

“Seja um bom menino e feche as pernas para mim, querido. Me faça gozar também.”

Aperto as pernas automaticamente. Minha cabeça está tão confusa que não consigo pensar direito. Tudo o que consigo fazer é sentir as faíscas de um prazer intenso e me deliciar com seu toque firme e sem pudor.

Marcus geme profundamente enquanto acelera o ritmo, ainda controlado, mas mais rápido, e a fricção é tão boa que deixo minha cabeça cair sobre o metal.

“Isso mesmo, querido… seu pauzão está tão molhado e escorregadio.”

“Sim… aí… bem aí… isso, porra!”

“Vem pra mim, amor.” Ele lambe aquele ponto atrás da minha orelha. “Mostra pra mim a quem você pertence.”

Não sei o que me leva ao clímax. Se são as palavras dele, a brutalidade do seu pau esfregando ou a dor pulsante no meu cu.

Seja lá o que for, estou caindo a uma velocidade alarmante, e um som abafado escapa dos meus lábios. Meu pau incha e incha, depois explode por todo lado, numa bagunça completa.

Meu esperma está por toda parte — no armário, no chão e nele.

É como se eu não conseguisse marcá-lo o suficiente.

Espera. Marcá-lo?

Que porra é essa? Eu não penso em marcar os outros. Na verdade, não tenho o menor interesse nisso.

“Caralho, amor, quanta porra.” Ele grunhe, a voz tão baixa e rouca, perdendo o controle.

Ele aperta meus quadris com mais força, arrastando minha bunda contra sua virilha, e penetra com mais intensidade, a fricção tão forte e dolorosamente deliciosa.

"Você..." Eu arfo, minha voz rouca e sem fôlego. "Goza logo..."

"Ah, porra... fala de novo... Hum."

"Goza..." Minha voz falha, então ordeno: "Goza para mim."

"Porra!"

Observo, quase hipnotizada, as veias roxas em seu pau pulsando, e então ele ejacula em cima do meu. Jatos de sêmen espesso me cobrem por inteiro, e meu pau se contrai.

Meu corpo treme enquanto continuo olhando para o nosso sêmen se misturando e formando uma poça no chão. É nojento e dolorosamente excitante, uma visão que não deveria ser tão boa.

Ele roça o nariz no meu cabelo, inalando profundamente, com as mãos na minha cintura me mantendo firme. Estamos ambos ofegantes, nossas respirações irregulares reverberando no ar após o que quer que tenha sido aquilo.

Um erro do qual me arrependerei amargamente, isso sim.

Preciso ir ter um colapso na casa do Dr. Duret no meio da noite.

Não é a primeira vez que isso acontece — e também não será a última.

Endireitando-me, respiro fundo algumas vezes para me estabilizar, forçando

a máscara de volta no lugar.

Mais uma inspiração, e o cutuco com o cotovelo enquanto puxo minha cueca boxer para cima com uma das mãos. "Me solta."

"Só um segundo." O aperto dele nos meus quadris se intensifica — e então sua língua desliza sobre aquele ponto incrivelmente sensível atrás da minha orelha.

Meu corpo estremece. Meu cérebro explode em minúsculos pontos negros enquanto o instinto assume o controle.

Acontece num instante.

Me viro bruscamente e lhe dou um tapa. Bem, um tapa com as costas da mão.

Nós dois congelamos enquanto sua bochecha cora instantaneamente.

Droga.

Eu não queria fazer isso. Eu só queria empurrá-lo porque aquele toque estava desencadeando memórias indesejadas.

"Eu te disse para me soltar", digo em vez disso, puxando minha cueca boxer para cima como se ela fosse me proteger desse desastre.

Me preparo para que ele revide — e, honestamente, eu mereceria. Se ele tivesse feito isso comigo, eu estaria imprimindo seu obituário.

Mas ele não faz.

Ele apenas estreita os olhos. Por uma fração de segundo, algo brilha naquele olhar cinzento e tempestuoso, mas desaparece instantaneamente quando ele enfia a mão na mochila.

Ele está de costas para mim, então não consigo ver seu rosto.

O que consigo ver, no entanto, são as nádegas musculosas e definidas e as covinhas de cada lado.

Desvio o olhar imediatamente. Por que diabos estou olhando para a bunda dele?

Ele tira uma camisa, se limpa, depois veste a calça jeans e a cueca, ajeitando-as.

Ainda estou irritada porque o pau dele é enorme. Completamente ofendida.

Lá se foi meu direito de me gabar.

Que droga.

Marcus se vira e eu me tensiono, esperando o impacto.

Em vez disso, ele enfia a mão no bolso, tira dois doces e os coloca na minha mão. "Boa sorte no jogo amanhã."

A voz dele é neutra. Neutra demais. Plana e sem emoção.

Não gosto disso. De jeito nenhum.

Prefiro que ele me bata.

Antes que eu consiga analisar o que diabos aquele tom significa, ele pega a mochila e o taco e sai do vestiário.

Me deixando sozinha com mil perguntas e uma crise de sexualidade absolutamente catastrófica.

Porque, por mais que eu odeie admitir… aquele foi, sem dúvida, o melhor sexo que já tive.

Me encosto no armário, com as mãos na testa.

Preciso acabar com essa fixação perigosa antes que ela acabe comigo.

13

MARCUS

Saio da sala do treinador com um sorriso no rosto.

Alguns agentes de renome entraram em contato com ele depois da minha atuação fenomenal ontem. O treinador disse que nada está definido e que eles continuarão me observando pelo resto da temporada, mas se eu jogar bem as minhas cartas, posso ser uma das escolhas mais aguardadas do draft da NHL deste ano.

Preciso ligar para minha mãe e contar a novidade. Ela vai ficar radiante.

Ela conseguiu ir ao jogo ontem, já que era em casa, e ela sempre tenta ir, mas teve que ser chamada para uma emergência durante o terceiro período. Íamos jantar juntas, mas ela mandou uma mensagem dizendo que se atrasaria.

Não importava. Mesmo assim, preparei um macarrão e jantamos à meia-noite, quando ela voltou.

Ela sempre fica feliz quando cozinho e fazemos refeições juntos. Além disso, eu não estava interessado no encontro de sempre com o time no clube, e minha mãe é a única com quem gosto de comemorar minhas vitórias.

O treino terminou faz um tempo e eu preciso ir para a aula. Mas primeiro, preciso contar a novidade para minha mãe.

Enquanto caminho pelo corredor, pego meu celular para ligar para ela.

"Bom dia, meu querido irmão."

Paro de repente, levantando a cabeça lentamente para encontrar ninguém menos que minha meia-irmã encostada na parede.

Serena Osborn.

Ela não se mistura à multidão — ela molda o ambiente para que tudo

combine com ela.

Ela veste um terninho sob medida que exala poder e imponência, seus cabelos castanhos caindo em ondas sobre os ombros largos. O vermelho em seus lábios combina com seus sapatos e unhas, toques de cor deliberados em um mundo monocromático.

E ela sorri do mesmo jeito que meu pai sorri — educada, atraente e perigosa o suficiente para parecer que está apontando uma arma carregada para você.

“O que você está fazendo aqui?” pergunto, observando os arredores. “Este lugar não é aberto a estranhos.”

“Você acha que podem me negar a entrada em algum lugar?” Ela ri, um riso carregado e zombeteiro. “Você ainda tem um longo caminho a percorrer para entender como funcionamos, Marcus.”

Certo.

Esta não é a primeira vez que encontro Serena. Ela apareceu rapidamente na loja mais ou menos na mesma época em que papai começou a me importunar.

A abordagem dela foi diferente da dos homens do papai, já que Serena só quer uma coisa de mim: que eu fique longe.

"Eu não cheguei até aqui para você aparecer do nada e colher os frutos do meu trabalho árduo", disse ela, com aquele sorriso falso típico das pessoas daquela cidade. "Você entende, não é, Marcus? Se você fizer o que eu mandar, eu ajudo você e a June a sair daqui."

A ajuda dela incluía colocar um guarda para vigiar mamãe. A missão dele é observar de longe, para que ela não seja emboscada e não seja usada contra mim.

Serena também ofereceu dinheiro, que recusei, mas pedi que ela investisse no nosso time de hóquei. Foi assim que consegui meus tacos novos depois que os meus foram quebrados por um certo chato.

Respiro fundo para tirá-lo da minha cabeça. Agora não.

Não estou pensando em Preston agora.

"A que devo esta visita logo de manhã?", pergunto.

"Eu estava por perto e pensei em ver se você precisava de alguma coisa. Sabe, como quando você me pediu acesso à floresta dos Armstrong? O que aconteceu depois disso, afinal?"

"Você disse que não faria perguntas, Serena."

"Você tem razão, você tem razão." Ela levanta as duas mãos em sinal de rendição, seu anel preto brilhando no dedo indicador direito.

Já vi algo parecido no dedo indicador do Preston, mas o dele tinha um sol e uma meia-lua gravados, enquanto o da Serena tem uma cabeça de leão rodeada de engrenagens.

Acredito que representam o brasão de cada família. Algo que os herdeiros

usariam.

Minha irmã de trinta anos está fazendo de tudo para impedir que o anel chegue até mim.

E, sinceramente, não me importo com anéis ou status. Definitivamente, não dou a mínima para o legado Osborn que me rejeitou desde que nasci.

Mas a Serena não precisa saber disso. Ela acredita que está me mantendo na linha, para que eu não dispute o lugar dela como herdeira de fato do império Osborn. É por isso que ela manda mensagens com frequência e aparece do nada como hoje.

E aquele guarda que ela tão gentilmente providenciou? Ele é basicamente um espião disfarçado que vai reportar a ela se eu me encontrar com os homens do meu pai pelas costas dela.

Não a culpo por tentar proteger o que conquistou com tanto esforço, e eu teria feito o mesmo se estivesse no lugar dela.

Mas se ela acha que pode me usar sem que eu a use em troca, está muito enganada.

Afinal, ela é minha informante dentro desse mundo depravado e uma forma de eu conseguir acesso e informações, por mais incerta que seja.

Não sou exatamente contra a ambição dela, mas nossos objetivos são completamente diferentes. Ela quer governar o império do meu pai; eu quero destruí-lo.

Mas, de novo, ela não precisa saber disso.

“Eu só queria puxar assunto.” Ela deixa os braços caírem ao lado do corpo. “Sabe, eu sinto falta de ter irmãos mais novos.”

“Sente mesmo?” Ergo uma sobrancelha. “O único motivo de você estar no topo é porque aqueles irmãos mais novos morreram.”

“Eu ainda conseguiria chegar ao topo mesmo se eles estivessem vivos.”

“Duvido muito, com uma família como a sua.”

Ela ri de novo, mas dessa vez, o riso é forçado. “Teria exigido mais esforço, sim, mas eu teria chegado aqui de qualquer jeito. Além disso, o pobre Leo e o Lance ficaram doentes a maior parte da vida, então talvez seja melhor que eles não estejam mais sofrendo.”

“Você também não vive mais na sombra deles.”

Seus lábios se contraem antes de ela sorrir. “Nem você. Como é se sentir finalmente reconhecida?”

“Parece que não significa nada. Aquele homem deixou de ser meu pai no momento em que percebi que ele não se importa comigo.”

Ela estala a língua, balançando a cabeça. “Não é assim que você deve pensar, Marcus. Papai não se importa com ninguém nem com nada além do seu legado.

Você acha que ele se importa comigo, com o Leo ou com o Lance? Não. Bem-vindo ao clube. Ele só nos reconhece porque somos úteis para o seu legado. Então, a coisa inteligente a fazer é acatar os desejos dele para ter acesso ao poder."

"Não estou interessado."

"Pois bem, você deveria estar. Eu te disse, não disse? Você precisa de poder para manter a si mesma e à sua mãe em segurança." Ela aponta com o queixo na direção do escritório do treinador. "Esses contratos da NHL que estão se formando para você podem…" Ela estala os dedos "…puf—desaparecer num piscar de olhos se você sofrer um acidente grave que acabe com a sua carreira."

"Você está me ameaçando?"

"Só estou pintando um quadro na sua cabeça para que você entenda que, sem poder, você não tem nada." Ela dá um tapinha no meu ombro. "Não seja mais uma Paciente X sem poderes."

"Paciente X?"

"Ah, é mesmo. Papai não teria te contado sobre isso, porque você era inútil para ele." Ela dá um passo para trás e sussurra: "Veja bem, nossa família tem uma maldição."

"Uma maldição?"

"Sim, uma síndrome genética rara de falência da medula óssea chamada anemia aplásica."

"Eu deveria saber o que diabos isso significa?"

Ela ri. "Significa que a medula não produz células sanguíneas saudáveis em quantidade suficiente. Pacientes com essa síndrome precisam de transfusões periódicas ou infusões de medula óssea para sobreviver. Leo e Lance tinham. Sou três anos mais velha que o Lance e, infelizmente, eu era compatível, então fui usada para mantê-lo vivo com transfusões constantes desde criança. Aquilo doía muito, aliás. Ainda consigo sentir aquelas agulhas longas e grossas perfurando minha coluna quando vou dormir à noite."

Faço uma pausa, sem saber o que dizer, mas, felizmente, ela continua.

"Por sorte, Lance desenvolveu uma mutação que o fez rejeitar meu sangue quando tinha uns seis anos, quase na mesma época em que Leo nasceu. E Leo e eu éramos apenas parcialmente compatíveis, então eles não quiseram arriscar." Ela inclina a cabeça na minha direção. "Você também era parcialmente compatível. Que sorte a sua."

"Eu fui cobaia?"

"Claro que foi. Quando você era bebê, papai fez o teste sob o pretexto de exames de sangue de rotina. Enfim, Lance e Leo iriam morrer se não recebessem sua essência vampírica nos próximos anos, então consegue adivinhar o que papai

fez?”

“Paciente X.”

“Você é inteligente. Gostei disso. E sim, ele era nosso irmão.”

“Irmão?”

“Meio-irmão, tecnicamente. Ele foi criado em laboratório.”

“O quê?”

“Sim. Já ouviu falar de seleção genética? Não é legal nem perfeito, mas temos uma relação próxima com o império farmacêutico dos Callahan, que prospera com testes. E papai estava tão desesperado para manter seus filhos vivos que permitiu que mexessem com o esperma dele, depois o colocaram em uma barriga de aluguel e, pronto! Nasceu o Paciente X. O irmão salvador que nenhum de nós conhece. Nem mesmo papai.”

“Papai não conheceu o filho?”

“Não, porque ele não o considerava um filho. Apenas um doador de sangue em tempo integral, eu acho. O Paciente X foi mantido em uma casa com um laboratório a vida toda, cutucado e examinado, e usado como a tábua de salvação de Lance e Leo.”

Há uma aspereza em suas palavras. Uma raiva tão contida que parece que ela consegue se ver no irmão que nunca conheceu.

É uma merda. Tudo isso.

Um pai ter um filho só para salvar os outros é simplesmente errado, mas não posso dizer que estou surpreso.

Andrew é simplesmente esse tipo de pessoa fria.

Uma lembrança me vem à mente. Eu tinha uns seis anos quando meus pais e eu caminhávamos pelo parque coberto de neve. Mamãe recebeu uma ligação e foi para o lado atender, soltando minha mão no processo.

Estendi a mão para o papai, envolvendo a minha menor na dele, e ele a afastou com calma, mas firmeza.

Então ele estalou a língua. "Criança inútil."

Sempre me perguntei o que ele queria dizer com isso. Criança inútil. Agora, acho que sei. Eu era inútil porque ele nunca conseguiu me usar para bombear meu sangue para o seu império.

Volto a me concentrar em Serena, que tem um olhar distante. "Se o Paciente X foi usado para manter Lance e Leo vivos, por que eles morreram?"

“O sistema imunológico de Lance era tão dramático quanto ele. Mais uma vez, ele desenvolveu resistência ao sangue do Paciente X quando tinha uns vinte anos, então eles arriscaram e fizeram um transplante de medula óssea, que funcionou. Você consegue imaginar a dor que o Paciente X sentiu? Ele tinha apenas treze anos na época. Mas ninguém perguntou sobre a pessoa sem nome e

sem rosto que foi feita para a alteza de Leo e Lance.” A amargura retorna à sua voz. “Sabe, todos na casa dos Osborn estavam comemorando quando a operação foi um sucesso. Fizemos uma festa, e toda a propriedade foi iluminada com fogos de artifício, mas ninguém mencionou o garoto de treze anos que tornou tudo isso possível. Não é irônico?”

“Suponho que sim.”

“Bem, o Lance recebeu o que merecia há uns dois meses, quando desenvolveu repentinamente uma doença autoimune que o matou em uma semana. Já o Leo, recebeu transfusões a vida inteira. Ele vivia doente e tinha recaídas graves, então o Paciente X precisava de transfusões de medula óssea de vez em quando. Você sabe o quanto isso é doloroso para uma criança?”

“Só posso imaginar.”

“Durante toda a infância, o corpo do Paciente X sofreu traumas severos, um atrás do outro. Como se ele fosse uma cobaia.” Ela franze os lábios e sorri de forma forçada. “Ah, bem, aos quinze anos, o Leo sofreu com a toxicidade do transplante e desenvolveu um câncer secundário que o matou.”

“O que aconteceu com o Paciente X?”

“O que você acha que o papai faria com o seu cobaia?”

“Como Leo morreu aos quinze anos, Lance teria vinte e um na época. E mesmo já tendo feito o transplante de medula óssea, com o histórico de rejeição tardia do seu corpo, ele ainda correria o risco. Então, papai teria mantido o Paciente X sob vigilância caso Lance precisasse do sangue dele no futuro.”

Ela estala os dedos. “Bingo. Infelizmente para papai, X morreu em um incêndio pouco depois da morte de Leo. Corre o boato de que ‘os pais médicos dele’, que ele acreditava serem seus pais de verdade, tiveram pena dele e o deixaram morrer.”

“Assim, do nada?”

“Assim, do nada.” Um olhar estranho nubla seus olhos. “Pelo menos ele não estava mais sofrendo.”

“E você tem menos concorrência.”

“Suponho que sim”, ela diz com um sorriso forçado. “Você sabe por que X foi usado e morreu?”

“Porque o papai é um babaca?”

“Bem, tem isso. Mas ele também não tinha poder.”

“Ele era um garoto que passou a infância preso a uma cama de hospital. De onde ele tiraria poder?”

“Ele deveria ter dado um jeito.” Ela dá um tapinha no meu braço. “Não seja outro X, Marcus.”

Ela caminha até a porta, o som dos seus saltos ecoando no silêncio antes de

parar. “Ah, mais uma coisa.”

“Sim?”

“Parabéns pelo jogo de ontem à noite. Eu sei que você tem esse lado sádico como todos nós, mas não pegue no pé dos nossos meninos do Vipers, beleza?”

Ela pisca, e eu estreito os olhos, o que a faz rir daquele jeito cúmplice.

Não tem como ela saber do meu joguinho com o Preston. Embora chamar isso de joguinho pareça estranho.

O que é isso, afinal?

Depois daquela noite no vestiário, não tenho mais tanta certeza. É um jogo se eu senti vontade de explodir só por estar tocando nele?

Porque ele me deixou tocá-lo.

Percebi que ele estava desconfortável no começo, mas aos poucos foi se soltando e me deixou convencê-lo a aceitar meu toque.

Até ele me dar um tapa, claro.

Bato o polegar no dedo médio enquanto saio da arena, meus músculos se contraindo.

Não, eu não deveria associar aquele tapa com as rejeições do meu pai durante a minha infância, mas tente convencer meu cérebro disso.

Leio minhas conversas com Preston, mas não há nada de novo. Silêncio total.

Bem, eu também não mandei mensagem para ele, mas tenho um motivo. Qual é o dele?

Fingir que nada aconteceu. O passatempo favorito de Preston, logo depois de irritar as pessoas por esporte.

De qualquer forma, não importa, porque haverá outro jogo na semana que vem, e depois da atuação dele ontem à noite — sim, eu assisti à reprise — ele vai acreditar no ritual e voltar rastejando para mim. Eu já o fisguei completamente.

Então, por que ainda me incomoda que ele esteja me ignorando?

Vai entender.



APARENTEMENTE, NÃO PRECISO ESPERAR ATÉ A SEMANA QUE VEM, PORQUE naquela mesma noite, Dahlia me convidou para uma boate no coração de Graystone Ridge.

O que eu sou senão o cavalheiro mais gentil?

Quer dizer, quase. Dahlia perguntou se eu queria participar de um pouco de

drama, e eu aceitei.

O drama em questão inclui provocar ciúmes no seu atual caso, Davenport. E qual a melhor maneira de fazer isso? Levar o seu ex — eu — para um verdadeiro ninho de víboras.

É aqui que a equipe Vipers vem para festejar, segundo Dahlia, e eu não posso perder a chance de ver com meus próprios olhos.

Agitar um pouco as coisas.

Descobrir se consigo provocar o Preston de alguma forma.

Com o braço dela em volta do meu, entramos na boate que vibra com a música grave.

Os perfumes caros deles entopem minhas narinas enquanto luzes vermelhas e verde-amareladas cortam o ar como lasers.

Cheira a drogas e inconsciência. Corrupção e superficialidade, como toda esta cidade.

Tudo aqui exala uma crueldade inimaginável. Cada uma dessas pessoas, como meu pai, teria autorizado o Paciente X apenas para proteger seu status e seus impérios.

E, no entanto, aqui estou eu, bem no meio deles.

Encaro Dahlia, que está encostada em mim, vestindo um vestido verde justo que foi feito para chamar a atenção. Ela é bonita, com pele bronzeada em tom oliva e curvas nos lugares certos.

E ela vem de Stantonville, então faz parte do meu mundo, em vez deste buraco pretensioso. E, no entanto… ela não desperta nada em mim sexualmente.

Nenhum deles desperta agora.

Parece que desenvolvi uma obsessão por um certo príncipe emocionalmente imaturo de cabelos dourados.

Soltando um suspiro, inclino-me para sussurrar em seu ouvido: "Sou só eu, ou você agora se esforça mais para ficar tão gostosa?"

"Deveria ter me guardado quando me tinha, em vez de tentar me dividir com seus amigos."

Dou uma risada enquanto caminhamos até o bar iluminado por um neon roxo e lotado de pessoas gritando seus pedidos.

E é aí que o vejo.

Do outro lado, no camarote VIP acima, quase todo o time dos Vipers está lá. Alguns estão dançando, mas muitos estão reunidos perto da barreira de vidro, me encarando com desdém.

Mas eles não importam.

Quem importa é Preston. Ele também está lá, mas sua expressão é indecifrável enquanto toma um gole de sua bebida.

Ele parece um troféu implorando para ser desembrulhado naquela jaqueta dos Vipers e naquela calça impecável.

Cada fibra do meu ser me diz para pular lá e sequestrá-lo. Mantê-lo só para mim, em algum lugar onde ninguém possa me ver.

Tocá-lo tão profundamente que ele jamais poderá me rejeitar.

Mas ele parece entediado. Quase como se não tivesse me notado. Quase, porque seus ombros se retraem ao encontrar meu olhar.

Vamos ver quem cede primeiro, meu príncipe.

Minha mão pousa na cintura do meu companheiro. "Você ainda está brava com isso, Dahlia? Eu te disse que não me envolvo em relacionamentos. São um saco, e eu te deixei ir, não deixei? Mas talvez eu tente te seduzir de novo esta noite."

"Esse trem já partiu."

“Eu entendo. Mas o Davenport é uma escolha tão sem graça. Você podia ter escolhido alguém mais interessante.”

“Qual é a sua ideia de interessante?”

“O príncipe.” Sorrio e levanto meu copo na direção do Preston. “Pensando bem, qualquer um menos o príncipe.”

Dahlia acompanha o gesto e começa uma competição de olhares fulminantes com o Kane. O resto da equipe está tentando me matar com o olhar, mas tudo o que consigo ver é o Preston.

Ele ainda está se mantendo firme por trás daquela máscara que ele aperfeiçoou tão bem.

Mas não por muito tempo.

“Nossa.” Dou uma risada. “Consigo sentir a hostilidade. Meu Deus. Eles me odeiam tanto assim?”

“Para ser justa, você é o tipo de pessoa que inspira ódio.”

“Sou mesmo, né? Então por que ele não está me odiando?”

“Quem é ele?”

Deixo minha bebida no balcão e agarro o braço de Dahlia, optando por mudar de assunto. "Vamos dar a eles o show que viemos ver."

Num instante, puxo-a para a pista de dança, envolvo-a pela cintura e a arrasto para perto de mim enquanto nos embalamos ao som da música.

Ela se enrijece um pouco. "Isso é só uma atuação. Não se empolgue demais."

"Shh." Levanto a mão dela e a pressiono contra meu peito. "Pensei que você quisesse vingança, então mostre a ele o quanto ele está perdendo."

Ela relaxa um pouco e entra na dança comigo. Dou uma olhada em Preston, e sua expressão mudou — lábios franzidos, olhos semicerrados, e quase consigo ver aquelas covinhas daqui.

Vamos lá, dance com tanta graça para mim.

Agarro Dahlia pelos quadris, pressionando-a contra mim, e sorrio enquanto sua carranca se intensifica.

Poderíamos ser nós, digo a ele com o olhar. Éramos nós dois dias atrás, naquele vestiário.

Há algo que estou aprendendo sobre Preston. Ele tem umas tendências territoriais. Não porque se importe, mas provavelmente porque não gosta que outros brinquem com seus brinquedos.

Ele provavelmente preferiria quebrar esses brinquedos a deixar que outra pessoa os tivesse.

Parece que eu deveria dar um empurrãozinho nele.

Vamos ver se ele chega aqui em menos de sete segundos, como contei para ele outro dia.

Meus lábios se curvam em um sorriso enquanto sussurro: "Um".

"O que você está contando?", pergunta Dahlia.

Eu a giro, puxo-a para perto de mim e aperto sua bochecha. "Dois."

"O que você está fazendo?"

“Três.” Eu me inclino.

Dahlia dá um passo para trás e sussurra, quase gritando: “Não me beije.”

“Quatro.”

“Marcus!”

“Cinco—”

Minha palavra é interrompida quando um braço me agarra pelo pescoço por trás e sou puxada contra um peito duro e familiar.

Não consigo resistir ao sorriso que se abre em meus lábios quando seu aroma masculino e intenso, com um toque de oceano profundo, invade minhas narinas.

Viu? Eu sabia que seria antes de sete.

Meu braço é torcido no ar por Kane, que parece que vai me matar.

E tudo isso me faz rir.

Os dois são previsíveis.

“Nossa! Estou honrada com a calorosa recepção.”

Kane torce meu braço com mais força e eu gemo.

“Não”, diz Dahlia. “Solte-o.”

“Se você o defender de novo, eu quebro o braço dele”, responde Kane, ainda me encarando. “Diga mais uma palavra, Dahlia, e eu juro que ele nunca mais vai jogar hóquei na vida.”

Dou uma olhada para Preston, cujo rosto parece assassino sob a luz fraca. É melhor que ele esteja mesmo, porque não gosta da ideia de seu “melhor amigo” ameaçar minha carreira no hóquei desse jeito.

“Estou morrendo de medo. Me salva?”

“É melhor você calar a boca se quiser o seu próprio bem”, diz Preston, com a voz inexpressiva.

“Meu coração está disparado… de puro tédio. Ei, querida.” Lambo os lábios, olhando para Dahlia. “Acho que devemos sair daqui. Você disse que estava louca para montar no meu pau.”

Preston me estrangula enquanto Kane torce meu braço.

Mas eu não dou a mínima para o Kane. Não quando o Preston está se desmoronando por mim. A barreira dele está rachando, ele está em pânico e só sabe reagir de um jeito.

Com violência.

É por isso que ele está quase me estrangulando agora.

Mais.

Preciso que ele se desmorone ainda mais.

Dahlia solta um suspiro. "Que saco. Vou procurar outra pessoa."

Então ela começa a sair, e Kane me solta e a segue, me deixando sozinha com meu maníaco homicida favorito.

Não estamos completamente sozinhos, considerando a quantidade de pessoas e o caos ao nosso redor, mas é como se estivéssemos.

Enquanto meu olhar volta para o dele, eu me esforço: "Eu sei que você sente minha falta, mas prefiro um beijo a um estrangulamento."

Seus olhos brilham num verde escuro e encantador. "Você quer morrer? Na verdade, não precisa responder. Você parece querer, e eu ficaria feliz em te satisfazer."

E então ele me arrasta atrás dele enquanto eu rio.

Vamos ver se ele consegue me ignorar depois que eu terminar com ele esta noite.

14

PRESTON

Não era isso que eu queria dizer quando falei em acabar com essa fixação perigosa.

Mas me escutem. Esse filho da puta do Marcus tem tanta audácia que precisa ser contida e erradicada de uma vez por todas.

Aparecendo na minha cidade. No meu clube. Bem debaixo do meu nariz?

É, isso é imperdoável.

E não, não tem nada a ver com o fato de ele estar aqui com a Danielle.

Eu lido com aquele espião que ele colocou ao lado do Kane mais tarde, mas por enquanto…

Eu jogo o Marcus contra a parede do beco estreito nos fundos do clube. A luz do poste é tão fraca que ninguém vai ver quando eu o transformar em um cadáver.

O idiota está me encarando com aquele olhar provocante que parece funcionar sempre.

O que é que esse idiota tem que me tira do sério?

Uma pergunta que fiz à Dra. Duret depois do mini surto que tive no divã dela. No típico estilo da Dra. Duret, ela manteve a calma e disse que eu precisava olhar para dentro de mim para encontrar a resposta.

O que é um grande NÃO. Não vamos abrir essa caixa de Pandora que está adormecida em algum lugar dentro de mim.

O que eu posso fazer, no entanto, é bagunçar meus problemas. Funciona que é uma beleza todas as vezes.

Aperto o pescoço de Marcus com mais força enquanto me inclino para perto

dele. Mas então paro porque agora estou encharcada pelo seu perfume avassalador.

Droga—o cheiro dele é viciante.

Faz apenas alguns dias desde a última vez que o vi, mas parece uma eternidade. E normalmente, logicamente, eu não deveria me importar.

Eu não dou a mínima para as garotas que estão disputando minha atenção.

Mas é aí que está o problema, não é? Ele não está disputando minha atenção desde o vestiário. Ele nem mandou mensagem depois do jogo, como fez da outra vez.

Não que eu quisesse, e quem disser que eu estava checando meu celular no vestiário está espalhando notícias falsas.

A questão é que não há nenhum sinal dele, e por isso, eu digo: que bom que ele se foi.

Mas aí ele tinha que aparecer com a maldita da Dixie no braço, bem na minha cidade.

"É assim que você diz que sente minha falta?"

Uma leve tensão na voz, devido ao estrangulamento, transparece em sua fala rouca, mas ele não está resistindo, deixando os braços repousarem ao lado do corpo.

Na verdade, ele tem se mostrado estranhamente cooperativo desde que o agarrei na boate. Não pode ser porque ele reconheceu o erro estúpido que cometeu.

Então, por que diabos ele não está tentando revidar?

Não. Esquece. Não vou deixar esse degenerado entrar na minha cabeça e me jogar num ciclo infinito de vazio.

Abro um sorriso irônico. "Uma maneira engraçada de se referir a uma tentativa de assassinato, mas claro, se isso te faz morrer mais rápido, pode pensar que eu senti sua falta."

"Eu não penso. Eu acredito."

"Suas crenças precisam de um sistema de provas melhor."

"Ah, é? Tenho certeza de que está tudo bem. Você, por outro lado, parece estar incomodado com alguma coisa. Gostaria de me dizer o que é?"

"Além da sua cara idiota?"

Seus olhos se estreitam com um toque de divertimento. "Sim, além disso."

“Por que você não analisa suas ações e descobre o que fez de errado?”

“Eu?”

“Sim, você.”

“Hum. Não me vem à mente. Pode me dar uma dica?”

Ele está com um sorriso debochado e eu quero dar um soco na cara dele, mas

isso me faria parecer um bárbaro, enquanto ele está apenas levando isso na brincadeira.

Dois podem jogar esse jogo.

“Não sei. Pode ter algo a ver com a forma como você apareceu na minha cidade.”

“Sua cidade?”

“Com certeza não é a cidade infestada de ratos de onde você vem.”

“Eu também sou daqui, sabia?”

“Não, você não é.” Aperto meu pescoço em volta dele. “Você e eu não frequentamos os mesmos lugares, Osborn. Não se iluda pensando que pode pertencer a este lugar só por causa do seu sobrenome.”

Algo brilha em seus olhos, é breve e quase imperceptível, mas vejo um vislumbre de raiva incontrolável que ferve sob a superfície. Marcus sempre teve essa energia no gelo. Muitas pessoas o comparam a Jude e Kane — ele possui a violência brutal de Jude e a habilidade de Kane para traçar estratégias.

Mas acho que não é bem isso.

Porque, ao contrário de Jude ou Kane, ele é completamente indecifrável, e sempre parece estar reprimindo algo tão profundamente que é impossível descobrir seus verdadeiros motivos, mesmo que você investigue a fundo.

É por isso que nunca consegui entrar em sua mente.

E meu espírito competitivo, com uma pitada de autodestruição, exige que eu o faça.

Por quaisquer meios necessários.

Marcus agarra meu pulso e torce, me obrigando a soltá-lo enquanto uma dor lancinante explode pelo meu braço. Então ele me joga contra a parede oposta.

"Por que eu não posso pertencer a este lugar?" Sua voz está calma, estranhamente calma, e o sorriso debochado sumiu, deixando apenas uma expressão vazia que não revela nada.

"Me solta!" Tento chutá-lo, mas ele torce meu braço ainda mais na direção oposta, assim como Kane fez com o dele antes, ameaçando quebrá-lo.

"Eu te fiz uma pergunta, Preston. Por que eu não posso pertencer a este lugar, hein?" Ele se inclina mais perto do meu rosto, ainda torcendo meu braço, e eu me recuso a implorar para que ele me solte, mesmo com minhas articulações gritando de dor.

Eu sei que se eu fizer um movimento errado, se ele aplicar um pouco mais de pressão, meu braço dominante vai acabar engessado e esse filho da puta vai estar morto.

"Se você não me soltar agora, eu vou te castrar, Marcus."

"Não, você não vai. Meu pau é uma das poucas coisas que você gosta em

mim."

"Eu não—"

"Shh. Cala a boca."

"Seu—"

"Eu disse para calar a boca, Preston. Não mude de assunto." Ele está falando tão perto do meu rosto que consigo ver as manchas escuras em seus olhos, que ficaram tão escuros, tão desprovidos de sentimento, que eu poderia muito bem estar encarando um monstro. Um que combina tanto comigo que está puxando as cordas daquele lado de mim que mantenho escondido perto do meu coração.

O lado cheio de más decisões e ações impulsivas das quais me arrependerei pela manhã, e então serei espancado quase até a morte por Lenin.

"Diga-me por que não posso estar aqui." A voz de Marcus é terrivelmente monótona, desprovida de qualquer traço de humanidade. Nunca ouvi alguém falar como se desconhecesse completamente o conceito de sentimento. "É porque pessoas como você criaram as regras e decidiram que pessoas como eu não podem pertencer a este jogo grotesco e sedento de poder que vocês tanto gostam de jogar? Ou talvez seja porque vocês pensam que somos meros peões para serem usados e descartados como bem entenderem?"

Soltei uma longa risada sem humor. “Um peão? Não se superestime. Um peão deve ser valorizado e usado corretamente para que só seja sacrificado no momento oportuno, enquanto você vale menos que uma mosca. Você pode zumbir em círculos sem parar…” Estalei os dedos na frente do rosto dele. “… mas um golpe e eu poderia silenciá-lo para sempre.”

“Poderia mesmo?” Sua voz escureceu, seu aperto se intensificou, e precisei de toda a minha força de vontade para abafar o gemido de dor.

Talvez não seja a melhor ideia provocá-lo quando meu braço dominante corre o risco de ser aleijado, mas se ele pensa que isso vai me impedir de colocá-lo em seu devido lugar, então ele não sabe com quem está se metendo.

“Me desafie.” Falo tão perto do seu rosto que percebo tarde demais que sua boca está a poucos suspiros da minha.

E agora, estou olhando para seus lábios, e eu não deveria olhar para os lábios de um cara, mas noto algo — ou talvez algumas coisas.

Seus lábios são carnudos e perfeitamente moldados, mas o superior é levemente carnudo e levantado. Ele também tem uma curvatura bem definida no meio, como se tivesse sido esculpido com a máxima precisão.

Quero mordê-lo.

Afundar meus dentes na carne macia, rasgar a pele e fazê-lo sangrar.

Não, droga. Eu não quero morder o lábio do Marcus.

De onde diabos veio esse pensamento ridículo?

Deslizo meu olhar para o dele e paro, porque suas íris cinzentas quase ficaram pretas enquanto ele também encara meus lábios.

Outro homem está me encarando, devorando minha boca com os olhos, e isso deveria me dar vontade de pular da cadeira de nojo.

Procuro por qualquer sensação de perturbação, mas não encontro nenhuma.

Se não é desconforto, então qual a razão para o calor que percorre minhas veias?

Está quente esta noite. É por isso—

Meus olhos se arregalam quando ele estende a mão livre em direção à minha boca. Consigo ver em câmera lenta, como se o tempo tivesse parado e sua mão estivesse se movendo em um universo paralelo.

Só quando ela toca meu rosto, seus dedos acariciando meu queixo, o polegar no canto do meu lábio, é que percebo algo.

Ele estava se movendo deliberadamente devagar, como se não quisesse me assustar ou algo igualmente ridículo.

“Essa boca não sabe a hora de calar a boca, né?” Ele enfia o polegar entre meus lábios, forçando minha mandíbula a abrir enquanto pressiona meus dentes inferiores.

E o que eu faço? Eu o mordo, é claro. Meus dentes apertam o polegar dele com tanta força que acho que vou arrancá-lo.

Sou uma cadela raivosa nesse sentido. Mexa comigo e você vai para casa sem um membro.

Qualquer pessoa com um mínimo de sanidade puxaria a mão.

Mas não o Marcus.

O rosto desse filho da puta insano está sombreado por um brilho escuro enquanto ele continua pressionando meus dentes com a mesma força que eu uso para mordê-lo.

Então tento cuspir o polegar dele, empurrando minha língua contra ele. Em uma fração de segundo, Marcus aproveita a pequena mudança para abrir minha mandíbula à força e enfia o dedo médio e o anelar na minha boca.

Esse filho da puta—

Estou prestes a arrancar os dedos dele com os dentes, mas ele os desliza até o fundo da minha garganta e bate meu braço acima da minha cabeça na pedra áspera.

A náusea revira meu estômago e meus olhos lacrimejam. Espero que as lembranças horríveis me inundem.

E espero.

E espero.

Não vêm.

Estou sobrecarregada demais para me deixar levar pelos meus pensamentos.

“É isso que acontece quando você fala demais, Preston.” Ele empurra os dedos ainda mais fundo, inclinando meu queixo com o polegar e o indicador para um ângulo melhor. “Da próxima vez, vou enfiar meu pau grosso nessa sua garganta gostosa.”

Solto um gemido, tentando arrancar os dedos dele com os dentes, mas o jeito que ele os estica dentro da minha boca me impede de respirar direito, quanto mais de mordê-lo.

“Shh… relaxa, meu bem. Não deixa o reflexo de vômito vencer.”

“Vai se foder…” murmuro em meio aos dedos dele, mas não tenho certeza se ele ouve.

Marcus ri baixinho, o som tão ausente quanto sua falta de educação, enquanto enfia os dedos até o fundo da minha garganta.

Meu reflexo de vômito se ativa, mas ele recua. "Respire devagar pelo nariz. Não se engasgue."

A ordem desencadeia duas sensações diferentes. A primeira é que eu vou dar uma surra nesse idiota por ousar falar comigo nesse tom.

Mas a segunda, aquela que não consigo entender, está deixando meu corpo mais relaxado, minhas inspirações e expirações mais profundas.

É um mecanismo de sobrevivência, certo? Meu corpo reconhece que preciso continuar vivo para dar uma surra nesse idiota.

Só isso.

"Bom garoto." As palavras ríspidas preenchem meus ouvidos como um estranho afrodisíaco.

Um arrepio fantasmagórico percorre minha espinha, frio e tão íntimo quanto o beijo da morte.

“A sensação da sua boquinha quente está me deixando tão duro, amor.” Ele pressiona o corpo contra o meu, suas coxas musculosas e o volume inconfundível entre elas colados em mim.

Ah, droga.

“O que temos aqui?” Ele esfrega a ereção dele contra a minha, que está começando a ficar dura. “Parece que seu pau também está ficando excitado.”

Ele lambe meu lábio inferior. “Que tal resolvermos isso?”

15

PRESTON

Porra.

Puta merda.

Por que diabos estou duro agora?

Solto um suspiro enquanto o calor se espalha pela minha espinha e sobe até minhas orelhas.

Não faz sentido nenhum eu ter ereções aleatórias perto do Marcus.

Ele é um homem.

Um homem irritante que eu odeio com todas as minhas forças.

Será que meu pau entendeu o recado? Aparentemente não, a julgar pelo quanto ele engrossa a cada vez que ele roça o pau dele no meu.

O atrito é enlouquecedoramente intenso e, apesar das roupas que nos separam, faíscas de prazer percorrem meu corpo com uma excitação que me deixa sem fôlego.

Meu coração dispara e meu corpo inteiro se contrai, enviando todo o sangue para a minha virilha.

“Hum.” O som que escapa de mim é desesperado demais para os meus ouvidos, estranho demais.

Simplesmente não sou eu.

Recuso-me a acreditar que estou emitindo um som assim.

Mas então ele faz de novo, deslizando seu pênis coberto pela roupa sobre o meu num movimento brusco e controlado. “Você é incrivelmente sensível ao toque de uma mosca. Devia ver seu rosto erótico, é uma visão para se contemplar.”

“Pare de olhar…”

“Mas eu adoro olhar para você. Não mais do que adoro tocar em você, porém.”

Mas por quê?

Por que ele gosta de me tocar se a minha própria pele me dá arrepios? Na maioria das vezes, nem parece que é minha, então por que ele me olha como se eu fosse inteira?

“Se eu enfiar a mão na sua calça, vai te encontrar molhada pra mim, querida?” Ele desliza os dedos para cima e para baixo na minha língua no mesmo ritmo em que esfrega meu pau.

E é realmente irritante como é difícil me concentrar. É como se minha sanidade estivesse sendo confiscada, e não há nada que eu possa fazer para impedir.

Ou talvez não haja nada que eu queira fazer para impedir.

Porque mesmo que ele esteja prendendo meu pulso acima da minha cabeça, eu ainda poderia lutar, sem mencionar que minha mão livre está inutilmente ao meu lado.

Alguém chame a polícia — eu gostaria de denunciar um impostor que invadiu meu corpo.

“Olha só seu pau pulsando pelo meu.” Ele abaixa a voz para um rosnado rouco. “Que vadiazinha boazinha.”

“Vai se foder…” murmuro, mas sai como um gemido porque meu pau está doendo e o líquido pré-ejaculatório está escorrendo por toda a minha cueca. Meus testículos se contraem, exigindo fricção de verdade.

“Vai em frente, querido. Tira nossos paus pra fora.”

Meus olhos se arregalam, mas permaneço imóvel, balançando a cabeça uma vez.

De jeito nenhum vou participar dessa merda doentia que esse idiota curte.

Bem, eu também curto, mas participar ativamente de sexo gay é um não categórico.

“Você é o único com uma mão livre”, ele continua acariciando, suas coxas e pau tão grudados nos meus que é impossível não sentir o cheiro dele.

As notas de couro e floresta tornam isso muito mais erótico do que deveria.

“Não.” A palavra escapa num murmúrio fraco, minha mão tremendo incontrolavelmente ao meu lado.

“Não?” Ele inclina a cabeça para o lado, um sorriso sombrio pintando seus lábios irritantes que eu definitivamente não estou encarando. “Nesse caso, podemos continuar essa tortura a noite toda.”

O movimento de fricção diminui, torna-se menos vigoroso e oferece quase

nenhuma fricção.

Murmuro um som, mas não tenho certeza do que deveria ser. Um grito de frustração, talvez. Seja o que for, eu preciso de mais.

E Marcus interpreta isso como um convite para diminuir ainda mais o ritmo.

Esse filho da puta.

Ele deve ter visto a ameaça de morte nos meus olhos, porque dá uma risadinha, o som baixo, vibrando na minha pele. “Você pode acabar com o nosso sofrimento a qualquer minuto, querida. Você sabe que quer.”

Tento desviar o olhar, mas ele mantém minha cabeça no lugar, segurando meu queixo com firmeza. "Não se esconda de mim."

Lá está a ordem de novo. O jeito como ele fala, com essa firmeza característica, deveria levar meus sentidos à loucura. Espero que meu cérebro seja inundado por ruídos até que eu não consiga mais ouvir meus próprios pensamentos.

Espero.

E espero.

Mas isso nunca acontece.

Na verdade, meu corpo está tão dominado pelo prazer que meu cérebro não tem capacidade nem de assumir o controle.

Que se dane.

Desabotoo minha calça jeans, tateando um pouco antes de finalmente libertar meu pau. Um gemido baixo escapa de mim, e o líquido pré-ejaculatório cobre meus dedos enquanto me masturbo de forma descoordenada.

Durante todo o tempo, repito para mim mesmo que não se trata desse idiota — trata-se de eu gozar. Tudo o que preciso fazer é fingir que ele não existe, então fecho os olhos e puxo meu pau com força.

Um som de estalo preenche meus ouvidos enquanto seus dedos na minha boca penetram fundo até me sufocar.

Tento cuspir, mas ele aperta meu pulso e mandíbula. "Não seja egoísta, meu príncipe. Tire meu pau para fora também."

Meus olhos reviram e acho que vou gozar.

Droga.

Será que estou mesmo pensando em gozar só de pensar em ser estrangulado até a morte?

Esse desejo perigoso por dor vai me levar a uma morte prematura.

Como eu realmente não quero morrer agora, estendo a mão para a calça jeans dele, meus dedos tremendo enquanto engasgo e gorgolejo.

Demoro mais do que o necessário, mas finalmente consigo tirar o pau dele para fora. Estamos tão perto um do outro que o comprimento dele pressiona o

meu assim que sai da minha roupa, a glande se chocando contra a minha virilha.

E não é ruim.

Eu... eu não odeio.

"Isso mesmo." Os dedos dele se afastam do fundo da minha garganta. "Envolva a gente com a sua mão. Faça direito."

Eu tento, mas é quase impossível, considerando o quão absurdamente grandes nós dois somos. Mal consigo acomodar meu pau enquanto meus dedos roçam o dele.

Meus olhos descem, dando uma olhada rápida, e a visão me deixa com sede.

Estamos os dois tão duros que veias roxas e vermelhas saltam pela nossa pele, e meu líquido pré-ejaculatório está encharcando a calça jeans dele.

A cena é descaradamente vulgar.

É quase cru demais, íntimo demais para presenciar.

E somos eu e um homem.

O pau de um homem está em cima do meu, e está me deixando tão excitada que estou prestes a explodir.

Não é nem como aquela vez no vestiário, onde ele fez tudo, e eu me convenci de que não tinha escolha. Ou que pelo menos eu não estava olhando para o rosto dele.

Dessa vez, é a minha mão nos nossos paus. A minha.

"Está com dificuldades, querida?" Ele fala tão perto da minha boca que eu inalo as palavras em vez de ouvi-las. "Nossos paus são tão grandes, é um saco nos encaixar em qualquer lugar, não é? Deixa eu ajudar."

Ele me pressiona, me empurrando com força até minhas costas se fundirem com os tijolos. Ele solta meu pulso, apenas para pressionar a palma da mão contra a minha na parede. E o filho da puta maluco realmente entrelaça os dedos nos meus como se fôssemos... o quê?

Amantes?

Estou prestes a socá-lo para o outro planeta, mas me distraio.

Porque ele está esfregando o pau no meu através da curvatura dos meus dedos. Uma onda de prazer percorre minha espinha enquanto todo o meu sangue corre para o meu pau, o líquido pré-ejaculatório jorrando.

"Olha só você todo molhado." A vibração da sua voz grave e rouca contra a minha pele me leva ainda mais perto do clímax. "Que bagunça."

Ele lambe aquele ponto atrás da minha orelha, e eu fico na ponta dos pés, me contorcendo.

"Minha bagunça", ele rosna no meu ouvido.

E meus testículos se contraem.

Não sei se é por causa do ritmo implacável, bruto, porém firme, com que ele

pressiona o pênis contra o meu, ou pelas palavras dele, ou pelo jeito que ele me toca, mas estou tão perto.

A cada vez que a glande dele roça na minha virilha, uma onda de prazer escandaloso percorre meus ossos. Não consigo conter os gemidos e suspiros que escapam de mim.

"Mmm, que delícia. Você é tão gostoso, meu bem." Ele morde a curva do meu pescoço, perto do meu queixo, e eu grunho enquanto a dor se mistura com o prazer. "É como se você não fosse real."

Será que não sou...?

A pergunta é um emaranhado de palavras e emoções enquanto inclino a cabeça, meus olhos se fechando lentamente. Seria melhor se eu não fosse real e isso não estivesse acontecendo, mas por que cada partícula do meu ser luta contra essa ideia?

“Mas é real. Você e eu somos muito reais”, ele murmura contra minha pele, lambendo e mordiscando meu pescoço como se estivesse com sede e eu fosse o único oásis no deserto. Nunca presenciei esse nível de toque físico intenso antes, e eu que me achava o máximo com as mulheres. Mas a dura realidade é que nunca as toquei como Marcus me toca, como se ele estivesse… venerando meu corpo.

E agora, estou pensando em todas as outras pessoas que também já passaram por isso.

Aperto meu pau com mais força, e ele grunhe fundo na garganta, depois me morde de novo, o idiota.

Minha respiração está tão pesada e descontrolada que não sei como ou o que pensar.

“Isso mesmo. Empurra os quadris, amor. Se faça gozar em cima do meu pau.”

Eu gemo, sem me importar nem um pouco que estou basicamente esfregando meu pau no dele, a glande pressionando sua virilha, vazando líquido pré-ejaculatório por todo o seu corpo.

"Eu sei do que você precisa", ele sussurra no meu ouvido, mordendo um ponto sensível do meu pescoço enquanto enfia os dedos na minha garganta.

A dor me leva ao clímax.

Solto os sons mais animalescos, murmurando coisas sem sentido enquanto gozo em seu pau, calça jeans e virilha.

Estou marcando-o.

É só nisso que penso enquanto jatos de esperma o cobrem.

Continuo por tanto tempo que acho que nunca vou parar de gozar. O tempo todo, Marcus está penetrando meu pau brutalmente, e a fricção áspera faz meus

lábios se abrirem ainda mais.

“Porra… Hum, eu poderia fazer isso o dia todo.” O movimento brusco dos seus quadris acompanha as estocadas dos seus dedos na minha boca. “Eu poderia te devorar.” Estocada. “Te moldar no meu príncipe perfeito.” Estocada. “Até não sobrar nada…” Estocada. “Até você estar completamente…” Estocada. “Completamente.” Estocada. “Fodendo.” Estocada. “Meu.”

Meu pau murcho se contrai enquanto ele geme fundo na garganta, cravando os dentes no espaço entre meu pescoço e a clavícula. Então ele se afasta um pouco, tira os dedos da minha boca e pega no próprio pau.

“Você vai engolir meu esperma, amor, tá?” Ele aponta para o meu pau murchando e ejacula em ondas, encharcando minha mão e meu pau com seu esperma grosso.

Minha boca está dolorida, meus testículos exaustos, mas não consigo evitar observar, com os lábios entreabertos, o sêmen dele se misturando ao meu, um pouco pingando no asfalto.

A vulgaridade da cena deveria me fazer lembrar que estamos ao ar livre.

Por que estamos ao ar livre, afinal?

Marcus se afasta do meu pescoço, soltando a mão que ele segurava o tempo todo — e eu deixei. Eu provavelmente deveria estar mais bravo com isso.

Mas antes que eu consiga pensar direito, ele guarda o pênis e se ajoelha.

Espera… o quê?

Marcus está de joelhos na minha frente.

O Marcus Osborn que se recusa a me deixar vencer em qualquer situação está de joelhos.

Na minha frente.

A cena mexe com a minha cabeça mais do que deveria. Observo com os lábios entreabertos enquanto ele desliza a língua pelo dorso da minha mão, que ainda está em volta do meu pau, seus olhos intensos nunca se desviando dos meus.

Ele está... lambendo minha mão?

Não—ele está lambendo o esperma da minha mão.

Minha e dele.

A constatação me faz oscilar entre o desejo e a depravação.

Parece errado.

Como algo sombrio, proibido e inebriante, mas ao mesmo tempo tão... belo.

Marcus lambe minha mão até limpá-la, e eu permaneço imóvel o tempo todo, meus dedos tremendo enquanto ele encaixa sua língua quente e úmida entre eles, arrastando-a lenta, mas propositalmente.

"Você sabe qual é o gosto disso?" Ele rosna as palavras contra meus dedos,

sua voz rouca e perigosamente baixa.

"Não me importo..."

“Mentiroso. Você está ficando duro, querido. Seu pau está pulando de excitação só de pensar na minha língua lambendo ele.”

Qualquer resposta espirituosa que eu pudesse ter bolado morre quando percebo que meu pau está mesmo endurecendo. Eu o solto e agarro seus cabelos, meus dedos afundando fundo.

Juro que pretendia empurrá-lo, mas então sua língua desliza pela ponta, limpando o esperma, e meus dedos se apertam em seus cabelos.

Não faço ideia de por que estou puxando-o para mais perto, mas é o que eu faço.

“Mmm”, ele sussurra contra minha pele enquanto envolve meus lábios em volta do meu pau.

E puta merda.

Droga.

Eu sei que acabei de gozar, mas a sensação da boca dele no meu pau me deixou duro num instante.

Ele me tira da boca, sorrindo maliciosamente para mim. “Você está gostando disso um pouco demais.”

“Pare de falar.”

“E se eu não parar?”

Ele lambe a glande de novo, e meu pau se contrai, exigindo acesso ao seu calor úmido.

“Só…”

“Só?”

Marcus agarra meu quadril com uma mão e cospe na outra — a mão que estava na minha boca. “Use as palavras, querido. Diga o que você quer.”

“Você sabe o que eu quero”, resmungo, porque ele está chupando a glande fundo enquanto puxa minha calça jeans e cueca para baixo com a mão que segurava meu quadril.

Ele deixa a glande do meu pau escapar. “Talvez eu não queira.”

“Seu filho da puta—”

“Shh. Não fique impaciente. Se acalme.”

Estou respirando fundo, meu pau está mais duro do que antes, e eu preciso de alguma coisa.

Não, não de alguma coisa.

Eu preciso daquela sensação específica que senti agora há pouco, quando ele me colocou na boca.

“Se você quer meus lábios em volta do seu pau, você tem que pedir.” Ele

desliza a língua pela glande, basicamente me provocando.

“Seu idiota…”

“Isso não é pedir, Preston.” Sua voz endurece, mesmo estando carregada de excitação. “Fale direito.”

“Porra…”

“Tente de novo.”

“Eu…”

“Sim?” Ele lambe meu pau de cima a baixo.

“Eu quero que você envolva meu pau com seus lábios.”

“Bom garoto.” Ele cospe na palma da mão novamente e leva meu pau até o fundo da garganta.

“Porra!”

O mundo fica embaçado enquanto minha cabeça se inclina para trás, batendo contra os tijolos, meu corpo tenso de um prazer nebuloso.

Ninguém nunca me engoliu tão fundo na primeira tentativa. Eu sou realmente muito grande, então leva um tempo para me encaixar direito, mas Marcus simplesmente foi direto ao ponto.

Puta merda. Será que o cara não tem reflexo de vômito?

Ou talvez ele tenha treinado bem o dele.

E agora, estou pensando em todos os outros paus que ele já levou até o fundo dessa garganta bonita e minha mão se enrosca ainda mais no cabelo dele, puxando.

"Você é uma puta", resmungo, empurrando-o ainda mais contra meu pau, fazendo-o engasgar. "Você é profissional em chupar pau, né?"

Ele só solta um som ininteligível enquanto eu o sinto alcançando minha bunda.

Não tenho certeza do que ele está fazendo a princípio, até que seus dedos molhados exploram entre minhas nádegas.

Mas estou tão absorto na sensação da garganta dele se apertando e contraindo em volta do meu pau, que não presto muita atenção.

Até que eu sinto.

O dedo médio dele pressiona o anel tenso de músculos, e uma dor lancinante explode no meu cu. Meu aperto no cabelo dele afrouxa, e ele afasta a cabeça. Meu pau duro escorrega para fora da boca dele, todo molhado de saliva.

O dedo dele no meu cu não se move mais enquanto ele distribui beijos pela minha glande.

"Relaxa, amor. Só se concentra na minha boca."

"Se concentrar na sua boca?"

"Sim. Você pode foder minha garganta."

A imagem erótica parece enganar meu cérebro o suficiente, porque quando ele desliza meu pau entre os lábios novamente, eu não estou tão excitado.

"Porra", eu grunho. "Como você consegue me engolir até o fundo... sua vadiazinha? Puta merda, a sensação da minha glande no fundo da sua garganta é... diferente de tudo que já experimentei."

“Hum.” É tudo o que ele consegue dizer enquanto eu seguro sua cabeça com as duas mãos.

“Porra… sim… mais fundo, me penetra mais fundo…”

Sua boca se abre, permitindo que eu penetre, e o atrito de sua língua contra meu pau está me deixando delirante.

Acho que nunca usei ninguém assim, mas eu uso o Marcus.

Não há outra palavra para descrever. Estou fodendo brutalmente sua boca, sua garganta, girando meus quadris para aumentar a intensidade.

E ele deixa.

Ele está até tentando acomodar meu tamanho e grossura o máximo possível.

Por um segundo, esqueço do dedo dele no meu cu. Consigo senti-lo movendo o dedo, penetrando superficialmente no começo, depois mais fundo, mas não é tão brutal quanto a forma como estou fodendo sua garganta.

Dói um pouco, mas a dor só aumenta o prazer que percorre minhas veias.

"Porra..." Agarro seus cabelos com força, sem piedade. "Puta merda, por que sua boca é tão boa? Unghhh..."

Ele enfia outro dedo em mim, e acho que gozo um pouco na garganta dele.

Meu Deus. Que porra está acontecendo comigo?

Não tem como eu gostar de dedos de homem no meu cu, então por que...?

A dor está lá, mas há uma sensação perturbadora — como se uma parte de mim estivesse despertando pela primeira vez.

Agarro seus cabelos com força, puxando-o para mais perto, e deve doer, mas ele não tenta fechar a boca nem resistir. Não importa o quão violento seja meu toque, ele nunca luta, mantendo os dentes afastados como um verdadeiro profissional.

E isso me irrita profundamente por algum motivo.

"Que vadiazinha." Gemei profundamente enquanto seus dedos penetravam meu cu. "Quantos paus você já engoliu, sua puta, hein?"

Fiquei na ponta dos pés quando ele enfiou os dedos ainda mais fundo, e senti o prazer correndo direto para os meus testículos.

"Não responda. Eu... porra... não ligo..."

Seus olhos brilham na escuridão, e eu provavelmente deveria me perguntar o que isso significa, mas estou tão entregue ao prazer que não me importo neste momento.

Pensei que nunca me sentiria tão excitada quanto no vestiário, mas estava completamente enganada.

Porque isso? Isso está incendiando o meu mundo.

Os dedos dele roçam um ponto sensível na minha bunda, e eu não tenho a mínima ideia do que está acontecendo comigo, porque de repente, estou jorrando em ondas grossas pela garganta dele.

O orgasmo me pega de surpresa, eu nem percebo que estou gozando até que meus dedos estejam tremendo no cabelo do Marcus, gemidos ininteligíveis escapando ao mesmo tempo.

O pomo de Adão dele sobe e desce enquanto ele engole o esperma. A garganta dele se contrai em volta da minha glande com o movimento, e isso me faz gozar com mais força.

Mesmo que ele tente engolir tudo, tem esperma demais, e escorre pelo canto da boca e pelo queixo.

A cena de alguma forma distorce meu cérebro.

Eu o marquei.

De novo.

Esse é o meu esperma na boca dele.

Os dedos dele escorregam para fora do meu cu, e meu coração dispara quando a ficha cai. Eu acabei de deixar alguém me dedilhar.

Não qualquer um.

Um homem.

O maldito Marcus.

Antes que eu possa deixar os pensamentos violentos tomarem conta, ele se levanta e agarra meu queixo, forçando meus lábios a se abrirem.

Meus olhos se arregalam quando ele cospe esperma na minha boca. Ele está cuspindo meu esperma na minha boca.

Deveria ser nojento. Perturbador, até. Mas então o gosto salgado explode na minha língua, e ele enfia a própria língua lá dentro e a entrelaça com a minha. Uma estranha baque acontece no meu peito, e eu permaneço imóvel enquanto ele me faz engolir o esperma.

Ele empurra a língua bem fundo até estar lambendo a minha.

Até não sobrar nada.

Mas mesmo assim, sua língua não para de lutar com a minha, lábios com lábios, dentes se chocando. Estamos tão entrelaçados que não sei onde ele termina e eu começo.

Essa merda—

Mordo seu lábio até que um gosto metálico preencha minha boca, então o empurro e lhe dou um soco na cara.

Isso o força a sair do meu espaço pessoal, e eu o soco novamente, desta vez no peito. "Eu te disse para não me beijar, seu idiota!"

Ele levanta as duas mãos em sinal de rendição fingida. "Eu só estava deixando você provar seu próprio esperma, querida."

"Não era isso que você estava fazendo."

"Era sim. 'Snowballing' é o termo certo, se você quiser pesquisar."

"Você obviamente estava me beijando."

"Se você diz."

“Sua vadia!” Respiro fundo, puxando minha cueca e calça jeans para cima, me aconchegando na cama com a velocidade da luz. “Eu disse claramente que não queria beijar.”

“Gozar na minha garganta e no meu pau não é tão gay para você, mas beijar é?”

“Eu te disse que é uma reação física. Você ser homem não significa nada.”

“Então eu te beijar também não deveria—” Ele faz aspas com os dedos. “—não significar nada. Pense em mim como uma garota se isso te fizer sentir melhor.”

“Você não é uma garota!”

“Percebeu?” Seu sorriso debochado se alarga, mas carrega uma ameaça. “Ótimo, porque eu menti. Você não pode pensar em mim como uma garota. Sou um homem como você, e mesmo assim você veio atrás de mim.”

“Você—” Respiro fundo. “Escuta aqui, seu idiota. Me beija de novo e será a última vez que você beija alguém.”

“Não me importo.”

“Seu idiota, você não se importa com a sua vida?”

“Por um beijo seu, parece que não.”

Meus lábios se entreabrem, meus dedos parando no botão de cima da minha calça jeans.

Por quê?

Por que ele está… tão perdidamente a fim de mim? Com certeza, ele tem outros caras que pode irritar. É verdade que eles não podem ser tão perfeitos quanto eu, mas ele tem outras opções.

Então, por que eu?

Continuo pensando nisso enquanto ele enfia a mão no bolso e tira duas balas.

E o que é isso?

Franzei a testa. “Você sempre tem balas de manga com você?”

“Sim. Para você.” Ele as coloca na minha mão.

Meus olhos se estreitam ao ver as embalagens, e eu as empurro de volta para a mão dele. “Tem certeza de que não eram para o Dallas?”

“Dallas?”

“O brinquedo do Kane que você desfilou no seu braço esta noite.”

“Dahlia?”

“Sim, Denver.”

Seus lábios inchados se curvam num sorriso juvenil que, de alguma forma, me deixa sem fôlego. “O nome dela é Dahlia.”

“Foi o que eu disse. Detroit.”

Ele cai na gargalhada, tropeçando no movimento, e eu paro, porque, que porra é essa? Desde quando esse idiota ri tão… livremente? Eu tinha tanta certeza de que ele só podia ser uma figura zombeteira e antagonista, uma complicação de proporções épicas.

“Você está chamando a Dahlia pelos nomes errados de propósito?”

“Não. Eu sei que o nome dela é Dakota.”

“Que fofa.” Ele ri de novo, colocando os doces de volta na minha mão. “Não fique com ciúmes da Dahlia.”

“Eu não estou com ciúmes.” E por que diabos ele continua falando o nome dela?

“Você não precisa ficar. Você é a única que eu quero, meu bem.”

Eu franzo os lábios porque, afinal, o que eu digo diante dessa besteira? Essa conversa inteira está me deixando desconfortavelmente quente. Quem foi o idiota que ligou o aquecimento aqui?

Marcus dá um passo para trás. "Mantenha contato, ou eu trago outra Dahlia para a sua cidade todas as noites até você parar."

Minha cabeça se inclina para o lado, meu tom ficando frio. "O que eu disse sobre me ameaçar?"

"Não é uma ameaça se nenhuma das opções te machuca. A menos que uma garota no meu braço te machuque?"

"Eu vou te arrebentar—"

"Pare de ser uma ameaça por um segundo. Você era muito mais obediente quando meu corpo falava com o seu."

"Marcus—"

Ele me dá um beijo na testa, e eu fico imóvel enquanto ele sussurra: "Te vejo antes do próximo jogo, querida."

16

MARCUS

Uma semana depois, dou uma passada na Vipers Arena para assistir a um jogo de hóquei.

Tá bom, isso é mentira.

Estou aqui para ver o Preston.

Consegui um lugar na primeira fila também — ou melhor, pedi para a Serena reservar.

Há um zumbido na torcida, uma tensão eletrizante que me envolve enquanto ele lidera um contra-ataque relâmpago. A técnica do Preston é simplesmente perfeita enquanto ele dribla entre as linhas de defesa como se elas fossem invisíveis, e então marca o gol.

As pessoas dos dois lados pulam e gritam de alegria quando o placar muda.

Os membros do time dos Vipers cercam Preston, dando tapinhas em seu capacete e ombros, batendo seus tacos nos dele enquanto ele faz uma pequena dança e aponta para a multidão. Ele se curva teatralmente, com um sorriso largo, e eu consigo ver as covinhas em suas bochechas.

Uau.

Este sorriso é uma réplica daquele que ele tinha quando o conheci no jardim do meu pai.

O sorriso despreocupado e inocente.

Meu polegar bate no meu dedo médio enquanto o absorvo, permanecendo completamente imóvel, com medo de que, se eu piscar, o perderei.

É o mesmo sorriso. A mesma energia etérea e linda de antes. Sem raiva, violência ou necessidade de estar sempre no controle.

Só existe… alegria.

E estou encantada.

Completamente presa em sua teia e me recusando a ser libertada.

Eu quero isso.

Não. Eu preciso disso.

Toc. Toc. Toc.

Agora eu entendo por que continuo puxando os cordões dele. Não é só porque quero tocá-lo, embora eu o deseje de uma forma que às vezes parece avassaladora, mas é por causa disso.

A cena aqui. O jeito como ele sorri tão livremente, se move com tanta fluidez e é simplesmente... ele mesmo.

É como o Preston de sete anos naquele jardim. Aquele por quem me senti silenciosamente atraída à primeira vista. Aquele que eu desejei aprisionar na palma da minha mão.

Todo esse tempo, eu pensei que aquela versão dele tivesse desaparecido para sempre, mas não desapareceu. Ele simplesmente não aparece mais na minha frente, mas ele dá uma espiada em sua zona de conforto.

No gelo.

Acho que é por isso que me sinto atraído por ele todos esses anos quando jogamos um contra o outro. Ele tem essa energia suave e hiperativa, e eu vejo meu príncipe de quinze anos atrás e quero devorá-lo.

Como naquele jogo de três anos atrás. O primeiro da temporada universitária desde que entrei para os Wolves e ele para os Vipers.

"Você está bem, Osborn?" Um braço pesado pousa nos meus ombros enquanto nosso capitão, Stevenson, fica ao meu lado. "A arena dos Vipers é enorme, e a torcida deles não para de gritar, mas considere-os como ruído de fundo e jogue o melhor que puder."

Eu aceno com a cabeça uma vez. "O número deles não importa. Nós vamos ganhar."

Ele ri e depois olha para trás de nós. "Treinador, essa é ambiciosa!"

Por que você não é?

Quero perguntar, mas não pergunto, porque Stevenson diz: "Vai ser um jogo difícil, calouro, mas você tem o espírito certo."

Ele me libera e vai cumprimentar os outros novos titulares. Esta será a primeira vez que alguns de nós jogaremos juntos oficialmente, então certamente será um pouco desajeitado e com falta de coordenação em grupo. Eu, por exemplo, só joguei com Richardson desde o ensino médio. Os outros vêm de

escolas diferentes, mas tudo bem, deve ser o mesmo para os Vipers.

A torcida explode em aplausos enquanto seus jogadores deslizam para o gelo, seus uniformes brancos com listras azuis quase se camuflando com ele.

Um deles, o número treze, patina para o centro.

Preston Armstrong.

Ele se curva teatralmente para a plateia, o capacete encostado no peito, o braço direito estendido com os dedos elegantemente curvados para cima, os tornozelos cruzados como um patinador artístico.

Ele olha para cima com um sorriso, covinhas formando suas bochechas, e então leva a mão à orelha. A multidão explode em aplausos, transbordando de gritos por ele.

Meus dedos apertam o taco enquanto aquela sensação desconhecida vem à tona, ameaçando transbordar.

Há uma necessidade intensa dentro de mim de fazer algo, mas não tenho certeza do quê ou por quê.

Essa sensação é a mesma desde que joguei contra Armstrong pela primeira vez no ensino médio e permanece presente em todos os confrontos desde então.

A tensão.

O desconforto.

A raiva.

Acho que o que me incomoda é que ele não se lembra de mim desde o dia em que nos conhecemos no jardim do meu pai. Ele disse que seríamos amigos, mas nunca cumpriu a promessa.

No nosso próximo encontro, uns três anos atrás, durante um jogo no ensino médio, meu coração se apertou de uma excitação que quase o fez parar.

"Finalmente estou vendo ele de novo", lembro de ter pensado. "Ele está mesmo aqui."

Mas aí, Armstrong se virou para mim e estreitou os olhos. "Você é a cestinha deles? Prepare-se para morrer, sua vadia!"

Desde então, minha missão tem sido humilhá-lo, provocá-lo sempre que possível, bloqueá-lo, marcá-lo de perto.

Atacá-lo.

Como ele ousa se esquecer de mim?

Como ele ousa me apagar completamente da memória quando a minha está repleta dele?

Acho que é por isso que sinto essa mistura de emoções sempre que estou diante dele. Não importa que eu tenha dezenove anos agora e que já tenham se passado mais de doze anos desde que o conheci. Ainda me sinto tomada por essas sensações deploráveis.

Na verdade, o tempo só as piorou.

Depois de cumprimentar a multidão, Armstrong patina em nossa direção, seguido de perto por Callahan e Davenport.

“E aí, ratos!” ele grita num tom alegre. “Sabe, porque Stantonville é um buraco e vocês saíram rastejando de lá? Hilário, né?” Ele ri da própria piada, os olhos brilhando com um toque provocativo. “Enfim, não vão chorar para as suas mães depois que eu esmagar vocês. Ou melhor, pensando bem, por favor, vão sim, e não se esqueçam de mandar fotos!” Ele pisca para Richardson. “Bom te ver de novo, Dicky. Vou te fazer rastejar hoje à noite, como sempre.”

Richardson avança patinando, prestes a explodir de raiva, mas eu deslizo na frente dele com a maior suavidade e deixo meus lábios se curvarem num sorriso. “E eu? Não é bom me ver?”

O sorriso de Armstrong desaparece, mas apenas por um instante antes de ele forçá-lo a se alargar. "Não, nunca é bom ver ratos. Xô, Osborn, melhore sua defesa antes de se aproximar da minha alteza."

"Sou bom o suficiente para te marcar em todos os rebotes disponíveis. Como no último jogo do último ano, lembra?"

"Suas ilusões são críticas."

"E sua negação é patológica." Eu me aproximo dele. "É melhor você estar pronto esta noite. Pretendo te mandar para o esquecimento."

"Sonhe."

"Eu não sonho. Eu ajo, príncipe encantado."

Sua testa se franze, como toda vez que o chamo assim, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, Callahan o puxa para trás.

Quando o jogo começa, nossas linhas caóticas são facilmente penetradas pelos Vipers. Na próxima vez que eles passam o disco para Armstrong, eu estou em cima dele em um segundo, dando-lhe uma pancada tão violenta que o prendo contra a parede, que estremece com o impacto.

"Um", sussurro perto do seu rosto enquanto ele luta para respirar, e o resto dos nossos companheiros de equipe dispara com o disco.

"Sai de cima de mim, porra", ele rosna, me empurrando.

Eu volto meio bruscamente, porque enquanto ele falava, o ar formigava nos meus lábios e ia para onde não devia.

Não. Isso não está acontecendo agora.

No ataque seguinte, Armstrong vem para cima de mim. Ele tenta me dar um check, mas sou eu quem o faz, lançando-o para longe antes de cair no gelo com um baque. Não é limpo — perdemos a posse do disco e eu vou para o banco de reservas.

Mas pelo menos arrasto Callahan comigo para o banco, porque ele começou

a brigar comigo.

"Dois", digo sem emitir som para Armstrong de dentro do banco, gesticulando provocativamente, mesmo que a tensão no meu corpo esteja aumentando cada vez mais.

Ele inclina a cabeça para o lado e me lança um sorriso enquanto me mostra o dedo do meio discretamente.

Assim que volto, dou outro check nele.

E outro.

E outro, porra.

É o único jeito de eu liberar essa tensão que se espalha dentro de mim. A raiva, o ódio e... o quê?

O que diabos está acontecendo no meu corpo agora?

No terceiro período, os Vipers estão na frente e estamos nos esforçando para alcançá-los.

Ou melhor, o time está.

Estou mais concentrado em Armstrong, seguindo cada movimento seu, acompanhando-o como uma sombra.

Quando ele está com o disco, estou na frente dele.

"Cuidado, Osborn", ele murmura. "Estou começando a achar que você está obcecado por mim."

"Obcecado em te colocar no seu lugar."

"Se esforce mais."

Ele finge um movimento para a esquerda, preciso como uma lâmina, e então vira para a direita. Eu leio a jogada instantaneamente e bato com meu ombro no dele. Com força.

Ele cambaleia para trás — mas não antes de me agarrar pelo braço e me puxar para baixo junto.

Um "Ahhh" coletivo ecoa pela arena quando caímos no gelo.

O capacete dele estala contra mim com um baque oco e um "Porra!" abafado. Sua expressão é assassina, o rosto contorcido de dor, provavelmente porque estou esmagando-o.

Mas não é nisso que estou pensando.

Apesar do equipamento de proteção, sinto meu corpo colado ao dele, e aquele choque percorre minha espinha novamente.

Só que, desta vez, é mais forte e embaça minha visão.

Armstrong engole em seco, e eu fico encarando seu pomo de Adão enquanto ele sobe e desce, seus olhos se arregalando ao me encarar.

Não faço ideia do que ele vê no meu rosto, se é a manifestação dessa tensão, algo assassino ou algo completamente diferente, mas seus lábios se entreabrem

em câmera lenta, e não consigo desviar o olhar.

Dos lábios dele, quero dizer.

Não tenho a mínima ideia do que estou fazendo enquanto levo a mão ao seu rosto — ao seu capacete, para ser mais preciso. Preciso tirá-lo para poder… tocar.

Seus lábios. Seus olhos. Sua pele. Não importa onde.

Tudo o que sei é que preciso tocá-lo.

Só uma vez.

Uma vez basta.

"Osborn, pare de me olhar assim—" Suas palavras engasgadas são interrompidas quando sou arrastado para longe dele por ninguém menos que Callahan.

Começamos uma briga brutal. Dou um soco nele mais forte do que costumo dar nessas escaramuças, porque aquele inútil interrompeu alguma coisa.

O quê? Não sei, mas havia alguma coisa.

É preciso muito esforço dos nossos companheiros de equipe mais velhos para nos separar, e ambos somos mandados para o banco de reservas. Logo depois, o jogo termina.

Mas a tensão que sinto em relação ao Armstrong não é.

Na verdade, é mais intensa e profunda do que nunca.

Próximo jogo.

Eu pego ele no próximo jogo.

NA VERDADE, NUNCA PEGUEI ELE. EXCETO RECENTEMENTE.

Mas depois daquele jogo específico, três anos atrás, algo diferente aconteceu — eu comecei a transar com homens.

E o primeiro cara com quem transei era loiro e tinha um físico parecido com o do Preston. Talvez eu tenha imaginado um rosto diferente quando o peguei de quatro.

Imaginei olhos verde-claros e o pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele me encarava com os lábios entreabertos, preso embaixo de mim.

Talvez eu tenha tido o orgasmo mais forte da minha vida.

Agora que penso nisso, Preston foi meu despertar queer.

Eu não sei o que diabos eu teria feito se Callahan não tivesse me tirado de cima dele. Acho que eu não teria me contentado apenas em tocá-lo.

Nunca me contentei.

Mesmo agora, quero arrancá-lo do gelo e devorá-lo.

Os olhos de Preston encontram os meus enquanto ele cumprimenta a torcida

e ele faz uma pausa, seu sorriso vacilando antes de uma carranca aparecer entre suas sobrancelhas.

Eu aceno para ele com um dedo de cada vez.

Não, eu não deveria estar aqui quando tenho um jogo amanhã, mas vamos chamar isso de estudar o adversário ou algo assim.

Logo, o jogo recomeça, e Preston é uma máquina de fazer gols. Ele corta a defesa e troca passes com Callahan e Davenport em puro showmanship.

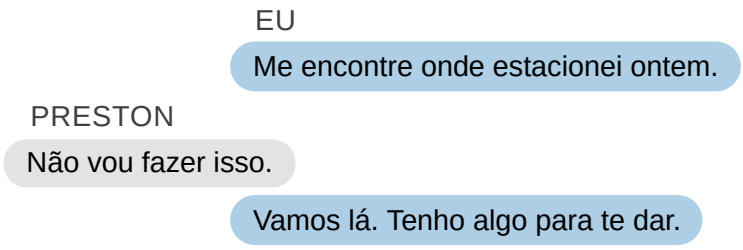
Os três sempre formaram uma ótima equipe, complementando-se perfeitamente.

Mas acho que esse não é o único motivo pelo qual Preston está se esforçando tanto.

Porque toda vez que ele marca um gol, ele fica me encarando. Eu retribuo com uma piscadela, um aceno ou um joinha. Às vezes, sorrindo ou acenando com a cabeça em sinal de aprovação, o que parece deixá-lo intrigado, a julgar pelas minhas carrancas.

Os Vipers acabam massacrando o time, o que era esperado, eu acho.

Saio com a multidão, mas não vou para casa. Em vez disso, espero em um lugar vazio perto da entrada dos fundos da arena e mando uma mensagem para ele.



Eu esperava que ele brigasse comigo, mas ele só mandou um GIF de um personagem de desenho animado suspirando dramaticamente e dizendo: "Tá bom".

Alguns minutos depois, ele aparece vestido com jeans, sua jaqueta dos Vipers e um cachecol branco-creme de aparência cara, com o cabelo úmido caindo sobre a testa e emoldurando o rosto.

Caramba, ele parece um pedaço de pornô ambulante, eu morro de vontade de morder ele.

Sob a luz fraca, ainda consigo ver o hematoma roxo desbotado ao redor do olho direito dele.

Notei ontem, quando nos encontramos aqui para o nosso treino noturno.

Ele estava andando de skate e eu fui até ele e toquei no hematoma, sentindo uma espécie de fogo inexplicável se acender dentro de mim.

"Quem fez isso com você?", perguntei, pressionando-o contra o rinque.

"Entrei numa briga." Ele me empurrou. "E eu te disse para não me tocar."

"Que tipo de briga?"

"Só uma briga."

"Eu não disse que seu rosto está fora dos limites?"

Ele engoliu em seco, me olhando com a testa franzida, depois mudou de assunto e exigiu que fôssemos brincar.

Nós fomos, mas assim que chegamos ao vestiário, eu o inclinei sobre o banco, dei umas palmadas nele e o dedilhei enquanto o masturbava.

Ele gozou em segundos, e isso me fez gozar logo depois, penetrando sua bunda, que está tão cheia das minhas marcas que é uma obra de arte.

Agora, olhando para o hematoma em seu rosto, ainda me pergunto como ele o fez. Será que foi mesmo uma briga?

Saio de trás da parede, com a intenção de encurralá-lo, mas antes que eu consiga, uma garota corre em sua direção como um fantasma.

Até Preston dá um passo para trás e se encolhe minimamente antes de disfarçar a expressão.

Estreito os olhos, voltando para onde estava.

“Bonsoir, Pres”, ela diz em francês.

“Bonsoir”, ele responde, nossos olhares se encontrando, e ele faz uma pausa antes de voltar a prestar atenção no que a garota está dizendo em francês.

Não entendo quase nada, mas consigo ver a animação em seus olhos e o jeito como ela está flertando sutilmente com ele.

Ele responde novamente, sorrindo, e uma ideia boba me ocorre.

Como se ela tivesse quebrado a mão que agora está colocando no braço dele enquanto tiram uma selfie. Logo em seguida, ele a dispensa com um gesto e fica de costas para mim.

Deslizo para trás dele e envolvo seu pescoço com a mão, sussurrando em seu ouvido: "Quer explicar quem diabos era aquela?"

Ele estremece, a garganta subindo e descendo sob meu aperto. "Uma fã."

"Suas fãs te tocam com tanta frequência assim?"

"Não, não tocam, por isso me afastei e a mandei embora."

"Você fala francês?"

"Sim, considerando que sou meio francês e tudo mais." Ele solta meus dedos do seu pescoço e me encara, os lábios se contraindo levemente. "Por que você está aqui, Marcus?"

"Vim te ver."

"Você me viu ontem à noite."

"Não o suficiente."

Sua boca se entreabre, assim como naquela vez, três anos atrás, quando ele estava deitado embaixo de mim, mas então ele pigarreia e a expressão desaparece num instante. "Você disse que tinha algo para mim. O que é?"

Meto a mão no bolso e tiro duas balas. "Aqui."

"Sério?" ele debocha enquanto desembrulho uma. "Você me trouxe aqui só por causa de umas balas idiotas?"

"Não é idiota." Coloco a bala na frente da boca dele. "Abra."

Seus lábios se entreabrem levemente enquanto ele me deixa empurrar a bala entre eles até que meu dedo indicador roce na almofada macia.

Droga. Ele parece tão lindo e vulnerável. Exatamente como antigamente. Exatamente como três anos atrás.

Preciso tocá-lo mais, penetrar mais fundo nele.

Estou prestes a enfiar meu dedo mais fundo com o doce, mas uma vibração ecoa no ar.

O celular dele.

Isso parece tirá-lo do transe, porque seus olhos se arregalam enquanto ele dá um passo para trás, empurrando a bolinha para um canto da bochecha.

Se eu pegar o filho da puta que me interrompeu…

É melhor que não seja o Callahan. Ele está no topo da minha lista negra ultimamente.

Sinceramente, tenho certeza de que Preston teria me deixado brincar um pouco com a boca dele agora. Talvez ele tivesse me deixado tocá-lo três anos atrás se eu tivesse conseguido dar esse passo.

Preston pega o celular, olha para ele e depois levanta os olhos na minha direção. "Preciso voltar."

"Até semana que vem." Coloco o outro doce na palma da mão dele, e ele o enfia no bolso.

"Até mais."

“Como se diz isso em francês?”

“À plus.”

“Parece sexy. Fale mais francês comigo.”

Os olhos de Preston se estreitam. “T’es terriblement beau, ce soir.”

“É mesmo? O que isso significa?”

“Significa que você está terrivelmente irritante esta noite.”

Eu sorrio e ele franze os lábios antes de se virar, mas então para e suspira pesadamente enquanto tira o cachecol e o joga em mim. “Suas mãos estão frias.”

Ele faz uma pausa, me lança um olhar e sai, mas eu não consigo parar de sorrir enquanto enrolo o cachecol dele no meu pescoço, inalando seu perfume.

Então eu menti.

Eu entendo francês o suficiente para saber que “beau” não significa “irritante”.

Significa “bonita”.

Significa “sexy”.

Preston olhou bem nos meus olhos e disse que eu estava “terrivelmente bonita esta noite”, e então tentou disfarçar como um insulto.

Esse idiota.

Ele não faz ideia de quão perto está de ser meu.

17

MARCUS

EU

Você está me ignorando de novo.

PRESTON

Observação impecável. Quer um biscoito?

Três semanas atrás, naquele beco, o que eu te disse que aconteceria se você não mantivesse contato?

Sobre isso... Decidi que soou como uma ameaça, então não vale. Melhor sorte na próxima. Agora, vaza e para de me irritar.

Não parecia que eu estava te irritando quando você gozou nos meus dedos dois dias atrás. Seu pau estava pulsando loucamente enquanto você gemia meu nome.

Eu NÃO gemi seu nome.

Sim, você gemeu. Você disse "Marcus, mais fundo" com aquela voz rouca e erótica, lembra? Isso me fez te foder com mais força com meus dedos, e você aguentou três deles como um campeão.

Continue falando e eu vou te esfaquear com uma faca de manteiga e te dar de comida para os meus cachorros lentamente.

Por mais que eu ache adoráveis suas tentativas de se esquivar com ameaças violentas, isso não vai funcionar hoje. Precisamos conversar.

Não, obrigada. Prefiro me empalar com uma espada cega, estilo seppuku, do que passar por todo esse incômodo.

Você está com tanto medo de literalmente ter uma conversa comigo?

Por favor. Não tenho medo de ninguém. Muito menos de você.

Mas você está, Preston. Você morre de medo só de pensar em passar um tempo comigo se não envolver hóquei, umas palmadas ou te encurralar naquele vestiário e te fazer gozar. Você trava imediatamente assim que tem um orgasmo e ainda me dá socos sempre que tento te tocar de leve. Você recusou meus convites para passar o Natal ou o Ano Novo juntos, só porque isso significa tentar algo fora da sua zona de conforto sexual habitual. Se isso não é medo, eu não sei o que é.

Você está me psicoanalisando? Porque, nossa! Não sei se você é um psiquiatra amador, mas recuso seus serviços. Já tenho médicos suficientes que dão um baile nas suas tentativas patéticas.

Esses médicos te receitaram esses comprimidos? Para que servem?

Você andou mexendo nas minhas coisas?

Não, eu os vi por acaso outro dia. Não tinham rótulo, então fiquei curiosa.

São comprimidos para loucos.

Sério?

Estou falando sério. Com certeza você já ouviu falar de nós. Os loucos que têm a cabeça nas mãos para matar e ferir os outros. Os criminosos insanos que são considerados uma ameaça à sociedade. Disponível na Netflix, na gloriosa seção de crimes reais.

Qual é o seu diagnóstico?

Não é da sua conta.

Tudo bem. Você não precisa me contar se não quiser.

Pare de se achar a dona da verdade. Você não precisa me contar se não quiser? Vai se foder, sua vadia. Se toca.

Quer que eu empurre? É isso?

🖕

Isso não é comunicação, Preston. Não seja infantil.

Sabe de uma coisa? EU sou infantil. E que se dane você, seu idiota. Pare de se meter na minha vida só porque eu deixo você me tocar. E daí se eu gosto do que acontece no vestiário? Notícia chocante: eu gosto de MUITAS coisas. Isso não as torna especiais.

Continue se enganando se isso te ajuda a dormir à noite.

Me ajuda a dormir muito bem. Você, por outro lado, parece grudento. Isso é novidade para você ou é só um efeito colateral do seu complexo de salvador?

Você que estava grudento outro dia, quando se agarrou a mim com toda a sua força enquanto eu te levantava contra a porta.

Não confunda luxúria com caridade.

Caridade?

É. Você parece incapaz de manter as mãos longe de mim, então estou apenas deixando rolar. Sempre tive uma queda por pessoas menos privilegiadas.

Mentiroso. Você não se importa com os menos privilegiados.

Novo hobby. É como adotar um cachorro de rua. Me faz sentir bem no momento, mas é passageiro.

Você acabou de dizer passageiro?

Sim, passageiro. Saiba qual é o seu lugar, Marcus. Você é só barulho entre os comprimidos.

Nesse caso, vamos silenciar o barulho.

O quê?

Já que você está sendo tão benevolente, atendendo aos meus caprichos e permitindo que eu te toque, fico feliz em te dizer que me satisfiz e agora vou partir para minha próxima conquista. Você não terá mais que aturar esse "caso de caridade" e poderá voltar para a vida tediosa que tinha antes de eu aparecer. Não posso dizer que você foi um bom companheiro, mas foi divertido enquanto durou.

Você acabou de me chamar de conquista?

Um caso passageiro te faria se sentir melhor? Certamente, você já teve muitos. O que é mais um?

Você parece não saber com quem está se metendo.

Obviamente não, considerando que você nunca fala comigo. Parabéns. De agora em diante, vou te poupar do incômodo.

Essa foi a última conversa que tive com Preston.

Que foi há alguns dias.

Desde então, tenho me concentrado nos treinos, no trabalho e em ir ao clube com os caras. Fiz tudo ao meu alcance para me manter totalmente concentrado.

Porque tenho um jogo importante para vencer amanhã, e não vou deixar um idiota insignificante arruinar minha concentração.

E, no entanto, enquanto treino sozinho na arena do Stanton Wolves tarde da noite, uma tensão anormal se instala nos meus músculos.

Paro bruscamente no centro, puxando o disco em minha direção.

É melhor parar de treinar do que causar uma lesão indesejada agora que estamos tão perto do título.

O problema é que o hóquei é o único método que tenho para extravasar essa raiva mórbida que está escondida bem abaixo da superfície.

E eu me recuso a pensar que ele esteja lá, porque normalmente eu estaria na Arena Vipers, onde um certo príncipe loiro de olhos verdes estaria me esperando com um olhar desafiador.

Será que ele está na arena agora, vestindo sua camiseta de compressão, deslizando no gelo com tanta elegância que parece um patinador artístico?

Não.

Não me importo com o que Preston está fazendo.

Ele obviamente me considera uma espécie de caso casual, então não há motivo para eu estar pensando nele.

Já faz o quê? Quase cinco semanas desde que comecei esse ritual antes das noites de jogo. Três desde que começamos a nos encontrar uma vez por semana, mesmo durante as férias de inverno, mas Preston se recusa veementemente à ideia de nos encontrarmos fora de casa ou sem hóquei e sexo envolvidos. Às vezes, treinamos primeiro, às vezes eu o encurralo e não lhe dou outra escolha a não ser aproveitar meus dedos, minha boca e meu pau.

Depois daquela noite no beco, há mais de três semanas, pensei que talvez ele se abrisse um pouco. Ele estava obviamente com ciúmes da Dahlia, e quando perguntei a ela sobre isso, ela disse que Preston começou a tratá-la de forma diferente depois que descobriu que estávamos juntos.

Ele também tinha se mostrado mais receptivo comigo duas semanas atrás — ou o máximo que o Preston consegue. Ele me deu seu cachecol e me chamou de linda.

Então, mantive a esperança de que ele mudasse de ideia, mas era só ilusão.

O Preston é imprevisível — mais frio do que quente.

Às vezes, ele me olha com aqueles lábios entreabertos e olhos expectantes, e eu sinto como se tivesse o verdadeiro Preston só para mim. Uma versão mais

velha do menino de sete anos que eu nunca consegui esquecer.

Mas aí, eu tento me aproximar, como tocar seu rosto ou perguntar sobre um hematoma que noto em sua lateral e barriga, e ele me afasta.

Comecei a perceber que ele se mete em muitas brigas, considerando que ele tem outras marcas além das que eu deixo em sua bunda.

Achei estranho, já que Preston não é muito agressivo no gelo. Presumi que ele fosse igual fora do gelo, mas, por outro lado, eu o vi esfaquear alguém a sangue frio na floresta da família dele.

Sempre que eu tentava perguntar em que tipo de brigas ele se metia, ele simplesmente se fechava. Se eu o tocasse, levava um chute, um soco ou ambos, porque é assim que ele reage a coisas que não consegue controlar.

Com violência excessiva, brutal e, muitas vezes, impulsiva.

É como se ele agisse antes de pensar, pois geralmente tem um olhar que grita: "Eu não queria fazer isso". Ele até enrijecia o corpo, esperando que eu revidasse. Não que eu fosse revidar, mas ele já esperava por isso.

E algo nessa reação toda me incomoda.

Não me incomodou.

Porque claramente eu acabei com essa farsa.

Ou tentei, pelo menos.

A questão é que Preston não vai deixar isso passar. Primeiro, apesar da sua imagem despreocupada e do humor que usa como armadura, ele é um pouco controlador. Isso significa que ele não vai me deixar ser a responsável por terminar qualquer acordo problemático que tenhamos.

Segundo, e mais importante, ele está mentindo sobre só eu estar a fim dele. Ele claramente anseia pelas noites em que nos encontramos, considerando as mensagens ameaçadoras e cheias de palavrões que ele manda nos dias que antecedem o encontro. É o tipo de preliminares dele, por assim dizer.

Ele também adora quando eu o empurro contra o armário e o obrigo a aceitar, mesmo que ele ainda fique visivelmente desconfortável com qualquer tipo de carinho depois.

Ele geme, resmunga e diz as coisas mais obscenas quando lhe dou palmadas ou faço sexo oral, mas depois se contorce e tenta se soltar quando tento massagear sua pele machucada ou acariciá-lo suavemente.

Sem mencionar que ele ainda está um pouco apreensivo com a ideia de eu enfiar os dedos no seu ânus. Tenho feito isso religiosamente para que ele se acostume, sussurrando coisas como: "Você precisa acomodar meus dedos para poder receber meu pau", ou "Seu orifício apertado foi feito para mim, não é?", ou "Relaxa para mim, querido, deixa eu te soltar".

Embora ele pareça estar gostando agora, não tenho certeza se consigo levar

isso para o próximo nível. Estou louca para transá-lo sem camisinha, com força, e gozar tão fundo dentro dele que nenhum outro pau jamais chegará perto. Preciso de toda a minha força de vontade para não tomar posse daquele buraquinho apertado, principalmente quando ele se fecha em volta dos meus dedos.

Mas tenho me forçado a ir mais devagar.

Às vezes, ele fica parecendo um animal ferido, resistindo à menor mudança.

Outro dia, depois de gozar na minha garganta e me observar engolir o esperma com os olhos semicerrados, ele desviou o olhar, hesitante, antes de dizer: "Talvez você devesse parar de chupar meu pau se acha que eu vou retribuir o favor."

"Você acha que eu chupo seu pau para que você retribua o favor?"

“Não sei. Não é o que se espera? Eu não sou gay. De qualquer forma, nunca vou me ajoelhar nem colocar seu pau na minha boca.”

“Por que não?”

“Estou te dizendo que isso não vai acontecer, e ponto final.”

Então ele saiu furioso, confirmando uma pequena teoria que eu tinha.

Preston não se importa que eu faça todo o trabalho, mas ele claramente se sente deslocado quando peço para ele fazer qualquer coisa.

Até mesmo pegar nos nossos paus naquela vez no beco pareceu deixá-lo desconfortável.

Provavelmente porque ele foi hétero a vida toda, e a perspectiva de me tocar reforça toda a mudança de sexualidade.

Ou talvez ele simplesmente não goste de me tocar.

De qualquer forma, eu precisava me distanciar um pouco, porque ele está ficando muito à vontade com seus joguinhos de empurra e puxa. Mas também sei que Preston não é do tipo que fica parado sem fazer nada.

Ele provavelmente vai esperar até depois do jogo de amanhã.

Quanto ao que ele vai fazer, não sei. Talvez cause estragos na minha arena de novo.

Com um suspiro, termino o treino, arrumo minhas coisas e vou para o chuveiro.

Ao sair do prédio, paro no estacionamento quando o cheiro de combustível me atinge. Levanto a cabeça, meus olhos se arregalando enquanto as chamas sobem ao céu lenta, mas seguramente.

Minha moto está pegando fogo.

E bem na frente dela, no concreto, há uma frase escrita com o que parece ser sangue.

Destruo o que não posso ter.



NOSSA CASA EM STANTONVILLE NÃO É GRANDE COISA, MAS TEM DOIS ANDARES E um pequeno jardim onde mamãe planta as flores coloridas que ela tanto ama.

Nos mudamos muito durante minha infância, de um aluguel para outro, até que mamãe conseguiu comprar esta casa quando eu tinha uns seis anos.

Ela passava todos os seus dias de folga fazendo reformas por conta própria, e eu a ajudei ao longo dos anos a deixá-la com a nossa cara.

Depois do ensino médio, tive a oportunidade de morar no alojamento estudantil da Stanton River College, mas não conseguia deixar mamãe sozinha. Ainda não. Ela trabalha quase sempre no turno da noite, então não é como se eu não pudesse trazer amigos. Eu simplesmente prefiro não trazer. Não confio naqueles caras da equipe para não estragarem a ordem perfeita que mamãe e eu temos em casa.

Durante a maior parte da minha vida, esta casinha tem sido meu refúgio. O lugar para onde volto quando preciso me desligar do barulho externo ou do vazio interior.

Às vezes, sou recebida pelo cheiro de panquecas depois do treino matinal. Outras vezes, é o cheiro de queimado de uma receita mexicana estragada que minha mãe aprendeu com a Sra. Rodriguez, a vizinha.

Como a Sra. Rodriguez cuidava muito de mim e eu vivia na cozinha dela, consigo cozinhar melhor do que minha mãe.

A Sra. Rodriguez diz para ela que deveria se concentrar em salvar vidas, o que não está errado.

Minha mãe é uma mãe incrível, enfermeira, jardineira e ótima em trabalhos manuais, mas não é lá essas coisas na cozinha. Por isso, fico feliz por pelo menos ter as habilidades necessárias para alegrar o dia dela.

Hoje volto para casa com esse pensamento.

Paro abruptamente ao notar o carro absurdamente brilhante e caro na nossa garagem, com um motorista bem-apessoado dentro. Aperto a alça da minha mochila quando percebo o que está estacionado bem ao lado.

Uma Ducati Panigale V4 SP2. Preta brilhante, com rodas de fibra de carbono que refletem a luz da varanda como lâminas. Parece mais uma peça de ostentação do que uma máquina. Uma moto feita para colecionadores que se importam com o status, não com o torque.

Depois que minha moto pegou fogo há três dias, isso deveria ser tentador, mas é apenas uma carcaça vazia.

Mal dou uma olhada rápida e entro em casa. Depois de tirar os sapatos,

abandono a mochila perto da porta.

Os passos da minha mãe ecoam no ar agora opressivo da nossa casa antes que ela pare na minha frente. Eu me abaixo para que ela possa me dar um beijo na bochecha.

É incrível como ela ficou tão pequena em comparação a mim, sendo que na minha infância ela era como meu escudo contra o mundo.

Suponho que seja porque agora sou eu quem precisa protegê-la, e não o contrário.

Embora as linhas de expressão tenham aparecido nos cantos dos seus olhos, ela ainda parece a mesma. Cabelo preto curto que chega aos ombros, olhos castanhos grandes e expressivos que sempre refletiram o mundo em cores vibrantes.

"Bem-vinda de volta, querida."

"Oi, mãe." Olho por cima do ombro dela. "Temos visitas inesperadas?"

“Ele disse que queria te dar um presente.” Ela acaricia meu braço. “Eu sei o quanto você amava aquela bicicleta, e mesmo que você tenha ficado quieta, sei que perdê-la deve ter sido um baque.”

Mamãe acha que ela foi roubada, e não queimada por algum idiota emocionalmente paralisado.

“Então você contou para o papai?” pergunto.

“Mais ou menos? Enfim, ele trouxe o monstro que está lá fora.”

“Obrigada pela lembrança, mas eu não preciso dos presentes dele.”

“Marcus.” Ela suspira. “Ele é seu pai. Você pode aceitar o dinheiro dele.”

“Eu pensei que você tivesse dito que não precisávamos?”

“Bem, não precisamos, mas você vai precisar de um tempão trabalhando duro naquela oficina para conseguir comprar outra. Você pode usar a culpa que ele está sentindo por você e aceitar esta. Você não gosta de bicicletas?”

“Essa não.”

Ela franze a testa, mas eu sorrio enquanto a abraço pelos ombros. "Vamos expulsar o intruso, e eu preparo algo para comermos."

Mamãe sorri calorosamente enquanto caminhamos para a sala de estar.

Papai está sentado no sofá, com o braço jogado sobre o encosto e as pernas cruzadas, olhando para o celular com uma expressão entediada.

O homem continua o mesmo. Expressão indecifrável. Olhos frios e sem alma, uma presença imperturbável.

Houve um tempo em que pensei que poderia alcançá-lo se me esforçasse mais, mas, na verdade, não faria diferença o que eu fizesse. Eu era a filha "inútil" que ele nunca quis, até perder seus preciosos herdeiros.

Mas, enquanto o observo, surge uma incômoda constatação de que somos tão

parecidos que chega a ser perturbador.

Por mais que eu goste da minha mãe, minha personalidade é como a dele, não a dela. A frieza implacável. O completo descaso pelas emoções.

E talvez seja melhor assim. Afinal, é preciso um monstro para lutar contra outro monstro.

Mamãe pigarreia e papai finalmente levanta os olhos do celular.

"Marcus", ele diz com aquela voz vazia.

E eu concordo com a cabeça. "Achei que já tinha te dito para não voltar aqui."

Ele estreita os olhos enquanto mamãe me cutuca com o cotovelo.

Seu rosto relaxa num instante. "Que pena que eu não recebo ordens suas."

"Vocês não conseguem parar de brigar assim que se veem?" Mamãe suspira. "Só dê as chaves para ele e vá embora, Andrew."

Papai tira as chaves do bolso. "Ouvi dizer que você perdeu seu carro por causa de um roubo, o que não teria acontecido se você tivesse se mudado para a casa que eu te dei em Graystone Ridge, June."

"E viver entre gente como você?" Mamãe debocha. "Nem pensar."

Ele solta um suspiro e ergue as chaves no ar. "Pode ficar com esta, Marcus."

"Mas só se eu concordar em ficar do seu lado?"

Ele faz um gesto de desdém com a mão enquanto se levanta, abotoando o paletó. "Você vai acabar fazendo isso, quer queira ou não."

"Veremos."

Ele se aproxima até ficar cara a cara comigo, seus olhos sem vida me encarando fixamente. "Essa confiança vem daquele acordo sem sentido que você fez com a Serena?"

Permaneço em silêncio. Não importa que ele saiba, ele ia saber de qualquer jeito, mas não vai conseguir impedir.

Minha mãe, no entanto, está me observando atentamente.

"Eu sou seu pai. Dela e seu. Se você acha que seus joguinhos vão funcionar comigo, você não sabe com quem está lidando."

Minha espinha se enrijece. Essa é quase a mesma frase que Preston usou antes de queimar minha bicicleta.

Então ele começou a me mandar mensagens como um louco.

PRESTON

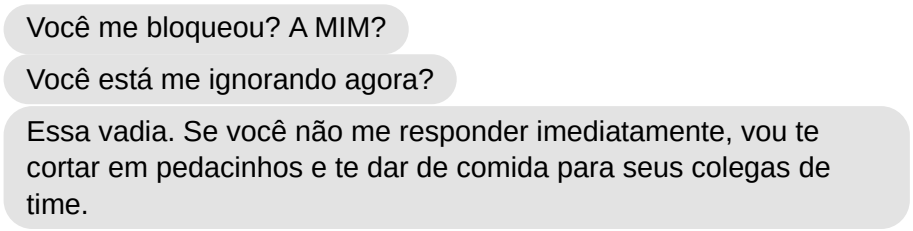
Se você quer uma bicicleta nova, diga que sente muito por ter passado dos limites. Posso ser benevolente e te perdoar.

Ei. Está me ouvindo?

Venha para a Arena Vipers agora.

Bloqueei o número dele.

No dia seguinte, ele trocou de número.



Bloqueei ele de novo.

Os Vipers só ganharam por causa do Kane e do Jude. O Preston teve uma das piores atuações da temporada. Sim, eu vi o replay.

Não que minha atuação tenha sido das melhores, mas pelo menos aproveitei a oportunidade para desabafar.

E agora, além de tudo que aquele idiota do Preston fez, ainda tenho que lidar com o meu pai.

"Ei." Mamãe estala os dedos na cara dele. "Não fale com ele nesse tom nem o ameace debaixo do meu teto, entendeu?"

“Só estou alinhando as expectativas dele corretamente.” Papai inclina a cabeça para o lado. “O único motivo pelo qual você ainda joga hóquei e mora nesta casa, nesta cidadezinha decadente, é porque estou permitindo que você termine seu último ano da faculdade em paz. Não é porque estou cedendo por causa das suas tentativas ridículas, suas e da Serena, de me enganar. Eu criei vocês dois, lembra?”

“Você não criou nada, seu idiota!” Mamãe grita, empurrando-o pelo peito. “Deixe-o em paz ou eu te estrangulo.”

“Eu te acompanho até a porta, pai.” Me afasto da mamãe depois de dar um tapinha no ombro dela e sigo em direção à porta, sem esperar que ele me siga.

Ele acaba vindo, e eu fecho a porta da casa e vou até o carro dele.

O motorista sai correndo e abre a porta traseira, mas meu pai não entra. Em vez disso, balança as chaves da bicicleta sem alma na minha frente.

Enfio as duas mãos nos bolsos. "Leve essa bicicleta com você."

"Não vou usá-la para te forçar a nada. Não precisa se preocupar. Por enquanto."

"Ainda não estou interessado." Aponto o queixo para a bicicleta. "Se você soubesse ao menos um pouquinho do meu amor por bicicletas, perceberia que prefiro as com avanços mecânicos, feitas para serem pilotadas. Esta, por outro lado, é o que um homem rico acha que o filho deveria querer: status em vez de substância."

Sua expressão permanece impassível enquanto joga as chaves no chão.

"Esqueça se não quiser. Pode mandar para o ferro-velho."

“Agradeceria se você não aparecesse aqui de novo.”

O canto dos lábios dele se ergue naquele quase sorriso que ele usa como máscara. “Você não pode fingir que eu não existo para sempre.”

“Posso tentar.”

“Eu sou seu pai, Marcus.”

“Você não pareceu se importar muito em ser meu pai quando teve outros herdeiros homens.”

“Deu tudo certo para você, não é?”

“O quê?”

“Você viveu normalmente — tão normalmente quanto se pode viver neste gueto.” Ele lança um olhar de desgosto para a vizinhança.

Todos os ricos da maldita Graystone Ridge parecem achar que somos pragas que eles podem simplesmente desprezar.

Pai.

Serena.

Aquele filho da puta do Preston.

“Você teria preferido que eu a arrancasse dos braços da sua mãe? Porque eu poderia ter feito isso, e June não teria conseguido impedir, não importa o que tentasse. Você teria sido criada por um exército de babás e professoras e moldada para ser quem e o que eu quisesse.” Ele se endireita. “A única razão pela qual você foi criada pela sua mãe é porque eu permiti.”

“Bem, obrigada pelo seu sacrifício. Deve ter doído se livrar da criança que você nunca quis de verdade.”

“De nada. Espero ser recompensada integralmente.” Ele caminha em direção à porta e para. “Tenho um conselho para você.”

“Preciso mesmo ouvi-lo?”

“Fique longe do Preston.”

Bato meu polegar no dedo médio uma vez. “Não faço ideia do que você está falando.”

“Você sabe exatamente do que estou falando.” Seus olhos sem vida me encararam fixamente. “Não sei se ele te contou, mas nenhuma besteira homossexual é tolerada em Vencor. Você ainda não é membro, então está seguro — por enquanto, mas ele vai ter a cabeça cortada.”

Que tipo de regra é essa?

Além disso, o quanto meu pai sabe? Será que ele tem espiões me seguindo? Eu teria percebido se alguém estivesse me seguindo, não é?

“Ainda não faço ideia do que você está falando”, eu digo.

Meu pai solta um suspiro. "Escute, aquele rapaz tem problemas patológicos,

por mais que o pai dele goste de fingir o contrário. Ele é impulsivo, imprudente e não pensa nas consequências, o que é uma sentença de morte no nosso mundo. É só uma questão de tempo até ele se matar. Você, por outro lado, é extremamente inteligente e calculista, com o instinto de sobrevivência certo. Você e Preston não estão no mesmo nível e nunca estarão. Não se rebaixe ao nível dele. Entendeu o que eu quis dizer?"

Aceno com a cabeça, sem me comprometer, só para me livrar dele.

Por um instante, penso em perguntar exatamente do que Preston sofre, mas sinto que seria uma traição. Além disso, prefiro que o próprio Preston me conte.

Não que ele fosse fazer isso, considerando como as coisas estão ultimamente.

Enquanto o carro do meu pai se afastava, parecendo um verdadeiro desastre visual na vizinhança, eu não conseguia parar de olhar para a bicicleta que ele deixou para trás.

Meu pai me elogiou pela primeira vez na vida, me chamando de extremamente inteligente e calculista, mas eu não senti nada.

Não, na verdade, suas palavras e o completo descaso dele com o Preston me atingiram como um soco no estômago.

O Preston também é extremamente inteligente. Ele só tem problemas de controle de impulsos, que eu tenho quase certeza que são algum tipo de mecanismo de defesa.

É perturbador o quanto eu quero mergulhar fundo nele e analisá-lo minuciosamente.

Eu nunca me interessei tanto por outro ser humano antes, e isso está me assustando.

Mas isso não vai me impedir de continuar com esse jogo de empurra e puxa.

Meu celular vibra e eu o pego.

NÚMERO DESCONHECIDO

Se você me bloquear mais uma vez…

Bloquear.

Não estou o irritando de propósito, mas ele precisa aprender que suas ações têm consequências, e eu não sou alguém que ele pode manipular e esperar que eu volte para ele sempre.

Essa sensação de direito dele precisa acabar.

Ele também precisa se dedicar mais a mim.

Meu celular vibra novamente.

NÚMERO DESCONHECIDO

A piada é com você. Eu tenho dezenas de números. Continue bloqueando e eu vou continuar te irritando pra caramba.

Bloquear.

NÚMERO DESCONHECIDO

Que diabos você quer, Marcus?

EU

É um bom começo. Fale com educação. Sem ameaças de nenhum tipo.

Você finalmente respondeu, seu filho da puta? Quando eu te pegar, vou te arrebentar.

Bloquear.

Ele vai mudar de ideia.

Ele tem que mudar.

18

PRESTON

Desde que me lembro, existe um zumbido constante na minha mente.

Um ruído alto e incessante, eternamente enterrado no meu cérebro, espreitando por trás de cada palavra, cada ação e cada momento em que estou acordado.

Meu cérebro e eu o chamamos de estática.

Sabe, aquela coisa que acontece quando você ouve seus próprios pensamentos. Como um fluxo de consciência, como se você estivesse conversando com seu alter ego antes de falar no mundo real.

Só que, para mim, é alto e não se cala, nem mesmo durante o sono. Esse momento é o seu playground.

Vamos fazer com que os pesadelos de Preston sejam o mais cheios de ação possível, diz a estática ao cérebro, mudando de canal constantemente, puxando os fios como se eu fosse um fantoche.

Às vezes, acho que a estática e meu cérebro são a mesma coisa.

Porque eu certamente não quero ficar presa a esse zumbido irritante constante que nunca para, a menos que eu esteja fortemente medicada.

E por fortemente, quero dizer que precisa ser uma dose tão grande que eu mal consiga mover meu corpo letárgico.

Para acabar com a estática, preciso matar meu cérebro ou encharcá-lo tanto que ele não consiga fazer nenhum barulho.

Que é o que eu fiz hoje à noite, engolindo o remédio forte reservado para meus episódios mais graves.

Jude me mataria.

Kane também, provavelmente.

Eles não gostam quando eu tomo essas misturas especiais quando não estou por perto.

Jude preferiria me levar para um passeio ou para uma matança do que me ver como um zumbi.

“Você também não gosta, né?” ele me disse quando perguntei por que ele era tão contra minha poção mágica, feita pelo irmão dele, nada menos. “Você claramente se sente desconfortável com esses remédios porque eles praticamente eliminam suas inibições e te deixam indefeso, o que com certeza vai desencadear suas memórias traumáticas.”

“O objetivo dos remédios especiais do Julian é que eu não sinta nada, então, tecnicamente, nenhuma merda traumática acontece.”

“Tecnicamente não significa totalmente.” Ele segurou meu ombro. “Quero estar aqui quando você tomar, Pres. Assim, você sabe que ninguém vai te tocar enquanto eu estiver por perto.”

“Não seja dramático.”

“Prometa.”

“Ah, você me ama tanto assim?”

“Prometo, Preston.”

“Tudo bem.”

Obviamente, quebrei a promessa, mas olha, tecnicamente, eu não tomei os remédios sem supervisão. Tecnicamente, eu dei a entender à Dra. Duret que precisaria de uma muleta hoje. Sabe, para lidar com um certo aniversário que detesto com todas as minhas forças.

"Que tal encontrar seus entes queridos, Preston?", ela tagarelou. "Tipo o Jude? O Kane? Seu pai?"

Jude, não. Ele está lidando com os próprios problemas, parecendo um zumbi ultimamente, e eu não sou criança.

O Kane está indisponível e ocupado perseguindo Delaware em outro estado. O cara até perdeu um jogo, o que é uma verdadeira blasfêmia que deveria ser registrada nos livros de história.

Quanto ao meu pai, eu preferiria me engasgar com o meu próprio vômito do que deixá-lo me ver assim.

Ele já acha que sou o maior fracasso que já existiu, e não vou confirmar as teorias dele. Muito obrigada.

Ele não para de me ligar desde de manhã e provavelmente mandou o Lenin para me arrastar de volta, mas eles não conseguem me encontrar aqui.

No topo do penhasco.

Estou estacionada tão perto da beira que consigo sentir o vento balançando o

carro enquanto tomo um gole da minha amada garrafa de Jack Daniels.

Porque o Jude tem razão, eu não estou completamente anestesiada — pelo menos, ainda não — e o álcool ajuda a abafar aquele ruído irritante que raspa nas bordas do meu cérebro.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

Sem parar, imita o uivo impiedoso do vento na escuridão vazia.

É como uma música presa na minha cabeça, mas é áspera e errada, e não consigo me livrar dela, não importa o quanto eu encharque minha garganta com álcool.

Tiro um isqueiro do bolso. É preto brilhante e tem as iniciais V.D.A. gravadas em prata, que reluzem sob a luz suave do carro.

Valérie D. Armstrong.

Durante toda a minha infância, vi minha mãe usar esse isqueiro para fumar seus cigarros delicados. Ela dizia que era um presente do meu pai, antes de ele a abandonar.

"Você era uma mulher amargurada, mãe", resmungo, minha voz soando como se viesse debaixo d'água. "Até o fim, você nunca admitiu que você e o papai simplesmente não deram certo."

Ela era uma socialite francesa que amava um estilo de vida luxuoso e vinhos finos. Ele era... bem, meu pai. Nunca sorriu tanto quanto ela, nunca amou a vida tanto quanto ela. Nunca cantou espontaneamente pela casa.

Provavelmente também nunca amou tanto o dinheiro. Poder, sim. Dinheiro, não. Para ele, não importava, na verdade.

Ele nasceu em berço de ouro; ela, não. Mais tarde, descobri que ela lutou para chegar ao topo depois de escapar de uma infância abusiva na França, sobre a qual nunca falava.

Minha mãe era linda, tendo me presenteado com sua beleza etérea. Depois do divórcio, inúmeros homens bateram à sua porta, todos prontos para lhe oferecer seu estilo de vida luxuoso.

Mas, não importava o que ela tivesse, nunca era... o suficiente.

Papai deu a ela uma mansão para morarmos, além de uma pensão alimentícia generosa. Mamãe disse que ele não nos deu nem 0,5% da sua fortuna e que simplesmente não nos amava o suficiente, porque queria se livrar de nós e começar uma nova família.

Os homens que entraram na vida dela depois do meu pai nunca se compararam a ele em riqueza ou poder, e embora ela conseguisse tudo o que queria deles, não estava satisfeita. Eu tinha que ouvir tudo enquanto ela se

afogava na sua garrafa de vinho favorita.

Eles não eram ricos o suficiente. Não eram generosos o suficiente. Simplesmente não eram suficientes.

Mesmo se ela tivesse voltado para o papai — a quem ela odiava porque ele era o único homem que lhe dizia não — ela também teria ficado insatisfeita com ele depois de um tempo.

Foi esse o motivo do divórcio deles. Ela o pressionava constantemente, reclamando e arrumando brigas o tempo todo. Em seus episódios de embriaguez, ela gritava a casa inteira, me acordando do sono.

Eu costumava observar do canto da escada enquanto as brigas intermináveis se arrastavam.

Até que meu pai se cansou e a deixou ir.

Ela nunca o perdoou por isso. Até o dia em que morreu.

"Ele é o motivo de eu ser assim", ela me disse uma vez, chorando sobre o próprio vômito depois que coloquei meus dedos em sua boca.

Foi isso que aprendi a fazer quando ela bebia demais. Eu tinha que fazê-la vomitar, depois levá-la para o quarto e ajudá-la a lavar o cabelo. Depois disso, eu a colocava na cama enquanto ela murmurava palavras que eu não conseguia entender.

“Eu te amo, Preston, você sabe disso, né?” Ela fungou e acariciou meu cabelo. “Mon petit chou…mon trésor.”

Meu docinho.

Meu tesouro.

Era assim que ela sempre me chamava.

Era isso que me fazia ficar ao lado dela, mesmo quando, às vezes, ela estava ocupada demais se lamentando, se embriagando e buscando uma euforia que nunca chegava.

E quando ela finalmente me viu naquela noite, exatamente quinze anos atrás, destruído e apenas… uma casca vazia, ela não aguentou.

Eu me encosto no banco do carro, encarando o isqueiro.

As imagens daquele dia vêm como pequenos relâmpagos.

MINHA MANDÍBULA DÓI ENQUANTO GRUNHIDOS ABAFADOS E QUEBRADOS ENCHEM meus ouvidos e o cheiro forte de colônia e menta me dá ânsia de vômito. Um tijolo está sobre mim, me imobilizando completamente.

Mas tudo bem.

Porque estou encarando o teto, aquelas estrelinhas no meu quarto. Às vezes elas se parecem comigo, distantes, desconectadas e simplesmente... ausentes.

Sem saber por quê, de repente, meus olhos sem vida se fixam na porta. Eu costumava olhar para a porta semanas atrás.

Quando aquele tijolo entrou no meu quarto pela primeira vez e eu não conseguia respirar.

"Mamãe?", chamei estupidamente naquela vez, pensando que ela viria ver como eu estava.

Mas não era a mamãe.

Não naquela vez.

Nem na seguinte.

Acho que uma parte de mim sabia que ela viria me buscar em algum momento.

Ela saberia.

Ela sentiria.

Jude diz que as mães sabem. As mães deveriam saber.

Ela me salvaria.

Eu esperei e esperei, e ela finalmente veio.

Hoje.

Ela está ali parada, com seu robe de seda branca, o rosto quase da mesma cor do tecido.

Eu sempre quis que a mamãe viesse, mas neste momento, eu queria que ela não tivesse vindo.

Nunca vi esse olhar nos olhos da mamãe. Nem mesmo no dia em que saí da casa do papai com ela, nem mesmo quando a amiga dela morreu.

Seu lindo rosto empalidece, seus olhos ficam fundos enquanto ela treme incontrolavelmente, duas fileiras de lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Minha mãe está chorando, e tudo o que eu quero é ir até ela.

Ajudá-la.

Mas eu não consigo me mexer.

Tudo o que posso fazer é observá-la enquanto ela caminha em minha direção, as pernas mal a sustentando enquanto as lágrimas escorrem por suas bochechas e caem em seu pescoço.

Num só movimento, ela pega um abajur ao lado da cama e o atinge — o tijolo que estava em cima do meu peito.

Ela o atinge com tanta força que solta um rugido que perfura meus ouvidos, um rugido que ainda consigo ouvir em meus sonhos.

Um rugido que me ensurdecerá até o dia da minha morte.

Ela o atinge, minha mãe, e ele cai para a frente, bate com a cabeça na cabeceira e cai de lado no chão.

Mamãe me abraça e soluça incontrolavelmente em meu cabelo.

"Me desculpe", ela diz, com a voz embargada pelo soluço. "Pardonnez-moi, mon chou (me perdoe, meu querido)... me desculpe... me desculpe, me desculpe."

Ela repete isso várias e várias vezes em inglês, em francês — principalmente em francês — suas palavras quase inaudíveis.

Mas não importa. Porque mamãe finalmente me salvou.

Eu a abraço com mais força, afundando meu nariz em seu peito enquanto ela me aperta contra si.

Mamãe cheira a vinho e ao seu delicado perfume de jasmim. Ela cheira a segurança e amor.

"Está tudo bem", sussurro. "Eu estou bem, mãe. Pare de chorar, por favor?"

Isso só a faz chorar mais alto, seus soluços ecoando no ar.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas eventualmente, ela me carrega para fora do meu quarto, tranca a porta com a chave e me leva para o quarto dela.

Mas ela não para de chorar enquanto me leva para o chuveiro e me lava, ou enquanto me coloca na cama e beija minha testa.

Ela enxuga os olhos, mas uma nova onda de lágrimas surge e ela desaba novamente.

Eu enxugo seus olhos. "Não chore, mãe. Eu te amo."

“Je t’aime plus fort, mon petit trésor (Eu te amo mais, meu pequeno tesouro). Mamãe já sabe o problema. Durma. Mamãe vai cuidar disso.”

“Sério?”

“Sério.”

“Você pode cantar uma canção de ninar para mim?”

“‘Fais dodo’?”

Eu assenti animada. “Sim!”

Ela me abraçou forte contra o peito trêmulo, seus dedos acariciando meus cabelos úmidos. Sua voz preencheu o quarto e meus ouvidos como minhas lembranças favoritas. “Fais dodo, mon petit trésor (Durma agora, meu pequeno tesouro)…”

ESSA FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VI MINHA MÃE.

Viva, pelo menos.

No dia seguinte, acordei e encontrei papai ao lado da minha cama.

Ele também me abraçou com aquela expressão culpada. Parecida com a da mamãe.

Eu não gostei.

Mamãe e papai nunca me abraçavam tanto. Principalmente papai.

Então percebi que ele fez isso porque a mamãe morreu em um acidente.

Não foi um acidente — ela se matou engolindo um frasco de comprimidos.

O bilhete que encontrei depois dizia apenas: “Sinto muito, Preston. Muito mesmo. Espero que você me perdoe um dia.”

Meu pai não me deu esse bilhete, foi minha avó, anos depois, quando comecei a me comportar mal — porque ela me odeia por ser um fracasso.

Ao me entregar o bilhete, ela disse: “Você já matou sua mãe. Nem pense em arruinar a vida do seu pai também.”

Meu pai ainda acha que eu acredito que a mamãe morreu de intoxicação alcoólica, que é a história que ele espalhou. Ele provavelmente não quer que eu me culpe pela morte dela.

Ou talvez ele se preocupe com a imagem da família.

Não importa. Porque, fosse intoxicação alcoólica ou suicídio, eu sabia que a culpa era minha.

Ela disse que cuidaria disso, e o método que ela escolheu foi se matar.

Porque ela não podia me ajudar.

Ninguém pode.

Nem a mamãe, nem o papai.

Nem os médicos.

Nem os comprimidos.

Bem, os comprimidos podem me afogar.

Por um tempo.

Meu aperto na garrafa de álcool afrouxa e ela cai perto do banco do passageiro, derramando no chão.

Eu sei que deveria tentar pegá-la, mas meu corpo está flutuando, lá fora, como aquelas estrelas livres no teto do meu quarto de infância.

Flutuando e flutuando e…

Desapareceu.

Como minha mãe.

Talvez eu devesse ir falar com ela.

Ei, mãe. Por que você me deixou?

Você disse que o papai me deixou, mas que você nunca faria o mesmo, então por que…?

Será que sou tão repugnante assim?

Será que sou tão... feio assim?

Se eu dirigir até o precipício, talvez eu a encontre lá embaixo, e talvez ela me diga por que ficou tão apavorada quando me viu.

Se eu pudesse voltar atrás, trancaria a porta para que ela não me visse e

decidisse me deixar.

Eu ficaria quieto — tão quieto — mesmo que doesse. Mesmo que eu não conseguisse respirar.

Eu... a impediria de me ver daquele jeito.

Meu celular acende e eu o pego com movimentos lentos e a mão trêmula.

Jude?

Talvez ele precise vir me procurar ou eu realmente vou jogar este carro do precipício.

Em vez de Jude, vejo outro nome piscando na tela. Aquele a quem eu chamei, de forma tão teatral, de O Filho da Puta Que Me Bloqueou.

Eu deveria recusar, mas deslizo o dedo para aceitar, colocando o telefone no viva-voz porque não quero me dar ao trabalho de levá-lo ao ouvido.

"Você me comprou uma bicicleta em vez de conversar comigo?", ele pergunta assim que atendo.

"Hum."

"Seria tão difícil assim ter uma conversa de verdade em vez de me encher o saco de dinheiro?"

"É tudo o que eu tenho. Dinheiro."

"Você parece meu pai."

"Olá, problemas com o pai. Vamos criar um grupo de apoio."

Ele faz uma pausa, e eu acho que ele vai desligar e me bloquear de novo. É o que ele vem fazendo nas últimas duas semanas.

Só me tirando do sério.

Ele me fez me acostumar com as palhaçadas que começou, e depois puxou o tapete debaixo dos meus pés.

Eu sei que não deveria me importar. Fui eu quem sempre o afastou. Deveria estar comemorando o fato de ele finalmente ter me deixado em paz.

Mas, nas últimas duas semanas, tenho me sentido tão vazia que nem mesmo as surras do Lenin conseguiram preencher esse vazio.

Tudo porque esse idiota me apagou como se eu nunca tivesse existido.

Isso me afetou de maneiras que eu não compreendo completamente. Sim, eu sei que são meus problemas de apego patológico, mas eu não deveria tê-los por causa do Marcus.

Ele não é ninguém.

"O que foi?", ele pergunta, com a voz perdendo a aspereza de antes.

"Nada. Só estou dando uma festa incrível com todas as garotas com quem transei, que são muitas, aliás. Marcus quem? Não o conheço."

"Você está diferente."

Dou uma risadinha, mas até isso exige muita energia. "Só estou chapado."

"Onde você está?"

"Vai me procurar? Nossa. Estou tão tocado, achei que você preferisse me bloquear."

"Onde você está, Preston?"

"No penhasco com vista para Graystone Ridge. Dá para ver a cidade inteira daqui. Uau." Encaro as luzes embaçadas. "Minha mãe não pode mais ver isso, sabia?"

Há movimento do outro lado da linha. "Por que não?"

"Ela está morta, gênio. Se matou porque eu sou um fracasso."

"Você? Um fracasso? Achei que você fosse o melhor homem que já nasceu. Um presente de Deus para a humanidade."

"Não sou. Só digo isso caso eu acredite um dia."

Droga, por que estou contando isso para ele?

O som de um motor chega até mim do outro lado da linha, e eu paro. "É a moto?"

“Sim. Quero testar antes de devolver.”

“Não devolva. Eu queimei a sua e você não destruiu meu carro como eu pensei que faria, então… é. Jude disse que aquela bicicleta era seu único meio de transporte.”

“E você ficou com pena de mim?”

“Talvez.”

“Você vai me dar dinheiro toda vez que sentir pena de mim?”

“Se quiser.”

Me encosto no volante, com a cabeça virada para o lado para poder olhar o celular. Então aumento o volume ao máximo porque o som da sua voz rouca me faz sentir como se estivesse flutuando entre as estrelas de novo.

Talvez desta vez, essa pequena segurança não desapareça como aconteceu com a minha mãe.

“Você vai ser meu sugar daddy?” ele pergunta com um leve sorriso na voz.

“Claro.”

“Sou extremamente caro.”

“Sou rica. Posso te bancar.”

“Não quero seu dinheiro, querida.”

“Então o que você quer?”

“Você.”

Meu coração aperta e eu franzo a testa. Preciso que os médicos investiguem isso. Alguém pode ter câncer no coração?

Problema cardíaco?

“Achei que tínhamos terminado”, sussurro, minha voz quase inaudível.

“É isso que você quer?”

“Foi você quem terminou, seu idiota. Mas eu sabia que você voltaria. Você não consegue resistir a mim, consegue?”

“Não.”

Engulo em seco e permaneço em silêncio. Só disse isso para provocá-lo, mas a palavra sussurrada me dá um nó no estômago.

Meu Deus.

Isso não é só por causa das drogas, é?

“Preston? Você está aí?”

“Hum.”

“Se eu for voltar para você, precisa ser diferente desta vez.”

“Diferente como?”

“Você não pode continuar se escondendo de mim e esperando que eu me contente com migalhas de você.”

“É só sexo, Marcus. Por que você tem que complicar as coisas?”

“Complicar?”

“Sim, complicado. Sentimentos são complicados pra caramba. A gente não pode…” Respiro fundo. “A gente não pode simplesmente ter o que tem?”

“Não.”

“Por que diabos não?”

“Porque eu não sou só um caso passageiro. Você não pode me descartar assim que terminar de usar meu corpo.”

“Mas é isso que somos! Você também me vê só como um caso passageiro.”

“Não, eu não vejo.”

“N-não?”

“Correto. Não. Eu quero mais de você.”

“Não, você não quer.”

“Quero sim.”

“Você nem me conhece. Você não sabe que eu…” não existo.

Deixei de existir há muito tempo. Sou apenas Preston sem alma. Preston, o reboot fracassado. Preston feito de nada.

"Não sabe o quê?"

As palavras me sufocam, sem conseguir sair.

O ar fica denso. Não é mais ar — é água. Densa e lenta, ela desce pela minha garganta quando inspiro. Meu corpo se move através dela, lento e desajeitado, o mundo abafado como se estivesse acontecendo debaixo da superfície.

O telefone cai da minha mão e bate no chão. Tento alcançá-lo, mas não me movo.

Não consigo.

Estou sendo inundado por uma água espessa e barrenta enquanto a estática se acende no meu cérebro.

"Preston?"

Não consigo respirar.

"Droga... Preston, você consegue me ouvir?"

Abro a boca, mas apenas um som estrangulado sai enquanto engasgo com a água que enche minha garganta.

“Preston! Diga alguma coisa.”

Fique longe.

Fique bem longe de mim.

Olho para cima e quase consigo vê-los, as estrelas entre as quais eu costumava flutuar.

As estrelas onde eu costumava ver os rostos da mamãe e do papai, na esperança de que viessem me buscar.

Socorro, mamãe.

Me ajude, papai.

Socorro.

Dói.

Socorro.

Dói muito.

Socorro.

Não consigo respirar.

Alguém, por favor, me ajude a respirar.

Eu quero… respirar.

“Meu tesouro…”

Enxugo a água enquanto mamãe está parada na frente do carro, de camisola branca, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela está no escuro, minha mãe, mal visível nas sombras.

Com o dedo trêmulo, abro o isqueiro para poder vê-la melhor.

Cai da minha mão, e um pequeno fogo me envolve, seu calor lambendo minhas bochechas.

“Mãe, estou aqui. Mãe…”

“Desculpe”, ela sussurra, estendendo a mão em minha direção. “Sinto muito.”

“Tudo bem… Eu posso morar com você, mãe. Papai não me ama, então podemos nos amar…”

Suas lágrimas se transformam em sangue, escorrendo por suas clavículas e encharcando seu camisolão de vermelho.

“Mãe…”

“Se você não tivesse nascido, eu não teria morrido.”

“Mãe…?”

Seu rosto fica completamente vermelho, e eu grito enquanto piso no acelerador. “Mãe!”

“Preston!”

Minha cabeça vira bruscamente para o lado, minha visão embaçada pela luz forte que me cega.

Uma mão se estende em minha direção e abre a porta; então sou puxado para fora com tanta força e brutalidade que não entendo o que está acontecendo.

Estou deitada sobre um peito musculoso, com braços fortes me envolvendo pelas costas, enquanto um estrondo alto ecoa no ar.

Meus olhos embaçados olham para trás enquanto o carro explode.

Meu carro.

Aquele em que eu estava segundos atrás.

Oh. Eu ia morrer?

"Você está bem?" Uma mão enluvada segura meu rosto, chamando minha atenção para o homem que me tirou de lá.

Marcus.

Estamos meio sentados na terra, eu praticamente o esmagando enquanto as brasas nos cercam como estrelas.

Seus olhos brilham com uma escuridão rara sob o capacete.

Ele veio.

E... ele não foi embora.

Empurro seu capacete lentamente, e ele o tira, jogando-o no chão.

"Preston, você consegue me ouvir?" Uma de suas mãos está em meu rosto, e a outra me sacode levemente, o cheiro de couro me trazendo de volta ao presente.

Ele está mesmo aqui?

É preciso esforço para levantar minha mão trêmula, então passo meus dedos por seus fios úmidos e escuros e o inalo. Couro e uma embriaguez perturbadora.

Ah.

Consigo respirar.

A água desapareceu, a estática diminuiu e eu simplesmente… não estou mais flutuando.

Será possível não flutuar?

“Preston?” ele pergunta, me observando atentamente, e eu observo seus lábios brilhantes enquanto se movem.

Ele precisa falar mais alguma coisa. Mas não fala. Ele apenas se senta na terra, seu peito subindo e descendo pesadamente, seus olhos fixos nos meus.

“Você está aqui…” murmuro, e mal consigo ouvir.

“Estou aqui.”

É real. Posso tocá-lo. Ele não faz parte do ruído, da estática ou dos cantos perturbados da minha cabeça.

“Eu também estou aqui”, sussurro.

“Você está.”

"Certo?" Meu pulso dispara, minha boca seca, minhas costelas doem enquanto a pressão aumenta naquele órgão inútil que bombeia sangue para minhas veias.

Ele se aproxima, e o espaço entre nós se contrai, simplesmente desaparecendo no ar. Por que diabos eu aceitei que ele sumisse por semanas?

"Você está bêbado, Preston."

"E chapado de remédios, então isso não significa nada."

Então eu tomo seus lábios.

Não é fogo nem fogos de artifício. É pressão, como a gravidade, como se alguém tivesse aberto meu peito e deixado a luz entrar à força.

Ele tem gosto de tentação e ar puro. De más decisões envoltas em fumaça. De pecado coberto de sangue.

E eu estou faminto.

Agarro seus cabelos com força enquanto aprofundo o beijo, reivindicando sua língua, gemendo em sua boca. Marcus grunhe profundamente, agarrando minha nuca, puxando-me para mais perto para me beijar com mais intensidade, como se não se cansasse.

Como se, assim como eu, ele finalmente pudesse respirar.

Por um segundo impossível, paro de ouvir a estática.

Só a respiração dele. Só a minha.

Só isso.

"Porra." Ele afasta os lábios dos meus, e é nesse momento que percebo o som de um motor se aproximando.

Marcus me ajuda a levantar, e eu cambaleio, meus olhos ainda fixos em seus lábios. Eu... preciso de mais.

Só um pouquinho.

"Mandei uma mensagem para o Kane enquanto conversava com você. Então provavelmente é ele ou o Jude." Ele está falando, mas não estou ouvindo, minha cabeça meio que gravitando em sua direção.

Ele roça os lábios nos meus brevemente, depois se afasta antes que eu possa beijá-lo direito, e uma espécie de dor surge entre minhas costelas.

"Acho que não precisamos da complicação de eles verem isso." Ele me acalma, seus dedos demorando um pouco no meu braço. "Te mando uma

mensagem."

"Hum."

"Amor?"

"Sim?" Finalmente encontro seu olhar. Ele está sorrindo agora, e acho que gosto desse sorriso.

"Você vai ficar bem?"

"Não me trate como se eu fosse uma maldita princesa."

"Pronto." Ele acaricia minha bochecha. "Bom ter você de volta."

E então sua mão cai do meu rosto, e ele se vai cedo demais.

Fico parada ali, sem mais flutuar — caindo de volta à realidade enquanto ele coloca o capacete e sobe na moto.

A que eu comprei para ele — depois que queimei a moto dele, mas detalhes.

Enquanto o motor roncava, ele olhou para trás, mas eu não o vi. Estava todo de preto, o capacete o escondendo de mim, mas ele me viu.

Toda eu.

Provavelmente pareço uma louca desvairada, toda suja de terra e com cheiro de álcool e fumaça. Mas ele não desviou o olhar.

Por alguns instantes, ele permaneceu imóvel, apenas... me encarando.

E eu respirava com dificuldade porque, que merda? Por que estou me sentindo... estranha?

Outro ronco de motor se aproximou, e Marcus arrancou como um raio na noite, enquanto Jude vinha em minha direção.

Ele parou ao meu lado, jogou a moto no chão e me agarrou.

Eu estava prestes a matar Jude por ter vindo aqui e interrompido o que provavelmente foi a experiência mais surreal da minha vida.

Num segundo, eu estava tão morto por dentro que quase me matei, e no seguinte, uma onda de vida me invadiu como uma explosão.

Jude me sacode e me examina de todos os lados, fazendo perguntas que mal consigo ouvir.

"Aquele carro que explodiu foi seu?"

"Imaginei ou foi o Marcus?"

"Isso aconteceu porque você foi imprudente ao queimar a bicicleta dele, não foi?"

"Por que seus olhos estão tão arregalados assim, Preston Aaron Armstrong! Você tomou aquelas drogas sem me contar?"

Blá, blá, blá.

Tudo em que consigo pensar é naquele momento de paz em que meus lábios encontraram os de Marcus.

E como preciso disso de novo.

Mesmo que doa.

19

PRESTON

“Você realmente não vai nos contar o que diabos aconteceu três dias atrás?”

Roubei o disco de Jude, que acabara de falar, patinei em velocidade supersônica e marquei um gol.

Kane, Jude e eu estávamos fazendo nosso treino noturno de sempre na pista, agora que finalmente perceberam a importância da minha alteza.

Só que algo está diferente esta noite.

Kane e Jude me observavam do meio da pista como falcões enquanto eu deslizava para trás e imitava a voz de um comentarista. “Armstrong fez de novo!”

Apontei meu taco para eles. “Agora é a hora de vocês fazerem barulho, plebeus.”

Os dois estão com aquelas caras feias irritantes, e eu faço beicinho. "Ninguém dá o devido valor ao Preston. Estou dizendo, suas vadias, vou arranjar novos amigos. Vou pedir para o meu capanga Hayes sondar o terreno imediatamente."

"Você não pode ficar desviando o assunto para sempre." Kane desliza em minha direção. "Precisamos saber o que aconteceu naquela noite."

"Não, vocês não precisam." Eu patino até o lado de Jude e o abraço pelos ombros. "Vocês não veem a gente fazendo um escândalo por causa do seu sumiço da equipe na sua busca pela Destiny."

"O nome dela é Dahlia. E eu não escondi os fatos de vocês, escondi?"

"Não me importo. Você nos abandonou, e eu passei noites e noites chorando no travesseiro. Não é verdade, Jude?"

A carranca do meu melhor amigo só se aprofunda enquanto ele me observa. Está longe do ideal, considerando que ele tem me lançado esse olhar mais rápido do que eu consigo piscar ultimamente.

"Kane tem razão", diz Jude. "Você estava completamente fora de si naquela noite. Não só tomou aqueles remédios sem me avisar antes—"

"Você estava ocupado perseguindo a Bela Adormecida, então achei que não teria um minuto para o seu senhor e salvador—eu."

Seus lábios se entreabrem, e uma expressão de culpa cruza seu rosto, seus ombros se tensionando sob meu aperto.

E agora, eu quero me dar um chute nos testículos por ser tão idiota. Quer dizer, sim, claro, tanto Jude quanto Kane têm estado ocupados ultimamente. E Jude está um pouco preocupado demais em se vingar da mãe dele e perseguir essa garota em coma — Viola, eu acho — que deveria estar na lista negra dele, mas de alguma forma ele não a está matando, então não tem me cobrado muito pelos meus remédios.

Sim, isso me deixou um pouco desleixado, e não, a culpa não é dele — é minha. Eu sou o fracassado nessa amizade, não eles.

E fazê-los se sentirem culpados por não impedir minha mente de se sabotar simplesmente não é legal.

Se comporte melhor, cérebro idiota.

"Eu sempre tenho tempo para você." Jude segura meus ombros. "Você sabe disso, né?"

"Eca, não me dê diabetes."

“Preston”, ele diz com um tom um pouco firme enquanto repete, “você sabe disso, né?”

“É, cala a boca. Sou alérgico a constrangimento.”

Ele solta um suspiro e me solta. “Você realmente não vai nos contar o que diabos aconteceu?”

Kane patina até o nosso lado, brincando com o taco. “Precisamos saber a história toda para podermos resolver isso.”

“Não foi nada demais.” Me apoio na bengala, falando num tom bem-humorado. “Fiquei bêbada e chapada, o que não recomendo, aliás — crianças, não façam isso em casa. Aí, de alguma forma, derramei a garrafa de bebida enquanto estava comemorando o aniversário da morte da minha mãe e lutando contra meus demônios — e venci, por sinal. Talvez eu estivesse com um isqueiro na mão, e talvez tenha brincado com ele, e bum! Fogos de artifício! Mas saí do carro a tempo, porque estava lúcida o suficiente para saber que estava em perigo.”

Mentira.

Mentirosa.

Teria explodido junto com o carro se o Marcus não tivesse me tirado de lá. Uma fração de segundo a mais e eu teria seguido minha mãe até o abismo.

Meu peito aperta ao me lembrar do Marcus.

Essa merda é muito séria. Primeiro, foi meu pênis que deu problema por causa dele, e agora, é meu peito?

Isso precisa do caderno preto especial da Dra. Duret, aquele em que ela rabisca o tempo todo. Ontem, ela disse: "Você não acha que é corajoso por sobreviver a mais um aniversário?"

E, claro que sou. Porque, escuta, eu sempre quero seguir o fantasma da minha mãe até o abismo nesse dia. Sempre.

Mas não este ano.

Pela primeira vez, pensei com a minha mente genial: Por que eu tenho que morrer só para fazer algumas perguntas a ela?

Mamãe me abandonou logo depois de reclamar sem parar de como papai nos abandonou. No fim das contas, foi ele quem ficou, e ela escolheu me deixar.

Então, por que eu tenho que sofrer por isso todos esses anos depois?

Quer dizer, não é como se ela tivesse escolhido morrer. Sim, ela tomou a decisão, mas suicídio é complicado. Por exemplo, não é que eu quisesse morrer no aniversário dela, mas eu poderia ter querido.

Enfim, resumindo, eu não a culpo. Só sinto falta dela e quero saber por que ela me deixou.

Ontem foi a primeira vez que pensei que talvez devesse tentar cicatrizar essa velha ferida.

E não, esses pensamentos não têm nada a ver com um certo cara de jaqueta de couro que me tirou das garras do penhasco.

"E o Osborn?"

Levanto a cabeça na direção de Kane, meu peito dando umas batidinhas ridículas que me fazem precisar de remédios urgentemente. Já tenho uma dúzia deles, o que é mais um?

"O que tem ele?", pergunto com indiferença.

“Ele estava lá”, diz Jude. “Há até um boato no campus de que ele causou a explosão e quase te matou. Alguns dizem que ele estava assistindo a tudo comendo pipoca.”

“Você viu pipoca em algum lugar, grandão? Porque se eu não vi e não comi, vou ficar muito puto.”

“A questão é”, diz Kane. “Como ele descobriu que você poderia estar em perigo e depois me mandou mensagem?”

Inclino a cabeça na direção dele. Então ele estava falando com o Kane

enquanto me bloqueava?

Que audácia!

“Por que vocês têm o número um do outro?”, pergunto.

“Não temos. Ele tem o meu por algum motivo. E você não vai mudar de assunto, Presidente. Por que o Osborn estava lá?”

Dou de ombros. “Pergunte a ele. Não deve ser difícil, já que vocês são melhores amigos e se falam por mensagem.”

Salgado, com sódio extra. É, esse sou eu.

"Ele tentou explodir seu carro enquanto você estava dentro?" Jude se endireita. "Porque eu não dou a mínima para o que nossos pais dizem ou que ele seja um Osborn. Eu vou caçá-lo e matá-lo."

"Ah, por favor." Finjo bocejar. "Você acha que um zé-ninguém como o Osborn pode me machucar? Estou tão ofendida agora. Isso é tipo Davi contra o Gorila."

"Golias", Jude responde sem expressão.

"Os dois são grandes. Cala a boca."

Os olhos de Kane se estreitam levemente. "Você está querendo dizer que o Osborn simplesmente passou por aqui?"

“Como eu ia saber? Eu estava me divertindo como nunca, chapado e tudo mais.” Eu o observo novamente, porque, sim, ainda estou irritado por Marcus ter entrado em contato. Ele não pode estar pensando em seduzi-lo também, né? Vou enterrá-lo vivo.

“O que ele disse na mensagem?”

“Algo como: ‘Você tem ideia do que o Armstrong está fazendo agora no topo de um penhasco, chapado?’ Considerando que eu estava fora do estado na hora, naturalmente, eu não fazia a menor ideia.”

“Correndo atrás da Denise.”

“Dahlia. E sim, eu estava longe, então liguei para o Jude assim que peguei a estrada.”

“Transformando uma toupeira em um vulcão.”

“Uma montanha em um grão de areia”, diz Jude.

“Eu quis dizer o contrário. Se liga, grandão.”

“Ainda não entendi essa história do Osborn.” Kane franziu a testa. “Não faz o menor sentido.”

Nem eu.

Como diabos ele conseguiu o número do Kane tão rápido e ainda veio atrás de mim?

Achei que ele me odiasse.

Ou que tivesse terminado comigo, sei lá.

Com certeza ele me bloqueou até o inferno antes disso.

Foi a moto, não foi? Ele ficou deslumbrado com a minha riqueza, como todos eles.

E ainda assim…

Mesmo pensando nisso, não acredito. Não de verdade.

Quem me dera ele fosse tão superficial; seria tão fácil lidar com ele.

“É porque esse idiota—” Jude apertou meu ombro. “—resolveu queimar a moto do Osborn por despeito. Eu te disse que ele não vai ficar parado. Ele não é desse tipo.”

“Como você sabe que tipo ele é?” Obviamente estou tentando obter informações, porque percebi, com uma perplexidade estarrecedora, que não sei quase nada sobre Marcus.

O homem que deixei me tocar das maneiras mais obscenas possíveis e que beijei por impulso — não, não vamos falar disso, eu estava drogada e não conta — é um completo mistério.

Sim, claro. Ele é o filho ilegítimo dos Osborn. Foi criado por uma mãe solteira que trabalha como enfermeira-chefe no hospital de Stantonville. Ele estuda engenharia mecânica naquele inferno que é o SRC e joga hóquei há quase tanto tempo quanto nós. Conquistou a posição de capitão dos Wolves no ano passado, é uma estrela da liga universitária e o deus daquela cidadezinha decadente.

Ah, e ele é mecânico. Estranho, mas não surpreendente, eu acho. Ele é bom com as mãos.

Não que eu esteja pensando nas mãos dele.

Mas enfim, todas essas informações são básicas pra caramba e foram obtidas por meio de uma simples verificação de antecedentes feita pelo Hayes. E sim, eu pedi uma verificação de antecedentes. Talvez eu tenha pedido uma mais detalhada para o Hayes.

Não me julguem. É preciso estar preparado ou algo assim, como o Kane sempre diz.

A questão é que preciso de mais informações sobre o cara que está mexendo com a minha cabeça.

"Você já o viu no gelo?", pergunta Jude. "Ele guarda rancor."

Eu franzo a testa. "Osborn guarda rancor? Ele é tão certinho quanto o Kane chato aqui."

“Não”, diz Kane. “Ele é mais provocador, para dizer o mínimo. Você não assiste aos replays dos jogos dos Wolves, então talvez não tenha percebido, mas se alguém o contrariar, vai se ver comigo de um jeito ou de outro antes do fim da partida. Tipo o que acontece com o Jude. Mas, ao contrário do Jude, o Osborn

não revida imediatamente, arriscando penalidades. Ele é paciente e calculista, disposto a deixar a raiva crescer e, então, contra-ataca no momento exato.”

“Ele também é extremamente violento”, diz Jude. “Alguns jogadores que o enfrentaram acabaram com danos permanentes.”

“Extremamente violento vindo de você?” Eu fico boquiaberto. “Quem é você e o que fez com o meu melhor amigo? Apareça, impostor do Jude!”

“Jude tem razão. Osborn é realmente violento. Só que você não vê isso em detalhes sangrentos como acontece com Jude, já que ele não é impulsivo. Os golpes dele são mais brutais porque são premeditados.” Kane suspira. “Violência calculada é mais perigosa do que violência impulsiva.”

Violência calculada, hein?

Será que também foi violência calculada quando ele resolveu me sacanear?

Agora que penso nisso, durante os anos de rivalidade, sempre houve um fio invisível entre nós, e eu não tinha muita certeza do que era. E embora ele me escolhesse como alvo, como se tivesse uma vingança pessoal, eu achava que era uma coisa normal do hóquei, sabe?

Mas talvez não fosse?

A obsessão do Marcus por mim começou depois daquele jogo em que eu xinguei a mãe dele. Aparentemente, ele guarda rancor — e eu que pensava que era a pessoa mais insignificante de todas — então talvez não tenha acabado depois que ele me deu uma surra daquelas.

Ou ganhou o jogo.

Ou me fez parecer um completo idiota.

Talvez tudo isso tenha sido um jogo para ele. Não que eu tenha encarado de forma diferente, né?

Meu aperto no controle se intensifica enquanto uma enxurrada de pensamentos invade minha mente e a estática aumenta.

"A questão é", diz Jude. "Pare de provocar o Osborn sem necessidade, Preston."

"Eu não tenho medo dele." Estalo os dedos. "Deveria ser o contrário. Eu poderia matá-lo enquanto ele dorme."

“Você poderia, mas seu pai não ficaria nada feliz com isso”, diz Kane. “Ele é praticamente um de nós agora, embora não oficialmente por algum motivo.”

Eu estreito os olhos. “Que motivo?”

“Não faço ideia.” Kane dá de ombros. “O pai dele não parece estar com pressa de trazê-lo de volta.”

“Eu ouvi o Julian conversando com o papai outro dia”, diz Jude. “E aparentemente, Andrew disse ao Marcus que ele tem até se formar, depois precisa se juntar à família. Parece que Marcus está resistindo à ideia, mas ele tem

uma fraqueza que pode ser usada contra ele a qualquer momento.”

Eu me animo. “Qual é?”

“A mãe dele. Ele a considera sua única família.” Jude estreita os olhos. “E nem pense nisso, Presidente.”

“Não estou pensando em nada!”

“Quer dizer que você não vai tentar transar com ela, como fez com a melhor amiga da sua madrasta, só para irritá-lo?”

Bem, eu provavelmente teria feito isso alguns meses atrás, mas meu pau parece ter desenvolvido uma doença crônica chamada Marcus. “Escuta, aquilo foi diferente.” Dou um soco no peito de Jude. “Aquela mulher era a que a amante de Satanás falava ao telefone quando eu era criança. Ela ria e se gabava de como me tinha sob controle e dizia que eu era irritantemente grudento. Eu tinha que acertar as contas, e você me conhece. Eu cobro minhas dívidas.”

“Às custas de ser espancado quase até a morte pelo capanga do seu pai?” Kane pergunta.

Dou de ombros. “Valeu a pena ver a cara de horror e nojo da amante de Satanás.”

“Não vai valer a pena com o Osborn”, diz Jude.

“Relaxa. Você está se fazendo de dramática.”

“É rainha do drama, Presidente.”

“Eu te dei um upgrade. De nada.”

Ele balança a cabeça, mas para de reclamar e terminamos de praticar alguns exercícios. Depois vamos para casa, para a casa do Jude, claro. Pelo menos, nós dois vamos — o Kane nos abandona para ver a namorada.

Jude se certifica de que eu tome meus remédios para insônia, porque não consigo dormir direito sem eles. Nunca consegui desde criança.

Sabe, porque antigamente eu costumava ficar acordada a noite toda, me remexendo na cama, tremendo incontrolavelmente enquanto o horror me sufocava na escuridão.

O único alívio vinha das estrelas brilhantes que me encaravam enquanto eu esperava.

E esperava.

E esperava mais um pouco.

Minutos pareciam horas e horas pareciam dias enquanto eu ficava deitada ali, esperando aquele rangido inconfundível na porta.

Os passos silenciosos.

A respiração profunda e fétida.

Agora, enquanto encaro o teto escuro depois que Jude terminou de cuidar de mim esta noite, ainda espero que a porta se abra.

Que aquele rangido atravesse meu cérebro perturbado e desencadeie um tumulto de proporções épicas.

Não importa que eu só durma com a porta totalmente trancada e que eu só tenha dado a chave para três pessoas em caso de emergência: Jude, Kane e meu pai.

Se não forem eles, prefiro morrer.

Trancada ou não, ainda tenho pesadelos com aquela porta do meu quarto de infância rangendo ao se abrir, um monstro mostrando a cabeça.

Ele até assusta os meus amigos no escuro. As estrelinhas que começaram a falar comigo porque sentiram pena de mim.

Odeio a noite.

Odeio ficar deitada na cama, esperando para dormir.

Não sei como alguém pode odiar algo tão natural, mas eu odeio.

Sinto sempre que vou pular da minha pele de tanto desconforto. Não importa o tipo de colchão de primeira linha ou lençóis de seda em que eu esteja. Não importa o tipo de incenso ou difusor que o Jude compra religiosamente e coloca no meu quarto. Ele sempre cai na propaganda de algum produto que "cientificamente" ajuda a dormir — agora um difusor de lavanda está vaporizando ao lado da minha cama.

Esta sempre será a pior parte do meu dia.

Preferiria apanhar até quase morrer do Lenin do que passar por isso.

Dor é melhor do que estar indefesa.

Mas a dor não é infinita, infelizmente.

Meu celular vibra na mesa de cabeceira, me trazendo de volta ao presente.

Me viro de lado e olho para ele. Aquela doença crônica para a qual preciso encontrar remédio aperta meu peito enquanto leio a mensagem.

DOR DE CABEÇA

Voltamos ao jogo do ghosting?

Dou uma risadinha irônica. É, talvez eu não tenha respondido às mensagens dele desde aquela noite. O quê? Foi ele quem me bloqueou e estava se fazendo de difícil.

Então ele teve que pagar.

Além disso, não faço ideia de como lidar com esse pestinha agora.

Principalmente depois das mensagens dele naquela noite.

Você está bem?

Jude te levou embora, e você foi surpreendentemente obediente enquanto ele te bajulava, então presumo que você esteja perfeitamente bem.

Te vejo antes do próximo jogo. Precisamos conversar.

Não há nada para conversar. Nada. Zero.

Não somos amigos. O máximo que podemos ser é parceiros sexuais, e ele precisa aceitar isso.

Meu celular vibra de novo.

DOR DE CABEÇA

Se você se recusar a me responder, vou presumir que está agindo como uma virgem tímida depois de me beijar com tanta avidez naquele penhasco.

EU

Eu NÃO te beijei com tanta avidez.

Tem certeza? Você parecia prestes a sair da própria pele. Difícil fingir esse tipo de paixão.

Posso te indicar um terapeuta para lidar com seu nível patológico de delírio.

Ou você pode simplesmente admitir que gostou de me beijar.

Já tive melhores.

Com quem?

Não é da sua conta.

Você não pode me dizer que já teve um beijo melhor com outra pessoa e depois dizer que não é da minha conta, Preston. Estou perguntando de novo. Quem foi?

Você realmente quer saber?

Sim.

O que fazer? Decidi não te contar.

Preston.

Sim, Marcus?

Se você não me contar, haverá consequências.

Ah, não, devo tremer agora ou anotar para depois?

Da próxima vez que eu te vir, vou deixar sua bunda tão vermelha e seu pau tão duro que você vai implorar para gozar e eu não vou deixar.

Que ousadia a sua achar que vou te ver de novo. Você vai ter que implorar por três dias úteis.

Vamos jogar esse jogo de novo? Quer ser bloqueado, é isso?

Você tem três segundos para responder, Preston. Se eu te bloquear desta vez, nunca mais vou te desbloquear.

Vai se foder.



NO DIA SEGUINTE, FUI PARA STANTONVILLE.

Me escuta. Sim, hoje não é véspera de jogo, e eu não preciso ver aquele filho da puta do Marcus, mas eu tinha que ver.

Porque ele teve a audácia de devolver a bicicleta.

Hoje de manhã cedo, Hayes me disse que ela foi entregue na mansão Armstrong, o que fez meu pai franzir a testa como sempre e perguntar a Hayes se eu agora curtia bicicletas.

Não curto. Mas depois das aulas, dirigi essa bicicleta até Stantonville por causa de um certo idiota.

Estacionei perto de uma esquina, escondido por um muro cheio de grafite em frente à loja onde ele trabalha.

É uma experiência social, já que nunca vi um mecânico de verdade. Como assim? Eu não mexo nos meus próprios carros.

Marcus está sozinho na oficina, meio soterrado embaixo de um sedã velho, enquanto uma morena de pernas longas e calça jeans justa está perto dele, dizendo algo que não consigo ouvir por causa dos carros que passam em alta velocidade na rua.

Logo, ele sai de debaixo do carro — que deveria estar destruído — e se levanta num pulo.

Meus pensamentos meio que se atropelam e morrem.

Porque, que diabos ele está vestindo?

Quer dizer, eu consigo ver, mas como é que uma coisa tão simples pode ser assim?

Marcus está usando um daqueles macacões de mecânico da Marinha, só que a parte de cima está amarrada na cintura, deixando-o apenas com uma regata preta que delineia seus abdominais definidos.

Seus ombros parecem mais largos, os braços musculosos e sujos de graxa de motor de um jeito que deveria ser desleixado, mas que, de alguma forma, o faz parecer esculpido.

Decorado para uma sessão de fotos ou algo do tipo.

Uma mancha desliza pelo seu antebraço, outra pelo queixo, como se tivessem sido colocadas ali de propósito.

Ele limpa as mãos com um pano, devagar, deliberadamente, os antebraços se contraindo a cada passada. Os músculos se movem sob a pele como se soubessem que estou olhando.

Não. A essa altura, estou realmente boquiaberta, completamente absorta pela cena sem o meu consentimento.

O brilho suave do sol da tarde o atinge em um ângulo, incidindo sobre a linha marcada de sua maçã do rosto e a cicatriz que corta sua sobrancelha direita. Aquela que deveria arruinar sua aparência, mas, em vez disso, a torna incrivelmente atraente.

Seus olhos cinzentos se erguem por um segundo, refletindo a luz, como nuvens de tempestade se condensando à distância.

Alguém interrompe minha sessão de observação minuciosa.

A morena.

Eu a excluí completamente da cena, mas agora ela está parada na frente dele, bloqueando parcialmente minha visão.

Ela se encosta no carro, girando uma mecha de cabelo, dando a ele aquele sorriso de "estou disponível". E Marcus — que está prestes a ser castrado — se aproxima, escuta, e então lhe lança aquele maldito sorriso debochado.

Ele limpa uma mancha de óleo da nuca, e os olhos dela se arregalam como se ela tivesse acabado de descobrir uma nova religião.

Meu estômago se revira como se alguém tivesse enfiado a mão lá dentro e acendido um rojão.

Ridículo.

Irracional.

É uma sensação que eu não deveria ter.

Eu nem gosto do Marcus Osborn.

Então, vê-lo flertando com uma dona de carro qualquer não deveria me causar essa sensação.

Seja lá o que for isso.

Definitivamente, eu não deveria sentir a necessidade de atravessar a rua, empurrá-la para o lado e dizer para ele parar de se olhar desse jeito.

De sorrir desse jeito.

De existir desse jeito.

Ela ri de algo que ele diz, e aquele rojão que rondava meu estômago como um monstro explode de novo — mais alto dessa vez, tão forte que preciso fechar os olhos por um instante.

Quando eu abrir as portas novamente, já estarei caminhando em direção a eles.

Não, eu não estou com ciúmes de uma mulher qualquer por causa de um homem que eu absolutamente não quero, não me importo e nem sequer conheço.

Estou aqui apenas para puni-lo.

E preciso remover qualquer obstáculo que estiver no meu caminho.

20

MARCUS

A última pessoa que eu esperava ver perto da loja está vindo na minha direção furiosamente.

Jenna está dizendo alguma coisa, mas não consigo ouvir, pois estou completamente distraído pela ameaça que entra como se fosse o dono do lugar.

A primeira coisa que noto é que Preston está com uma boa aparência — bem, tão boa quanto ele pode estar, considerando a tensão visível.

Talvez furioso.

Uma mancha vermelha sobe pela pele clara do seu pescoço, tingindo sutilmente suas orelhas.

Raiva é bom.

Pelo menos ele não é um fantasma de si mesmo como quando o encontrei no topo daquele penhasco. Desorientado, destruído.

Prefiro vê-lo transbordando de sua habitual arrogância e raiva do que se afogando em um mar de dor.

Não que eu devesse me importar com o humor dele, mas aparentemente, me importo sim — por mais que eu tente negar. A essa altura, é uma complicação com a qual preciso lidar.

Preston é uma complicação de proporções épicas.

Alguém que não sei como impedir de invadir meus pensamentos sem meu consentimento. O tempo todo.

Como uma maldita doença crônica incurável.

Enquanto ele entra na loja, é difícil não perceber o quanto ele não pertence àquele lugar.

Ele está vestido com jeans caros, um suéter bege e um casaco de cashmere cor de camelo na altura do joelho, que poderia ser manchado pelo próprio ar da loja.

Até mesmo pela cidade.

Ele deveria destoar neste lugar, mas é simplesmente... majestoso. Elegante sem esforço, belo a ponto de ser deslumbrante.

Alguns transeuntes na rua olham para ele, provavelmente sem perceber. Ele é irresistível.

O cabelo loiro e ondulado, penteado para o lado, os olhos verdes curiosos, o queixo bem definido e a energia masculina pura que ele exala são simplesmente irresistíveis.

Sempre achei a beleza de Preston fascinante. Desde a época em que ele balançava os pés sentado naquele galho no jardim do meu pai.

Já se passaram quinze anos, mas enquanto ele se aproxima de mim, ainda acho que ele é o espécime mais belo que já pisou na Terra.

Príncipes das fadas não são mera invenção da imaginação; eles são reais, e Preston é a personificação desses seres míticos.

Agora, ele é mais másculo e violento, mas ainda tem uma aparência etérea, possuindo perfeição física. Alto, mas não gigante; musculoso, mas não volumoso; bonito, mas não delicado. Parece acessível, mas na verdade é teimoso, implacável e sádico.

Às vezes, como agora, sinto que ele não é real. Assim como naquela vez em que o confundi com uma fada. É como se ele devesse pertencer a outro universo, mas de alguma forma escapou por entre as frestas e acabou aqui.

Bem na minha frente.

Como meu desejo de aniversário não revelado.

Me pego fantasiando em cegar cada pessoa que olhar para ele, arrancar seus olhos e esmagar suas cabeças.

Exagerado, talvez. Mas cheguei ao ponto sem volta, onde escolho abraçar completamente a complicação.

Não adianta lutar contra essa atração que sinto por Preston, então posso muito bem me entregar a ela, moldá-lo exatamente como eu quero.

Desvio meu olhar dele para Jenna, fingindo apagá-lo da minha mente, embora isso seja impossível quando sua presença invade todos os meus sentidos.

"Deve estar tudo certo", digo. "Se você ouvir o barulho de novo, me avise e eu verei se precisamos trocar o rolamento da roda."

Consigo ver a expressão de Preston escurecendo na minha visão periférica.

Jenna, porém, parece não notar enquanto gira o cabelo. "Você pode dar outra olhada agora, se quiser. Tenho tempo de sobra."

"Ele não tem." Preston desliza para o meu lado, com tanta suavidade, devo acrescentar, e para um passo à minha frente, com o ombro me bloqueando levemente. "Ele disse que seu carro está bom. Pode ir."

"Com licença?" Jenna o encara boquiaberta, endireitando-se. "E quem é você?"

Ele sorri, as covinhas marcando suas bochechas, mesmo com uma expressão tão falsa que chega a ser dramática. "Um cliente."

Ela olha ao redor e depois o encara com raiva. "Não vejo seu carro."

"É uma bicicleta. Do outro lado da rua." Ele aponta com o queixo naquela direção.

Então é por isso que ele está aqui: para trazer de volta a bicicleta que eu devolvi para ele.

Típico do Preston. É típico dele fazer birra porque eu não aceitei o brinquedo que ele me deu.

"Parece novo." Jenna alterna o olhar entre a bicicleta e ele. "Por que você precisaria de um mecânico?"

"Seu carro também parece estar funcionando. Por que você precisaria?"

Reprimo um sorriso porque ele está deixando sua mesquinhez transparecer em ondas. Acho que ele nem percebe, mas o fato de Preston ter escolhido ficar na minha frente e me bloquear como um animal marcando território não é coincidência.

Significa que ele também é incapaz de resistir a essa estranha atração que surgiu entre nós.

Mas, o mais importante, significa que ele é quase tão territorial quanto eu.

Quase.

“Não vejo por que isso seria da sua conta.” Ela coloca a mão na cintura. “O Marcus está preocupado comigo, então você vai ter que esperar a sua vez.”

“Preocupado?” ele repete, inclinando a cabeça na minha direção, um olhar maníaco surgindo em seu semblante. “É isso que está acontecendo?”

Dou de ombros, limpando a mão casualmente com o pano. “Como você pode ver.”

Seus olhos brilham com uma cor assustadora, e sua mão se contrai, mas quando ele está prestes a se mover, agarro seu pulso e balanço a cabeça negativamente.

A última coisa que preciso é que essa ameaça assassine uma cliente na loja. Taylor me mataria. Além disso, Jenna não precisa ser dano colateral dos acessos de violência territorial impulsiva de Preston.

“Você não vai embora?” ela pergunta. “Espere sua vez lá fora, como todos os clientes.”

“Na verdade, eu menti.” O sorriso de Preston se torna maligno. “Eu não sou cliente. Sou o dono do Marcus.”

“Dono?” ela repete incrédula enquanto eu o encaro com os olhos semicerrados, batendo o polegar no dedo médio.

Ele inclina a cabeça para o lado. “Eu gaguejei?”

“Você não pode ser dono de alguém.” Ela debocha, com as bochechas coradas.

“Mas eu sou.” Ele solta meu pulso e agarra minha nuca, apertando a pele com os dedos. “Marcus é meu.”

Meus lábios se entreabrem.

Preston realmente disse que eu sou dele?

Em público?

Na frente de uma estranha?

“E já que ele me pertence, você deveria pensar muito, muito mesmo, com muita atenção antes de tentar flertar com ele de novo. Eu até poderia ter permitido desta vez, mas não acredito em segundas chances. Estou sendo clara?”

O rosto de Jenna empalidece.

Não são exatamente as palavras dele, mas a maneira como ele as disse, com um tom frio e inexpressivo. Suas feições também se transformaram em uma expressão profundamente maníaca, exalando uma sede de sangue que poderia afugentar qualquer um.

Qualquer um, menos eu, obviamente, porque estou reprimindo um sorriso.

Jenna murmura algo sobre enviar o pagamento depois e praticamente foge. Os pneus do carro cantam enquanto ela acelera.

“É, foge”, ele murmura. “É melhor eu não ver sua cara aqui de novo.”

“Você vai ficar me perseguindo para garantir que ela não volte?” pergunto.

Preston pisca, sua sede de sangue desaparecendo rapidamente, mas não a raiva. Não. Essa transborda dele como lava enquanto ele aperta minha nuca.

“Você.” Ele estreita os olhos. “Como ousa devolver a moto e depois fazer essa palhaçada?”

“Devolvi a moto porque não temos um relacionamento, então não vou aceitar nada de você. Quanto à palhaçada, não sei do que você está falando. Eu estava trabalhando.”

“Você não estava trabalhando. Você estava se insinuando para a Srta. Me Escolha agora mesmo.”

“E daí?”

Seus lábios se entreabrem antes de se fecharem novamente, seus olhos ficando vermelhos enquanto ele desliza a mão da minha nuca para o meu pescoço e me empurra para trás.

Eu me choco contra a parede, e ele bate com a mão acima da minha cabeça, me encurralando. Ele me encara com um olhar duro e penetrante, o lábio se curvando num rosnado silencioso. "Que merda você acabou de dizer?"

"E daí? Você tem problemas de audição, meu príncipe?"

"Você acha que pode sair por aí se exibindo e flertando como uma prostituta barata enquanto mexe comigo, Marcus?"

"Não vejo por que não. Não temos um relacionamento exclusivo, pelo que eu saiba, e não podemos ter."

"Por que diabos não?"

"Porque você tem o hábito de me ignorar e sumir quando bem entende, e eu não vou ter um relacionamento exclusivo com alguém assim."

Ele se aproxima, tão perto que sinto sua respiração. E é... inebriante. Essa proximidade, o cheiro dele, uma mistura de cedro e danação.

Eu poderia absorvê-lo por horas.

Dias.

Meses.

Droga. Essa complicação continua crescendo de maneiras que eu jamais poderia ter previsto, me pegando completamente de surpresa.

É perigoso.

"Você acha que eu quero um relacionamento exclusivo com você?" Sua voz baixa para um tom áspero e ameaçador. "Saiba qual é o seu lugar."

"Eu sei qual é o meu lugar, mas e você?" Eu agarro um punhado de seus cabelos e puxo sua cabeça para trás, de modo que eu o encaro. "Você não pode simplesmente aparecer no meu local de trabalho sem ser convidado, jogar esse joguinho de território, me chamar de sua e depois fingir que nada aconteceu. Você pode achar que tem a vantagem porque vem de família rica, tem alguma organização secreta e seu pai te protegendo, mas comigo não. Não tem."

"Tem certeza disso?"

“Com certeza. Eu devoro caras como você no café da manhã.”

“Caras como eu?” Um brilho de raiva surge em seus olhos enquanto ele me aperta ainda mais contra o meu pescoço. “Você se atreve a me comparar com os outros?”

“Assim como você se atreveu a comparar nosso beijo com os outros.” Eu puxo seus cabelos. “Não é tão bom estar do outro lado, né?”

“Seu filho da puta—”

“Shh.” Coloco um dedo em sua boca e, em seguida, uso meu aperto em seus cabelos para pressioná-lo contra mim.

E, caralho.

Puta merda.

A sensação dele pressionado contra mim me causa uma onda de prazer. É tão avassalador que fecho os olhos por um instante para saboreá-lo.

Quando os abro novamente, Preston está me observando com os lábios entreabertos, seu aperto em meu pescoço afrouxando, e não consigo conter o sorriso que surge no canto da minha boca.

“Parece que você sentiu minha falta, querido.”

“Só nos seus sonhos.”

“Não preciso de sonhos quando…” Esfrego meu pau, que está começando a ficar duro, contra o volume crescente na calça dele. “Seu pau está tão excitado em me ver. Hum, você está ficando duro tão rápido.”

“Cala a boca—”

Suas palavras são interrompidas quando o puxo para o lado e o empurro para dentro do pequeno depósito que também serve como vestiário.

Algumas vassouras e produtos de limpeza caem no chão enquanto nos amontoamos no espaço. É meio pequeno, especialmente para dois caras altos e fortes do hóquei.

Mas é exatamente o que eu preciso.

Bato a frente do corpo de Preston contra a porta, e ela quase se solta das dobradiças enquanto fico atrás dele e sussurro em seu ouvido: “Mãos na porta, bunda para cima.”

Seus lábios tremem, e eu espero que ele resista, já que faz um tempo, mas ele desliza lentamente as palmas das mãos para cima e se inclina para a frente até empinar a bunda.

Um som rouco escapa da minha garganta. "Você pode ser um bom menino às vezes."

Eu o ajudo a tirar o casaco e o jogo em um banco atrás de mim.

Preston volta para a mesma posição, me observando com aquela expressão de expectativa fascinada.

Aquela que ele usa quando sabe que nossos corpos estão prestes a se encontrar em algo perigosamente sensual.

Como se, assim como eu, ele também estivesse em abstinência.

Como se, assim como eu, ele não conseguisse olhar para outras pessoas, muito menos transar com elas.

Não importa quantas vezes eu o toque, a excitação nunca diminui. Pelo contrário, a tentação só dobra, e sinto como se estivesse flutuando perto demais do sol. Pode queimar, mas também será bom.

"O que você está fazendo?", ele pergunta, com a voz mais rouca e os olhos arregalados.

"O que você acha?" Estendo a mão até a frente do seu corpo e desabotoo sua

calça jeans, puxando-a junto com a cueca boxer até que se acumulem em seus tornozelos.

Meu pau pulsa ao ver sua bunda, tão lisa e redonda e, tragicamente, sem as minhas marcas.

A perspectiva de adicioná-las me causa um arrepio de antecipação mórbida.

Já fiquei tão excitado para transar? Não, não, nunca.

Há algo em Preston Armstrong que desperta o monstro dentro de mim.

Acaricio sua bunda em movimentos circulares enquanto me inclino para perto e murmuro, minha respiração roçando sua orelha: "Hum. Senti falta disso."

Ele se contorce.

Estalo.

Um gemido agudo escapa de seus lábios. "Porra."

"Parece que você sentiu falta dessas mãos, querido."

Estalo.

Ele geme profundamente e, assim, relaxa sob meu toque, se entregando, me deixando fazer o que eu bem entender.

Preston sempre resiste no começo, mas então meu corpo fala com o dele, e ele se rende.

Minha voz fica mais grave, tão profunda que o faz estremecer. "Está gostoso?"

Estalo.

A cabeça de Preston cai, batendo na porta enquanto ele solta um grunhido, seus dedos se fechando contra a maçaneta.

"Perguntei se está gostoso. Responda."

"Sim..."

"Quão gostoso?"

"Só... gostoso."

Acaricio sua bunda, admirando como sua pele reflete as marcas das minhas mãos.

"Você fica tão bem com as minhas marcas, querido, sabia?"

Dou-lhe quatro tapas seguidos, e ele solta uns gemidos ininteligíveis, com o pau duro como pedra. "Sim, porra... por favor..."

"Seu líquido pré-ejaculatório está pingando no chão." Envolvo seu pau com a mão, apertando com força. "Que bagunça."

"Mff... sim, porra, só..."

"Só?" Dou um tapa na lateral da sua nádega.

"Unghh..."

"Essa não é uma palavra. Você precisa me dizer o que quer."

"M-me masturbe. Quero gozar."

Meus lábios se curvam em um sorriso de aprovação. Adoro que ele não hesite em pedir o que quer agora. Pelo menos ele não está fingindo que esses encontros não significam nada.

“Assim?” Dou um tapa nele enquanto puxo seu pau, e ele se ergue bruscamente, ficando na ponta dos pés.

“Sim, sim, assim mesmo. Estou quase lá…”

“É mesmo?”

“É… Estou quase lá… porra, por que você parou?”

Mordo a concha da sua orelha. “Eu te disse, não disse? Da próxima vez que eu te vir, vou deixar sua bunda vermelha e seu pau duro, mas não vou deixar você gozar.”

“Seu filho da puta…” Ele grunhe e estende a mão para o pau, mas eu a seguro com força, pressionando meu polegar contra a ponta.

“Nem tente. Posso fazer doer mais.”

“Vai se foder.”

“Hoje não.”

Abaixo meu macacão, expondo minha cueca boxer, e esfrego meu pau ereto contra suas nádegas machucadas.

Ele geme roucamente enquanto eu solto um murmúrio. Mesmo com a cueca no caminho, consigo sentir o calor inebriante emanando da sua pele.

E estou embriagado com essa sensação.

Com ele.

Eu poderia ficar aqui para sempre, apenas esfregando meu pau nele até o êxtase.

"Você quer gozar, querido? Seu pau está pulsando loucamente na minha mão."

"Se eu disser sim, você vai dizer não."

"Exatamente." Sorrio enquanto lambo a pequena tatuagem de yin e yang. "Mas podemos resolver isso."

"Como?"

Minha voz baixa uma oitava. "Me diga com quem você deveria beijar."

"Eu só disse isso para te irritar." Ele esfrega a bunda no meu pau e geme. Provavelmente está fazendo isso inconscientemente porque está acostumado a eu dedilhar enquanto o masturbo.

"É mesmo?"

"Sim..."

“Você conseguiu me irritar.” Dou uns puxões no pau dele.

“Ah, porra… sim…”

“Não.” Aperto o pau dele de novo, bem na hora em que o sinto estremecer.

“Por que diabos você parou?”

“Porque você não pode gozar.”

“Mas eu já respondi à sua pergunta.”

“Não importa. Você não vai sair impune.”

Ele solta um gemido, tentando escapar, mas eu o mantenho firme. Então dou um tapa na lateral da bunda e na coxa dele, fazendo-o se contorcer e soltar gemidos viciantes.

“Você está vazando, querido. A dor te excita tanto, não é?”

“Ungh… deixa eu gozar…” Ele se esfrega no meu pau. “Vou deixar você gozar na minha bunda.”

“Mmm. Tentador.”

“Você sabe que quer.” Ele inclina a cabeça na minha direção e, caramba, o rosto dele, tomado pela luxúria, parece divino — tão real e cru. Provavelmente a parte mais genuína dele que eu já vi.

Eu fiz isso.

Estou fazendo isso com Preston Armstrong.

“É mesmo?” Eu pergunto arrastado.

“Você também está com abstinência. Seu pau... está... mais pesado que o normal.”

Claro, a safadinha percebeu. É quase assustador pensar em como meu pau engrossou só de pensar nele nas últimas semanas. Agora que tenho o de verdade nas minhas mãos, ele está prestes a explodir.

Eu puxo meu próprio pau dolorido para fora e o masturbo algumas vezes. “Você vai receber meu esperma nessa bunda vermelha, querido?”

“Sim...”

“Você vai me deixar te pintar com meu esperma?”

Ele engole em seco, mas acena com a cabeça. "Só me deixa gozar—"

Suas palavras são interrompidas quando o aperto com mais força, mantendo-o firmemente no lugar enquanto me masturbo com força.

Preston inclina a cabeça para o lado para me observar, seus lábios brilhantes entreabertos, seus olhos tão brilhantes quanto uma floresta mística. E meu pau fica mais grosso sob seu olhar, exibindo-se como um pavão.

Isso não é suficiente.

Que se dane.

Solto meu pau e o esfrego por toda a sua bunda, sobre as marcas vermelhas e irritadas que deixei.

O gemido de Preston se mistura aos meus grunhidos ásperos. Porra, isso parece que sou um animal copulando com outro animal, incapaz de me saciar.

Nada é suficiente quando tenho Preston em minhas mãos.

Agarro sua nádega vermelha com uma mão áspera e cuspo algumas vezes na ponta do meu pau. As veias roxas pulsam na penumbra enquanto eu penetro seu orifício apertado.

"O-o que você está fazendo?" Ele se inclina para trás, com uma expressão arregalada, mas seus lábios se entreabrem e o brilho em seus olhos se intensifica. "Não ouse me foder, Marcus."

"Não vou."

"Mas você..."

"Eu disse que não. Sua primeira vez com meu pau não será em uma oficina mecânica." Eu impulsiono meus quadris, batendo meu pau contra sua entrada receptiva. "Mmm. Seu buraquinho está se contraindo, querido. Acho que quer ser preenchido."

"Ungh... merda..."

"Você pegou meus três dedos da outra vez, então com certeza está com saudade de ser preenchido com o meu pau."

"Cala a boca."

“Meu pau é mais grosso e maior que meus dedos.” Estocada. “Mas acho que você pode me receber como um bom menino.” Estocada. “Você se agarraria ao meu pau e o tornaria bom para mim, não é? Você me faria gozar em segundos quando eu estivesse enterrado em você.”

“Mff…foda-se…” Seus dedos se curvam contra a porta, sua bunda se elevando ainda mais no ar.

“Viu? Seu corpo já está implorando pelo meu pau.” Eu estoco com mais força uma, duas vezes, e na terceira, ele engole a ponta da minha glande.

Ele fica imóvel, seu corpo tremendo incontrolavelmente, mas seu pau encharca minha mão com líquido pré-ejaculatório.

“Oh, querido. Seu buraco ganancioso está implorando para ter meu pau dentro. Ele quer que eu te foda sem camisinha aqui e agora. Como um animal.”

Ele morde o lábio inferior com força, mas eu solto sua bunda e deslizo meus dedos entre seus lábios, puxando seu queixo para baixo e cravando meus dedos em seus dentes. "Eu te disse para não fazer isso. Você vai sangrar."

"F-faça alguma coisa", ele sussurra contra meus dedos, e a gagueira está me matando.

Preston é uma ameaça. Um completo idiota. Mas quando o toco assim, ele é apenas meu lindo príncipe com tendências masoquistas.

Tiro meus dedos de sua boca e agarro sua nádega novamente. "Alguma coisa?"

"Está ardendo", ele diz em voz mais baixa. "Entra tudo ou sai."

"Qual você quer?" Lambo aquela tatuagem atrás de sua orelha, mordiscando

enquanto solto um som rouco. "Dentro ou fora?"

Preciso de toda a minha força de vontade para ficar parado. Meu pau está louco para esmagá-lo contra a porta, descarregar tudo no corpo dele.

Mas eu realmente não quero transar com ele pela primeira vez no depósito de uma oficina mecânica. Simplesmente não combina com ele.

Se ele disser as palavras, porém, acho que não consigo resistir.

Estou me agarrando ao meu último fio de paciência. Meus músculos estão todos contraídos, meus quadris se esforçando para ficar imóveis.

Lambo a concha da orelha dele e ele estremece. "O que você quer que eu faça, Preston?"

"Não me importo", ele diz com uma voz morta, sem emoção.

"Nesse caso..." Eu me retiro, mesmo enquanto meu corpo inteiro protesta e o líquido pré-ejaculatório brilha na ponta do meu pau.

Os olhos de Preston se arregalam, e acho que vejo um lampejo de decepção, mas desaparece rápido demais. Talvez eu tenha imaginado.

Me masturbo algumas vezes. Não demora muito. Estou quase gozando desde que penetrei seus músculos apertados.

Meus testículos se contraem e solto um gemido. "Aceite meu esperma como um bom garoto."

Ele solta um suspiro, e então eu jorro por toda a sua bunda, pintando a pele vermelha com meu esperma.

Preston sibila, depois grunhe porque ainda estou com o pau dele na mão, e ele está tão sensível e no limite.

"M-me deixe gozar."

"Não."

"Você já gozou na minha bunda, seu idiota."

"Você fez esse acordo, não eu." Dou um puxão no pau dele uma vez e paro. "Este é o seu castigo por me ignorar."

"Ah... porra..."

Idiota. Para. "Fica comigo, amor. A gente só começou agora. Posso te deixar no limite por horas."

"Ungh... droga."

Idiota. Para.

Seus gemidos de frustração e excitação são música para meus ouvidos.

Ele solta um longo suspiro. "O que você quer, Marcus?"

"Que a gente tenha um relacionamento exclusivo."

"Você disse que não queria isso antes!"

"Eu não quero do jeito que estamos agora, não." Idiota. "Se você concordar em ser mais cooperativo, eu quero."

"O-o que significa ser cooperativo... droga!"

"Sem me ignorar ou sumir." Idiota. "Comunicar direito." Idiota. "Nos encontrarmos regularmente." Idiota. "Sem me usar para transar e depois desaparecer. Eu não sou sua boneca inflável."

"Isso parece um relacionamento."

Eu sorrio enquanto paro. "Se é isso que você quer, eu posso ser convencida."

“Não é… droga… eu quero vir…”

“Isso é um sim para os meus termos?”

“Sim…”

“Repita.”

“Eu disse sim, seu idiota! Só me deixe… c-gozar.”

“Hum.” Idiota. “Isso significa que é melhor eu não ver garotas se jogando em cima de você, querido.”

“Eu é que deveria dizer isso.”

Dou uma risadinha. “Não vai acontecer de novo.”

“Ótimo, ou eu mato elas e você…”

“Que ameaça.”

“Mff… agora me deixe gozar, estou quase lá…”

Eu o solto e me afasto, e ele se levanta bruscamente. “Por que diabos você parou? Eu disse sim!”

“Não tem relação. Punição é punição. Nosso relacionamento exclusivo é outra coisa.” Me afasto. “Se arrume. Vamos comemorar.”

“Comemorar o quê?”

Lambo a tatuagem atrás da orelha dele e sussurro em voz baixa e rouca: “O fato de você agora ser meu, meu príncipe.”

21

PRESTON

A ideia de comemoração do Marcus é me levar para dar uma volta de moto, e ele pilota como um louco.

É simplesmente intoxicante!

Eu não sabia que andar de moto podia ser tão libertador. Sim, o Jude já tinha comentado sobre isso, e eu já tinha andado de moto sozinha, mas não foi tão especial.

Não que o passeio com o Marcus tenha sido especial.

Tudo bem, então, ficar agarrada nele o tempo todo e sentir a contração dos músculos firmes dele sob meu aperto pode ter contribuído para o prazer.

Olha, nem vou tentar conversar com a minha cabeça sobre isso agora. Fui levada ao limite — algo que eu não achava que fosse gostar, mas, surpresa, minha sexualidade recém-descoberta definitivamente gostou.

Estar grudada nele enquanto dirigia ajudava a aliviar a dor, mas ao mesmo tempo a piorava.

A moto para no meio do bairro, iluminado apenas por alguns postes de luz, e meus braços ainda estão firmemente em volta de sua cintura.

Minhas coxas estão contra as dele, meu peito pressionado contra suas costas musculosas e largas e, o mais importante, estou respirando seu cheiro a cada inspiração. E ele tem um cheiro etéreo. Não se trata de perfume ou sabonete — é ele. A maneira como seu aroma natural se mistura com o couro e o perfume amadeirado me afeta mais do que deveria.

Deveria ser ilegal, só dizendo. Eu nem costumo ser afetada por cheiros. Bem, talvez eu seja, mas geralmente são os desagradáveis, como menta misturada com

cigarro.

Mas o cheiro masculino, em geral, costumava ser apenas um ruído de fundo. Aparentemente, não mais, porque não consigo parar de cheirar o Marcus como se ele fosse feito de drogas.

Na verdade, ele é mais parecido com aqueles difusores que o Jude compra — aqueles que ajudam a dormir.

"Chegamos." Ele pula da bicicleta, me obrigando a soltá-lo.

Range os dentes contra a onda de decepção. É a segunda vez que isso acontece hoje.

Decepção.

A primeira vez foi quando ele saiu de dentro de mim em vez de me foder — sério, desde quando o filho da puta escolhe não me usar para o seu prazer doentio?

E por que diabos eu, por uma fração de segundo, quase gritei "Me fode"?

Eu? Sendo fodida por um homem?

Usada por um homem?

Isso é uma blasfêmia.

Não que ele não tenha feito isso nas outras vezes, mas dessa vez foi diferente. Sexo oral, masturbação e o roçar do pênis dele no meu não são penetração.

Eu jamais deveria permitir penetração. Assim como fazer sexo oral é o meu limite.

E, no entanto, naquele momento, quando a ponta do pênis dele estava me abrindo, eu estava seriamente considerando a possibilidade.

Na verdade, eu deveria ter ficado feliz por ele ter saído, mas não foi esse o sentimento que me invadiu.

Foi uma decepção esmagadora.

Alguém me dê um sedativo.

Desço da moto e tiro o capacete que ele me deu enquanto ele abre a garagem, meu olhar percorrendo o local. O bairro é uma merda, como esperado de Stantonville, mas a casa em si parece limpa. Pequena, mas acho que decente para os padrões daqui.

Uma mistura de cheiros de diferentes tipos de comida permeia o ar, e meu estômago ronca.

Marcus sorri, seu rosto parecendo mais suave e surpreendentemente acolhedor enquanto pega o guidão da bicicleta e começa a empurrá-la para dentro.

"Só um segundo e eu te dou comida", diz ele enquanto desaparece na garagem.

"Não preciso que você me dê comida." Encosto-me na parede, com os braços e tornozelos cruzados, e é então que percebo. "Você tem outra bicicleta?"

Ele segue meu campo de visão até onde estou encarando aquela bicicleta enorme, meio desmontada, parada num canto.

Inicialmente, considerei comprar esse modelo para ele, mas pedi a opinião do Jude, fingindo interesse em motos, e ele só falou mal. Disse que era sem alma e não muito boa para pilotar. Jude recomendou a que eu comprei, dizendo que motociclistas de verdade, que apreciam excelente acabamento e mecânica, se sentiriam mais atraídos por algo assim.

Sim, eu pesquisei bastante.

"Algum ricaço como você deixou ela aqui e se recusou a levar de volta, então estou vendendo algumas peças e vou usar outras para customizar essa belezinha." Ele acaricia a moto que eu comprei para ele. "Agora que posso aceitá-la de você, vou cuidar bem dela."

Eu estreito os olhos. "Que ricaço te deu essa?"

Ele inclina a cabeça para o lado, endireitando-se, e mais uma vez, sou pega de surpresa por quão... deslumbrante ele está.

Será que homens podem ser deslumbrantes? Só as mulheres são bonitas, os homens simplesmente... não são.

Ou era o que eu pensava o tempo todo.

Enquanto encaro Marcus com sua jaqueta de couro fechada, jeans escuros e botas surradas, não consigo negar o quão irresistível ele é.

Como algo comestível que eu possa morder e devorar.

"Por que você está perguntando?", ele pergunta arrastado, com um toque de divertimento.

Lembro-me de que outro cara rico também está comprando a moto dele, e minha boca se fecha em uma linha reta.

"Você obviamente aceitou a moto dele e não a devolveu, então quero saber se você também concordou em ter um relacionamento com ele."

Ele acena solenemente com a cabeça. "Ele quer ter um relacionamento."

"O quê?"

"O sentimento não é recíproco."

"Parece que você tem um monte de caras ricos disputando sua atenção."

"Verdade..."

"Ele é mais rico do que eu?"

O idiota acena com a cabeça. "Acho que sim."

"Quem diabos é ele?"

"Ciúmes?"

"Territorial. Não gosto de competição."

"Não acho que meu pai possa ser uma competição para você. Pelo menos, não nesse sentido."

"Seu... pai?"

"Sim." Ele caminha em minha direção e eu me endireito, minha coluna se erguendo quando ele me abraça pela cintura. "Só posso aceitar a bicicleta que você me deu, querida."

Minha garganta seca enquanto sua proximidade me domina, mas antes que ela possa invadir minha caixa torácica e causar um comportamento atípico, eu o empurro, dando um passo para trás. "Não me toque em público."

Ele inclina a cabeça para o lado, um lampejo de escuridão passando por seus olhos. "Por que não?"

"Porque eu não sou gay."

Ele ri, o som descontrolado. "Você já gozou nas minhas mãos, no meu pau e na minha língua inúmeras vezes, e concordou em ficar comigo exclusivamente, e ainda não é gay? O armário é invisível a essa altura."

"Eu não sou gay." Eu o puxo pela gola, minha voz tensa. "Não com você, e definitivamente não em público. Somos estranhos no mundo exterior, e isso é só transar."

Seus olhos se tornam frios. "É só transar?"

“É isso aí. Não aja como essas pessoas grudentas que desenvolvem sentimentos depois de transas sem importância e confundem luxúria com outra coisa, Marcus. Se você começar a querer besteiras emocionais de mim, acabou. Ficou claro?”

“Crystal.”

Não gosto do tom seco dele. Também não gosto de como me irritei facilmente agora, fazendo uma birra infantil.

Mas, pensando bem, ele deveria aprender a parar de insistir.

“Vai me abraçar por muito tempo?” ele pergunta, sem expressão. “Achei que não se podia tocar em público.”

Eu o solto bruscamente e ele se afasta, fechando a porta da garagem enquanto eu fico parada ao lado, meio sem jeito, porque Marcus não fala nada.

Ele é sempre quem puxa conversa, então esse silêncio deliberado parece opressivo.

Depois que termina, ele me conduz por uma porta que dá para a cozinha. É um espaço pequeno, e nós dois nos sentimos imediatamente apertados, mas mesmo assim observo as panelas organizadas, a paleta de cores em tons terrosos e os potes de tempero claramente etiquetados.

Há uma mesa redonda com apenas duas cadeiras, com almofadas verde-oliva.

Marcus tira o paletó e o coloca em uma das cadeiras, depois lava as mãos — sem olhar para mim. “Vou preparar algo simples. Você pode ir assistir TV se quiser. Fique à vontade para beber algo na geladeira.”

Acho que devo ir embora.

O clima mudou de forma irritante desde a conversa na garagem, e se continuar assim, prefiro ir embora.

Mas, por outro lado, finalmente estou na casa dele, e talvez nunca mais tenha outra chance como esta para bisbilhotar e entendê-lo.

Paro perto da porta. "Sua mãe volta logo?"

"Não, ela trabalha no turno da noite." Seu olhar gélido encontra o meu. "Ninguém vai te ver comigo, se é isso que te preocupa."

Freio os lábios. "Pare com a passividade-agressividade."

"Como assim?" Ele inclina a cabeça para o lado. "Só estou constatando os fatos que você exigiu."

Penso em dizer algo, mas decido não dizer. Só pioraria a situação.

Resmungando, fui direto para a porta e entrei na sala de estar.

Embora Stantonville seja um buraco, a casa... não é.

É pequena, claro, mas cada canto parece que alguém realmente a ama o suficiente para mantê-la viva. Há plantas por toda parte e uma luz aconchegante em vez da miséria fluorescente piscante que parece dominar o resto da cidade.

No centro, há um sofá que parece macio demais para este CEP, com uma manta jogada sobre o braço que definitivamente pertence à mãe dele, não a ele. Marcus é muitas coisas, mas aconchegante não é uma delas.

As paredes estão repletas de fotos emolduradas e, como estou aqui para ser curiosa, fui direto até elas.

Não temos fotos de família emolduradas em casa. Quer dizer, temos, se contarmos meus ancestrais falecidos me encarando lá de cima. Ou a tradição daquela foto de família sem alma que tiramos todo ano só para pendurar no escritório do meu pai.

Só tolero essas fotos agora porque a Miley adora, principalmente se eu a estiver carregando nos ombros — algo que a amante do Satanás detesta, então faço só para irritá-la.

Enfim, as fotos de família aqui são mais carinhosas, cheias de Marcus e sua mãe, June. Em quase todas, eles estão juntos. Há algumas em que ele está sozinho. Marcus adolescente segurando um taco de hóquei maior que ele em uma mão e um troféu na outra. Marcus com não mais de dez anos, com um dente faltando e o joelho ralado.

Ele… não sorri muito nas fotos que tira sozinho. Quando está com a mãe, porém, seus sorrisos são mais genuínos.

Uma foto me paralisa.

Marcus, June e Andrew estão na neve, fotografados sob uma árvore branca. Marcus é pequenininho, agasalhado em uma jaqueta vermelha fofa, com as bochechas coradas, aparentando não ter mais de seis ou sete anos. Andrew está atrás dele, com a mão em seu ombro, o rosto indecifrável. June sorri amplamente enquanto segura a mão enluvada de Marcus e encara a câmera.

Tiro a foto sem pensar. Há algo… familiar em seu rosto.

Sinto um puxão em algum lugar sob minhas costelas, como um déjà vu que simplesmente não se manifesta. Uma lembrança que eu não deveria ter esquecido.

Guardo a foto como se tivesse levado um choque.

Estranho.

Os degraus rangem sob meus pés enquanto subo. São estreitos, limpos e têm um tapete laranja-escuro. Encontro a porta do quarto dele no final do corredor, e ela se abre para um espaço tão... Marcus.

É organizado. Não uma organização militar — apenas intencional. Ferramentas em uma prateleira. Livros empilhados em fileiras retas. Vários troféus de hóquei acumulam poeira em cima de uma cômoda pequena demais para eles.

Agora que estou olhando tudo, tem muita coisa. E quando digo muita, é muita mesmo. Uns cinco prêmios de MVP. Prêmio de Jogador que Mais Evoluiu. Placas de artilheiro — sério, artilheiro? Aposto que são falsas. Medalhas de torneios. Prêmio do técnico — ele subornou o treinador, sem dúvida. Uma coleção de discos de hóquei. Um prêmio de espírito esportivo. Como diabos ele merece um prêmio desses? É óbvio que ele guarda um rancor enorme por tudo.

Às vezes ele age com tanta indiferença que quase caio na fachada, mas aí ele mostra suas verdadeiras cores como um sádico perfeito.

Babaca.

Sento na cama dele e o colchão afunda com o meu peso.

Tudo tem o cheiro dele. Os lençóis, o travesseiro. Sabonete limpo, com cheiro de madeira, e algo metálico e quente que não deveria estar causando essa sensação no meu peito.

O quarto vibra com aquele calor tranquilo e acolhedor que nunca senti em nenhuma das minhas casas, e meu cérebro provavelmente deveria estar zombando dessa nostalgia.

Eu nunca tive um lar de verdade.

Quando meus pais eram casados, eu era mais atormentada pelas brigas deles, mas talvez aquele fosse o meu lar. Porque, pelo menos naquela época, eu estava

cercada pelos meus dois pais, que me mimavam à sua maneira. Depois veio a casa da minha mãe — um verdadeiro inferno. E então, de volta à casa do meu pai.

Nunca mais foi a mesma coisa depois disso. Simplesmente… não era.

Ultimamente, estamos morando na casa do Jude, mas nós dois sabemos que é temporário e mal habitado. Passamos mais tempo fora do que dentro de casa.

Não há nada disso… disso. Seja lá o que for isso.

Em cada canto da casa de Marcus existe um carinho e um aconchego que eu nunca experimentei. Apesar das imperfeições e marcas, também há sinais de uma infância bem vivida, como a parede onde June rabiscou a altura de Marcus ao lado de sua idade e inúmeros corações.

Mamãe nunca teria feito isso. Não que ela não me amasse; ela amava, provavelmente mais do que papai. Mas o afeto dela oscilava de acordo com o humor.

Um dia, estávamos fazendo compras, brincando de cosplay e cantando pela casa toda, e no dia seguinte, ela estava bebendo, resmungando e reclamando sem parar do papai.

Reclamando, reclamando e reclamando pra caramba.

Será que June fazia o mesmo com Andrew?

É melhor que ela tenha. Eu já odeio aquele idiota do Marcus ainda mais desde que entrei na casa dele, vendo o tipo de criação privilegiada que ele teve.

Claro, eu posso ser mais rica, mas ele tem algo muito mais valioso do que dinheiro.

Um pai que o protegeu quando ele precisava de proteção.

Eu me afundo de lado no colchão, encarando a escrivaninha do Marcus à minha frente.

Isso é... estranho.

Eu não deveria estar aqui na casa do Marcus, na cama dele, mas não me mexo enquanto o inalo profundamente, fechando os olhos por um instante.

Só um segundo.

Vai ser só um segundo.



ESCURO.

Está tudo tão... muito escuro.

Até as estrelas que costumavam me acompanhar sumiram, sua luz neon apagada pela névoa negra que me arrasta para o fundo.

Uma densa onda de fumaça raspa minha garganta, e meu estômago revira em resposta, prestes a vomitar tudo no chão.

Mas não consigo me mexer.

É como se meu corpo fosse feito de cimento pesado que continua me afundando.

Abro a boca para gritar, mas nenhum som sai.

Apenas silêncio.

E a escuridão.

Há tanta escuridão. Camadas e mais camadas de breu que se amontoam na minha garganta, mãos invisíveis me asfixiando.

Não consigo respirar.

Um rangido vaza da porta. O guincho assombroso é baixo, mas penetra meus ossos.

Um tum-tum-tum frenético corta o silêncio. É rápido demais, alto demais, e tento tapar os ouvidos.

Não. Não vem de fora.

Vem da gaiola no meu peito.

A batida desesperada do tambor contra minhas costelas se intensifica a cada respiração que embaça o ar.

Não.

Tento lutar contra a escuridão, me debater, mas o cimento derramado sobre meu corpo me aprisiona. Consigo ver meus membros, mas minha pele está esticada, separada e distante, flutuando no vazio.

Esses membros não me pertencem.

Eu não pertenço a mim mesma.

A escuridão se transforma, tornando-se uma presença sufocante — uma pesada cortina de veludo drapeada sobre meu rosto. O peso me rouba o fôlego e a náusea me atinge com força, mas não vomito.

Não consigo.

O tum-tum-tum acelera, um ritmo caótico de pânico. Não é mais meu coração que bate nos meus ouvidos. É o som de um martelo cravando um prego em madeira macia. Um som que arranha o interior da minha cabeça.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

Mamãe.

Papai.

Socorro.

Não consigo respirar.

Por favor, me ajude a respirar.

Eu não consigo... respirar.

Eu grito, mas apenas uma voz baixa e assombrosa sai da minha boca.

As estrelas lentamente retornam ao teto, brilhando mais intensamente, e eu consigo vê-las penduradas em minha direção.

Leve-me com você, sussurro em pensamento. Eu quero ir com você.

Flutuo mais alto em direção às estrelas, observando a cena de cima enquanto o pequeno corpo — a casca inútil que deixei para trás — mal se mexe. O terror se alastra quente na cavidade onde meu centro deveria estar, mas está distante, abafado pela escuridão.

Está tudo bem. Não está acontecendo com você, sussurram as estrelas, suas vozes semelhantes à minha, mais frias, desumanas. Você está apenas observando. Você está segura.

Fecho os olhos na escuridão, meus olhos verdadeiros, aqueles que existem fora do corpo na cama, e espero que a apatia engula o último resquício de medo.

Por um instante, sou um fantasma preso a um cadáver, esperando que o fio finalmente se rompa.

Mas não se rompe.

E o garoto que se parece comigo está se debatendo. Ele está lutando, tentando respirar.

"Cala a boca", murmuro. "Cala a boca, porra. Para de lutar. Só vai doer mais se você lutar."

Seus grandes olhos verdes, os que eu ainda não matei, estão me encarando, marejados de lágrimas.

"Me ajude", ele diz, as palavras pronunciadas num tom baixo e assombrado. "Diga para a mamãe e o papai me ajudarem."

"Ninguém nunca vai te ajudar. Só fique quieto e aguente."

"A mamãe vai me ajudar."

“Mamãe te largou porque você não calava a boca e aceitava. Ela se matou por sua causa!”

“Nãoooo.”

“Sim. É tudo culpa sua, seu idiota inútil.”

“E o papai?”

“Ele nem gosta de você. Ninguém gosta, seu fracassado. Ninguém.”

Uma lágrima escorre pela sua bochecha, mas ele para de se debater, para de se mover quando a figura envolta em preto se move sobre ele.

“E você?” o garoto sussurra, a fumaça negra quase o engolindo por completo. “Você não pode nos salvar?”

Um rangido alto quebra o silêncio, e eu me levanto num pulo e agarro a

figura negra pela garganta.

“Morra!” eu grito. “Morra, porra!”

Está se contorcendo embaixo de mim, mas hoje, vou me livrar dela de uma vez por todas. Nunca mais haverá escuridão, nem pesadelos, nem aquela estática constante e maldita—

“P-Preston, sou eu…” Uma mão toca meu braço e eu me encolho ao reconhecer a voz familiar.

Meus membros ficam moles enquanto o mundo ao meu redor se torna nítido.

Em vez do meu quarto na casa da minha mãe, me encontro em um pequeno quarto com lençóis cinza. Em vez de estar deitada, estou a cavalo sobre Marcus, com as duas mãos em volta de sua garganta.

Seu rosto está vermelho, as veias saltando do pescoço pela força do meu estrangulamento.

Eu o solto, minhas mãos tremendo, e me afasto tão rápido que caio para trás. Marcus segura meu braço e me puxa para frente antes que eu bata a cabeça no chão.

“Me solta!” Eu bato na mão dele, sentindo um arrepio na pele.

Não por causa do toque dele, mas do meu.

Minhas mãos estão cobertas de manchas pretas daquela figura sombria do pesadelo.

Marcus não os vê, mas eu vejo. Estão pegajosos e cheiram a cigarro e menta sufocantes.

E eu não quero tocar em Marcus com essa sujeira.

Deslizo para o canto até minhas costas baterem contra a parede, então puxo meus joelhos para o peito.

Inspiro.

Expiro.

Respire, digo a mim mesma. Só respire, porra.

Pare de ser tão desleixada.

Marcus permanece na beira da cama, me observando atentamente. "Você precisa de alguma coisa?"

"Por que diabos estou aqui?" Encaro-o como se estivesse em um universo paralelo.

Quando foi que conheci Marcus? Eu estava na casa da minha mãe.

Meu cérebro agitado é bombardeado por todos os tipos de imagens, e nenhuma delas explica isso.

Eu quase o matei.

“Você adormeceu há algumas horas”, diz Marcus com uma voz calma e firme. “Vim buscar algumas roupas e vi que você estava claramente tendo um

pesadelo, então tentei te acordar.”

Meus lábios se entreabrem enquanto as lembranças voltam à tona.

Adormeci no quarto do Marcus.

Eu, que nunca durmo em lugares desconhecidos, nem mesmo na casa do Kane, adormeci aqui? Nem sequer conferi as fechaduras obsessivamente como costumo fazer.

Como…?

Isso não faz sentido nenhum.

“Não faça isso de novo”, sussurro, soltando os joelhos e me forçando a sentar mais ereta.

“Fazer o quê?”

“Me acordar. Da próxima vez eu posso te matar de verdade.” Aponto o queixo em direção às impressões digitais vermelhas em seu pescoço e faço uma careta.

Ele inclina a cabeça para o lado e percebo que seu polegar para de bater no dedo médio. "Você acha que isso me assusta?"

"Vai me assustar quando você estiver morto."

"Você não pode me matar, Preston."

"Eu poderia ter feito isso agora mesmo."

"Não. Eu teria lutado. A única razão pela qual não lutei foi porque achei que seria melhor recorrer a uma abordagem mais gentil."

Estreito os olhos. "Por quê?"

"Suponho que você não goste de ser restringido ou tocado, porque começou a ficar violento quando tentei segurar suas mãos. Então, imaginei que responder à sua violência com violência só pioraria as coisas."

Meus lábios se entreabrem. Como ele conseguiu... deduzir isso tão rápido?

"Mas eu estava te estrangulando", sussurro.

Seus lábios se curvam num sorriso travesso. "Não foi a primeira vez. Estou acostumado com você sendo uma ameaça."

Eu o encaro, atônita, engolindo em seco no silêncio.

E então me dou conta. Eu simplesmente não consigo entender esse homem.

De jeito nenhum.

Se eu fosse ele, já teria me livrado de mim há muito tempo. E mesmo me vendo no meu pior momento, no meu momento mais vergonhoso, ele não foge.

Na verdade, ele parece... fascinado. Apaixonado.

E esse olhar me apavora.

Porque acho que eu poderia me acostumar com ele.

22

MARCUS

“Preston?”

Sem resposta.

Bato na porta do banheiro novamente, meus músculos se contraindo a cada segundo que passa.

Ele disse que queria tomar um banho rápido, mas já faz mais de meia hora e não há sinal dele.

O som abafado da água corrente preenche meus ouvidos, mas o próprio homem não responde.

Talvez eu não devesse tê-lo deixado ir para o chuveiro tão cedo depois de acordar daquele pesadelo. Embora eu não tenha certeza se conseguiria impedi-lo de fazer o que queria.

Ele parecia à beira de um colapso, os olhos vidrados e a postura tensa enquanto caminhava para o banheiro com movimentos letárgicos.

“Vou entrar, Preston.”

Giro a maçaneta e fico feliz por ele não ter trancado a porta. Mas, mesmo se tivesse, eu a arrombaria.

O ar do banheiro está denso, saturado de vapor e com o cheiro metálico de água corrente, quente o suficiente para embaçar o espelho e fazer os azulejos suarem.

Meus pés descalços pisam no chão úmido, molhando-se instantaneamente, e a condensação gruda minha calça de moletom e camiseta no meu corpo. O chuveiro ainda está ligado em uma cascata barulhenta atrás da cortina translúcida, mas Preston não está lá.

Não.

Em vez disso, ele está em frente ao espelho, que está parcialmente virado para a direita, onde seu rosto se reflete. Uma toalha branca está amarrada de qualquer jeito em seus quadris, mas o resto do seu corpo está molhado, brilhando sob a luz forte da penteadeira. Uma camada de minúsculas gotas de água, perfeitamente formadas, adere aos contornos esculpidos de seu peito e abdômen.

A tinta cobre a tatuagem de cobra que agora parece incrivelmente viva. Uma profusão de escamas pretas e cinzentas que quase deslizam para fora da pele, brilhando úmidas enquanto se movem, seu corpo grosso envolto por todo o seu lado direito como uma faixa viva e mortal.

Quase como se estivesse estrangulando-o até a morte.

Aproximo-me dele lentamente, mas ele não se move.

Não emite um som.

Apenas permanece ali como uma estátua esculpida em gelo. Sua pele está pálida como um fantasma, seus lábios de um azul intenso e perturbador contra a brancura. Mechas úmidas de cabelo loiro grudam em sua testa. Seus olhos, que geralmente estão cheios de uma chama inquieta, estão completamente mortos, encarando o próprio reflexo, desfocados e vazios.

Ele está perturbadoramente absorto, prisioneiro de qualquer fantasma que veja no espelho.

Meu olhar desce até seu esterno, até a tinta rachada, e algo em mim muda. Nunca gostei dessa tatuagem, sempre a achei perturbadora, mas agora, acho que sei por quê.

Esta é uma representação física de algo profundo se fragmentando dentro dele.

O quê? Não sei. Mas vou descobrir.

Um sentimento primitivo e feroz me atravessa os ossos. Uma necessidade inexplicável, visceral e intrínseca de proteger essa criatura frágil das coisas que vivem dentro de sua própria pele.

E eu não deveria querer isso. Eu não deveria me importar com Preston.

Sempre fui uma pessoa orientada a objetivos. Sentimentos irracionais não têm lugar no meu modo de operar. Sou uma planejadora, o que significa que cada decisão e passo que dou tem um resultado que calculo. E esse resultado precisa beneficiar a mim ou à minha mãe — não me importo com mais ninguém.

E, no entanto, enquanto encaro o rosto inexpressivo de Preston, tomo a decisão de protegê-lo.

Dele mesmo, se necessário.

E isso não me beneficia. De forma alguma.

Esqueça usá-lo para me aproximar do funcionamento interno das quatro

famílias fundadoras. Esqueça usá-lo completamente.

Não sei quando esse objetivo desapareceu gradualmente, mas desapareceu, e não me importo mais com ele.

Cheguei tão perto que estou tornando isso pessoal, então como diabos eu o usaria?

Ele não é do tipo que se usa, ele é do tipo que precisa ser protegido.

E eu não faço ideia do que isso significa. Nunca quis proteger ninguém além da minha mãe, e isso faz sentido, porque ela é minha mãe, que me criou e me protegeu.

Preston, no entanto, não fez nada por mim além de me irritar constantemente.

Será um senso de conquista? Uma necessidade de fazer esse cavalo selvagem se submeter completamente a mim?

Seja qual for o motivo, me vejo parada na frente dele, bloqueando sua visão do espelho.

Mas ele me encara fixamente.

Seus olhos verdes agora parecem turvos, quase sem vida, como se a luz tivesse sido roubada dele.

"Você consegue me ouvir?", pergunto com uma voz clara e firme.

Ele não se mexe, apenas continua olhando para frente enquanto uma gota d'água cai de seu cabelo e escorre pelo seu rosto como uma lágrima.

"Preston." Lentamente, acaricio sua bochecha com a mão e passo o polegar suavemente sobre a pele. "Meu bem, olha para mim."

Nenhuma reação.

Apenas um longo e opressivo silêncio.

Dou um passo à frente até que meu peito esteja completamente pressionado contra o dele, e seu batimento cardíaco constante e lento se encontra com o meu.

Meus pulmões se enchem dele em um segundo.

Ele tem o meu cheiro — sabonete limpo e um toque de cedro. E me aproximo ainda mais, envolvendo sua cintura esguia com um braço, fundindo meu corpo ao dele.

"Vamos lá, meu príncipe." Passo o polegar sobre sua bochecha. "Não me exclua. Você sabe que não reajo bem a isso."

Levanto seu queixo com o indicador e roço meus lábios nos seus, que estão frios. "Deixa eu entrar."

Ele estremece em meu toque, mas não se move, então repito o gesto, acariciando seus lábios com os meus algumas vezes. Em seguida, deslizo minha língua, lambendo sua boca trêmula. "Amor... me beija de volta como você fez na outra noite."

Dou uma mordidinha em seu lábio inferior, e ele se abre para mim como um bom menino. Enfio minha língua dentro, encontrando a dele, acariciando-a levemente a princípio, depois a devoro.

Um gemido escapa de seus lábios, como um som enterrado em um poço que finalmente foi libertado. Ele coloca as duas mãos na minha lombar, os dedos se fechando na minha camiseta, arranhando a pele enquanto pisca.

Seus olhos se arregalam quando encontram os meus, aquele verde etéreo se iluminando como se uma onda de vida tivesse sido injetada diretamente em suas veias.

Ele parece desorientado, um pouco confuso, como mais cedo, quando acordou e parecia ter esquecido onde estava.

Mas algo acontece — algo que me faz apertar sua cintura, meus dedos cravando fundo em seu quadril.

Preston fecha os olhos e me beija.

Assim como no topo daquele penhasco, ele aprofunda o beijo e eu aperto seu queixo com mais força, inclinando sua cabeça para ter melhor acesso.

Ele geme em minha boca enquanto nossas línguas se acariciam, se rasgando, mas lentamente, tão lentamente, meu coração dispara.

Meu corpo inteiro está em sintonia com ele, sua respiração, seu toque, o jeito como ele treme levemente em meus braços como se tivesse acabado de ressuscitar.

"Você tem um gosto tão bom", ele resmunga contra minha boca. "Por que você tem um gosto tão bom, Marcus?"

Dou uma mordidinha em seu lábio inferior, ainda segurando seu queixo com a palma da mão. "Você não quer que eu tenha um gosto bom?"

Ele balança a cabeça uma vez, mesmo enquanto rouba outro beijo, depositando um leve selinho no canto da minha boca. Essa é uma das poucas vezes que ele fez isso — tirar algo de mim em vez de apenas participar.

Seus olhos se fecham, e seus lábios se entreabrem, brilhando com saliva e o vapor que nos envolve.

"Não?", pergunto, umedecendo os lábios, e seu olhar se fixa neles, suas narinas dilatando.

“Não. Eu não quero que você tenha um gosto bom ou que se sinta bem.” Ele solta um suspiro trêmulo contra meus lábios. “Isso me deixa maluco.”

“Ótimo. Você está fazendo o mesmo comigo.”

“Não, não estou. Você já gosta de homens, sente atração por homens, mas isso…” Seu queixo treme, e seus olhos se enchem de um horror tão profundo que me fere o peito. “Essa não sou eu. Eu me recuso a sentir atração por um homem.”

“Mas você é, Preston. Seu pau já está me dando uma ovação de pé debaixo dessa toalha depois de um simples beijo. Você me quer, tanto que está se esforçando para resistir. Se você não me quisesse, ou se tivesse a menor aversão por mim, alguém como você, tão orgulhoso e rancoroso, jamais me permitiria te tocar assim.” Eu cravo meus dedos em seu queixo. “Sua homofobia internalizada está começando a me irritar e me incomodar demais. Eu já aceitei manter isso em segredo por sua causa, mas não vou aguentar suas crises de negação toda vez que nos beijamos e você gosta, entendeu?”

Acho que imagino um lampejo de dor em seus olhos, mas ele desaparece rapidamente. Seus lábios se contraem, as covinhas se formando em suas bochechas enquanto ele me empurra, me obrigando a soltá-lo.

"Não fale comigo nesse tom."

Inclino a cabeça para o lado. "Que tom?"

"Como se estivesse me tratando com condescendência."

“Não estou. Estou apenas estabelecendo meus limites, como você fez antes.” Cruzo os braços, me endireitando. “Se você exige que eu me esconda de novo por sua causa, que eu viva à margem e nas sombras como se estivesse fazendo algo errado, então tenho todo o direito de exigir que você lide com a sua negação. Não estou pedindo que você se rotule ou se assuma quando se sentir desconfortável com isso, mas não vou tolerar sua atitude só porque quero transar com você, Preston.”

Ele permanece imóvel por um instante, mordendo o canto do lábio, depois o solta e solta um suspiro. “Não podemos ser públicos, porque Vencor me mataria.”

“Meu pai me contou toda essa besteira.”

“Então você sabe que membros gays são punidos com a morte. Não é bom para nenhum de nós se você pretende se juntar a nós.”

“Quem disse que eu sei?”

“Jude disse que seu pai te deu até o fim do ano para ir para o lado dele, não é?”

Estreito os olhos. Por que Jude sabe disso? Mas, pensando bem, não importa.

“Meu pai pode dizer o que quiser. Isso não significa que vou obedecer às ordens dele.”

Ele franze a testa, as sobrancelhas se curvando, fazendo outra gota de água escorrer pela sua bochecha. “Você só vai se machucar.”

Reprimo um sorriso. “Parece que você está preocupado comigo.”

Ele bufa e levanta a mão. “Por favor, né? Eu só não quero ser agredido com a visão do seu sangue.”

“Se você diz.”

“Sim, quero. De qualquer forma, definitivamente não quero ser morto pelo meu pai.” Ele dá de ombros. “É por isso que não podemos estar em público.”

“Tudo bem, mas isso não explica a negação quando estamos só nós dois.”

Ele fica visivelmente desconfortável, levando a mão à nuca e mordendo o canto do lábio. “Sou novo nisso e não estou acostumado.”

“Você está dizendo que vai melhorar com o tempo?”

“Acho que sim.” Ele solta a mão e corre em direção à porta antes que eu possa impedi-lo.

Passo a mão pelo rosto e solto um suspiro.

Preston Armstrong é a coisa mais difícil com que já lidei.

Continuo cedendo a ele, apesar de mim mesma.

Digo que tenho limites claros, mas aí ele me olha com essa vulnerabilidade e todas as minhas objeções simplesmente desaparecem.

Depois de fechar a torneira, sigo-o até meu quarto, onde o encontro vestindo o suéter, depois de já ter colocado a calça jeans.

O tecido de cashmere delineia seus músculos como um mapa no qual morro de vontade de me perder, lamber cada centímetro, marcar cada saliência.

Ele usa a toalha para secar o cabelo enquanto checa o celular e digita em velocidade supersônica.

E eu observo cada movimento seu, sua expressão mais tranquila e o canto dos lábios se curvando, junto com as covinhas.

Pelo menos ele parece mais ele mesmo agora, em vez do fantasma do banheiro.

Encosto-me no batente da porta, com os braços cruzados. "Com quem você está conversando?"

"Com o Jude", ele diz sem olhar para mim, um pequeno sorriso se formando em seus lábios.

Jude de novo.

É sempre o Jude zumbindo ao redor dele como uma vespa irritante.

"Por que você está mandando mensagem para o Jude às duas da manhã?"

"Por que eu não mandaria? Nós moramos juntos." Ele continua concentrado no celular, completamente alheio ao fogo que suas palavras acenderam.

Claro, eu sei que eles moram juntos — o que eu sempre detestei, diga-se de passagem — mas esta é a primeira vez que eu detesto esse fato com tanta intensidade, estou queimando de raiva.

Eu caminho em sua direção e arranco o celular da sua mão, mantendo-o fora do seu alcance.

Preston me encara. "O que você pensa que está fazendo? Me devolve meu celular."

"Coma primeiro."

"O quê?"

"Você não jantou, mesmo estando com fome."

Seus lábios se entreabrem, mas ele pigarreia. "Tudo bem, vou comer alguma coisa com o Jude."

“Já preparei a comida.” Tento falar calmamente, embora meu tom baixe, revelando meu completo incômodo com aquele maldito Jude. “Coma antes de ir.”

Coloco o celular dele no bolso e vou para a cozinha, sem esperar para ver se ele me segue.

Ele segue, resmungando que não está com fome.

Preston senta-se à mesa da cozinha, observando o espaço enquanto pego a mistura que preparei mais cedo.

Ele parece um pouco diferente aqui. A princípio, penso que seja porque ele não pertence a um lugar como este, mas não é.

Há algo desprotegido nele agora.

Seus cabelos úmidos caem em mechas desalinhadas sobre a testa, algumas entrando em seus olhos. Deve ser irritante, mas ele não as afasta.

Ele se endireita, inclinando a cabeça para me olhar. "Você sempre cozinha?"

"Na maioria das vezes, sim. Eu preparo o jantar para a minha mãe esquentar no almoço."

"Sua mãe trabalha no turno da noite o tempo todo?"

"Na maioria das vezes, sim." Despejo a mistura na tortilla. "Quando eu era mais nova, ela escolhia o turno da noite porque pagava bem e ela tinha tempo para cuidar de mim durante o dia, mas agora virou um hábito."

"Quem..." Ele pigarreia quando sua voz fica rouca. "Com quem você ficava à noite?"

"Com a Sra. Rodriguez, a vizinha. Ela era a diretora da minha escola primária." Sorrio enquanto o chiado da tortilla na frigideira ecoa no ar. "Ela também me ensinou a fazer comida mexicana do jeito certo."

"E era bom?"

“Aprender a cozinhar? É. É tudo uma questão de tempero.”

“Não, eu quis dizer dormir na casa de estranhos.”

“A Sra. Rodriguez não é uma estranha. Ela é a melhor amiga da minha mãe, que me tratou como se eu fosse seu próprio filho.” Viro a tortilla com uma mão, e ele me observa como um gato faminto, quase babando.

Reprimo um sorriso.

“Por que ela faria isso?” Ele encontra meu olhar. “Você não é filho dela.”

“É, bem, existe um conceito que gente rica como você não entende, mas a

gente se protege por aqui.”

“Isso é antes ou depois de traficar drogas, matar pessoas e eventualmente ser preso?”

“Seu povo também trafica drogas e mata pessoas. Só que eles têm dinheiro e poder suficientes para nunca serem presos por isso.”

“Meu povo?” Ele estreita os olhos. “Você disse que também é um de nós, lembra?”

“Não. Eu não fui criado neste seu mundo podre.”

Ele se encolhe, e eu paro, então coloco o prato de quesadilla de frango na frente dele.

Preston tenta se esquivar pegando a quesadilla e dando uma mordida, mas eu vi.

O estremecimento.

Por quê?

Será que foi por algo que eu disse ou fiz? Não acho que me aproximei dele de repente. Ou será que sim?

Me dá arrepios ver alguém tão autêntico e sem remorso se encolher.

Que diabos aconteceu com você, meu príncipe encantado?

Trago a salsa e um copo d'água, e me sento à sua frente.

Preston faz um ruído ao engolir a mordida, depois para e me encara. “Você não fez isso.”

“Acabei de fazer, bem na sua frente. Por quê? Não gostou?”

“Está perfeitamente crocante, derretido e saboroso.” Ele franze a testa. “Como você consegue cozinhar tão bem além de tudo isso?”

Um sorriso largo se abre nos meus lábios. “O que é esse ‘tudo isso’?”

“Cala a boca”, ele diz depois de engolir mais uma garfada. “Isso é realmente incrível. O Kane tem uma concorrência de peso.”

“Kane?”

“Ele cozinha para mim e para o Jude depois que a gente o irrita.”

“Hum.” Primeiro o Jude e agora o Kane.

Não sei se tem um jeito de me livrar deles sem que o Preston descubra ou perca o sono por causa disso, né?”

“Nossa, sério, isso é tipo pornografia gastronômica.” Ele engole uma garfada atrás da outra, quase limpando o prato em tempo recorde.

“Errado. Pornografia gastronômica é eu te foder enquanto você come.” Deslizo meu pé sobre a canela dele por baixo da mesa. “O que pode ser providenciado, aliás. Com ou sem comida.”

O pomo de Adão dele sobe e desce, mas ele não afasta a perna. “Por que você presume que eu deixaria você me foder?”

“Você vai… eventualmente.”

“Não se preocupe com isso.”

“Não será necessário. Você vai se acostumar.”

Os lábios dele se curvam para um lado, as covinhas à mostra enquanto ele mastiga. “Você vai esperar muito tempo. Meu cérebro rejeita a própria ideia de ser fodida por um homem, mesmo que meu corpo… bem, você sabe.”

“Deseja isso?”

Ele levanta os ombros, mas não diz nada.

“Você preferiria que me fodesse?” As palavras me escapam antes que eu consiga pensar direito.

Eles também o pegam de surpresa, porque ele tosse, e eu lhe ofereço o copo d'água. Depois de beber metade, ele engole em seco. "Pensei que você só fosse ativo."

"Sou, mas tentaria com você. Provavelmente. Não tenho certeza."

"Você tentaria?"

"Por você, sim, acho que tentaria."

"Nossa. Você está tão desesperado para transar comigo?"

"É. Já está ridículo."

Seus lábios se entreabrem, brilhando com a água. "Você... não vai precisar."

"Não vai precisar de quê?"

"Deixar eu te foder. Eu... não quero."

"Não?"

"Não. Eu amarro as pessoas quando transo com elas, e não quero isso com você. Acho que prefiro... não pensar ou planejar durante o sexo."

"Como uma princesinha de travesseiro?"

Ele estreita os olhos. "Você tem algum problema com isso?"

“De jeito nenhum.” Esfrego a panturrilha dele com o dorso do meu pé. “Adoro quando você me deixa te tocar do jeito que eu bem entender. Você faz a cara mais erótica quando eu te prendo contra a superfície mais próxima, sabia?”

O olhar dele encontra o meu. Ele olha para a comida, mas não antes de eu perceber um leve constrangimento nos olhos dele.

Meu Deus, ele é tão fofo para um babaca.

Ele dá outra mordida, mastigando devagar como se estivesse saboreando. “Nunca comi quesadillas caseiras.”

“E o Kane?”

“Ele gosta mais de massas, sopas e um pouco de culinária cantonesa que aprendeu com um chef renomado. Eu prefiro esse tipo de comida substanciosa, saborosa e apimentada.”

“Então você veio ao lugar certo.”

“Você cozinha para mim?”

“Quando quiser.”

Ele sorri para mim, aquelas covinhas profundas em suas bochechas, e algo no meu peito se despedaça, movendo-se tão repentinamente que me falta o ar.

Caramba, ele é lindo.

Como ele pode estar ainda mais lindo agora?

É o sorriso dele, percebo. É genuíno e sereno, iluminando seu rosto.

"Imagino que você não cozinhe?", pergunto.

Ele balança a cabeça. "Temos cozinheiros."

"O Kane também tem."

"É, mas ele gosta de cozinhar, então deu um jeito de aprender." Ele dá de ombros. "Eu nunca aprendi, acho. Mamãe e papai também nunca cozinharam, então não houve influência."

"Mamãe tenta, mas ela é mais ou menos."

"É mesmo?"

"É. Ela secretamente fica feliz que seja eu quem cozinhe agora."

Ele ri, e mais uma vez, sou cativada pela forma como seu rosto se ilumina e seus olhos parecem tão vivos.

Por um instante, ele parece tão jovial e despreocupado — um contraste gritante com antes.

"Você só está falando mal da sua mãe porque ela não está aqui." Ele chuta meu pé, que está apoiado sobre o dele, com o outro pé.

"Ela me apoiaria sem hesitar se estivesse aqui."

"É mesmo?" Ele dá outra mordida e faz uma pausa. "E o seu pai?"

"O que tem ele?"

"Sabe, ele vem aqui com frequência?" Ele me encara com um ar de expectativa. "Cozinheiro, talvez?"

"Pai? Cozinheiro? Não consigo nem imaginá-lo fora do terno, muito menos em uma cozinha."

“É, meu pai também. Ele é muito focado nos negócios para fazer algo tão normal. Eu tenho uma teoria que contei para o Hayes, mas ele não se impressionou.”

“Quem é Hayes?”

“Meu capanga. Secretário e administrador da casa do meu pai. Ele passou a vida inteira limpando a minha bagunça, até que ficou com cabelos brancos por causa disso, ops. Enfim, eu disse para o Hayes que quando meu pai morrer, vão encontrar um robô dentro dele.”

Ele sorri, mas é um sorriso forçado.

Eu puxo a perna para trás, depois me inclino para a frente e apoio o queixo

nos meus dedos entrelaçados. “Ele vai mesmo te matar se descobrir que você está com um cara?”

Preston encara o prato quase vazio, o olhar perdido, e penso que ele vai se transformar no zumbi do banheiro, mas ele apenas sussurra: "Talvez. Não depende dele. Se os outros votarem pela minha morte, eles vão dar um jeito de me matar de um jeito ou de outro, mas você sabe... a morte não é o que me assusta."

"O que me assusta?"

"Meu pai puxando o gatilho." Seus lábios tremem antes de ele os franzir novamente. "Prefiro me matar a vê-lo fazer isso. Já o decepcionei o suficiente."

"Decepcioná-lo como?"

Ele levanta a cabeça e pisca uma, duas vezes, depois morde o lábio inferior como se tivesse acabado de perceber com quem está falando.

"Não importa", murmura, terminando as últimas garfadas em silêncio.

Enquanto ele come, eu o observo.

Este príncipe aparentemente imperfeito, com o coração partido, nunca teve uma refeição caseira em família — apesar dos chefs renomados —, acha que a mãe morreu por culpa dele e tem problemas profundos e mal resolvidos com o pai.

E eu preciso de toda a minha força de vontade para não devorá-lo por inteiro. Desmontá-lo em pedacinhos e depois remontá-lo.

Enquanto ele engole a última garfada, me distraio com um pouco de molho no canto inferior dos seus lábios.

"Posso comer mais?", ele pergunta, mas eu já estou quase de pé, estendendo a mão para ele.

Seus olhos se arregalam, ficando verdes e brilhantes, cheios de expectativa. "O que você está fazendo—"

Seguro seu queixo e me inclino, selando minha boca na dele, e sugo seu lábio inferior, lambendo o molho enquanto meus testículos vibram.

Só um gostinho, e eu já estou prestes a explodir.

Enquanto me afasto, Preston me observa com os lábios trêmulos e brilhantes.

E percebo, com uma dura realidade, que provavelmente nunca terei o suficiente dele.

Talvez eu devesse simplesmente prendê-lo, para que ele não tenha a chance de ir embora.

23

PRESTON

“Olha, Pressie! Eu tenho asas!”

Eu rio porque a Miley realmente tem asas, rosa-neon como seus patins, e uma tiara com antenas presas em seus cachos brilhantes.

Ela me fez comprar essa porcaria a caminho da pista de patinação, ou melhor, exigiu, porque ela é uma pirralha mimada que sabe que pode conseguir tudo o que quer de mim se fizer beicinho.

É domingo, e a pista de patinação no gelo na periferia da cidade está lotada de pessoas de todas as idades patinando. E, claro, a Miley queria fazer parte da multidão. Talvez porque sua vida seja cheia de babás e professores, mas ela adora ir a lugares onde pessoas normais se reúnem.

“Quando eu crescer, vou ser tão legal quanto você, Pressie!”, ela anunciou hoje durante o café da manhã tedioso que tive que suportar com a nossa família.

Digamos que estou meio que em prisão domiciliar.

Tá, não meio que. Estou totalmente em prisão domiciliar. Meu pai manda o Lenin comigo o tempo todo. Até agora, ele está esperando lá fora.

O motivo é, na verdade, estúpido. Mas não pergunte ao meu pai. Ele vai dizer que é sério. Enfim, talvez eu tenha deixado de tomar meus remédios por alguns dias depois daquela noite na casa do Marcus, uma semana e meia atrás.

Não sei por quê. Talvez porque eu quisesse me sentir normal. Os remédios às vezes anulam meus sentidos, me prendendo numa espécie de enclave onde as emoções não penetram direito.

E embora no passado eu estivesse bem com isso, usando humor e violência para compensar os sentimentos reprimidos, ultimamente não tem sido suficiente.

Eu, egoisticamente, queria experimentar tudo em detalhes.

Bem, talvez isso tenha sido um erro. Minha mente escolheu a liberdade para transbordar e decidiu: "Vamos causar o caos!"

É claro que eu aceitei e me juntei a alguns membros da Vencor para uma missão de assassinato fora do nosso território, em uma boate de Nova York.

Talvez eu tenha exagerado um pouco — massacrando aquelas pessoas e causando um escândalo.

E daí? Não foi grande coisa.

Aparentemente, foi sim, porque causou problemas, e a Vencor teve que mobilizar muitos recursos para encobrir tudo.

Eu sabia que tinha feito merda quando Lenin e seu amigo favorito, Nelly, o motorista do meu pai, vieram me buscar no aeroporto. Só piorou quando meu pai franziu a testa ao me ver. Ele não me repreendeu nem me lançou aquele olhar de decepção. Mas a vovó e o amante do Satanás sim. O vovô também.

Mas aí eu percebi que meu pai não se dava ao trabalho de me disciplinar, porque deixava essa tarefa para Lenin, que me deu uma surra e depois me informou que eu estava em prisão domiciliar.

Quer dizer, eu posso ir para a escola, treinar e sair depois da aula, mas Lenin está sempre lá, me vigiando e garantindo que eu volte para a mansão Armstrong.

"Seu pai está quase desistindo de você", disse Lenin naquele dia enquanto eu tossia sangue no chão.

Endireitei-me e sorri como de costume. "Pensei que ele já tivesse feito isso."

"Você sabe muito bem que não. Se continuar fazendo birra, pulando a medicação e abusando da sorte, ele pode decidir que você não vale mais a pena e simplesmente deixar você morrer."

"Não me importo", sussurrei, mas continuei em casa como uma cadelinha obediente, meus olhos tremendo toda vez que Lilith começava com sua passivo-agressividade ou quando a vovó me chamava de inútil.

Papai não disse nada. Na verdade, ele parece franzir a testa sempre que volto para casa, como se não me esperasse lá. Foi ele quem ordenou isso, droga.

O confinamento domiciliar trouxe problemas reais de abstinência.

Marcus.

Eu o encontrei outro dia, na noite anterior ao jogo de sexta-feira, mas só rapidamente porque Jude resolveu participar do treino noturno e apareceu de surpresa.

Tive que tirar Marcus escondido pela porta dos fundos, ao que ele apenas franziu a testa e foi embora.

Isso foi há três dias. Não o vi desde então.

E acho que ele está bravo. Não faço ideia do porquê.

Ok, talvez eu tenha uma vaga ideia.

Então, é o seguinte. Naquele dia, assim que ele entrou no vestiário, me beijou.

E não estou falando de um simples selinho ou um roçar de lábios, mas sim de como se ele tivesse devorado meu rosto, seus dedos agarrando meu cabelo com força e sua língua se prendendo à minha, quase me penetrando na garganta.

Me deixou delirante e desorientada, como aquela vez que ele me beijou do nada na cozinha dele.

E no banheiro.

A única diferença foi que, no vestiário, quando seus dedos cravaram na minha pele e seus lábios tomaram os meus, foi terrivelmente intenso.

Eu não gostei — ou melhor, não gostei da sensação.

Foi repentino, e eu não sabia como lidar com isso.

Uma parte de mim estava excitada e prestes a explodir de desejo.

Mas então ele tentou levantar minha blusa, e eu o empurrei.

Talvez eu tenha feito isso com violência, mas, quer dizer, ele tocou no meu quadril machucado pelas surras de Lenin, e doeu demais. Mas, na verdade, o motivo da minha reação tão agressiva foi que uma parte de mim, a pequena vadia que existe dentro de mim, tremia só de pensar nele vendo o mapa que Lenin criou.

“Qual é o seu problema agora?” ele perguntou em tom baixo, suas sobrancelhas franzidas parecendo um pouco ameaçadoras sobre seus olhos severos. “É a negação de novo?”

“Só… não me toque hoje.”

Seus olhos escureceram mesmo enquanto as palavras saíam suavemente. “É aquela época do mês?”

Dei um soco nele, o que eu não deveria ter feito, mas ele estava sendo um idiota. “Vai se foder.”

Então Jude, o babaca, escolheu aquele exato momento para entrar. “Pres? Você está aí?”

Empurrei Marcus para fora, agradecida por ele ainda não ter se trocado, e ele apenas me lançou um olhar enigmático antes de sair.

E então ele simplesmente me ignorou por dois dias. Que audácia.

Precisei ficar bêbada antes de mandar uma mensagem para ele.

EU

Não queria te bater, mas você estava sendo um babaca.

SINAL DE ALERTA AMBULANTE (SAA)

É assim que você se desculpa?

Quem falou em desculpas? Só estou dizendo.

Que bom que você desabafou.

Não foi minha culpa que o Jude veio aqui.

Se você diz.

Não foi.

Ok.

Você está bravo?

O que te fez pensar isso?

Muito engraçado.

Não foi minha intenção.

Não fique bravo.

Por quê?

Eu não gosto.

Você não gosta quando eu fico bravo com você?

Não.

Então talvez não me irrite. Você faz isso com tanta facilidade às vezes.

É, eu sei. Nem sei como consigo, mas aparentemente, o Marcus está bravo comigo ultimamente. Primeiro no banheiro dele, depois no vestiário.

E eu realmente não consigo entender o que fiz.

Eu gostava mais quando ele simplesmente me fazia gozar, sem precisarmos conversar. Agora, não sei como responder a ele.

Ele sabe que estou em prisão domiciliar, então não insistiu, mas não gosto que ele esteja mantendo distância.

Será que isso significa que ele parou de se importar?

Será que ele vai encontrar outra pessoa? É melhor ele não testar meu temperamento explosivo.

Só de pensar no Marcus com outra pessoa, todos os meus demônios vêm à tona.

"Me pega se puder, Pressie!" A voz da Miley chama minha atenção enquanto ela patina entre algumas pessoas, com as asas balançando.

Ela está correndo por aí como uma pirralha imprudente, ziguezagueando entre os outros patinadores.

"Mimi, vai mais devagar!" Patino em direção a ela, e ela dá uma risadinha

enquanto acelera.

De repente, ela bate nas pernas de uma pessoa alta.

A sensação de formigamento que parece ser constante ultimamente se espalha pelas minhas costas e invade minha corrente sanguínea, fluindo como lava.

Ou estou tendo alucinações, além de todos os outros sintomas bizarros que meu cérebro inventou, ou estou olhando para o Marcus.

Pisco e ele ainda está lá.

Então ele é real? É melhor que seja. Eu realmente não quero lidar com alucinações além de tudo o mais.

Ou talvez ele seja um sonho.

Ele parece um pouco mais suave do que o normal, vestindo jeans que delineiam suas pernas longas e musculosas que parecem não ter fim. Um suéter grosso azul-marinho cobre seus ombros largos, abraçando seu corpo como uma segunda pele.

E o cabelo dele… que diabos ele fez com o cabelo? Não está penteado, está tão indomável como sempre, mas tem uma espécie de risca lateral. Algumas mechas desalinhadas caem de cada lado da testa, fazendo-o parecer um astro pornô de skate.

Para piorar, ele é bem mais alto que quase todo mundo aqui, então é difícil não notar o cara.

Embora o olhar dele esteja totalmente fixo em mim — aqueles olhos metálicos indecifráveis como um dia tempestuoso que resmunga à distância, mas não se aproxima.

"Desculpe", Miley sussurra, olhando para ele, e seus olhinhos se arregalam.

Eu sei como é, Miles Problema.

"Não se preocupe." Ele sorri para ela enquanto se abaixa e estende a mão. "Sou Marcus. Qual é o seu nome?"

Ela me olha de relance, como deveria, mas quando percebe que estou ocupada demais olhando para ele, aperta sua mão. "Miley. Este é meu irmão, Preston. Ele é tão legal e famoso. Vocês podem ser amigos."

"Amigos", ele repete a palavra arrastado enquanto seu olhar se volta para mim. Seus olhos ainda são indecifráveis, o cinza escuro e sombrio como aquela maldita estática na minha cabeça.

"Sim!" Miley puxa minha mão. "Você pode, Pressie, né? Né?"

Um leve tremor levanta seus lábios antes que ele suspire dramaticamente. "Acho que seu irmão e eu não podemos ser amigos."

Miley franze a testa. "Por que não?"

Ele sorri para mim, mas é um sorriso sombrio e quase... como assim? Como

se ele estivesse guardando rancor de mim?

Deveria ser o contrário.

Basicamente, eu me desculpei. Até onde esse lunático espera que eu me rebaixe? Ele sequer sabe quem eu sou?

"Eu tentei, Miley", ele diz para minha irmã. "Não funcionou."

Ela levanta a mão. "Você pode tentar de novo! O Pressie é muito legal."

"É mesmo?" Ele se levanta enquanto eu puxo Miley para perto de mim. "Você é legal, Preston?"

"Como assim? Eu sou a pessoa mais legal que você vai conhecer." Levanto minha irmã com um braço, equilibrando-a no meu quadril. "Não é verdade, Mimi?"

"Tão legal!" Ela me dá um beijo na bochecha. "E tão descolado."

"Hum." Marcus desliza em nossa direção, parando tão perto que sou atingida pelo seu cheiro tão forte e intoxicante que invade meus pulmões famintos.

"Por que será que ele não é tão legal comigo, Miley?"

“Para com isso”, digo sem emitir som, mas ele está apenas encarando minha irmã, que faz beicinho.

“Por que você não é legal com o Marcus, Pressie?”

“Eu sou — ele é que não aprecia.” Forço um sorriso falso. “Passar tempo com ele já é um privilégio. Ele deveria ser grato por eu lhe dar qualquer coisa, Mimi.”

“Mas não é assim que se trata os amigos.” Ela se remexe, então eu a solto, e ela coloca as mãos na cintura com uma atitude péssima. “Não seja uma chata só porque você é legal.”

Esse pirralho está mudando de lado mais rápido do que os agentes duplos da Guerra Fria.

“Não é?” Marcus, o idiota, está fingindo fazer beicinho, e agora eu estou encarando os lábios dele como uma maníaca sexualmente frustrada.

Quer dizer, eu estou, mas mesmo assim.

“Desculpe, a Pressie é uma chata”, minha irmã diz para o Marcus. “Eu posso ser sua amiga.”

“Mimi!”

Ela levanta a mão. “Você está de castigo. Não fale comigo.”

Marcus reprime um sorriso.

“Você sabe patinar?”, ela pergunta.

“Um pouco”, ele responde, como o cara mais humilde que ele definitivamente não é.

“Posso te ensinar uns movimentos!” Ela sai patinando e gira. “Assim.”

“Acho que não sou tão elegante quanto você, Miley.”

“Tudo bem, você aprende. Vamos, me siga.”

Marcus começa a patinar em direção a ela, mas eu bloqueio seu caminho, ficando tão perto que nossos patins se tocam. Por um instante, a agitação e o barulho simplesmente desaparecem.

Puta merda. Eu não costumo me esquecer do mundo exterior quando estou com um ficante.

Será que Marcus é só um ficante mesmo?

Não rolou nada ultimamente, e ainda assim sinto como se a lava estivesse me incinerando viva no meio do gelo.

Talvez seja por causa da energia sexual reprimida.

Tem que ser.

Uma hipersexual incurável como eu geralmente não fica muito tempo sem transar.

"O que você está fazendo aqui?", sussurro em voz baixa.

"Patinando, igual a você."

"Quer que eu acredite que é coincidência termos vindo aqui ao mesmo tempo?"

Ele dá de ombros, mas não diz nada.

"Você estava me seguindo, Marcus?"

"Não faço ideia do que você está falando."

Meus lábios se curvam num rosnado, mas os forço a se fecharem numa linha porque me recuso a deixar que ele me domine como sempre.

Ele aperta meu suéter com o dedo indicador, o olhar escurecendo. "O que você está vestindo?"

Franzei a testa, olhando para meu suéter listrado verde e azul. "Roupas."

"Com o seu dinheiro, seria de se esperar que você pudesse comprar roupas de verdade." Ele estendeu a mão e a deslizou pela minha clavícula exposta, através da gola larga.

Minha pele arrepiou novamente, seu toque reacendendo aquelas sensações familiares de desejo e abandono. A sensação intensa se espalhou pela minha espinha e disparou direto para meus testículos pulsantes.

Flashbacks de tapas, puxões e estocadas invadiram minha mente como lava, me incinerando de dentro para fora. Eu quero... não, eu preciso disso de novo.

"É tamanho grande", resmunguei, tentando parecer irritada e nada constrangidamente excitada.

“É o que chamam de pele demais à mostra.”

“Minha clavícula não é um decote, caramba.”

“É muito pior.” O timbre áspero da sua voz, junto com seu toque aparentemente exploratório, mas firme, engrossa meu pau. “Você parece não ter

a mínima ideia de como você está incrivelmente erótica agora.”

O polegar dele pressiona a linha do meu pescoço, onde encontra a clavícula, e eu engulo em seco, com os ouvidos zumbindo.

Um lampejo de algo íntimo, ancestral e excitante escurece seus olhos enquanto ele me encara, sua voz baixando para um tom rouco. “Eu não gosto quando os outros olham para o que é meu, Preston. O que me pertence é só para os meus olhos, entendeu?”

“Você está agindo como se eu estivesse andando nua por aí”, sussurro. “É só uma maldita clavícula.”

Ele balança a cabeça uma vez. “É você toda.”

Aquela coisa estúpida e inexplicável acontece de novo no meu peito — uma espécie de movimento sem sentido que dificulta a respiração.

“Ei!” Miley patina até o nosso lado. “O que está demorando tanto?”

Todo o barulho do ambiente volta, áspero e estridente. O som dos patins no gelo, as risadas e a conversa sem fim.

Eu tinha me esquecido completamente de todas as pessoas ao nosso redor enquanto esse idiota me arrastava para a sua teia de loucura.

Eu o empurro e a mão dele sai da minha garganta, deixando um rastro de calor. “Eu te disse que somos estranhos em público. Vai embora.”

Seus olhos se estreitam ligeiramente, mas então ele sorri para Miley, que para ao nosso lado e me lança um olhar. "Quem disse que estou aqui por sua causa?"

"Vamos, deixe-me te ensinar." Minha irmã se vira com uma atitude maior do que seu pequeno corpo. "Não tenho o dia todo."

Marcus, o idiota, me lança um olhar fugaz e então pega a mão estendida dela. "Desculpe por tê-la feito esperar, princesa. Mostre o caminho."

Ela sorri e o arrasta para o meio, com suas asas esvoaçando atrás dela.

Será que esse imbecil vai mesmo me ignorar e fingir que está aqui por causa da Miley? Ele obviamente me perseguiu.

Fico parada, de braços cruzados, e sim, ele está totalmente envolvido com o que quer que ela esteja dizendo — imitando seus movimentos e tudo mais.

Desde quando ele tem paciência para crianças? Olha, eu adoro a Miley, mas ela é minha irmã, então isso é óbvio. Outras crianças, no entanto, deveriam ficar bem longe de mim.

Ela não é irmã do Marcus, e ele não tem a menor obrigação de mimá-la. Ele obviamente não tem muita empatia e, às vezes, não tem paciência nenhuma. Ele parece estar irritado com tudo o que eu faço ou digo ultimamente.

E mesmo assim, ele está tolerando a tagarelice constante da Miley, como se ela estivesse competindo para ver quem consegue falar mais rápido.

Eu franzo a testa quando ele sorri para ela, com uma expressão suave, e aquela dor crônica no meu peito se intensifica. Que droga?

É quase como se... eu tivesse ciúmes da minha irmã porque ele sorriu para ela como nunca sorri para mim.

Que se dane essa merda.

Isso não é verdade em hipótese alguma.

"Preston?"

Me viro de lado ao ouvir a voz irritante e familiar. E é ninguém menos que Dove... quer dizer, Daphne.

Sabe, aquela com quem o Kane está saindo e, aparentemente, não vai terminar tão cedo.

Enfim, ela escolheu a pior hora possível para aparecer, porque eu não a quero aqui enquanto o Marcus estiver.

De jeito nenhum.

E ela está usando um vestidinho de tricô bege com meias sexy.

É melhor ligar para o Kane para ele vir buscar a namorada o mais rápido possível.

"Quem é você mesmo?", pergunto no meu tom despreocupado de sempre, me posicionando de forma a bloquear a visão dela do Marcus dançando com a minha irmã no gelo.

“Muito engraçado. Ha. Ha”, ela debocha, franzindo a testa em seguida. “O que você está fazendo aqui?”

“Patinação, caso você tenha problemas de visão. Mais alguma pergunta, Dropbox?”

“É Dahlia! E Dropbox nem começa com D.”

“Isso mesmo. Estou te rebaixando.” Faço um gesto com a mão. “Agora, vaza, DoorDash. Vai escalar o Kane ou fazer o que vocês, crianças, fazem normalmente.”

“Ele vai me encontrar aqui.”

Droga.

Preciso pegar a Miley e sair daqui antes que o Kane apareça, ou ele vai ter um monte de perguntas para as quais não tenho respostas.

Perguntas que eu não quero ouvir, pensar ou processar.

Mas como eu pego a Miley sem que minha irmã fique falando de tudo ou sem que o Drácula perceba a presença inconfundível do Marcus?

“Não conseguiu escolher outro lugar para praticar sua religião peculiar de domar Davenport?” pergunto. “Aliás, onde está a Vee? Prefiro muito mais sua irmã do que você.”

“Bem, obrigada pelo voto de confiança.” Ela bufa. “E a Vi não gosta de

patinar;”

“Que droga.”

Violet, a irmã adotiva da Duquesa e a Bela Adormecida que Jude estava perseguindo, é uma das melhores coisas da minha vida ultimamente. Ela é carinhosa e gentil, e sinto uma familiaridade com ela.

E, claro, ela não namorou o Marcus. Ao contrário da irmã dela.

Dou uma olhada para trás, mas Marcus e Miley não estão onde os deixei.

Sinto um arrepio na pele, estática preenchendo meus ouvidos enquanto o pânico sobe pela minha garganta.

Não.

Miley… não.

Só desviei o olhar por um segundo, ela não poderia ter sido levada.

E se fosse ela? E se alguém a machucasse, e toda aquela minha história maluca se repetisse? E se—

“Pressie!” Um corpinho se choca contra minha perna, e ela agarra meu joelho com seus dedinhos. “Você precisa ver meus novos passos.”

Um alívio percorre minha garganta, e acho que Marcus percebe a expressão assustada que estou fazendo enquanto ele fica parado na minha frente, me observando atentamente com seu olhar curioso.

Mas então ele rapidamente olha para a direita e sorri. “Oi, Dahlia.”

Minha testa se franze. “E o que você está fazendo aqui?”

“Patinação.” Ele olha em volta. “Não é para isso que serve?”

“Sim, mas você normalmente não viria a um lugar como este.”

“Agora eu venho”, ele diz, me lançando um olhar furtivo, e eu engulo em seco.

“Você é tão bonita!” diz Miley. “Você é amiga da Pressie?”

“Não me menospreze, Mimi, eu não sou amiga da Darcy”, murmuro.

“É Dahlia.” Ela me encara, e Marcus reprime um sorriso. O idiota está gostando demais disso.

Dana sorri enquanto se abaixa até a altura dos olhos de Miley. “Obrigada. Você também é muito bonita. Adorei as asas.”

“Eu sou uma princesa!” Ela patina em direção a Miley e gira. “Meu nome é Miley.”

“Prazer em conhecê-la, Miley. Eu sou Dahlia.”

“Gostou das flores?”

“Isso mesmo.”

“Vá embora”, digo sem emitir som enquanto Marcus continua me encarando durante toda a conversa, seus olhos enigmáticos me perfurando.

Como se… ele pudesse me ler.

Bobagem. Ninguém consegue. Nem mesmo meu cérebro ou o Dr. Duret, que esteve comigo praticamente a vida toda, conseguem fazer isso.

"Você está aqui sozinha, Dahlia?" ele pergunta enquanto ela se levanta.

"Não, estou me encontrando com o Kane."

"E eu pensando que poderíamos reacender a chama antiga." Ele agarra o peito, fingindo ter sido esfaqueado no coração.

Esse filho da puta está cansado de viver?

Devo estar lançando raios laser pelos olhos, porque Delta engole em seco e até recua um pouco.

Ótimo. Pelo menos alguém por aqui tem medo de mim.

Ela pigarreia. "Do que você está falando? Não houve nenhuma faísca."

"Não?" Ele bate o indicador no queixo. "Tenho quase certeza de que nos divertimos muito."

"Só ficamos juntos por umas duas semanas."

“Duas semanas são suficientes”, ele diz com tanta naturalidade que eu quase soquei a cara dele.

Como ele ousa falar assim da ex dele na minha frente?

A carranca de Destiny se aprofunda a cada segundo. “Suficiente para quê?”

“Suficiente para apagar alguém da minha vida.” Forço um sorriso ameaçador. “Na verdade, dois dias já bastariam.”

Os lábios de Marcus se curvam num sorriso cruel. “Você me apagaria da minha vida?”

“Eu te enterraria vivo.”

“É mesmo?”

“Ei”, diz Danika num tom conciliador, e depois sussurra: “Tem uma criança aqui. Vocês podem deixar essa guerra de testosterona para depois?”

“Mas não tem depois, né?” Marcus bagunça o cabelo de Miley. “Até mais, princesa.”

Ela se ilumina. “Até mais! Vou te ensinar um monte de coisas da próxima vez.”

Ele sorri para ela mais uma vez, depois se vira e vai embora.

Seus ombros parecem mais largos que o normal enquanto ele patina, se misturando com os outros patinadores. Ele não olha para trás, nem uma vez sequer.

E eu não sei por que continuo olhando, esperando que ele olhe.

Torcendo para que ele olhe.

"Bem, isso foi estranho", diz Daria, mas mal consigo ouvi-la porque estou concentrada em Marcus.

Seu corpo grande desaparece na multidão rápido demais.

O que diabos eu disse agora?

"Ameacei-o", sussurra a voz na minha cabeça.

Mas eu faço isso o tempo todo. Que droga? Desde quando ele se tornou tão sensível?

"Ei, Pressie." Miley puxa minha calça jeans.

"Sim?" Olho para ela, ainda distraída.

"Posso me casar com ele?"

"Nem pensar", rosno enquanto Demi cai na gargalhada.

É, podem rir à vontade. Pelo visto, minha vida é uma piada.

O cara de quem não consigo me afastar está me dando sinais contraditórios, e minha irmã de sete anos aparentemente quer casar com o desgraçado.

Me mata.

24

MARCUS

Aceno para o resto da equipe no estacionamento da arena.

Temos um jogo importante amanhã e, embora tenhamos treinado bastante esta manhã, eu queria fazer um treino leve esta noite.

Preciso que eles estejam em ótima forma para o jogo e não tolerarei nenhum erro. Conseguimos chegar ao topo, empatando com os Vipers, e não permitirei que eles nos tirem o campeonato.

A chuva encharca minha jaqueta em segundos enquanto subo na minha bicicleta, com a mochila presa ao peito.

Vou ter que mandar uma mensagem para o time e garantir que eles estejam descansando esta noite e longe de bares. Normalmente eles não iriam, e o Richardson, que divide o quarto com dois dos nossos outros titulares, disse que vai se certificar de que eles não se metam em confusão.

Mas eu não gosto de delegar minhas responsabilidades para os outros, então todos eles vão ouvir falar de mim mais tarde.

Alguns diriam que isso é mania de controle, e provavelmente é mesmo. Eu simplesmente nunca me contentei com a mediocridade, tentativas meia-boca e assuntos inacabados.

Em vez de ir direto para casa, vou dar uma volta de bicicleta.

Tem algo especial em ser encharcado pela chuva enquanto a bicicleta corta a noite como uma bala.

Sei que alguns dos meus colegas do clube de ciclismo não gostam de pedalar na chuva, mas é um dos meus momentos favoritos. As gotas de água no meu capacete, o chiado dos pneus nas poças.

O vazio.

É provavelmente o vazio que mais gosto. Significa menos gente na estrada e mais tempo para pensar e respirar o doce cheiro úmido da terra.

É por isso que meus amigos ciclistas não gostam. Muitos deles só querem se exibir, e outros ficam nervosos com a possibilidade de escorregar e sofrer um acidente inesperado.

Embora chamá-los de amigos seja um exagero. Eu nunca tive amigos. Conhecidos, sim. Amigos, não. Me dou bem com todo mundo, principalmente porque isso me será útil um dia. Mas no momento em que alguém me contraria ou me irrita minimamente, eu me afasto dessa pessoa num piscar de olhos.

Tenho zero tolerância para qualquer coisa que não me agrade, e todos ao meu redor sabem disso. Todos sabem que não devem me irritar.

Todos, exceto Preston.

Ele continua testando minha paciência, dizendo ou fazendo algo que me tira do sério.

Ele não só se recusa a seguir as regras como todo mundo, como também fica testando até onde pode ir antes que minha paciência se rompa.

Ele me ameaça. Me rejeita. Responde sem hesitar. E tudo isso aconteceu em um único encontro — aquele na pista de patinação pública, quatro dias atrás.

Aquele que eu sabia que ele escolheria, porque talvez eu o tivesse seguido pela cidade enquanto ele fazia compras com a irmã mais nova.

Era um Preston que eu nunca tinha visto antes. Acolhedor, atencioso e sorrindo sem pensar.

Ele pairava sobre Miley como um escudo, constantemente observando os arredores como se esperasse que alguém a levasse embora.

Eu não tinha planejado me revelar naquele dia, mas ele parecia uma tentação irresistível. Um doce esperando para ser desembrulhado. E quando notei algumas garotas o observando com interesse, o instinto falou mais alto.

Eu marquei presença.

Não saiu como planejado, já que ele estava muito mais focado em me obrigar a ir embora.

E eu fui, assim que soube que Kane estava chegando. Preston parecia prestes a se transformar no outro Preston. Aquele que se isola completamente, se tornando um fantasma de si mesmo.

E eu não queria desencadear isso estando lá quando Kane aparecesse.

Esse não deveria ser o meu problema. Normalmente não sou acusada de ser altruísta ou de colocar os outros em primeiro lugar, então o estado de Preston não deveria importar.

Meu plano era encurralá-lo e lembrá-lo exatamente a quem ele pertence. A

presença ou não de Kane não deveria ter mudado meu curso de ação, mas mudou.

Tenho consciência suficiente para perceber que a balança do poder está pendendo para o lado de Preston.

Ele é impaciente, vulgar e usa o humor como arma. Sem mencionar que ele fica me testando e me pressionando porque eu permito.

Ao contrário de todos os outros, eu não tenho zero por cento de tolerância para Preston. A porcentagem real é assustadoramente maior.

Mas a verdade é que estou chegando ao meu limite.

Não posso simplesmente deixar que ele se saia impune com as besteiras que faz. Eu não sou tão boazinha. Nunca fui e nunca serei.

Depois da pista de patinação, eu o ignorei. Não porque ele não tenha mandado mensagem primeiro — ele mandou —, mas porque ele estava desconversando como sempre, recorrendo àquela impaciência deplorável dele.

PRESTON

Miley não para de falar de você. Está me causando uma intoxicação auditiva incômoda, e vou te responsabilizar por isso.

Alô?

A loja de idiotas ligou para pedir mais de você.

Se você continuar me ignorando, vou te apresentar ao meu amigo — trauma por objeto contundente.

Tudo bem. Vamos fingir que você não está lendo essas mensagens assim que eu as envio. Nós dois sabemos que você não consegue ficar longe de mim, Marcus. Vamos ver quanto tempo você aguenta antes de estar de joelhos, onde é o seu lugar.

O idiota sabe exatamente o quanto sou viciada nele. É por isso que ele continua fazendo esse tipo de coisa sem parar. Ele sabe muito bem que eu não vou largá-lo.

Mas eu ainda posso puni-lo.

Ele anda irritadiço ultimamente. Eu sei porque talvez eu o tenha seguido ontem depois da aula. O quê? Eu nunca disse que ia me punir — e ficar muito tempo sem ver o rosto dele certamente é uma punição.

Digamos que Preston está encarando a punição exatamente como eu esperaria que ele encarasse: dramaticamente.

Ele estava fazendo birra, reclamando e brigando com Jude só porque ele errou o pedido de café.

"Juuude!" ele gritou enquanto iam para o carro. "Eu disse latte? Tenho quase certeza de que disse Americano com três doses. Preto. Igual à sua alma."

"Você não precisa de três doses", Jude o dispensou, mexendo no celular. "Uma já basta."

“Ah, lá vamos nós. O doutor Jude pegou os hábitos irritantes do irmão e agora está prescrevendo limites de cafeína. É SÓ uma dose. Uma! O que eu faço com isso... essa... água com sabor de café?”

“Beba.”

Ele tomou um gole e fez uma careta dramática. “Só para você saber, isso é um crime contra a humanidade.”

“Você está sendo dramático.”

“Dramático? Eu? Você que errou. Eu te dou uma tarefa. Uma. Trazer café. Não resolver a fome no mundo. Não desenvolver uma alma da noite para o dia. Só café.”

Jude soltou um suspiro exasperado como se já estivesse acostumado com isso, e eu, por algum motivo, não gostei. “Eu acerto seu pedido dia sim, dia não. Não é problema meu que você tenha mudado hoje. Se continuar reclamando, eu te dou um chute.”

“Tenta a sorte, grandalhão. Vou te enterrar a três metros de profundidade.”

“São dois metros, idiota.”

“Três para você. Assim ninguém nunca encontra seu pobre corpinho.”

Contive um sorriso, porque, sinceramente, ele pode ser o rabugento mais adorável, o que é estranho, já que ele geralmente é alegre. Pelo menos, essa é a imagem que ele projeta no campus e na liga.

Preston, o príncipe. Preston, que tem a personalidade de um santo, quando, na verdade, é a pessoa mais exigente que já conheci.

Não sei o que fazer para que ele se comporte. Porque ele tem razão. Só consigo ficar sem ele por um certo tempo antes de sentir que estou me punindo em vez de puni-lo.

Volto correndo para casa enquanto a chuva cai com mais força, enchendo as ruas de Stantonville de poças.

As luzes da vizinhança estão quase todas quebradas, e apenas o farol do meu carro me oferece um alívio da escuridão.

Uma figura alta e escura cruza meu caminho quando estou prestes a parar. Piso no freio bruscamente enquanto meus olhos se ajustam à luz.

Quem diabos...?

Espere.

A chuva cai no asfalto em finos fios prateados, capturando o feixe do meu farol e iluminando a sombra de um corpo que conheço tão bem. Um corpo que aprendi de cor. Um corpo que venho memorizando apesar de mim mesma.

Preston.

Meus lábios tremem e, por um segundo, parece que a noite inteira está desabando. Desligo o motor, o silêncio repentino tão cortante que parece respirar sob minha pele enquanto encaro o ser mítico parado bem no centro da luz, encharcado até os ossos.

Preston parece etéreo.

Tão bonito e distante e… estranhamente frágil de uma forma que quebra algo dentro de mim.

Uma sensação tão estranha que me faz apertar ainda mais o guidão.

Seu casaco de cashmere pende dos ombros, o tecido colado aos músculos definidos, pingando sem parar. A camisa por baixo está encharcada, grudada no peito, quase transparente. A discreta tatuagem de fratura no esterno brilha a cada gota de chuva. Seu cabelo está escuro e grudado na testa em mechas molhadas, a água escorrendo pelo rosto em filetes.

Mas seus olhos — aqueles olhos verdes de fada — brilham intensamente, até demais. Intensos de um jeito que não consigo decifrar.

Imóvel demais.

Silencioso demais.

Tiro o capacete, a água escorrendo pelo couro da minha jaqueta, e ele não se mexe nem pisca. Fica ali parado no feixe de luz, como se quase não estivesse ali.

Como se eu estivesse encarando um homem feito de fumaça. Tenho receio de que, se eu o tocar de repente, ele desapareça.

"O que você está fazendo aqui?", pergunto, minha voz firme e alta no silêncio.

Nada.

Nem uma palavra.

Por um segundo, penso que seja o fantasma de Preston. Aquele que desaparece em algum lugar que eu não consigo alcançar.

"Não era aqui que você queria que eu estivesse?", ele sussurra, a voz baixa e rouca.

Inspiro fundo uma vez, lentamente. "Eu nunca quis você na maldita chuva."

"Pois bem. Foi aí que você me encontrou."

O vento corta o ar e ele treme tanto que consigo ouvir o estalo dos seus dentes. Minha garganta se fecha quando uma onda de calor me sobe pelo peito.

"Há quanto tempo você está parado aqui fora, Preston?"

"Não sei."

"Você não sabe?"

Ele dá de ombros, num gesto que parece mais uma rendição. "Primeiro fui até a arena, mas seu time estava lá, então achei melhor esperar aqui."

"Você está aqui há horas, caramba?" As palavras saem da minha boca com

mais força do que eu pretendia. Porque, afinal, por que diabos ele se congelaria aqui fora como um idiota irresponsável? Ele tem um jogo amanhã, pelo amor de Deus.

Ele me encara. Aquele desgraçado me encara mesmo. "Foi você que não respondeu minhas mensagens. A culpa é sua."

"Minha culpa?"

“É, então você precisa compensar isso comigo.”

“O quê?”

Ele se aproxima, a chuva escorrendo pelo queixo. “Cala a boca por um segundo.”

Sua voz treme, mas sua mão não, enquanto ele agarra a lapela da minha jaqueta, seus dedos frios apertando o couro, repousando contra minha clavícula.

Antes que eu consiga entender o que diabos ele está fazendo, Preston me puxa para perto e me beija.

Com força.

Desesperadamente.

Como se ele tivesse vindo aqui para se afogar e decidido me arrastar para o fundo com ele.

Seu beijo é intenso, chocante, sem nenhuma suavidade escondida por baixo. Ele tem gosto de chuva, amargura e algo quente e primitivo. Algo tão cru que não consigo definir.

Seus lábios estão frios, quase dormentes, mas ele invade meu espaço com uma espécie de desespero que me rouba o fôlego. Como se estivesse morrendo e precisasse dar sua última tragada de ar através de mim.

Há algo desinibido no jeito que Preston beija. É meio inocente, sem prática, mas cheio de energia visceral, como se ele nunca tivesse beijado antes.

Ou talvez ele nunca tenha beijado assim.

Grunhi ao pensar nisso, e um arrepio percorreu minha espinha.

Agarrei seus cabelos molhados com a mão e puxei sua cabeça para trás, enfiando minha língua em sua garganta. Um gemido baixo escapou dele e atingiu meu peito tenso.

Porra.

Puta merda.

Porra.

Acho que eu poderia beijá-lo assim pela eternidade.

Preston aperta minha jaqueta com mais força, tentando me puxar para mais perto, apesar de tremer tanto que mal consegue ficar em pé. A chuva escorre entre nossas bocas, sua respiração quente contra o ar frio da noite, vapor subindo de nossa pele onde nos tocamos.

"Marcus—" ele diz, com a voz embargada.

Eu o interrompo com outro beijo enquanto ele geme na minha boca. Desta vez é mais profundo, abafando o que quer que ele estivesse prestes a dizer.

É melhor que ele fique quieto. Ele só me irrita quando fala, e eu não quero lidar com isso esta noite.

Minha outra mão desliza para a nuca dele, a pele fria reluzindo quente sob a minha palma. Consigo sentir seu pulso frenético e irregular ali, como se seu corpo não conseguisse conter o que quer que esteja acontecendo entre nós.

“Porra”, sussurro contra seus lábios, minha testa encostando na dele. “Você não pode simplesmente continuar me beijando até me conquistar.”

“Posso tentar”, ele sussurra, quase inaudível, enquanto roça seus lábios frios nos meus, me encurralando exatamente onde quer.

“Achei que você não gostasse de me beijar.”

Seus olhos sonolentos se voltam para meus lábios. “Talvez eu tenha mentido.”

“Puta merda”, rosno no fundo da minha garganta. “Eu deveria estar brava com você.”

“Você está”, ele murmura, seus dedos cravando na minha garganta. “É por isso que é… bom. Você faz parecer bom.”

Algo dentro de mim se quebra.

Chamo isso de complicação Preston, mas, na verdade, talvez eu seja a complicada.

Porque, enquanto o encaro com seus olhos suaves, sei que deixaria esse idiota ter o que ele quisesse.

Minha sanidade inclusive.

“Você sabe o que está dizendo, Preston?” As palavras escapam da minha garganta, tensas e incontroláveis.

Ele roça os lábios nos meus novamente, um único sopro, um calor que inunda a chuva fria e úmida. “Hum.”

“Ah, meu bem. Você está realmente ferrada.”

Preston me pressiona contra ele enquanto sussurra: “Talvez esteja mesmo.”

Talvez seja verdade.

Talvez eu esteja dirigindo por uma estrada escura sem faróis.

Mas se eu puder bater nele, vale a pena.

Depois desta noite, Preston será completamente, categoricamente e inegavelmente meu.

25

PRESTON

Se alguém me perguntar como diabos eu vim parar aqui, eu não saberia responder.

Simplesmente aconteceu.

A culpa é do meu cérebro.

Da minha inexistente sanidade.

E desse idiota de homem a quem eu simplesmente não consigo resistir.

Não faço a mínima ideia de como fomos parar no quarto dele, porque ele estava me beijando sem parar, devorando meu rosto, puxando meu cabelo, me ajudando a tirar as roupas molhadas.

Elas estavam espalhadas pelas escadas enquanto ele me empurrava e me pressionava contra a parede, me tocando em todos os lugares, beijando onde seus lábios alcançavam até eu estar tremendo.

Mas, caramba! Eu achava que era intensa, e sou mesmo. Você devia me ver quando mato. Até o Jude diz que eu me transformo numa pessoa maníaca, sem a menor noção de controle. Mas isso é fichinha comparado à força da natureza que é Marcus Osborn.

Ele não só me beija, parece estar numa missão para me possuir, seus dedos cravando no meu queixo ou se agarrando aos meus cabelos, sua língua não só lutando com a minha, mas também a domando.

Suas mãos não só tiram minhas roupas, elas me despem completamente enquanto ele as enfia na essência da minha alma, brincando, se contorcendo, à beira de expor minhas entranhas bem aos seus pés.

Só quando ele me empurra para a cama, meu pau duro apontando para o teto,

é que percebo que estou completamente nu e ele ainda está de calça jeans e uma camisa branca úmida que gruda em seus músculos definidos.

Me apoio nos cotovelos enquanto ele me observa desabotoando a calça jeans, sua respiração ofegante e rouca no silêncio, interrompido apenas pela chuva torrencial lá fora.

Seus cabelos escuros e úmidos caem em mechas desalinhadas sobre a testa, de tanto que puxei e passei os dedos por eles.

"Sabe como você está agora?" Suas palavras sussurradas me fazem estremecer, e preciso desviar o olhar da calça jeans para o seu rosto.

"Não diga que estou bonito", resmungo, sentindo aquele aperto familiar revirar meu estômago.

Ele inclina a cabeça para o lado. "Por que não?"

"Eu só não quero ouvir", sussurro. "Agora não."

Tenho medo de que, se ele disser isso enquanto me olha com aqueles olhos escuros e famintos, eu seja transportada de volta para aquela sala estrelada onde eu não conseguia respirar.

A ideia me causa uma onda de náusea.

"Hum" é o único som que ele emite enquanto tira a camisa e a joga para algum lugar atrás de si.

Então, observo com a respiração ofegante enquanto ele abaixa as calças jeans e a cueca de uma vez só, chutando-as para longe e ficando completamente nu na minha frente.

É impressionante como ele se despe sem hesitar, como se nunca tivesse precisado esconder absolutamente nada na vida.

É injusto.

O que é ainda mais injusto é... o quão esculpido ele é. Já toquei no Marcus inúmeras vezes, principalmente por trás, e tenho uma noção dos seus músculos definidos e do seu físico firme.

Mas sentir e ver são mundos à parte, porque, puta merda, como um homem pode ser tão... bonito?

Ele é um homem, eu repreendo meu próprio cérebro enquanto estou prestes a babar por ele. Não há curvas suaves, seios fartos ou qualquer coisa que normalmente me atraia.

Meus olhos se concentram apenas nos músculos definidos, no abdômen sarado, na cintura esculpida e nas coxas grossas e musculosas.

E percebo que esta é basicamente a primeira vez que o vejo nu. Eu só tinha visto a bunda dele e o pau, que agora está duro e apontando na minha direção.

No entanto, é o resto dele que me deixa sem fôlego.

Mais especificamente, as tatuagens.

Sim, no plural.

A corrente que vi de relance começa no pescoço, um brilho de tinta metálica serpenteando pelo peito, descendo pelas costelas e abdômen, terminando abruptamente na virilha. Bem no meio do seu abdômen definido, a corrente termina com uma flecha apontando diretamente para o seu pênis.

É uma tatuagem extremamente sexy.

Minha atenção é atraída por outra grande tatuagem na coxa esquerda — aquela que costumo ver no vestiário, mas não completamente.

É uma adaga fina, profundamente cravada em uma margarida em plena floração. E me pergunto: por que uma margarida?

Mas isso não importa.

O importante é o estado do meu pau, que está tremendo feito um pirralho rebelde desde que comecei a assistir ao Marcus.

Ele é a personificação do homem. Masculino, robusto e com tatuagens. Cada centímetro dele é uma história que eu não deveria querer ler. E eu odeio querer.

"Já terminou de me babar?" O tom grave da voz dele me traz de volta àquele sorriso malicioso que curvava o canto da sua boca linda.

"Não estou te babando."

Ele toca o canto dos lábios. "Talvez você queira limpar isso. Você está babando, querido."

Levo a mão à boca, com a intenção de sangrar o desgraçado até a última gota por me envergonhar, mas não encontro nada. Minha mão cai enquanto eu encaro o Marcus, e ele simplesmente cai na gargalhada.

O som é suave, mas profundo, como um estrondo nas profundezas mais escuras da minha alma despedaçada.

Mas não consigo me concentrar nisso enquanto ele se aproxima, diminuindo a distância centímetro por centímetro, numa agonia constante. "Sabe o que vai acontecer agora, meu príncipe?"

Permaneço em silêncio, sem saber o que dizer, sentindo-me completamente deslocado, mas também distraído por seu glorioso corpo nu enquanto ele abre a gaveta ao lado da cama.

Isso não é normal.

É apenas um corpo. O corpo de um homem. Já vi inúmeros deles.

E, no entanto, nenhum deles fez meu pau vazar como agora. O líquido pré-ejaculatório transparente escorre como uma lágrima por todo o seu comprimento.

Marcus pega um tubo da sua mesa de cabeceira, e uma espécie de fogo estranho se acende no meu estômago.

“Não sei”, digo, estreitando os olhos. “Mas com certeza você não vai fazer o

que quer comigo no mesmo lugar onde transou com outras.”

Um sorriso malicioso curva seus lábios.

“Não estou brincando.” Começo a me levantar. “De qualquer forma, estou entediada. Estou indo embora—”

As palavras mal saem da minha boca quando ele me joga de volta no chão com um empurrão no peito, tirando todo o ar dos meus pulmões.

E, aparentemente, ser tratada como uma vadia faz meu pau pulsar. A pequena masoquista se apresenta para o serviço ficando toda excitada, apontando na direção de Marcus.

Mas como ele está pairando, com a barriga longe, não consigo a fricção que meu pau tanto deseja.

“Você não pode ir e vir quando quiser, Preston.” Sua voz escureceu, seus olhos ficaram quase negros. “Não vai ser assim.”

“Eu posso fazer o que eu quiser. E decidi que não vou fazer isso na mesma cama em que você transou com outras.” Empurro seu peito com as duas mãos, fazendo-o cambalear. “Agora, me deixa em paz.”

Ele agarra meus dois pulsos e os bate com força no travesseiro acima da minha cabeça, seus músculos se contraindo e se apertando. “Se você está com ciúmes, diga logo.”

“Quem você pensa que é para eu ter ciúmes de você?”

“Não é isso que está acontecendo aqui? Você está obviamente tão excitado que está se molhando todo. Você quer isso tanto quanto eu. Mas a ideia de você ser apenas mais uma das minhas conquistas te irrita. É como uma facada no seu orgulho sem sentido.” A boca dele paira a poucos centímetros da minha até que eu sinta o gosto das suas palavras. “E se eu te dissesse que não tem mais ninguém nessa cama?”

“Sério?”

“Sério. Eu não transo na casa da minha mãe. Isso é inaceitável.” Ele deposita um beijo suave na curva do meu pescoço, depois morde com força, e eu gemo profundamente. “Da próxima vez, em vez de fazer birra”, ele diz enquanto beija meu pescoço e peito, depois lambe meu mamilo, “me diga exatamente como você se sente.”

Seus dentes se fecham na ponta dura do meu pau, e eu solto um grunhido profundo, meu pau tremendo loucamente. Puta merda, será que vou gozar como um adolescente?

"Está claro?" Seus olhos encontram os meus, seu queixo com barba por fazer arranhando meu mamilo sensível.

"Hã?" Eu murmuro, porque, na verdade, estou lutando para respirar. Não espere que eu preste atenção.

"Eu disse." Ele mordisca meu outro mamilo, depois morde com força. "Você vai se comunicar direito em vez de fazer birra."

Eu me contraio, minha coluna arqueando enquanto a faísca de dor e prazer alonga meu pau. A provocação implacável está deixando minha pele tão sensível, e quando ele lambe meu mamilo atacado, eu gemo como uma puta.

Jesus Cristo.

Preciso parar com isso e correr para bem longe. Nunca mais olhar para trás.

Mudar de país. De nome. Tentar impedir o que quer que Marcus esteja fazendo comigo —

Ele mordisca a tatuagem no centro do meu peito, e parece que está me abrindo, os dedos ensanguentados puxando minhas entranhas como se fossem fios de marionete.

Só solto um suspiro quando ele lambe meu abdômen, que se contrai e se aperta. Meu estômago revira enquanto arrepios cobrem o rastro úmido que ele deixa.

“Responda-me, meu príncipe.” Ele para tão perto da ponta roxa do meu pau, soltando meus pulsos para segurar meu quadril, o dedo cravando na glande como se estivesse esmagando-a.

“Tudo bem”, digo, sem ter muita certeza do que estou concordando, porque sua boca perversa está tão perto e eu preciso desse calor úmido.

“Que bom garoto”, ele ronrona enquanto me guia. E é uma guia mesmo, porque eu não faço nada. Não sei o que fazer e prefiro deixar que ele cuide disso.

Mordo meu lábio inferior quando percebo que eu… o quê? Confio nele com meu corpo?

A resposta me vem quando ele abre minhas pernas, se acomodando entre elas e colocando lubrificante na palma da mão.

Sim. Com certeza.

“Deixe-me deixar esse buraco bem molhado.” Ele enfia dois dedos em mim enquanto segura meu pau com a mão e chupa a ponta.

Jogo a cabeça para trás, um grunhido baixo escapando de mim. “Porra… sim… mais…”

Meu cu se contrai em volta dos dedos dele, o acolhendo como todas as outras vezes que ele fez isso. Meu corpo cede, se entregando à sensação com tanta facilidade que eu deveria me sentir ofendido.

Ele me tira da boca. "Você gosta dos meus lábios em volta do seu pau grosso, querido?"

Eu engulo em seco, porque por que diabos ele tem que falar assim? Essa boca suja dele está me enlouquecendo.

Marcus enfia os dedos dentro de mim até ficar desconfortável, e faíscas de

dor percorrem meu corpo, mas meu pau safado, naturalmente, gosta, considerando o líquido pré-ejaculatório brilhante.

"Responda, Preston." Ele acrescenta outro dedo, me esticando tanto que eu gemo. "Você gosta da minha boca em volta do seu pau?"

"Não me importo."

"Se você não se importa." Ele enfia os dedos. "Vou presumir que você não precisa que eu te faça um boquete nunca mais."

Esse filho da puta—

Meu corpo estremece quando ele enfia os dedos mais fundo, causando-me desconforto. É um castigo, percebo, enquanto seus olhos escuros encontram os meus. Esse idiota é o filho da puta mais mesquinho que já existiu.

Se eu não disser o que ele quer, ele vai continuar me torturando.

Embora eu goste de ficar na beira do orgasmo, acho que não consigo aguentar esta noite, não quando meu pau está prestes a explodir.

"Eu gosto", sussurro, sentindo meu rosto esquentar. É melhor eu não ficar vermelho, ou minha pele e eu teremos sérios problemas.

"Porra", ele murmura no fundo da garganta, seus dedos parando enquanto ele deposita um beijo no meu pau. "Diga isso de novo."

"Nem pensar. Não insista."

Ele dá uma risadinha, o som fazendo minha espinha vibrar e meu pau pulsar enquanto ele o lambe. "Você consegue ser tão cativante para um babaca."

"Ei, quem você está chamando de babaca?"

"Você, meu bem. Você é o babaca mais irritante e irresistível que eu já conheci."

Antes que eu possa xingá-lo, ele me enfia até o fundo da garganta.

"Porra..." Eu respiro, meus olhos revirando. "Caramba... Hum..."

O ataque duplo de seus dedos e sua boca me causa um arrepio desconhecido. Vou gozar e pintá-lo com meu esperma.

Ele se afasta antes que eu possa fazer isso.

"Por quê...?" Eu gemo, meio frustrado, meio afogado em excitação.

“Você só vai gozar com meu pau bem fundo no seu cu, gata.” Ele tira os dedos de mim e eu engulo em seco enquanto ele espalha lubrificante no pau, encharcando-o, e depois o masturba uma vez. “Você tem ideia de como eu morri de vontade de te foder?”

Meu coração dispara quando sua mão fria e lubrificada afasta minhas coxas. “Isso mesmo. Abra mais para mim.”

“Espera…” Eu me levanto parcialmente, colocando a mão no centro do seu peito musculoso — embora “mão” seja um exagero, já que apenas as pontas dos meus dedos tocam sua pele quente.

Tenho medo de que, se eu colocar a palma da mão toda, ele sinta o quanto estou tremendo.

Ele permanece imóvel com o pau roçando minha entrada, quase entrando, o lubrificante sujando os lençóis.

Os músculos de Marcus estão tensos, mas ele não se move. "Quer que eu pare?"

Meus lábios tremem e eu os fecho com força.

"Diga as palavras, Preston." Sua voz é firme. "Diga para eu parar ou use sua palavra de segurança."

"Eu só..." Minha voz falha, porque não, eu não quero que ele pare, mas estou sendo sufocada pelas palavras.

Um sentimento primitivo está me dominando, e tenho medo de que, se eu continuar falando, minha voz me traia.

"O quê?" Ele parece um pouco impaciente enquanto seu pau pulsa, a ponta esticando meu orifício. "Você só está o quê, Preston? Seu pau está duro pra caralho para mim, e seu orifício está praticamente me engolindo, então, se você não quer que eu te foda, diga. Chega de 'não me importo', de se fazer de difícil ou de mandar sinais contraditórios. Diga que você não quer."

“Não é isso. Eu… nunca…” Paro de falar, porque minha voz está muito embargada, e me sinto tão fora de mim, tão diferente de mim mesma, que dá vontade de me matar.

Mas seja lá o que Marcus veja no meu rosto, ele solta um suspiro, mesmo que seus ombros ainda estejam um pouco tensos. “Você nunca fez isso antes? É isso que você está tentando dizer?”

Aceno com a cabeça uma vez, e ele solta um longo suspiro. Não de impaciência, mas mais como se também estivesse tenso. Aliás, ele tem um olhar sombrio. Quase como se… estivesse possuído.

“Pense nisso como só mais uma transa. Você transa o tempo todo, não é?”

“Não com um homem. Não… assim. Eu não sou gay. Eu não posso ser…” Odeio o quão vulnerável eu soo, tão fraca e perdida e como uma idiota completa —

“Ei…” Ele me dá um beijo na bochecha, e percebo que uma lágrima escorreu e seus lábios a engoliram.

Alguém me mate. Agora, e obrigada.

De onde diabos veio isso?

“Você acha que eu vou te machucar?” ele sussurra perto do meu rosto, a ternura em seu tom me despedaçando aos poucos.

“Não, eu gosto da dor”, murmuro de volta. “Você pode me f-foder por trás?”

“Por quê?”

“Eu não quero que você me veja assim.”

“Mas eu quero.” Ele move os quadris, e minha vagina se contrai instintivamente.

“Por que você faria isso?”

“Porque é você, meu bem.” Ele beija meus olhos, meu nariz, minha boca enquanto a ponta do seu pau desliza completamente para dentro.

A pressão é uma coisa, mas o jeito como relaxei e o deixei entrar quase me desfaz.

Puta merda, ele está me enfeitiçando.

Será que ele é um bruxo?

"Isso mesmo, garoto", ele grunhe profundamente, as palavras lentas acariciando minha pele. "Relaxa para mim."

Ele dá um empurrão com os quadris, se aprofundando alguns centímetros, e então para.

Uma gota de suor cai na minha bochecha como uma lágrima enquanto ele se mantém firme sobre mim, os braços emoldurando meu rosto enquanto continua pairando.

Para não me esmagar?

Acho que gozo um pouco contra a barriga dele que está apertando meu pau dolorido.

"Porra, você é tão apertado, meu bem." Ele me penetra mais um pouco, a voz rouca. "Tão quente e apertadinho."

Arde. Arde como o inferno a cada movimento dele. Marcus é realmente enorme, quase desumano, e seus três dedos parecem brincadeira de criança comparados ao seu pau grosso de verdade.

Mas eu gosto. Das faíscas de dor, da ardência, do jeito que ele também parece estar lutando pela vida.

"Relaxa um pouco." Ele puxa meu lábio inferior com os dentes. "Você vai cortar meu pau fora."

"Como..." Eu engulo em seco. "Como eu faço isso?"

"Ah, porra, querido. Só... se entregue e me deixe entrar, tá?" Ele penetra de novo, me dando mais alguns centímetros. "Assim, mmm, bom garoto."

O elogio me arrepia e meu pau pulsa. "Por que... por que você sempre me chama assim?"

"Te chamar de quê?"

"Bom garoto. Sou alguns meses mais velho que você."

"Você odeia?"

"Não, eu g-gosto."

"Sim?"

“Hum… Adoro os elogios.” Engulo em seco. “Vai com tudo.”

“Não. Vai doer.”

“Mas eu quero.” É a minha vez de morder o lábio dele enquanto aperto seus cabelos. “Faça o que eu mando. Faça doer.”

“Jesus Cristo.” Ele dá um empurrão forte com os quadris e se enterra tão fundo que solto um gemido áspero.

Puta merda.

Enquanto uma dor aguda percorre minha bunda e lombar, uma onda de prazer desconhecido me domina.

Acho que gozei um pouco.

“Caramba, amor, você está toda molhada na minha barriga. Hum.” Ele puxa meu cabelo. “Você gosta do meu pau dentro de você?”

“Sim…”

“Sim?”

“Isso…” Acaricio sua bochecha, sem me importar que minha mão esteja tremendo. “É bom.”

“Caramba”, ele sussurra baixinho. “Vou te foder agora, amor. Não consigo me controlar.”

“Tá bom.”

“Droga.” Ele geme enquanto começa a se mover, o olhar fixo em mim o tempo todo, como se precisasse me decifrar.

Como se não prender meu olhar o impedisse de se mover.

Aquela sensação familiar de transbordamento me atinge novamente a cada uma de suas estocadas superficiais.

“Seu buraco está se esticando tão bem para mim, querida.” Ele deposita um beijo na ponta do meu nariz. “Você está recebendo meu pau como um bom menino.”

Eu gemo, vibrando de desejo, aquela sensação de afogamento me atingindo em cheio, mas em vez de cair no abismo da minha própria mente, estou caindo nele.

Suas estocadas se tornam mais longas, mais profundas, e eu estou ofegante, soltando suspiros entre os lábios que ele beija, roçando os seus por todo o meu rosto e pescoço. Sua boca demora no meu pulso, depois roça meu queixo.

É quase como se ele não se cansasse de mim.

Disso.

"Seu orifício apertado está tão molhado e escorregadio." Um gemido baixo e primitivo ressoa em sua garganta. "Você está se esticando para o meu pau, é, querida?"

"É... grande..." Eu respiro fundo. "Não sei nem como você cabe aqui."

Ele ri baixinho e a risada falha, porque, assim como eu, ele está tão sintonizado com isso que mal consegue falar.

"Sempre encontrarei um jeito de entrar em você ou de chegar até você, meu príncipe." Há um tom estranho em sua voz enquanto ele penetra ainda mais fundo. "Não importa o que aconteça." Penetração. "Você foi minha o tempo todo, mesmo quando eu não a tinha." Penetração. "Mesmo quando eu não a tocava." Penetração. "Mesmo quando eu não era seu dono."

“Porra… Hum… aí…” Eu gemo, envolvendo meus braços em volta de suas costas, pressionando-o contra mim enquanto o atrito faz meu pau pulsante jorrar líquido pré-ejaculatório.

“Aqui?” Ele penetra ainda mais fundo, acertando aquele ponto certo.

“Porra…” Meus olhos reviram. “Mais… p-por favor.”

“Uma vadiazinha carente.” Ele rosna, mas está me fodendo com mais força, estocando e pressionando seu pau contra minha próstata.

“Puta… que… foda-se…” Eu grito, meu corpo inteiro cedendo sob o ataque.

“Você só pode ser uma vadia carente para mim, querida, entendeu?”

Eu empurro seu peito, meu pau engrossando perigosamente. “Você acha que eu vou deixar alguém me ver assim, seu idiota?”

“É melhor que não.” Estocada. Estocada. Estocada. “Ou eu corto a garganta deles bem na sua frente.”

Uma risada escapa de mim, acompanhada de um gemido necessitado. "Isso deveria me assustar?"

Ele sorri, mas também treme de excitação. "Claro que não. Aposto que você interpretaria como flerte se eu matasse por você."

Uma imagem me vem à mente — a de Marcus coberto de sangue, sua expressão solene enquanto segura uma faca, seus olhos dizendo o que sua boca não diz — Por você.

Por mim.

É mais do que ridículo, mas essa imagem, combinada com suas estocadas impiedosas, está me levando ao limite.

"Estou quase lá... Porra... Marcus..."

"Sim, meu bem?"

"Mais forte... mais..."

Ele penetra mais fundo, beijando meu pescoço, depois sussurra contra ele: "Mostre-me o quanto você ama meu pau no seu cu."

Ele aperta meu pescoço, me sufocando um pouco no momento em que meu pau explode, espalhando esperma por todo ele, pelos lençóis, por toda parte.

Não sei o que me deu — não, sei sim. Estou gozando como nunca antes, por estar sendo fodido pelo Marcus.

Ele desaba em cima de mim, e percebo que é porque estou o abraçando com muita força, pressionando-o contra mim com tanta intensidade que ele perde o equilíbrio.

"Porra, amor." A cabeça de Marcus está enterrada no meu pescoço, e o ronco da sua voz atinge meus testículos exaustos enquanto ele grunhe: "Por que você é tão viciante?"

Eu sou?

Um som abafado escapa dele, falhando no meio da respiração. "Vou encher seu buraco com meu esperma, e você vai aceitar... não vai?"

"Sim... me dá."

"Porra!"

Uma onda de calor me invade enquanto Marcus se agita sobre mim, penetrando com seu enorme pênis mais algumas vezes até ejacular.

Estou sendo preenchida com sêmen.

Sêmen de um homem.

De Marcus.

A sensação não é ruim em si, é apenas estranha, e me traz de volta à realidade do que eu permiti que acontecesse.

Eu deixei Marcus me foder.

Enquanto ele levanta a cabeça, lutando para respirar, com seu rosto tão incrivelmente lindo, uma constatação perigosa me atinge.

Ao contrário do que ele sugeriu, isso não foi apenas uma transa.

Não sinto vontade de explodir depois de uma simples transa. Não sinto medo de não ter isso de novo depois de uma simples transa. Não me apavora aquele barulho que poderia me engolir por inteiro.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

Um rosnado baixo escapa de seus lábios enquanto eles tomam os meus em um beijo feroz. Sinto seu sêmen em meu ânus e acho que cometi um grande erro.

Acabei de ter o melhor sexo da minha vida, mas não estou feliz.

Ou, mais precisamente, a felicidade está obscurecida por algo muito mais sinistro.

Tendões negros se contorcem em minha garganta, sufocando o terror cegante que dilacera minha mente. Estou me desfazendo, fio a fio, me abrindo por dentro, e estou com medo.

Não, estou apavorada que ele finalmente vislumbre minha imagem fragmentada sangrando pelas rachaduras.

E então ele nunca mais vai me querer.

26

MARCUS

Respirações ofegantes preenchem o ar.

A minha e a de Preston.

O cheiro inebriante e doce de sexo e sêmen — e especialmente dele — me envolve num casulo mais apertado que o seu abraço.

E é apertado mesmo.

Ele está todo pressionado contra mim, nossa pele úmida colada enquanto ele crava os dedos nas minhas costas, causando dor.

Não tenho certeza se ele percebe o que está fazendo, mas não importa. Estou ocupado curtindo o fato de ele ter me abraçado um pouco demais.

É como um presente. Preston nunca foi muito de me tocar — ele só me beijou duas vezes por iniciativa própria, e numa dessas vezes ele estava bêbado e drogado.

E então isso.

É claro que não vou interromper isso, mesmo que doa e eu não consiga respirar direito com a cabeça enterrada no pescoço dele.

Eu me deixo levar pelo ritmo do seu coração acelerado, pulsando contra o meu, enquanto sua respiração ofegante ecoa no ar. Ele solta um pequeno som de satisfação, como um suspiro, e meu pau se contrai dentro dele.

Aparentemente, ele não tem noção de limites.

Embora eu não possa culpá-lo. É a primeira vez na minha vida que estou tão desesperado para transar com alguém.

Entrar neles.

Possuí-los.

Nunca me esforcei tanto para conseguir um buraco em toda a minha existência.

Nunca tolerei tanto jogo de empurra e puxa, birras e rejeição.

Digo a mim mesmo que essa é a única razão pela qual essa transa pareceu especial — porque finalmente conquistei Preston Armstrong.

Se eu seguir essa lógica, essa fixação mórbida e essa obsessão perturbadora deveriam desaparecer agora mesmo.

Espero, espero, espero muito enquanto o respiro profundamente.

Nada disso.

Nenhum sinal de que ele vá desaparecer.

Na verdade, meu pau se alonga dentro dele, exigindo uma segunda rodada. Agora.

Um gemido abafado escapa de mim. O que será que Preston Armstrong tem que o torna irresistível?

Será que ele é algum tipo de fada em forma humana? Ele é obviamente etéreo de alguma forma.

Seus dedos se soltam de mim num puxão repentino, como se ele tivesse sido pego fazendo algo que não devia.

"Desculpe... Não queria apertar tanto..." Sua voz está rouca, um pouco vulnerável.

Não tão vulnerável quanto quando ele falou comigo mais cedo, com uma lágrima escorrendo pela bochecha, mas quase.

“Não me importo.” Levanto-me um pouco, apoiando os cotovelos de cada lado do seu rosto para não o esmagar.

Mas não deixo muito espaço, nossos abdominais ainda prendendo seu pênis murcho e o meu ainda pulsando em seu calor.

E agora, estou encarando seu rosto lindo e seus lábios inchados e entreabertos.

Se eu tivesse o poder de parar o tempo, este seria o momento.

Ele pisca duas vezes. “Você… não gosta?”

“Deveria?”

“Sim. Ninguém gosta de ser segurado assim… desse jeito.”

Há uma estranha mistura de irritação e fascínio em sua voz, e é intrigante ver essas duas emoções opostas se misturarem.

“Foi isso que te disseram?” Acaricio uma mecha de cabelo da sua testa até atrás da orelha.

Eu esperava que ele se encolhesse, como às vezes faz quando o toco tão delicadamente, mas ele parece estar absorto no que eu disse. Então, deixo meus dedos em seu rosto, acariciando sua pele linda com os nós dos dedos.

"O que me disseram?", ele repete.

"Não é verdade? Alguém provavelmente te proibiu de abraçar assim. Talvez tenham dito que é irritante?"

Seus lábios se entreabrem antes de se fecharem novamente. "É irritante, sim."

"Não é. É assim que você demonstra afeto." Roço meus lábios em seus lábios trêmulos uma, duas, três vezes, e ele simplesmente me deixa, tremendo sob mim.

Na quarta vez, sussurro contra sua pele: "Gosto que você esteja me mostrando esse seu lado."

Ele se remexe, e acho que não é desconforto, não totalmente — talvez constrangimento, considerando a vermelhidão subindo pelo pescoço dele. Minha teoria se confirma quando ele bate com o antebraço no meio do meu peito. "Cala a boca."

"Não seja tímida."

"Quem diabos é tímido?" Ele me dá um tapa na testa. "Vou te estrangular com a sua própria arrogância."

"Meu maior medo." Dou uma risadinha contra a mão dele, e acho que ela treme antes que ele a tire.

"É melhor que seja." Ele pigarreia antes de olhar para o lado. "Você não vai..."

"Fazer o quê?"

"Você sabe o quê."

"Não, eu não sei."

"Sair." Ele grunhe as palavras, a pele ficando vermelha como um pimentão.

"Hum." Eu rebolo. "Gosto daqui."

“Você—” Ele morde o lábio inferior, mas consigo ouvir o gemido fraco que ele tentava abafar. “Como diabos você está ficando excitado tão rápido?”

“Você também está.” Esfrego minha barriga em seu pênis que está ficando mais grosso, e desta vez, o gemido escapa dele alto e claro.

“Sou hipersexual”, ele diz com um tom desdenhoso.

“Talvez eu também seja.” Não sou. Se alguma coisa, consigo ficar sem sexo por meses.

Mas a ideia de não tocar em Preston por meros dias faz meu corpo se contrair de frustração reprimida.

Tecnicamente, o que eu disse a ele não é mentira. Sou hipersexual quando se trata dele.

Aparentemente, sou Preston-sexual.

Algo sombrio e melancólico se instala em seus olhos enquanto ele murmura: “Por quê?”

“Preciso de um motivo para ser hipersexual?”

“Sim, você tem.” Seu tom é morto, quase como se viesse do submundo.

“E o seu, então?” pergunto em voz baixa.

Ele dá de ombros, mas não diz nada, olhando para o lado, onde estão meus troféus, escondendo-se descaradamente de mim.

Me excluindo.

Eu gostava mais quando ele me mostrava suas vulnerabilidades enquanto eu o penetrava até o êxtase. Agora, me deparo com essa persona fria e inflexível que só sabe me afastar.

“Você pode sair de cima de mim?” ele murmura. “Preciso me limpar.”

“Eu vou.” Me retiro lentamente, sentindo meu sêmen escorrer de seu orifício, a sensação erótica pra caralho.

Mas não tanto quanto quando sua bunda se contrai ao meu redor enquanto ele geme baixinho.

Não consigo conter o gemido que escapa enquanto, relutantemente, me endireito e me levanto.

A visão que me recebe quando paro aos pés da cama é pura pornografia.

Não, é melhor que pornografia, já que isso nunca me provocou esse tipo de sentimento. Como se eu fosse explodir a qualquer segundo.

Preston deitado na minha cama, seus cabelos loiros e úmidos espalhados pelo meu travesseiro, aquela serpente se enrolando por todo o seu corpo, as pernas abertas enquanto meu sêmen escorre dele.

Meus olhos devem estar escurecendo, porque os dele se arregalam e ele começa a fechar as pernas.

Não faço ideia do que me dá, mas tudo acontece em uma fração de segundo.

Me jogo sobre ele, o agarro pela cintura e o viro tão rápido que ele não tem a menor ideia do que está acontecendo.

Então, monto em suas panturrilhas e me deito sobre ele, meus dedos puxando suas nádegas.

“O que você está fazendo—mm, porra!” Suas palavras terminam em um gemido abafado quando mergulho direto, lambendo o esperma que ainda escapa do seu orifício.

“Jesus Cristo… puta merda…” Ele se contorce embaixo de mim, e eu percebo que está ficando duro, porque continua se esfregando e se impulsionando contra o colchão.

“Fique quieto”, digo contra sua entrada, cravando meus dedos em sua carne. “Preciso lamber meu cu direito.”

“Jesus…” ele geme, e o som está abafado porque ele está abraçando o travesseiro, enterrando o rosto nele.

“Mmm.” Eu gemo, então enfio minha língua dentro dele, fodendo-o impiedosamente.

E droga.

Ele tem gosto do meu esperma e de algo tão intenso e Preston, que me deixa tonta.

“Marcus… porra… isso é tão bom…”

Meu pau pulsa com a gagueira dele. O jeito como ele soa carente e excitado parece ser o que me dá prazer.

Sou a única pessoa a quem Preston permitiria ver esse lado dele — tão submisso, excitado e à minha mercê.

Só eu.

"Por que... porra... Por que é tão bom?" Ele grunhe, levantando os quadris, oferecendo mais do seu cu para a minha boca. "Sua língua... ah, porra... porra!"

Solto um gemido de aprovação, meus dedos o segurando no lugar enquanto ele abaixa a cabeça ainda mais.

"Não pense." Eu cubro de beijos seu orifício contraído, depois dou um tapa na sua nádega, fazendo-o grunhir. "Apenas sinta."

Então, volto a lamber seu cu com força, dando-lhe tapas enquanto isso, porque ele adora a dor, meu príncipe. Isso o faz se esfregar freneticamente no colchão.

"Unghh. Sim, sim... bem aí..."

"Mmm." Eu gemo.

"Eu... eu vou gozar..."

Tapa.

Empurrão.

Eu praticamente o fodo com a minha língua enquanto minha palma encontra sua bunda, dando-lhe palmadas exatamente como ele gosta.

O corpo glorioso de Preston cede sob o meu toque. Ele se contorce e geme, provavelmente dolorido e sensível demais para algo tão intenso, mas eu não paro.

Não até que ele esteja tremendo em meu aperto.

"Eu vou gozar... puta merda... ungh..." Seu corpo inteiro fica imóvel, o vermelho subindo pelo pescoço e orelhas enquanto ele se espasmos e sacode os quadris, sua bunda se contraindo em volta da minha língua.

Solto um grunhido rouco, massageando sua bunda machucada enquanto ele desaba na cama, ainda escondendo o rosto no travesseiro.

Quando finalmente me afasto, gemo ao ver seu esperma nos lençóis.

Solto um murmúrio rouco. "Você fez uma bagunça, querido."

"Você que fez", ele murmura, com a voz abafada. "Assuma a

responsabilidade pelos seus atos."

"Me declaro culpado." Sento na beirada da cama e acaricio seu cabelo.

Um gemido de satisfação escapa dele, e continuo passando os dedos pelo seu cabelo por um tempo. "Você não vai olhar para mim?"

"Me deixa em paz", ele resmunga como um idiota adorável, ainda ofegante.

Abro minha gaveta e pego um doce. Mesmo desembrulhando bem ao lado dele, ele não levanta o olhar.

"Não tem problema nenhum gostar de ter o cu lambido." Eu agarro o cabelo dele com força. "Eu adorei devorá-lo."

"Cale a boca ou eu te obrigo."

"Me obrigo."

Ele levanta a cabeça, mas antes que possa dizer qualquer coisa, jogo o doce na minha boca e selo meus lábios aos dele.

Os olhos de Preston se arregalam quando enfio o doce na língua dele, brincando um pouco com ele até que o gosto dele e do meu sêmen se misturem com o sabor da manga.

A mistura faz minha cabeça virar, e definitivamente o pega de surpresa, porque ele permanece congelado. E eu me entrego de vez.

Empurro o doce contra a língua dele, massageando-o ali por um tempo, fazendo-o engolir tudo.

Quando me afasto, deixando o doce na boca dele, seu pescoço está vermelho como um pimentão.

Qualquer birra que ele estivesse prestes a fazer parece esquecida agora, enquanto ele chupa o doce. Aliás, ele parece tão real e cru que me dá vontade de transar com ele de novo.

Mas não vou. Ele deve estar dolorido, e eu não posso enlouquecer na primeira vez.

Primeiro. A constatação me atinge como um acidente de carro.

Eu sou o primeiro cara do Preston.

E o último.

Serei o último a transar com qualquer coisa dele.

A ideia deveria me chocar, mas enquanto o observo chupar o doce, ainda deitado de bruços como uma estátua de mármore erótica, não choca. Não de verdade.

Na verdade, estou irritado por ele ter transado com outros antes de mim. Me irrita que muitos tenham visto seu corpo incrivelmente nu.

"Sério, o que é isso com o doce?", ele pergunta, empurrando-o para o canto da boca até formar uma bolinha na bochecha.

“É segredo.”

Ele estreita os olhos. “Ninguém guarda segredos de mim.”

“Estou feliz por ser o seu primeiro em tantas coisas, meu bem. Como esta noite ser a sua primeira vez com—”

“Continue falando e eu te dou um tapa.”

Inclino a cabeça para o lado. “Por que você tem esse medo irracional de ser gay?”

“Não é medo. Eu simplesmente não sou gay.”

“Então, como você chama esta noite?”

“Sexo. Acontece o tempo todo, em todo o mundo. Não significa nada.”

Meu maxilar range, e aquele monstro que espreita dentro de mim levanta a cabeça enquanto forço um sorriso sombrio. "Você transar com um cara pela primeira vez não significa nada. Você e sua homofobia internalizada e sem sentido lutaram com unhas e dentes contra isso, mas o lado de você que me desejava venceu. Você aceitou meu pau no seu cu e gozou só com a minha língua lá dentro. Isso não é nada."

"Se eu digo que não é nada, é porque não é nada mesmo." Ele esmaga o doce entre os dentes, o som ecoando ao meu redor como um tiro. "Está me ouvindo?"

Seus olhos são duros.

Não, não é agressivo. Sim, existe aquela dureza que ele assume automaticamente a qualquer sinal de conflito, mas é uma máscara, escondendo algo mais profundo e perturbador. A mesma sensação de terror de antes retorna, mas em vez de chorar, ele se revolta.

Deixando a agressão tomar conta.

Seus olhos estão evasivos e seu corpo está tenso demais, como se ele fosse se despedaçar em pedacinhos bem diante dos meus olhos.

Levanto-me rapidamente, entro no banheiro e fecho a porta.

Minha mão cobre meu rosto enquanto respiro fundo.

Inspiro.

Expiro.

Respire.

Preciso me acalmar e me impedir de explodir. Posso obrigá-lo a encarar tudo o que está tentando evitar, posso fazê-lo chorar se eu quiser.

Se eu simplesmente deixasse minha passividade-agressividade e minhas habilidades de leitura de pessoas fluírem, ele estaria aos meus pés, aos prantos, em dez minutos.

Mas a triste realidade é que eu não vou fazer isso com ele.

Eu não quero machucá-lo, e certamente não quero pressioná-lo tanto a ponto de ele fugir e nunca mais voltar.

Há barulho vindo do quarto, e ele provavelmente está fazendo isso —

fugindo. Mesmo eu tendo deixado bem claro para ele não me tratar como um objeto sexual.

E aquela violência que eu conheço tão bem está lentamente ressurgindo, exigindo que eu castigue Preston. Que eu o amarre na minha cama, se for preciso.

Em vez disso, entro no chuveiro e ligo a água fria. Se eu o seguir nesse estado, vou me soltar completamente, e meu verdadeiro eu é um babaca tóxico e vingativo.

Uma coisa que eu não quero dizer para o Preston agora.

Fico debaixo d'água por um tempo que parece uma eternidade, até que minhas extremidades estejam geladas e roxas.

Quando saio do banheiro com uma toalha enrolada na cintura, lá está: Preston sumiu.

O quarto cheira a ele, e eu ainda consigo sentir o gosto dele na minha língua, mas ele não está aqui.

Passo a mão pelos cabelos, soltando um palavrão baixinho.

O idiota.

O maldito...

Solto um longo suspiro, tentando manter a calma. Porque por que diabos estou deixando isso me afetar?

Foi só uma transa, não foi?

Só que não foi. Senão eu não estaria me sentindo abandonada ou tratada como um objeto sexual.

Pego meu celular do bolso da calça jeans, que claramente deixei no chão, mas agora ela está dobrada direitinho e colocada na cadeira junto com minha camisa e cueca.

Por que ele faria isso?

Se ele vai fingir que não se importa, que vá até o fim, que seja um babaca como realmente é.

Meus dedos param quando encontro uma sequência de mensagens dele. A maioria foi enviada durante a noite, quando eu estava indo para a arena.

PRESTON

Tudo bem, você venceu. Vou mandar mensagem primeiro. Não me ignore.

Eu te disse claramente para NÃO me ignorar, Marcus. Você sabe como eu fico irritada facilmente.

Não que eu esteja te ameaçando. É por isso que você está bravo? Porque eu te ameacei na pista de patinação?

Ótimo. Vou ficar aqui na sua caixa de entrada. Meu novo lugar favorito.

Isso foi sarcasmo.

Ele parou por um tempo e, cerca de uma hora depois, mandou novas mensagens.

PRESTON

Você está mesmo treinando com o Dicky e companhia? Você deveria estar treinando comigo.

Sim, estou do lado de fora dessa arena imunda. É melhor você aparecer.

Vou matar sua equipe inteira, Marcus. Você sabe que vou.

Espera. Você provavelmente vai me odiar ainda mais se eu fizer isso. Que se dane tudo isso.

Tudo bem. Vou para sua casa. É melhor você vir agora e não me deixar esperando nesse bairro perigoso por muito tempo.

Ele parou por um tempo e, em seguida, mandou uma mensagem solitária mais ou menos na hora em que eu estava cavalgando.

PRESTON

Se você parar de ficar bravo, eu deixo você fazer o que quiser comigo.

E então eu encontro a mensagem que ele acabou de mandar.

PRESTON

É melhor se não formos nada, Marcus. Acredite em mim, você nunca vai querer ser nada com alguém como eu.

27

MARCUS

“O que você acha?”

A voz da minha irmã soa suave do outro lado da linha enquanto paro minha moto bem no centro da cidade dela.

Ou melhor, perto do estacionamento do clube para onde os Vipers vão depois de cada jogo.

Desligo o motor. “Parece que você está pedindo minha opinião.”

“Estou.”

“Não, não está.” Desço da moto. “Você só está me dizendo que o papai pode te expulsar durante uma reunião do conselho e que precisa que eu aceite ações para garantir que você continue no topo da hierarquia. Não vejo nenhuma cláusula que diga que você se importa com a minha opinião, então pare com isso.”

“E?” A voz dela endurece. “Você vai fazer isso ou vai fazer isso?”

Eu dou uma risadinha irônica. "Ei, Serena. Alguém já te disse para ser gentil quando pede um favor?"

"Isso se você tiver escolha. Eu poderia sequestrar a June e—"

"Termine essa frase e eu me junto ao papai só para te derrubar." Minha voz se iguala à dela. "Você não quer me transformar em inimiga. Acredite em mim."

"Você acha que eu vou ter medo de você?" Ela solta um som de deboche. "Três herdeiros em potencial dos Osborn já desapareceram. Você pode se juntar aos seus irmãos num piscar de olhos se não tomar cuidado, Marcus. É você que não deve me transformar em inimiga, não o contrário. Vou te dar um tempo para pensar bem nisso, e espero a resposta que quero ouvir."

Ela desliga o telefone, e eu solto um suspiro, depois dou uns socos no poste até meus nós dos dedos ficarem roxos e sangrarem. Então caminho entre os carros estacionados, ponderando minhas opções.

Agora, preciso encontrar um jeito de lidar com ela e proteger minha mãe sem levantar suspeitas.

A única solução que tenho é meu pai, e eu realmente não quero pedir nada para aquele velho.

Mas, por outro lado, Serena é problema dele. Eles têm essa estranha disputa de poder, e eu preciso tomar cuidado para não acabar como dano colateral, como meus irmãos.

Meus pensamentos e passos param diante de uma cena que se desenrola bem no meio do estacionamento mal iluminado.

Vim aqui com uma missão: pegar Preston.

Se for preciso, vou arrastá-lo para fora.

Já faz uma semana que ele fugiu da minha casa, e achei que era hora de lhe dar uma lição. Ele me mandou uma mensagem no dia seguinte, perguntando se íamos nos encontrar, e eu respondi com um simples "Não".

Ao que ele respondeu algo como "Não é como se eu quisesse te ver. Que bom que você se foi."

Então ele mandou outra mensagem ontem, um dia antes do jogo de hoje.

PRESTON

Já chega de brincadeiras?

Achei que nos encontrarmos regularmente fazia parte do acordo.

Você sabe que sou hipersexual, Marcus. Se a gente não transar, eu encontro outra pessoa.

EU

Se você fizer isso, acabou.

Você é quem se recusa a me encontrar!

Você é quem fugiu.

Eu só fui para casa.

Você fugiu. Se fizer isso de novo, acabou de novo.

Ótimo, então não vamos nos encontrar. Se eu tiver um jogo ruim amanhã, a culpa é sua.

Aparentemente, ele disse isso porque já tinha decidido seguir com o plano inicial: encontrar outra pessoa.

Ele agora está parado sob a luz fraca, com uma aparência letal em jeans e

jaqueta dos Vipers, o cabelo despenteado caindo sobre a testa.

E então há uma garota.

Sim, uma garota, usando um vestidinho preto curto e sensual. Seu rosto é delicado e seus cabelos acobreados caem em ondas até o meio das costas.

Ela é exatamente o tipo de pessoa com quem eu imaginaria Preston tendo um relacionamento.

Essa é a minha substituta?

Eu me esgueiro entre os carros, parando perto o suficiente para ouvi-los, mas longe o bastante para não ser notada.

“Obrigada. Pela água e por ter vindo agora”, ela diz, os dedos tremendo em volta da garrafa de água que segura.

Até a voz dela soa suave, e isso me irrita. Preston é hétero, ou era hétero — provavelmente é bi —, mas a verdade é que ele só ficou com mulheres.

Talvez seja o padrão dele, e considerando a recusa categórica dele em ser gay, ele nunca vai começar nada com outro cara, daí a garota.

Ele pode tentar com mil garotas, mas nunca vai superar o que temos.

“Sempre que precisar.” Ele bagunça o cabelo dela — por que diabos ele está tocando no cabelo dela? “Eu sou o lobo mau de quem todo mundo tem medo. Uau. Fique longe se você não tiver um desejo de morte e precisar de alguns ossos da cara quebrados.”

Ela olha para ele com uma espécie de admiração, e eu estou a segundos de arrancar os olhos dela das órbitas. "Vocês são todos tão violentos assim?"

"Às vezes? Mas continuo sendo a mais bonita."

Ela sorri, e ele dá um sorriso de canto. "Pronto. Te fiz sorrir."

A expressão dela se ilumina ainda mais.

Por que diabos ele iria querer fazê-la sorrir?

Bato meu polegar contra o dedo médio, considerando todas as opções para fazer esse incômodo desaparecer, mas então Preston fala de novo, com as covinhas à mostra, típico do ruivo.

Ele nem sorri assim para mim.

"O que você achou do meu jogo hoje?", ele pergunta.

"Você foi ótima."

"Mais paixão, Vee. Eu sei que você só veio para ver o Jude, mas dê mais importância à minha energia divina no gelo."

Vee. Ele a chama de Vee.

Verônica? Vanessa? Tanto faz — o nome ficaria horrível na lápide dela.

"Você é daquelas garotas que só dá bola para o namorado?", ele pergunta.

"O Jude não é meu namorado."

"Ah, é? Então o que ele é?"

"Para ser sincera, não sei."

"Quer que eu pergunte por você? E já que estou aqui, mande ele se foder?"

"Não precisa..."

"Puta merda. Você gosta tanto assim dele?"

"N-não gosto."

Então ela é a namorada do Jude.

Nesse caso, por que diabos ele está dando um tapinha no ombro dela? "É por isso que você está tão bonita hoje? Porque você não gosta dele e não veio ao jogo e à balada por causa dele?"

Bonita. Ele a chamou de bonita.

Não que eu seja mesquinha nem nada, mas ele nunca me chamou de bonita.

"Só..." Ela empurra o braço dele. "Pare de me provocar."

Ele ri, e a raiva aumenta ainda mais.

Matá-la. Eliminar o problema do seu círculo para sempre.

"Não faço ideia do que você vê nesse homem", ele pondera. "Ele mal sabe como conversar com uma garota. É tão fechado que me dá uma má reputação."

"Você também era próxima das ex-namoradas dele?"

"Que namoradas? Ele nunca teve uma. Não me entenda mal, ele é meu melhor amigo, mas é muito bruto. Se ele te der trabalho, me avise."

"O que você vai fazer? Dar um soco nele por mim?"

"Com certeza. Vou levar dez socos piores, mas vou sobreviver. Vai valer a pena pelo seu lindo sorriso."

É isso.

Saio do meu esconderijo, tentando ao máximo manter a compostura enquanto digo em voz baixa: "O que valeria a pena por aquele sorriso lindo?"

A garota hesita, mas Preston... Preston faz exatamente o oposto.

O sorriso que ele estava exibindo para outra pessoa desaparece e ele rosna.

Deixo meus lábios se curvarem em um sorriso irônico enquanto avalio essa garota. Qual a melhor maneira de fazê-la sumir? De preferência, agora mesmo.

"Vá em frente." Encaro-a, minha voz sem emoção. "Mostre-me aquele sorriso lindo para que eu possa decidir o que vale a pena, ou se vale alguma coisa."

"Que merda você está fazendo aqui?" Preston rosna, perdendo o controle aos poucos.

“Ah. Por que está tão frio?” Inclino a cabeça na direção dele. “Vim comemorar sua vitória. Não estou te apoiando?”

“Você—” Preston se interrompe, forçando um sorriso tão falso que me irrita. “Hora errada. Como você pode ver, estou ocupado com a Vee.”

“Vee.” Lentamente, inclino a cabeça na direção dela. “Por que você não sorri

para mim, Vee? Estou tentando descobrir se o Armstrong tem algum maldito desejo de morte nesta bela noite.”

“Deixe ela em paz.” O punho de Preston acerta meu peito. “E você é quem parece ter um maldito desejo de morte, Osborn.”

Assim que ele está prestes a tirar a mão, coloco a minha sobre a dele, saboreando o pequeno arrepio que percorre sua pele. “Meu Deus. Está bravo, meu príncipe?”

Preston me empurra e a segura pelos ombros, com um sorriso malicioso nos lábios. "Vamos entrar, Vee. Tem uma mosca incomodando com o zumbido constante."

"Eu não terminei de falar. E isso precisa ir embora." Arranco o pulso de Preston do ombro dela e o torço na direção oposta.

Preston se solta e me chuta no estômago.

"Sua vadia! Você nunca sabe a hora de parar." Preston me chuta repetidamente, mas, ei, estou fazendo-o perder o controle em seu amado público.

Na frente da minha substituta.

Uma gargalhada escapa de mim enquanto ele continua me chutando.

Se despedaçando por mim.

Então, de repente, ele solta um longo suspiro. "Você teve seus cinco minutos de atenção. Agora, vaza e para de nos perturbar."

Nem pensar.

Estou prestes a quebrar o pescoço dela bem na frente dele quando uma moto para ao nosso lado.

Callahan.

Ele desliga o motor e pula da moto, tirando o capacete.

Ele lança um olhar furioso para Vee, depois a abraça possessivamente pela cintura, voltando sua atenção para mim. "O que está acontecendo aqui?"

Então Jude é o namorado dela, afinal.

Ainda não gosto que Preston tenha ficado tão perto dela.

Mas dou um sorriso irônico. "Só uma visitinha amigável."

"Nada na sua presença é amigável, Osborn", diz Jude.

"Verdade." Dou um tapinha no lábio. "Vee é sua namorada, Callahan?"

“O nome dela é Violet, e sim, ela é. Algum problema com isso?” Jude se endireita, como se fosse me decapitar se eu desse um passo em sua direção.

“Nenhum problema.” Aponto o polegar para Preston. “Mas Armstrong talvez tenha algum, considerando que estava flertando com ela. Fique de olho nela, tá? Não quero que ela acabe sofrendo um acidente bizarro.”

Jude dá um passo à frente, sua expressão endurecendo, mas Preston me agarra pelo pescoço por trás, me sufocando.

“Esquece a gente, grandalhão”, ele rosna. “Vou acabar com esse tarado rapidinho.”

“Uma pergunta. Por que você está me sufocando?” Pronuncio as palavras com dificuldade, tocando seu braço. “É algum tipo de parafilia que você queira explorar?”

“É só chamar alguém para expulsá-lo da cidade”, Jude diz para Preston. “E não o mate.”

“Mas por que não?” Preston me encara, seus olhos tão vivos e verdes mesmo sob a luz fraca. “Ele obviamente está louco para encontrar seu criador.”

“Se você é meu ceifador, por que não? Que delícia.”

“Seu nojento.” Preston me empurra. “Seu rosto nem me dá vontade de matar. Que deselegante.”

Jude me olha com os olhos semicerrados e depois os puxa para Preston. “Chame alguém. Não faça nada sozinho.”

Então Jude puxa Vee para sua moto e sai pedalando com ela grudada nas costas.

Eu aceno para eles com um dedo de cada vez.

“Que merda foi essa?” Preston resmunga, observando os arredores antes de se virar para mim.

“Eu dizendo para o Callahan ficar de olho na namorada dele se ele não quiser que ela…” falo perto do rosto dele. “Puf. Desaparece.”

“Você pirou de vez?”

“Pelo visto, sim.” Agarro um punhado do cabelo dele. “Você acha que pode me substituir, Preston?”

“Me solta”, ele diz baixinho, olhando em volta enquanto o motor de um carro acelera ao longe.

“Por quê? Porque todo mundo vai te ver comigo? O Jude pareceu suspeitar de alguma coisa, não acha? Ele vai te perguntar o que aconteceu, e você vai mentir descaradamente e dizer que não disse nada.” Roço meus lábios nos dele, e um tremor o percorre. “Mas nós não somos nada.”

“Para com isso.”

“Com medo de que algum dos seus colegas de equipe te veja beijando seu maior rival? Que tal eu te virar de quatro aqui mesmo e te foder, Preston? Vou te fazer gritar como uma puta qualquer enquanto você monta no meu pau.”

Ele levanta o punho para me dar um soco, mas para, um olhar de dor passando por seus olhos enquanto abaixa o braço. “Eu sou sua vadia? É isso que está acontecendo?”

“Parece que eu sou sua vadia, considerando que é você quem fica fugindo.”

“Não é isso…” Ele para de falar, seus lábios tremendo antes de se fecharem

em uma linha.

“Não é o quê?”

“Não é isso que eu quis dizer.”

“É o que você ainda faz, Preston.” Eu o solto com um empurrão. “E se você continuar fazendo isso, não importa que eu esteja apaixonada por você. Vou corresponder à sua energia. Estou controlando minha toxicidade, mas só consigo fazer isso até certo ponto antes de sentir que você está me usando.”

Ele passa a mão freneticamente pelos cabelos, os olhos parecendo derretidos, quase vidrados. “Eu não estou te usando, Marcus. Eu prometo.”

“Prove.”

“Prove… como?”

“Venha comigo.”

“Agora?” Ele hesita, depois aponta com o queixo na direção da entrada da boate. “Os caras estão me esperando.”

“Que se danem.”

“Mas Kane…”

“Só diga não e pare de dar desculpas.”

Me viro e vou até minha bicicleta. Ao subir nela, sinto um corpo pesado se acomodar atrás de mim, e uma sensação estranha me invade quando ele me abraça pela cintura.

Com força.

Até doer.

Porque é assim que Preston abraça.

"Para onde vamos?", ele pergunta em voz baixa, e eu sei, eu simplesmente sei que esse homem vai me matar.

28

PRESTON

Está quente.

A casa.

O quarto.

A mão que envolve a minha com carinho.

E... o próprio homem que me abraça forte, me puxando para mais perto.

Meu olhar não para de se fixar em sua mão grande que segura a minha, fascinado pela visão das veias salientes e dos dedos definidos.

Estou de mãos dadas com um homem.

E a sensação é inebriante.

Estou excitado desde que o agarrei com toda a minha força na garupa da sua moto.

E não, não vou pensar demais nisso. Nem no que está acontecendo com meu corpo faminto agora.

A gente simplesmente não vai pensar nisso, cérebro, entendeu?

Isso não significa que vou parar de sentir como se estivesse sendo arrancada da minha própria pele. Não significa que vou parar de ouvir meu coração batendo forte, quase saltando do meu peito.

Tenho medo de que ele ouça o som ensurdecedor ou sinta meu pulso acelerado. E se ele achar que me tem exatamente onde queria? Se eu não for mais uma conquista, ele não se entediaria como todos os homens? Eu certamente me entediaria, então e se for isso que está acontecendo aqui? E se...?

Meus pensamentos são interrompidos quando ele me empurra para dentro do quarto, soltando minha mão. Enquanto tropeço para dentro, me recuso a aceitar a

sensação de perda que se segue à ausência de sua mão na minha.

Marcus tira o paletó, jogando-o sobre a cadeira, e desabotoa um dos punhos da camisa branca impecável. Os nós dos dedos machucados lhe conferem um ar ameaçador. "Tire a roupa."

Engulo em seco, principalmente pelo tom inexpressivo, mas também pela sensação mórbida de excitação que me invadiu.

"Não consegue fazer isso sozinho?", retruco.

"Cala a boca." Ele enrola o punho da camisa até o cotovelo com movimentos metódicos e controlados. "Não quero ouvir sua voz a menos que seja de concordância. Não vamos brincar hoje. Estou te punindo pelo seu comportamento no estacionamento."

É porque eu o soquei e chutei, não é?

Foi ele quem veio ao clube depois que eu deixei bem claro que éramos apenas arqui-inimigos em público. Embora uma sensação incômoda me diga que esse não é o verdadeiro motivo pelo qual perdi o controle.

Ele me ignorou.

Depois de transar comigo, ele simplesmente me ignorou.

Você também fugiu, caso tenha esquecido, sussurra o único demônio lúcido na minha mente.

Ei, algum outro demônio precisa amordaçá-lo. Já.

"Estou dizendo isso pela última vez." Ele desabotoa a outra manga da camisa. "Tire a roupa."

Me viro, tirando o casaco enquanto isso. É só sexo. Quem se importa? Eu não.

"Não." A única palavra que ele diz cai como um chicote nas minhas costas. "Vire-se."

Cerro os dentes, mas forço um sorriso enquanto o encaro, tirando a blusa pela cabeça.

Seus olhos escuros se fixam no meu peito exposto, demorando-se no centro, onde mal consigo me manter inteiro.

E eu odeio o quanto a atenção dele me faz estremecer.

Freio os lábios. "Feliz agora?"

Seu olhar escuro se volta para o meu. "Deixe essa atitude de lado."

"Que pena, eu já venho com atitude."

"É mesmo", ele resmunga.

"Deveria ter escolhido melhor as suas batalhas." Desabotoo o cinto e, em seguida, desabotoo a calça jeans, puxando-a para baixo.

Só quando estou de cueca na frente dele é que percebo que estou me despindo por vontade própria para ele.

Quem quer que seja o impostor que está invadindo meu interior precisa ser exorcizado. Agora. Obrigada desde já.

Marcus ergue o queixo na minha direção, os braços cruzados sobre o peito, os músculos parecendo prestes a saltar para fora do tecido. "Tudo."

Passo um dedo por baixo do elástico da cueca boxer, puxando-a levemente para baixo para revelar meu abdômen definido, mas não minha virilha. "Vai se juntar a mim em breve, ou só gosta de ver os outros se despindo como um pervertido?"

"Você gosta de se despir para mim." Ele inclina a cabeça para o lado. "Consigo ver que você está ficando mais duro a cada segundo. Gosta de ser observado por mim como uma vadiazinha?"

Sinto o calor subir às minhas orelhas e estou prestes a soltar o elástico, mas ele balança a cabeça negativamente.

"Ou tira a roupa completamente ou vai embora, Preston. Não vamos entrar nesse joguinho de difícil hoje."

Que idiota.

Essa vadiazinha do caralho.

"Eu te disse para não me ameaçar, Marcus." Mesmo assim, abaixo minha cueca boxer, reprimindo um gemido enquanto meu pau ereto salta para fora.

Porque, de jeito nenhum. Não vou embora sem sexo hoje à noite. Chamem a polícia da tara.

Já estou sofrendo de abstinência sexual há uma semana. Culpo minha vida sexual agitada ao longo dos anos, mas, na verdade, se fosse só sexo, eu teria facilmente encontrado alguém disposto.

Mas eu estava pateticamente desinteressado em qualquer pessoa que não fosse esse babaca enorme parado na minha frente.

"Não estou te ameaçando." Ele dá um passo à frente, seus olhos escurecendo ao olhar para o meu pau. "Estou te punindo."

Engulo em seco, o som pairando no ar denso enquanto ele se abaixa e pega meu cinto que eu havia deixado no chão.

Meus lábios se entreabrem quando ele se endireita, enrolando o couro na mão num movimento lento e metódico, o olhar quente fixo em mim o tempo todo.

Por que isso parece... excitante?

"Ajoelhe-se de frente para a cama." Suas palavras acariciam minha pele antes de se registrarem no meu cérebro.

Em vez de pensar demais, me viro e me ajoelho, com a cabeça apoiada em seus lençóis.

Eles têm o cheiro dele — couro e calor.

Está tão quente que não consigo evitar inspirar profundamente.

"Bunda para cima." Suas palavras ásperas deslizam por baixo da minha pele e atingem em cheio meus testículos.

Porra, por que esse lado dele me excita tanto? Honestamente, o que está acontecendo agora? Eu — sendo mandado e forçado a ficar nessa posição?

Sério, será que o verdadeiro Preston pode se levantar?

Pá!

Eu me assusto quando uma dor lancinante explode na parte de trás das minhas coxas. Um calor intenso me invade junto com algo muito mais sombrio — excitação.

Tenho quase certeza de que está escorrendo líquido pré-ejaculatório na ponta do meu pau.

"Eu disse." Ele desliza um braço por baixo da minha barriga, me levantando. "Bunda para cima." A palma da mão dele cai com força na minha nádega, e eu solto um suspiro quando uma voz rouca sai da sua boca. "Hum. Senti falta de ver sua pele com as minhas marcas. Você as exibe tão bem. Diga-me, Preston, quantas pancadas essa sua pele imaculada precisa levar pela sua afronta esta noite?"

Meus lábios tremem enquanto agarro os lençóis com as duas mãos. O cinto dói de verdade — sinto minha pele latejar ainda mais com o calor dele tão perto.

Mas eu adoro. A dor. O fato de ele me dar isso sem se conter.

Pá.

Grunhi quando minhas nádegas explodiram com o impacto, e meu pau deu um pulo, apesar da ausência de qualquer outro estímulo.

"Ungh… porra…"

"Isso não é um número." Pá. "Tente de novo."

"C-cinco."

"Você acha que isso é o suficiente depois de me fazer assistir você flertar com outra pessoa?"

Pá.

Dou um pulo, minha bunda pulsando apesar da dor, mas não mais do que meu pau, que está praticamente jorrando para todos os lados. "Isso não é… porra… eu não estava flertando."

“Então, o que você estava fazendo quando sorriu para ela?” Estalo. “Bagunçando o cabelo dela?” Estalo. “Sendo tão desprotegido?” Estalo. “Ela é o seu tipo, Preston?”

“Ela é uma amiga…”

“Uma amiga que é o seu tipo? Tão delicada, flexível e menor que você?”

“Não.”

“Então, qual é o seu tipo?”

“Eu não tenho um”, minto descaradamente. Claro, eu não tinha um, mas agora, meu tipo está começando a se parecer muito com esse desgraçado.

“Não?”

Grito quando ele agarra um punhado da pele machucada, e uma mistura de prazer e dor me atravessa.

“Você tem um tipo, sim, querido.” Estalo. “Sou eu.”

Estou todo molhado agora, meu pau tão excitado, que vou gozar se eu só—

Quando estou prestes a esfregar meu pau na beirada da cama, Marcus me puxa para trás com um aperto na minha bunda. "Não, você não vai gozar ainda. Se é que vai gozar algum dia."

"Porra..." Levanto a cabeça e olho para ele de lado. Ele parece um deus do sexo, inclinado sobre mim, com o cinto em uma mão e minha bunda na outra. "Não me provoque, seu idiota."

Ele dá um tapa na minha bunda e eu solto um som entre um gemido e um grunhido. "Peça com jeitinho."

"P-por favor."

"Por favor, o quê?"

"Me deixa gozar..."

"Você quer que eu te masturbe, querido?" Ele estende a mão com o cinto abaixo da minha cintura, roçando levemente meu pau.

"Sim... sim... porra!"

"Que tal eu envolver seus lábios no seu pauzão? Você adora isso, não é? Você solta uns gemidos de desejo quando eu te penetro fundo e chupo seu esperma até secar."

“P-por favor…”

“Hum. Você está fazendo uma bagunça do caralho, então talvez eu deva cuidar disso.”

Ele afasta a mão e se endireita, então ouço um movimento.

Ele aparece no meu campo de visão periférico, abrindo a gaveta lateral e pegando o lubrificante.

Engulo em seco, meio desorientado pela pulsação no meu cu e no meu pau. A dor e o prazer estão tão intimamente ligados que parecem uma coisa só.

Marcus volta para a posição anterior e, quando olho para trás, meus olhos se arregalam.

Porque, caralho. Enquanto ele abaixa a calça jeans e a cueca até os joelhos, a impressionante tatuagem de margarida e adaga não é a única coisa que fica à mostra.

Há também seu pau duro, com veias roxas.

Será que ele está... tão duro por minha causa?

Ou talvez porque ele me chicoteou? Provavelmente a segunda opção, considerando que o cara é um sádico assumido.

Sou tão masoquista por achar isso excitante. Não pelo fato de ele estar excitado — embora isso esteja me deixando inquieta — mas pelo fato de ele ter ficado excitado por me machucar.

Só eu.

Os olhos de Marcus são lava derretida enquanto ele diz com voz rouca: "Mostre-me."

"Mostrar o quê?", sussurro, minha voz excitada irreconhecível no silêncio.

"O quanto você quer que eu te faça gozar." Ele coloca lubrificante no pênis e se masturba algumas vezes, e minha boca saliva. "Rasteje de volta para mim. Se você oferecer seu cu para o meu pau, eu deixo você gozar."

Meus lábios vacilam. "Você é... doente."

Ele inclina a cabeça para o lado. "Isso é um não?"

Estou tão excitado que não consigo pensar direito. Eu provavelmente poderia me masturbar, mas não sentiria o mesmo prazer que ele sente.

Tem algo no jeito que ele me toca que me faz vibrar até a alma.

Meu corpo treme um pouco enquanto solto os lençóis e me ajoelho, recuando hesitante.

"Isso mesmo." Suas palavras roucas vibram pela minha espinha.

Rastejo para trás com firmeza, encarando o chão, mas quando olho para trás, ele está me observando com olhos tão cinzentos que quase se tornam negros.

"Você tem noção de como está agora? Você parece o meu bom menino."

"Se você ousar contar isso para alguém—"

"Shh. Não envolva outras pessoas no que temos, querido." Suas palavras são firmes. "Que se danem, ok?"

“É. Que se fodam”, repito, com o coração na garganta.

Minha bunda e coxas sensíveis, provavelmente roxas, se chocam contra o jeans dele, e eu gemo. O tecido arde na minha pele machucada, e eu mordo a parte interna da minha bochecha.

“Porra…”

“Ainda não terminamos.” Ele permanece imóvel, sem nem tentar se abaixar. “Levanta a bunda.”

“Ungh… Porra… Mmm…” Solto todo tipo de som enquanto curvo os dedos no tapete e me levanto bruscamente, fazendo minha bunda roçar nos botões do jeans dele.

Meu Deus.

Isso é estranhamente erótico.

“Mais alto. Deixa eu ver meu buraquinho apertado.”

Me esforço, minhas costas doem um pouco enquanto levanto ainda mais. Droga. Sou uma atleta de ponta e ainda tenho dificuldade com isso.

Finalmente, minha bunda bate contra as coxas dele.

Pá.

Eu gemo quando a mão dele toca minha nádega, então ele a agarra e algo frio e espesso cai bem no meio da minha entrada.

Ele acabou de usar lubrificante, percebo, enquanto um gemido escapa de mim.

"Agora, enfia. Alimente meu pau com sua bunda", ele ordena. "Faça direito pra mim, tá bom, gata?"

"T-tá bom." Me movo um pouco para frente até sentir a ponta do pau dele na minha entrada.

Morro o canto do meu lábio enquanto empurro para trás contra ele. Ele não faz nenhum movimento para me ajudar, exceto pelo jeito que está agarrando minha bunda com força, expondo minha entrada.

A ideia de ele observar aquela parte íntima de mim tão de perto deveria ser constrangedora, mas eu já superei isso.

Droga. Como ele conseguiu fazer isso da outra vez?

“Se esforce mais.” Ele grunhe profundamente na minha garganta enquanto seu pau pulsa loucamente.

“E-eu estou tentando. Você é simplesmente grande demais.”

“Hum. Eu gosto quando você me elogia. Aqui… deixe-me ajudar.” Estalo.

Eu grunho, meus músculos relaxando, e a ponta desliza para dentro.

Eu gemo, e ele geme ao mesmo tempo, o som me enlouquecendo.

“Porra, amor, você está tão quente e molhada.” Ele solta um gemido. “E apertada. Tão apertada.”

“Você gosta disso?”

“Eu adoro isso.”

Com uma respiração profunda, eu empurro para trás novamente, levando mais alguns centímetros para dentro, grunhindo e miando como uma puta. Porque, caralho.

Se eu pensei que da outra vez tinha sido um acaso, eu estava muito enganada. Estou gostando um pouco demais da sensação dele me esticando para acomodar seu pau.

“Hum… porra, amor… você tá chupando meu pau como uma campeã.”

“Porra…” Eu deslizo para trás mais um pouco, conseguindo enfiar mais alguns centímetros, minhas pernas tremendo.

“Jesus Cristo… Você tá indo tão bem.”

Mais um pouco.

“Porra… Hum. Meu pau é o único pau que você vai conseguir enfiar nesse seu buraquinho apertado, né?”

“Obviamente…” Eu suspiro.

Ele empurra os quadris para frente e eu tropeço, mas antes que eu possa cair, ele me abraça pela cintura e me pressiona contra a cama. Estou ajoelhada na beirada, abraçando o colchão enquanto ele cai atrás de mim, o peito coberto pela camisa colado nas minhas costas, ainda dentro de mim.

Marcus enrola o cinto no meu pescoço e puxa minha cabeça para trás, de modo que ele esteja falando perto da minha boca. “Repita isso.”

Meus lábios se entreabrem porque ele está muito perto, e o novo ângulo permite que ele penetre mais fundo. "Diga... o quê?"

"Que eu sou o único que você vai deixar te foder."

"Você é."

"Puta merda, amor." Ele penetra até o fundo, e eu gemo, deixando minha cabeça cair no colchão.

"Não." Ele puxa o cinto, me fazendo olhar para ele. "Olhos em mim quando eu te possuir, amor."

É intenso. O jeito que ele me observa, o jeito que ele me toca, o jeito que ele me fode.

É tudo muito... intenso.

E eu me entrego completamente enquanto ele penetra fundo, sua virilha batendo contra minha bunda.

"Ah, porra... Ah, sim..."

"Fica comigo, tá?" Penetra. Segura. "Você tem ideia de quantas vezes eu fantasiei em te foder assim?"

"Você fantasiou comigo?"

“O tempo todo, droga.” Ele estoca de novo, aumentando o ritmo, atingindo aquele ponto que faz meu pau vazar.

A cama bate contra a parede com a força das estocadas, e eu estou caindo no limite que é Marcus Osborn.

“Mais…” A palavra escapa de mim em um gemido.

“Mais?”

“É… me mostre o quanto você fantasiou comigo.”

“Jesus Cristo.” Ele me joga na cama com uma estocada brutal. “Você aguenta tão bem o que eu te dou, sabia?”

“S-sei?”

Ele lambe o ponto atrás da minha orelha, depois agarra minha boca. Quando eu abro, ele cospe dentro e grunhe, e eu fico impressionado, porque acabei de

deixar ele cuspir na minha boca.

Eu… não odeio.

Na verdade, minhas orelhas esquentam.

“Você consegue…” Ele penetra. “Você é a única que me deixa excitada. Não preciso de mais ninguém.”

“É melhor não conseguir, ou eu corto sua garganta e sugo seu sangue até secar—” Minhas palavras terminam em um gemido quando ele me penetra mais fundo, atingindo aquele ponto repetidamente.

Ele ri maliciosamente. “Eu te disse. O jeito como você fica adoravelmente homicida me excita.”

“Ah, droga… eu vou…”

“Você quer gozar?”

“Sim… mais forte…”

“Assim?” Ele toma meu rosto como refém, enfiando a língua fundo na minha boca, depois lambe meus lábios enquanto penetra, penetra e penetra naquele ponto.

Meus olhos reviram enquanto os sons mais animalescos, descontrolados e lascivos escapam da minha boca.

“Sim… sim… bem aí… Ungh!”

Marcus me fode com força e sem parar, me tocando em lugares que eu nem imaginava serem possíveis.

Se eu achava que a outra vez tinha sido intensa, essa está bagunçando tudo por dentro.

"Você está f-muito fundo."

"Você gosta fundo, amor. Olha só a bagunça perfeita que você está fazendo para mim."

"Puta merda... eu... vou gozar..."

Meu corpo estremece, minha boca se abre enquanto ele me devora, lambendo minha língua, envolvendo-a com os lábios, me beijando de boca aberta e com a boca aberta enquanto eu me desfaço sob ele.

Literal e figurativamente.

"Marcus... foda-se!" Eu grito enquanto meu pau ejacula por todo lado, nossos corpos escorregadios se movendo em sincronia.

"Lembra, amor?" Eu sinto o gosto das palavras dele na minha língua. "De agora em diante, você só vai gozar por minha causa."

"Sim... sim..."

"Você vai receber meu esperma nesse buraquinho apertado?"

“Mmm”, é o único som que consigo emitir enquanto ele penetra mais fundo.

“Você é minha para marcar e procriar, não é?”

“Sim.”

“Meu buraco favorito.” Ele geme. “Ninguém me usa como você.”

Meu coração dispara, e não deveria, porque ele provavelmente está mentindo. Com certeza já disse isso para um milhão de outras pessoas.

E ainda assim… enquanto encaro seu rosto cheio de desejo, os reflexos azuis brilhantes em seus olhos metálicos, o jeito como ele me olha como se eu fosse a única pessoa que existe agora, escolho acreditar na mentira.

Mesmo que seja só por agora.

Estendo a mão para trás e agarro um punhado de seus cabelos. “Me preencha com seu sêmen. Me arruine.”

“Jesus”, ele geme profundamente, e então se contrai brutalmente, um movimento brusco percorrendo seus quadris. “Ah, porra… engole meu pau… engole meu esperma.”

Eu obedeço, beijando-o suavemente enquanto o calor se espalha dentro de mim.

“Porra.” Ele morde minha língua, gemendo enquanto eu gemo, meu pau murcho tremendo.

Droga. Acabei de gozar e já estou pronto para a segunda rodada?

Pisco quando ele afasta a boca da minha, uma carranca se acentuando em sua testa. “Tem algo em você…” Ele morde meu lábio inferior. “Que me fascina.”

Um grunhido escapa de mim quando ele se retira e se afasta, mas antes que eu possa sentir o vazio, ele desliza para o chão atrás de mim.

“Ah, porra”, gemo quando ele agarra minha pele machucada com as duas mãos.

“Fica comigo, amor. Ainda não terminamos.” Sinto suas palavras ásperas contra o esperma que escorre do meu orifício. “Vou lamber seu cu, depois vou te foder de novo.”

29

PRESTON

“Fique esta noite.”

Foi o que esse pirralho disse.

Não era uma ordem, nem uma ameaça, mas quase um apelo.

E eu fiquei. Como um completo idiota.

Essa foi uma ideia tão horrível que vou cometer suicídio cerebral.

Só preciso pesquisar no Google como.

E já que estou nisso, devia perguntar aos mecanismos de busca como diabos parar de entrar em espiral, porque estou. Um pouco. Ok, muito.

Não tomei meus remédios hoje, e isso pode ter contribuído para a minha reação exagerada no estacionamento. Marcus meio que me deixou exausto com as chicotadas, as palmadas e a foda sem parar, então meu cérebro não tinha capacidade para retomar aquele ritmo familiar.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

Começa de novo, devagar no início, mas depois ganha impulso.

Porque o Marcus está dormindo e eu não.

Não vou.

Eu fingi dormir mais cedo depois do banho e ele chupou meu pau tão bem que eu praticamente balbuciei enquanto gozava na garganta dele.

Estou começando a me sentir mal porque ele se ajoelha o tempo todo, abocanhando meu pau como se não fosse nada, mas eu nunca, jamais farei isso.

Se eu não fosse um completo egoísta, pelo menos teria recusado o favor,

mas, ei, meu pau gosta demais da boca do Marcus para dizer não.

E, na verdade, será que eu consigo recusar alguma coisa que ele me dá?

Encaro seu rosto sonolento. Ele está deitado de costas, adormeceu me abraçando por trás, mas me desvencilhei porque a sensação da sua pele me excita.

Sim, depois de gozar pelo menos cinco vezes esta noite. Que me processem.

Sinceramente, com o Marcus, eu nem estou brincando, mas ainda assim estou descobrindo.

Agora, estou deitada de lado, com a cabeça apoiada na palma da mão. A única posição que consigo assumir nesta cama pequena que mal comporta nós dois espremidos juntos.

Não consigo parar de observar seu corpo gloriosamente nu. Ele vestiu uma cueca boxer e o lençol cobre sua barriga, mas ainda consigo ver os elos intrincados da corrente deslizando por seu pescoço, lateral e torso.

Depois, havia a margarida e a adaga, a tinta brilhando sob a luz suave da mesinha de cabeceira — aquela que ele manteve ali porque eu pedi.

Ele fez isso sem me questionar ou fazer uma piada. Apenas assentiu e me abraçou por trás, depois roçou os lábios na pele sensível abaixo da minha orelha, sussurrando: "Que bom que você ficou, meu bem."

Então eu não pude praticar meu passatempo favorito — fugir.

Não quando ele me abraçava daquele jeito. Falava comigo daquele jeito.

Preciso ligar para o meu pai e pedir dicas de como nunca me tornar fraca e boba, porque, na verdade, Marcus não vai querer que eu fique.

Não se ele souber que eu não sou segura para ele.

É por isso que me recuso a dormir — para que ele não me toque de repente e eu não o mate sem querer.

Mas não dormir não é a solução ideal, porque fico olhando para a margarida e a adaga, e isso não ajuda a dissipar a estática que inunda meu cérebro.

Vários cenários confusos me vêm à mente, e o pensamento mais forte é que Marcus com certeza fez aquela tatuagem para uma garota.

E não foi para a mãe dele. Sim, há muitas plantas e flores na casa dele, mas são principalmente rosas, então a mãe dele prefere essas. Se ele tivesse feito a tatuagem para ela, seria uma rosa comum, e ele não a teria feito em um lugar tão íntimo que só pode ser visto quando ele está nu — ou quase nu.

Quem foi a vadia que causou uma impressão tão grande nesse desgraçado insensível, inflexível e rancoroso a ponto de tatuá-la no corpo?

Claro, pode ser alguma tatuagem legal que ele teve a ideia, mas não, não. Quando perguntei, ele me lançou um olhar nostalgicamente repugnante antes de esconder a tatuagem a sete chaves e dizer que era segredo.

E ele me deu um ultimato: primeiro eu precisava saber o significado da minha tatuagem. Algo que levarei para o túmulo, mas, honestamente, estou pensando em mentir só para que ele me conte.

Porque perguntei para a ex-namorada dele, Dallas — longe do Kane, porque ele já está desconfiado de alguma coisa ultimamente, e eu não quero acabar sendo interrogada.

Enfim, perguntei para a Destiny's Child se ela sabia se o Marcus tinha uma namorada que ele adorava tanto e que gostava de margaridas. Disse a ela que o motivo de eu querer saber era para usá-la contra ele, claro. A Defra disse que jamais colocaria a garota em perigo, mesmo que soubesse.

"Você já conheceu o Marcus?" Ela me olhou incrédula na aula. "Aquele cara é incapaz de amar."

"Isso não te impediu de namorar com ele."

"Um erro do qual nunca vou me recuperar. Sabe por que terminei com ele depois de apenas duas semanas?"

"Você caiu em si?"

"Isso e o fato de ele ter tentado me dividir com os colegas de time." Os lábios dela se curvaram em um sorriso irônico.

"Ah, é?"

"Sim. Ele disse que era algo sobre como ele gosta de ver os ficantes dele sendo comidos por outros."

Será que ele dividiu com a garota para quem fez aquela maldita tatuagem de margarida?

Meus dedos tremem e imagino uma faca nas minhas mãos enquanto corto, apunhalo e apago aquela tatuagem até que fique toda ensanguentada, bagunçada e irreconhecível —

Jesus Cristo.

Por que diabos estou deixando esses pensamentos macabros escaparem? E o que é esse… sentimento? Essa necessidade maldita de posse, de acorrentá-lo a mim para que ele nunca tenha uma saída.

Eu que disse que era só sexo, mas quem eu estava enganando?

De jeito nenhum eu me deixaria ser usada como uma vadiazinha gananciosa se fosse só sexo. Eu também não teria deixado ele me tocar tão intimamente, me abraçar…

Droga — eu deixei ele me abraçar.

Ainda me sinto estranha, minha pele formiga e, às vezes, dói mais do que qualquer um dos seus cílios, mas ele não gosta quando me afasto.

Acho que se eu continuar fazendo isso, se eu continuar fugindo, ele simplesmente vai me abandonar.

Como a mamãe.

Me remexo, e os hematomas na minha bunda e coxas ardem como o inferno. Marcus passou pomada neles mais cedo, mas ainda doem deliciosamente.

Com um gemido abafado, me mexo um pouco para poder observá-lo mais de perto. A curvatura do seu nariz, a linha dura do seu queixo — tudo parece tão proporcional.

Uma mecha rebelde de cabelo cai sobre sua testa, e eu a afasto delicadamente, deixando minha mão ali. Arde um pouco, como sempre que o toco, meu corpo se retraindo diante da ideia de estar tão perto, mas não consigo ficar longe.

Não consigo parar.

Mesmo sentindo como se meus demônios estivessem me dilacerando por dentro.

E apesar de seus gemidos, lamentos e pontadas de dor, eu simplesmente não me movo, deixando meus dedos repousarem em sua pele quente.

Alguma vez me senti tão fascinado por uma garota com quem transei?

A resposta é um sonoro não. Nunca me deitei na cama com nenhuma delas nem as toquei.

Agora que penso nisso, sexo costumava ser uma válvula de escape automática. Uma forma de liberar a tensão, com a mesma importância que matar e dilacerar.

Mas tudo foi temporário, algo que durou apenas um instante e depois desapareceu silenciosamente.

Sim, eu adorava transar — o poder, as amarras, as estocadas animalescas, mas era tudo tão… vazio.

Sexo com Marcus é uma fera completamente diferente, intenso demais, avassalador e… nada vazio.

E eu não tenho a mínima ideia de como lidar com isso.

Sinto que um dia ele vai me tocar fundo demais, em algum lugar além do físico, e eu vou desmoronar como um castelo de cartas. Ou talvez explodir silenciosamente e sem cerimônia como uma bolha.

Mas isso não é para agora.

Ignorar. Fingir que está tudo bem.

Com certeza, ele não vai perceber, já que sempre fui mestre em viver por trás de uma fachada perfeita.

Com certeza, tudo isso vai acabar antes que ele chegue muito perto.

Essa ideia me dá um nó na garganta enquanto eu o encaro.

Marcus parece tão tranquilo quando está dormindo… sem se virar na cama, sem pesadelos. Normal, eu acho.

Ele se mexe e eu retiro minha mão quando ele abre os olhos. Por um segundo, ele me encara, e seus lábios se curvam em um sorriso preguiçoso.

Meu peito dá uma leve sacudida, um baque vindo de algum lugar no fundo dele.

Droga.

Um simples sorriso deveria me fazer sentir como se eu estivesse à beira de um colapso?

Marcus olha para o relógio na parede, que marca três da manhã, e uma carranca substitui o sorriso.

Não, volte com ele. Eu prefiro o sorriso.

"Com dificuldade para dormir?"

Sua voz está rouca de sono, e isso não deveria soar sexy. Só dizendo.

Ele se senta, o colchão se movendo e rangendo sob seu peso enquanto ele estende a mão para minha cueca e massageia minha bunda. "É por causa disso?"

"Ai!" Eu afasto a mão dele com um tapa. "Para com isso. Não é."

"Imaginei." Sua voz ressoa. "Você é viciada em dor."

"Cala a boca." Eu pigarreio. "Você deveria voltar a dormir. Não se preocupe comigo."

"Não." Ele se encosta na cabeceira e bagunça meu cabelo. "Vou te fazer companhia."

"Você não... precisa..." Minha voz falha porque estou engasgando. "Estou acostumada. Nunca dormi bem em lugar nenhum."

Suas sobrancelhas se franzem ainda mais. "Nem mesmo na casa do Jude?"

“Em lugar nenhum”, sussurro, minha garganta se fechando novamente como se lutasse contra as palavras.

Como se as palavras estivessem prestes a me explodir.

Sento-me ao lado dele, nossos ombros pressionados um contra o outro enquanto forço um sorriso, afastando o desconforto. “O Jude me compra todo tipo de coisa para dormir, e não funciona direito, mas não tenho coragem de dizer isso a ele. Ele só está tentando ajudar com meus hábitos de sono desastrosos, sabe?”

“Parece intrometido.”

“Ei.” Dou um empurrãozinho no ombro dele com o meu. “Não chame meu melhor amigo de intrometido ou eu te corto em pedacinhos tão pequenos que ninguém vai te reconhecer.”

“Melhor amigo?” Seu tom é um pouco frio.

“É. Ele é meu parceiro para tudo. O Kane também, mas, tipo, eu e o Jude sempre fomos um pouco mais parecidos, sabe?”

“Não. Suas personalidades são completamente diferentes.”

“É, mas tivemos a mesma criação horrível, com uma pitada de problemas com a mãe, e uma dose extra de pais estoicos.”

“Eu também tenho isso.”

“Você tem o quê? Uma mãe normal?”

Ele estreita os olhos. “Um pai estoico. Aliás, é pior, já que ele nunca me quis.”

“Talvez seja melhor assim.” Engulo em seco. “Sei que você provavelmente não pode evitar entrar no nosso mundo, mas você já é mais velha e adulta o suficiente para se defender.”

Ele me observa por um instante, e eu mordo a parte interna da bochecha, depois deixo escapar: “Você deveria tomar cuidado com a Serena. Sim, ela é sua irmã, mas laços familiares não significam nada em Vencor. Quer dizer, olha a vovó. Ela me ofereceria para bruxas se achasse que conseguiria um herdeiro melhor.”

"O quê?"

"É. Aquela velha bruxa acha que eu sou uma vergonha para o nome Armstrong, e ela não está totalmente errada." Eu aceno com a mão, como quem diz "de qualquer forma". "Bem, a Serena não é má em si, mas ela é melhor amiga do meu tio Atlas e do Julian... Ah, o Julian é o irmão mais velho do Jude, e ele é tipo um psicopata de verdade, obcecado por poder. Os três são, então se ela te abordar com alguma coisa, só tome cuidado, tá? Ela te sacrificaria ao diabo para chegar onde quer."

Seus lábios se curvam em um sorriso largo.

"Por que você está sorrindo? Estou falando sério."

"Gosto que você esteja preocupada comigo."

"Com quem? Comigo?" Finjo olhar ao redor enquanto sinto o rosto esquentar.

Ele dá uma risadinha discreta, mas não insiste. "Serena e eu temos um acordo, mas você tem razão, ela está mudando as regras. Eu sei como lidar com isso, no entanto."

"Como?"

"Papai. Acredito que ele seja o único que pode impedi-la de machucar a mamãe." Ele passa a mão pelos cabelos. "Mas eu detesto pedir qualquer coisa a ele."

Não gosto dessa luta interna na família Osborn, na qual Marcus está envolvido. Não gosto nem um pouco.

Serena é conhecida por eliminar qualquer um que represente uma ameaça para ela. E se ela decidir que Marcus não é uma oportunidade, mas um obstáculo? E aí?

E aí ela vai receber a visita do meu demônio mais perverso, isso sim.

Mas como Kane diz, isso é só reação impulsiva e não adianta nada se ela enterrar Marcus na fundação de um dos prédios da família.

O que posso fazer para evitar isso?

Marcus está me encarando, a cabeça inclinada, e o olhar dele me faz estremecer.

"Por que você está me olhando tão intensamente?", pergunto em voz baixa.

"Estou te admirando."

Meu Deus. Sinto o calor se espalhando pelo meu rosto. É melhor eu não estar corando feito uma menininha. "Você já não me admirou o suficiente?"

"Não. Nunca."

Bem, droga. Agora, tenho certeza de que estou corando. Nossa, quando foi que ele aprendeu a ser tão charmoso?

O idiota.

Os lábios dele se curvam em um sorriso e eu franzo a testa. "Por que você está sorrindo agora?"

"Você está tão adorável."

"Pare de sorrir."

“Foi você quem me disse que eu deveria sorrir o tempo todo.”

“Quando foi que eu disse isso?”

“Faz muito tempo. Você disse que eu fico bonita quando sorrio.”

“Quer dizer, você fica—” Me interrompo, e o sorriso dele se alarga. Será que eu posso morrer agora mesmo, por favor e obrigada?

Não acredito que eu disse que ele era bonito.

Sério, me mata.

Limpa a garganta, tentando contornar a situação. “Ei, Marcus?”

“Hum?” A voz dele está rouca e ele parece claramente cansado. Me sinto mal por mantê-lo acordado quando ele claramente quer dormir. Talvez eu devesse fingir que estou cochilando para que ele não sinta a necessidade de compartilhar minha insônia idiota?

Mas preciso perguntar isso primeiro.

“Você gostaria de me compartilhar com outras pessoas?”

Ele se endireita, a expressão preguiçosa que antes cobria seu rosto desaparece em um segundo, substituída por olhos semicerrados. "De onde veio isso?"

"Só estou perguntando."

"Você quer isso?", ele pergunta lentamente. "Eu, dividindo você? Assistindo você ser fodida por outro pau—"

"Nem pensar. Já te disse que nenhum outro homem vai me tocar." Sinto um

arrepio e meio que me arrependo de ter feito a pergunta idiota, porque o rosto de Marcus está indecifrável agora, firmemente envolto em um véu de raiva zombeteira e fervilhante.

"Então o quê? Você quer que eu veja você transando com uma mulher?"

Dou de ombros, mesmo que essa perspectiva não me cause nenhuma reação. "Achei que você quisesse. Ouvi dizer que você divide seus parceiros sexuais."

"Acho que sim."

"E?"

"E o quê?"

"Você me dividiria?"

"Você faria isso, Preston?"

"O quê?"

"Você me ouviu." Ele inclina a cabeça para o lado, falando com tanta calma, mas suas palavras ainda me ferem profundamente. "Você ficaria aí sentado me observando enfiar meu pau em uma bunda ou uma vagina enquanto elas gemem e suspiram e—"

"Eu vou matar elas", eu disparo, respirando com dificuldade. "Coloque seu pau em qualquer outro buraco e eu vou cortar a garganta delas. Não me teste."

"Aí está a sua resposta." Ele sorri, acariciando minha bochecha duas vezes antes de soltar a mão. "Nada de compartilhar, entendeu?"

"Mas você está acostumado com isso."

"Não com você. Eu me recuso a aceitar que qualquer outra pessoa te toque. Isso me deixa furioso."

"Eu também", digo antes que eu possa me conter, e o sorriso de Marcus se alarga.

"Que bom que estamos na mesma página."

Uma mão pousa na minha coxa, na junção da cueca com a minha pele. É tão quente e me deixa tonto que mal consigo prestar atenção quando ele pergunta: "Você realmente não vai dormir?".

Balanço a cabeça, porque a mão dele ainda está ali, e eu gosto demais dela para me concentrar em qualquer outra coisa.

"Nem um pouquinho?", ele pergunta, massageando a pele entre os dedos longos.

"É melhor que eu não durma", respondo distraidamente, imaginando se ele vai subir um pouco mais.

Meu pau se contrai só de pensar nisso.

Droga.

De novo?

Sério, seu idiota, se controla.

"É por causa do que aconteceu da outra vez?", ele sussurra. "Você está com receio de me mostrar essa parte de você?".

“Não, tenho medo de te machucar—” Levanto a cabeça, percebendo de repente o que acabei de dizer. Droga.

Ele me enfeitiçou com a mão, e eu estava falando coisas sem sentido.

“Quer dizer… é que…” Minha voz falha, mordendo meu lábio inferior com força.

Marcus segura meu queixo, deslizando o polegar entre meus dentes e lábio até que eu o solte. “Eu te disse, não disse? Você não vai me machucar.”

“Você não sabe disso. Você não me conhece quando não sou eu mesma.”

“Eu sei.” Ele levanta meu queixo, me fazendo olhar para ele. “Eu vi você naquela floresta banhada em sangue, e testemunhei seu estado no topo daquele penhasco e depois de um dos seus pesadelos. Eu vi você, Preston.”

“Não, você não fez isso!” Eu respondo bruscamente, empurrando sua mão. “Isso é só um prelúdio, não sou eu. Eu te disse para ficar bem longe de mim, Marcus. Eu te avisei para não me querer.”

Ele agarra a minha nuca, me puxando para perto. “Eu decido o que eu quero, entendeu?”

“Você quer a versão que não é real!”

“Eu quero a versão que está nos meus braços agora. Isso não é real?” Ele acaricia minha nuca, minha bochecha, meu queixo, e eu sinto vontade de me desintegrar.

Minha respiração irregular se mistura com a dele, e eu me impeço de dizer: É só uma miragem.

Essa minha versão agora é só uma imagem. Um acúmulo de átomos, moléculas e uma química cerebral descontrolada.

Mas ele não entenderia.

Então eu digo o que ele vai ouvir, com a minha voz inexpressiva. "Você perguntou qual era o meu diagnóstico. Vou te dizer. Fui diagnosticada com transtorno de personalidade antissocial. Alguns traços narcisistas. Uma pitada de bipolaridade. E... ah... alucinações psicóticas ocasionais. Parabéns. Você está transando com um DSM ambulante."

Permaneço imóvel, esperando a ficha cair, que Marcus recue ou pelo menos faça aquela cara perturbada ou lamentável que as pessoas têm quando me veem.

Que se dane você, cérebro, por estragar tudo com seu mecanismo de defesa estúpido. Não podia me deixar transar com ele mais algumas vezes?

Não, meu cérebro diz para o meu outro cérebro. Você está chegando muito perto. É perigoso.

Certo.

É por isso que estamos no processo de fazer com que todos me odeiem ou sintam nojo de mim até que não sobre ninguém.

Entendi, rei da autodestruição.

Talvez nesse ponto, quando não sobrar ninguém, eu finalmente crie coragem e morra.

Os dedos de Marcus ainda acariciam minha bochecha, sua expressão inalterada. "E daí?"

"E daí?" pergunto incrédula, depois repito em voz mais alta: "E daí? Eu acabei de dizer que sou louca."

"Você não é louca. Seu cérebro só funciona de forma diferente."

Meu queixo treme, mas eu cerro os lábios. "É. Diferente porque eu mato pessoas só para me sentir bem."

"...Tá bom."

"Que tipo de reação é essa?" Eu o empurro porque seu toque está me deixando confusa. "Eu disse que mato pessoas por diversão, e você só diz 'tá bom'?"

Ele dá de ombros. "Se alguém machucasse alguém que eu amo, eu também mataria."

Deixei meu lábio superior se erguer num rosnado, meu cérebro se esforçando ao máximo para fazer Marcus me odiar profundamente. "Eu não os machuco porque eles machucam pessoas que eu amo. Eu os machuco por mim. Pela adrenalina. Pela breve calmaria que vem depois. Para me sentir viva. Você não acha isso repugnante?"

"Gostos diferentes, príncipe encantado."

"Pare de fingir que é normal."

"Quem falou em normalidade? Nenhum de nós é, e sinceramente, não me importo que você mate. Sobreviva como puder. É isso que importa. Se tiver que pintar o mundo de vermelho por isso, que seja."

Meu corpo inteiro está tremendo agora. "Duvido que você diria o mesmo se eu cortasse a garganta de alguém na sua frente."

"Eu provavelmente acharia excitante se você matasse por mim."

Meus lábios se entreabrem antes que eu os feche novamente. "Você é realmente doente."

"É por isso que somos compatíveis, não acha?"

"E você?"

"E eu?"

"Você mataria por mim?"

"Sim."

Ele diz a palavra sem hesitar, como se fosse óbvio.

Pisco os olhos. Algo quente e horrível me puxa para baixo, no fundo do peito.

Isso deveria fazer meu coração disparar?

Por que meu coração está disparando?

"E você, Preston?" Marcus agarra meu queixo, me puxando para perto dele. "Você viveria por mim?"

"Pare de brincar—"

"Não estou. Você me pertence, lembra? E já que você é meu, estou dizendo para você viver por mim."

Engulo em seco, mas não digo nada.

Não consigo.

Minha garganta está tão cheia de emoções que sinto que vou começar a ter chiado no peito.

“Preciso que você prometa”, ele diz num tom inegociável.

“T-tudo bem.” Mordo a língua e tento empurrá-lo, porque por que diabos estou gaguejando?

“Vem cá.” Marcus me abraça com mais força, me puxando para baixo, me arrastando para o calor do seu peito.

Não discuto, não resisto, apenas deixo que ele coloque minha cabeça em seu ombro enquanto seus braços musculosos me envolvem.

Dessa vez, ele me abraça pela frente, com o queixo apoiado no topo da minha cabeça. “Durma. Eu vou ficar aqui.”

Talvez seja porque estou cansada ou só preciso desabar depois de dias de insônia, talvez seja a sensação do abraço de Marcus, ou seu cheiro, ou sua respiração.

Talvez seja tudo isso.

Mas eu o abraço com força pela cintura e, pela primeira vez na vida, fecho os olhos, afundando o rosto nas batidas do coração dele em vez dos meus próprios demônios.

Isso vai acabar mal.

Mas, por agora, eu não dou a mínima.

30

MARCUS

Quando eu era jovem, minha mãe e os adultos sempre se maravilhavam com a minha inteligência e maturidade.

Sereno. Sem dramas. Um adulto no corpo de uma criança.

Esses são alguns dos termos que eles usavam.

Não sei bem como começou ou por quê. Minha mãe comentou uma vez que eu era parecido com meu pai, de certa forma. Ela disse "inteligente" para não dizer "frio".

Mas acho que sou mesmo filho do meu pai nesse aspecto.

Gosto da minha capacidade de encontrar soluções para problemas, identificando padrões e lidando com a origem da questão. É assim que funciono, conserto carros e jogo hóquei.

É o que me define.

No entanto, estou tendo um pequeno problema com esse homem letal que está me assediando.

Já é manhã, e os braços de Preston ainda me envolvem pela cintura num aperto sufocante, a cabeça enterrada na curva do meu pescoço e a perna sobre a minha.

Ele teve um pesadelo há algumas horas, tremendo incontrolavelmente e murmurando palavras como "Não…", "Mamãe…" e "Papai…".

Sua voz estava rouca, áspera e um pouco sufocada, como se não conseguisse respirar. Lágrimas se acumulavam em seus cílios, e seus lábios tremiam enquanto ele chamava pelos pais.

Meu peito parecia estar sendo partido ao meio.

Nunca tinha ouvido Preston falar com aquele tom tão fragilizado, e o fato de não poder pôr fim ao seu sofrimento me deixou profundamente abalada e angustiante.

Pela primeira vez, não consegui encontrar uma solução para a origem do problema. Não consegui entrar em seus sonhos e exterminar quaisquer demônios que lá se escondessem.

Tudo o que eu podia fazer era acariciar seus cabelos e seu ombro, tomando cuidado para não acordá-lo, já que isso parecia irritá-lo.

Dessa vez, dei tapinhas em suas costas enquanto ele dormia, sussurrando: "Estou aqui".

Mesmo que ele não me ouvisse, mesmo que tivesse sido possuído por outra força, eu queria que ele soubesse que eu estava ali por ele.

Por um tempo, ele só piorou, rosnando e parecendo estar sendo aberto, mas então, lentamente, pouco a pouco, ele relaxou e voltou a dormir profundamente.

Estou acordado desde então.

Passei o tempo todo acariciando seus cabelos macios e dourados com uma mão e mexendo no celular dele com a outra.

O quê?

Essa é a única maneira de eu conseguir saber mais sobre ele. Sim, a princípio pensei em esperar que ele se abrisse, mas se a noite passada — ou hoje de manhã cedo — serve de exemplo, isso não vai funcionar.

Preston pode se abrir, mas de forma destrutiva. Ele me contou sobre seus problemas mentais esperando que eu ficasse enojada e o abandonasse. Então, se eu tentar levá-lo por esse caminho novamente, ele só vai aproveitar a oportunidade para se mostrar como um chato que dá trabalho.

Ele vai menosprezar a própria inteligência, se pintar como um estorvo e fazer de tudo para que eu o odeie.

Abandoná-lo.

Deixe-o se afundar na intrincada bagunça da própria mente.

Não que isso fosse funcionar — não há nada que Preston possa fazer ou dizer que me faça odiá-lo.

Sempre foi assim, mesmo quando ele era um babaca irritante durante os jogos. Claro, eu o colocava em seu devido lugar, mas era rivalidade, não ódio.

E talvez, mesmo naquela época, uma parte de mim só quisesse ser notada pelo príncipe encantado da minha infância.

Completamente ridículo, eu sei.

Agora, não quero que ele entre no modo autocrítico, autodepreciativo e autodepreciativo disfarçado de humor negro. Vi um vislumbre disso e não sou fã.

Ele estava claramente sofrendo, claramente se agarrando aos últimos

resquícios de sanidade com os dedos ensanguentados, claramente… perdido.

E não o colocarei nessa posição novamente.

Mas preciso descobrir a causa raiz, e o celular dele é o melhor lugar para começar.

Eu o vi digitar a senha algumas vezes depois de resmungar que o celular não reconhecia seu "rosto lindo".

Naturalmente, a primeira coisa que procuro são as nossas conversas por mensagem.

E não estou brincando, ele me salvou como "Infelizmente Gostosa".

É impressionante como ele consegue ser adorável sem nem se esforçar.

Ei, pelo menos ele me acha gostosa. Vou ignorar o arrependimento.

Então, vou até as notas dele, seleciono todas e envio por e-mail para mim mesma para poder analisá-las com calma. Depois de apagar o rastro do e-mail que enviei para mim mesma, volto às mensagens dele.

Tem algumas garotas que me chamam a atenção. Algumas ele bloqueou, outras ele simplesmente ignora ou rejeita.

Começo a perceber um padrão. A rejeição, o bloqueio e a indiferença em relação às garotas começaram desde... o jogo depois do qual me inseri na vida dele.

Reviso o histórico das conversas dele com elas porque, aparentemente, estou com vontade de me torturar.

É irracional a intensidade da minha raiva ao ver como ele fala com elas. Ele tem uma combinação de flerte e humor que aperfeiçoou. Uma que ele nunca usou comigo, obviamente, já que vem lutando com unhas e dentes contra isso.

Eu não deveria ter inveja de algumas garotas que já ficaram com ele, principalmente considerando meu próprio histórico, mas que o diga meu peito em chamas.

Com um gemido, volto para onde ele tagarela o tempo todo — no grupo de bate-papo com Kane e Jude. Com certeza foi ele quem deu o nome, considerando que se chama "Clube de Fãs do Preston".

Aparentemente, ele tem esse costume de dar nomes aos grupos, porque o histórico mostra: Comitê de Apreciação do Preston, Vipers, mas com um toque picante, e Prestonverso.

Tenho que rolar por páginas e páginas de Preston sendo dramático e Jude e Kane o confrontando ou ameaçando. Parece que isso só faz com que ele seja ainda mais dramático e os ameace de volta.

Ah, e ele falou de mim — bem, principalmente depois que queimou minha bicicleta, o que levou Kane e Jude a dizerem que foi uma péssima ideia. E foi mesmo. Porque eles têm razão. Depois disso, mirei nele com ainda mais força e

o coloquei exatamente onde eu queria.

Nos meus braços.

O grupo de mensagens só me dá fragmentos da história. Kane e Jude são claramente superprotetores com ele. Eles ficam checando se ele tomou os remédios. Mesmo ontem à noite, os dois estavam mandando mensagens para saber onde ele estava, e Jude perguntou: “Que merda foi aquela no estacionamento? Responde, Pres. Você está bem?”

Ele resmungou um pouco, depois disse que estava bem e que ia passar a noite na casa do pai.

Mentiroso.

Jude e Kane mencionam muito a palavra “em espiral”. O que, suponho, é normal para ele.

A conversa dele com Jude gira principalmente em torno de remédios, comida, treino e detalhes irritantes em geral, considerando que eles moram juntos.

Isso precisa acabar o mais rápido possível.

Se ele precisar de alguém para controlá-lo, serei eu, não o Jude.

E não, eu não ligo para o status de "melhores amigos" deles. Não gosto de outro homem mimando o que é meu.

Esse é o meu papel.

Vou até as conversas dele com o pai, já que esse é obviamente um problema que ele se recusa a tratar. O pai (também conhecido como "Problemas com o Pai") — como Preston o apelidou — é exatamente o que eu esperaria do líder da família Armstrong. Lacustre, austero, um pouco perdido com o humor exagerado de Preston e seus métodos de evasão implacáveis.

No momento em que o pai fica sério, o que acontece na maioria das vezes, Preston solta as respostas mais aleatórias.

PAI

Precisamos conversar sobre o seu comportamento de ontem.

Ou você pode pedir para alguém lidar comigo.

O quê?

Claro, pai. Vamos fingir que *alguém* não existe. Facilita a vida de nós dois.

Preston. Quem é esse alguém?

Certo. Certo. Vamos fazer isso. Manipulação psicológica é o Rei.

E mais uma.

PAI

O baile de gala Armstrong é daqui a duas semanas. Compareça. Apresentável. Sóbrio.

Defina "sóbrio".

Não machucado ou bêbado.

Então isso significa que eu posso estar sob o efeito das drogas do Julian ou não?

E outra.

PAI

Por que o treinador disse que você está com hematomas de novo? Você está brigando?

Lutando contra meus demônios, claro, pai. Adoro a manipulação, me faz sentir todo o amor paterno.

Preston, você pode parar com essa arrogância e falar como um ser humano normal?

Desculpe, não consigo falar como um robô. Eles oferecem aulas na sua língua nativa?

E mais uma.

PAI

Pare de faltar às suas consultas com a médica. Você precisa de consistência.

Está querendo brigar ou algo assim? Eu FAÇO terapia. Eu literalmente fui hoje.

Onde?

Na sala de estar da médica. Ela fez chá. Conversamos sobre limites e problemas com o pai.

De qual "ela" você está falando?

Nossa, você soa exatamente como ela. Vocês duas estão em conluio ou algo assim?

A última conversa, hoje mais cedo, me faz apertar o telefone com mais força, meus dedos parando em seu cabelo.

PAI

Você não está bem ultimamente.

Nunca fui bem em toda a minha vida, pai. Obrigado por notar, no entanto. Antes tarde do que nunca.

Se algo está errado, preciso saber.

Que ousadia a sua presumir que eu sei o que é se sentir "errado".

O que isso significa?

Relaxa. O Dr. Fenwick me explicou. Aparentemente, estou "com mau funcionamento". Julian deve ter te contado, não é? Apresentando sinais de psicose e toda aquela baboseira de gente louca com a qual não vou te entediar. Pode ser que você se livre de mim mais cedo do que pensa. Parabéns, pai. Não sou um bom filho? Finalmente, estou certo?

Isso não tem graça.

Nunca disse que tinha. Só mencionei que estava acontecendo. Sabe, como acontecia quando eu era criança. As coisas simplesmente acontecem e eu não posso impedi-las.

Isso não foi culpa sua, filho. Você sabe disso, não é?

Por que você está me chamando de filho? Isso está me dando arrepios. Me dá calafrios de verdade, e não daqueles bons.

Você é meu filho.

Mas eu não era seu filho quando mais precisei de você, quando a mamãe mais precisou de você, e agora, eu simplesmente não preciso mais de você, pai.

Um grunhido baixo contra meu pescoço me tira o olhar do celular dele, e eu fecho as mensagens e jogo o aparelho no travesseiro onde ele o deixou.

Os braços de Preston ainda me envolvem com firmeza enquanto ele se afasta para me encarar.

E, caramba. Ele está tão lindamente jovial com o cabelo bagunçado e o rosto sonolento. Há uma suavidade nele que eu nunca vi antes, algo tão delicado e frágil que eu quero proteger.

"Que horas são?" O ronco da sua voz rouca e sonolenta me excita profundamente.

Ele é um cara muito simples — basta ouvir ou sentir Preston para já estar pronto para a ação.

"Por volta das oito e meia", digo, colocando a mão em sua cintura, enquanto a outra continua acariciando seus cabelos.

Preston parece meio distraído com o que eu disse e não presta atenção em como minha palma está percorrendo seu corpo, ao longo das escamas da

serpente em sua lateral.

O lençol está em algum lugar aos pés da cama, depois que Preston o chutou para longe, e eu simplesmente o deixei lá.

De qualquer forma, eu sinto calor ao dormir, e Preston parecia precisar apenas do meu calor corporal durante a noite.

"Dormi por tanto tempo assim?"

"Sim", respondo, embora a pergunta parecesse mais direcionada a ele mesmo.

"Geralmente não consigo." Sua voz rouca soa admirada.

"Não?"

"Não. Eu assisto Tom e Jerry por horas a fio para conseguir dormir."

Dou uma risadinha, arqueando uma sobrancelha. "Tom e Jerry, sério?"

"Sério." Ele me encara, mesmo com as orelhas vermelhas. "É melhor você não me julgar."

"Não estou julgando." Deslizo minha mão um pouco mais para cima. "Por que Tom e Jerry?"

Ele olha fixamente para a porta, a respiração falhando, depois desvia o olhar para o teto, e sua voz soa distante. "Eles me lembram as estrelas. Abafam o barulho, e é... reconfortante."

"Que... barulho?"

Ele vira a cabeça bruscamente na minha direção, e seus olhos se arregalam antes de ele se esconder atrás da fachada que usa tão bem. "Só barulho, eu acho. Enfim, é raro eu dormir tão profundamente por horas."

"Pois bem, você dormiu. Você estava até roncando."

"Eu não ronco", ele diz, soando tão adoravelmente ofendido que dá vontade de apertá-lo.

"Você estava babando também."

“Eu não babo!”

“Se você diz.” Eu sorrio, bagunçando o cabelo dele, e a expressão dele se ilumina.

Então, em uma fração de segundo, ele se levanta bruscamente e monta em mim, batendo meu pulso contra a cabeceira da cama. “Você tem um desejo de morte?”

“Não exatamente.” Eu o agarro pela cintura com a mão livre e o empurro para baixo até que seu pau duro roce no meu. “Hum. Mas eu tenho outro desejo.”

“Ah, porra.” Ele se esfrega no meu pau, para frente e para trás, o atrito através da nossa cueca boxer deixando tudo quente e pesado.

“Isso mesmo, amor. Quer me montar?”

“Por que isso é tão bom? Por que você é tão… tão… Argh.”

“Mexa os quadris… isso, assim mesmo…” Eu o empurro por baixo.

“Caramba…”

Só de vê-lo tão dolorosamente lindo com aquela cobra enrolada em seu braço e lado direito, já me dá uma baita dor nos testículos.

"O que isso significa?", pergunto entre gemidos enquanto seu pau roça no meu. "A cobra?"

"Hum... argh... é alguém do passado."

"Quem?"

"Eu mesmo." Seus olhos se fecham, um brilho profundo e misterioso, seu pau roçando agressivamente no meu por cima da cueca. "Eu simplesmente não conseguia me livrar da minha própria pele e isso..."

Ele se levanta e senta na minha virilha, ainda roçando nossos paus, mas o ritmo está mais lento. Com um suspiro trêmulo, ele levanta minha mão e a coloca sobre a fratura em seu esterno. "É por isso que eu não conseguia me livrar daquela pele. Mal estou costurado, Marcus. Por um triz."

Abro a boca, mas ele coloca a mão sobre ela. "Shh, não fale, tá bom? Só me faça sentir bem. Você faz isso tão bem, Marcus. Ninguém faz como você."

Meu Deus.

Estou prestes a virar a gente e transar com ele, mas um barulho vem de fora.

Preston está ocupado demais me penetrando para perceber.

Droga.

Agarro o braço dele e o puxo para baixo, depois me agarro ao lençol enquanto uma batida ecoa no ar.

"Marcus?" A porta se abre assim que puxo o lençol para o meio dos nossos peitos.

E, claro, minha mãe — que eu tinha completamente esquecido que chegava em casa a essa hora — dá uma espiada. "Adivinha? Trouxe bagels fresquinhos para o café da manhã—"

Ela fica olhando, boquiaberta, observando a cena, ou pelo menos o cara deitado nos meus braços.

O rosto de Preston está ficando vermelho enquanto seu corpo estremece contra o meu.

"Bom dia, mãe", digo com indiferença.

"Bom dia, querido." Ela pigarreia. "Eu... te vejo com seu amigo lá embaixo, tá?"

"Te vejo daqui a pouco", digo, e ela fecha a porta.

Permanecemos em silêncio enquanto o som de seus passos desaparece pelo corredor.

"Droga..." ele murmura, enterrando o rosto no travesseiro. "Me mata."

"Prefiro não." Passo meus dedos em seu cabelo, porque não consigo resistir.

Ele levanta a cabeça. "Por que você está tão indiferente a isso? Você está acostumado com sua mãe te pegando no flagra?"

"Não, eu te disse que isso não acontece aqui. Até você, pelo menos."

Ele morde o canto do lábio. “Como foi quando você se assumiu para ela? Supondo que você tenha se assumido?”

“Hum, eu não diria oficialmente. Ela me viu com um cara uns dois anos atrás e disse: ‘Ah, bom, não tenho inveja nenhuma de você ter variedade enquanto eu, a pobre coitada, fico presa a homens.’ E fez aspas com os dedos na palavra ‘homens’, depois revirou os olhos.”

Ele ri, o som fazendo seu peito vibrar contra o meu. “Ela parece ser uma pessoa tão má.”

“Ela é.” Passo os dedos pelos seus cabelos. “Se sua mãe estivesse viva, você me apresentaria a ela?”

Ele acena com a cabeça distraidamente. “Acho que sim.”

“Sério?”

“Sim. Mamãe era uma pessoa tão divertida, tinha tantos amigos gays, ela celebraria isso, provavelmente daria uma festa enorme.” Ele sorri com um olhar terno.

“Então sua homofobia não veio da sua mãe.”

“Não sou homofóbico. Respeito a sexualidade das pessoas.”

“Exceto quando se trata de você?”

Ele dá de ombros. “Eu só… tenho dificuldade com isso.”

“Por quê? Se você gosta tanto, por que não consegue aceitar?”

“Só me traz pensamentos indesejados.”

“Tipo?”

“Nada.” Ele pigarreia e me encara por baixo dos cílios. “Eu só acho que não quero me assumir. Você… odiaria isso?”

“Você não precisa se assumir. Poucas pessoas gostam de rótulos. Eu não gosto.”

“Sinto que você fica bravo quando eu me escondo.”

“De mim. Eu fico bravo quando você se esconde de mim, Preston.”

“Eu vou…” Ele engole em seco. “Vou tentar ao máximo não fazer isso.”

“É só isso que peço.” Eu me levanto, e ele me observa com aquele olhar faminto que me dá vontade de devorá-lo. “Lave-se. Vou esperar você lá embaixo.”

“Espera aí.” Ele segura minha mão e então, como se percebesse o que tinha feito, me solta hesitante. “Não posso simplesmente sair pela janela ou algo

assim?”

“Ela já te viu e não gostaria que você sumisse.”

“Sua mãe também guarda rancor?”

“De quem você acha que eu puxei?” Eu me inclino e roço meus lábios em sua testa. “Não se preocupe com isso. Ela é legal.”

Seus lábios se entreabrem, e seus olhos mudam para a cor de um jardim florido, e eu preciso me virar para não pular de volta naquela cama e nunca mais sair.

Depois de vestir uma calça de moletom e uma camiseta, vou para a cozinha. O cheiro de café fresco e bagels me arrepia enquanto me aproximo da minha mãe.

Ela ainda está com seu uniforme rosa-claro, o cabelo preso em um coque impecável, e o cheiro característico de antisséptico me atinge quando ela me dá um abraço de lado.

"Sente-se. Já preparei tudo", diz ela.

"Vou fazer uma omelete rapidinho."

"Ah, é mesmo. Você precisa da sua proteína, meu craque do hóquei."

"O Preston também."

Ela sorri para mim enquanto pego os ovos e alguns legumes na geladeira.

Enquanto corto os tomates e o espinafre, minha mãe se encosta no balcão, segurando sua enorme caneca de café com a inscrição "Melhor Enfermeira do Mundo" — um presente dos colegas de trabalho pelo seu aniversário de trinta anos.

"Você pode simplesmente dizer o que está pensando, mãe." Solto um suspiro enquanto quebro os ovos. "Não precisa ficar segurando esse sorriso irônico."

“Então era o Preston Armstrong!” ela sussurra, quase gritando. “Achei que estava vendo coisas.”

“Você não estava.”

Ela me dá um tapa no ombro. “Olha só você, conquistando o homem mais bonito da liga.”

“Achei que você tivesse dito que era eu.”

“Você sabe o que eu quero dizer.”

Bato os ovos, meus lábios se curvando em um sorriso. “Você não está errada. Ele é o homem mais bonito.”

“Não é? Ele é ainda mais bonito pessoalmente. Tão charmoso e bonito.”

“Pare de babar, mãe.” Estreito os olhos. “Ele tem a idade do seu filho e, o mais importante, ele é meu.”

“Ei!” Ela me dá um soco no ombro. “Pare de ser uma pirralha. Eu não estava dando em cima dele.”

“Você não teria a menor chance se estivesse, de qualquer forma.” Misturo os legumes com os ovos. “Ele me prefere.”

“Você não sabe disso.”

“Tenho quase certeza de que ele não se interessaria por uma mulher de meia-idade.”

“Esse filho da puta. Você está me chamando de velha?”

“Você é velha.”

“Que grosseria.” Ela debocha. “Vou denunciá-la por abuso parental.”

“Isso não existe, mãe.”

“Vou garantir que exista.”

Eu rio, balançando a cabeça, e ela ri junto, tomando um gole de café. “Fico feliz em te ver feliz. É raro.”

“Não seja ridícula. Estou sempre feliz.”

“Você está sempre viva, sim, mas feliz? Acho que não.” Ela acaricia meu braço. “Mas você sabe muito bem que ele é um deles, não é?”

“Deles?”

“Aqueles como seu pai e sua irmã. Eles. As pessoas que usariam nossa pele como bolsas de grife se tivessem a chance.”

“Ele pode ter sido criado no meio deles, mas não é como eles.”

Um lampejo de tristeza cobre seus olhos. "Eu também pensava assim do seu pai, mas estava redondamente enganada."

"Preston não tem nada a ver com o papai. Ele pode até fingir, mas se importa, enquanto o papai finge se importar, quando, na verdade, não se importa."

"Espero que você esteja certa." Um pequeno sorriso surge em seus lábios. "Só não quero que você se machuque como eu me machuquei."

"Não vou", digo. "Sei que ele é diferente. Quando o conheci na casa do papai, a primeira e última vez que fui lá, ele me deu bala de manga e me desejou feliz aniversário, e às vezes ainda vejo traços daquela versão mais jovem dele."

"Nossa, ele foi sua primeira paixão?"

Faço uma pausa. "O quê?"

“Você me contou tudo sobre ele no caminho de volta, lembra? Você não parava de falar daquele rapaz de cabelos dourados, tipo um príncipe, que você conheceu no jardim.” Ela sorri. “Você até me perguntou se podia casar com ele quando crescesse.”

“Eu… perguntei?”

“Claro que perguntei. Acontece que aquele rapaz era o Preston? Que mundo pequeno.”

Então eu até disse para a minha mãe que casaria com ele. Que ambição!

Meus pensamentos se dispersam quando um movimento surge atrás de mim. Quando inclino a cabeça para trás, Preston está parado na porta — de um jeito meio sem jeito, diga-se de passagem — toda a sua arrogância charmosa substituída por uma postura insegura.

Ele está absolutamente lindo com o cabelo caindo sobre a testa. “Oi, quer dizer… bom dia, senhora.”

Meu Deus. Ele parece tão deslocado; dá vontade de beijá-lo.

Mamãe larga a xícara de café no balcão e se senta ao lado dele com um sorriso largo. “Junho está ótimo. Não me chame de senhora. Isso me faz sentir velha.”

“Você é velha, mãe”, eu digo.

“Cala a boca.” Ela me lança um olhar e então guia Preston até a mesa.

“Você não é velha”, diz Preston em seu tom cordial de sempre. “Você parece a irmã do Marcus.”

“Eu sei, né?” Ela dá um tapinha no ombro dele. “Ouço isso direto.”

“Não, você não ouve”, eu digo, virando a omelete, chamando a atenção de Preston enquanto ele me encara com aquela expressão irritada.

“Vou te dar um tapa.” Mamãe me encara novamente e então sorri para Preston. “Fique à vontade, querido. Como você quer seu café?”

“Preto está ótimo”, ele responde.

“Imediatamente.” Mamãe vai até a máquina de expresso que ela exigiu de presente de Dia das Mães. Do meu pai.

“O quê?” ela disse a ele ao telefone. “Você não pode comprar uma máquina chique para a mãe do seu filho?”

Naturalmente, ele mandou um aparelho caro que me levou uma hora para configurar.

Coloco a omelete em um prato e a deslizo para a frente de Preston. “Pensei que você preferisse seus lattes com dose dupla ou tripla de expresso?”

“Como você consegue…” Ele hesita, depois sussurra: “Perseguidor.”

Dou um sorriso irônico enquanto me sento à sua frente.

Logo depois, mamãe traz o café dele. “Aqui. Tem certeza de que não quer leite?”

“Só um pouquinho”, diz Preston com um pequeno sorriso.

“Tudo bem.” Ela traz a garrafa de leite e entrega a ele outra caneca para que ele possa misturar os dois. Esta tem escrito “Melhor Mãe do Mundo”. Sim, ela adora suas canecas, e sim, fui eu quem deu essa para ela há mais de dez anos.

Preston a encara por um instante antes de despejar um pouco do seu café preto nela e, em seguida, adicionar o leite à sua caneca.

“E o meu café?” pergunto à minha mãe enquanto ela puxa outra cadeira para

a mesa.

Ela inclina a cabeça na minha direção. “Mostre-me suas mãos.”

Quando eu mostro, confusa, ela acena com a cabeça. “Parecem funcionais. Vá fazer o seu.”

Preston cai na gargalhada e levanta a mão. “Desculpe.”

“Não, você não está”, resmungo.

E ele ri de novo com a minha mãe. “Você é muito engraçada, June.”

“Sou eu.” Ela balança a cabeça, passando um braço pelos meus ombros. “Meu filho não puxou a mim, infelizmente.”

“É, às vezes ele é sério demais”, concorda Preston.

“E um estraga-prazeres”, diz minha mãe.

“Estou bem aqui, caso ninguém tenha percebido”, digo.

“Psiu.” Ela dá um tapinha no meu ombro, em tom de brincadeira. “Tenho pedido para ele trazer alguém especial, mas ele nunca trouxe. Disse que não tem ninguém que ele sinta necessidade de me apresentar.”

Os lábios de Preston se entreabrem. “Ninguém?”

“Não. Ele é tão pouco cooperativo, né?”

“Acho que sim.”

“Bom, ninguém até você, pelo menos.”

Um tom rosado sobe pelo pescoço dele enquanto ele pigarreia. “Fico feliz por ter tido a chance de te conhecer.”

“Eu também. Você parece ser um cara tão divertido, Preston. Por que você estaria com esse rabugento?”

Eu sou rabugenta? É o contrário, mãe.

"Eu não estou com..." Ele para de falar e engole em seco. "Acho que... simplesmente aconteceu. Ele não me deixava em paz."

"Ah, ele é muito focado assim." Ela sorri, mas o pequeno sorriso com covinhas de Preston desaparece.

Eu estreito os olhos, mas ele logo muda de assunto, conversando com a mãe sobre tudo e nada.

Eles se dão bem — claro que se dão. Os dois podem ser incrivelmente descontraídos. Eu levo a pior quando eles se juntam contra mim, mas tudo bem.

Porque eu nunca vi Preston assim antes, tão brincalhão, carinhoso e... tão genuíno. Me lembra da primeira vez que o vi no jardim do meu pai.

Antes de ele se tornar quem é hoje.

Enquanto minha mãe pegava a manta que estava tricotando para mostrar ao Preston, ele me encarou.

"O quê?", perguntei depois de engolir uma garfada da omelete. Preston tinha devorado a dele.

"Eu te odeio", resmungou ele, e tomou um gole de café.

"De onde veio isso?"

"Por que você tem uma mãe perfeita?"

"Você já a viu? Ela é falastrona e não tem filtro nenhum."

"Ela é perfeita."

"Ela não está aqui. Você pode falar a verdade."

"Ela está." Ele olhou fixamente para o café. "Aposto que ela teria te protegido quando você não podia se proteger."

"Ei..." Estendi a mão e cobri a dele porque seus olhos têm um brilho estranho que me deixa confusa.

Ele não olha para mim, apenas continua encarando o café, seus dedos tremendo sob os meus. "Ela provavelmente teria percebido que algo estava errado muito antes de qualquer coisa acontecer."

"Preston... olhe para mim."

Ele olha, lentamente, como se não quisesse que eu visse.

Mas eu vejo.

E a expressão assustada e pálida em seu rosto me fere profundamente. "Minha mãe não viu. Ela não conseguiu me proteger. E quando finalmente conseguiu, já era tarde demais."

"Tarde demais para quê?"

Um sorriso triste e dilacerante surge em seus lábios. "Para tudo."

31

PRESTON

Tem algo errado.

Na minha cabeça. No meu corpo. Na minha alma corrompida.

Tentei alterar meu cérebro com poções químicas — também conhecidas como remédios — mas elas mal estão fazendo efeito. Eu consigo sentir, sabe, aquele arranhar arranhar dentro da minha mente.

Há dias que mordo o lábio e tento me controlar, mas o transbordamento vai me inundar mais cedo ou mais tarde.

A química descontrolada na minha cabeça vai se rebelar, e não há como impedir isso.

Mas eu preciso consertar isso de alguma forma.

Só... consertar.

É por isso que me dirigi a um dos meus lugares favoritos — o divã da Dra. Duret. Ela está sentada à minha frente, com uma aparência aconchegante e acolhedora, vestindo um cardigã listrado em preto e branco com botões dourados e calças bege.

Com um caderno de couro na mão, ela simplesmente fica sentada, imóvel, esperando, sem nunca me pressionar para falar.

Porque é isso que terapeutas fazem, eu acho.

"Eu não fui ver o Marcus ontem." Levanto a mão. "Eu sei, eu sei. Basicamente, tenho aparecido na casa dele todas as noites desde que fomos pegos pela mãe dele, há mais de duas semanas, mas... bem, eu não estou me sentindo bem. Anteontem à noite, eu o estrangulei enquanto dormia. Eu sei porque ele foi dormir perfeitamente bem e acordou com marcas de dedos no

pescoço. Não podiam ser fantasmas, como meu cérebro tentou me convencer — fui eu. Senti muito remorso, mas em vez de pedir desculpas como uma pessoa sã faria, fiz exatamente o oposto. Explodi na cara dele e fui embora."

Estou respirando com dificuldade, o som áspero no silêncio, acentuado pelo barulho alto do relógio de parede. Espera. Ele sempre esteve ali? Não, eu teria notado se estivesse, não é?

Aliás, onde estão as estrelas? Por que ela as tirou do teto?

"Você quer me dizer por que explodiu?" A postura e a expressão do Dr. Duret não mudam.

"Ele estava mentindo para mim." Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro, passando a mão pelos cabelos, agitada. "Perguntei se eu o tinha machucado enquanto dormia, e ele disse que não importava. Por que não importava? Por quê? E se... e se..."

"E se?"

Paro e mordo a parte interna da minha bochecha com tanta força que um gosto metálico explode na minha boca. "E se eu o matar?"

"Você não ia querer isso, ia?"

Balanço a cabeça negativamente. "Eu... não conseguiria me perdoar. Por isso decidi que precisava ficar longe. Você... você me conhece quando fico instável."

"Então você simplesmente desaparece? Acha que ele gostaria disso?"

Me jogo de volta no sofá, resmungando. "É para o bem dele."

"Isso não responde à minha pergunta."

"Ele não gostaria. Ele não gosta." Solto um suspiro. "Ele se despediu."

"É por isso que você está chateada?"

“Não é que eu não queira ir. Eu… eu gosto, sabe? De passar um tempo com ele, quero dizer. Achei que fosse porque eu estava meio obcecada por ele ou algo assim, mas meu apego a ele não é só por causa do sexo. Não me entenda mal, eu adoro sexo. Acho… acho que é a primeira vez que realmente gostei. Achei que gostava de amarrá-los, mas na verdade, não era controle que eu queria, era dor e entrega, mas…”

“Mas só quando você se sente segura?”

Um leve tremor toca meus lábios. “Sim. Eu… eu me senti segura com o Marcus desde o início, não é?”

“Acho que sim. Você gosta de erotizar o que antes era usado como arma contra você, e não há nada de errado nisso, Preston.”

“Sério?”

“Sério.”

“Mas por que o Marcus? Eu simplesmente… não entendo.”

“Com a sua personalidade, você nunca admitiria querer submissão a menos

que…”

Sento-me na ponta da cadeira. “A menos que?”

“A menos que você saiba que pode destruir emocionalmente a pessoa a quem está se submetendo fisicamente.”

Meus lábios se entreabrem. Ah. Era isso que eu estava fazendo, sumindo e agindo de forma evasiva? Testando se eu tinha domínio sobre Marcus emocionalmente?

Eu precisava saber que ele sempre me desejaria mais, se importaria mais comigo e gostaria de mim o suficiente para nunca conseguir me deixar?

Mas ele já me queria.

“Eu queria que fosse só sexo. Teria sido muito mais simples assim”, murmuro, passando a mão pelo rosto.

“Quando isso mudou?”

“Não sei.”

“Mais ou menos na época em que você concordou em ter um relacionamento exclusivo?”

“Talvez. Eu só… gosto de passar um tempo com ele na sua casinha pequena, mas aconchegante. Adoro que, apesar da intensidade dele, ele seja observador e carinhoso. Ele sempre faz comidas deliciosas para mim e me dá uns doces de manga horríveis dos quais estou viciada agora, como se eu tivesse voltado a ser criança. Ele também divide a mãe comigo. Nós três fomos esquiar outro dia, e ela me comprou chocolate quente. Ela é demais — me abraça e diz que está feliz por Marcus ter a mim. Eu? Dá para acreditar? É melhor acreditar, não estou mentindo. Enfim, eu gosto muito da June, e tenho inveja de nunca ter tido uma mãe como ela. A questão é que… eu quero ir vê-lo, mas não posso.”

A Dra. Duret anota algo, mas não me faz nenhuma das suas perguntas desagradáveis de sempre.

Ela continua rabiscando, rabiscando e rabiscando, e o som da caneta arranhando o papel parece que está sendo arrastada contra meu crânio.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

“Vai dizer alguma coisa?” pergunto bruscamente.

Ela faz uma pausa, erguendo o olhar para mim. “O que você quer que eu diga?”

“Essas suas bobagens de terapeuta, talvez? Me perguntar por que estou entrando em espiral mais do que o normal? Por que… estou me automedicando mais do que nunca na minha vida?”

“Por quê?”

“Porque… porque… Marcus acha que sou o príncipe encantado perfeito que ele adora, mas isso só acontece porque estou escondendo meu lado horrível a sete chaves.”

“Por que você não se abre sobre aquela época, Preston? Você não precisa contar pessoalmente se estiver se sentindo sobrecarregado. Pode mandar uma carta, um e-mail ou uma mensagem. Pode ser catártico escrever tudo.”

“Nem pensar! Eu… eu preferiria tomar os mesmos comprimidos que minha mãe tomou para tirar a própria vida do que deixar ele ver.”

“Ver o quê?”

“A podridão dentro de mim.”

“Você acha que ele ficaria com medo?”

“Não. Ele ficaria enojado.”

“Isso te assusta? A ideia de ele ver o que há dentro de você?”

“Não.” Engasgo com a palavra. “Me apavora.”

“Por quê?”

“Porque ele iria embora.” Levanto-me bruscamente e caminho em sua direção. Ela não se move enquanto fico parada bem na sua frente, encarando seus olhos escuros e inexpressivos. “Como a mamãe.”

“Você acha que ele se suicidaria?” Sua voz é robótica, quase como se estivesse se arrastando pelo meu crânio.

“Não. Mas o suicídio não é a única forma de as pessoas irem embora. Papai está vivo, mas me deixou há muito tempo.” Estendo a mão lentamente em sua direção, mas ela não se afasta. “Você também vai embora um dia, não é?”

“Não se você não quiser, não—”

“Cala a boca.” Dou um tapa na cara dela. “Acho melhor acabar com vocês agora e acabar com essa paranoia. Se eu matar você primeiro, ninguém vai me deixar em paz.”

“Você vai matar o Marcus também?” ela pergunta através dos meus dedos, o som um pouco abafado. “Para se livrar dele antes que ele se livre de você?”

“É um bom plano. Você tem as melhores ideias quando sua vida está em perigo.”

“Aqui vai outra”, ela diz, sem mudar o tom de voz. “Ou melhor, um pensamento. Um pensamento pouco profissional, mas você precisa ouvi-lo mesmo assim. Quer saber por que você está entrando em espiral mais do que o normal, Preston? É porque você está reprimindo mais do que o normal. Você está tentando se moldar ao que acredita que Marcus quer ver, mas isso está tendo o efeito oposto na sua psique. Seu cérebro está se rebelando porque você o está forçando a ter a mesma mentalidade de quando você era abusado.”

“Cale a boca”, eu sussurro.

“Fique quieto, Preston.” A voz dela fica mais grave, imitando a minha. “Não diga uma palavra, Preston. Se você ficar parado, se você reprimir tudo e se comportar como uma estátua obediente, ninguém vai saber.”

“Cale a boca!”

“Não é isso que você está dizendo para si mesma agora? Neste exato momento? Você não está matando aquela parte de você que quer ser ouvida e aceita por quem ele é? O motivo disso é simples. Você está se sentindo vulnerável pela primeira vez desde o abuso e está lutando com unhas e dentes contra isso. Você está se revoltando contra isso. Está tentando assassiná-la de todas as maneiras possíveis.” Ela sorri suavemente contra minha mão. “Você prefere matar Marcus a lidar com os sentimentos intensos que tem por ele. Prefere enterrá-lo a sete palmos de profundidade a contar a ele sobre seus demônios, porque se fizer isso, se deixar tudo vir à tona na frente da pessoa por quem você tem tanto carinho, você também terá que enfrentá-los.”

“Eu disse. Cala a boca!” Me afasto bruscamente, suas palavras queimando minha pele e garganta, espalhando-se pela minha espinha como fogo em palha seca.

Ela se levanta, coloca o caderno na cadeira e ajeita a barra do cardigã. “Acho que está na hora de você resolver isso sozinha.”

“Do que você está falando?”

“Não vou estar aqui para ver você se autodestruir de novo.” Ela se vira e sai, o som alto dos seus saltos ecoando no piso de madeira.

“Espera!” Eu grito. “Você é paga para me ouvir! Você não pode ir embora!”

Ela abre a porta e uma rajada de ar frio entra, congelando-me até os ossos.

A Dra. Duret desaparece, mas eu não me mexo.

Eu não consigo.

Meu mundo está embaçado e percebo que meus olhos estão cheios de lágrimas.

“De novo não, por favor”, sussurro, caindo de joelhos em frente à cadeira, abraçando o caderno contra o peito enquanto ele treme. “Mãe… não vá.”



Enfim, que se dane a Dra. Duret. Que ela vá para o inferno, para mim tanto faz.

Crise de nervos? Com certeza não aconteceu.

Com certeza não passei a maior parte da noite lá, esperando ela voltar. Ela vai voltar quando precisar de mais um cheque do papai.

Falando em papai, acho que Lenin estava certo.

Ele resolveu me largar.

É tarde da noite e acabei de incendiar o carro favorito dele logo depois de voltar da casa deprimentemente vazia da Dra. Duret.

Era um Bentley antigo pelo qual ele pagou uma fortuna e importou de algum lugar do Oriente Médio.

Papai viu seu dinheiro, esforço e amor por aquele carro que ele só usa uma ou duas vezes por ano queimarem bem diante dos seus olhos. Mas ele não disse nada, apenas voltou para sua caverna — quer dizer, seu escritório.

Ele nem mandou Lenin me buscar.

Dá para acreditar? A trágica ausência de Lenin confirma a teoria que tenho há várias semanas.

Papai não me castiga mais, porque qualquer resquício de carinho que ele tinha por mim desapareceu.

Então agora, estou aqui na chuva, bem em frente à entrada da oficina, enquanto os funcionários apagam o fogo.

Esperando.

Esperando o quê, eu não sei.

Na verdade, eu sei. Estou esperando Jude voltar a si, já que ele também está perdendo o contato com a realidade depois de descobrir algumas verdades perturbadoras.

E por causa disso, ele afastou a única luz da vida dele — Violet. Eu sinto uma espécie de camaradagem com ela, sabe? Ela tem um olhar triste que me lembra daquela versão minha de sete anos. Uma tristeza da qual eu não conseguia me livrar, não importa o que eu fizesse.

Ela também seria a integrante perfeita para o Clube dos Problemas com a Mãe que eu, a Vi e o Jude deveríamos formar.

Enfim, o Jude está sendo um babaca, afastando todo mundo, inclusive a Violet, e isso não é bom.

Se nós dois entrarmos em espiral, quem vai me impedir de me matar acidentalmente?

Estou esperando o Dr. Duret voltar, o Lenin aparecer.

Mas, principalmente, estou esperando o Marcus me responder.

Pego meu celular e fico olhando para a tela embaçada pela chuva. E não, nenhuma mensagem nova. Tudo o que vejo é a conversa que tivemos depois que eu saí.

MARCUS

Você está bem? Só me diga que sim, e eu te deixo em paz.

É, agora eu o salvei como nome, acho.

E não, eu não respondi àquela mensagem, porque o que diabos eu diria quando estava me sentindo péssima por tê-lo magoado?

O jeito como ele estava perguntando sobre mim só piorou minha culpa cem vezes.

E eu cheguei a considerar me jogar do telhado da minha casa. Já aconteceu antes, só que eu não morri, então pensei que da segunda vez seria a melhor, né?

Marcus, sendo Marcus, mandou mensagem de novo no dia seguinte.

MARCUS

Fiz tacos. Você vem hoje à noite?

EU

Não.

Por que não?

Porque não precisamos nos encontrar todos os dias.

Tem certeza de que não é porque você está fugindo de novo?

Por que diabos eu precisaria fugir de você?

Diga-me você, Preston. Toda vez que acho que te conquistei, algo acontece e você decide me ignorar. Tentei ser paciente e certamente tentei não te pressionar e esperar que você se abrisse, mas obviamente isso não está funcionando.

O que diabos significa "não está funcionando"?

Significa exatamente isso. As coisas não estão dando certo do jeito que estão agora. Você não pode continuar fugindo e esperar que eu corra atrás de você.

Você está... terminando tudo?

É isso que você quer?

Você não é quem vai acabar com isso, Marcus. Sou eu! Vai se foder, seu idiota. Eu te dou cinco minutos de atenção e você acha que pode me ter? EU? O Preston Armstrong?

Sim, ilusão da minha parte. Me arrependo de ter sonhado com isso. Adeus, Preston.

Ele me bloqueou.

Dou risada sozinha, porque, sabe, a ideia que eu e o Dr. Duret discutimos não está errada. Eu deveria ir atrás dele e cortar a garganta dele.

Se eu não posso tê-lo, que ele morra.

Nossa. Estou parecendo uma verdadeira lunática. Quer dizer, eu sei que sou,

mas isso está me atingindo em cheio.

Alerta de psicopata tóxico e assassino.

Droga.

A realidade é que eu nunca o machucaria, pelo menos não mais do que já machuquei.

Estou só blefando, porque se eu tivesse uma faca na mão e Marcus estivesse na minha frente, eu a viraria contra mim mesma e esfaquearia meu próprio coração.

Meu peito dói. Dói tanto que mal consigo respirar.

Que tipo de merda é essa?

Coração partido, eu acho.

Estou tão arrasada porque Marcus me disse adeus. Será que ele realmente não vai mais me ouvir?

Não até você contar tudo para ele. E eu digo tudo mesmo, aquela voz tão parecida com os sussurros do Dr. Duret na minha cabeça.

"Você perdeu completamente a cabeça", Lilith está ao meu lado.

Ela está segurando um guarda-chuva e nem tenta me cobrir, ocupada demais me olhando de cima a baixo. "Você se tornou uma bomba-relógio. Sua avó adoraria se livrar de você, e até a Miley vai ter medo de você eventualmente."

"Mantenha-a longe de mim", sussurro, inclinando a cabeça em sua direção enquanto a água da chuva cai em filetes pelo meu rosto. "Você também, Lilith, fique longe. Eu detestaria quebrar seu pescoço sem querer."

Ela franze os lábios. "Como ousa me ameaçar?"

“Eu nunca te disse isso antes, mas a única razão pela qual você continua respirando é porque eu não quero que a Miley cresça sem mãe. Isso traumatiza as crianças — a vida sem mães, quero dizer. Mas você sabe muito bem disso. Você viu em primeira mão como isso faz com que uma delas se apegue de forma perturbadora a estranhos falsos só porque eles dizem algumas palavras bonitas e fazem um show.”

Seus lábios tremem enquanto ela dá um passo para trás. “Você—”

“Sai da minha frente!”

Ela tropeça e quase cai, mas se vira e praticamente corre para dentro de casa enquanto eu fico ali observando o fogo esfriar.

Por um tempo que parece uma eternidade, continuo checando meu celular a cada dois minutos, esperando por quê, eu não sei.

Marcus não respondeu. Se alguma coisa, ele deveria estar feliz por ter se livrado de mim.

Os funcionários desaparecem, o que restou do carro é carregado e levado embora, e logo a área externa da garagem está vazia, exceto por mim e meu

celular agora sem bateria.

A chuva para.

Não, não para.

O motivo de não estar mais me encharcando é que alguém está ao meu lado, segurando um guarda-chuva sobre minha cabeça. A princípio, penso que seja Hayes, mas a voz do meu pai ressoa ao meu redor.

"Você deveria entrar."

Engulo em seco, a dor no meu peito dobrando e triplicando, mas forço um sorriso.

Ele parece tão elegante em seu terno bege de três peças, o cabelo penteado com cuidado, o rosto sereno. Ah, como eu gostaria de ter herdado sua frieza. A vida teria sido muito mais fácil.

“Finalmente decidiu me castigar?”

“Você faz essas coisas para que eu te castigue?” Ele me olha de soslaio. “Achei que fosse para chamar minha atenção.”

Fecho os lábios e ele solta um longo suspiro. “Bom, aqui está, Preston. O que você quer?”

“Um novo médico.”

“Um novo médico?”

Uma gota de chuva cai do meu cabelo na minha bochecha, deslizando até a minha boca. “É, o antigo é um vigarista inútil e preconceituoso. Achei que você faria uma pesquisa melhor antes de contratar meu terapeuta.”

“O Dr. Fenwick não é um vigarista.” Ele se vira para mim, inclinando o guarda-chuva na minha direção, e a chuva encharca o ombro do seu paletó.

“Não ele. Estou falando dela.”

“Quem é ela?”

“Só tenho uma ela, pai. Que merda?”

“Não, tem algumas médicas que trabalham com o Dr. Fenwick. Alguma delas fez você se sentir julgado?”

“Sim. Precisava que ela fosse demitida ou, tipo, ameaçada um pouco.” Eu sorrio. “No estilo Vencor.”

“Preciso de um nome.”

“Dra. Duret.”

Meu pai congela, seu corpo fica tão incrivelmente imóvel que me dá arrepios. Quando ele fala, sua voz é firme, mas um pouco trêmula. “Quando foi a última vez que você… hum, a encontrou?”

“Hoje à noite.”

“E vocês se conheceram… onde exatamente?”

“No consultório do Dr. Fenwick, depois na casa dela, lembra?”

“Na casa dela?”

“É, aquela fora da cidade. Você até manda o Lenin me buscar às vezes. Você está ficando senil tão rápido assim?”

“Lenin”, ele repete sem emoção.

“É, Lenin”, rosno. “Aliás, onde ele andou ultimamente? É verdade que você parou de me castigar porque está planejando me largar?”

“Lenin disse isso?”

Mordo o canto do lábio e dou de ombros. Bom, talvez isso coloque Lenin em apuros — não que eu me importe.

“Escuta, Preston.” Ele agarra meu ombro, os dedos cravando. “Eu nunca te largaria.”

“Mesmo se eu incendiar seu carro?”

“Mesmo se você incendiar uma garagem cheia deles.”

“Dá muito trabalho — não vale a pena.”

Os lábios do meu pai se curvam num sorriso e eu fico olhando. Parece… uma eternidade desde que o vi sorrir.

Nossa. O Lawrence Armstrong consegue sorrir? Alguém liga para o fabricante do robô para ele testar se tem algum defeito.

“Preston?”

“Sim?”

“Amanhã de manhã, vamos juntos ver o Dr. Fenwick.”

“Não posso, e também não gosto muito daquele velho.” Talvez eu devesse pedir para o papai ameaçar a Dra. Duret para que ela volte. Tenho quase certeza de que ela tem família em algum lugar da Europa. Papai pode localizá-los e usá-los contra ela como moeda de troca.

“Por que não pode?”, ele pergunta.

“Vou fazer um piquenique. Ou melhor, estou me convidando para um com as filhas do Kane e do Jude. Elas são tão diferentes do nosso mundo, e eu gostaria de me livrar da Destiny, se possível, mas a irmã dela, ou irmã adotiva, ou seja lá o que for, não ia gostar, e eu gosto dela. Não da Destiny, mas da irmã dela, a Vi. Acho que ela está fazendo do Jude um homem melhor, mas ele é cego demais para perceber. Ela também me parece tão familiar; se você a conhecer, provavelmente vai sentir o mesmo.” Mordo o canto do lábio porque acabei falando demais. “É, então, estou ocupada.”

“Quando você termina? Aí a gente vai.”

“Preciso mesmo?”

“Sim.”

“Ótima maneira de dar opções para sua filha, pai. Trabalho incrível—”

“Preston.” Ele aperta meu ombro. “Quero que você saiba… eu nunca quis

fazer isso, mas, olhando para trás, era inevitável.”

“Fazer… o quê?”

“Me desculpe.” Ele aperta meu ombro mais uma vez, coloca o guarda-chuva na minha mão e sai andando na chuva.

Mas só alguns passos, porque Hayes sai correndo com outro guarda-chuva.

E eu estou tremendo.

Papai só me disse “me desculpe” uma vez antes — quando me abraçou no dia em que descobri que mamãe tinha morrido.

Eu nunca quis fazer isso.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha porque eu sei, eu simplesmente sei o que vai acontecer amanhã com o Dr. Fenwick.

A única coisa que os médicos sempre recomendam. A única coisa contra a qual papai sempre foi veementemente contra, mas agora, ele não se importa mais o suficiente para se recusar.

Porque o papai também me abandonou.

Como a mamãe. Como o Dr. Duret.

Como o Marcus.

Ele finalmente concordou em me internar.

32

PRESTON

KANE

É verdade que você queimou o carro do seu pai ontem à noite, Pres?

EU

Talvez.

JUDE

O que está acontecendo?

Problemas com o pai atacando de novo. E, nossa, você está vivo mesmo, grandão? Achei que você estivesse se lamentando depois de termos perdido o último jogo por sua causa.

JUDE

Você não muda de assunto. Você anda estranho ultimamente.

Você também anda estranho, mas não me vê reclamando disso.

KANE

Precisa de alguém para desabafar, Pres? Posso dar um jeito.

Não. Não quero sujar minhas mãos.

JUDE

Você está recusando uma caçada? Sério, que diabos está acontecendo?

Achei que vocês não gostassem quando eu saio em busca de sangue. Agora, estão bravos porque estou fazendo o que vocês querem? Babacas E indecisos? Escolha um banco de reservas para situações de dificuldade.

KANE

KANE

Não é do seu feitio recusar uma caçada.

JUDE

Não estou bravo, Presidente. Estou preocupado com você.

Que nojo. Nunca mais diga essas coisas melosas, grandalhão. Me deu uma náusea que preciso tomar mais remédio. Enfim, estou totalmente bem. Te vejo mais tarde.

Então eu menti.

Não estou nada bem.

E provavelmente não os verei mais tarde. Quer dizer, eu poderia antes da minha ida para o hospício, mas eles perceberiam que algo está errado. Jude também tentaria brigar com meu pai para me manter fora, o que o colocaria em apuros com o próprio pai, e ninguém quer esse drama.

Além disso, eu não consigo contar para eles.

As palavras estão presas na minha garganta como pedras empilhadas, sem querer sair.

Assim como daquela vez — se eu tento falar, não consigo respirar.

Se eu não consigo respirar, sinto tudo.

E eu odiava isso — sentir tudo. Preferia a dormência, a ausência de emoções… a flutuação infinita.

Acho que estou chegando lá, ao estágio de flutuação em que deixo de existir por um tempo.

Me torno parte das estrelas por um tempo.

Mas, por enquanto, preciso manter os pés no chão.

Porque há algo que detesto mais do que sentir tudo — ser alvo de pena.

Ou ser vista como um caso perdido. Papai já me vê assim, e não quero adicionar Jude e Kane à lista.

Eu vivi bons momentos aqui. Sabe, antes de papai me entregar ao seu médico favorito, o Dr. Fenwick, para que ele pudesse dissecar meu cérebro novamente.

Sondar minha mente novamente.

Me amarrar a uma cama, me furar com agulhas, extrair meu sangue e me dar quebra-cabeças.

Será que vou passar por isso de novo? A última vez que me estudaram a fundo, eu era criança, então talvez parem com essa bobagem de LEGO?

Acho que vou ter que esperar para ver.

Embora talvez não seja uma má ideia. Prefiro LEGO à personalidade tediosa do Dr. Fenwick, sem dúvida.

Será que a Dra. Duret finalmente vai cair em si e dizer ao chefe dela, Fenwick, que estou totalmente bem?

Tá, não estou, mas também não sou perigosa.

Tá bom, sou sim.

Tenho sentido a minha mente se desintegrando lenta, mas seguramente, nesses últimos dias. Os sons estão começando a abafar meus pensamentos; mal consigo me ouvir.

Esta manhã, encarei-me no espelho e não sei quem diabos me encarava. Tinha olhos fundos e ranho escorrendo do nariz, enquanto lágrimas silenciosas rolavam pelo rosto.

"Você nunca me ajudou", sussurrou ele, e eu tive que desviar o olhar antes que minha cabeça se chocasse contra ele.

Ele deveria ter morrido. Por que diabos ele ainda está vivo?

Enfim, meu cérebro está meio confuso há algum tempo, mas piorou muito desde a noite em que machuquei Marcus e ele fingiu que nada aconteceu.

Minha mente deu uma volta, se expandiu completamente e finalmente se quebrou.

E então foi despedaçada ontem à noite, depois que meu pai se desculpou por suas intenções cruéis.

Então, o que eu fiz? Matar algumas almas desoladas ou cortar algumas gargantas normalmente seriam minhas soluções preferidas. Ou talvez provocar meu pai para que ele mandasse Lenin me dar uma surra.

Mas não, nada disso teria ajudado neste estado de completo desespero.

Em vez disso, fiz algo atípico.

Passei a noite inteira escrevendo uma carta.

Sim. Eu estava escrevendo uma carta. Uma blasfêmia sob qualquer circunstância, e não, a Dra. Duret não vai levar o crédito, porque ela é uma mentirosa do caralho.

Não foi útil nem catártico como ela pregava. Pelo contrário, me vi batendo a nuca na parede com tanta força que tive certeza de que ia sangrar até morrer.

Ou desmaiar.

Infelizmente, nenhuma dessas opções aconteceu.

O que aconteceu, no entanto, foi muito tremor e um dilúvio de lágrimas que não paravam de sair dos meus olhos. Talvez o Dr. Fenwick encontre uma cura para isso.

Mas eu terminei a maldita carta e entreguei para o Hayes esta manhã com instruções claras para que ele a entregasse pessoalmente ainda hoje.

Depois que eu estiver presa na masmorra do Dr. Fenwick — quer dizer, no escritório.

Mas talvez não tenha sido uma boa ideia, talvez eu devesse pedir para o Hayes queimá-la, porque eu já terei ido embora até lá, e... qual o sentido disso depois?

Só um último suspiro? Eu sendo egoísta de novo com o homem que sempre foi paciente comigo?

E ele tem sido paciente. Eu sei que tem. Sou um desastre ambulante, não me desejaria nem para o meu pior inimigo. O pior amante que alguém poderia querer.

Mas Marcus me queria. Mesmo que fosse só pela minha aparência, ele ainda aguentava minha personalidade exigente o tempo todo.

O mínimo que eu podia fazer era deixá-lo ir, mas não, eu tinha que ser egoísta de novo.

Acho que eu queria que ele soubesse a verdade que tanto queria descobrir antes de eu ir para aquele lugar — onde vão matar minha alma.

Eu sei que não vou aguentar.

Durante todos esses anos, a única razão pela qual eu não enlouqueci de vez ou fui soterrada pela estática ou pelo buraco negro que sempre tenta me engolir foi simplesmente porque eu era livre.

Eu tinha hóquei e festas sangrentas que me permitiam expurgar o caos crescente na minha mente. Eu tinha a Miley e até o meu pai. Eu tinha o Dr. Duret, que ouvia minhas reclamações constantes sem me julgar. Eu tinha o Kane e, principalmente, o Jude, que me mantinham sob controle quando os demônios ficavam muito barulhentos.

E por um tempo, eu tive o Marcus.

No hospício, só terei o rosto profissional e insensível do Dr. Fenwick.

Serei apenas eu e a minha cabeça.

E... eu tenho medo da minha cabeça.

Aquele filho da puta me detesta e vai usar todos os tipos de truques e jogos para me deixar o mais miserável possível.

Como ontem à noite.

Ele vai encher meus pensamentos com flashbacks de dor, sons lancinantes e imagens de sangue viscoso.

Muito sangue.

Durante toda a noite, minha mente estava arranhando, gemendo e roubando meu fôlego.

A mente das pessoas as ajuda a seguir em frente com a vida; a minha me sabota a cada passo.

E se eu for presa, ele vai me torturar.

Estou cansada de ser torturada.

Estou exausta pra caralho.

De tudo.

Mas mesmo assim consegui me arrumar hoje de manhã e fazer um penteado lindo, porque vou chegar lá com estilo.

E sabe qual é a melhor maneira de ir com estilo? Um piquenique.

Foi o que eu fiz hoje de manhã com a Violet e a Dior, fingindo que meus problemas não existem.

Problemas? O que são isso? Nunca ouvi falar.

Enfim, a Violet, sendo uma excelente anfitriã, preparou sanduíches e pratinhos de frutas cortadas super fofos, que eu devorei como uma glutona. E tudo isso enquanto falava mal da Danilla.

Olha, eu continuo sendo a pessoa mais mesquinha do mundo, e nunca vou me conformar com o fato de ela ter namorado o Marcus antes de mim.

Só de pensar no Marcus, sinto um fogo no peito e uma espécie de revolta na minha cabeça.

Sabe, eu sempre achei a intensidade dele desconfortável, mas isso se deve a algo simples. Minha mente ganha vida perto dele de um jeito que eu nunca experimentei antes.

Antes do Marcus, eu frequentemente me sentia perdida entre as estrelas no meu quarto de infância. Como se minha alma ainda estivesse flutuando lá, e meu corpo fosse apenas uma casca vazia no mundo real.

Na maior parte do tempo, eu acreditava que não existia.

É por isso que eu amo a dor. Ela significa que estou aqui.

Mas o toque de Marcus mudou tudo. Doía mesmo sem contato físico, porque ele me tocou profundamente, até a minha alma. Ele me tocou de forma tão íntima que estilhaçou a ilusão e me deixou sem fôlego.

Ele me tocou tão profundamente que eu pude sentir que existia no mundo real, não apenas vagando pelo desconhecido.

E aqueles momentos foram os mais autênticos que já vivi.

Agora, tenho medo de nunca mais sentir isso.

Preciso parar de pensar nele, porque, droga, meu peito e meus olhos ardem, e eu definitivamente não vou chorar como uma criancinha mimada.

Seria tão constrangedor, e a Disney vai me zoar para sempre.

Eu me concentro em sorrir e me divertir com as meninas. Se alguém me vir brincando e tentando reconciliar Vi com Jude, jamais imaginaria que estou à beira da exaustão.

A bateria está acabando.

A falta de sono, o esgotamento emocional por escrever a carta e o desespero mórbido de perder o Dr. Duret, Marcus e meu pai ao mesmo tempo estão mexendo com a minha cabeça.

Arranhar.

Arranhar.

Arranhar.

O som é alto, mas não mais ensurdecedor do que os demônios que vivem de graça na minha cabeça.

Você sabe que ninguém te ama, né? Até sua mãe, que mais te amava, se matou para escapar de você.

Lilith estava certa. Quando Miley crescer, ela vai te odiar. Que tipo de exemplo você pode ser para ela? Não acha que é melhor você sumir da vida dela agora?

Por quanto tempo Jude e Kane vão aguentar suas merdas antes de não aguentarem mais?

Vai ser mais fácil para todo mundo se você simplesmente sumir, Preston.

Engulo em seco, tentando ignorar a enxurrada de vozes, com a garganta cheia de náusea.

Droga.

Estou quase a ponto de ir embora, só para poder bater com a minha cabeça na parede, mas aí vejo a pulseira no pulso da Violet. Algo me ocorre, e não sei se quero estar certo ou errado.

Será que é isso mesmo que estou pensando?

Talvez eu tenha pedido para ela tirar, como um idiota, o que ela faz com hesitação.

Uma rajada de ar faz meu cabelo voar para trás enquanto eu o viro e giro o mecanismo que segura a placa na parte de trás até que ele se abra.

Quando as duas placas ficam lado a lado, minha suspeita se confirma. Dentro, há uma lua crescente e um sol, combinando com o símbolo do meu anel.

Traço as iniciais gravadas ao lado do símbolo. W.J.A.

Aquele velho? "Puta merda. Que porra é essa?"

“Não sei”, Violet sussurra, sentada ao meu lado, com o corpo tremendo. “É a primeira vez que vejo isso. Eu… nem sabia que dava para abrir.”

“Isso explica muita coisa.” Encaro-a. Sempre achei que ela me parecia familiar, e na verdade, é por causa dos olhos dela. São do mesmo tom de azul que os olhos heterocromáticos azul-esverdeados do vovô e do papai.

Pensei que ela pudesse ser filha ilegítima do papai, mas isso seria tão fora do comum para ele. Ele jamais seria tão descuidado a ponto de ter filhos fora do casamento.

Eu sei disso porque Lilith fez de tudo para que ele tivesse um filho durante os anos em que namoraram, mas nenhuma das tentativas dela deu certo. Miley nasceu exatamente um ano e meio depois do casamento deles.

O vovô, no entanto, sempre adorou molhar o pau, e não é tão cuidadoso quanto o papai.

Há um motivo para o império Armstrong ter prosperado mais sob o comando do papai do que sob o do vovô. Robôs fazem isso melhor.

A família precisa saber disso. Talvez o papai se orgulhe de mim pela primeira vez na vida se eu contar a novidade.

Sei que é só um desejo.

Levanto-me, segurando a pulseira com força. "Preciso ir."

"Espere." Violet também se levanta, e Detroit a segue, franzindo a testa para mim.

"Devolvo depois", digo. "Se eu conseguir."

"Não é isso." Violet se coloca na minha frente. "Esse símbolo é comum? Se for realmente valioso, talvez a mamãe tenha roubado..."

“Ela nunca teria conseguido roubar a pulseira do meu avô. Isso significa que ele a deu a ela de livre e espontânea vontade.”

“V-avô?”

“Sim, Winston James Armstrong. Esta pulseira pertenceu a ele em algum momento e tem as iniciais dele. Meu pai e meu tio têm pulseiras parecidas. Geralmente, o pai as oferece ao filho, então eu devo ganhar uma depois de me formar. O vovô disse que perdeu a dele há muito tempo, mas parece que não é o caso—”

“Vi, cuidado!” O grito de Dahlia ecoa ao nosso redor enquanto o ronco alto de um motor se aproxima.

Eu vejo primeiro. É um homem em uma motocicleta, vestido de preto e usando um capacete da mesma cor.

Na verdade, são dois, mas estou olhando para o primeiro.

Por um instante, uma fração de segundo, ignoro a arma que ele está apontando para nós.

Por um instante, acredito que seja Marcus.

Ele veio atrás de mim?

Se ele me perdoar desta vez, não serei um idiota de novo. Quer dizer, me conhecendo, isso é meio forçado, mas vou tentar.

Desta vez é sério.

Claro, estou delirando, porque o cara da moto está prestes a atirar em Violet.

Não sei como ou por que isso acontece.

Não. Eu sei por quê.

Mamãe está bem ao lado de Violet, sorrindo suavemente para mim enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto.

"Desculpe, meu tesouro."

"Não é sua culpa, mãe", digo, mas não tenho certeza se ela me ouve ou se minha boca sequer se move. "É minha por ser uma vadiazinha."

Eu não penso. Meu corpo apenas... se move.

Num segundo, Violet está na minha frente, os olhos arregalados, a respiração curta e ofegante, e no segundo seguinte, meus dedos pousam em seus ombros e eu a puxo para frente, girando-nos, colocando minhas costas onde seu peito deveria estar.

O tiro é disparado.

Um estalo seco e horrível rasga o ar e depois meus pulmões.

Um calor detona no meu peito como se alguém tivesse enfiado um punho direto através do osso e da cartilagem, me atravessando num golpe brutal.

Minhas pernas cedem e o chão desaparece.

Estou caindo… caindo e continuo caindo muito depois do meu corpo bater em algo duro.

Os ruídos se misturam — pneus, gritos e berros. Há muitos gritos, mas não consigo identificar a quem pertencem os sons enquanto o sangue borbulha na minha boca, metálico, quente e… reconfortante.

Meu coração falha enquanto meus pulmões se esgotam.

E assim, de repente… o ruído na minha cabeça se cala.

Sem estática.

Sem demônios sussurrando.

Sem comentários de autodepreciação.

Sem passos no corredor que não existem.

Sem fantasmas, sem ruído, sem pensamentos me devorando viva por dentro.

Apenas… nada.

Ah.

Então é assim que o silêncio se sente.

A paz não vem em uma cama macia, no consultório de um terapeuta ou aconchegada contra o peito de Marcus como eu fingia que viria.

Ela vem na grama fria com um buraco no meu peito e a vida de outra pessoa pressionada contra minhas costelas.

Que poético.

Que triste.

Se eu soubesse que tudo terminaria tão abruptamente, teria me jogado na frente da bala antes.

Teria parado de nadar com tanta força para me manter à tona.

Teria simplesmente... abandonado a respiração.

Então por que uma parte de mim se rebela contra esse final apropriado? Por que meu coração se debate, se esforça, tenta se manter à tona?

É hora de desistir da vida que dói viver.

Minha visão embaça nas bordas, as formas ao meu redor se transformam em longos borrões. O mundo se inclina, ficando suave e distante, como se eu estivesse vendo alguém sangrar até a morte.

Uma forma se torna nítida.

Marcus.

Ou a última e barata alucinação dele que meu cérebro criou.

Seu cabelo está bagunçado, seus olhos selvagens de um jeito que nunca vi antes, sua boca se move tão rápido que não consigo entender as palavras.

Ele parece apavorado.

É assim que sei que é fingimento. Marcus não se apavora.

Ele é como uma fortaleza.

Então eu sinto quando seus braços fortes e musculosos me envolvem.

Ele parece… real.

“Preston! Aguenta firme, tá bom? Eu tô aqui… tá bom? Eu tô bem aqui.”

Por que a voz dele está embargada?

Não fique assim, Marcus. Você devia… respirar. Eu me livrei de mim, então… então você deveria ter um problema a menos na sua vida, tá?

Eu estendo a mão para ele, ou acho que estendo, porque lágrimas brilham em seus olhos.

Por mim.

Por que ele está chorando por mim?

“Amor… por favor…” ele implora, com a voz rouca e áspera. “Não me deixe, por favor…”

Não chore.

Meus dedos se contraem contra algo — o ar? A jaqueta dele? O rosto dele?

Eu não sei.

“Temos tanta coisa para conversar, lembra? Você não pode… simplesmente ir embora. Meu bem, por favor…”

Por um instante minúsculo e cruel, o arrependimento corta a calma.

Não sobre Violet.

Não sobre a bala.

Sobre ele.

Sobre não ter lutado.

Não ter ficado.

Não ter arrastado meu eu quebrado e imperfeito por mais uma noite ao lado

dele.

Eu deveria tê-lo tido de novo. De verdade. Sem fugir depois.

“Me desculpe”, tento dizer, mas minha língua parece pesada, minha boca grudada com o gosto de ferro.

Me desculpe, eu te amei.

As palavras ficam presas entre meus dentes enquanto minha visão turva e escurece nos cantos.

“Preston, não! Meu bem… meu bem… meu bem… não!”

Me desculpe.

Me desculpe muito.

Parece que é o que eu sei fazer de melhor. Pedir desculpas como meus pais.

Sinto muito por ter arruinado sua vida, assim como arruinei a minha, Marcus.

No fim das contas, sou eu quem está dizendo adeus.

33

MARCUS

Eu odeio meus aniversários.

Eu sempre odiei meus malditos aniversários, e apesar das tentativas da minha mãe de me animar neles, eu queria esquecê-los.

Mas agora, sinto que nunca vou esquecer meu aniversário.

No meu aniversário de vinte e dois anos, Preston levou um tiro.

Aconteceu bem diante dos meus olhos, mas eu não pude impedir.

Eu só pude ficar parado, assistindo enquanto uma bala atravessava seu peito.

Parece surreal. Há poucos minutos, ele estava tão carinhoso e próximo de Violet e Dahlia.

Sim, eu estive lá a maior parte do tempo, encostado em uma árvore, observando-o como costumo fazer quando ele me ignora.

É uma doença, talvez, um desejo por algo inatingível. Quanto mais eu me distancio dele, mais meu ser inteiro se inflama, precisando alcançá-lo.

Tóxico, sim, mas eu nunca me considerei uma santa.

E não, não existe uma realidade em que Preston pertença a outra pessoa que não seja eu.

Na verdade, tenho tido esses pensamentos ultimamente — como se eu devesse tê-lo cortejado desde aquele primeiro jogo da liga universitária que disputamos há três anos. A primeira vez que essa pequena rivalidade se transformou em algo mais.

Ou talvez eu devesse ter começado no ensino médio. Quando Preston realmente olhou para mim, e eu digo olhou mesmo, depois daquela época em que éramos crianças. A primeira vez que ele me notou, quando me colocou na

sua lista negra e jurou me derrubar.

A primeira vez que ele me viu.

Claro, ele só me via como uma oponente que precisava esmagar, uma adversária, um desafio — porque ele adora desafios, meu Preston.

Naquela época, eu deveria ter arriscado.

Deveria tê-lo feito meu e nunca tê-lo deixado ir.

Talvez assim, eu não tivesse sofrido com sexo mediano e falta de conexão emocional.

Talvez, agora, ele já se sentisse confortável o suficiente comigo para me contar o que diabos o aterroriza quando fecha os olhos à noite.

Talvez ele tivesse confessado o que aconteceu com ele que faz com que qualquer forma de intimidade fora do sexo o deixe tão rígido quanto uma tábua.

Tenho uma ideia, mas me recusei a especular ou pensar sobre isso.

Mas talvez eu devesse ter arriscado. Talvez eu precisasse tirá-lo mais da sua zona de conforto.

Talvez eu só precisasse… estar lá. O tempo todo.

Eu estava lá hoje, mas estava ocupada demais com ciúmes da proximidade dele com Violet para agir a tempo.

E agora, ele está na sala de cirurgia, lutando pela vida porque eu não consegui protegê-lo.

A sala de espera vibra como uma lâmpada queimada — brilhante demais, branca demais — com cheiro de antisséptico que eu nunca detestei até este momento.

Jude caminha de um lado para o outro no piso de linóleo. Kane está de pé com os braços cruzados, as costas contra a parede como se a estivesse sustentando apenas com a força de vontade. Lawrence é o único sentado, perfeitamente composto em uma das cadeiras azuis feias, os cotovelos nos joelhos, os dedos entrelaçados, os nós dos dedos brancos. Seu rosto está inexpressivo.

Fico parada na porta. Nem dentro, nem fora.

Meu polegar bate contra o dedo médio num ritmo lento e controlado.

Um, dois, três.

Toc. Toc. Toc.

Comece de novo.

Preston vai sair dessa.

Eu o levo e vamos embora.

Para outro lugar. Qualquer outro lugar.

Longe de armas e pais emocionalmente imaturos.

Ele sai. Eu o levo. Nós vamos embora.

Repito isso até que as palavras parem de soar como um desejo e comecem a parecer um plano.

O olhar de Jude se volta para mim quando ele para na minha frente, o braço envolto numa bandagem completamente encharcada.

Não faço ideia de como aconteceu, não me importava nem um pouco enquanto segurava Preston nos braços, sussurrando que ele ficaria bem, que eu estaria ali, implorando para que ele não fosse.

A única razão pela qual o soltei quando Kane me puxou foi para que os paramédicos pudessem levar seu corpo frio e inconsciente para a ambulância.

“E por que diabos você está aqui?” Jude dispara na minha cara.

Não olho para ele. Não me mexo.

Não vou me mexer.

Porque Preston está do outro lado daquela porta com o peito aberto e o coração ainda batendo, e eu não vou mais deixá-lo sozinho com pessoas que não sabem como protegê-lo.

Toc. Toc. Toc.

“Eu te fiz uma pergunta”, Jude resmunga.

“Para com isso.” Kane se afasta da parede, me observando atentamente enquanto anda de um lado para o outro. Não faço ideia do que ele viu ou não viu no parque. Nem me importo.

“Quero que você vá embora”, diz Jude.

“Não”, digo friamente, meus dedos parando porque finalmente percebo o vermelho que os cobre — minhas unhas, meus nós dos dedos, minhas mãos. Estão manchados de sangue.

Sangue de Preston.

Fecho as mãos em punhos enquanto tremem incontrolavelmente.

Jude agarra a gola da minha jaqueta, me jogando contra a parede. “Sai daqui, Marcus.”

“Eu disse que não vou a lugar nenhum”, digo lentamente, mas minha voz está fervendo de raiva. “Se alguém precisa vazar, é você por não ter conseguido salvá-lo.”

“Que porra você acabou de dizer?”, ele rosna.

“Quer que eu soletre?”

Talvez eu precise quebrar o pescoço dele por ser o motivo de Preston estar na sala de cirurgia. Se eu não soubesse que Preston me odiaria por machucar seu “melhor amigo”, eu estrangularia esse filho da puta enquanto ele dormisse.

“Vá lutar lá fora”, ordena Lawrence, com a voz dura, mas fria como se não fosse o seu maldito filho que estivesse deitado numa mesa de operação.

Deslizo o olhar para ele. “É só isso que você tem a dizer quando seu filho

está encarando a morte? Ir lutar lá fora? Você não tem outra reação?” Solto uma risada baixa e zombeteira. “Deus, vocês são todos iguais. Cada canto do seu maldito império está podre até o âmago.”

Lawrence nem olha para mim e continua encarando a porta.

“Já chega.” Kane se prepara para me encarar. “Saia daqui antes que eu mande alguém te escoltar para fora usando métodos desagradáveis, Marcus.”

“E deixar vocês, os figurões, cuidarem de tudo, né?” Eu aperto a gola da camisa do Jude com força, rindo na cara dele. “Tipo como você mandou atirar nele, né, Callahan? Seu inútil.”

“Seu—” Jude me joga contra a parede com mais força, e eu não consigo parar de rir.

Não consigo.

“O quê? Vai ficar aí parado me dizendo que você não atraiu a morte para o seu suposto melhor amigo?”

“Não é culpa dele.” Duas garotas vêm correndo na nossa direção — Dahlia e a garota que acabou de falar.

O motivo de Preston não estar comigo agora.

Maldita Violet.

“É minha culpa”, ela sussurra. “Preston fez isso para me proteger—”

“É isso mesmo. Deveria ter sido você”, eu digo com a voz inexpressiva.

Um soco brutal atinge meu rosto, e algo quente escorre pelo meu nariz e pelo canto do meu lábio. "Cala a boca, Osborn!"

"Mas eu estou certo. Ela deveria estar naquela sala agora—"

Jude me acerta de novo, o som do impacto reverberando ao meu redor.

Sabe de uma coisa?

Levanto o punho e o soco, deixando-o provar a agressividade e o desamparo que ecoam dentro de mim.

Despejo arrependimentos, "e se" e a realidade deprimente em que tenho que viver.

Há muita conversa ao nosso redor, Kane ligando para seus contatos, Lawrence falando com Violet, mas não os ouço por causa da violência.

Paulada.

Paulada.

Paulada.

Tudo por culpa desse idiota que não conseguiu proteger a própria mulher, então o Preston teve que fazer isso.

Claro que ele faria.

Ele se acha um monstro insensível ou um narcisista de alto funcionamento, mas na verdade é a pessoa mais carinhosa que já conheci. Se ele se importa com

você, ele faz de tudo.

Há semanas ele vem comprando um monte de coisas para mim e para a minha mãe. Semana passada, ele sozinho trocou todo o uniforme do time dos Wolves por camisetas e equipamentos de primeira linha.

Achei que fosse a Serena tentando me subornar, mas descobri que era ele.

"Tudo bem. Eu posso pagar", ele diz, corando um pouco enquanto patinamos sozinhos na arena à uma da manhã porque ele não conseguia dormir.

Ele está só de camiseta e shorts de compressão, parecendo um petisco pronto para ser desembrulhado. É categoricamente impossível manter minhas mãos longe dele, então deslizo para a frente dele enquanto ele se apoia no taco.

Preston me avalia, seus olhos se estreitando. "É melhor você nem sonhar em tirar o nosso campeonato."

"Sem promessas. Além disso, nós já estamos ganhando. Primeiro lugar, lembra?"

"É porque Jude não está em sua melhor forma." Ele suspira dramaticamente, revirando os olhos. "Minha alteza precisa manter o time competitivo, mas eu vou atrás desse campeonato. Não vou pegar leve com você no próximo jogo Vipers contra Wolves."

"Quando é que você já pegou leve?"

Ele sorri. "Verdade."

"Embora você tenha me evitado."

"Não evitei, não!"

“Sim, você fez. Desde a faculdade, eu acho?” Estendo a mão enluvada, envolvo sua cintura e o empurro contra mim, fazendo seu bastão cair no chão com um estrondo. “Com medo de mim?”

Ele coloca a mão no meu peito, mas não me afasta, e eu gosto disso. A sensação de ele simplesmente me deixar tocá-lo sem se tensionar ou tentar se soltar. “Você é simplesmente chato. Não consigo entrar na sua cabeça.”

“Só isso?”

Seus olhos mudam, parecendo mais nublados, mas então ele solta um único “Hm.”

“Bem, agora você não pode me evitar.”

“Tant mieux (Ótimo, prefiro assim).”

“O que isso significa?”

“Infelizmente.”

“Estou começando a achar que você está traduzindo as coisas errado.”

“Cala a boca.”

Eu sorrio e bagunço o cabelo dele, ao que ele resmunga. "Brincadeiras à parte, você não precisa ficar me comprando coisas."

"Não sei do que você está falando. São só necessidades."

"Consertar todas as luzes da nossa vizinhança é uma necessidade?"

"Com certeza. É perigoso quando você volta para casa à noite."

"Preocupado comigo?"

"Preocupado com a June. Ela vai ficar triste se algo acontecer com você. Além disso, aquela rua está cheia de buracos."

"Você vai consertar esses também?"

"Sim, estou providenciando. Honestamente, por que pagamos impostos se eles não usam o dinheiro para tapar buracos? Não é mesmo?"

"Você paga impostos, querida?"

"Provavelmente? Quer dizer, sim. Não faço ideia de quanto, porém."

"Que comentário de riquinho."

"Ei! Estou usando meu dinheiro para uma boa causa."

Meus lábios tremem porque ele parece tão seguro de si, com o peito estufado e tudo.

Há uma mecha de cabelo perto dos seus olhos, e eu a coloco atrás da orelha, fazendo-o estremecer um pouco. "Comprar a oficina mecânica onde trabalho é uma boa causa?"

"Sim. Porque assim você pode trabalhar no seu próprio horário e não no de outra pessoa."

"Isso faz de você meu chefe agora."

"Um chefe melhor do que o anterior. Vou te pagar mais e você pode trabalhar menos. Pode até tirar folga quando quiser. Sem precisar avisar."

Dou uma risadinha e ele me observa com os lábios entreabertos. "Não é assim que se administra um negócio, meu príncipe."

“Não me importo. Você quer terminar a temporada bem, não é? Você precisa de mais tempo livre para treinar, e não consegue fazer isso com uma agenda lotada de trabalho de meio período.”

“Embora eu agradeça”—eu o agarro pela nuca—“você não precisa fazer isso. Eu estava brincando sobre o negócio do sugar daddy.”

“Eu quero”, ele murmura, seus olhos fixos nos meus enquanto pressiona a mão enluvada contra meu peito. “Deixe-me tentar ajudar, ok? É a única coisa que posso fazer por você.”

Antes que eu possa dizer “Não é”, ele me beija, seus lábios roçando os meus suavemente como se estivesse me provando pela primeira vez.

AGORA, EU SEI POR QUE ELE ME BEIJOU DAQUELA VEZ—PARA ME CALAR, provavelmente. Para me impedir de fazer perguntas que eu deveria ter feito para que ele não estivesse naquela sala.

Os homens que Kane chamou arrancaram Jude de cima de mim. Eles agarraram meus braços e tentaram me levar para fora, mas eu disse que não ia embora, e que não ia embora de jeito nenhum.

Eu os golpeei, dei socos e bati com a cabeça neles por um tempo que pareceu uma eternidade.

Preston precisa de mim.

Preston gostaria de me ver.

Eu disse a ele que estava ali por ele e que não iria a lugar nenhum.

A porta da sala de cirurgia se abriu e eu parei, mal sentindo os homens me segurando pelos braços.

Um médico saiu, com a aparência de quem tinha acabado de sair de um campo de batalha. E quando ele tirou o boné, revelando cabelos grisalhos úmidos, prendi a respiração.

Jude e Kane correram em direção a ele, e Lawrence os seguiu de perto.

"Como ele está?", perguntou Jude com a voz rouca e grave.

O médico encara Lawrence e abaixa a cabeça. “Fizemos o nosso melhor, mas ele perdeu muito sangue. Meus pêsames, senhor.”

Não.

Não.

De jeito nenhum.

Estou ouvindo coisas.

Preston vai se levantar. Eu o levarei. Nós iremos embora.

Será assim. Será sempre assim.

“Que merda!” Jude agarra o médico pela gola. “O que você quer dizer com ‘pêsames’? Entre lá e traga-o de volta!”

“Você está mentindo.” Eu grito como um animal enquanto me debato contra o aperto dos homens. “Isso é uma grande mentira!”

Ele vai se levantar.

Eu o levarei.

Nós iremos embora.

Mais dois homens se juntam aos anteriores, e eu grito e luto enquanto me arrastam para fora com eles.

Me levando para longe de Preston.

Não.

Isso é só temporário. Isso só pode ser temporário.

Ele vai se levantar.

Eu o levarei.

Nós iremos embora.



NÃO ERA TEMPORÁRIO.

Preston não se levantou.

Eu assisti, completamente anestesiada, enquanto seu caixão fechado era enterrado, enquanto todos em sua família tratavam o funeral como um evento de networking.

Uma oportunidade para exibir a riqueza e o prestígio dos Armstrongs, convidando membros de sua comunidade para compartilhar o luto com eles.

A única pessoa da família que chorou foi Miley, abraçando o caixão e soluçando. "Pressie, não é verdade, né? Você vai voltar e nós vamos patinar, né? Vou guardar meus doces para você até você voltar, Pressie, tá bom?"

Mas até ela foi retirada pela mãe antes que eu pudesse chegar até ela. E talvez seja melhor assim.

Porque se eu falar com ela, verei Preston em seus olhos arregalados e mentirei para ela, dizendo que ele está bem.

Ele precisa estar.

Meu Preston não está enterrado a dois metros de profundidade.

Mas está.

E eu ainda me recuso a acreditar. Mesmo enquanto os presentes vão saindo um a um do cemitério. Os últimos a ir são os jogadores do time Vipers, alguns dos quais derramavam lágrimas enquanto Kane falava sobre Preston.

Jude não chorou.

Ele também está parado em frente ao túmulo dele, e eu preciso que ele vá porque vou desenterrar meu Preston daquela terra.

Eu o levarei.

E nós iremos embora.

"Está na hora de ir, filho." A voz do meu pai preenche o espaço enquanto ele está ao meu lado, segurando um grande guarda-chuva sobre a cabeça.

Ele é o motivo pelo qual eu e a mamãe pudemos ir ao funeral. Ela chegou um pouco atrasada porque o papai precisou organizar o acesso dela, mas agora ela está agarrada ao meu braço, segurando um guarda-chuva sobre nós.

Nós três ficamos parados, observando a chuva torrencial molhar o chão onde Preston foi enterrado. Mamãe funga baixinho enquanto pressiona um lenço de papel contra o nariz.

Miley não foi a única que chorou. Mamãe não parou de chorar desde que soube da notícia. Ela está me abraçando o tempo todo, implorando para que eu durma um pouco.

Mas eu não consigo.

Todo lugar me lembra dele. Minha bicicleta, minha pista de patinação, meu trabalho. Minha cozinha. Meu chuveiro.

Minha cama.

Principalmente minha cama.

E agora ela está vazia.

Toda fria e sem a presença dele.

No instante em que fecho os olhos, vejo-o inconsciente, a boca borbulhando de sangue enquanto sangrava em meus braços.

Ouço-o murmurar algo, mas não consigo entender as palavras.

Sinto-o me abraçar, mas então abro os olhos e a pressão desaparece, substituída por um vazio avassalador e pela ausência dele.

Então não, não consigo dormir.

"Você precisa de um momento a sós com ele?", pergunta minha mãe, com a voz suave e frágil.

"Não", respondo, minha voz tão dormente quanto meu interior.

"Você precisa vivenciar o luto como deve ser, querida. Não pode simplesmente guardar tudo para si."

Emito um som afirmativo, mas não digo nada.

"Vamos para casa para que você possa pelo menos dormir, está bem?" Ela puxa minha jaqueta.

"Vai, mãe. Preciso falar com o papai."

Ela faz uma pausa e lança um olhar desconfiado entre nós. "Falar com ele sobre o quê?"

"Algo." Forço um sorriso. "Não vai demorar."

"Não gosto do jeito que você está reprimindo suas emoções, Marcus." Ela se vira para mim. "Preston também não gostaria."

"Então ele não deveria ter ido embora!" Eu disparo, franzindo os lábios. "Desculpe, mãe. Eu só... preciso conversar com o papai, tá bom?"

Ela franze a testa, mas acena com a cabeça. "Vamos jantar juntos, tá bom?"

Não digo nada.

"Tá bom?"

"Tudo bem."

"E você." Ela encara o papai. "Não tente nada engraçado, ou eu vou—"

"Cortar meus testículos." Ele suspira dramaticamente.

"Exatamente." Seu olhar severo desaparece quando ela sorri para mim e beija

minha bochecha, sussurrando: "Sinto muito que o mundo não tenha conseguido lidar com alguém tão extraordinário quanto Preston."

Minha garganta fecha, mas permaneço imóvel enquanto ela se afasta, sua silhueta desaparecendo na névoa crescente.

Papai segura o guarda-chuva sobre nossas cabeças enquanto ambos encaramos o lugar onde mamãe acabou de desaparecer, as lápides do cemitério de aparência cara parecendo fantasmas.

Eu não sabia que cemitérios também podiam ser luxuosos, mas sempre me enganei neste mundo do papai e sua gente.

"Seus filhos estão enterrados neste cemitério?", pergunto, minha voz tão morta quanto as pessoas aqui.

"Sim", ele diz sem emoção. "Algumas fileiras abaixo, ao lado do seu avô e do resto dos seus ancestrais."

"Serei enterrada lá também?"

"Não tão cedo, mas sim, um dia. Você é da família."

"E o X? Ele foi enterrado aqui?"

Ele aperta o guarda-chuva com mais força, mas seu tom não muda. "Vejo que Serena andou falando demais."

"Com certeza, você sabia que ela usaria qualquer coisa à sua disposição para me manter longe. É natural que ela tentasse me acalmar, me ameaçar e me fazer ter medo de você."

"Você tem medo de mim?"

"Não."

"Por quê?"

"Se você quisesse me matar, eu já estaria morta. Sei que você a ameaçou de alguma forma para me deixar em paz, a mim e à mamãe." Inclino a cabeça em sua direção. "O que você fez?"

"Todo mundo tem uma fraqueza, eu só usei a dela. Ainda não é a hora dela, e ela precisa entender isso. Fique tranquilo, ela não vai machucar sua mãe. Eu prometo."

"Ficando mole?"

Um pequeno sorriso surge no canto dos seus lábios. "Sempre tive um carinho especial pela sua mãe. Foi por isso que a deixei ir."

"Você ainda a deixará ir se eu me recusar a cooperar?"

"Sim, mas não é do seu interesse. Sem o que estou oferecendo, Serena vai te matar. Assim como matou os outros irmãos dela."

Minha mão se contrai. "O quê?"

"Ela te contou sobre o X, não?"

"Aquele que você usou para manter seus filhos vivos?"

"Sim. Mas ela te contou que o explodiu junto com todo o laboratório e, com isso, indiretamente matou os outros irmãos dela? Para responder à sua pergunta, não. X não está enterrado aqui porque não sobrou nada dele."

"Ela faria isso?"

“Ela faria.” Um pequeno sorriso curva seus lábios. “Ela é igual a mim, minha filha — faria qualquer coisa por poder. Eu matei meu pai; ela matou os irmãos dela.”

“Por que você não lhe dá esse poder?”

“Não, ela terá que lutar comigo por ele. Esta guerra vai continuar até meu último suspiro ou o dela.”

Dou uma risadinha sem humor. “Então eu sou apenas uma peça de xadrez na sua luta de pai e filha?”

“De certa forma, sim. Não quero que você se machuque, mas também não vou permitir que ela a use contra mim.”

“Então eu deixo você me usar, pai.”

Ele ergue uma sobrancelha. “O que você quer em troca?”

“A identidade e a localização da pessoa que atirou em Preston.” Minha garganta se fecha ao ouvir seu nome, mas reprimo o nó.

Eu detesto pedir qualquer coisa ao meu pai, mas pedi hoje porque precisava estar no funeral, e agora preciso vingar o homem que mudou minha vida drasticamente. Não sei como vou viver sem ele.

"Lawrence não gostaria disso."

"Você pode fazer isso ou não?"

"Talvez."

"Também preciso da identidade de quem contratou aquele assassino. O nome da pessoa que vendeu as armas e de qualquer um que os ajudou, seja quem apagou as imagens de segurança ou facilitou seus movimentos. Preciso de todos os envolvidos. E eu digo todos mesmo."

"Me dê um tempo."

"Quanto tempo?"

"Uma semana."

Balanço a cabeça negativamente. "Três dias ou vou falar com a Serena."

Seus lábios se contraem.

“Não tenho lealdade a nenhum de vocês.” Solto um suspiro. “Na verdade, ficarei do lado de quem me der as informações que preciso primeiro.”

“Você está jogando um jogo perigoso, e por quê? Por um homem morto?”

“Consiga-me esses nomes e locais, pai. Quanto antes eu os tiver, melhor para você.”

Ele solta um suspiro. “E depois?”

“Depois?”

“Depois disso, o que acontece, Marcus? Você vai jogar sua vida fora por um homem que apostou a dele e perdeu?”

Um fogo silencioso começa a se acender em meu estômago, crescendo e se intensificando a cada segundo, mas escolho direcionar essa energia contra meu pai em vez de reprimi-la. “Deixe-me perguntar uma coisa, pai.”

“Pode perguntar.”

“No meu sétimo aniversário, depois de você não ter aparecido para cuidar de mim e a mamãe ter me levado para a sua casa, você disse que queria que ela abortasse. Foi escolha dela me ter contra a sua vontade.” Faço uma pausa. “Isso simplesmente não faz sentido para mim, especialmente depois do que a Serena me contou sobre a doença da imunidade. Não seria do seu interesse ter o máximo de filhos possível para garantir um herdeiro homem ou pelo menos manter o seu herdeiro homem da época, o Lance, vivo? Por que você não me quis?”

“Exatamente por esse motivo. Se você tivesse nascido, eu precisaria te usar, e você provavelmente não acreditaria em mim, mas eu realmente tenho um carinho especial pela June. Ela é a única pessoa que escolhi além das minhas responsabilidades e da minha sede de poder.” Ele sorri suavemente, olhando para o lugar onde ela desapareceu. “Então eu não queria que ela se machucasse, o que teria acontecido se você fosse compatível com o Lance ou, mais tarde, com o Leo. Porque eu teria te arrancado dos braços dela e provavelmente a teria destruído para sempre. Na verdade, fiquei aliviado por vocês não serem compatíveis.”

“Você me chamou de criança inútil quando eu era criança.”

“Chamei?”

“Sim.”

“Hum. Acho que eu estava frustrado por não conseguir salvar o Lance e o Leo. Talvez eu desejasse que vocês fossem compatíveis naquela época.”

“Mesmo que isso magoasse minha mãe?”

“Talvez.” Ele solta um suspiro. “Houve uma época em que considerei levar June e deixar este mundo, mas não consegui.”

“Você não conseguiu abrir mão do poder?”

“Não, não consegui, e não vou.” Ele me olha de soslaio. “Mas quero proteger vocês duas o máximo que puder. É por isso que tenho pessoas seguindo vocês o tempo todo.”

“Quem…?”

“Você não precisa saber, e nem notaria. São profissionais cujo trabalho é manter você e sua mãe em segurança.”

Então é assim que ele sabe sobre mim e Preston.

“Não me importo nem um pouco com a sua proteção”, digo sem emoção. “Me dê esses nomes e locais.”

Ele está prestes a dizer algo mais, mas não estou ouvindo enquanto me afasto sem olhar para trás.

Houve um tempo em que eu ansiava pela atenção dele, mas agora, não me importo nem um pouco com o que ele tem a dizer. Mamãe é a única que realmente importa, não ele.

A chuva me encharca em segundos, a água formando filetes pelo meu rosto e escorrendo para dentro da minha boca.

Paro perto da minha bicicleta ao ver um homem baixo e magro carregando um guarda-chuva e um envelope encadernado em couro. Ao me ver, ele se aproxima rapidamente.

"Olá, Sr. Osborn. Meu nome é Hayes e trabalho para os Armstrongs."

Engulo em seco. Então este é o Hayes de quem Preston não parava de falar. Meu lacaio Hayes isso e meu lacaio Hayes aquilo. De onde Hayes tira esses biscoitos? Tenho quase certeza de que foi ele quem adicionou isso ao meu calendário. Preciso perguntar a Hayes como fazer isso. Ele é muito engenhoso.

Acontece que Hayes é um homem magro, de olhos grandes e cabelo castanho curto que chega até a gola do seu terno impecável.

Ele me entrega o envelope, um brilho de tristeza cobrindo suas feições. “O Sr. Preston Armstrong me pediu para lhe entregar isto na manhã do dia em que foi baleado. Eu deveria ter trazido antes, mas não consegui encontrar tempo. Espero que me perdoe.”

Minha mão deixa impressões digitais úmidas no envelope instantaneamente.

Hayes começa a se virar, mas para, um pequeno sorriso triste curvando seus lábios. “Para ser justo, ele estava mais feliz do que eu o vi em anos, desde que começou a falar de você.”

Ele acena com a cabeça e se dirige ao elegante carro preto que o espera.

Meus dedos apertam o envelope.

Preston me mandou alguma coisa?

O que ele poderia ter enviado se já tinha feito sua escolha?

Mordo meu lábio inferior até sentir o gosto de sangue.

Sim, Preston levou um tiro, mas não foi só porque queria proteger Violet.

Vi seus olhos sem vida no instante em que decidiu atirar.

E ele pareceu aliviado.

E acabou.

Agora, finalmente posso encarar a realidade do que realmente aconteceu e o motivo pelo qual nunca o perdoarei.

Preston não foi assassinado. Ele cometeu suicídio.

34

PRESTON

Para Marcus,

Não sei bem por que estou escrevendo esta carta depois de você ter claramente me dispensado.

Tudo bem, sei sim. Minha terapeuta sugeriu que eu lhe contasse "coisas", e como nunca consigo dizer isso em voz alta, uma carta pode ser um meio-termo.

Você poderá apreciar minha bela caligrafia. Poucas pessoas tiveram o prazer de lê-la. De nada, eu acho.

Aliás, esta é a quinta vez que começo a escrever. Talvez eu tenha tido um mini ataque de pânico enquanto rabiscava as outras, antes de rasgá-las.

É porque meu cérebro está lutando contra mim. Ele faz isso o tempo todo, sabe? Luta, sabota e me deixa louco. Eu só finjo estar no controle porque preciso. Se eu não fizer isso, terei que admitir que perdi.

E se eu perder, farei o que meu cérebro sempre quis: seguir minha mãe para o precipício.

Mas, é, acho que você gostaria que eu começasse do começo.

Droga.

Estou meio hiperventilando, as palavras estão embaçadas e quero desistir e rasgar este pedaço de papel em pedacinhos.

Mas isso significaria te deixar em paz, e eu sou um filho da puta egoísta demais para fazer isso. Então, vamos lá.

Se eu te entediar até as lágrimas, pode queimar isso.

Quando eu era criança, eu era excêntrico. Gostava de passear em jardins, subir em árvores e comer muitos doces. Costumava conversar com pássaros e

esquilos, fingindo que eram meus amigos.

Eu queria muitos amigos. Amigos, quero dizer. Sendo filho único em uma casa cheia de adultos e filho de pais que nunca se deram bem, eu me sentia um pouco sozinho.

Mas tudo bem. Mesmo que mamãe e papai brigassem, eles ainda me amavam. Eles me colocavam na cama e me contavam histórias sobre monstros e reinos distantes que eu repetia no dia seguinte para meus amigos esquilos. Ei, é melhor não me julgar. Eu era uma criança de verdade.

Enfim, as coisas mudaram quando meus pais se divorciaram. Mamãe odiava ficar sozinha com todas as suas forças e me dizia repetidamente que papai nos abandonou porque não nos encaixávamos mais na imagem que ele tinha de nós.

Mais tarde, descobri que ela tentou me levar para a França sem o conhecimento do papai, por despeito.

Agora que cresci, percebo que nenhum dos dois teve culpa.

A questão é que a mamãe era emotiva, enquanto o papai é, você sabe, um ROBÔ. Não teria dado certo entre eles de qualquer forma. Por mais que eu deteste a amante de Satanás, também conhecida como sua atual esposa, Lilith, ela é mais compatível com ele porque não se importa com a falta de emoções dele.

A mamãe se importava.

Ela se importava muito e amava demais, e talvez perdesse a paciência com muita facilidade, o que eu acho que irritava o papai profundamente, daí o divórcio. Depois disso, ele deu a ela uma mansão para nós dois morarmos, perto da residência dos Armstrong.

Era grande demais para nós, e a mamãe, como eu, era excêntrica e tinha tendência a se sentir sozinha e a beber vinho em excesso. Ela era alcoólatra, agora que penso nisso. As pessoas tomam café logo de manhã, mas ela tomava sua taça de vinho.

E como minha mãe se sentia sozinha com facilidade, ela sempre tinha todo tipo de amigo em casa — artistas, diretores, socialites francesas. Ela adorava ser o centro das atenções e ser a alma da festa, mesmo que ninguém se importasse com ela.

Acho que somos parecidas nesse aspecto. Que triste, de verdade.

Minhas lembranças da minha mãe oscilam entre dias divertidos de compras, sentadas à beira do lago enquanto ela fumava e nós comíamos e alimentávamos os patos, e aprendendo a enfiar meus dedos na garganta dela para fazê-la vomitar.

Eu realmente odiava a sensação da garganta dela contra meus dedos. Eu sabia que aquela sensação viscosa e úmida de ânsia de vômito só seria seguida

pelo cheiro de vômito e pela visão deplorável do rosto dela coberto de lágrimas.

Mas pelo menos eu tinha minha mãe, né?

Ela disse: “Seu pai não mora mais com a gente porque somos diferentes dele. Ele não consegue lidar com gente bonita como nós, mas não se preocupe, meu pequeno tesouro, eu nunca vou te abandonar.”

E eu acreditei nela. Acreditei que só tínhamos uma à outra.

Mas não tínhamos.

Minha mãe teve alguns namorados depois do meu pai, talvez numa tentativa mesquinha de se vingar dele, mas eles nunca eram bonitos o suficiente, ricos o suficiente, ou simplesmente… o suficiente. Nunca ter o suficiente era o problema da minha mãe.

Na maioria das vezes, os namorados mal ficavam por perto, e eu não me lembro dos nomes nem dos rostos deles.

Mas um deles ficou.

O nome dele era Claude Lavoie.

Ele era o namorado de longa data da minha mãe. Trabalhava com dinheiro como sócio em uma empresa de gestão de patrimônio e falava muito sobre o dinheiro dos outros.

E minha mãe adorava isso. Mas o que ela mais gostava era do acesso ao estilo de vida luxuoso e aos privilégios que havia perdido depois do divórcio. Claude costumava dizer que ela merecia muito mais do que meu pai lhe dava.

Ele era alto, bem-apresentado e tinha um corpo de fisiculturista. Falava com uma voz suave, vestia-se bem, dizia as palavras certas e comia bem.

Mas eu nunca gostei dele.

A primeira vez que o vi, quando minha mãe o trouxe para nossa casa, ele tinha um olhar estranho naqueles olhos castanhos escuros. Era diferente de como os outros namorados dela me olhavam. Eles eram desinteressados ou fingiam interesse; um deles até fingia ser paternal, como meu pai.

Mas não o Claude.

Na primeira vez que ele me viu, nem tentou se exibir. Ele apenas me avaliou.

Depois disso, eu me senti... com medo perto dele, e não sabia por quê.

Minha mãe o adorava. Ela era feliz com ele, e todas as amigas dela o bajulavam. Ele era charmoso, bonito e tinha a atenção e a confiança de todos.

Não a minha.

Eu simplesmente odiava quando ele me tocava. A mão dele pressionava meu ombro por muito tempo, ou ele tentava me sentar no colo quando a mamãe não estava por perto, o que me dava uma sensação estranha.

Quando ele meio que se mudou para nossa casa, eu fiz um escândalo e disse para a mamãe que queria voltar para a casa do papai. Ela ficou bêbada e

começou a chorar.

"Você é igualzinho ao seu pai, Preston! Você se tornou tão insensível quanto ele. Você tem coragem de deixar a mamãe sozinha?"

Eu não tinha.

Além disso, o papai tinha uma namorada irritante na época, e eu achei que ele não ia me querer lá.

Ele nunca me pediu para voltar a morar com a gente, então eu achei que ele tinha nos abandonado de verdade, como a mamãe disse.

Durante todos esses anos, fiquei pensando que talvez eu devesse ter insistido naquela época. Quando Claude se mudou para cá, eu deveria ter saído de casa.

Porque foi aí que tudo começou.

Os toques insistentes se intensificaram, e ele frequentemente entrava no meu quarto enquanto eu fazia a lição de casa.

Ele segurava meus ombros e se inclinava por trás. Afastava meu cabelo dos meus olhos e dizia que eu estava tão bonita. Como uma menininha fofa.

Isso me dava ânsia de vômito.

Mas eu não disse nada para a mamãe, porque tinha muito medo de que ela começasse a chorar de novo ou dissesse que a culpa era minha por ela estar sempre triste e infeliz.

Eu só tinha medo de que ela me abandonasse como o papai fez.

Então, quando Claude entrou sorrateiramente no meu quarto à noite, quando ouvi o rangido baixo da porta e o chão sob o seu peso, mordi o lábio. Quando ele tocou meu rosto e fez aqueles barulhos horríveis, fingi estar dormindo.

Quando ele sussurrou: "Você é tão linda, Preston", enquanto meu rosto era lambuzado com água quente e gelatinosa, meus lábios tremeram, mas os mantive fechados.

"Você vai ficar quieta para mim, tá?" Ele limpou meu rosto com dedos que me queimavam em todos os lugares que tocavam. "Com um rosto desses, a culpa é sua por eu não conseguir me controlar."

Depois disso, Claude veio ao meu quarto todas as noites por mais de um mês.

Ele se masturbava em cima de mim, às vezes me fazia chupar o pau dele e depois gozava no meu rosto.

Sempre no meu rosto.

Eu não conseguia respirar. Não conseguia me mexer. Tudo o que eu podia fazer era fingir que aquilo não estava acontecendo comigo. Flutuei até as estrelas no teto do meu quarto e fiquei lá, observando a versão quebrada de mim sendo abusada e sem conseguir respirar.

"Shh, Preston."

"Fique quieto, Preston."

"Não conte para a mamãe, tá bom? Ela vai te odiar se você arruinar a felicidade dela, e ela vai te abandonar, assim como seu pai fez."

"Seus pais não te amam, Preston. Você só nasceu porque eles precisavam de alguém para herdar o dinheiro deles."

"Eu te amo, Preston. Eu sou a única pessoa que já te amou. Você sabe disso?"

"A culpa de eu ser assim é sua."

“Não estou te machucando, entendeu? Eu poderia te foder, mas não vou te estragar assim. Só estou te treinando para que você me agrade melhor. Até você crescer um pouco, vou continuar imaginando seu rostinho bonito enquanto fodo a bunda da sua mãe.”

“Ela odeia quando você se isola durante as refeições. Se você continuar se encolhendo e fazendo drama, ela vai se livrar de você.”

Eu acreditei nele.

Depois que o casamento dos meus pais terminou, eu não podia arriscar que minha mãe me abandonasse também.

A ideia de ficar completamente sozinha me aterrorizava.

Até hoje, ainda me aterroriza.

Na minha cabeça, era simples: para manter minha mãe por perto, eu precisava ficar quieta.

Uma vez, passei alguns dias com meu pai e fiquei tão feliz por não ter que ver Claude. Pela primeira vez, eu não seria esmagada pelo seu corpo pesado, nem sufocada pelo almíscar apimentado misturado com aquele cheiro insuportável de cigarro.

Mas mesmo assim não consegui dormir direito. Passei a maior parte das noites observando a porta, imaginando-a rangendo enquanto sua silhueta espreitava por ela. Na última noite na casa do meu pai, antes de ter que voltar para casa, meu estômago embrulhou e a bile subiu pela minha garganta.

Vomitei algumas vezes e me agarrei ao meu pai com todas as minhas forças, chorando como uma criancinha quando ele me deixou na casa da minha mãe.

Quando ele me perguntou o que havia de errado, eu quis gritar: "Me ajuda, papai. Tem um homem que não para de me machucar, e eu não gosto disso."

Mas mamãe apareceu na porta e me arrancou dos braços dele, e eu simplesmente fiquei calado.

E eu tinha que repetir para mim mesmo coisas como…

“Fique quieto.”

“Aguente firme.”

“Assim, sua mãe não vai te odiar.”

“Assim, você sempre terá alguém e não ficará sozinho.”

“Está tudo bem, Preston. Se você olhar para as estrelas, ficar calmo e não brigar, eventualmente conseguirá respirar.”

Era pior quando eu brigava. Claude ficava mais brutal e cruel. Ele jogava um travesseiro na minha cara e o segurava enquanto eu me debatia e chutava, e meus gritos abafados ecoavam no ar.

Meu mundo inteiro ficava escuro, sem alma e frio. Eu gritava os nomes da mamãe e do papai, mas eles não me ouviam.

Eu me sentia tão sozinho.

Meus únicos amigos eram as estrelas no teto, e eu nem conseguia vê-las quando ele tinha o travesseiro na minha cara.

Pensei que ia morrer.

Ele disse que me mataria se eu continuasse sendo um menino travesso.

"Você quer deixar sua pobre mãe sozinha, Preston?", ele me perguntou. "O único motivo de eu estar morando com um desastre como ela é por sua causa. Se você continuar agindo assim, vou me livrar de você, deixá-la e dizer que a culpa é sua. Ela vai te odiar, assim como odiou seu pai."

Tudo o que eu conseguia pensar era no que ela me disse quando sugeri passar mais tempo na casa do meu pai: ela me abraçou forte e chorou.

"Você quer ir embora, assim como seu pai? Você não me ama mais, Preston? Eu sou uma mãe tão ruim assim? Falhei nisso também?"

Ela não era uma mãe ruim. Ela era meu mundo. Então eu tive que parar de lutar.

Simplesmente ficar quieta e aguentar.

De qualquer forma, tudo acabaria logo. A dor, o desconforto e a falta de ar.

Eu podia fazer isso pela minha mãe.

Mas não funcionou.

Uma noite, ela entrou no meu quarto e viu Claude em cima de mim com o pênis mole na minha boca.

Mamãe meio que... desligou. Ela deu um berro tão alto e o atingiu com um abajur, fazendo-o desmaiar, depois me abraçou tão forte que eu não conseguia respirar.

Mas tudo bem, porque mamãe finalmente ouviu meus gritos internos.

Ela finalmente me ajudou.

Ela tinha lágrimas nos olhos enquanto me acalmava, me dava um banho e me colocava na cama. Pela primeira vez em anos, ela dormiu comigo na mesma cama e cantou uma canção de ninar francesa.

Foi a primeira vez que dormi profundamente desde que Claude entrou em nossa casa.

No dia seguinte, acordei com meu pai me abraçando forte também.

"Me desculpe", disse ele com o mesmo tom de culpa que ela havia usado. "Eu deveria ter percebido os sinais. Me desculpe, filho."

"Papai também ouviu meus pedidos de socorro", pensei. "Finalmente acabou, não é? Posso ter minha mãe e meu pai de volta agora, certo?"

Na verdade, não.

Mamãe se matou naquela noite.

Não importava se eu tivesse contado a ela ou não, ela ainda me abandonou.

Depois disso, nunca mais vi Claude. Acho que papai o matou. Nunca perguntei e não quero saber.

Não importava se aquele idiota estava lá ou não. Ele ainda me traumatizou e me fez perder minha mãe.

Alguns anos depois, quando eu tinha onze anos, um professor do internato me usou novamente. Eu não resisti quando ele enfiou o pênis na minha boca à força, porque é isso que eu faço, certo?

Ficar quieta para que ele não contasse ao papai nada sobre mim que o fizesse me odiar e me abandonar também.

Mas quando ele gozou no meu rosto, Kane e Jude me encontraram. Eles o afastaram de mim, e Jude me deu um candelabro e mandou que eu o matasse.

Eu não sabia que era capaz disso.

Mas, ao esmagar seu crânio, senti uma sensação de libertação que nunca havia experimentado antes.

Bati, bati e bati até conseguir ver o rosto de Claude, até que meus sentidos estivessem saturados de sangue em vez de almíscar apimentado e cigarros.

E, pela primeira vez desde que mamãe morreu, eu sorri.

Infelizmente, porém, meu primeiro assassinato veio acompanhado de um diagnóstico psicológico e da gloriosa sequência de decepções do meu pai comigo.

Ele queria um herdeiro adequado para sua fortuna, mas me teve, um coquetel de más decisões e problemas mentais. Acho que ele sempre odiou o fato de eu ser tão parecido com a minha mãe.

Ele se divorciou dela porque não se dava bem com ela, mas não é como se ele pudesse se livrar do próprio filho da mesma forma.

Às vezes, sinto pena dele. Quando não estou causando problemas, gostaria de ser mais parecido com ele — insensível, distante e metódico — para que ele se orgulhasse de mim.

Gostaria de não ser... um turbilhão de emoções com um cérebro disfuncional.

Gostaria de ser um filho de verdade.

Eu sei que meu pai se importa comigo à sua maneira. Ele realmente tentou se

aproximar de mim depois da morte da minha mãe. Ele até me levou para uma viagem às montanhas, só nós dois, durante todo o verão, e tentou conversar comigo, mas eu estava com medo.

Ainda estou.

No fundo, fico pensando que um dia ele vai perceber que já chega, assim como fez com a minha mãe, e vai me abandonar também.

É por isso que já fiz de tudo para chamar a atenção dele. Brigas, assassinatos, sabotagens e até queimei a propriedade dele. Pelo menos, se ele me castigar, significa que se importa.

É uma situação perturbadora, sim, mas como você já sabe, eu sou perturbado. Muito perturbado.

Sou tão perturbada que esmago o ego das pessoas no gelo (ou fora dele) porque as imagino como o Claude. Sinto uma satisfação imensa ao ver pessoas arrogantes como ele humilhadas.

Sou tão perturbada que me machuco só para me sentir viva. Sem dor, é difícil para mim existir no momento presente.

É por isso que não entendo o que diabos você vê em mim, Marcus.

Como... você consegue me olhar com esses olhos ternos o tempo todo? Como você consegue ter esse sorriso caloroso automaticamente só porque estou ali?

Como você consegue ficar feliz em me ver quando mal consigo me manter inteira?

Eu não entendo. Simplesmente não entendo.

Você deveria estar com alguém inteira, não com esses pedaços Frankenstein de mim que eu junto todas as manhãs para fingir.

E eu finjo. Muito.

Finjo que sou o homem mais bonito e charmoso da Terra, com o maior pênis, quando, na realidade, essa beleza me dá nojo.

Eu era frequentemente chamado de bonito pelo Claude e por aquela professora.

E eu ODIAVA isso. Eu detestava ser bonito porque só vinham toques estranhos e sufocamento.

Eu pensava que, se eu não fosse tão bonito, nada daquilo teria acontecido comigo.

Finjo que gosto de ser elogiado pela minha beleza, mas, na verdade, isso me dá arrepios. Eu me olho no espelho e forço um sorriso quando tudo o que eu quero é esmagar a imagem monstruosa refletida em mim.

Porque é só isso que eu vejo — um monstro feio com o crânio fraturado e olhos esbugalhados. Um demônio que tomou o lugar da minha imagem da

infância.

A questão é que eu deixei Claude matar meu verdadeiro eu.

Deixei que ele levasse tudo embora quando parei de lutar como um covarde, e agora estou preso a essa sombra de mim. Alguém com uma aparência bonita, mas com um interior podre.

E eu não... quero que você veja essa parte de mim, Marcus. Nunca.

Se você vir, vai me desprezar ou me abandonar, e eu não vou conseguir sobreviver.

Desde os sete anos de idade, dominei a arte de esquecer e fingir que está tudo bem.

E daí se eu fui abusado sexualmente? Acontece com muitas outras pessoas, e às vezes, é pior no caso delas. Eu NÃO sou tão especial assim. Eu disse a mim mesmo para aguentar firme e ser homem. Eu disse a mim mesmo para não ser fraco e parar de me entregar aos sentimentos ou desejar ter lutado.

Tudo acabou, e eu cresci vivendo os melhores momentos da minha vida jogando hóquei e derrubando pessoas para todos os lados.

Eu odiava a ideia de vulnerabilidade durante o sexo, então eu amarrava garotas e transava com elas apenas nos meus termos. Era bom, e eu estava bem.

Mas aí você apareceu, e tudo deixou de estar bem.

Porque, na verdade, eu adoro vulnerabilidade no sexo. Não acho que tenha a ver com gênero; tem a ver com poder, e eu gosto de me entregar a ele. E eu nunca soube disso até você me encurralar naquela caixa pela primeira vez.

Eu nunca imaginei o quão curativo poderia ser gostar de algo que arruinou minha vida, sabendo que eu tinha o poder de impedi-lo.

Mas eu nunca conseguiria admitir isso em voz alta para você, porque nunca foi só sexo para mim, Marcus. Desde o início, nossos encontros foram revelações aterrorizantes e uma necessidade assustadora de uma conexão profunda.

Você viu as minhas partes fragmentadas e mesmo assim ficou, e eu ansiava por isso, mas a ideia de você ir embora um dia me aterrorizava. Então eu tive que te afastar antes que você me afastasse.

Tive que te abandonar antes que você me abandonasse.

Mesmo que doesse.

Mesmo que... eu não consiga realmente ficar longe de você.

Eu estava bem fingindo, mas você continua provocando a versão de mim que eu pensei ter matado há muito tempo.

Aquela que quer lutar, se curar, parar de usar sangue para preencher o vazio dentro de mim.

Às vezes eu te odeio por isso, mas nunca consigo te odiar por muito tempo.

Só espero que você não desgoste tanto de mim.

Tudo bem se você desgostar, eu sei que tenho sido um completo idiota e não vou dar desculpas.

Quando você receber esta carta, eu estarei internado em um hospício com os médicos do papai.

Eu sei por quê. Eu mencionei o nome da Dra. Duret na frente do papai de novo.

A Dra. Duret é minha terapeuta desde que a mamãe morreu. Mas ela não existe.

Eu a mencionei antes, quando eu tinha onze anos, e fui submetido a um extenso exame por causa disso. Acho que esqueci, o que é normal. Meu cérebro tem a tendência de apagar arquivos quando quer. O Dr. Fenwick (este existe de verdade, eu juro) chama isso de mecanismo de defesa.

Aquele jogo em que eu não conseguia te derrotar mexeu tanto com a minha cabeça que eu a deixei voltar para a minha vida.

Ou melhor, para a minha cabeça, como uma daquelas estrelas no teto do meu quarto de infância.

Ela se parece com a mamãe e tem o sobrenome de solteira dela porque eu adorava pensar que estava falando com a minha mãe.

Muitas vezes esqueço que ela é fruto da minha imaginação e hoje à noite, reclamei dela em voz alta. Papai ouviu a reclamação e precisou intervir. Por isso, me trancaram lá dentro.

Eu também mencionei o Lenin. O braço direito do papai, que me bate por ele.

Isso vai soar estranho, mas acho que ele também não existe. Porque eu vi uma filmagem outro dia e, aparentemente, eu me joguei da escada quando achei que o Lenin estava me batendo.

Não preciso verificar outras gravações para concluir que também o inventei.

Sou tão perturbada que criei duas pessoas completamente imaginárias para ocupar os lugares da mamãe e do papai na minha vida.

Não está feliz por ter se livrado desse parafuso solto?

Sem graça, eu sei.

Esta carta já está ficando longa demais e estou me sentindo anestesiada.

Não sei por que estou escrevendo isso para você, Marcus. Não estou pedindo uma chance que não mereço e certamente não estou pedindo que você me espere.

Talvez eu só quisesse te contar tudo. Queria desabafar toda vez que você me abraçava para dormir ou quando me perguntava o que havia de errado, mas as palavras simplesmente não saíam.

Espero que isso responda a algumas das suas perguntas, por mais pouco glamorosa que tenha sido essa revelação. E espero que você saiba que você é a melhor amante que alguém pode ter.

Eu sou simplesmente a pior.

Desculpe por fazer você perder seu tempo.

Vamos ser o que nunca poderíamos ter sido.

Amigos.

PRESTON

35

MARCUS

Tenho estado à deriva nos últimos dias.

Apenas… existindo.

Esqueça o hóquei ou a minha carreira. Talvez eu tenha aparecido no treino e jogado, mas, na verdade, acho que nunca estive realmente presente.

A única razão pela qual ainda vou ao gelo é para sentir a presença de Preston.

Na frieza da pista, consigo sentir o seu calor me envolvendo enquanto o seu corpo se aconchega contra o meu. Consigo imaginá-lo circulando-me daquele jeito irritante que ele adorava.

Pelo menos, naquela época, eu era o centro do seu universo.

E eu adorava a sensação de ter a sua atenção. Adorava aprisionar o inaprisionável.

Tocar o intocável.

Mesmo que fosse por um instante.

Nestes últimos meses, Preston sempre esteve tão distante — alguém que eu conseguia tocar por um instante, mas não compreender.

E agora, graças à carta que ele me deixou, finalmente sei por quê.

Ele talvez tenha aperfeiçoado a arte de parecer normal. Charmoso, até. Mas ele sofria em silêncio, reprimindo as coisas horríveis que lhe aconteceram.

Ele enterrou tudo no fundo, fingindo que não existia. Deixou o abuso se agravar até que o consumisse.

Até que permitiu que o consumisse.

E eu não consegui impedir.

Tudo o que eu podia fazer era embarcar numa onda de assassinatos.

Assim que meu pai me deu os nomes e endereços, eu me dediquei a isso.

Matar.

Vingança.

Primeiro matei o cara que vendeu as armas ilegais para aquelas pessoas, depois o cara que apagou todas as gravações de segurança e, por fim, fui atrás do cara que puxou o gatilho.

Surpreendentemente, para a minha primeira vez, matar me pareceu tão natural. A vida que eu nunca quis, fazendo parte do mundo sangrento de Vencor e do meu pai, acabou me alcançando de qualquer forma, mas não me arrependo.

Eu faria tudo de novo por ele. Prometi que mataria por ele e cumpro minhas promessas.

Ao contrário dele.

Aquele lampejo de raiva me invade novamente. Uma corrente tão forte que mal consigo contê-la.

Quero socá-lo, sacudi-lo, abraçá-lo, depois chutá-lo e... perguntar por quê? Por que diabos ele me deixou?

Simplesmente por quê?

Como ele pôde fazer isso comigo?

Mas não posso perguntar isso a ele, porque ele se foi. Tudo o que posso fazer é matar.

Acho que me senti como Preston se sentiu quando esmagou a cabeça daquele professor.

Libertação.

Na verdade, enquanto eu cortava o rosto do homem que puxou o gatilho, enquanto o crucificava em uma árvore e gravava PRES em seu peito com uma faca, depois o cobria de balas de manga, não havia libertação.

Nenhuma sensação de satisfação.

Havia apenas vazio e a lembrança de que Preston se foi.

Foi então que ele apareceu — enquanto a sensação de vazio me dominava. Ele estava encostado na árvore, exibindo seu sorriso com covinhas. "Você arruinou seu primeiro trabalho deixando tantas evidências para trás, Osborn. Além disso, essa letra está horrível. Alguém consegue ler essas cartas? Ninguém além de mim te contrataria. Você é um sortudo, não é?"

Mas quando estendi a mão para o fantasma dele, ele havia sumido.

Então pensei que talvez eu me sentisse vazio porque aquele atirador era apenas um assassino de aluguel, como meu pai havia dito. Quem precisa pagar pela morte de Preston é quem ordenou o assassinato.

Marguerite Armstrong.

A avó de Preston.

Ela queria matar Violet porque ela é filha ilegítima do marido, mas esses detalhes não importam.

O que importa é que Preston morreu por culpa dela, e ela teve a audácia de comparecer ao funeral dele com a maior naturalidade.

Essa mulher tirou meu Preston de mim e precisa pagar o que me deve integralmente.

É por isso que estou na casa dela.

Aparentemente, Lawrence a desmascarou e a expulsou da mansão Armstrong, então ela está morando nesta casa nos subúrbios de Nova York.

Ser excomungada não é suficiente.

Nem mesmo morrer é suficiente.

Eu a observo enquanto ela dorme profundamente, o rosto tenso, soltando pequenos suspiros no silêncio ensurdecedor.

Como ela ousa dormir depois de ter matado o próprio neto?

Embora ele tenha dito que ela o chamou de louco.

Isso já é motivo suficiente para ela morrer.

Levanto a mão enluvada que segura a faca e a enfio com força, apunhalando-a no olho. Ela grita, acordando sobressaltada, tentando alcançar e se debatendo, mas eu a apunhalo novamente — desta vez no outro olho, e então a retiro.

Matar não parece nada.

Assim como tudo o mais não parece nada.

A única coisa que me dava algum sentido foi arrancada das minhas mãos por causa dessa mulher.

A única pessoa que conseguia tocar meu coração e me fazer sentir vivo se foi, e eu não sei mais o que fazer da minha vida.

Não posso voltar a ser como era antes dele, porque não me lembro.

Não quero.

"Você o chamou de louco, é?", pergunto em tom monótono enquanto ela continua soltando gritos longos e estridentes.

Eu cortei os lábios dela. Cortei, cortei, cortei. Depois enfiei a pele encharcada e ensanguentada goela abaixo até ela engasgar, seus gritos abafados.

"Não pode mais chamá-lo de louco, pode, velha bruxa?"

Facada.

Facada.

Facada.

Ela para de gritar depois de um tempo — morta, eu acho. Que droga. Ela deveria ter aguentado mais um pouco.

Mas isso não significa que eu pare.

Eu monto nela, cortando seu rosto, seu peito. Em qualquer lugar que eu

consiga alcançar.

Estou encharcada de sangue que entra nos meus olhos e mancha meu rosto, minhas roupas.

Em todo lugar.

Não importa. Estou em transe, incapaz de parar enquanto a corto por inteiro.

"Tão... violenta."

Meus lábios tremem ao ouvir a voz suave de Preston, mas não olho para trás e não paro de esfaqueá-la.

Se eu fizer isso, ele vai desaparecer.

Mas eu o sinto.

Sua mão envolve meu pescoço por trás enquanto ele sussurra no meu ouvido: "Meio quente. Aliás, é muito quente."

“Se eu continuar matando, você virá me ver assim?”

“Talvez.” Seus lábios roçam minha orelha. “Mas você precisa cuidar de si mesmo, Marcus. Não é do seu feitio ser tão indiferente ao seu condicionamento físico e à sua carreira no hóquei. Você precisa alimentar esse corpo lindo direito. E não fique se preocupando com a June sem parar. Você sabe que eu não me dou bem com a June.”

“Não vá”, sussurro, pela milésima vez. Sinto que estou sempre pedindo para ele ficar, e ele simplesmente… nunca fica.

“Eu já fui embora, Marcus. Aceite isso, tá bom?”

“Não—”

Minha cabeça se ergue bruscamente, mas Preston não está mais lá.

Não há calor, nem os abraços apertados onde eu sempre sentia que ele me desejava, e que esse era o único jeito que ele sabia me tocar.

Em vez disso, meus olhos se encontram com Jude e Kane, que estão vestidos de preto.

Jude está segurando uma arma e apontando para mim. Acho que ele disse alguma coisa agora há pouco, mas não ouvi.

Inclino a cabeça para o lado, sorrindo. "Até que enfim. Fiquei um pouco... impaciente."

"Vaza daqui, Osborn", diz Kane, parado na frente de Jude como se... para protegê-lo ou a mim?

"Trouxe faxineiros? Claro que trouxe." Dou uma risadinha, tropeçando e saindo da cama. "Deixo isso com vocês, riquinhos."

Lancei um último olhar para o amontoado de carne e ossos que deixei para trás e não senti nada além da dor lancinante de que, não importa o que eu faça, não posso trazê-lo de volta.

Mas se eu continuar matando, poderei ver o fantasma dele.

Quando estou prestes a sair, Jude agarra minha gola ensanguentada e rosna na minha cara: "Você acha que pode arruinar minha vingança e depois ir embora?"

"Esse é o plano, Callahan."

Respiro fundo, a raiva fervendo à flor da pele. "Eu deveria te mutilar."

Embora eu queira dar uma surra nele por não ter conseguido salvar Preston, por não ter protegido a própria garota para que não estivéssemos nessa situação, sei que Preston não gostaria.

E eu não quero ver o rosto de desaprovação dele nas minhas alucinações.

"Isso mesmo", Preston sussurra na minha cabeça. "Jude é meu melhor amigo, lembra? Somos irmãos."

Kane puxa Jude para longe de mim. "Solta ele."

"Mas esse filho da puta—"

Kane balança a cabeça, interrompendo Jude, e me olha de cima a baixo, depois solta um suspiro: "Pres não ia gostar disso."

Algo dentro de mim estremece. O coração que eu achava ter morrido depois que Preston me deixou está ressurgindo das cinzas só de ouvir o nome dele.

Jude me solta, me observando de um jeito estranho, mas eu pego uma bala de manga e coloco na boca. No começo, a manga se mistura com o gosto azedo do sangue, mas logo, é só Preston.

Como nas poucas vezes em que eu o fiz chupar uma bala depois de transar com ele, beijando-o por cima. Ele adorava. Ele esperava por isso. Ele acariciava meu cabelo e suspirava na minha boca enquanto trocávamos um beijo por cima da bala.

E agora, eu não posso mais fazer isso, porque ele escolheu a morte em vez de mim.

E eu não sei como vou sobreviver a isso.

Ou se algum dia vou admitir que ele se foi para sempre.

Todos os dias, olho para o meu celular, esperando pelas mensagens dele que costumavam alegrar a minha vida. Todas as noites, olho pela janela e procuro pela sombra dele em frente à casa.

Procuro por toda parte, mas ele não está lá.

E acho que nunca vou parar de procurar.



"VOCÊ LIGOU PARA O TERRORISTA EMOCIONAL E LENDA DO HÓQUEI NAS HORAS vagas, Preston Armstrong. Se eu não atender, provavelmente estou te ignorando

de propósito, então talvez seja melhor esquecer meu número. Se você faz parte do Clube VIP do Preston, deixe uma mensagem e talvez eu lhe dê a minha atenção."

Quando a ligação cai na caixa postal, eu desligo e ligo de novo, levando o telefone ao ouvido.

E faço isso de novo.

E de novo.

Às vezes, sorrio ao ouvir suas palavras. Outras vezes, sinto meus lábios tremerem.

Na maioria das vezes, apenas encaro o horizonte, parada no alto do penhasco onde quase o perdi uma vez. No aniversário da morte de sua mãe.

Quando ele estava tão fora de si.

Talvez tudo tenha começado ali. A fixação, a obsessão, a necessidade de protegê-lo de um mundo que não o merece.

De qualquer forma, eu o perdi. E agora?

Ouvir sua voz repetidamente, é isso.

"Você ligou para o terrorista emocional e lenda do hóquei nas horas vagas, Preston Armstrong..."

De novo.

E de novo.

Mais uma vez.

Meu corpo está ficando dormente por causa do vento gelado enquanto ouço sua voz no viva-voz, encostada na minha bicicleta e olhando para a foto na tela.

Essa é uma das poucas selfies que ele tirou com o meu celular. Foi quando saímos para tomar um café com a minha mãe. Ela teve que ir ao hospital por causa de uma emergência, e eu achei que ele fosse pedir para encerrarmos o encontro, já que, bem, minha mãe não estava mais disponível para me proteger. Mas o Preston simplesmente ficou sentado comigo em uma cafeteria cheia de gente.

Ele deslizou o pé pela minha coxa e falou mal do meu suéter. Me fez tomar chocolate quente com especiarias e limpou a espuma dos meus lábios. Depois, quando estávamos no estacionamento, ele disse que precisávamos tirar uma foto.

Ele levantou o celular e tirou várias fotos enquanto estávamos perto da bicicleta. Em uma, ele me deu uma gravata. Em outra, nós dois sorrimos para a câmera. Mas a minha favorita é esta.

Onde ele beijou o canto da minha boca, suas bochechas se enrugando com covinhas, seus olhos quase fechados.

“Você ligou para o terrorista emocional e lenda do hóquei nas horas vagas, Preston Armstrong…”

De novo.

“Até quando você vai aguentar essa voz horrível?” Preston murmura ao meu lado.

Engulo em seco, minha garganta subindo e descendo, mas me forço a encarar as luzes da cidade.

“Nossa, eu pareço tão pretensioso.” Ele ri.

“Não diga que sua voz é horrível. É a minha voz favorita. E você não é pretensioso.”

“Nossa, se algum dia você fosse se dar bem com um clichê, seria esse, cara.”

Sinto o peso da mão dele no meu ombro. “Vai para casa, Marcus. Está frio.”

“Eu não quero. Mamãe vai estar me esperando. Ela fica tentando me fazer falar de você.”

“Isso é ruim?”

“Sim, você está fora há duas semanas e… eu não consigo falar sobre isso. Simplesmente não consigo. Me recuso a processar tudo.”

“Mas está congelando.” Ele me abraça pela cintura, encostando a cabeça no meu ombro, mas não sinto nenhum calor.

“Não está congelando o suficiente.”

“Você pretende vir comigo ou algo assim?”

“Talvez eu devesse”, sussurro enquanto sua voz ecoa no meu telefone.

“Não faça isso.” Sua voz é frágil. “Viva por mim, tá?”

“Mas você não viveu por mim! Eu implorei! Eu implorei para você viver por mim, mas você escolheu deixar seus demônios te dominarem em vez de conversar comigo sobre eles. Você prometeu ficar! Você me prometeu!”

Me amaldiçoo quando olho para o lado e tudo o que vejo é o vazio.

Droga.

Droga.

Eu nem consigo falar com o fantasma dele agora. E se ele desaparecer completamente, aí o que eu faço?

Minha mão treme ao redor do telefone enquanto ouço sua voz, meu nariz formigando e meus lábios dormentes. Abro o Instagram dele e rolo pelas fotos.

São centenas delas — selfies, fotos de jogos, fotos com Miley, Jude e Kane.

Algumas com Hayes também.

Mas eu rolo a tela até uma foto específica — uma que ele postou na noite em que transamos pela primeira vez. É uma selfie em preto e branco, um pouco desfocada, mostrando apenas metade do seu rosto enquanto ele está na chuva, com o cabelo quase cobrindo os olhos.

A legenda diz: Je veux pas partir.

Eu traduzi e significa "Eu não quero ir".

Mesmo quando ele estava fugindo, ele não estava realmente fugindo. No fundo, ele queria ficar comigo, só não sabia como.

"Pres..." murmuro no silêncio, passando o dedo pela tela. "Se você queria ficar, por que não ficou? Doía tanto assim estar comigo? A dor era tão insuportável que você não conseguia falar comigo? Desabafar? Se abrir para mim? Se... se eu tivesse te abraçado mais forte, você teria lutado por mim? Por nós?"

Minha voz falha quando uma gota cai na tela, distorcendo seu rosto e embaçando minha visão. “Se você planejava ir embora, por que mudou minha vida tão drasticamente a ponto de eu não a reconhecer mais? Como vou seguir em frente agora? Não consigo. Tudo pelo que eu tinha paixão se foi. Não quero hóquei nem vingança. Não quero nada. Era assim que você se sentia naqueles últimos momentos? Como se não quisesse mais nada?”

Meu queixo treme quando outra gota cai na tela. “Nem mesmo eu, querido?”

Ele não diz nada, nem mesmo seu fantasma consegue responder. Apenas sua voz na mensagem de voz ecoa no ar.

“Você ligou para o terrorista emocional e lenda do hóquei nas horas vagas, Preston Armstrong…”

De novo.

“Você ligou para o terrorista emocional e lenda do hóquei nas horas vagas, Preston Armstrong…”

De novo.

“Você ligou para o terrorista emocional e lenda do hóquei nas horas vagas, Preston Armstrong…”

Um carro para ao meu lado. Limpo as lágrimas com as costas da mão, mas não dou atenção ao recém-chegado quando a porta se abre e, em vez disso, continuo ouvindo a mensagem de voz.

Só quando um homem de terno preto impecável se aproxima é que me endireito, apertando o telefone com mais força.

Ele lança um olhar rápido para o aparelho, ouvindo a voz de Preston na escuridão.

Lawrence.

Desligo, com o punho cerrado. Talvez eu devesse matá-lo, fazê-lo se juntar à mãe e dar companhia a Preston.

Mas, por outro lado, ele parece uma versão mais velha do Preston, e acho que eu nunca teria coragem de machucar alguém que basicamente tem o rosto dele.

"Olá, Marcus", ele diz em tom monótono, e não consigo deixar de me lembrar de quantas vezes Preston o chamou de robô.

Não digo nada e continuo encarando-o.

Lawrence solta um suspiro. "Você não vai perguntar por que estou aqui?"

"Tenho certeza de que você vai me dizer."

"Certo." Seu olhar se volta para a vila. "Andrew me disse que você causou a morte do atirador e da minha mãe, além de algumas outras pessoas."

"E?"

"E eu gostaria de saber por que você tornou a vingança pela morte de Preston tão pessoal. Eu esperaria isso de Kane e Jude, já que eles o conheciam há muito tempo, mas isso não se aplica a você."

“Eu o conhecia bem o suficiente para concluir que você falhou com ele como um pai de merda quando ele mais precisava de você.”

Ele faz uma pausa, estreita os olhos, mas há outra emoção ali que não consigo identificar.

“Sim, eu sei de tudo, Lawrence, e a única razão pela qual não estou obrigando você a se juntar a ele é porque ele te amava. Apesar da sua falta de cuidado paterno, ele nunca deixou de amar o pai que o decepcionou.”

“Ele… te disse isso?”

“Não precisava.” Encaro as luzes. “Os sinais estavam lá. Ele queria que você se orgulhasse dele, tinha pavor da sua desaprovação e tentou de tudo para chamar sua atenção. Ele se importava com você mais do que você merece.”

“Você está me dizendo que merece o cuidado dele?” Ele se endireita. “A confiança dele? Os segredos mais profundos e obscuros dele?”

“Eu mereço.”

“O que você era para o meu filho, Marcus?”

“O homem dele”, respondo sem hesitar. “Tínhamos um relacionamento.”

“Hum.”

Franzei a testa. O que isso significa? Eu esperava olhares semicerrados, raiva ou até ameaças, mas Lawrence parece estar ponderando algo.

Ele faz um gesto de desdém com a mão. “Não importa a essa altura, você não teria durado com o Preston de qualquer maneira.”

“Quem disse?”

“A lógica.” Ele fala em voz baixa. “Preston precisa de alguém para impedi-lo de entrar em colapso o tempo todo. Alguém que reconheça quando suas alucinações e seu cérebro estiverem mais descontrolados do que o normal e tome as difíceis decisões de medicá-lo ou controlá-lo. Alguém como eu, Jude ou Kane.”

“Bem, nenhum de vocês conseguiu salvá-lo.”

“Nem você, Marcus.”

Engulo em seco, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele pergunta:

"Se ele estivesse vivo, Andrew e eu teríamos separado vocês dois de qualquer maneira, então não é melhor que isso tenha acontecido?"

"Vocês nunca teriam nos separado." Encaro-o de frente. "Se ele estivesse vivo, eu o teria levado para bem longe de todos vocês."

36

PRESTON

Durma, meu pequeno tesouro,
Mamãe está cuidando de você, mesmo na escuridão.
Feche os olhos, proteja seu céu,
Se eu partir, estarei em suas asas.

Durma, meu coração, esqueça as vozes,
Quando você tremer, pense apenas em mim.
Se amanhã eu não estiver mais aqui,
Em seus sonhos, eu te abraçarei.

Mamãe?

Eu pisco, e seu rosto delicado se torna nítido. Ela se parece com a Dra. Duret, com seus traços suaves e maçãs do rosto altas, seus cabelos castanhos e lábios finos.

Seus braços me envolvem com força enquanto ela me embala, acariciando minhas costas. Sua voz frágil continua a canção de ninar.

É como aquela noite em que ela me deixou, tudo de novo.

Ela estava tremendo tanto assim? Sua voz estava tremendo desse jeito?

Será que eu estava tão dominada pela sensação de segurança que bloqueei a percepção de quanta lutava para se manter à tona?

A canção de ninar flutua e flutua. As palavras são diferentes do habitual “Fais dodo, Colas mon p’tit frère”, que ela costumava cantar para mim antes de dormir.

Por que não percebi isso antes?

As palavras em francês penetram minha mente como fios de fumaça, seu significado me atravessando lentamente.

Durma, meu pequeno tesouro.

Mamãe está olhando, mesmo na escuridão.

Feche os olhos, agarre-se ao seu céu,

Se eu partir, estarei lá, aconchegada em suas asas.

Durma, meu coração, esqueça as vozes,

Quando você tremer, apenas pense em mim.

Se amanhã eu não estiver mais aqui,

Em seus sonhos, ainda te abraçarei.

Minha garganta se fecha ao registrar as duas últimas frases. Ela estava se despedindo?

"Mãe…" sussurro, estendendo a mão para seu rosto abatido. "Não me deixe."

"Meu querido, meu amor…" Ela acaricia meu cabelo, os olhos brilhando na penumbra. "Mamãe foi uma mãe tão ruim. Me desculpe."

"Não… não… eu te amo, mãe."

"Eu também te amo, meu querido. Você se tornou um jovem tão bonito." Ela beija minha testa, os lábios tremendo contra minha pele. "Tenho muito orgulho de tudo que você conquistou. Tenho orgulho de você não ter me seguido. Você sobreviveu melhor do que eu durante todos esses anos, Pressie. Você é muito mais forte do que eu. Espero que você saiba disso, meu doce menino."

"Não, eu sou tão fraco, mãe."

"Não, você não é. Eu sou. Doeu tanto que eu escolhi ir embora, mas você escolheu ficar apesar da dor. Você é uma sobrevivente admirável, mon petit (minha pequena)."

Minha garganta fecha, meu nariz formiga enquanto lágrimas se acumulam em meus olhos. "Mas você não pode ficar por mim?"

"Não é bom para você se eu ficar, Pres."

"Então me leve com você."

"Não. Você tem tantas pessoas esperando por você, mon amour (meu amor)." Ela me abraça forte, cantando em francês. "Durma, meu coração, esqueça as vozes. Quando você tremer, apenas pense em mim. Se amanhã eu não estiver

mais aqui, em seus sonhos, eu ainda te abraçarei… Se amanhã eu não estiver mais aqui, em seus sonhos eu ainda te abraçarei…”

Abro os olhos e a primeira coisa que noto é a falta de braços quentes me envolvendo.

Então, uma dor lancinante se espalha pelo meu peito e desce até os meus ossos.

Minha língua parece tão pesada na boca, e tem gosto de lixa. Luzes piscantes invadem minha visão, e eu gemo baixinho.

Isso é o inferno ou algo assim?

Minha cabeça está zonza, repassando todas as opções glamorosas que levaram à minha morte.

Flashes de memórias surgem, todos fragmentados e distorcidos.

Ruídos, gritos e estalos...

"Preston... meu bem... por favor..."

Engulo em seco, me levantando bruscamente, e grunhindo quando a dor explode por todo o meu corpo.

Droga.

Marcus.

Foi Marcus quem me segurou nos meus últimos momentos, não foi?

Droga.

O que eu fiz?

Ou talvez eu tenha alucinado? Será que eu estava tão desesperada para vê-lo uma última vez que inventei tudo?

Mãos firmes e fortes me empurram para trás. "Preston, você precisa se acalmar."

Longas rajadas de ar escapam dos meus pulmões enquanto o rosto sério do meu pai se materializa diante de mim.

Espera, se eu estou no inferno, ele não deveria estar aqui também.

Quer dizer, não tão cedo, pelo menos.

Então, aos poucos, meu entorno se torna nítido. Estou no que parece ser um quarto de hospital luxuoso, decorado com um sofá e duas cadeiras em frente.

Meu pai observa atentamente ao meu lado enquanto um exército de médicos e enfermeiros cuida de mim, fazendo exames e me dando água para beber.

Eu aceito, sem resistir, sem resmungar, sem ser uma mimada dramática.

Porque estou lentamente chegando a uma conclusão.

Se dói tanto e meu pai está agindo tão seriamente, então significa que eu não morri, certo?

Tomei uma decisão estúpida num momento de impulso, mas ainda estou aqui.

Estou viva.

Meu coração dispara, batendo forte.

Para alguém que desejou a morte a vida inteira, nunca amei me sentir tão viva.

O médico diz ao meu pai algo sobre uma melhora notável e reparos nos tecidos e que vai receitar algumas coisas, mas mal estou prestando atenção.

Ei, doutor chique, quero sair daqui. Quero... o quê?

Ir até o Marcus e dizer: "Que nada, aposto que você achou que nunca mais me veria."

Preciso de um plano melhor.

Espera.

Lembro-me da maldita carta que espero que o Hayes tenha desobedecido às ordens pela primeira vez e não tenha enviado, e meio que me jogo de volta na cama.

Papai senta na beirada e eu me encosto na cabeceira. Uau. Faz tempo que ele não chega tão perto de mim.

"Afinal, eu morri?", pergunto com a voz rouca e um pouco áspera. "É esse o meu castigo? Ficar amarrada a uma cama de hospital até na vida após a morte?"

Papai solta um longo suspiro que diz, sem palavras: Lá vêm as palhaçadas do Preston de novo.

Ele está com a mesma aparência de sempre, de terno bege de três peças, mas com olheiras profundas, como se não tivesse pregado o olho há séculos.

"Fale sério, Preston", ele diz finalmente.

"Estou falando sério. Isso aqui passaria no teste de clima para a minha câmara de tortura — não preciso do fogo do inferno para isso. Uma pergunta rápida: quanto te pagam aqui embaixo para ter essas olheiras? Qual é a moeda do inferno?"

Seus lábios se contraem num pequeno sorriso, e eu engulo em seco.

Isso está me assustando.

"É bom ter você de volta, filho." Ele coloca a palma da mão no dorso da minha. "Como você está se sentindo?"

Não consigo me concentrar na pergunta, porque meu pai está meio que segurando minha mão, o que é exatamente como ele me abraçou naquele dia, na minha cabeça, e estou começando a entrar em pânico.

Ataque de pânico em três, dois…

"Alguém morreu?", sussurro, com os lábios tremendo.

Será que pegaram a Violet afinal? E se for o Marcus—

Não. Não. Que droga.

"Muitas pessoas morreram, mas mereceram", diz meu pai. "Os atiradores e

sua avó."

"Vovó?"

"Sim. Ela ordenou que a Violet fosse morta. Você estava certo no seu testamento exageradamente dramático — Violet é da família. Minha meia-irmã, para ser preciso."

“Hahaha. Eu sabia! E não é dramático demais, é o tipo certo de drama. Você só está ressentido porque eu te chamei de robô. Aliás, espera aí, você disse que a vovó queria ela morta? Que reviravolta! Você não a defendeu?”

“Eu não defenderia alguém que atirou no meu filho.”

Engulo em seco, me sentindo constrangida com o tom firme e inflexível dele. “Quer dizer, ela é sua mãe.”

“Isso não dá a ela carta branca para te machucar.”

“Então você a matou?”

“Não precisei.” Ele ergue uma sobrancelha. “Tem tanta gente querendo se vingar de você.”

“Meus irmãos, Jude e Kane!” Eu rio, mas paro abruptamente quando sinto uma dor aguda no peito. “Eu sabia que eles me apoiariam. Eles fizeram tudo do jeito mais doloroso possível?”

“Sim.”

“Pega!” Eu tusso e respiro fundo, e papai me ajuda a beber de um copo d'água enquanto dá tapinhas no meu ombro.

Alguém chama a polícia dos impostores, porque ele nunca foi tão… bem, carinhoso. Mas talvez, tipo, chamem depois de um tempo.

“Você precisa pegar leve, Preston. Você ficou desacordado por duas semanas, e seu corpo precisa de mais tempo para se recuperar.”

“Espera aí. Duas semanas?”

“Duas e meia se contarmos os dias em que você esteve acordado, mas não totalmente consciente.”

“Ah.” Eu olho por cima do ombro do papai. “Onde estão Jude e Kane? Eles não deveriam estar ao meu lado? Violet também. Até a Dorita deveria estar aqui. Tenho quase certeza de que eu salvei a pele dela também, e ela deveria ser grata por estar viva.”

“Só tem eu aqui.”

“Vai ter algum jogo hoje?”

“Não. Todo mundo acha que você morreu.”

"O quê?"

Papai começou um monólogo sobre como disse ao cirurgião que me levou para a sala de cirurgia que eu tinha morrido. Só Julian, papai e talvez o tio Atlas sabem a verdade.

O motivo foi que minha vida estava realmente em perigo e eu precisei ser sedado com a droga experimental de Julian para induzir o coma. Funcionou, e eu voltei ao mundo dos vivos.

Mas a que custo?

"Você podia pelo menos ter contado para Jude, Kane e Miley." E para Marcus.

Droga. Marcus acha que eu morri?

Papai disse que teve um funeral. Eu tive um funeral, caramba.

“Não, era muito arriscado quando eu ainda não tinha descoberto quem estava por trás do ataque. Eu também precisava que o papai expulsasse a mamãe da igreja, e ele provavelmente não teria feito isso se soubesse que você estava viva. Todo o teatro precisava acontecer. Além disso…” Ele para de falar, e eu prendo a respiração.

“Além disso…?”

“Acho que é uma boa ideia você desaparecer.” Seus olhos, geralmente sem vida, suavizam um pouco. “Deixe o nome Armstrong que te sufocou todos esses anos.”

“Você… está me expulsando?”

“Não, estou te dando uma saída desta vida.” Ele franze a testa. “Não era isso que você queria?”

“Eu não quero viver minha vida sozinha, sem meus amigos ou família, pai! Eu não… quero isso.”

“Então, o que você quer? Diga-me, e eu farei acontecer. Seja o que for. Sem condições, sem ‘mas’. Só fale comigo, Preston. Diga-me o que você precisa para que eu não tenha que ver imagens suas expondo o peito na frente de uma bala, ou se jogando escada abaixo, ou contra paredes, ou se socando e se machucando. Diga-me o que eu preciso fazer para que você não vá a casas vazias e converse com uma cadeira vazia por horas.” Ele quase se engasga com as próprias palavras, depois pigarreia. “Eu falhei com você antes, mas não quero falhar de novo. Não quero ver você se expondo à morte a cada oportunidade.”

Aperto meus lábios trêmulos. “Só… não me expulse.”

“Não vou.”

“E não me prenda.”

“Eu não pretendia fazer isso.”

“Mas a visita ao Dr. Fenwick…”

“Foi só isso mesmo — uma visita.”

“Mas eu mencionei o Dr. Duret e o Lenin. Com certeza você estava planejando me internar?”

“Não. Você precisava visitar o Dr. Fenwick porque não o via há um tempo, e

quando você mencionou o Dr. Duret, percebi que precisávamos fazer isso com urgência.” Ele solta um suspiro profundo enquanto aperta minha mão com mais força. “Eu sei que você não gosta de lugares pequenos e confinados, e eu nunca mais deixaria você ficar presa em um. Você sabe disso, não é?”

“Eu não sei, pai. Eu realmente não sei.” Meus olhos estão marejados, o que deixa minha visão embaçada. “Fico pensando que um dia vou fazer besteira e você vai embora… igual à mamãe. Você vai me abraçar, pedir desculpas e ir embora.”

“Eu jamais faria isso. Entendeu? Eu jamais… jamais te deixaria.”

“Mamãe também disse isso, mas não cumpriu a promessa. E sim, eu sei que ela se matou quando eu era adolescente, pai. Vovó me deu a carta de suicídio que ela deixou.”

“Sua mãe…” Ele engole em seco, endireitando-se. “Também não queria te deixar, não de verdade.”

“Então por que…”

“Era culpa e autoaversão. Ela só me contou isso em sua carta de suicídio, mas fez muito sentido. Valerie vinha de um lar extremamente abusivo, o que eu já sabia, mas não tinha ideia da extensão da depravação naquele lugar. Na carta, Val disse que seus pais abusaram sexualmente dela e de seus três irmãos, e ela nunca se perdoou por ter sido a única que conseguiu escapar. Dois de seus irmãos morreram de overdose nas ruas, e o terceiro morreu em um acidente enquanto dirigia embriagado. Val foi a única que saiu da França com vida. Ela achava que começaria uma nova vida na América e teria tudo o que nunca teve quando criança, incluindo uma família amorosa, mas essa não foi a realidade dela, como você sabe.”

“Por que você não ficou com ela, pai?”

“Eu tentei, mas era impossível. Eu acordava todo dia pronto para brigar, com os músculos tensos por qualquer desentendimento que ela inventasse. Não é assim que um relacionamento deveria ser. Ela também não queria ficar comigo. Você provavelmente não sabe disso, mas tivemos um divórcio amigável.” Ele faz uma pausa, a voz baixando, soando rouca. “Mas você tem razão, eu deveria ter ficado com ela. Assim, você não teria passado por tudo o que passou.”

“Eu não… Não é… sua culpa. Eu não culpo você nem a mamãe.”

“Você tem todo o direito de culpar. Nós falhamos com você como pais. Val sabia disso e se sentia dez vezes pior porque atraiu o que aconteceu com ela para o filho, e ela não conseguia conviver com isso.”

“Ela não sabia. Eu que fiquei quieto e não lutei.” Minha voz falha na última palavra.

“Não, Preston. Não.” Ele segura meus ombros. “Você não pode se culpar

pelo que aconteceu. Você era uma criança. Uma vítima. E vítimas nunca devem se culpar pelas ações de seus agressores.”

“Mas se eu tivesse contado para você ou para a mamãe…”

Ele balança a cabeça. “Não pense assim, ok? Não fique preso a um passado que você não pode mudar, filho.”

Preso ao passado.

Será que é isso que tenho feito esse tempo todo, me recusando a deixar ir ou a encarar a situação de frente?

Em vez de matar meu eu de sete anos, será que eu fiquei preso dentro dele, me recusando a deixá-lo ir?

“Se você precisa culpar alguém, culpe a mim, ok?” O aperto do meu pai em meus ombros se intensifica. “Me culpe por não ter te protegido, por não ter percebido os sinais, por não ter insistido para que você ficasse comigo quando queria. Continue me odiando o quanto quiser, mas nunca, jamais se culpe por algo que estava fora do seu controle.”

Duas lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto todas as minhas emoções confusas vêm à tona. “Eu n-nunca te odiei, pai. Eu só… queria que você ficasse.”

“Eu vou ficar, Preston. Pelo tempo que você precisar.”

Ele me abraça forte e eu o envolvo em meus braços, tremendo, mesmo enquanto pontadas de dor me atravessam.

Mesmo enquanto meu peito se despedaça e o garotinho de sete anos dentro de mim se desintegra.

“Pai?” Meus lábios tremem ao pronunciar as palavras.

“Sim?”

“O que aconteceu com ele? Mamãe o matou naquela noite?”

“Não. Ele apenas perdeu a consciência.” Sua mão desliza pelas minhas costas num gesto lento e reconfortante. “Eu o tranquei numa cela e o torturei por anos, mantendo-o vivo apenas para torturá-lo novamente. Cortei o pênis dele e o fiz engasgar com ele por dias. Infelizmente, ele morreu alguns anos depois devido a uma infecção. Caso contrário, eu o teria torturado para sempre.”

“Nossa.” Dou uma risadinha entre as lágrimas, me afastando. “Eu não sabia que você podia ser tão cruel.”

Ele ergue uma sobrancelha. “Como você acha que eu cheguei tão longe neste mundo?”

“Obrigado, pai. É bom saber que ele sofreu.”

“Sempre que precisar, filho.”

“E, pai?”

“Sim?”

Engulo em seco, tentando conter a sensação que me aperta a garganta. "Você acha que eu vou melhorar algum dia?"

"Você já está, Preston." Ele coloca a mão na minha cabeça, os dedos deslizando suavemente pelos meus cabelos. "Você já está."

37

PRESTON

Todas aquelas emoções me esgotaram.

Nossa.

Alguém vem anestesiar meu cérebro.

Mas, ao mesmo tempo, não. As horas que passei conversando com meu pai sobre tudo e nada, pulando de um assunto para outro como um macaco hiperativo, foram tudo o que eu não sabia que precisava.

Durante todo o tempo em que tagarelei, meu pai apenas ouviu. Sim, houve alguns resmungos e "Fala sério, Preston", mas, na maior parte do tempo, ele ouviu.

E eu nunca me senti tão próximo do meu pai como naquele momento.

Conversamos com meu nêmesis, o Dr. Fenwick, e combinamos de nos encontrar com mais frequência quando eu estiver fisicamente melhor.

Brincadeira, ele não é meu nêmesis. O Dr. Fenwick pode ser legal, eu acho. Modelei a Dra. Duret com base nele e na minha mãe, uma figura meio profissional, meio materna.

Ele disse que eram minhas alucinações atacando novamente, e que provavelmente continuariam assim. Afinal, é assim que meu cérebro funciona. O que podemos fazer é garantir que eu esteja mais atenta aos sinais, para que minha imaginação não distorça a realidade.

O Dr. Fenwick mencionou que, na próxima vez que eu vir o Dr. Duret ou Lenin, devo gritar aos quatro ventos. Ele não disse exatamente essas palavras, mas disse que eu deveria falar com ele imediatamente ou contar para o meu pai.

Acabamos conversando sobre trauma — minha história favorita para dormir,

aparentemente.

E por "conversar", quero dizer que o Dr. Fenwick disse um monte de coisas que faziam um sentido desconfortável enquanto eu fingia não estar em crise existencial. Ele me disse algo que eu nunca realmente me permiti considerar.

“Escuta, Preston. Quando você se machuca jovem, antes do seu cérebro estar completamente desenvolvido, o dano não fica ali parado como um hematoma. Ele constrói alicerces. Ele se infiltra na sua estrutura. Ele se molda em torno do abuso porque esse é o único modelo que ele tem. Ele molda quem você se torna porque você não tem a oportunidade de crescer sem ele.”

Então, basicamente, eu não me tornei quem Preston Armstrong deveria ser.

Eu me tornei o que quer que meu trauma tenha esculpido com suas mãozinhas imundas.

Não passei por estágios de desenvolvimento normais; recebi instintos de sobrevivência distorcidos como num espelho de parque de diversões. Minha personalidade se tornou uma colcha de retalhos de mecanismos de defesa que ninguém me avisou que eram opcionais. E a pior parte? Nunca saberei como a versão não traumatizada de mim deveria ter sido. Talvez ele fosse mais gentil. Talvez fosse entediante. Talvez fosse um nerd, quem sabe? Mas aquele menino se foi, e eu não posso ressuscitá-lo.

E essa é a triste e libertadora verdade.

Não posso voltar no tempo e tirar a minha versão mais jovem daquela casa, ou daquele quarto, ou daquelas mãos sujas de cigarro. Não posso editar o passado da mesma forma que reescrevo as minhas próprias mentiras. Tudo o que posso fazer — e esta é a parte que a Dra. Fenwick insiste ser possível — é aprender a viver com a versão de mim que sobreviveu. Parar de deixar as feridas de quinze anos atrás assumirem o controle enquanto finjo que tudo não passa de ruído e energias negativas.

O trauma não vai desaparecer no ar. Não vai acordar um dia e decidir parar de me assombrar porque eu "cresci" ou qualquer outra bobagem de autoajuda que as pessoas escrevem em murais do Pinterest.

Mas também não precisa mais controlar tudo.

Talvez, pela primeira vez na vida, eu possa decidir quem eu sou.

Não o passado.

Não o medo.

Não a versão fantasma de mim que pensava que a dor era a única língua que ele falaria.

Apenas... eu.

Seja lá o que isso signifique.

Preciso ficar no hospital por mais alguns dias sob os cuidados do Julian —

sinceramente, que se dane aquele cara, mas também, talvez, agradeça a ele por salvar minha vida. Como esperado do irmão do meu irmão.

Durante todo esse tempo, meu pai esteve aqui, me acompanhando, e foi bom. Um pouco estranho às vezes, mas definitivamente bom.

Seguro.

Pela primeira vez, não sinto que ele vai simplesmente embora e eu ficarei completamente sozinho.

Hoje, ele trouxe a Miley para me visitar, e ela chorou muito, me abraçando forte e escondendo o rosto no meu peito.

Minha pobre Miles, a Encrenqueira, achou que nunca mais me veria, e não conseguia acreditar.

Ela sobe no meu colo e me dá caixas de doces para me animar, mas acaba devorando metade delas sozinha.

"Quando vamos ver o Marcus de novo, Pressie?", ela pergunta como uma boba, bem na hora em que papai está sentado numa cadeira bem na nossa frente, descascando umas maçãs.

É, aparentemente, papai descasca maçãs para mim agora.

Ainda acho que isso não é real.

E não quero estragar tudo com um "Ei, pai, então, estou meio que a fim de um cara agora, obrigada por me ouvir. Aliás, podemos incluir sua aceitação no nosso programa de doze passos com o Dr. Fenwick, já que estamos falando nisso? Muito obrigada."

É, não. Prefiro não estragar tudo.

“E aí, Mimi, do que você está falando?” Dou risada, enchendo a boca dela de madeleines.

Ela as mastiga num instante e abre a boca de novo. “Marcus, Pressie. Ele disse que vai patinar comigo de novo, lembra?”

As sobrancelhas do meu pai estão quase na raiz do cabelo.

Maldita Miley.

“Você devia abraçá-lo como me abraçou e talvez comprar um presente para ele.” Ela dá um tapinha na minha bochecha. “Ele ficou tão triste no seu funeral quando você morreu.”

“Espera…” Engulo em seco. “O Marcus estava no funeral?”

“Estava.” Meu pai para de descascar as maçãs. “Ele exigiu que o Andrew o deixasse entrar na cerimônia.”

O Marcus fez isso? Ele sempre dizia que odiava pedir qualquer coisa para o pai.

Agora, quero ver qual era a cara dele no funeral.

Ele estava mesmo triste?

Por que ele estaria triste se já tinha se despedido?

Agora que não estou mais mergulhada em delírios, tenho quase certeza de que o alucinei quando levei um tiro. A última tentativa do meu cérebro de me dar algo bom depois de ele ter sabotado todo o meu relacionamento com o Marcus — muito obrigada por isso, seu idiota.

Enfim, agora que estou pensando logicamente, não tem como o Marcus estar lá na hora, por mais que eu quisesse.

Meu pai se endireita. "Perguntei ao Marcus sobre a natureza do seu relacionamento."

Engulo em seco. Droga.

"O que ele disse?"

"Que você é..." Ele pigarreia. "O homem dele. Ou era seu? Não sei. Ele também disse que se você estivesse viva, ele te levaria embora."

Meus lábios se entreabrem, meu coração batendo forte.

“Ele disse isso?” pergunto em voz baixa, com o coração acelerado.

“Sim, entre outras coisas.” Papai estreita os olhos, colocando o prato de maçãs na minha frente. “É verdade, Preston?”

Quer saber? Dane-se. Quero que papai saiba.

Lá vou eu, acho.

Assinto com a cabeça, mordendo o lábio inferior. “Não é que eu quisesse ficar com um homem, e lutei contra isso a cada passo do caminho, mas todas as minhas tentativas foram em vão. Ele é a única pessoa que me faz sentir segura o suficiente para ser eu mesma perto dele. Me desculpe.”

“Por que você está se desculpando?”

“Você sabe… a coisa do Vencor.”

“Se eu e Andrew não conseguirmos te proteger disso, então como podemos ser seus pais?”

Espera. Papai está… bem com isso? “Isso não vai te machucar a longo prazo?”

“Talvez, mas eu prometi, não prometi? Não vou deixar ninguém te machucar de novo.”

“Quem é você e o que fez com o meu pai? Brincadeira. Obrigada, de verdade. Acho que não vai ser necessário.”

“Por que não?”

Enfio o garfo num pedaço de maçã. “Ele já me libertou.”

Liberou, né? Não importa se eu tinha uma pontinha de esperança de que ele tivesse pena de mim depois de ler a carta.

Sim, estou desesperada assim.



DEPOIS DAQUELA CONVERSA COM O PAPAI, FUI SURPREENDER O TIME NUMA FESTA de confraternização organizada pela Violet e pelo Denver.

Tentei disfarçar com as piadas de fantasmas, mas acho que subestimei o quanto eles se importam comigo.

Digamos que Kane e Jude ficaram boquiabertos. Eu realmente não gostei que eles pensassem que eu estava morto. Nós três somos como uma família desde aquele infame assassinato no internato, e família não vai embora sem se despedir.

Vou compensá-los melhorando e alegrando suas vidas até os oitenta anos.

Depois que nós cinco fomos para o apartamento da Violet, tentei explicar que tudo era culpa do papai — ele assumiria a responsabilidade.

Mas então eles me disseram algo.

Algo que me fez sair do apartamento da Violet no meio da noite, depois que todos adormeceram. Pedi para Hayes me levar de carro até a casa para a qual eu nunca pensei que voltaria.

É o seguinte: eu achava que Kane e Jude tinham matado a Vovó, mas não é verdade.

Foi o Marcus.

Ele a matou para me vingar.

Ele assassinou alguém a sangue frio por mim — como disse que faria.

E ele não matou só ela, mas também o assassino que atirou em mim e alguns outros caras que ajudaram.

Marcus matou pela primeira vez.

Por mim.

Além disso, segundo Kane, Marcus estava lá durante o tiroteio e no hospital quando anunciaram minha "morte". Eu não alucinei.

Marcus me segurou em seus braços enquanto eu lutava para decidir se deveria ou não me entregar aos meus demônios.

Isso significa que eu tenho uma pequena chance, certo? Quer dizer, é melhor ele me levar.

Tomara.

Eu imploro se for preciso.

Quase morrer me deu uma perspectiva diferente — todo o tempo que passei me escondendo e fugindo deveria ter sido gasto fazendo o que amo.

Ou seja, abraçando, beijando e tocando o Marcus.

Eu deveria ter ficado com ele o máximo possível, quando podia, já que era

isso que eu sempre quis fazer. Provavelmente isso vem acontecendo há mais tempo do que antes de começarmos nosso pequeno acordo.

Talvez desde que a rivalidade começou?

Desde a faculdade?

Não sei exatamente quando, mas aquela sensação de ser atraída por ele, irritada por ele e me sentir ameaçada por ele não era apenas rivalidade.

Por muito tempo, não consegui explicar a sensação de estar perto dele ou a atração que sentia por ele, mas agora consigo.

Acho que eu tinha uma queda pelo Marcus.

Acho que tudo começou durante nosso primeiro jogo na faculdade. No final, ele me derrubou no gelo e seu corpo pesado ficou sobre mim enquanto estendia a mão em minha direção.

Ele tinha um olhar sombrio e pesado, e me lembro de ter entrado em pânico.

Ele vai me devorar viva, pensei.

E eu não conseguia me mexer. Tudo o que eu podia fazer era observar, esperando com a respiração suspensa, meu coração prestes a saltar do peito.

Todos os sons ao nosso redor desapareceram enquanto seus olhos, metaforicamente, rasgavam minha pele e brincavam com minhas entranhas deploráveis —

Mas então, Jude o puxou para longe de mim antes que ele pudesse me tocar, e meu cérebro, sendo meu cérebro, decidiu que iríamos esquecer completamente aquele momento.

Pânico? A gente não faz isso. Por isso, me convenci de que era porque eu o odiava.

Mas, na verdade, eu gosto dele há um bom tempo. Eu simplesmente me recusava a admitir ou sequer considerar a possibilidade.

Agora, finalmente posso.

"Você vai entrar?", pergunta Hayes do banco do motorista enquanto eu encaro meu reflexo no espelho, tentando controlar meu cabelo.

"E se ele não estiver lá?"

"Tem uma luz acesa em casa, e eu já confirmei que ele chegou do treino. Você pode entrar a qualquer hora."

"Cala a boca, deixa eu ensaiar o que vou dizer."

"Você já fez isso a última hora, e nada soou natural, aliás."

"Aff! Tá bom, deixa eu pensar em opções melhores."

"Acho que pensar não te ajuda em nada."

"Que grosseria." Jogo o cabelo para o lado. "Como estou?"

"Não estou morta, que é o que importa."

"Você parou de ser eu, Hayes?" Dou uma risadinha irônica e engulo em seco.

"Um brinde ao nada."

"Boa sorte."

Depois que saio do carro, coloco a mão no teto e me inclino para falar com ele pela janela. "Se o Marcus me rejeitar, sua vida vai ser um inferno, e vamos ficar acampados aqui até ele me perdoar."

"Ai, meu Deus."

"É isso aí, é melhor você começar a rezar."

Meu sorriso desaparece enquanto caminho até a porta preta, com o coração na garganta. Certo. Vai ficar tudo bem.

Espero.

Com um suspiro profundo, toco a campainha.

Consigo ouvi-la lá dentro, o som longo e alto. Será que sempre foi tão alto assim?

Meu olhar vagueia ao redor, procurando por quê, não sei. Hayes, o traidor, já foi embora, e estou completamente sozinha.

Talvez Marcus não esteja aqui. Mordendo o canto da boca, puxo a barra da minha jaqueta, toco no meu cabelo e paro.

Estou nervosa. Droga. Eu? Nervosa?

Alguém precisa verificar se Julian fez um transplante de personalidade enquanto me acordava do coma.

Não duvidaria que aquele maluco fosse capaz de me transformar em um Frankenstein para o esquecimento—

A porta se abre e eu congelo, todas as palavras que ensaiei para um Hayes nada impressionado mais cedo meio que voando pela janela.

Sei que já se passaram três semanas desde que morri extraoficialmente, mas parece que foi ontem que o vi me segurando enquanto sangue borbulhava da minha boca.

Agora, porém, ele está diferente.

Muito diferente.

A calça de moletom cinza está caída nos quadris, o peito nu continua o mesmo, com os músculos salientes e a corrente pendurada, mas os ombros estão curvados, o rosto abatido. O brilho dos olhos metálicos sumiu, e tudo o que resta são duas poças de cinza vazio.

Como quando o conheci. Quando ele era sem alma e sem vida.

O que me assusta é que a expressão dele mal muda ao me ver.

Há um certo reconhecimento, mas, na maior parte do tempo, ele me ignora completamente.

O que eu fiz?

“Hum, oi!” Levanto uma mão desajeitadamente, tentando usar meu tom

alegre. “Surpresa! Eu não morri. Hilário, né? Tá, eu sei que não é, desculpa pela piada ruim. Eu estava em coma induzido, patrocinado pelos demônios do Julian. Uma longa história que não vou te entediar. Mas tudo o que você precisa saber é que tem todo o direito de culpar meu pai. Ele planejou tudo, e eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo até uns dois dias atrás, quando acordei. Enfim, vim aqui para dizer isso. Já que ouvi dizer que você matou a vovó por mim e tal, achei que você deveria saber que estou viva. Também queria me desculpar pelo desabafo traumático naquela carta enorme. Meu alter ego me obrigou a fazer isso, e o Hayes devia ter queimado em vez de te entregar. Acho que é só isso. Só queria dizer oi.”

Prendi a respiração depois de praticamente ter dito tudo aquilo de uma vez. Que jeito de não saber a hora de calar a boca, hein?

Durante todo o meu discurso, a expressão de Marcus não mudou. Ele ouvia em silêncio, os olhos vazios, nunca encontrando os meus.

Eu entendo. Eu também não gostaria de olhar para mim se estivesse no lugar dele.

"Sinto muito mesmo", sussurrei, inquieta, sentindo o ar frio penetrar meus ossos. "Eu entendo se você não quiser me perdoar, mas vou continuar pedindo até que você me perdoe."

Ele deu um passo à frente, e eu dei um passo para trás, meu corpo tremendo com a sua proximidade.

O cheiro do seu pós-barba me atravessou como um afrodisíaco, e eu não consegui evitar inspirar profundamente, puxando-o para dentro de mim, tornando-o parte de mim.

“Por que você ainda tem cheiro de real?” ele murmura com palavras ásperas e cruas, inclinando-se para perto. A lufada de ar contra meu pescoço percorre minha espinha, deixando arrepios por onde passa.

“Eu sou real, Marcus.” Toco seu braço, meus dedos formigando contra o volume do seu bíceps.

Meu Deus, faz tanto tempo que não o toco, e meu corpo faminto está se animando com o menor sinal dele.

Ele se afasta bruscamente, seus olhos se arregalando aos poucos enquanto pisca. “Você é… real?”

“Foi o que eu disse”, murmuro, cravando meus dedos em seu braço.

“Como…”

“Eu acabei de te dizer, por causa do coma—”

Ele me puxa para dentro, e eu solto um suspiro quando ele fecha a porta com um chute e me prensa contra ela, me agarrando com força pelos ombros.

Eu estremeço quando a dor explode no meu peito. "Pode me bater se quiser.

Eu mereço, mas talvez não muito forte, porque meu peito ainda dói por causa do tiro. Eu não estou tentando me fazer de vítima, eu juro..."

Marcus me solta e dá um passo para trás, passando uma mão trêmula pelos cabelos e pelo rosto antes de levar a mão ao queixo enquanto me observa atentamente.

Meu coração dispara quando aquela cor retorna aos seus olhos, brilhantes e metálicos, tão Marcus, mas também há linhas de dor.

Profundas, ásperas e incontroláveis.

É por minha causa, não é?

"Me desculpe", sussurro novamente.

Ele levanta o olhar para mim, algo terrível brilhando ali, sua mão se fechando em um punho. "Por quê?"

“As mentiras. A carta. Ter ido embora quando você me pediu para ficar. Eu não deveria ter feito isso, e me desculpe.”

“Você deveria se desculpar por outra coisa, Preston.” Ele se aproxima, colocando uma mão pesada e quente sobre meu coração, perto do curativo. “Você deveria se desculpar por isso, por me fazer assistir você tentar se matar.”

Meus lábios se entreabrem. “Como…”

“Você acha que eu não teria percebido aquele olhar suicida nos seus olhos quando você levou o tiro por Violet? Porque eu percebi, Preston. Eu percebi, porra.” Ele franze os lábios, as sobrancelhas se juntando enquanto um brilho surge em seus olhos, perturbador e errado. “Você prometeu viver por mim, mas não viveu.”

“Eu… eu sinto muito. Se isso fizer alguma diferença, quando você estava me segurando, eu realmente me arrependi. Eu queria lutar. Eu queria continuar vivo. Acho que esse é um dos motivos pelos quais eu não morri.”

Um músculo se contrai em sua mandíbula, e percebo que ele está reprimindo todas as suas emoções quando suas palavras, sufocadas, escapam. “Por que você fez isso? Por que você escolheu a morte em vez de mim?”

“Eu não escolhi. Eu…” Minha expiração irregular é aguda e alta no silêncio. “Eu jamais teria escolhido a morte em vez de você, Marcus. Você sabe disso, não é?”

“Mas eu vi você fazer exatamente isso, Preston! Você…” Seu corpo treme com a força de suas emoções. “Você sabe como foi ver você partir daquele jeito? A última imagem que tenho de você foi você se engasgando com o próprio sangue!”

“Eu… eu sinto muito”, minha voz falha entre as palavras, e estendo uma mão trêmula em sua direção, mas a deixo cair imediatamente. Será que eu tenho o direito de tocá-lo depois de tê-lo magoado tanto?

Meu Deus, o que eu fiz?

Deslizo o pé para trás, meus sapatos raspando no chão. “Você tem todo o direito de estar com raiva de mim. Pode me bater, me castigar, fazer o que quiser comigo, mas por favor… por favor, não me odeie, Marcus. Eu aguento qualquer coisa, menos isso.”

“Eu não consigo te odiar. Sou fisicamente incapaz. Mesmo quando estou com raiva de você, se eu te vejo se encolhendo e triste como agora, tudo o que eu quero é fazer você se sentir melhor.” Ele solta um suspiro, a voz trêmula. “Me diga, Preston, como posso fazer você se sentir melhor, para que você não me deixe de novo?”

“Eu não vou fazer isso, prometo. Dessa vez é sério. Naquela época”, dou um passo em sua direção, “eu estava com tanta dor, e pensei que deixar a morte me levar fosse a solução perfeita. Acontece que não foi, e muitas pessoas se machucaram por causa disso. Prometo não fazer isso de novo. Nunca mais vou me jogar na frente de uma bala, e vou levar a sério a minha recuperação.”

“Por que você faria isso?”

“Porque…” engulo em seco, o som ecoando ao nosso redor. “Quero que você confie em mim de novo. Confie que eu nunca fugiria ou te machucaria quando a dor ficasse insuportável. Confie que eu nunca deixaria a dor ficar tão forte a ponto de eu escolher o caminho mais fácil.”

“Você faria isso?”

“Sim. Por mim. Por nós.” Dou mais um passo à frente e envolvo sua garganta com a mão, deslizando o polegar sobre sua pulsação. “Por você.”

“Por mim?” Sua voz suaviza, assim como sua expressão.

“Para você, sim.” Acaricio sua garganta, sentindo meu coração leve e pleno ao mesmo tempo. Você já fez tanta coisa por mim. É hora de eu retribuir, mesmo que um pouco, pela sua paciência. Você me fez sentir adorada e amada quando eu achava que não merecia ser amada. Você me deu um espaço seguro para curtir nossas brincadeiras e nunca me julgou ou me pressionou a fazer o que eu não gostava. E em algum momento, comecei a sentir... coisas que eu não queria sentir. Coisas que tentei reprimir tão profundamente que não me sufocassem. Mas não sufocaram. A verdade é que, naquele momento, você já estava dentro de mim, fluindo sob a minha pele e em cada pensamento que eu não dizia em voz alta. Você faz parte de mim de uma forma que não sei como desfazer. Acho que não consigo respirar direito sem você. E não quero tentar. Então, se você ainda quiser ficar comigo... se me der uma chance... eu paro de fugir e encaro isso de frente. Não vou te decepcionar de novo. Eu juro. isto."

Ele permanece em silêncio, embora sua respiração ofegante ecoe no ar.

E eu meio que entro em pânico, minha pele fica vermelha e quente. "Não

estou dizendo que vai ser fácil nem nada. Minha cabeça ainda está uma bagunça, e às vezes vai ficar horrível, então eu entendo se você não quiser lidar com o incômodo, mas se você estiver disposto a estar comigo, eu vou me esforçar ao máximo, tá? Vou tomar todos os meus remédios na hora certa e ver meu terapeuta diariamente, se precisar. Vou te contar tudo o que você quiser saber e vou parar de tentar te afastar quando tudo o que eu quero é ter você por perto. Vou cuidar de você também, eu prometo! Eu tenho tantas habilidades além de ter dinheiro e ser pura diversão. Posso te levar para passear de carro, e... bem, eu aprendo qualquer outra coisa ou peço para o Hayes fazer — Marcus? Fala alguma coisa, eu sinto que estou tagarelando."

“Você não para de falar.” Ele passa o dorso dos dedos pela minha bochecha. “Me conta uma coisa, Preston.”

“Qualquer coisa.”

“Você me ama?”

“Amo”, respondo sem hesitar. “Acho que estou apaixonada por você há muito tempo. Eu te amava quando pensava que amar era dor.”

“É mesmo? Você ainda sente dor por me amar?”

Balanço a cabeça uma vez e encosto o rosto nos dedos dele. “Não, não é dor, mesmo que meu cérebro tenha tentado me enganar para que eu sentisse que era.”

“Então o que é?”

“Segurança e aconchego.” Mordo o lábio inferior. “Eu queria muito te abraçar agora.”

“Vem cá.” Ele sussurra, com a voz trêmula, puxando-me para seus braços e enterrando o rosto em meu pescoço, suas palavras baixas roçando minha pele. “Pensei que tinha te perdido. Pensei… que nunca mais te veria. Isso me destruiu completamente. Cheguei a pensar em te seguir.”

“Oh, Marcus. Me desculpe. Me desculpe mesmo. Nunca mais vou te fazer passar por essa dor.”

“Nunca?”

“Nunca.” Eu o aperto contra mim, meus braços se contraindo enquanto meus dedos se entrelaçam em seus cabelos. “Nunca vou embora, nem mesmo se você me implorar.”

Ele vibra contra mim, seu corpo tremendo um pouco, e eu o abraço. Eu o abraço como se nunca fosse me separar dele.

Porque eu nunca vou me separar dele.

Cansei de me esconder e fugir. Cansei de magoar a única pessoa que me faz respirar direito.

A única pessoa que me faz sentir viva.

Me aconchego ainda mais em seus braços, querendo protegê-lo do mundo,

mas também me fundir a ele tão profundamente que nunca mais nos separaremos.

"Eu nunca teria te perdoado se você tivesse me deixado, Preston."

"Eu não teria me perdoado."

"Não teria? Você já me esqueceu uma vez."

"Te esquecer? Do que você está falando?"

“Você não se lembra, mas nos conhecemos pela primeira vez na casa do papai quando éramos crianças”, ele murmura no meu pescoço. “Tínhamos sete anos, e eu estava no jardim colhendo flores para a mamãe, e você estava sentada numa árvore parecendo uma fada. Aí você se jogou em cima de mim, me deu doces e me desejou feliz aniversário. Acho que estou apaixonado por você desde então, meu bem.”

Me afasto, meu coração batendo tão forte que chega a me dar um nó na garganta. “Espera. A criança com a margarida era você…?”

“Sim.” Ele desliza as mãos pelo meu rosto e pelo meu cabelo, me tocando por todo lado, como se quisesse penetrar mais fundo do que a minha pele. “Você se esqueceu de mim, não é?”

“Não, eu não me lembrei. Voltei no dia seguinte procurando por você, mas ninguém da equipe te reconheceu. Achei que você fosse um amigo imaginário, eu tinha vários quando era criança, então não questionei. Ah! Agora eu sei por que suas fotos de quando você era criança me pareceram familiares. É porque a gente já se conheceu! É por isso que você me chamou de príncipe das fadas quando nos reencontramos nos jogos do colégio — porque você achou que eu parecia uma fada…?”

“É. Eu fiquei chateada e magoada por você não se lembrar de mim, sendo que acho que estou apaixonada por você desde então, meu bem.”

Meus lábios tremem, meu coração aperta sob o peso de tantas emoções até transbordar. Ele me amava naquela época?

Marcus? Eu?

“Eu… fui sua primeira paixão?”

“Primeiro amor. E o único.” Ele sorri. “Mamãe disse que no caminho de volta eu perguntei se podia me casar com você.”

Minha caixa torácica se contrai, incapaz de processar o quão extasiante e surreal tudo isso parece. “Talvez eu também tenha te amado.”

“Você não precisa dizer isso—”

“Eu estou falando sério. Fiquei muito triste quando ninguém se lembrou de você, e ainda tenho aquela margarida no meu livro da escola primária em algum lugar. Foi a primeira vez que alguém me chamou de bonita, mas não como uma menina. Só bonita. Eu gostei muito disso.”

“Então você se lembra de mim?”

“Claro que sim. Contei tudo sobre você para a mamãe e até te dei o nome de Margarida… espera! Não me diga, a tatuagem de margarida…?”

Ele segura minha mão e a coloca na coxa, onde eu sei que está a tatuagem. “Sim, é para você, meu príncipe.”

“E eu aqui com ciúmes de uma garota imaginária.” Rio sozinha.

“Você não precisa ter ciúmes de ninguém.” Ele levanta minha mão da sua coxa e deposita um beijo no meio, depois a pressiona na bochecha, suave e ternamente. “Você me possui, Preston. Há mais tempo do que eu estava disposta a admitir. Eu tentava definir o que era — obsessão, fixação, a vontade de te puxar para perto e te manter onde eu pudesse te ver. Mas não era nada disso. Não de verdade. Em algum momento, deixou de ser sobre te querer e passou a ser sobre precisar de você. Todos os dias, eu acordava com a necessidade de saber se você estava respirando e ainda assim escolheria essa coisa complicada entre nós.”

“Eu sempre escolheria essa coisa entre nós, Marcus.” Meus lábios tremem ao pronunciar as palavras.

“Eu também, meu bem.” Ele beija minha palma novamente. “Eu costumava pensar que não sentia muita coisa. Ou nada. Que aquela parte de mim que deveria amar nunca se desenvolveu. Mas aí você chegou, tão intensa, caótica e um pouco quebrada, e de repente, tudo que eu achava que não tinha começou a me puxar para você. Eu olho para você e tudo que eu quero é me colocar entre você e o mundo. Não porque eu esteja tentando te reivindicar, embora isso exista. Mas é porque eu não suporto a ideia de nada te tocar. Porque cada emoção que eu achava que não tinha… aparentemente sangra por você.”

“Ah, Marcus”, eu respiro, roçando meus lábios nos dele, me desfazendo com suas palavras. “Você já se entregou de vez.”

“É mesmo?”

“Sim. Eu só decidi que nunca vou te deixar ir.”

"Nem eu, meu bem."

E então eu o beijo profundamente, e ele retribui o beijo com uma certeza lenta e devastadora enquanto eu me agarro a ele como se ele fosse a única coisa que me mantém de pé.

E talvez ele seja.

Eu costumava pensar que o amor só vinha com dor, mas esse homem me mostrou o quão errada eu estava.

Ele me mostrou como amar profundamente, intensamente, até um pouco caoticamente, até que eu saiba que não estou mais sozinha nisso.

E ele vai garantir que eu nunca esteja.

EPÍLOGO 1 — PRESTON

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Estou tão irritado e ofendido agora.

Uma coisa é ser baleado e o time inteiro arruinar meu campeonato e meu direito de me gabar, mas é completamente diferente ficar meses sem jogar.

O que significa que a temporada acabou para mim.

Adeus, minha carreira no hóquei universitário. Foi divertido enquanto durou.

É melhor todos se lembrarem da lenda absoluta que é o príncipe da liga.

Agora, me reduzi a um mero espectador com Vee e sua irmã, Depeche Mode.

Acabamos de assistir a um jogo em que Marcus simplesmente queria chamar atenção.

Ele precisa mesmo ser tão gostoso sendo tão bruto, suado e uma máquina de violência? Jude e Kane o marcaram de perto o tempo todo. Vee, a suposta "pacifista", gritava de excitação sempre que Jude o marcava.

É melhor o grandalhão estar com os dias contados.

Olha, eu não gosto do Marcus marcando o Jude, mas também não gosto do contrário.

O idiota não parecia muito incomodado, no entanto. De vez em quando, ele me encarava. Uma vez, ele apontou para mim depois de marcar um gol, e Vee achou que ele estava me provocando.

Ele não estava.

Ontem à noite, ele me fodeu devagar — ele só tem feito isso ultimamente, não importa quantas vezes eu diga que estou me sentindo bem.

"Você não está bem. O médico disse para não fazer esforço", disse ele, me puxando para a curva do seu braço.

É ali que tenho adormecido todas as noites desde que recebi alta do hospital. Na curva do seu braço, beijando suavemente sua garganta ou mordendo-a, porque sou uma vampira assim.

Enquanto eu mordiscava seu pescoço, ele disse que, se ganhasse esta noite, eu deveria morar com ele em tempo integral. Não na casa da mãe dele, mas em outro lugar.

Só nós dois.

"Só porque minha alteza não está lá fora não significa que você pode ganhar. Você está subestimando Kane e Jude."

"Você está subestimando o que eu faria para ter você só para mim, meu bem", ele sussurrou no meu ouvido, e então mordeu a casca.

Aparentemente, eu que estava subestimando a determinação do Marcus. Apesar da habilidade e da marcação dupla de Kane e Jude, Marcus encerra o jogo com um gol no último segundo, bem na hora em que a sirene ecoa.

Que foco em gols!

Os espectadores aplaudem a atuação lendária dos Vipers. Foi um jogo difícil, principalmente porque o Marcus estava em todo lugar.

Sim, ele tem esse tipo de resistência sobre-humana.

E mesmo estando com vontade de reclamar do nosso time pela derrota, estou mais distraído com a visão dele.

"Pres, você vem?" Vee me pergunta enquanto Daphne segura seu braço.

"Pode ir." Eu sorrio. "Te encontro lá fora, tia Vee."

Ela sorri. "Isso nunca vai deixar de soar um pouco estranho."

“Ei, escuta, o Jude fica me provocando dizendo que quando ele casar com você, vai ser meu tio, e isso é cruel. Ser estranho é melhor do que ser cruel. Só dizendo.”

Ela morde o canto do lábio. “Ele disse isso?”

“Disse sim. Espera só pelo anel.” Aponto para a irmã dela. “Nada de anel para você, Denise.”

Ela me mostra o dedo do meio com um sorriso. “Ninguém liga para a sua opinião.”

“A piada é com você, todo mundo liga.” Eu a viro de volta, sorrindo. Vee, sendo Vee, sorri e puxa a irmã para longe antes que comecemos nosso jogo de gato e rato.

Enquanto o resto da multidão se dispersa, eu encaro Marcus, que está sendo abraçado, recebendo tapinhas no ombro e sendo imobilizado com uma chave de braço pelos colegas de time.

É melhor essas pirralhas tirarem as mãos dele. Agora.

Ok, estou tranquila. Estou calma. Não vou realmente cortar a cabeça deles enquanto dormem.

Provavelmente.

Não consigo controlar esses acessos de possessividade intensa sempre que

vejo outras pessoas tocando nele. As únicas que escapam são a June — que deu uma festa daquelas quando soube que eu estava viva — e talvez a Miley.

Mas até aquela pirralha está passando dos limites, já que insiste que vai se casar com ele um dia. Quanta audácia num corpinho tão pequeno.

Eu vou me casar com ele, não com ela.

Não agora... mas, sabe, um dia. Quando eu melhorar e não tiver mais tanto medo de machucá-lo enquanto ele dorme.

Os pesadelos ainda estão lá, mas não são tão frequentes ou intensos. Ainda acho difícil relaxar completamente à noite, mas Marcus é extremamente bom em me distrair. E eu digo, um profissional de verdade.

Ele me deita e me fode devagar e sem proteção, ou esfrega nossos paus um no outro, pega meu pau na boca ou come meu cu até eu gritar.

O homem que eu amo tem muitos truques na manga.

E eu fico seriamente apavorada só de pensar que outras pessoas já passaram por isso.

Houve outras pessoas antes de mim que o tiveram — seu abraço, seus sorrisos, seu toque carinhoso que me faz querer melhorar.

E agora, enquanto o observo, não consigo conter o frio na barriga.

Marcus parece uma chama em seu uniforme laranja dos Wolves, embora já tenha desatado o protetor de peito, a camisa grudada em seus músculos pelo suor.

Seus cabelos úmidos estão jogados para trás, as luvas foram retiradas, a fita ainda está presa em seus pulsos e o rosto está corado pelo esforço.

Assim, de repente, me vem à mente a expressão dele enquanto pairava sobre mim, penetrando fundo em mim na noite passada.

"Seja um bom menino e se masturbe para mim, querido", ele sussurrou em tom de comando, com uma súplica ardente.

E agora, outras pessoas vão ver um rosto parecido? Tudo bem. Ele não tem mais aquele olhar ardente, e seus lábios não estão entreabertos, murmurando as coisas mais obscenas para mim, mas mesmo assim.

Enquanto seus colegas o afastam, ele levanta a cabeça e, ao me ver, um sorriso largo se abre em seus lábios, acompanhado de uma piscadela.

O idiota realmente pisca.

É para eu sentir como se uma flecha estivesse atravessando meu coração?

Que perigo. Preciso perguntar ao meu novo melhor amigo, Dr. Fenwick, por que diabos eu acordo todos os dias mais apaixonada por esse cara do que no dia anterior?

É a comida, não é? Ele coloca alguma poção do amor lá, e eu não consigo evitar voltar como uma viciada.

Acho que estou mais apegada a ele desde que nos reencontramos por um motivo simples: não estou mais perdendo tempo longe dele.

É por isso que o abraço forte e o procuro sempre que posso. O momento em que o abraço é como voltar para casa. Ele não só me acalma e silencia o caos dentro de mim, como também me dá vontade de compensá-lo.

Marcus pode ter me perdoado, mas sei que ele ficou bravo e especialmente magoado com a minha "morte". E farei tudo ao meu alcance para que ele nunca mais se sinta assim.

Nunca.

Com um suspiro, saio das arquibancadas e vou para o vestiário dos Vipers. Naturalmente, sou recebida como uma guerreira. Os membros do time me dão tapinhas nas costas e dizem que teriam vencido se eu estivesse lá.

"Claro. Vocês estão massacrando o campeonato pelo qual trabalhei tanto. Meu ego está morrendo."

“Então talvez você não devesse ter levado um tiro.” Jude me chuta enquanto vai até seu armário, com uma toalha enrolada na cintura.

“Kaaane! Jude acabou de chutar um paciente.” Seguro nosso capitão pelo ombro e, sim, ele já é o primeiro a se vestir. “Dá um soco nele por mim.”

“Seus membros funcionam perfeitamente.”

“Você tem razão.” Chuto Jude de volta e ele quase cai porque está puxando as calças para cima. “Eu disse para a Vee ir para casa porque você está ocupada hoje à noite.”

Ele fecha o armário com força e se vira para mim. “Que merda há de errado com você, Presidente?”

“Hoje ou em geral?” Eu sorrio.

Jude solta um longo suspiro. “Você só disse isso para me irritar.”

“Habilidades de dedução incríveis. Pontos extras para o meu homem Callahan!”

Sim, eu sou mesquinho porque ele repreendeu o Marcus demais hoje à noite, mas não posso ameaçá-lo de agressão física se ele tocar no Marcus de novo, porque, bem, eles não sabem sobre nós.

Claro, eles sabem que tenho estado ocupado ultimamente, principalmente à noite, mas acham que é por causa da terapia e do tempo que passo com o papai e a Miley.

Não tenho certeza se eles aceitariam a explicação simples que eu inventei: "Então, meus manos, eu estou transando com o Marcus direto, já faz meses, na verdade. Alguma pergunta?"

O que é ridículo. Papai sabe. June sabe. Até o Andrew sabe. Eu não deveria estar tão apreensivo com a possibilidade de Jude e Kane descobrirem também.

Mas estou.

Eles só me viram com garotas, e essa história de me assumir está me deixando um pouco nervoso.

E se eles reagirem mal?

Kane é mais pragmático, e o tio dele tem um relacionamento gay com um cara bem mais novo. O primeiro em Vencor a se safar disso, mas estamos falando de mim.

Jude e Kane me viram com aquele professor. Provavelmente acham que eu teria nojo de qualquer coisa gay, e eu me convenci disso por anos.

Até que Marcus apareceu e eu finalmente consegui encarar minha própria sexualidade, recuperá-la, aceitá-la e fazer as pazes com ela.

Provavelmente sou bissexual ou algo assim. Ainda acho mulheres atraentes e não me sinto atraído por outros homens além de Marcus. Acho que nunca vou deixar ninguém me tocar como Marcus faz.

Nunca vou confiar em ninguém como confio nele.

O mais importante é que, ao resgatar minha sexualidade, deixei de ser apenas uma vítima.

Como minha mãe disse no sonho: eu sou uma sobrevivente.

Eu não sou o que aconteceu comigo; eu sou quem eu escolho ser.

Mesmo assim, não posso simplesmente chegar e dizer: "E aí, pessoal. Eu adoro pênis. O pênis do Marcus, para ser mais precisa. Vamos ser todos amigos?"

É, claro.

Não vai rolar. Pelo menos não agora. Preciso pensar em uma maneira melhor de abordar o assunto.

"Você vai com a gente na balada?", Kane me pergunta. "O time precisa de um pouco de diversão."

"Eu não sou o seu palhaço."

"É sim", ele diz, com a maior cara de pau.

"Juuuude!"

"É sim, Presidente." Ele me dá um peteleco na testa. "O melhor palhaço que existe."

"Me paguem para manter a vida de vocês interessante, seus otários." Eu mostro o dedo do meio para eles. "Até mais."

"Você não vem?" Kane pergunta.

"Vou ver minha agenda!" respondo cantarolando enquanto saio do vestiário.

Eu definitivamente não vou. Tenho planos melhores, que incluem ser agarrada na superfície mais próxima e passar a noite toda de conchinha.

Meus passos são leves enquanto me dirijo ao estacionamento onde combinei

de encontrar Marcus depois que todos forem embora.

Pedi a ele para estacionar a moto em um lugar escondido que só Jude conhece, porque ele às vezes estaciona a moto dele lá.

Uma luz amarela suave ilumina o local enquanto me encosto na moto, com as pernas cruzadas, e checo meu celular.

Meus lábios se curvam em um sorriso quando encontro uma mensagem que ele mandou enquanto eu estava com os caras.

MARCUS

Você está linda. E você vai morar comigo amanhã.

EU

Você não precisava se esforçar tanto durante o jogo. Eu teria me aproximado mesmo se você tivesse perdido.

Assim que aperto o botão Enviar, braços fortes me envolvem por trás enquanto lábios macios roçam meu pescoço. "Hum. Senti sua falta."

Sua voz ressoa profunda, e meu pulso acelera em resposta.

Acho que nunca vou me acostumar com o silêncio que se instala na minha mente quando ele me toca. Ele nem precisa fazer muito — apenas suas mãos em mim trazem uma sensação de paz que eu nunca pensei que experimentaria.

"Você está com cheiro de vestiário", ele murmura. "O que você estava fazendo perto de caras pelados, Preston?"

"Procurando outras opções?"

Ele desliza a mão pelo meu peito e levanta meu queixo, me encarando de cima. "Você não tem outra opção além de mim, entendeu?"

“Relaxa. Eu só estava consolando eles. Você sabe como eles não conseguem funcionar sem mim.”

“É mesmo?”

“Se eu estivesse no gelo, você não estaria saindo mancando daquela arena com uma vitória. Eu teria te dado uma surra daquelas, Osborn.”

“Que bonitinho. Acha que aguentaria dez segundos comigo agora?”

Agarro um punhado do cabelo dele, me aproximando até que meus lábios estejam a um sopro dos dele. “E você?”

“E eu?”

“Você não aguentaria nem um segundo comigo. Desmaiaria no instante em que eu te tocasse.”

“Sem discussão.” Ele diminui a distância, selando seus lábios aos meus, sugando o lábio inferior antes de enfiar a língua, lambendo o interior da minha boca.

É um beijo faminto que me deixa sem fôlego, e ele sente quando gemo em

sua boca.

O gosto dele inunda minha cabeça, depois desce pela minha espinha num arrepio lento.

Meu Deus. Eu poderia beijá-lo o dia todo, todos os dias.

Como diabos eu consegui sobreviver sem beijá-lo antes?

Como eu poderia suportar ficar longe dele quando estou tão apaixonada?

Isso nunca mais vai acontecer. Eu também prometi a ele que, de agora em diante, ele será o primeiro a saber quando as vozes na minha cabeça ficarem muito altas.

"Que merda está acontecendo aqui?"

Meus olhos se arregalam quando Marcus é arrancado de mim por ninguém menos que Jude.

Puta merda.

Marcus não resiste. Ele parece realmente irritado por ter sido interrompido no meio do beijo.

Kane está de pé ao lado, com as mãos nos bolsos, o olhar afiado e calculista, mas pelo menos ele não está sendo um touro furioso como Jude.

“Preston, se afasta desse idiota”, ele diz. “Ele te forçou, não foi?”

“Não.” Com um suspiro, fico ao lado de Marcus. “Ele me beijou e eu retribui o beijo. É assim que funciona um beijo, grandão.”

Seus lábios se entreabrem e ele parece prestes a ter um aneurisma. “Você está louco?”

“Sim, diagnosticado. Mais alguma pergunta óbvia?”

“Esse idiota—” Jude está prestes a bater em Marcus, mas Kane o puxa para trás.

“Chega, Jude. Não é o que você está pensando”, diz Kane.

“Você…” Jude o encara. “Você sabia?”

“Eu tinha uma ideia desde que Dahlia me contou que Marcus estava patinando com Miley e Preston.”

Maldita Dorothy e sua boca grande.

“Espera…” eu digo. “Você sabia?”

“Não totalmente.” Ele segura Jude pela nuca. “Só alguns detalhes aqui e ali. Nada muito concreto. Eu confirmei isso depois que Osborn saiu em uma onda de vingança por você.”

“Eu faria tudo de novo sem pensar duas vezes”, Marcus me diz com aquele sorrisinho que me derrete.

“Eu faria o mesmo.” Entrelaço meus dedos nos dele e me viro para meus melhores amigos. “Jude, Kane. Conheçam o amor da minha vida, e é melhor vocês gostarem muito dele.”

“Não. Não, ele não é o amor da sua vida”, diz Jude. “Encontre outro amor.”

“Que tal eu te dizer para encontrar alguém que não seja a Vee, seu idiota?”

Ele franze os lábios, mas não diz nada. Há uma certa tensão no ar enquanto a carranca de Jude se aprofunda, e até Kane parece um pouco tenso.

Marcus solta os dedos dos meus. "Te dou um minuto."

Ele sabe que estou apreensiva em contar para eles, já que venho falando disso há semanas, então sabe que este é um momento importante para mim e está me dando a chance de encarar meus melhores amigos do meu jeito.

Meu Deus, o que eu fiz para merecer esse homem?

Assinto com a cabeça. "Não vá longe demais."

"Nunca." Ele acaricia minha bochecha, depois se afasta, vira a esquina e desaparece de vista.

Meu coração dói um pouco com a ausência dele, e preciso respirar fundo para tentar aliviar a dor.

"Quer explicar o que diabos está acontecendo, Presidente?" Jude dispara. "Isso não pode ser o que eu estou pensando, né?"

“É sim.” Solto um suspiro, dando uma espiada nele. “Dá para parar de parecer tão tenso? Está tornando tudo mais difícil do que deveria, seu idiota.”

Jude inspira profundamente. “Bem, me desculpe por não estar nada feliz com a ideia de você com o Osborn, de todas as pessoas. Achei que vocês se odiassem.”

“Eu também achava, mas sabe, ódio é uma linha tênue entre amor e toda essa coisa poética.”

“Amor?” Jude diz, com os olhos quase saltando das órbitas. “Você acabou de dizer amor?”

“Sim, amor, sabe, como você se sente pela Vee. Sentimentos normais, caramba. Sério, para de me irritar, Jude, ou eu te dou um soco.” Viro a cabeça bruscamente para o lado, na direção de Kane. “E você! Vai acrescentar algo a esta conversa animada?”

“Há quanto tempo isso está acontecendo?”

“Há algum tempo.”

“Desde quando?”

“Desde o nosso jogo contra os Wolves?” Termino com uma pergunta, sorrindo sem jeito.

“Nossa. Meses?” Jude fica boquiaberto. “E você não me contou nada?”

“Bem, eu me teletransportei para o futuro, vi sua reação de agora e decidi veementemente contra isso, seu idiota.”

“Você podia ter me contado”, diz Kane, com a voz firme, e eu suspiro.

“Não é que eu não quisesse contar para vocês. É que eu mesma não

conseguia aceitar isso até recentemente, então não podia simplesmente revelar. Acho que precisava de um tempo para assimilar antes de falar com vocês sobre isso. E acreditem, precisei lutar muito contra meus demônios e contra a minha própria alma para aceitar o quanto eu amo estar com o Marcus. Ele… ele acalma minha mente, sabe? Ele me faz sentir segura, é tão paciente comigo e sempre me dá tudo de forma altruísta, e eu preciso disso. Ele é parte do motivo pelo qual eu quero melhorar, melhorar de verdade, para que eu possa ser eu mesma e estar com ele. Então, talvez seja melhor não serem babacas. Sim, estou falando com você, Jude. Você está tornando essa sessão de revelação uma chatice."

Jude me encara por um longo, furioso e impotente segundo. "Não estou julgando sua sexualidade. Você sabe que eu a apoiaria, quer você amasse um homem, uma mulher ou qualquer coisa entre os dois. É só a escolha do homem em particular com quem você ficou. Osborn? Sério, Presidente?"

Minha garganta aperta, mas consigo assentir. "Sim, sério. Eu estaria morta se ele não estivesse na minha vida, e não estou dizendo isso levianamente."

"Você está escolhendo ele", diz Kane.

"Estou", respondo, embora não seja uma pergunta.

"Então nós nos adaptaremos."

"Nos adaptaremos?" Jude o encara com raiva. "Esse é o seu plano genial?"

"Sim, nós vamos nos adaptar, Jude." Kane aperta meu ombro. "Conhecendo o Pres e o que aconteceu com ele, ele deve ter passado por muita coisa para conseguir aceitar isso, e se ele diz que o ama, não é fácil para ele admitir, né?"

Algo estúpido queima nos meus olhos, meu peito parece tão cheio e apertado. "Você tem ideia de quantas crises eu tive, regularmente?"

Kane sorri. "Só posso imaginar."

"Vocês precisam me ouvir falar tudo, porque a coisa era muito real. Tipo, como assim eu jogo no mesmo time agora? E quem fez o pau do Marcus parecer tão atraente?"

"Jesus Cristo." Jude solta um suspiro. "Eu definitivamente não quero ouvir falar do pau do Marcus."

"Sim, você vai, melhor amigo!" Eu o prendo num mata-leão. "Vai ficar acordado até as quatro da manhã comendo pipoca e me ouvindo."

"Ai, meu Deus", Jude parece horrorizado, mas se recompõe e bagunça meu cabelo. "Que bom que você voltou, Presidente. De verdade."

Eu abro um sorriso enorme. "Isso significa que você aceita o Marcus?"

"Vou tentar", ele resmunga. "Mas será que dá para se livrar dele…"

"Duvido que o Marcus vá embora", diz Kane.

"Não vou", diz Marcus, caminhando em nossa direção. Ele realmente não foi longe, né?

Que stalker.

Estou sorrindo enquanto ele fica ao meu lado e levanta minha mão para beijar o dorso dela, o que faz Jude ficar boquiaberto, o que é pura comédia a essa altura.

“Lá vem o drama do namorado”, diz Kane.

“Com licença”, diz Marcus, e eu rio. O quê? É engraçado.

Jude solta um longo suspiro enquanto encara Marcus. "Eu não confio em você. Não gosto de você, mas posso te tolerar pelo bem do Preston. Mas lembre-se das minhas palavras, Osborn. Se você o magoar de alguma forma, eu acabo com você."

"O sentimento é recíproco", diz Marcus com a mesma agressividade. É porque ele é um ciumento do caralho com o Jude. Ele até disse isso outro dia. Deveria ter sido eu ao seu lado desde que éramos jovens, não aquele maldito Callahan.

Palavras dele, não minhas.

"Tenho uma pergunta", diz Kane, inclinando a cabeça para o lado. "Como você conseguiu fazer alguém tão alérgico à monogamia quanto o Preston se apaixonar por você, Marcus?"

"Simples." Ele sorri. "Eu simplesmente me recusei a desistir dele."

Não consigo evitar. Realmente não consigo.

Com um sorriso, eu o beijo.

Bem na frente de Kane e Jude.

Eles vão ter que se acostumar.

A partir de agora, ele faz parte da nossa família.

EPÍLOGO 2 — MARCUS

UM ANO DEPOIS

“Mmm…”

Um gemido escapa de mim enquanto o prazer percorre minha espinha. Por um segundo, sinto como se estivesse sonhando.

É como aquela vez em que meu pau estava contra a bunda vermelha de Preston depois de eu tê-lo chicoteado até deixá-lo inconsciente. A ponta grossa e redonda penetrando—

“Vamos, abra os olhos, querido.”

Eu pisco enquanto ele geme ao redor do meu pau, a vibração da sua voz combinada com o calor úmido da sua boca me fazendo grunhir.

“Aí está você.” A cabeça dele aparece entre minhas pernas.

A sonolência do sono desaparece lentamente enquanto eu distingo a cena à minha frente. Estou na nossa cama enquanto Preston está deitado de bruços, lindamente nu, o pau enrolado firmemente em volta do seu lado direito, as mãos apertando meu pau duro como pedra.

A luz do sol penetra pelas cortinas da nossa cobertura em Nova York, fazendo seus cabelos despenteados brilharem em um tom dourado, seus olhos tão verdes que parecem derretidos.

"Você precisa ver isso." Ele lambe os lábios e os envolve em volta do meu pau.

"Puta merda..." Eu gemo, meus quadris se elevando um pouco enquanto ele abocanha mais de mim.

Deus. Que delícia.

O jeito como ele move a língua, tão inseguro e ao mesmo tempo tão entusiasmado, girando-a ao redor da glande, lambendo a parte de baixo, é hipnotizante.

Então ele suga. Com força.

Meus olhos reviram. Cristo. Isso é tão bom.

Só os sons já quase me levam ao clímax, mas então me lembro de algo importante.

Droga.

Eu me sento, meus músculos abdominais se contraindo em protesto enquanto agarro seus cabelos com força e o puxo para longe.

Estou respirando com dificuldade, o som ecoando no ar. "Você... você não precisa fazer isso, Pres."

Com as mãos ainda em volta do meu membro, ele deposita um beijo molhado e ruidoso na glande e sorri. "Eu quero. Deixa eu chupar seu pau, querido. Estou louco para isso."

"Mas—"

Sua expressão se fecha. "A menos que você não queira?"

"Claro que eu quero. Mal consigo falar agora." Acaricio seus cabelos. "Não quero te provocar."

"Mesmo que isso signifique nunca mais ter seu pau chupado?"

"Sim, mesmo que signifique isso. Você é mais importante para mim do que sexo. Além disso..." Sorrio. "Não é como se eu não pudesse te virar de quatro agora e te fazer gritar."

Ele ri baixinho. "Você adora me virar de quatro."

"E você adora gritar."

“Sem negar.” Ele suga a glande do meu pau com a boca e a solta com um estalo. “Eu estou bem, de verdade. Você nunca vai me forçar ou me sufocar com o seu pau. Eu confio em você.”

“Porra, amor, você tem certeza?”

Ele acena com a cabeça ansiosamente. “Eu queria fazer isso há muito tempo, e hoje é perfeito, então me deixa, tá bom?”

“Tá bom. Se você se sentir estranho, você para. Combinado?”

“Combinado.” Ele me empurra para longe. “Agora deita e aproveita.”

“Eu sempre te adoro—Mmm.” Eu gemo quando ele cospe no meu pau, assim como eu sempre faço com ele, e então me enfia de volta na boca.

“Ah, amor. Você está me deixando tão molhado e babado?”

Ele solta um gemido abafado, me apertando e gemendo baixinho contra minha pele sensível.

E me fode.

Os sons da sucção e dos gemidos dele, a visão da cabeça dele subindo e descendo no meu pau, me levam ao ápice.

Ele é tão gostoso, é impossível durar.

"Assim... isso... eu amo sua boca quente e molhada, querido."

Ele desliza meu pau para dentro e para fora da boca, me levando cada vez mais fundo, até que eu esteja praticamente fodendo a garganta dele.

"Não tão fundo, Pres... ah, porra."

Ele geme, a sucção ficando mais forte até que eu esteja quase me desfazendo.

"Estou gozando... me tira da sua boca—"

Ele me leva até o fundo e aperta meus testículos, me fazendo ejacular na garganta dele. Jatos e mais jatos de esperma enchem a boca dele, e eu consigo ver o pomo de Adão dele subindo e descendo enquanto ele engole tudo.

Mas tem tanto esperma, um pouco escorre pelos cantos da boca dele enquanto ele me puxa para fora.

Então ele sobe pelo meu corpo, até que seu rosto esteja a centímetros do meu, o cabelo emoldurando suas feições como se fosse meu príncipe encantado. Minha mão instintivamente vai para o quadril dele enquanto ele aperta minhas bochechas, depois cospe meu esperma na minha boca e me beija até eu perder o fôlego.

É tão sujo e incrivelmente excitante.

Minha mão se fecha em seus cabelos enquanto o beijo com avidez a princípio, depois com ternura até que ele suspire suavemente.

Ele se afasta cedo demais, deitando-se sobre os braços no meu peito com aquele brilho no olhar. "Feliz aniversário, meu bem."

"Porra." Acaricio seu quadril e seu cabelo. "Você fez isso porque é meu aniversário?"

“Quer dizer, eu queria fazer isso há um tempo, mas achei que seria uma forma legal de acordar no seu aniversário.”

“É mais do que legal.” Levanto a cabeça e roço meu nariz no dele. “Mas não se sinta pressionado a me fazer um boquete.”

“Sem pressão. Eu realmente gostei.” Ele esfrega a ereção na minha barriga. “Espere acordar com a minha boca em volta do seu pau muitas vezes no futuro.”

Dou uma risadinha. “Me dê um segundo e eu cuido disso para você.”

“Hum. Isso já é o suficiente para mim.” Ele enterra o rosto no meu pescoço e me abraça.

É apertado, mas não tão apertado quanto um ano atrás. É mais tranquilo, mais parecido com o que Preston evoluiu até agora.

Não é que ele esteja "curado" agora, mas ele consegue lidar muito melhor com os episódios, em vez de se afogar neles.

Em vez de se autodestruir, ele liga e sussurra: "Preciso de um abraço".

Ao que eu abandono tudo para ficar ao seu lado.

E quando o abraço, ele respira comigo, em vez de lutar contra o pânico.

Ele não tem mais alucinações com o Dr. Duret ou Lenin e, em vez disso, tem o Dr. Fenwick, a quem tolera, mas de quem ainda reclama constantemente.

Dr. Fenwick isso e Dr. Fenwick aquilo.

E como ele está mais estável, está tomando medicamentos menos agressivos e não precisa mais dos remédios para entorpecer o cérebro que Julian Callahan costumava preparar para ele.

Há um ano, eu o segurava em meus braços enquanto ele quase sangrava até a morte, mas agora ele está aconchegado em meus braços, respirando tranquilamente e tão vivo.

Faz apenas um ano, mas ele progrediu tanto que tenho plena confiança de que ele nunca mais voltará a esse estado autodestrutivo.

Não enquanto eu estiver por perto.

"Você deveria ir treinar", ele murmura no meu pescoço. "O Hayes te leva."

"Eu não preciso de motorista. O pobre Hayes está morrendo de tédio dirigindo."

"Ele dá conta do recado. Além disso, você precisa de proteção contra aquelas fãs malucas, e o Hayes é um profissional treinado. Juro que se alguma daquelas fãs tentar se jogar em cima de você, eu apareço com facas."

Dou uma risadinha. "Elas já sabem que eu tenho namorada. Já disse isso umas cem vezes em entrevistas."

“Aparentemente, isso não os impede.” Ele levanta a cabeça. “A NHL é uma droga. Por que você precisa ser uma estrela?”

“Você e o papai fizeram isso acontecer, lembra?”

No ano passado, logo depois daquele jogo com os Vipers, fui draftado no que todos consideravam a melhor classe do draft. Quando a temporada terminou, nos mudamos para Nova York.

Preston está se dedicando à terapia e a algumas responsabilidades familiares, enquanto também é meu preparador físico e coordenador pessoal do caos, como ele mesmo se define.

Ele é o namorado que o time tanto teme quanto adora. Mantemos nosso relacionamento discreto, em parte por causa do Vencor. Por enquanto, precisa continuar sendo um segredo enquanto as coisas mudam por dentro.

Kane e seu tio, Jude e seu irmão, e Preston, seu tio e seu pai estão todos trabalhando para derrubar o antigo regime, por assim dizer.

É só uma questão de tempo até que todos caiam.

Preston está confiante de que estão perto. "Nada pode derrotar a mim e meus irmãos! Se Julian e Serena se juntassem a nós, seríamos invencíveis."

Mas até lá, não vamos expor isso publicamente. Só quem é próximo sabe, e, sinceramente, nenhum de nós sente necessidade de divulgar.

Também não quero que ele seja alvo dos superfãs.

Não que eu deva ter medo — ele é a ameaça, não eles.

De qualquer forma, esse acordo de draft tinha a cara do Preston e do meu pai.

Meu pai mudou de ideia e quer que eu fique longe da confusão com os Osborn. Eu tenho ações e dividendos, mas ele disse que não vale a pena ir contra a Serena.

E a Serena é a favorita dele mesmo. Todo aquele teatro que ele fez sobre eu ser o herdeiro não passou de uma tentativa de testá-la, torná-la mais forte, ou seja lá o que eles fazem no clã de bruxas Osborn.

Além disso, eles estão ocupados com outro filho. Aquele que eu achava que tinha sido explodido. O Paciente X não é mais o Paciente X. Ele está vivo e tem um nome. Cyrus.

Aparentemente, a Serena já sabia disso há anos. Talvez ele tenha sido a moeda de troca dela contra o meu pai. Talvez não. Não sei ao certo, e não me importo.

Eu me afastei de todo aquele drama quando vim para Nova York. Minha vida está nesta cama, com este homem, não nas ruínas do nome Osborn.

Eu costumava pensar que queria destruir meu pai, mas encontrei algo melhor enquanto tentava fazer isso.

Mas Preston ainda faz parte do mundo Vencor, porque, como ele disse, ele adora a adrenalina, e uma parte dele ainda quer orgulhar o pai. Ele também jamais abandonaria seus "irmãos", Jude e Kane.

Eles são adultos. Ele pode deixá-los para trás sem problemas.

Sim, ainda estou ressentida por eles terem estado na vida dele quando eu não estava. Mas também sou grata, porque sei que ele teria se autodestruído há muito tempo se eles não tivessem estado lá por ele.

Ainda assim, o fato de morarmos em Nova York nos dá uma certa distância de tudo. Embora a gente vá a Graystone Ridge o tempo todo para visitar o pai dele e a Miley, e também passemos na casa da minha mãe.

O Preston está sempre dizendo coisas como: "Vamos comprar isso para a June." "A June ia adorar isso!" "Isso não tem o nome da June escrito por toda parte?"

Nem preciso dizer que eles se amam demais para o meu gosto, já que isso significa menos tempo para mim. Mas fico feliz que ele tenha encontrado uma figura materna nela. Minha mãe, por outro lado, está radiante por ter alguém com quem desabafar o tempo todo.

“Você é irritantemente perfeita no gelo”, diz Preston, olhando para mim. “Você teria conseguido aquele contrato de qualquer jeito. Eu só fiz acontecer.

Mas quero deixar uma coisa bem clara. Você nunca teria chegado ao meu nível se eu tivesse escolhido o hóquei.”

“Eu sei muito bem disso.”

“É bom que saiba. Talvez eu volte para o hóquei só para espantá-las.” Ele esconde o rosto no meu pescoço de novo, me inalando. “Odeio ter que dividir você com as fãs. Vou começar uma briga online mais tarde, só para dizer que elas estão desesperadas.”

Eu rio. “Você ainda faz isso?”

“Claro. É tipo meu hobby favorito. Até forcei o Jude a criar uma conta e curtir meus comentários. O Kane paga alguém para isso, e eu também, aliás. Tenho um exército de trolls online.”

“Você é tão exagerada.”

“E dramático e completamente dominado, como Jude e Kane me chamaram, respectivamente.”

“Kane te chamou de dominado?”

“Aham, só porque eu disse que ele era completamente dominado, o que ele é! Ele pediu Deborah em casamento, e agora ela fica me mostrando o anel enorme que ela precisa malhar para levantar, dizendo: ‘Você disse que não queria anel para mim, Preston. Como é isso, então?’ Idiota, é tudo o que eu digo. Desiree até disse que ficaria muito feliz em fazer parte desta família. Minha família. Dá para acreditar?”

“Você realmente nunca vai chamá-la de Dahlia?”

“Não. E você também não deveria, aliás.”

“Você é tão mesquinho.”

“Eu sei, você não adora?”

“Adoro.” Dou um beijo no topo da cabeça dele. “Eu amo tudo em você.”

“Hum, até mesmo meu lado dramático?”

“Principalmente o seu lado dramático.”

“Ótimo, porque estou com vontade de começar brigas com as suas fãs—”

Alguém bate na porta e eu puxo os lençóis sobre nós, cobrindo nossos corpos enquanto murmuro: “Entrem.”

“Marcus!” Miley irrompe pela porta. “Você está acordado?”

“Sai daqui.” A voz de Preston está abafada contra meu pescoço. “Essa é a pior fã.”

Eu rio enquanto ela coloca seus cachos dourados atrás da orelha. “Você prometeu que jantaríamos juntos, Pressie.”

“Ah, tá bom”, ele resmunga. “De quem foi a ideia de trazer essa pestinha para passar o fim de semana aqui?”

“Sua”, eu sussurro. “Porque você estava com saudades dela, lembra?”

“As consequências dos meus próprios atos. Meu pior pesadelo.”

Eu dou uma risadinha porque, sinceramente, ele é o duende mais adorável.

Ele ama intensamente e, quando ama, como fez com Miley e com o pai, dá tudo o que tem e tudo o que não tem. Ele tem se encontrado com o pai regularmente ao longo do último ano. No último fim de semana, o convidou para assistir ao meu jogo e passar a noite aqui em casa.

Digamos que Lawrence ficou bastante surpreso ao ver Preston demonstrando tanto carinho por mim.

Jude tem a mesma reação quando vê o jeito apegado de Preston perto de mim. Porque quando ama, ele nunca larga a pessoa.

E comigo, é ainda mais precioso.

Ele só consegue dormir quando estou ao lado dele. É por isso que o levo comigo, mesmo para jogos fora de casa.

Uma vez, ele quis ficar em casa e não dormiu.

Depois disso, prometi nunca mais passar uma noite longe dele.

“Vou te esperar na cozinha”, diz Miley. “Anda logo!”

“Tá bom, Miley Encrenqueira.”

Ela se vira para sair, mas para. “E aí, Preston?”

“O que foi agora?”

“Já que sou mais velha, posso me casar com o Marcus?”

Ele levanta a cabeça enquanto eu rio silenciosamente, mal conseguindo conter o riso enquanto meu peito treme. A expressão de Preston é ainda mais engraçada porque ele parece genuinamente ofendido.

“Nem pensar. Já te disse que ele é meu namorado.”

“Mas ele não é seu marido.”

“Um dia ele será. Ele só pode ser seu irmão, e isso já é generoso da minha parte.”

“Tá bom!” Ela sorri. “Podemos nos casar hoje? Vou usar meus sapatos brilhantes!”

“Que sapatos feios!”

“Não são, não!”

Eu sorrio durante toda a conversa.

Há um ano, esse homem não conseguia dormir sem checar as portas ou com medo de pegar no sono.

Agora ele me acorda com a boca e discute com uma menina de oito anos sobre casamentos e sapatos brilhantes e feios que ofendem profundamente a Miley.

Eu aceito essa vida. Todas as versões dela.

Depois que ela sai, ele bufa e me dá um tapa no peito. "Do que você está

rindo? Você deveria rejeitar aquela pirralha direito."

"Você está com ciúmes da sua irmã de oito anos?"

"Eu não divido com ninguém." Ele me sufoca com uma das mãos. "Você sabe disso."

"Então talvez você devesse me dar um casamento, afinal."

O aperto dele afrouxa, seus lábios se entreabrem.

"A menos que você não estivesse falando sério? Pareceu um pedido de casamento."

“É sim. Era”, ele dispara, tentando se sentar. “Deixa eu me ajoelhar e pedir direito—”

“Vem cá.” Eu o puxo e o beijo até deixá-lo sem palavras. “Eu me casarei com você em todas as vidas, meu bem.”

“Sério?”

“Sério. Eu quero me casar com você desde que te conheci naquele jardim, quando éramos crianças.”

Seus lábios tremem e um brilho aparece em seus olhos. “Como você pode me amar tanto, Marcus?”

“Você é tão adorável, meu bem.” Eu roço meus lábios nos dele. “Quero acordar todos os dias e ver seu rosto ao meu lado e ser grata por você estar aqui, por você me escolher em vez dos seus demônios e de tudo que tenta te afundar. E quero passar o resto da minha vida te protegendo de qualquer um que ouse te atacar. Até mesmo daqueles que estão dentro da sua cabeça.”

Os lábios de Preston se curvam num sorriso, suaves e tão belos que chegam a doer. Ele se inclina e me beija — um beijo lento, terno, quase reverente.

"Obrigado", ele murmura contra meus lábios, "por olhar além da bagunça e não fugir. Por me deixar te amar do jeito que eu sei. Você me tem. Por inteiro. E eu te protegerei com a minha vida... marido."

Algo dentro de mim se abre, e eu o beijo novamente, mais profundamente desta vez, porque nunca haverá o suficiente dele, nem nesta vida, nem em nenhuma outra.

Era uma vez, eu vi um príncipe encantado e quis que ele fosse meu.

Mal sabia eu que ele me reivindicaria da mesma forma.

FIM

O mundo continua em Crave the Villain, um romance MM centrado em Cyrus, meio-irmão de Marcus.

Descubra mais romances MM de Rina Kent:

Deus da Fúria

Beije o Vilão
Cace o Vilão

O QUE VEM A SEGUIR?

Muito obrigada por ler Tentando o Veneno! Se você gostou, por favor, deixe uma avaliação.

Seu apoio significa muito para mim.

Se você quer participar de mais discussões com outros leitores da série, pode entrar no grupo do Facebook, Sala de Spoilers da Rina Kent.

O mundo continua em Desejando o Vilão, um romance MM centrado em Cyrus, meio-irmão de Marcus.

BEIJE O VILÃO CAPÍTULO 1

GARETH

Esta noite, vou machucar alguém.

Não me importo com quem seja, contanto que se contorça e se retorça como minhocas sob meus sapatos.

Ou, mais precisamente, como uma cobra.

Brincadeira. Eu me importo sim com quem seja.

Não pode ser qualquer um. O alvo da minha noite de caos precisa ser um malfeitor tão ruim quanto eu.

Ou pior.

No papel, todo mundo é pior do que eu, então, pelo menos isso.

Ninguém esperaria que o gênio do direito da Universidade do Rei — ou TKU — se infiltrasse na mansão dos Serpentes durante uma de suas festas grandiosas.

Ou que seu alvo fosse ninguém menos que o chefe dos Serpentes, Yulian Dimitriev.

O filho do líder da Bratva de Chicago.

Mas eu sempre gostei de um desafio.

E aqui estou eu, caminhando em meio à extravagância transbordante da mansão deles, deslizando entre corpos quentes, drogados e bêbados. Apesar de ser um Pagão — o outro clube secreto do campus da King's University e o rival mortal dos Serpentes.

Estamos nos matando desde o início das aulas nesta ilha esquecida por Deus, na costa do sombrio, deprimente e monótono Reino Unido.

E embora adoremos causar problemas, quem realmente começou a guerra foi

Yulian, que estava louco para ter a cabeça esmagada e despedaçada.

Obviamente, revidamos o golpe inicial e, desde então, tem sido uma luta para determinar quem detém mais poder.

Brincadeira. Somos incomparáveis.

No entanto, os Serpentes também estão lá em cima. Principalmente Yulian.

Nossas brigas sempre são o assunto do campus, e as lutas clandestinas atraem mais público do que o esperado.

A verdade é que todo mundo gosta de um pouco de anarquia.

Um toque de caos e violência.

Uma gota de sangue aqui. Um estalo de osso ali.

Quanto mais insano, melhor. Quanto mais desvairada a cena, mais divertida ela é para o público.

Mas esse público fica horrorizado com a ideia de se aproximar, dar um soco, provar aquele sangue ou tocar naquele osso quebrado.

É chocantemente repugnante.

Extremamente desviante.

Escandalosamente desumano.

Vil.

Atroz.

Horripilante.

Repito o mesmo mantra em público — até mesmo entre meus amigos. Eles me conhecem como Gareth "O Faz-Tudo". Gareth, que garante que ninguém morra e que a polícia seja punida.

O garoto de ouro Gareth, com as melhores notas, que fazia as universidades da Ivy League babarem para tê-lo em suas fileiras.

Gareth, que possui a reputação mais impecável e um futuro repleto de portas abertas.

Ninguém suspeita que, quando pensam que estou trancado no meu quarto estudando, na verdade estou aqui, patrulhando o território inimigo com os Serpentes.

Fazendo o que nenhum deles, nem mesmo meu irmão, Killian, jamais faria.

E eu fui extremamente meticuloso com isso. Primeiro, precisei receber um convite, e esses só são emitidos pela elite, ou seja, Yulian e sua gangue de seguidores inúteis. Mas eles também permitem que os convidados levem acompanhantes.

Então, seduzi uma das garotas com quem Yulian andava flertando, fingindo que o livro que ela estava lendo era interessante — não era, apenas mais uma baboseira analítica e entediante escrita por um idiota arrogante — e assim a conversa começou.

Eu tinha quase certeza de que ela era namorada do Yulian, já que estava sempre agarrada ao braço dele e o beijando com a língua pelo campus, mas ela definitivamente não parecia quando estava com o pé na minha virilha debaixo da mesa na biblioteca — aliás, que nojo, nunca mais coloque seus sapatos sujos perto de mim.

Depois de um par de jeans incinerado, eu finalmente tinha o convite pelo qual eu tinha resistido à vontade de cortar a garganta dela.

Mas eu a ignorei completamente desde que cheguei aqui. A máscara ajuda a manter minha identidade secreta.

Invisível.

Ajusto minha máscara de esqueleto branca, que tem dois grandes buracos pintados de preto onde ficam meus olhos — a versão dos Serpentes para nossas máscaras de costura neon. Enquanto as nossas se diferenciam pela cor, as deles podem ser distinguidas pelos símbolos gravados nelas.

Membros normais, como quem estou fingindo ser, usam uma máscara de esqueleto branca simples.

Os líderes usam máscaras de esqueleto pretas.

Yulian, cujos movimentos tenho acompanhado do outro lado da sala, também usa uma máscara de esqueleto preta, mas a dele tem serpentes douradas gravadas saindo de onde ficam seus olhos.

Nenhuma surpresa, já que ele sempre adora se destacar. Quanto mais bizarro, melhor.

Sua mansão é tudo o que se esperaria. Uma ostentação impressionante de poder, riqueza e controle. O grande salão se estende diante de mim em tons frios e decadentes de marfim.

Lustres pendem do teto, cravejados de cristais, emitindo um brilho tênue e etéreo sobre os pisos de mármore que reluzem como vidro. Cortinas de veludo revestem as paredes, seus tons vermelho-escuros projetando uma tonalidade carmesim sobre os estudantes da TKU.

Conversas ruidosas e música alta preenchem o ar, mas tudo parece distante, abafado, porque estou do lado de fora de algo do qual não quero fazer parte.

Eu me movo pela multidão com facilidade, uma figura sem rosto entre as Serpentes, me misturando com o resto delas. Com a postura ereta e movimentos confiantes, deslizo cada vez mais entre elas, despercebido.

É assim que sempre fui.

Invisível.

Comum.

Como cresci sob a sombra opressora do meu irmão mais novo, automaticamente me tornei menor.

Quase imperceptível ao lado dele.

Completamente ofuscado por seus hábitos de chamar atenção.

Você é um bom menino, Gaz.

Nunca preciso me preocupar com você.

Estou tão feliz que você seja tão confiável, filho.

Responsável.

Confiável.

Perfeito.

Perfeito.

P. E. R. F. E. I. T. O.

Essas são as palavras que ouvi dos meus pais, do meu avô, dos meus professores e de toda a minha turma, na verdade.

E eu adoro isso.

Gosto que nenhum deles tenha percebido esse meu lado.

O lado repleto de desejos e vazios, e uma sede tão profunda que Kill pareceria um santo se percebesse.

Exceto o Vovô.

O Vovô é diferente.

Então, voltando a esses desejos — o motivo de eu estar perdendo meu tempo com essas pessoas. O ar está denso de perfume, álcool e algo mais, algo mais sombrio, como desespero e dor. Envolve minha garganta como um laço, e eu o inalo profundamente.

Como um gole da droga mais forte do mercado.

Droga que coloquei na bebida do Yulian mais cedo, quando passei por ele casualmente enquanto ele conversava com um de seus capangas.

Certifiquei-me de estar de costas para a câmera para que, se verificassem as imagens de segurança mais tarde, não encontrassem nada. Claro, poderiam rastrear meus movimentos durante a noite, mas estou um passo à frente nesse aspecto também.

Não só me certifiquei de evitar todas as câmeras, como também usei lentes de contato marrons, então, mesmo que conseguissem uma foto dos meus olhos, seria enganosa.

Yulian tropeça e se agarra à escada para se equilibrar. Nenhum dos outros bêbados lhe dá atenção.

Um sorriso malicioso surge em meus lábios por trás da máscara.

A droga está fazendo efeito.

Em breve, ele estará perdendo todas as suas forças.

Não me interpretem mal. Posso até querer arruinar o líder dos Serpentes, mas não sou tolo o suficiente para achar que consigo lidar com ele.

Ele não só é grande — quase tão grande e alto quanto meu primo Nikolai — como também é astuto e está cercado por seu povo e guardas que me mutilariam na hora.

Eu tinha que ser esperto.

Nunca fui muito bom com os punhos, por isso aprendi arco e flecha e uso flechas para atirar nas pessoas durante nossos rituais de iniciação.

Que pena que eu não consegui enfiar meu arco aqui.

Ele ficaria uma gracinha com uma flecha entre os olhos e sangue escorrendo pelo rosto.

Que oportunidade perdida.

Mas meus planos são mais perversos. Vou humilhá-lo de um jeito que o coloque na lista negra, não só na ilha, mas até mesmo em casa.

O pai dele pode até dar um tiro na cabeça dele. Seria divertido.

Meu sorriso se alarga só de pensar nisso.

Com a saída de Yulian, os Serpentes vão acabar. Ao contrário de nós, que temos uma estrutura de poder mais equilibrada, Yulian carregou toda essa confusão nas costas o tempo todo.

E lá estava Yulian, subindo as escadas lentamente, segurando no corrimão.

Queria ter uma câmera para registrar essa cena.

Os caras ficariam de queixo caído se soubessem o que eu fiz e o que ainda vou fazer.

Mas, pensando bem, eles não saberiam.

Ninguém saberia.

Ao contrário do meu irmão, eu não gosto de exibir minhas obras-primas.

Me misturo a um grupo que está subindo as escadas e então me separo, passando por outros convidados da festa que estão procurando um quarto onde possam transar até a exaustão.

É incompreensível para mim como as pessoas podem ser tão... animais. Deixando seus impulsos tomarem conta, sucumbindo a decisões estúpidas e transas sem graça das quais certamente se arrependerão na manhã seguinte.

Não me interpretem mal. Transar é bom, mas só quando eu decido que é a hora. Só entro no clima quando tomo a decisão consciente de transar, e nunca por causa de estímulos externos.

Principalmente, eu amo o poder, o sufocamento, vê-los se contorcerem sob mim. Amo ainda mais quando eles têm aquele olhar de dor nos olhos quando a coisa fica insuportável, e eu queria poder continuar machucando-os. Deixar a pele deles vermelha. Ver as lágrimas. Sangue. As entranhas deles.

Mas, infelizmente, não posso deixar que corram boatos de que sou sádico. Sou conhecido por ser um ótimo amante, com um pênis enorme, que faz sexo

oral em mulheres até elas gozarem. E garanto que elas sempre cheguem ao orgasmo primeiro. Também crio o clima, me certifico de que elas se mantenham hidratadas e durmam bem.

Sou o melhor amante que qualquer mulher pode ter e tenho uma avaliação nota dez.

Então, para manter essa imagem, não posso agir exatamente por instinto.

Mas isso não me incomoda. Dominei a arte de usar uma máscara o tempo todo — inclusive no sexo.

Até mesmo com as pessoas mais próximas.

Existe uma persona externa e uma interna.

A principal é a do gênio, o educado Gareth, amado por todos e que seria um político perfeito.

A versão secundária, coincidentemente meu verdadeiro eu, é Gareth, que eu só libero quando o vazio fica muito grande e preciso expurgar alguma energia sombria.

Yulian acaba sendo o bode expiatório por sorte.

Ou por azar, dependendo do ponto de vista.

Eu o sigo de longe e observo enquanto ele entra cambaleando em uma sala, seja a dele ou não, eu não sei.

Tanto faz.

Permaneço imóvel perto do canto por alguns minutos.

Invisível.

É um superpoder que perdi ao longo dos anos, conforme cresci e me tornei notável, principalmente por causa da minha aparência. Algo acidental que aconteceu porque duas pessoas bonitas se apaixonaram e decidiram gerar alguns clones.

Os clones éramos eu e meu irmão — definitivamente não era o que meus pais queriam.

Eles acham que Killian é a única anomalia com o sobrenome Carson, mas isso só porque nunca me conheceram.

Na verdade, não.

Quando vi o desespero dos dois com a brincadeira boba e inofensiva do Kill de matar ratos, fiquei parado atrás da esquina, ouvindo.

Ouvi meu pai se culpar, culpar seus genes e aquela pessoa cujo nome não deve ser mencionado. Ouvi minha mãe chorar e implorar para ele parar.

Ouvi a confusão.

O desespero.

A impressão de que a família perfeita deles havia se despedaçado.

E decidi que não seria como o Kill.

Eu não ostentaria meus demônios nem exporia meu vazio. Nem deixaria que eles percebessem que algo estava errado ou, pior, que se preocupassem tanto a ponto de me levarem a um médico e me diagnosticarem como fizeram com aquele meu irmão idiota.

Decidi ser o filho imaculado deles. O filho perfeito que eles nunca tiveram e nunca terão.

Uma emulação imaculada e incomparável do que eu imagino que uma versão mais jovem do meu pai teria sido.

Porque é assim que eu teria me tornado se não tivesse nascido eu mesmo.

Depois de dar uma olhada rápida ao redor e me certificar de que ninguém está prestando atenção, caminho até o quarto onde Yulian entrou. Meus dedos são firmes enquanto giro a maçaneta, dou uma olhada rápida para garantir que não haja ninguém por perto e então entro. Com um pequeno sorriso, encosto minhas costas na porta e a tranco.

Foi tão fácil que me sinto um pouco ofendida, mas isso não impede que meu sangue ferva nas veias, uma onda estrondosa que me revigora.

Sempre amei a caçada, o jeito como as criaturas se movem nas sombras, a emoção do desconhecido se insinuando a cada respiração.

Meu coração dispara e meus demônios se debatem contra as correntes, sua fúria emanando das profundezas do vazio, sua sede de sangue pintando o quarto da minha mente de vermelho.

Minha cor favorita.

O quarto escolhido por Yulian é escuro, o ar denso com um frio artificial e abafado. As paredes são revestidas com painéis de madeira escura, projetando sombras que se estendem até os cantos, fazendo o espaço parecer menor do que realmente é.

Ao me aproximar, vislumbro uma escrivaninha e prateleiras cheias de livros e quinquilharias. Mas a única coisa que realmente chama a atenção é o sofá de couro preto no centro do quarto, sobre o qual Yulian está esparramado. O desgraçado provavelmente não conseguiu chegar a um quarto com cama, de tão drogado que estava.

Com uma máscara ainda cobrindo o rosto, ele veste calças pretas e uma camisa de mangas compridas. Meus olhos se fixam em seu pulso — a primeira coisa que noto nas pessoas.

Ele pulsa de forma constante, a ponta vibrando contra a pele num espetáculo hipnotizante. Está silencioso, mas consigo ouvir a pulsação profunda e rítmica.

Tum.

Tum.

Tum.

E eu quero cortá-lo fora.

Atravessá-lo com minha faca e observar seu silêncio.

Imóvel.

Inexistente.

Passei o polegar na borda do meu lábio superior, mas rapidamente abaixei a mão antes que pudesse morder a pele e derramar meu próprio sangue.

Faz tempo que me livrei desse hábito e certamente não o deixarei voltar agora que estou no controle total do meu ser.

Por mais que eu queira matar Yulian, não o farei.

A única regra que tenho para mim mesma é não matar.

Não se trata de nenhum código moral que eu não possua. Na verdade, acredito que seria bom para a raça humana se livrar desses inúteis que continuam diluindo o QI médio.

É a consciência de que não conseguirei parar e que eventualmente serei pega.

Sim, posso evitar a prisão por um tempo. Não só sou um calouro de direito que estuda direito para manipulá-lo, como também a família do meu pai é dona de um dos maiores e mais bem-sucedidos escritórios de advocacia dos Estados Unidos, o Carson & Carson.

Meu avô me ama mais do que a si mesmo e conseguiria minha absolvição, não importa quantos métodos obscuros ele tenha que usar.

Mas por quanto tempo isso duraria?

Eu ainda mataria.

Seria impossível não matar.

Principalmente depois... dele.

Eu sei disso porque a sede de sangue é o único impulso que não consigo controlar completamente. Observo os pulsos das pessoas e desejo poder torná-los vermelhos. Vê-las engasgar com o próprio sangue e deixar que ele preencha o vazio dentro de mim. Olho em seus olhos e os quero vazios. Fantasio com olhos mortos me encarando, sabendo que sou o deus que pôs fim às suas vidas.

Acontece muito durante o sexo, enquanto elas gemem e eu aperto suas gargantas com a mão, e quero espremer aquele pulso até que ele se esgote.

Quero que o prazer delas se transforme em morte. Seria poético, na verdade. Acabar com suas vidas em seu momento mais feliz.

Infelizmente, isso arruinaria toda a imagem que passei a vida inteira construindo, e me importo mais com a minha imagem do que com a minha necessidade de ver pessoas morrerem.

Então, infelizmente, não posso matar Yulian.

Faço uma pausa enquanto o observo novamente, a música alta vinda do andar de baixo quase inaudível.

Ele sempre foi tão alto? Sei que ele é grande como aquele brutamontes do Nikolai, e eles costumam se enfrentar no clube da luta, mas eu achava que ele tinha mais perto dos meus 1,90 m do que dos 1,93 m do Nikolai.

E ele não está de pé, então não deveria parecer tão alto.

Com um encolher de ombros mental, caminho até ele e puxo uma faca da bainha da minha panturrilha.

Passo um: Despi-lo.

Mas eu não vou despir um cara pessoalmente — eu nem gosto de despir garotas — por isso trouxe a faca para cortar suas roupas.

Passo dois: Esvaziar o frasco com lubrificante que parece e tem a textura de sêmen sobre ele.

Passo três: Tirar uma foto do meu pau na minha mão como se eu tivesse acabado de gozar nele.

Passo quatro: Espalhar a foto pela internet com o rosto dele totalmente à mostra.

Passo cinco: Voltar à minha persona pública, sabendo que fui eu quem causou a ruína dele.

Talvez eu dê uns socos e chutes nele depois, só para liberar essa agressividade que anda fervendo nas minhas veias ultimamente.

Puxo a barra da camisa dele com o dedo, sem querer tocar na pele dele. De preferência, não tocar em nada. A contragosto, uma ou duas vezes por necessidade.

A faca afiada corta o tecido e eu paro enquanto os dois pedaços da camisa rasgada caem para os lados dele, revelando um peitoral musculoso, um abdômen definido e uma tatuagem muito inadequada.

Por causa de todas as brigas em que se envolve, já vi Yulian seminú várias vezes. Embora suas costas estejam tatuadas com todo tipo de coisa, ele só tem uma pequena tatuagem no peito — uma passagem bíblica em russo.

Não é isso que vejo agora.

O cara deitado na minha frente, com o peito exposto, tem uma enorme cobra preta em 3D enrolada em seu abdômen, suas escamas se erguendo e se contorcendo como se estivessem vivas, descendo até a lateral do corpo com uma graça ameaçadora. Sua boca está aberta, as presas à mostra, a centímetros do coração, como se estivesse pronta para cravar e dilacerá-lo.

Dou um passo para trás.

A menos que Yulian tenha feito uma nova tatuagem nas últimas quarenta e oito horas, esse não é ele.

Minha mente trabalha a mil. Como?

Eu ouvi claramente a voz dele quando coloquei a droga na bebida e o

observei desde então.

Exceto quando ele subiu as escadas primeiro.

Droga.

Se isso for uma armadilha, não vou ficar esperando para descobrir. Minhas pernas me levam em direção à porta em passos rápidos e silenciosos.

No momento em que agarro a maçaneta, um cano de metal é encostado na minha têmpora e uma arma dispara.

Uma voz profunda e desconhecida sussurra no meu ouvido: "É de mau gosto excitar um homem e depois ir embora. Que tal resolvermos isso?"



Continue lendo em Beije o Vilão.

OUTROS LIVROS DE RINA KENT

Livros de Rina Kent

Ordem de leitura

SOBRE A AUTORA

Rina Kent é autora best-seller do New York Times, USA Today e número 1 em vendas, especializada em romances dark.

Conhecida por criar anti-heróis e vilões sem remorso, Rina tece histórias com personagens pelos quais você não deveria se apaixonar, mas inevitavelmente se apaixona. Suas histórias são permeadas por um toque de escuridão, uma pitada de angústia e a dose certa de intensidade perturbadora.

Quando não está ocupada planejando travessuras para seu universo em constante expansão, o Rinaverso, ela leva uma vida tranquila em Londres, viaja e mima seus gatos como uma verdadeira "Louca dos Gatos".

Encontre Rina abaixo:

- Site
- Newsletter
- Grupo de Leitura



CONTEÚDO

Também por Rina Kent
Nota do autor
Lista de reprodução

Prólogo — Marcus
1. Preston
2. Preston
3. Preston
4. Marcus
5. Preston
6. Preston
7. Marcus
8. Preston
9. Preston
10. Preston
11. Marcus
12. Preston
13. Marcus
14. Preston
15. Preston
16. Marcus
17. Marcus
18. Preston
19. Preston
20. Marcus
21. Preston
22. Marcus
23. Preston
24. Marcus
25. Preston
26. Marcus
27. Marcus
28. Preston
29. Preston
30. Marcus
31. Preston
32. Preston
33. Marcos
34. Preston
35. Marcos
36. Preston
37. Preston

Epílogo 1 — Preston
Epílogo 2 — Marcus
Qual o próximo passo?
Beije o Vilão Capítulo 1

Também por Rina Kent
Sobre o autor